HAROLD

# Os Implacáveis

ROBBINS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

HAROLD ROBBINS

# Os Implacáveis




1949

Título: Os Implacáveis
Autor: Robbins, Harold
Título Original: The Dream Merchants
Copyright © 1949
Editora: Livraria Eldorado Editora S.A.
1966
Gênero: Ficção - romance
Direitos reservados para a língua portuguesa por:
LIVRARIA ELDORADO EDITORA S. A.
Av. N. S. Copacabana, 1189 — Rio de Janeiro, GB
Impresso em 1966

# Sinopse

O terceiro livro de Harold Robbins, Os Implacáveis (The dream merchants, 1949) apresenta um interesse inegável de documentário. É a história palpitante do cinema americano, do começos por volta de 1900, quando não passava de uma simples curiosidade de feira, até Hollywood.

O livro mostra como o cinema começou nos primitivos nickelodeons, como progrediu em New York, como teve de emigrar para a Califórnia, a fim de sobreviver, numa trama de lutas, intrigas, obstáculos e triunfos, sua evolução, o sofrimento e o trabalho para vencer cada etapa — o long shot, o primeiro plano, a criação de astros e estrelas, o advento do som.

E havia os outros, que só viam no mundo encantado da tela uma fonte de lucro. Uns e outros acabaram prisioneiros do celuloide, que os separava da realidade e ao qual a mais leve rajada poderia carregar e a mais fortuita faísca, incendiar.

Um desses homens era Johnny Edge, e é dele que o livro trata principalmente, mostrando-o dividido pelo amor de duas mulheres diferentes como um anjo de uma fera.

*A minha mulher Lil, que deve também figurar no cartaz*

# CONSEQUÊNCIAS

## 1938

# Segunda-feira

Saltei do táxi no Rockefeller Plaza. Ventava muito mesmo para um dia de março e as abas do sobretudo me batiam pelas pernas enquanto eu pagava ao chofer. Dei-lhe um dólar e disse que o troco era dele.

Sorri com a efusão dos seus agradecimentos. O relógio marcava apenas 30 cents. A embreagem arranhou quando o carro arrancou para ir-se embora. Deixei-me ficar alguns minutos na rua antes de entrar no edifício. O ar cheirava a frescura e limpeza. Ainda era muito cedo para que o cheiro habitual da gasolina se desprendesse do ponto de ônibus da esquina e eu me sentia bem. Melhor talvez do que havia muito tempo.

Entrei no edifício e comprei o Times na banca de jornais de que era freguês, perto do Banco Chase e, depois, subi os degraus para a galeria onde ficava o meu barbeiro.

De Zemmler's era em matéria de barbearias o que Tiffany's representa entre as joalherias. A porta abriu-se como por encanto quando me aproximei. Um italiano baixinho ficou segurando a porta para eu passar, com os dentes muito brancos realçados pelo rosto moreno.

— Bom dia, Sr. Edge. Veio cedo hoje.

Olhei automaticamente para o relógio da barbearia antes de responder. Eram apenas 10 horas.

— É verdade, Joe, — disse eu, enquanto ele me tirava o sobretudo. — Rocco já chegou?

— Já, sim, Sr. Edge. Está trocando de roupa. Neste instantinho mesmo, estará aqui.

Deixei o jornal em cima do balcão enquanto tirava o paletó e a gravata que entreguei a Joe.Nesse momento, Rocco saiu da porta dos fundos e se encaminhou para a sua cadeira. Joe deve ter-lhe feito algum sinal sem que eu visse. Rocco olhou para mim e sorriu.

— Rocco já está pronto, Sr. Edge, — disse-me Joe e, então, voltando-se para Rocco, gritou: — OK, número sete.

Peguei o jornal e fui para a cadeira. Rocco me esperava, sorrindo. Sentei-me e ele passou uma toalha por baixo do meu queixo, meteu uns chumaços de Kleenex por dentro do meu colarinho e disse:

— Madrugou hoje, Johnny.

Não pude deixar de sorrir com o seu tom de voz.

— Foi mesmo, — respondi.

— Grande dia para você, Johnny. Aposto que não dormiu direito.

— É verdade. Quase não dormi.

Ele foi lavar as mãos na pia em frente da cadeira e, voltando a cabeça para mim, disse:

— Acho que também não conseguiria dormir se tivesse um novo emprego onde eu ganhasse mil dólares por semana.

Ri e disse:

— Mil e quinhentos dólares, Racco. Acho que deve estar bem informado.

— Ora, que são quinhentos dólares quando se tem tanto dinheiro? — disse ele, voltando para a cadeira ao mesmo tempo que enxugava as mãos. — Só serve para as despesas miúdas.

— Tornou a errar, Rocco. Quando se chega a esse ponto, não é mais de dinheiro que se trata e, sim, de prestígio.

Ele pegou a tesoura e começou a cortar o cabelo.

— O prestígio é como a barriga grande. Dá a impressão de que o camarada está bem alimentado e bem de vida. Mas sempre lá por dentro sente-se um pouco de vergonha de ser barrigudo. De vez em quando, tem-se vontade até de perdê-la e voltar a ser magro.

— As uvas estão verdes, Rocco. Em mim assenta bem.

Ele não respondeu. Continuou a cortar-me o cabelo e eu abri o jornal. A primeira página trazia apenas notícias. Bem pouco interessantes. Continuei a virar as páginas até encontrar o que queria. Estava na página das diversões. Um título em duas colunas, corpo 20: ’John Edge Eleito Presidente da Magnum Filmes’. O noticiário era o habitual. Um histórico da companhia. Uma pequena biografia minha, que não me agradou porque não omitia o fato de que eu me havia divorciado da famosa atriz Dulcie Warren.

Rocco olhou para o jornal e perguntou:

— Vai começar um caderno de recortes agora que ficou importante, Johnny?

Essa me irritou um pouco. Era como se ele estivesse na minha cabeça e me adivinhasse os pensamentos. Procurei não me zangar e esbocei um sorriso amarelo.

— Deixe de tolice, Rocco. Ainda sou o mesmo homem. Tenho apenas um emprego diferente. Isso não altera as coisas para mim.

— Não? — murmurou Rocco. — É que não sabe como entrou hoje aqui. Parecia até sócio de Rockefeller.

A coisa já começava a me irritar. Olhei para a mão e disse:

— Quer chamar a manicura?

A moça me ouviu e veio correndo. Pegou minha mão. Rocco baixou o encosto da cadeira e começou a cobrir-me o rosto de espuma. Não podia mais ler o jornal e deixei-o cair no chão.

Fiz o serviço completo — barba, xampu, massagem, tudo o que havia. Quando saí da cadeira, Joe correu para me dar a gravata. Dei o laço em frente do espelho. Para variar, o laço saiu direito e não tive de dá-lo de novo. Virei-me para Rocco, meti a mão no bolso e tirei uma nota de cinco dólares que lhe entreguei.

Ele colocou o dinheiro displicentemente no bolso da blusa como se me estivesse fazendo um favor. Olhamo-nos fixamente durante um instante e ele me perguntou:

— Já teve notícias do velho? Que é que ele acha?

— Não soube dele e não me interessa. Ele e o que ele pensa que vão para o diabo.

— Não deve dizer isso, Johnny. Ele é um sujeito direito ainda que esteja brigado com você. Mas sempre gostou de você, quase como se fosse filho dele.

— Mas brigou comigo, não foi? — exclamei zangado.

— De fato. E daí? É velho, estava cansado, desesperado e sabia que tinha disparado os últimos cartuchos. — Calou-se um instante para acender-me o cigarro. — Ficou então um pouco desorientado e voltou-se contra você. Mas que tem isso, Johnny? Não se pode por isso esquecer os trinta anos que se passaram antes. Você não pode dizer que esses trinta anos não existiram, porque não é verdade.

Vi-lhe os olhos. Eram castanhos e brandos, havendo neles um toque sutil de compaixão. Pareciam quase ter pena de mim. Comecei a dizer alguma coisa, mas não disse. Afastei-me dele, vesti o paletó, botei o sobretudo no braço e saí.

Os turistas já estavam no edifício. Havia um grande grupo à espera do guia. Essa gente nunca mudava. Tinham todos a mesma cara que eu vira no parque de diversões havia mais de trinta anos. Ansiosas, cheias de expectativa e com as bocas entreabertas como se pudessem ver mais por meio delas.

Passei por eles, tomei a escada rolante, subi para o andar principal e me encaminhei para um grupo de elevadores que subiam diretamente para o trigésimo andar. Entrei no elevador e o ascensorista, ao ver-me, apertou o botão do 32º andar, sem que eu dissesse uma palavra.

— Bom dia, Sr. Edge, — disse ele.

— Bom dia.

A porta se fechou e eu senti a habitual sensação desagradável quando o elevador de grande velocidade ganhou impulso, subindo vertiginosamente. A

porta se abriu e eu saí.

A moça na mesa da recepcionista sorriu ao ver-me.

— Bom dia, Sr. Edge.

— Bom dia, Mona, — disse eu, seguindo pelo corredor atapetado até ao meu novo gabinete. Dantes era dele. Mas o meu nome, “Mr. Edge”, estava na porta em letras douradas. Não deixava de ser engraçado estar ali o meu nome em vez do nome dele. Olhei cuidadosamente para a porta para ver se ainda havia algum vestígio do outro nome. Nada encontrei. Tinham feito um serviço completo e que não demorara muito. Ainda que se tenha o nome numa porta durante mil anos, bastam alguns minutos para tirá-lo.

Levei a mão à maçaneta para rodá-la e de repente parei. Devia ser tudo um sonho. Não era o meu nome que estava na porta e sim o dele. Olhei de novo o nome na porta e tornei a ver “Mr. Edge” em letras douradas.

Rocco tinha razão. Não era possível apagar trinta anos. Abri a porta e entrei na sala de minha secretária. A minha era vizinha.

Jane estava acabando de falar ao telefone quando entrei. Levantou-se, pegou o meu sobretudo e foi pendurá-lo num armário embutido, dizendo “Bom dia, Sr. Edge”, tudo ao mesmo tempo.

— Bom dia, Miss Andersen, — respondi, sorrindo. — Mas como estamos cheios de cerimônias hoje!

Jane riu.

— Ora, Johnny, afinal de contas você agora é o chefão e eu tenho de dar o exemplo.

— Deixe isso para os outros. Você, não, Jane, — disse, entrando no meu gabinete.

Parei um instante à porta a fim de acostumar-me. Era a primeira vez que o via depois da nova decoração. Ficara nos estúdios até à noite de sexta-feira, tomara o avião no domingo à noite e estava ali em Nova York, naquela manhã de segunda-feira.

Jane entrou também no gabinete e me perguntou:

— Gosta?

Corri os olhos em torno. Claro que gostava. Quem é que não gosta de um gabinete que parece feito de ouro lavrado? Ficava num canto do andar e tinha dez janelas, cinco de cada lado. As paredes eram revestidas de madeira artificial. Na parede maior havia um grande mural fotográfico dos estúdios feito de uma fotografia tirada de avião. Na parede menor, havia uma lareira artificial, completa, com os pequenos postes de ferro, a grade e as poltronas ao pé do fogo. Havia outras poltronas de couro vermelho espalhadas pela sala e minha mesa era de mogno luzidio com tampo coberto pelo mesmo couro. No centro, estavam as

minhas iniciais também em couro num ligeiro contraste de cor. Havia espaço bastante para dar um baile e ainda sobrariam alguns cantos onde se pudesse conversar particularmente.

— Gosta, Johnny? — tornou a perguntar Jane.

— Gosto, sim, — disse eu, indo sentar-me à mesa.

— Você ainda não viu nada, — disse ela.

Foi até à lareira e apertou um botão na parede.

A lareira começou a girar e foi substituída por um bar.

Dei um assobio.

— Formidável, hem? — disse ela, com orgulho.

— Não tenho palavras.

— E não é só, disse ela.

Tornou a apertar o botão e a lareira reapareceu. Deu alguns passos para o lado e apertou outro botão. Parte da parede deslizou para o lado e mostrou um cintilante banheiro.

— Que tal? — perguntou ela.

Levantei-me, aproximei-me dela e dei-lhe um abraço.

— Jane, você acaba de fazer de mim o homem mais feliz do mundo. Como adivinhou que o que eu mais desejava era um banheiro particular?

Ela riu, um tanto confusa.

— É tão bom você gostar, Johnny. Estava preocupada. Cheguei à porta do banheiro e olhei. Era completo, com box para o chuveiro e tudo.

— Não se preocupe mais, menina. Gostei e muito.

Voltei para a mesa e sentei-me. Tinha ainda de habituar-me ao ambiente. Quando o gabinete era de Peter, tinha um aspecto simples e antiquado como ele. Já ouvira dizer que o gabinete de trabalho de um homem refletia o juízo que dele fazia a sua secretária. Será que Jane pensava que eu era assim tão afetado?

O telefone começou a tocar na sala de Jane e ela correu para atender, fechando a porta. No momento em que a porta se fechou, senti-me sozinho, tão sozinho que chegava a ser ridículo.

Nos velhos tempos em que eu era o assistente de Peter, a minha sala àquela hora já estava cheia de gente. Conversávamos demais, a sala ficava cheia de fumaça dos cigarros, mas era agradável. Trocávamos ideias sobre filmes, sobre vendas, sobre publicidade. Troçávamos uns dos outros, criticávamos, discutíamos. Mas tudo isso gerava uma tranquila camaradagem que eu sabia que nunca mais estaria ao meu alcance.

Peter me havia dito uma vez: “Quando se é chefe, Johnny, fica-se sozinho. Não se tem amigos, só inimigos. Quando alguém se mostra amável, é preciso descobrir qual é o seu motivo secreto. Só pode ser alguma coisa que

queira conseguir. Escuta-se o que dizem, procura-se colocar os outros à vontade, mas não é possível. Todos sabem que se é o chefe e se tem o poder de virar-lhes a vida pelo avesso. Ser chefe é uma coisa muito triste e desolada, Johnny".

Na ocasião, achei graça mas estava começando a compreender o que ele queria dizer. Afastei deliberadamente essas ideias da cabeça e voltei a atenção para a correspondência em cima da mesa. Afinal de contas, eu não havia lutado para conseguir o lugar. Peguei a primeira carta e parei um instante. Não havia mesmo? O pensamento me passou pela cabeça, desapareceu logo e eu tratei de ler a carta.

Era uma carta de parabéns. Assim eram também as outras cartas e os telegramas. Todo o mundo na indústria me estava dando parabéns e formulando votos de felicidades. Os grandes e os pequenos. Era uma coisa interessante que havia no cinema. Pouco importava que se fosse simpatizado ou antipatizado. Quando acontecia alguma coisa, todo o mundo escrevia. Era como se fosse uma grande família onde todos se observavam, atentos aos menores sinais de êxito ou de insucesso. Podia-se sempre deduzir o que os outros pensavam a respeito da carreira de uma pessoa pela quantidade de correspondência convencional recebida.

Estava quase chegando ao fim da correspondência quando Jane entrou no gabinete com um grande apanhado de flores.

— Quem foi que mandou? — perguntei.

Ela colocou as flores num vaso na mesa do café e, sem nada dizer, jogou um pequeno envelope branco em cima da minha mesa.

Antes mesmo de ver as pequenas iniciais "D. W." no envelope, eu já sabia quem tinha mandado as flores pela maneira de agir de Jane, Abri o envelope e tirei o cartão escrita numa letra muito minha conhecida.

Dizia: "Nada dá tanto sucesso quanto o sucesso. Parece que calculei mal". E estava assinado: "Dulcie".

Joguei o cartão na cesta e acendi um cigarro. Dulcie. Era uma cadela. Mas eu me casara com ela porque a julgava maravilhosa. Porque era bela. E porque tinha uma maneira de olhar para a gente que fazia pensar que se era o único homem no mundo. Isso mostra até que ponto uma pessoa pode ser enganada. No momento em que descobri isso, divorciamo-nos.

— Algum telefonema, Jane?

O rosto dela tinha estado fechado enquanto eu lia o cartão, mas voltara a ser risonho.

— Houve apenas um antes de você chegar. George Pappas. Pediu que ligasse para ele quando tivesse tempo.

— Está bem. Pode ligar.

George Pappas era um bom sujeito. Era presidente da Borden Filmes e eu o conhecia desde muitos anos. Fora ele quem comprara o pequeno nickelodeon de Peter, quando este resolvera dedicar-se à produção de filmes.A cigarra do telefone tocou.

— O Sr. Pappas no telefone, — disse a voz de Jane.

— Pode ligar.

Houve um estalo e eu ouvi a voz de George.

— Alô, Johnny.

— George! Como vai você, amigo velho?

— Bem, Johnny. E você.

— Não tenho razões de queixa.

— Aonde vai almoçar?

— Graças a Deus, alguém pensou nisso. Estava com receio de que tivesse de almoçar sozinho.

— Onde nos vamos encontrar? — perguntou ele.

— Tenho uma ideia, George. Por que não vem até aqui? Quero que veja o meu gabinete.

— É bonito, hem, Johnny? — disse ele, rindo devagar.

— Uma beleza! Parece até sala de recepção de uma casa de mulheres de alto luxo na França. Mas venha até aqui que eu quero saber da sua opinião.

— Estarei aí à uma hora da tarde, Johnny. Depois disso, desligamos.

Chamei Jane e disse-lhe que convocasse todos os chefes de departamento para uma reunião em meu gabinete. Afinal de contas, já era bem hora de que soubessem da minha existência e, depois, que é que adianta ser chefe quando ninguém aparece para receber ordens?



A reunião durou até quase uma hora da tarde. Foi a amolação de costume. Estavam todos cheios de felicitações e boa vontade. Disse-lhes que a companhia não estava em boa situação e que eles teriam de deixar de viver perdendo tempo e tratar de trabalhar a sério, pois, do contrário, quando menos esperássemos, estaríamos todos sem emprego. Logo que disse isso, fiquei um pouco sem graça. Pareceu-me falta de lógica dizer que a companhia estava em dificuldades dentro de um gabinete cuja reforma custou 15 mil dólares, mas parece que nenhum deles teve a mesma ideia. Ficaram visivelmente impressionados. Antes de encerrar a reunião, disse que queria em cima da minha

mesa antes do fim da semana um relatório de economias em cada departamento que mostrasse os cortes que poderiam ser feitos em matéria de material e de pessoal. Tínhamos de eliminar o desperdício e a ineficiência pois, do contrário, não sobreviveríamos à crise econômica. Depois, disse que fossem almoçar e, quando foram saindo, vi pelas caras, apesar dos sorrisos, que nenhum deles iria poder comer direito.

Logo que a porta se fechou, fui até à parede onde ficava o bar e procurei o botão. Não houve jeito de encontrá-lo. Abri a porta de Jane.

— Não consigo encontrar os danados daqueles botões!

Ela me olhou um instante espantada e se levantou, dizendo:

— Vou mostrar-lhe.

Segui-a até à parede e vi-a apertar o botão para fazer aparecer o bar. Pedi-lhe então que me preparasse um uísque enquanto eu fosse lavar-me. Encaminhei-me para a porta externa, mas ela me fez parar.

— Particular, já se esqueceu?

Tocou outro botão e a porta do banheiro foi corrida.

Entrei sem nada dizer. Quando saí, George já estava na sala, com um copo na mão e correndo os olhos por tudo.

— Então, George? — perguntei, apertando-lhe a mão. Que é que acha?

Ele sorriu, acabou de beber o seu uísque, colocou o copo em cima do bar e disse:

— Algumas fotografias de mulheres nuas nas paredes, Johnny, e acho que talvez tudo esteja bem.

Tomei o uísque e fomos almoçar. Descemos para o “English Grill”. Não quis ir para o “Shor’s” porque havia sempre muita gente lá e ele não quis ir para o “Rainbow Room” por causa da altura. Chegamos a acordo quanto ao “English Grill.” Ficava na galeria do edifício da RCA e dava para o chafariz. Ainda estava fazendo frio suficiente para a patinação e ficamos sentados junto a uma das janelas, olhando durante alguns minutos os patinadores no ringue.

Pedi carneiro grelhado ao garçom e George preferiu uma salada. Explicou que estava fazendo dieta e voltou-se para a janela a fim de olhar de novo para os patinadores.

Afinal, deu um suspiro e disse:

— Isso dá vontade de ser moço de novo, Johnny.

— É

— Oh, Johnny.

— Desculpe... Tinha-me esquecido.

— Não tem importância, George, — disse eu, sorrindo. — Quase não penso mais nisso e, de qualquer maneira, o que você disse é verdade.

Ele não respondeu, mas eu sabia em que era que estava pensando. Era em minha perna direita. Perdera-a na guerra e tinha a última palavra em pernas artificiais. Era coisa tão perfeita que, quem não soubesse, nunca poderia adivinhar que não era minha a perna com que eu andava.

Ainda me lembrava do dia em que Peter fora visitar-me no hospital na Ilha Staten. Eu estava revoltado, amargo, hostil ao resto do mundo. Ainda não tinha trinta anos e estava sem perna. Teria de passar num hospital o resto da vida. Mas Peter me dissera:

— Você de fato perdeu a perna, Johnny. Mas ainda tem alguma coisa por cima do pescoço, não tem? Não é correndo e pulando que se vive, mas, sim, usando a massa cinzenta. Deixe-se de tolices, Johnny. Volte para o trabalho e você esquecerá isso num instante.

Voltei para o trabalho e vi que Peter tinha razão. Esqueci-me inteiramente da perna até aquela noite em que Dulcie me chamou de aleijado. Mas Dulcie era uma bruxa e, com o tempo, até disso me esqueci.

O garçom trouxe os pratos e começamos a comer. Foi no meio do almoço que comecei a falar.

— George, foi muito bom você ter telefonado, querendo ver-me. Se não tivesse feito isso, quem lhe iria telefonar era eu.

— Por quê?

— Negócios. Você sabe qual é a situação e não ignora que me fizeram presidente porque Ronsen pensa que eu posso salvá-lo.

— E está disposto a isso?

— Muito, não. Você sabe como é, George. Leva-se trinta anos construindo alguma coisa e não se pode gostar de vê-la desaparecer sem mais aquela. Além disso, é um emprego.

— E você precisa tanto assim de um emprego, Johnny?

Isso me fez rir intimamente. Se havia uma coisa de que eu não precisava era de um emprego. Tinha de meu, livre e desembaraçado, um quarto de um milhão de dólares.

— Não é pelo dinheiro, George. Mas ainda estou muito moço para ficar sem fazer nada.

George encheu a boca de salada e, depois, perguntou: — Que é que você quer que eu faça?

— Gostaria de que você exibisse os dez medonhos. George não mostrou no rosto o menor sinal do que estava pensando. Não se surpreendera absolutamente com o fato de eu lhe haver pedido que exibisse o que a indústria do cinema rotulara jocosamente como os “dez medonhos”, isto é, os dez piores filmes que já haviam sido feitos.

— Está querendo fechar as portas dos meus cinemas, Johnny?

— Não são tão ruins assim, George. E eu lhe farei condições ótimas. Poderá exibi-los como quiser, por uma semana ou por três dias, a 50 dólares por período de exibição. Depois de quinhentas programações garantidas, poderá continuar a exibi-los de graça.

George não respondeu.

Acabei o carneiro, recostei-me na cadeira e acendi um cigarro. Tinha feito uma boa proposta. George possuía quase novecentos cinemas. Poderia passar os filmes de graça em quatrocentos pelo menos.

— Não são assim tão ruins quanto os jornais dizem, George. Já vi os filmes e posso dizer que há outros piores.

— Não há mais necessidade de conversas de vendedor, Johnny. Vou fazer negócio com você.

— Obrigado, George. Vai ser uma grande ajuda.

O garçom veio tirar os pratos. Pedi café e torta de maçã. George quis apenas café. George então me perguntou se eu havia falado com Peter ultimamente.

— Há quase seis meses que não o vejo.

— Por que não toca o telefone para ele? Acho que ele agora gostaria de ter notícias suas.

— Ele que me telefone então.

— Ainda está zangado com ele, não está, Johnny?

— Zangado, não. Ressentido. Ele pensa que eu fui uma das pessoas metidas no plano para roubar-lhe a companhia.

— Acha que ele ainda acredita nisso?

— Como é que eu vou saber o que ele pensa ou deixa de pensar? Botou-me pela porta da rua afora na noite em que eu fui conversar com a filha dele. Acusou-me de ser um espião de Ronsen e de estar envolvido numa conspiração para arruiná-lo. Culpou-me de tudo. Disse que eu devia tê-lo impedido de fazer as coisas que fez. Aguentei muita coisa durante muito tempo, George, mas aquilo foi o fim para mim.

George tirou um charuto do bolso e acendeu-o demoradamente, sem tirar os olhos de mim. Quando acabou, perguntou-me:

— E Doris?

— Resolveu ficar ao lado do pai. Também há muito não sei dela.

Sofri ao dizer isso. Eu havia procedido insensatamente em muitas coisas mas, justamente quando pensava que tudo ia dar certo, tudo saiu ao contrário.

—E o que era que você esperava que ela fizesse? — perguntou George. — Conheço a moça. Seria possível que ela abandonasse o velho naquela hora

difícil? Nunca, sendo boa como é.

Felizmente, ele não disse uma palavra a respeito do meu procedimento durante muitos anos e fui-lhe grato por isso.

— Não quis nunca que ela abandonasse o velho. Queria apenas era casar-me com ela.

— E qual seria o efeito sobre Peter?

Não respondi. Não havia o que responder. Sabia o efeito que isso teria sobre Peter mas de qualquer modo me doía. Todos têm de viver a própria vida e nós ambos tínhamos dado a ele mais do que devíamos da nossa.

George fez um sinal pedindo a conta. O garçom trouxe-a a ele a pagou. Saímos para a galeria e George voltou-se para mim, estendendo a mão.

— Telefone para ele, Johnny. Será melhor para ambos. Não respondi.

— E muitas felicidades para você, Johnny. Sei que se sairá bem. Fico satisfeito de que o escolhido tenha sido você e não Farber. E sou capaz de apostar que Peter pensa da mesma maneira.

Agradeci-lhe e tornei a subir para o escritório. Fui no elevador pensando em telefonar para Peter. Quando saltei no meu andar, havia chegado a uma decisão. Se ele quisesse falar comigo, telefonasse.

A sala de Jane estava vazia quando passei. Devia estar almoçando ainda. Havia em cima de minha mesa outra pilha de correspondência, ali deixada na minha ausência. A pilha era bem grande e tinha no alto um pequeno pesa-papéis. Tive a impressão de reconhecer o pesa-papéis. Peguei-o, Era um pequeno busto de Peter. Sentei-me na cadeira e fiquei a olhá-lo. Alguns anos antes, Peter chegara à conclusão de que um busto dele poderia ser uma inspiração para todos os empregados e contratara um escultor que lhe cobrara mil dólares pela estatueta. Depois, uma oficina metalúrgica fizera um molde e o pequeno busto começou logo a aparecer em todas as mesas.

O escultor havia-o favorecido muito. Dera-lhe mais cabelo do que ele jamais tivera, um queixo mais quadrado do que o verdadeiro, um nariz mais aquilino do que aquele com que ele nascera, e um ar de determinação absolutamente fictício. E, ainda por cima, na base do busto, liam-se as palavras: “Nada é impossível para o homem que quer trabalhar — Peter Kessler”.

Levantei-me com o busto nas mãos e, indo até à parede do banheiro, apertei o botão. Na parede da direita do banheiro, havia algumas prateleiras para

vidros. Coloquei o busto de Peter no centro da primeira prateleira e recuei um pouco para olhá-lo.

O rosto fictício que me parecia tão real olhava firmemente para mim. Voltei para o gabinete e fechei a porta do banheiro. Comecei a abrir a correspondência, mas isso de nada me adiantou. Não podia concentrar-me. Continuava a pensar em Peter e no busto que eu deixara no banheiro.

Levantei-me irritado e voltei ao banheiro para apanhar o busto. Corri os olhos pelo gabinete à procura de um lugar onde não me perturbasse. Decidira-me pelo alto da lareira. Ali era melhor. O busto parecia sorrir para mim. Quase podia ouvir-lhe a voz na sala, dizendo:

— É melhor assim, rapaz, é melhor assim.

— Acha mesmo, velho patife? — perguntei em voz alta. Depois, sorri e voltei à minha mesa. Já podia concentrar-me na correspondência.

Às três horas da tarde, Ronsen entrou no meu gabinete. O seu rosto redondo e gordo estava escancarado num sorriso. Os olhos pareciam contentes atrás dos vidros quadrados dos óculos sem aros.

—Tudo bem, Johnny? — perguntou ele com a sua voz surpreendentemente forte.

Quando se ouvia Ronsen pela primeira vez sentia-se espanto de que uma voz tão forte e autoritária pertencesse a um corpo tão flácido. Era então que se refletia que aquela voz era de Laurence G. Ronsen. Quem pertencia à classe social dele nascia com uma voz forte e autoritária. Com toda a certeza, quando era bebê não chorava para mamar. Exigia o peito energicamente. Ou talvez eu estivesse errado e as mães daquela classe social não tivessem peito.

— Tudo, Larry, — disse eu.

Era outra coisa nele de que eu não gostava. Quando ele estava presente, eu me via inconscientemente forçado a falar com uma correção que não estava na minha natureza.

— Como foi que se saiu com Pappas?

Ele devia ter espiões trabalhando o tempo todo. Respondi em voz alta:

— Muito bem. Vendi-lhe os dez medonhos por um quarto de milhão.

O rosto dele se iluminou ao ouvir isso. Fiz uma pausa para que o meu triunfo fosse mais completo.

— E adiantado. Receberemos o dinheiro amanhã.

Ele esfregou as mãos e, aproximando-se da minha mesa, deu-me uma palmadinha no ombro. A mão era surpreendentemente pesada e me fez lembrar que ele jogara futebol americano nos seus tempos de universidade.

— Eu sabia que só você era capaz disso, Johnny. Eu sabia.

Com a mesma rapidez com que o seu prazer se manifestara, a reserva o fez trancar-se de novo.

— Estamos no caminho certo, rapaz, — disse ele. — Não podemos errar. Venderemos a produção velha, apertaremos um pouco a organização e dentro em pouco tudo estará nos eixos.

Falei-lhe então da reunião com os chefes de departamento e do que lhes havia pedido. Ouviu atentamente, batendo com a cabeça de vez em quando à medida que eu enumerava as várias coisas que tínhamos de fazer.

Quando terminei, ele disse:

— Pelo que vejo, vai ter trabalho de sobra aqui.

— Claro que sim. É bem provável que não arrede o pé de Nova York nestes próximos três meses para tomar todas as providências necessárias.

— Tudo isso é da maior importância, Johnny. Se você não controlar as coisas aqui, acabaremos tendo de fechar as portas.

Nesse momento, o telefone tocou. Ouvi a voz de Jane: — Telefonema da Califórnia. Doris Kessler. Hesitei um instante.

— Pode ligar.

Momentos depois, ouvi a voz de Doris.

— Alô, Johnny.

— Alô, Doris, — respondi, estranhando que ela me houvesse telefonado e achando a voz dela um tanto diferente.

— Papai teve um derrame, Johnny. E está chamando por você.

Olhei automaticamente para o busto na lareira e vi Ronsen acompanhar-me com o olhar.

— Quando foi, Doris?

— Há umas duas horas. Foi horrível. Primeiro, recebemos um telegrama que dizia que Mark havia morrido numa batalha na Espanha. Papai ficou aniquilado. Caiu desacordado. Tratamos de levá-lo para a cama e chamamos um médico. Ele disse que era um derrame e que não podia dizer quanto tempo Papai iria durar. Talvez um dia, talvez dois. Então Papai abriu os olhos e disse: “Chamem Johnny. Tenho de falar com ele. Chamem Johnny!”

Depois de dizer isso, ela começou a chorar. No mesmo instante, tomei a decisão e disse:

— Não chore, Doris. Estarei aí hoje à noite. Fique-me esperando.

— Vou esperar, Johnny, — disse ela e desligou. Bati no gancho várias vezes até Jane atender.

— Reserve passagem para mim no primeiro avião para a Califórnia. Avise-me logo que a reserva estiver confirmada. Irei daqui direto para o aeroporto.

Desliguei o telefone sem esperar que ela respondesse.

— Que é que há, Johnny? — perguntou Ronsen, levantando-se.

Acendi um cigarro e vi que as mãos estavam um pouco trêmulas.

— Peter teve um derrame e eu tenho de ir para lá.

— E os nossos planos aqui?

— Terão de esperar mais alguns dias.

— Ora, Johnny, — disse ele muito sério, — sei perfeitamente o que você deve estar sentindo. Mas a verdade é que a diretoria não vai gostar disso. Além disso, o que é que adianta À sua presença lá? Olhei para ele também com a maior seriedade. A única coisa que lhe disse por entre os dentes foi:

— A diretoria que vá para o inferno!

Ele era a diretoria e sabia que eu tinha pleno conhecimento disso. Franziu os lábios, deu-me as costas e saiu raivosamente do gabinete.

Deixei-o ir. Pela primeira vez desde que eu resolvera aceitar o lugar que Ronsen me oferecera, sentia o espírito em paz.

— E vá para o inferno também, — disse eu, através da porta fechada. Que era que aquele filho da mãe sabia daqueles últimos trinta anos?

# TRINTA ANOS

## 1908

# 1

Johnny tinha a camisa nas mãos quando ouviu tocar o sino da igreja. Onze horas. “Apenas quarenta minutos mais para tomar o trem”, pensou ele, continuando apressadamente a arrumar a mala. Meteu a roupa lá dentro de qualquer maneira e empurrou os fechos. Em seguida, firmou o joelho em cima da mala e passou a correia, apertando-a. Quando acabou, pegou a mala em cima da cama e saiu com ela do quarto, atravessando a loja para ir colocá-la no chão, perto da porta.

Na escuridão, as máquinas pareciam estar zombando dele, vaiando o seu fracasso. Havia ainda uma coisa que ele tinha de fazer. E era o mais desagradável de tudo. Deixar uma carta para Peter explicando por que fugia assim no meio da noite.

Seria muito mais fácil se Peter não tivesse sido tão bom para ele. E não só ele, mas toda a família. Esther chamava-o para jantar quase todas as noites e as crianças o chamavam de “Tio Johnny”. Sentiu um aperto na garganta ao sentar-se à mesa para escrever. Era aquela a família com que sempre sonhara nos longos anos solitários em que trabalhara no parque de diversões.

Pegou uma folha de papel e um lápis e escreveu: “Caro Peter”. Depois, ficou olhando para o papel. Como era que podia dizer adeus e obrigado a uma gente que tinha sido tão boa para ele? Bastaria escrever displicentemente palavras convencionais como “Adeus. Tive muito prazer em conhecê-los e obrigado por tudo” e não pensar mais nisso?

Levou a ponta do lápis à boca e mordeu-a, pensando. Largou o lápis e acendeu um cigarro. Daí a alguns minutos, tornou a pegar o lápis e começou a escrever.

“Em primeiro lugar, você tinha razão. Eu nunca devia ter começado esse negócio”.

Lembrava-se do primeiro dia em que havia chegado à loja. Tinha quinhentos dólares no bolso, dezenove anos de idade e a certeza de que era o homem mais sabido do mundo. Tinha trabalhado num parque de diversões toda a sua vida e, afinal, ia estabelecer-se e viver por conta própria. Um conhecido seu lhe havia dito que havia em Rochester uma loja de divertimentos mecânicos completamente equipada e que estava mesmo à espera dele.

Nesse mesmo dia, conhecera Peter Kessler. Peter era proprietário do prédio e da loja de ferragens que nele havia ao lado da loja de divertimentos. Peter gostara de Johnny no momento em que o vira. Johnny era uma dessas pessoas de quem é fácil gostar. Tinha um metro e oitenta de altura. Cabelos bem pretos e cheios, olhos azuis e um sorriso franco que lhe mostrava os dentes muito brancos e regulares, causando ótima impressão. Peter começara a ter pena do rapaz antes mesmo de alugar-lhe a loja. Era uma criatura cheia de vida e de vibração.

Peter ficara olhando Johnny enquanto ele andava pela loja, experimentando as máquinas. Afinal, falou.

— Sr. Edge.

— Pronto. Às suas ordens.

— Talvez não seja da minha conta, Sr. Edge, mas acha que este local é bom para essa espécie de negócio?

Hesitou, pensando que poderia ser mal interpretado. Afinal de contas, era o proprietário e o seu único interesse por aquele rapaz seria que ele pagasse pontualmente o aluguel...

Johnny apertou os olhos. Aos dezenove anos, é difícil reconhecer que se pode estar errado.

— Por que pergunta, Sr. Kessler? — disse ele, com voz fria.

— Bem, os dois camaradas que estiveram aqui antes não se deram muito bem.

— Talvez não conhecessem bem esta espécie de negócio. E também lhe dou razão. Isso não é da sua conta.

Peter franziu a testa. Era muito sensível, embora se esforçasse ao máximo para não demonstrá-lo. A sua voz tornou-se brusca e seca, do mesmo modo que pouco antes, quando Johnny entrara na sua loja e se apresentara.

— Desculpe, Sr. Edge. Não tive a intenção de ofender. Johnny bateu com a cabeça e Peter continuou:

— Entretanto, em vista da minha experiência com os anteriores donos desta loja, devo insistir em que me pague três meses adiantados de aluguel. Johnny fez rápidos cálculos mentais. Tirando 120 dólares de 500, ficam 380. Bastava para fazer o que ele queria. Tirou o dinheiro do bolso, contou as notas e entregou-as a Peter.

Peter encostou-se a uma das máquinas e escreveu um recibo, que lhe passou às mãos, dizendo:

— Desculpe se fui grosseiro, mas a intenção foi boa. Johnny olhou-o atentamente. Não viu nele qualquer sinal de zombaria e estendeu-lhe a mão. O

aperto de mãos foi rápido e Peter se encaminhou para a porta. Em dado momento, voltou-se e disse:

— Se precisar de mim para alguma coisa, Sr. Edge, não hesite em procurar-me.

— Está bem, Sr. Kessler. Muito obrigado.

— Felicidades, — disse ainda Peter. Johnny deu-lhe adeus e ele voltou para a sua loja com um ar de preocupação que não lhe era comum.

Esther, sua mulher, que tinha ficado tomando conta da loja enquanto ele ia mostrar a outra casa a Johnny, perguntou:

— Ficou com a loja?

— Ficou. Pobre rapaz... Espero que não se arrependa.

Johnny acendeu outro cigarro e voltou a escrever.

“Pode crer que não lamento o dinheiro que perdi. Sinto apenas o dinheiro que lhe custei. O meu antigo patrão, Al Santos, vai dar-me de novo o meu lugar no parque de diversões e logo que eu começar a receber, mandarei algum dinheiro por conta do que lhe devo de aluguel”.

Não queria voltar para o parque de diversões, não porque não gostasse do trabalho, mas porque teria saudades dos Kesslers. Não se lembrava muito dos pais. Tinham morrido num acidente no parque de diversões quando ele tinha apenas dez anos. Al Santos tomara-o sob a sua proteção, mas Al era um homem ocupado e Johnny tivera de tratar da vida por si mesmo.

Tinha vivido muito sozinho, porque quase não havia garotos da sua idade no parque e os Kesslers tinham preenchido um vácuo que sempre existira na sua vida.

Recordou o jantar às sextas-feiras com Peter e a família. Podia ainda sentir o bom cheiro da canja de galinha e o gosto dos bolinhos a que Esther chamava de knedloch. Lembrou-se do último domingo em que saíra com as crianças a passeio. Tinham-se divertido muito e ele se sentira muito orgulhoso e feliz sempre que o chamavam de “Tio Johnny”. Eram ótimas crianças. Doris tinha cerca de nove anos e Mark tinha três.

Não queria voltar para o parque de diversões, mas não podia viver às custas de Peter a vida inteira. Já devia três meses de aluguel e, se Esther não o chamasse de vez em quando para jantar, teria passado muitas noites com fome.

O lápis tornou a correr pelo papel.

“Sinto muito ter de sair assim, mas sei que alguns credores vão aparecer amanhã com uma intimação e creio que esta é a melhor solução para mim”.

Assinou a carta e leu-a. Era um pouco vazia. Aquilo não era maneira de despedir-se de gente amiga. Começou a escrever logo depois da assinatura.

“P.S. — Diga a Doris e a Mark que, se o meu parque vier a esta cidade, ele poderão entrar em tudo de graça. Mais uma vez, muito obrigado por tudo. Tio Johnny.”

Sentia-se melhor depois disso. Levantou-se e colocou um copo em cima da carta para prendê-la. Correu os olhos cuidadosamente pela sala. Não queria esquecer coisa alguma. Não podia, pois não havia dinheiro suficiente para substituir o que esquecesse. Não. Tudo estava em ordem, não se havia esquecido de nada.

Olhou de novo para a carta em cima da mesa. Depois, apagou a luz e saiu da sala. Não viu que a carta se soltara do copo e fora cair no chão com o vento produzido quando fechara a porta. Atravessou a loja, olhando de um lado para outro.

À direita, via os bandidos manetas, as máquinas caça-níqueis, as lanternas mágicas de postais franceses. Mais adiante, estavam os jogos de habilidade, a máquina de beisebol com o rebatedor e nove homens diante dele, os pugilistas com os longos botões de metal no queixo. À esquerda, estavam os bancos que mandara colocar à espera do projeto de cinema que havia encomendado e ainda não chegara. E bem na porta, estava Vovó, a máquina que dizia a sorte.

Olhou através do vidro para ela. A cabeça era coberta por um xale branco de que pendiam moedas e símbolos estranhos. Parecia quase viva no escuro, a mirá-lo com os olhos pintados.

Meteu a mão no bolso à procura de uma moeda. Colocou-a na ranhura e moveu a alavanca. — Vamos ver qual é a sua opinião, menina, — murmurou.

Houve um ranger de engrenagens e o braço da figura se levantou com os dedos de ferro passando pelas pilhas de cartões arrumados diante dela. O barulho da máquina aumentou quando ela escolheu uma carta e jogou-a pela rampa da máquina. Todo o barulho cessou e ela se voltou para olhá-lo. O cartão foi sair em frente de Johnny que apanhou. Nesse mesmo instante, ouviu o apito de um trem. — Ih! Preciso correr, — disse ele.

Meteu a cartão nervosamente no bolso, apanhou a mala e saiu para a rua.

Olhou um instante para as janelas de Peter. Estavam todas às escuras. Toda a família já estava dormindo. Sentiu frio no ar da noite. Vestiu o capote, levantou a gola e começou a caminhar a toda a pressa para a estação.

Lá em cima, na cama, Doris acordou de repente. Abriu os olhos e viu que tudo estava escuro. Inquieta, voltou os olhos para a janela. À luz do lampião, viu um homem que descia a rua, carregando uma mala. “Tio Johnny”, murmurou ela vagamente tornando a fechar os olhos. Pela manhã, não se lembrava de nada, mas o travesseiro estava úmido, como se ela houvesse chorado.

Johnny estava na plataforma quando o trem chegou. Meteu a mão no bolso para tirar um cigarro e encontrou o cartão. Resolveu lê-lo.

"Vai fazer uma viagem e pensa que nunca mais vai voltar, mas voltará. E mais depressa do que pensa. A Vovó Cigana que sabe de tudo".

Johnny riu ao embarcar no trem, pensando: "Você desta vez quase acertou, minha velha. Só errou quanto à minha volta".

Mas Johnny é que estava errado. Vovó havia acertado.

# 2

Peter abriu os olhos. Estava deitado ainda na grande cama de casal, com as névoas do sono a dissiparem-se lentamente da cabeça. Abriu os braços. A mão direita encontrou o travesseiro que ainda guardava a marca da cabeça de Esther, como a cama ainda lhe guardava o calor do corpo. Ouviu-lhe a voz na cozinha, dizendo a Doris para andar depressa e tomar o café senão iria chegar tarde à escola. Isso o fez acordar por completo. Levantou-se da cama com a camisa de dormir que ia até ao chão e se dirigiu para a cadeira onde estavam arrumadas as suas roupas.

Tirou a camisa, vestiu a roupa de baixo e as calças. Sentando-se na cadeira, calçou as meias e os sapatos, depois do que foi para o banheiro. Abriu a torneira da pia e começou a fazer espuma para a barba cantarolando uma velha melodia alemã de que ainda se lembrava dos tempos da infância.

Mark entrou no banheiro com o seu andar vacilante.

— Quero fazer pipi, Papai.

— Por que não faz? Você já está bem crescido.

Mark fez o que queria e, depois, olhou para o pai que estava afiando a navalha.

— Posso fazer a barba hoje?

— Quando foi que você fez a barba? — perguntou Peter muito sério.

Mark esfregou os dedos no rosto como vira o pai fazer muitas vezes e disse.

— Anteontem, mas minha barba cresce muito depressa.

— Está bem, — disse Peter, entregando-lhe o pincel. — Vá passando sabão no rosto, enquanto eu acabo.

Mark passou o pincel no rosto e ficou esperando pacientemente que o pai acabasse. Não disse uma palavra enquanto o pai se barbeava, pois sabia que

aquela operação era delicada e importante e se uma pessoa fosse interrompida poderia cortar-se.

Afinal, o pai acabou e voltou-se para Mark. — Pronto?

Mark fez que sim com a cabeça. Não se atrevia a abrir a boca porque a havia coberto também de sabão e poderia engolir um pouco.

Peter ficou agachado ao lado dele.

— Vire um pouquinho a cabeça, Mark.

O menino virou a cabeça e fechou os olhos, dizendo:

— Não vá me cortar.

— Terei todo o cuidado.

Peter virou a navalha e começou a passar as costas da mesma pelo rosto de Mark, tirando o sabão. Alguns segundos depois, levantou-se.

Mark abriu os olhos e esfregou o rosto com a mão.

— Está bem liso agora, — disse, satisfeito.

Peter sorriu enquanto lavava a navalha e enxugava-a. Depois, guardou-a na caixa e lavou o pincel e o copo de barba. Lavou depois o rosto e levantou Mark até ao ombro.

— Vamos ao café agora, rapaz.

Chegou à cozinha, acomodou Mark na cadeira dele e sentou-se.

Doris se aproximou para beijá-lo.

— Bom dia, Papai, — disse ela com a sua voz aguda e clara. Ele abraçou-a, dizendo:

— Gut’ morgen, Hebe kind, zeese kind.

Era assim que ele sempre falava com ela, especialmente depois do nascimento de Mark. Este era o seu favorito e isso lhe dava um sentimento de culpa, que o fazia ser mais efusivo com Doris do que fora antes de Mark nascer.

Ela voltou para a cadeira dela e Peter ficou olhando-a. Era uma garotinha bem bonita. Os cabelos dourados estavam amarrados em trancas em torno da cabeça e os seus olhos azuis eram suaves e quentes. As faces eram rosadas. Peter sentiu-se feliz. Ela fora muito doente em pequena e justamente por isso é que eles se haviam mudado do atravancado East Side de Nova York para Rochester.

Esther chegou, trazendo uma travessa de cheiro delicioso na qual havia ovos mexidos, salmão defumado e cebolas, tudo frito na manteiga. Peter olhou-a enquanto ela o servia. Era um ano mais moça do que ele e ainda estava esbelta e bonita com a mesma tranquila beleza morena que o havia encantado logo que ele começara a trabalhar na loja de ferragens do pai dela, pouco depois de chegar aos Estados Unidos. Tinha os abundantes cabelos pretos amarrados atrás num

coque à moda da época e os olhos castanhos brilhavam serenamente num rosto redondo e macio. Ela começou a servir Mark.

— Fiz a barba hoje, — disse o garoto.

— Estou vendo, — disse ela, passando a mão pelo rosto do filho. — Muito bem.

— Quando é que posso começar a fazer a barba sozinho?

Doris riu.

— Você é muito menino ainda, Mark. Não precisa fazer a barba.

— Preciso, sim.

— Cale a boca e trate de comer, — disse Esther.

Quando ela afinal conseguiu sentar-se, Peter já havia quase terminado. Tirou o relógio quando tomava o café e desceu correndo pela escada para abrir a loja. Não dissera uma só palavra ao levantar-se da mesa. Mas ninguém se incomodou. Papai se atrasava sempre na hora de abrir a loja e já passava um pouco das oito horas.

A manhã passou lentamente. Não havia freguesia. Fazia muito calor para aquela época do ano e o calor tirava o ânimo de fazer compras ou qualquer trabalho extra.

Às onze horas, um carroceiro entrou na loja.

— A que horas o seu vizinho abre a porta? — perguntou a Peter, apontando para a loja de Johnny.

— Lá para o meio-dia. Por quê?

— Tenho uma máquina para entregar, mas a casa está fechada e eu não posso voltar aqui.

— Bata na porta, — disse Peter. — Ele dorme nos fundos e, se ainda estiver dormindo, você o acordará.

— Já bati, mas ninguém respondeu.

— Espere um instante, — disse Peter, apanhando uma chave, — que eu vou abrir-lhe a porta.

O carroceiro acompanhou-o. Peter bateu na porta, mas ninguém respondeu. Olhou pela vitrina mas nada pôde ver. Afinal, meteu a chave e abriu a porta. Os dois entraram e Peter foi diretamente ao quarto dos fundos. A porta estava fechada. Bateu na porta e esperou. Não houve resposta. Abriu a porta e olhou. Johnny não estava lá.

— Pode trazer o que tem para entregar, — disse ele ao carroceiro. — Johnny deve ter ido à rua por um instante.

Peter foi até à rua enquanto o carroceiro tirava a máquina. Olhou-a com curiosidade. Era uma coisa que nunca havia visto.

— Que é isso?

—- É uma máquina de fotografias animadas, — disse o carroceiro. — Projeta num pano fotografias com movimento.

— Não sei mais o que é que faltam inventar, — disse Peter, sacudindo a cabeça. — Acha que isso funciona mesmo?

— Funciona, sim. Já vi uma máquina dessas em Nova York.

Quando a máquina foi depositada na loja, Peter assinou o recibo para o carroceiro, fechou a porta e não pensou mais no caso até Dores voltar da escala, depois das três horas.

— Por que Tio Johnny ainda não abriu a loja, Papai?

O pai a olhou espantado. Tinha-se esquecido do que acontecera pela manhã.

— Não sei, — murmurou ele.

Foram até à outra loja e espiaram pela vitrina. Não havia lá dentro o menor sinal de movimento. O caixote entregue pela manhã ainda estava no mesmo lugar onde o carroceiro o deixara.

— Doris, vá chamar Mamãe lá em cima para ela tomar conta da loja um instante.

Ficou esperando que Esther chegasse.

— Johnny ainda não abriu a porta, Esther. Fique na loja enquanto eu espio lá dentro.

Depois de abrir a porta, dirigiu-se pára o quarto dos fundos. Dessa vez, entrou no quarto e viu a carta no chão. Apanhou-a e leu-a. Depois, voltou para a loja de ferragens e entregou a carta a Esther.

Ela leu e perguntou:

— Foi-se embora então?

Havia uma expressão de mágoa nos olhos de Peter, que parecia não ter ouvido a pergunta. — Acho que a culpa foi minha. Eu não o devia ter deixado alugar a loja.

Ela o olhou, compreendendo. Também ela acabara gostando de Johnny.

— Você nada podia fazer, Peter. Bem que tentou fazê-lo desistir da ideia.

Tornou a pegar na carta e a lê-la.

— Ele não precisava ter saído assim, — murmurou ele. — Poderia ter conversado comigo.

— Com certeza, ficou com vergonha, — disse Esther.

— Ainda não compreendo. Éramos amigos dele.

De repente, Doris, que estava ao lado deles escutando tudo o que diziam, começou a chorar. Os pais viraram-se para ela.

— Tio Johnny não vai mais voltar?

— Claro que vai, — disse-lhe Peter. — Diz na carta que vem aí com um parque de diversões onde vocês podem andar em tudo de graça.

Doris parou de chorar e olhou para o pai, arregalando os olhos.

— Sério?

— Sério, — respondeu Peter, olhando para a mulher por cima da cabeça da menina.

# 3

O desconhecido esperou calmamente que Peter acabasse de atender um freguês e perguntou:

— Johnny Edge anda por aí?

— No momento, não. Mas talvez eu possa ser-lhe útil. Sou Peter Kessler. O proprietário do prédio.

O desconhecido estendeu a mão e sorriu.

— O meu nome é Joe Turner e eu sou da Companhia de Filmes Graphic. Vim mostrar a Johnny como funciona a máquina de filmes que foi entregue ontem.

-- Prazer em conhecê-lo, — disse Peter. — Tenho más notícias para o senhor. Johnny foi-se embora daqui anteontem.

— Não pôde aguentar-se aqui?

— Não. A situação estava muito ruim e ele voltou para o antigo emprego.

— Com Santos?

— Sim, — disse Peter. — Já conhece Johnny?

— Trabalhamos para Santos juntos. É muito bom rapaz. É uma pena que ele não tivesse esperado mais alguns dias. Poderia salvar-se com aquela máquina.

— Em Rochester? Não creio.

— Por quê? — perguntou Turner. — Rochester não é diferente dos outros lugares e essas máquinas estão fazendo um sucesso cada vez maior por toda a parte. Já viu alguma funcionar?

— Não. E a primeira vez que ouvi falar nelas foi quando o homem chegou aqui com o caixote.

Turner tirou um charuto do bolso e acendeu-o. Só depois de tirar a primeira baforada foi que tornou a falar.

— Tenho a impressão de que é um homem direito, Sr. Kessler, e por isso vou fazer-lhe uma proposta. Garanti à companhia o negócio da máquina com Johnny. Se eu tiver de recolhê-la, terei de pagar as despesas de carreto e instalação ainda que a máquina não tenha funcionado. Tudo isso anda em mais de cem dólares. Deixe-me fazer-lhe uma demonstração hoje à noite e poderá depois fazer uma experiência.

— Nada disso. Eu entendo é de ferragens. Nada sei sobre essas coisas.

— Não tem a menor importância. É um negócio novo. Há coisa de dois anos, um homem chamado Fox abriu uma casa com uma máquina dessas sem ter qualquer experiência e está fazendo um bom dinheiro. Com outro camarada chamado Laemmle, está acontecendo a mesma coisa. O senhor só precisa é fazer a máquina funcionar. O povo paga para ver os filmes. É coisa rendosa e de futuro.

— Para mim, não, Sr. Turner. Tenho um negócio que me rende o suficiente e não quero dores de cabeça.

— Escute, Sr. Kessler, não vai pagar nada só para ver. O projetor já está aqui. Tenho umas latas de filmes aí fora e nada tenho para fazer agora. Quero que o senhor veja de que é que se trata. Se não gostar, nem haverá discussão. Torno a encaixotar tudo e levar.

Peter pensou um instante. Tinha curiosidade de ver os filmes. O que o carroceiro lhe dissera havia-lhe atiçado a imaginação.

— Está bem, — disse ele. Vou olhar, mas não prometo nada. Turner sorriu.

— É o que todos dizem antes de ver. Pode não acreditar, Sr. Kessler, mas eu lhe digo que o senhor já está no negócio de cinema.

Peter convidou Turner a jantar com ele. Quando o apresentou a Esther, esta olhou o desconhecido com curiosidade, sem nada perguntar. Mas Peter apressou-se em explicar:

— O Sr. Turner vai nos mostrar algumas fitas de cinema esta noite.

Depois do jantar, Turner pediu licença, dizendo que tinha de descer para arrumar as coisas. Peter acompanhou-o.

— É uma pena que Johnny tivesse de ir-se embora. Era exatamente do cinema que ele precisava.

Peter falou-lhe então do motivo pelo qual Johnny havia partido e da carta que deixara.

Turner escutou-o atentamente enquanto trabalhava e, depois, disse:

— De qualquer maneira, Sr. Kessler, não se preocupe com o dinheiro que Johnny lhe deve. Quando Johnny diz que paga, paga mesmo.

— E quem lhe disse que estou preocupado com o dinheiro? Todos nós gostávamos do rapaz. Ele já parecia quase uma pessoa da família.

Turner sorriu.

— Johnny é mesmo assim. Ainda me lembro de quando os pais dele morreram. Johnny tinha nessa época cerca de dez anos. Santos e eu discutimos o que se devia fazer com ele. O menino não tinha outros parentes e devia ser mandado para um orfanato, mas Santos resolveu ficar com ele. Pouco depois, Santos dizia que já queria tanto bem a Johnny como se fosse seu filho.

Turner acabou o seu trabalho em silêncio e Peter subiu para ir chamar Esther. Quando desceram, todas as luzes da loja estavam apagadas. Sentaram-se com alguma desconfiança no escuro no lugar que Turner lhes indicou. Por mais interessado que Peter estivesse em ver os filmes, sentia-se satisfeito de que não houvesse muita gente na rua para vê-lo.

— Pronto? — perguntou Turner.

— Sim, — respondeu Peter.

De repente, uma luz brilhante se projetou na tela que Turner armara em frente onde estavam. Algumas palavras impressas meio turvas se tornaram, depois, mais claras quando Turner focalizou as lentes. Mas as palavras desapareceram da tela antes que houvesse oportunidade de lê-las e viu-se então um trem, bem pequeno num canto da tela, que vomitava fumaça. Vinha na direção deles, aumentando de segundo a segundo.

Vinha para cima deles e parecia que ia saltar da tela a qualquer momento.

Esther deu um grito e escondeu o rosto no ombro de Peter, estendendo a mão, que Peter segurou com força. Peter tinha a garganta seca, quase não podia falar e sentia o rosto banhado de suor.

— Já passou? — perguntou Esther, com a voz abafada de encontro ao ombro dele.

— Já, sim, — murmurou ele, com a voz ainda embargada pela emoção.

Quase antes de falar, viram-se numa praia onde algumas moças nadavam, enquanto outras corriam e riam. Depois, estavam a bordo de uma barca que entrava no porto de Nova York e os edifícios tão conhecidos pareciam a tal ponto reais que dava até vontade de tocá-los com a mão. Mas, no mesmo instante, haviam passado para um prado de corridas em Sheepshead Bay durante a realização de um páreo. Havia muita gente presente e um cavalo tomou a dianteira sobre os outros, vencendo a carreira. Tudo acabou então. A luz forte tornou a encher a tela, tão forte que chegava a doer nos olhos.

Peter notou que ainda apertava a mão de Esther. Ouviu a voz de Turner:

— E então? Gostou?

Peter se levantou, piscando os olhos. Viu Turner que lhe sorria. Esfregou os olhos e disse:

— Se eu não tivesse visto, seria capaz até de não acreditar. Turner riu e disse enquanto acendia as luzes da loja:

— E o que todos dizem da primeira vez. Foi então que Peter viu a multidão. Enchia a rua, com os rostos vagos e anônimos comprimidos de encontro às vitrinas da loja, os olhos cheios do mesmo assombro que havia nos seus. Virou-se para Esther.

— Qual é a sua opinião?

— Não sei o que dizer. Nunca vi nada que se parecesse com isso.

A porta se abriu e os curiosos entraram de roldão. Peter começou a reconhecer pessoas e rostos. Falavam todos ao mesmo tempo.

— Que é isso? — perguntavam.

— Fitas de cinema de Nova York, — explicou Turner.

— Vai mostrar essas fitas aqui?

— Não sei, — respondeu Turner. — Isso depende do Sr. Kessler.

Todos se voltaram para Peter.

Ele ficou ali um instante sem falar, com a cabeça ainda cheia do que acabara de ver. De repente, exclamou:

— Claro, que vamos mostrá-las aqui. A inauguração será no sábado à noite.

— Bist du meshuggeh? — perguntou Esther, agarrando-o pelo braço. — Está maluco? Sábado é depois de amanhã!

— Acha que estou maluco? Com toda essa gente querendo pagar para ver cinema?

Ela não respondeu.

Peter começou a sentir-se grande com o coração a bater-lhe com mais força. A inauguração seria no sábado à noite. Afinal de contas, Esther não iria opor-se.

Foi pouco menos de seis semanas depois que Johnny voltou a Rochester. Com a mala na mão, caminhou pela rua até chegar à galeria. Parou no passeio diante do prédio. A loja de ferragens ainda estava na mesma, mas a sua loja havia desaparecido. A tabuleta fora substituída por outra na qual se lia: nickelodeon KESSLER.

Era bem cedo e a rua ainda estava deserta. John ficou por um momento olhando a tabuleta. Depois, passando a alça da mala de uma mão para a outra, entrou na loja de Peter.

Parou um instante à porta, esperando que os olhos se habituassem à luz atenuada.

Foi Peter quem primeiro o viu e correu para ele de mão estendida.

— Johnny!

O rapaz largou a mala e apertou a mão de Peter.

— Afinal você voltou, Johnny! Eu bem disse a Esther que você voltaria. Ela achava que você não havia de querer voltar, mas eu dizia que bastava passar-lhe um telegrama.

Johnny riu.

— Ainda não sei o que você pode querer comigo, principalmente depois do que fiz, desaparecendo daquela maneira. Mas...

Peter não o deixou acabar.

— Nada de conversa. O que aconteceu, aconteceu e não se fala mais nisso. Doris, corra lá em cima e diga a Mamãe que Tio Johnny está aqui.

Levou Johnny mais para dentro da loja e continuou:

— Achei que era do meu dever chamá-lo. Afinal de contas, a ideia foi sua e você tinha algum direito a participar...

Nesse momento, viu Doris, que ainda esta ali, olhando para Johnny.

— Não disse que fosse dizer a sua mãe?

— Queria antes falar com Tio Johnny, — disse ela, com voz queixosa.

— Está bem. Então fale com ele e suba.

Doris aproximou-se gravemente de Johnny e estendeu-lhe a mão.

— Alô, Tio Johnny.

Johnny riu, suspendeu-a nos braços, abraçou-a e disse:

— Sabe que tive muitas saudades suas, queridinha?

Ela ficou muito vermelha, soltou-se dos braços dele e subiu a escada correndo.

— Vou dizer a Mamãe. Johnny voltou-se para Peter.

— Conte-me agora o que aconteceu.

— Um dia depois de você ter viajado, Joe Turner apareceu aqui e, quase no mesmo instante, me vi metido no negócio do cinema. E olhe que eu não esperava que fosse uma coisa tão grande. Digo-lhe até que é grande demais para mim. Esther trabalha com o dinheiro, mas estou tão cansado à noite depois de passar o dia inteiro na loja que me custa muito passar as fitas. Resolvemos então mandar chamá-lo. Como lhe disse no telegrama, você ganhará cem dólares por mês e 10 % dos lucros.

— Fiquei muito entusiasmado, — disse Johnny. — Vi nas outras cidades muitos desses nickelodeon e acho que são uma coisa de muito futuro.

Foram mais tarde ao nickelodeon. Johnny correu os olhos em torno e ficou satisfeito com o que via. Todas as máquinas tinham sido retiradas, vendo-se filas de bancos no lugar delas. Só a Vovó, a máquina que dizia a sorte, continuava no seu canto perto da porta.

Johnny foi até lá e bateu com os dedos no vidro.

— Parece que você tinha razão, minha velha, — murmurou ele.

— Que é que está dizendo? — perguntou Peter, espantado.

— Vovó disse a minha sorte na noite em que eu parti. Afirmou que voltaria. Pensei que ela estivesse maluca, mas sabia mais do que eu.

— Temos em iídiche um provérbio que diz: “O que tem de ser, será”.

— Pois eu quase não posso acreditar ainda, — disse Johnny. Lembrou-se da hora em que recebera o telegrama de Peter.

Mostrara-o a Santos.

— Não sei o que é que esse camarada ainda quer comigo depois que saí devendo-lhe três meses de aluguel.

— Dois meses, — corrigiu Santos. — Um mês você já mandou pagar com o primeiro dinheiro que ganhou.

— É verdade. Mas ainda não compreendo.

— Ora, talvez o homem goste de você, Johnny. Que é que você vai fazer?

— Voltar. Acha que posso fazer outra coisa?”

— Quantas sessões você está dando aqui? — perguntou Johnny, afastando-se da máquina da sorte.

— Uma só.

— De agora em diante, vamos dar três, — disse Johnny. — Uma à tarde e duas à noite.

— E onde vamos achar fregueses?

Johnny olhou para Peter para ver se ele estava brincando. Quando percebeu que falava a sério, disse: — Peter, você ainda tem muito o que aprender neste negócio de diversões. Vou-lhe dizer como conseguiremos fregueses. Temos de fazer publicidade. Encheremos todo o interior de cartazes, anunciaremos nos jornais. Somos o único cinema da região. Muita gente virá à cidade expressamente para isso, desde que saiba. Além disso, pagamos a mesma coisa passando o filme uma ou três vezes. Só pagamos um aluguel por ele.

Peter olhou para Johnny com um novo respeito. “O rapaz tem boa cabeça. Descobriu num instante como podemos fazer mais dinheiro,” pensou ele, sentindo um enorme alívio. Johnny estava de volta e ele não tinha mais de preocupar-se com o nickelodeon.

— É uma boa ideia, Johnny, — disse em voz alta. — Muito boa ideia.

Quando Peter adormeceu naquela noite ainda estava pensando nisso. Três vezes mais dinheiro.

# 4

George Pappas estava do outro lado da rua defronte do nickelodeon de Kessler às sete e meia da noite e olhava a multidão que chegava para ver o espetáculo. Olhou o relógio e deu um suspiro. O tal cinema estava modificando os hábitos da cidade. Antes do nickelodeon, eram bem poucas as pessoas que se viam na rua depois das sete horas. Agora, já eram quase oito horas e ainda aparecia mais gente para o nickelodeon.

E não era só gente da cidade. Havia fazendeiros e outras pessoas do interior. Aquele tal Edge que trabalhava com Kessler parecia ter um fio elétrico ligado dentro dele. Havia espalhado por toda a parte cartazes que falavam da novidade.

George Pappas tornou a dar um suspiro. Era muito estranho, mas ele tinha a impressão de que aquela novidade não ia passar, depois do primeiro ímpeto de curiosidade. Já tinha ido ver o espetáculo e sentira que uma coisa muito importante havia começado em sua vida. Como aquilo iria afetá-lo, não sabia. Mas tinha certeza de que tudo ia mudar para ele.

Tinha um pequeno balcão de sorvetes a umas cinco ruas dali. Às sete horas da noite, ele e seu irmão fechavam a casa e iam jantar. Não havia freguesia à noite, exceto aos sábados. Mas era uma terça-feira e havia mais gente chegando para ver o espetáculo de Kessler do que já se vira nas ruas de Rochester mesmo numa noite de sábado. Devia haver um jeito de levar um pouco daquela gente para o seu balcão de sorvetes.

Voltou para casa pensando no problema, quando de repente estacou. Ocorrera-lhe uma ideia que se formulara no seu espírito em grego. Fora tudo tão rápido e natural que ele só compreendeu bem de que se tratava quando traduziu a ideia para o inglês. Viu então que era uma coisa tão certa, uma solução tão boa que voltou sobre os seus passos e dirigiu-se para o nickelodeon.

Parou à porta. Esther estava recebendo o dinheiro das entradas.

— Como vai, Madame Kessler?

Esther estava muito ocupada e respondeu apressadamente:

— Alô, George.

— Kessler está aí? — perguntou ele, na sua maneira um tanto cerimoniosa.

— Está lá dentro.

— Se fosse possível, eu gostaria de falar com ele.

Esther olhou-o com curiosidade, notando a ansiedade mal contida com que ele falava.

— Estará aqui dentro de poucos minutos, pois a sessão já vai começar. É alguma coisa que eu possa fazer?

— Não, muito obrigado. Vou esperar. Tenho um negócio a propor-lhe.

Esther viu-o encostar-se à parede e ficar à espera. Estranhou vagamente que George pudesse ter algum negócio a propor a Peter, mas estava muito atarefada fazendo troco e dentro de alguns segundos não pensou mais nele.

George também estava ocupado. Enquanto estava junto à porta, contou quarenta pessoas que entraram. Olhou para dentro e viu que a sala já estava cheia de gente. As pessoas sentavam-se bem apertadas nos bancos, conversando animadamente à espera do espetáculo. Algumas tinham levado frutas e sanduíches e estavam comendo.

George calculou que houvesse duzentas pessoas lá dentro quando Peter saiu e fechou a porta. E ainda havia muita gente na rua e gente que chegava. Viu Peter fechar a porta e levantou a mão.

— Haverá outra sessão daqui a uma hora, — disse ele aos que esperavam. — A lotação está esgotada, mas esperem um pouco e poderão entrar.

Ouviu um murmúrio de decepção, mas foram bem poucos os que resolveram ir-se embora. E os que saíram foram substituídos por outros que chegavam. Dentro em pouco, uma fila começou a formar-se na rua.

Peter abriu um pouco a porta e gritou.

— Pronto, Johnny! Pode começar.

O público bateu palmas quando as luzes se apagaram. Mas houve silêncio logo que as imagens começaram a aparecer na tela.

Peter acendia um charuto quando George se aproximou dele.

— Alô, Kessler.

— Alô, George. Como vai?

— Muito bem, Kessler. Obrigado, — disse cortesmente George, acrescentando depois de uma breve pausa: — Está com um bocado de freguesia.

— É verdade, George. Todo o mundo quer ver cinema. Você já viu?

— Já, sim.

— Eu não acreditava, mas hoje sei que é o negócio de mais futuro que pode haver.

— Também acho, Kessler. Você sem dúvida alguma sabe o que é que o povo deseja.

— Obrigado, George, — disse Peter, radiante com o elogio e metendo a mão no bolso do colete: — Tome, George. Um charuto para você.

George tomou o charuto. Embora não gostasse de charutos, cheirou-o como um entendido e exclamou:

— Muito bom.

— Claro que é, — disse Peter. — Mando buscá-los especialmente em Nova York. Custam seis cents, cada um.

— Se não se incomoda, Kessler, — disse George, guardando cuidadosamente, — vou deixar para saboreá-lo depois do jantar. Peter bateu com a cabeça, já desviando a atenção para a fila que aumentava.

George ficou pensando na melhor maneira de abordar o assunto que lhe interessava. Afinal, disse tudo diretamente.

— Sabe, Kessler? Eu gostaria de abrir um balcão de sorvete aqui.

— Um balcão de sorvete? Para quê?

George ficou embaraçado e respondeu, quase gaguejando:

— Essa gente toda... boa freguesia. Sorvetes, bombons, frutas, doces.

Peter compreendeu imediatamente e perguntou, interessado:

— A ideia é ótima, George, mas onde iríamos achar espaço? George deixou imediatamente de gaguejar. Começou a falar com rapidez e facilidade, explicando a Peter que o espaço necessário seria muito pouco. Mas o que convenceu Peter foi a sua proposta de pagar aluguel e ainda dar-lhe sociedade nos negócios.

Embora os negócios do nickelodeon fossem muito muito bons, não deixavam de ter os seus problemas. Em virtude do contrato feito com a Graphic, Peter recebia um novo programa de três em três semanas. Tudo correu bem até o momento em que começaram a dar três sessões por dia. Aconteceu então que na primeira semana todo o mundo na região queria ver o novo programa, mas nas duas semanas seguintes, a frequência caía muito. Ele e Johnny conversaram sobre o assunto e resolveram perguntar a Joe Turner quando este aparecesse o jeito que poderiam dar.

Cerca de duas semanas depois de George ter aberto o seu balcão, de sorvetes, Joe apareceu na sua visita mensal de costume. Antes de entrar no nickelodeon, ficou olhando pensativamente George e o irmão que atendiam ativamente os fregueses.

A sessão da tarde havia terminado e Joe foi encontrar Johnny preparando os filmes para a primeira sessão da noite.

— De quem foi a ideia do balcão de sorvetes, Johnny?

— De Peter. Que é que acha?

— ótima ideia! Tão boa que vou ver se a aproveito em outros lugares.

Johnny desceu do pequeno tablado onde ficava o projetor e disse:

— Vamos lá tomar um refresco.

Johnny apresentou Joe a George e ao irmão. Quando começaram a tomar os refrescos perguntou:

— Será que você não tem outros filmes? O pessoal fica cansado de ver a mesma coisa durante três semanas a fio.

— Não há muita coisa, Johnny. Mas temos um novo filme de uma parte só que podemos mandar-lhe.

— Que é que adianta uma parte quando precisamos de um programa inteiro?

— Bem, Johnny, tenho alguma coisa que talvez resolvesse o problema mas tem de ser feito em segredo.

— Ora, Joe, você me conhece e sabe que eu sei ficar calado quando é preciso.

Joe sorriu e continuou:

— Você já deve ter ouvido dizer que as grandes companhias vão unir-se para formar um consórcio e controlar a indústria do cinema.

— Sei disso.

— Então deve saber também que um dos motivos é que há uma porção de produtores independentes que estão fazendo uma concorrência forte com os seus filmes. As grandes companhias querem que os exibidores só passem os programas deles e por isso é que se unem. Assim poderão controlar as patentes e só eles é que poderão fazer filmes.

— E daí, Joe? Ainda não vejo como é que iremos conseguir mais filmes.

— Já vou chegar lá. A Graphic vai entrar para o consórcio e eu estou com vontade de sair de lá e ir trabalhar com um independente que pretende fazer filmes em quantidade suficiente para assegurar um programa novo todas as semanas.

— Seria muito bom, mas continuamos na mesma. De acordo com o nosso contrato, só podemos exibir filmes da Graphic.

— Muitos exibidores acham que o que o consórcio não souber, não fará mal algum a ninguém. A verdade, Johnny, é que você arrenda os filmes pelo prazo de três semanas, mas não é obrigado a exibi-los se não aparece ninguém para vê-los.

— Estou entendendo, — disse Johnny, acabando o refresco. — Vamos conversar com Peter sobre isso.

A caminho da loja de ferragens, Joe disse a Johnny que bastava que ele fosse a Nova York e assinasse um contrato de arrendamento.

— Quem é esse camarada para quem você vai trabalhar?

— Chama-se Bill Borden. É o maior produtor independente.

— E você vai vender filmes para ele como vendia para a Graphic?

— Não. Estou cansado disso. Vou ver se faço os filmes. Disse a Borden que ele precisava era de alguém que soubesse o que os exibidores queriam e que, desde que eu estava nesse caso, era eu o homem de que ele precisava.

Johnny riu.

— Você não mudou nada desde o tempo em que trabalhávamos no parque.

— Claro. E quer saber de uma coisa? Isso é um negócio de tanto futuro que devemos continuar a trabalhar juntos. Quero ver você um dia no cinema também.

# 5

Johnny parou um instante com a mão na maçaneta da porta, ao ouvir a voz de Esther que falava com Peter.

— Como é? Ainda não está vestido? Doris e Mark estão contando com você para dar um passeio.

Johnny sorriu no corredor. Ouviu indistintamente a resposta de Peter, dada num tom de preguiça e queixa. Era domingo e ele gostava de ficar calmamente meio deitado na poltrona, lendo os jornais. Rodou a maçaneta e entrou na cozinha.

Esther olhou-o com surpresa.

— Acordou cedo, Johnny, — disse ela, ao lado do fogão.

— Só passei aqui um instante. Vim saber se Peter quer alguma coisa de Nova York.

— Vai a Nova York?

Parecia um pouco irritada ao dizer isso e Johnny não pôde perceber o motivo.

Peter o ouvira da sala ao lado e chegou à porta.

— Vai a Nova York? — perguntou ele, repetindo as palavras da mulher.

— Vou, — respondeu Johnny, laconicamente. Peter estava em mangas de camisa, com o cinto desabotoado. Estava engordando ultimamente e bem que tinha motivo para isso. As coisas estavam correndo muito bem.

— Que é que vai fazer? — perguntou Peter.

— Prometi a Joe que iria procurá-lo para ver alguns dos novos filmes de que ele falou. Voltarei amanhã, a tempo de pegar a primeira sessão da noite.

Peter encolheu os ombros.

— Se você quer viajar oito horas só para ver alguns filmes, o problema não é meu, mas eu não faria isso.

Johnny sorriu e pensou em silêncio que se Peter fizesse o mesmo talvez chegasse a compreender o que ele vinha procurando explicar-lhe havia meses — que o cinema era um grande negócio, maior até do que era capaz de sonhar.

— Tenho de ir, — disse ele em voz alta. — Preciso ter uma ideia do que está acontecendo na indústria.

Peter olhou-o. Havia um brilho fanático nos olhos de Johnny. O cinema havia empolgado por completo o espírito de Johnny, que vivia, comia e dormia pensando em filmes. Desde que ele começara a fazer viagens a Nova York para comprar filmes, não falava em outra coisa. Lembrava-se do que Johnny lhe dissera um dia ao voltar de Nova York: “Aquele camarada, Borden, está no caminho certo. Está fazendo filmes de duas partes com um pequeno enredo. E não é ele só. Fox e Laemmle estão fazendo o mesmo. Dizem que vai ser uma grande indústria e até esperam que um dia haja grandes teatros que só exibam filmes, como há agora para peças e óperas”.

Peter havia zombado da ideia, mas no íntimo tinha ficado impressionado. Talvez aqueles homens estivessem certos. Já havia visto os filmes que faziam. Eram sem dúvida alguma melhores do que os do consórcio, e eles deviam saber o que faziam.

Pensou um instante como seria bom possuir um teatro que só exibisse filmes, mas resolutamente tirou isso da ideia. Nunca daria certo. O cinema era uma simples curiosidade que poderia acabar de um momento para outro.

Doris entrou correndo na cozinha em companhia de Mark. Olhou, radiante, para Johnny.

— Vai passear conosco, Tio Johnny?

— Hoje não, queridinha, — disse ele, sorrindo, — Tio Johnny vai a Nova York tratar de negócios.

A decepção se estampou no rosto da menina. Esther olhou significativamente para o marido. Peter se aproximou e segurou a mão de Doris.

— Papai levará você, Liebchen, — disse ele. — Johnny espere por nós que vamos levá-lo à estação.

Saiu um instante para ir vestir o paletó.

— Quer café, Johnny? — perguntou Esther.

— Não, muito obrigado. Já tomei. Peter voltou à cozinha, já pronto.

— Vamos, Kinder!

Na rua, Mark puxou Johnny pela mão.

— Quero cavalinho, Tio Johnny.

Johnny riu e suspendeu o garoto, montando-o nos seus ombros.

Ao fim de alguns minutos, Peter notou que Doris tinha ido para o outro lado de Johnny e dava-lhe a mão. Sorriu. Era um bom sinal as crianças gostarem de alguém.

— Como vai Joe? — perguntou a Johnny. Não via Joe Turner desde que ele deixara o consórcio e começara a trabalhar com Borden.

— Vai muito bem. Tem feito uns filmes ótimos e Borden acha que ele é o melhor elemento.

— Ótimo. E Joe está satisfeito?

— Está. Mas quer ainda mais.

Johnny estava tentando afastar a mão de Mark que lhe puxava os cabelos.

Peter olhou severamente para o filho.

— Largue os cabelos de Tio Johnny senão vou fazê-lo descer daí.

Mark obedeceu e Peter perguntou:

— Que é que ele quer mais?

— Quer trabalhar em filmes por conta própria e está certo de que vai ganhar muito dinheiro.

— Que é que você acha? — perguntou Peter, interessado, embora procurasse não o parecer.

— Acho que ele está certo. Calculamos tudo. Um filme de uma só parte custa perto de 300 dólares e mais as cópias. De cada filme, podem tirar-se cem cópias. Cada uma pode ser arrendada pelo menos duas vezes a 10 dólares. Isso significa 2 mil dólares em cada filme. Não pode deixar de dar certo.

— O que é que ele está esperando então?

— Dinheiro. Precisa pelo menos de 6 mil dólares para câmaras e equipamento.

Tinham chegado à estação. Johnny tirou Mark dos ombros e disse:

— Sabe de uma coisa, Peter? Não seria um mau negócio para nós.

— Para mim, não, — replicou, Peter rindo. — Sei muito bem o que me serve e o que não me serve. Sabe o que acontece quando não se pode vender os filmes? Perde-se o dinheiro.

— Não creio que você tenha razão. Nós, por exemplo, estamos comprando filmes a todos e nunca nos damos por satisfeitos Todos os outros exibidores com quem tenho falado em Nova York estão na mesma situação. Não sei como poderemos errar com tantos fregueses ansiosos por mais filmes.

Peter tornou a rir, mas já sem tanta segurança.

— Não sou ambicioso, Johnny. Deixo as preocupações para os outros. Estou muito satisfeito com o que estamos ganhando.

Alguns minutos depois, o trem chegou e Johnny embarcou. Deu adeus aos amigos, em pé, na plataforma, sorrindo.

Conhecia Peter muito bem e sabia que plantara nele o germe de uma ideia. Com o tempo, a ideia germinaria e começaria a crescer.

Na estação, Doris começou a chorar, quando o trem partiu. Peter olhou-a com surpresa.

— Por que está chorando, Liebchen?

— Não gosto de ver ninguém ir-se embora num trem. Peter coçou a orelha. Tanto quanto sabia, era aquela a primeira vez que Doris via alguém ir-se embora num trem.

— Por quê?

— Não sei, Papai, disse ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Talvez Tio Johnny não volte mais.

Peter olhou-a por um momento em silêncio. Depois, tomou-lhe a mão e disse:

— Que tolice! Venha. Vamos dar o nosso passeio.

# 6

Estava escuro quando Johnny acordou. O quarto era estranho. Sentia a cabeça dolorida e pesada. Gemeu e estendeu os braços, espreguiçando-se.

Houve um movimento na cama ao lado dele e Johnny teve a surpresa de sentir na mão o contato de uma carne quente e macia. Voltou-se.

No escuro, mal podia ver o rosto da mulher que dormia ao lado dele. Estava deitada de lado, com um braço debaixo do travesseiro. Sentou-se na cama e procurou lembrar-se do que havia acontecido na noite passada. Lembrava-se de que Joe mandara buscar mais vinho. Estavam todos ficando bêbedos. Pouco a pouco, reconstituiu tudo.

Havia chegado ao estúdio por volta das cinco horas da tarde. Joe dissera que estavam trabalhando no domingo porque era o único dia que algumas das pequenas que ele havia contratado tinham de folga. Trabalhavam num teatro como coristas e aproveitavam a oportunidade de ganhar alguns dólares a mais.

Quando Johnny chegara, Joe estava tendo uma discussão com uma delas. A princípio, Johnny não pôde compreender o motivo da discussão, mas acabou sabendo que era por causa dos trajes que ela estava usando.

Bill Borden estava perto, com a cara franzida que Johnny já se habituara a ver com uma das características de todos os homens que trabalhavam no cinema. Joe calou-se e ficou esperando calmamente que a pequena acabasse de gritar. Johnny parou perto da porta. Ninguém notara sequer a sua chegada.

A pequena parou de gritar e Joe voltou-se para Borden.

— Tenha paciência com ela, Bill. Temperamento é uma coisa que não podemos aproveitar no cinema.

Borden não respondeu. O ar de preocupação no seu rosto ficou mais profundo.

A pequena recomeçou a dar gritos, dizendo a Joe:

— Não pode fazer isso comigo! A estrela do filme sou eu 1 Vou dar ordem ao meu agente para acionar a companhia!

Joe explodiu:

— Quem você pensa que é, com todos os diabos do inferno, e a quem é que você vai acionar? Você ganha mais num dia de trabalho aqui do que numa semana inteira mostrando as coxas no teatro! Acione se quiser e você nunca mais trabalhará em nenhuma companhia de cinema! Vamos! Se quiser mesmo trabalhar no filme, tire esse vestido agora mesmo e fique de camisa! E não me

venha com conversa fiada. Vi você no Bijou nuinha em pelo. E foi por isso mesmo que a contratei!

A pequena olhou-o em silêncio alguns instantes. Depois disse:

— Está muito bem! Vou fazer-lhe a vontade!

Num movimento rápido, afastou-se um pouco, tirou o vestido pela cabeça e jogou-o aos pés de Joe.

Johnny não pôde conter uma exclamação de espanto. A pequena estava com o vestido em cima do corpo e se mostrava sem uma só peça de roupa.

Joe -apanhou prontamente o vestido e correu para cobrir-lhe o corpo. Borden levou as mãos à cabeça e gemeu. A pequena disse a Joe com um sorriso:

— Você terá de arranjar-me uma camisa. Estava fazendo muito calor e eu saí de casa assim.

Joe começou a rir.

— Por que não disse logo? Teria poupado toda essa atrapalhação.

Alguns minutos depois, a moça estava com uma camisa e a câmara começou a rodar. Joe viu Johnny e aproximou-se dele, com um sorriso nos lábios.

— Viu as coisas que tenho de aturar?

— É duro, não é? — disse Johnny, piscando o olho.

— Não brinque, Johnny. Essas meninas são maluquinhas. A gente nunca sabe o que pode esperar delas.

— Pois acho que você não tem de que se queixar, — disse Johnny, rindo.

— Bem, vá para a sala de projeção ver os filmes. Quando você acabar, eu também já deverei ter acabado aqui e nós iremos jantar.

— Está bem, — disse Johnny, afastando-se.

— Espere um pouco, Johnny. Não acha que seria uma boa ideia irmos jantar com duas dessas pequenas? Não creio que você esteja levando uma vida muito sadia em Rochester.

— É muito gentil da sua parte preocupar-se comigo, Joe. Suponho que você pode passar sem mulheres, não é?

— Para mim, tanto faz como tanto fez. Mas ainda me lembro da paixão que você teve aos 16 anos por aquela contorcionista. Que trabalho você deu a Santos nessa ocasião!

Johnny ficou vermelho e quis responder alguma coisa, mas nesse momento Borden apareceu muito nervoso e levou-o para a sala de projeção. Quando saiu de lá, Joe esperava-o com duas pequenas.

Joe apresentou-as. Uma delas era a que havia discutido naquela tarde com ele. Chamava-se May Daniels e do jeito pelo qual ela e Joe se tratavam,

pareciam velhos amigos. A outra era uma loura muito bonita chamada Flo Daley.

Sorriu para Johnny e Joe lhe disse:

— Seja boazinha para ele, Fio. É um dos nossos melhores fregueses.

Jantaram no Churchill's. Joe estava muito contente. Fizeram um filme todo naquela tarde. Depois que acabaram de jantar, ele acendeu um charuto e perguntou em voz baixa a Johnny:

— Já conversou com Peter?

— Já. Esta manhã mesmo. Creio que ele vai topar.

— Tomara. Borden está trabalhando no novo estúdio em Brooklyn e será ótimo que Peter fique logo com este daqui. Para nós, será ótimo.

— Ele vai fazer o negócio, Joe. Tenho certeza.

— Ótimo! — disse Joe, recostando-se na cadeira e lançando para o ar uma baforada de fumaça.

— Por que vocês, homens, não podem deixar de falar de negócios? — perguntou-lhe May. — Por que não se esquecem um instante dessas coisas e não se divertem?

— Tem toda a razão, menina! — disse Joe, apertando-lhe o joelho por debaixo da mesa. — Vamos nos divertir. Garçom, mais vinho!

Quando chegaram ao apartamento de Joe, era tarde e estavam discutindo sobre o número de cinemas que Johnny possuía. Joe dizia que eram vinte e um, ao passo que Johnny reclamava do exagero e dizia que eram apenas vinte.

Flo se declarou espantada de que um homem tão moço já fizesse tanto sucesso na vida e Joe lhe assegurou que Johnny era um gênio dos negócios e vivia sempre tão ocupado que não tinha nem tempo de contar os cinemas que possuía.

Entraram no apartamento e Johnny disse a Joe:

— Você está muito alto. É melhor ir dormir logo. Apesar dos protestos de Joe, levaram-no para o quarto. Ele se jogou imediatamente na cama e não deu mais acordo de si. Tentaram tirar-lhe a roupa, mas May disse de repente que também estava muito cansada e se jogou na cama também vestida ao lado de Joe, dormindo no mesmo instante. Johnny e Flo se olharam, sorrindo.

— Coitados! Não aguentam bebida, — disse ele, solenemente. Saíram juntos com passos incertos para o outro quarto.

Ela fechou a porta e abriu os braços para ele.

— Gosta de mim, Johnny?

Johnny olhou-a e achou estranho que ela não lhe parecesse mais tão tonta quanto pouco antes. Abraçou-a, dizendo:

— Claro que gosto de você, menina.

— Que é que estamos esperando então? — perguntou ela, em voz baixa e nervosa.

Johnny beijou-a e sentiu seu corpo colar-se ao dele. Meteu a mão pelo decote do vestido e sentiu um seio quente tremer-lhe entre os dedos. Procurou arrastá-la para a cama.

Ouviu-a rir.

— Espere um pouco, Johnny. Não é preciso rasgar-me o vestido.

Ele abriu os braços e viu-a despir-se apressadamente, enquanto pensava: "Joe tem razão. A vida que estou levando não é sadia", Mas alguma coisa lhe dizia bem no íntimo que ele não teria tempo bastante para aquilo e para tudo mais que queria.

Fio deixou as roupas no chão e voltou-se para ele.

— Viu? É muito melhor assim, não é?

Ele não respondeu. Puxou-a com os braços e os lábios se encontraram. O corpo dela era como fogo ao seu contato e ele afastou da cabeça todos os pensamentos, entregando-se ao calor daquele momento.

Sentia a cabeça latejar. Levantou-se da cama e ficou olhando a pequena que dormia. Levantou a colcha.

A pequena moveu-se, murmurou alguma coisa e sorriu no sono. Nada tinha sobre o corpo.

Lembranças ainda quentes, passaram-lhe pela cabeça. Deixou cair a colcha e foi para o banheiro.

Fechou a porta e acendeu a luz que lhe doeu nos olhos. Abriu a torneira de água fria e ensopou a cabeça repetidamente. Afinal, começou a sentir-se melhor. Pegou uma toalha e enxugou-se. Olhou-se no espelho e passou a mão pelo rosto. Precisava fazer a barba, mas não tinha tempo.

Voltou para o quarto e vestiu-se. Depois, saiu do apartamento sem acordar ninguém. O ar da manhã era fresco e revigorante. Eram seis e meia. Tinha de apressar-se ou não pegaria o primeiro trem para Rochester.

# 7

Johnny entrou na cozinha, quente e confortável com o calor irradiado do grande fogão.

— Onde está Peter? — perguntou. Esther voltou-se do fogão e disse:

— Foi andar um pouco.

— Com esse tempo? — perguntou ele, indo até à janela. A neve continuava a cair. — A rua já deve ter bem um metro de neve.

— Que é que ia fazer? Disse-lhe que não saísse mas ele não me ouviu. Anda bem inquieto ultimamente.

Johnny também havia sentido o nervosismo de Peter desde que eles, três dias antes, tinham tido de fechar o nickelodeon em vista da pesada tempestade de neve. O verão tinha sido muito rendoso, mas as primeiras neves do inverno os haviam forçado a fechar.

Esther olhou para ele, pensando ainda em Peter.

— Não sei o que há com ele ultimamente. Nunca foi assim.

Johnny deixou-se cair numa cadeira em frente dela e perguntou com as sobrancelhas franzidas:

— Assim como?

— Desde que o cinema começou a funcionar, ele está diferente. Dantes, um pouco mais ou um pouco menos de dinheiro ganho na loja não tinha muita importância para ele. Agora, vai para a janela, vê a neve cair e murmura irritado que está perdendo dinheiro.

— As coisas não são tão ruins assim, — disse Johnny, sorrindo. Lá no parque de diversões, nós sabíamos muito bem que o sol não pode brilhar todos os dias. Aproveita-se ao máximo o bom tempo para compensar os dias de chuva e neve.

— Ainda hoje, disse-lhe que não tínhamos motivo de queixa, pois até agora temos sido felizes, mas ele não me deu resposta e saiu pela porta afora.

Estava sentada na cadeira diante de Johnny e olhou para as mãos juntas no colo. Quando levantou a cabeça, os olhos estavam cheios de lágrimas.

— Às vezes, tenho até a impressão de que não o conheço mais e ele passou a ser um homem diferente, quase um estranho. Ainda me lembro de quando estávamos em Nova York e o médico disse que Doris só ficaria boa se saíssemos da cidade. Peter vendeu a loja que tinha lá e veio para cá sem um segundo de hesitação. Não sei se ele seria capaz de fazer a mesma coisa agora.

Johnny sentia-se embaraçado com tais confidencias e disse, tentando consolá-la:

— É que ele tem trabalhado muito ultimamente. Não é muito fácil dirigir dois negócios ao mesmo tempo.

Um súbito sorriso brilhou entre as lágrimas diante dessa fraca tentativa de consolá-la.

— Não é preciso dizer isso, Johnny, pois eu sei de tudo. Desde que você voltou, ele não tem tido mais nada que fazer no cinema.

— Mas a responsabilidade de tudo é dele.

— É bondade sua dizer isso, Johnny, mas a verdade é que você não consegue enganar ninguém.

A sopa começou a ferver no fogão e ela foi cuidar das panelas. Mas continuou a falar, de costas para ele.

— Não é nada disso. Há alguma coisa que o está preocupando e eu não sei o que é.

Havia em sua voz um tom de desânimo. Ainda se lembrava de quando Peter aparecera na loja do pai dela. Tinha quatorze anos nessa época e Peter era um ano mais velho.

Acabava de chegar aos Estados Unidos e trazia uma carta do tio dela, irmão do pai, que havia ficado em Munique. A aparência era extremamente desajeitada e os braços lhe saíam quase até ao cotovelo das mangas muito curtas do paletó. Seu pai empregara-o na pequena loja de ferragens de Rivington Street e Peter havia começado a frequentar a escola noturna. Ela costumava ajudá-lo nas lições de inglês.

Era a coisa mais natural do mundo que acabassem amando-se. Lembrava-se do dia em que ele fora pedi-la em casamento ao pai. Ficara olhando atrás da porta na sala dos fundos da loja. Peter ficara ali desajeitadamente a olhar para o pai que, sentado num tamborete atrás do balcão, com o pequeno Yamalke preto na cabeça, lia o jornal judeu através das pequenas lentes dos óculos.

Afinal, depois de um longo e penoso silêncio, Peter abrira a boca.

— Sr. Greenberg...

O pai olhara-o por cima dos óculos sem dizer uma palavra, pois não era homem dado a falar muito.

Peter estava muito nervoso e murmurava em palavras entrecortadas:

— Eu... isto é, nós... Esther e eu... queremo-nos casar.

O pai olhara-o por cima dos óculos e, sem falar, voltou à leitura do jornal. Esther lembrava-se de que o coração lhe batia tão alto que ela tivera medo de que ouvissem da loja.

Peter voltara a falar, com a voz ainda mais cheia de ansiedade.

— Ouviu o que eu disse, Sr. Greenberg?

O pai voltara a olhá-lo e falara em iídiche:

— Claro que ouvi. Sou por acaso surdo?

— Mas... mas o senhor não respondeu.

— Não disse “não”, disse? E não sou tão cego que não tivesse visto o que iam pedir.

E voltara a ler o jornal.

Peter ficara parado um instante como se não acreditasse. Depois, saiu correndo para ir dar a notícia a Esther. Ela mal tivera tempo de sair de trás da

porta quando ele entrou impetuosamente para dar-lhe a notícia.

Quando o pai morreu, Peter tomara conta da loja. Doris havia nascido na sala dos fundos. Com três anos de idade, era uma menina muito doente e o médico dissera que o único remédio era sair com ela daquela cidade. Assim é que tinham vindo para Rochester, onde, alguns anos depois, Mark nascera.

Havia agora, porém, em Peter uma agitação, uma ansiedade que ela não conhecia e não compreendia. Sentia-se estranhamente excluída dos seus pensamentos, numa separação que lhe era muito dolorosa.

De repente, Peter entrou na cozinha, sacudindo a neve das roupas.

Johnny deu um suspiro de alívio. O prolongado silêncio de Esther aumentara-lhe o embaraço e tinha sido ótimo Peter chegar naquele momento.

— Que tempo! — murmurou ele.

— Horrível! — exclamou Peter. — Parece que amanhã também não poderemos abrir. A impressão que se tem é que esse tempo miserável nunca mais vai melhorar.

Tirou o sobretudo e jogou-o em cima de uma cadeira. As gotas de água começaram logo a correr para o chão, à medida que o calor da cozinha ia derretendo a neve.

— É o que eu acho também, — disse Johnny. — Estou pensando em ir até Nova York para ver Joe no estúdio. Por que não vem comigo?

— Para quê? Já lhe disse que não me interessa.

Esther olhou de repente para ele. Percebera intuitivamente pela sua voz que era o que o estava preocupando.

— Que é que você quer que ele faça, Johnny? — perguntou ela.

Johnny voltou-se pressurosamente, sentindo nela uma aliada.

— Bill Borden vai abrir dentro em breve um novo estúdio em Brooklyn e vai vender o velho. Quero que Peter vá comigo a Nova York para ver o estúdio. Se gostar, talvez ele, Joe e eu façamos uma sociedade.

— Para fazer filmes? — perguntou ela, olhando Peter pelo canto dos olhos.

— Para fazer filmes, sim, — respondeu Johnny. — Pode-se ganhar muito dinheiro, pois as coisas estão melhorando de dia para dia.

E começou entusiasticamente a falar das possibilidades que via.

Esther escutou atentamente. Tudo aquilo era novidade para ela, mas Peter sentara-se numa cadeira com um ar de profundo aborrecimento. Mas ela bem sabia que, por trás daquela máscara de desinteresse, a ideia o empolgava.

Sentaram-se à mesa e Johnny continuou a falar até acabarem de comer. Quando desceu para ir dormir, as suas palavras ficaram ressoando na cabeça de

Esther. Peter não fizera qualquer comentário. Parecia absorvido em outros pensamentos.

Foram para a cama às nove horas. Ainda nevava e o quarto estava frio. Esther esperou que o marido se deitasse. Estava sonolento, mas Esther queria conversar.

— Por que não vai até Nova York e não vê com os seus olhos se é verdade o que Johnny está dizendo?

Ele resmungou e voltou-se para outro lado.

— Para quê? Ele é ainda muito garoto e se entusiasma à toa.

— Ele estava certo quanto ao cinema. Pode estar certo nisso também.

— É bem diferente, — disse ele, sentando-se na cama. — Todos nós sabemos que esse negócio de cinema é apenas uma curiosidade. Quando passar e o povo se cansar, fecharemos a casa e pronto. Não teremos prejuízo porque quase não entramos com dinheiro. Mas negócio de fazer filmes é muito diferente. Exige muito dinheiro. Mas se baseia na mesma novidade e quando os cinemas se fecharem, que é que vai acontecer? Todo dinheiro estará perdido. Ao passo que com o nosso cinema aqui, deixaremos apenas de ter lucros, mas não perderemos nem o dinheiro, nem o sono.

— Mas Johnny acha que vai crescer ainda mais. Disse que pelo país todo abrem-se cinemas novos à razão de vinte por semana.

— Assim, acabarão mais depressa. Agora, diga-me uma coisa: por que está tão interessada assim de repente no que Johnny diz?

— Porque você está, Peter. Só que eu não fico à procura de desculpas para não fazer uma coisa de que tenho medo.

Peter não respondeu mas ficou pensando: “Ela tem razão. Estou com medo de arriscar-me. É por isso que não quero ir com Johnny. Tenho medo de que ele esteja com a razão e eu tenha de meter-me mesmo nisso.”

Houve silêncio durante algum tempo. Peter já ia conciliando o sono quando Esther falou de novo.

— Está acordado?

— Estou, — respondeu ele com impaciência.

— Talvez seja uma boa ideia isso em que Johnny está pensando, Peter. Tenho a impressão.

— Eu também, — resmungou ele. — Tenho a impressão de que estou com sono.

— Não, Peter. Estou falando a sério. Lembra-se de quando o médico nos disse para levar Doris para fora e o que eu senti a respeito de Rochester?

Peter não queria que ela soubesse, mas tinha muito respeito pelas intuições da mulher. Vezes sem conta o tempo lhe dera razão. Naquela ocasião,

ele tinha querido ir para outro lugar. Ela insistira em Rochester e eles tinham ido para aquela cidade e tudo lhes correra bem. O homem que comprara a loja que ele preferia em outra cidade, havia falido.

— E daí?

— Bem, agora tenho a impressão de que viemos para cá com determinado fim e que agora está na hora de voltarmos para Nova York. Nunca disse nada porque o motivo da nossa vinda foi a saúde da menina, mas agora, graças a Deus, ela está muito bem e eu sinto falta da minha gente, de minha família. Quero que Mark vá ao cheder onde meu pai costumava rezar. Quero viver num lugar onde ouça falar iídiche e quero ir com meus filhos para a frente da padaria de Rivington Street e sentir o cheiro dos matzos saidinhos do forno, como meu pai e eu costumávamos fazer. Esse sentimento de que está na hora de voltar é muito forte agora em mim. Por favor, Peter, faça a vontade de Johnny e vá ver. Se achar que não presta, não se falará mais nisso, mas vá ver.

Talvez nunca ela houvesse falado tanto de uma só vez. Nos silêncios, Esther se parecia muito com o pai e Peter ficou realmente impressionado. Fez a cabeça dela descansar-lhe no ombro e lhe acariciou os cabelos. Por fim falou, com voz terna e em iídiche:

— Está bem. Vou ver.

— Amanhã?

— Sim, mas não estou prometendo nada!

Esther ficou durante muito tempo acordada, ouvindo a respiração regular de Peter, que adormecera. Era engraçado o trabalho que dava às vezes convencer um homem a fazer o que ele mesmo queria fazer.

# 8

Chegaram ao estúdio de Borden às três da tarde do dia seguinte. Johnny, que já conhecia tudo, levou Peter diretamente ao lugar onde Joe estava trabalhando.

— Sentem-se por aí e fiquem olhando, — disse ele logo que os viu. — Vou falar com vocês daqui a pouco.

Mas levou quase uma hora para aparecer. Enquanto isso, Peter correra o estúdio em companhia de Johnny. Apesar da sua inexperiência, podia perceber a aura de intensa atividade que se desenvolvia em torno dele. Havia três turmas que trabalhavam em diversas plataformas, que eram chamadas de palcos, segundo explicou Johnny. As pessoas tinham um ar de orgulho, de segurança, de

consciência de que estavam fazendo um trabalho que era a coisa mais importante do mundo.

Peter observou Joe, que estava ensaiando um grupo de atores numa cena que ia ser rodada. Fazia-os repetir muitas vezes os movimentos da cena até que fizessem tudo exatamente como ele queria. Isso fez Peter lembrar-se do seu tempo de menino quando levava o almoço do pai no teatro de Munique. O pai dele era segundo violino da orquestra, que estava quase sempre ensaiando quando ele chegava. O maestro gritava, reclamava e se aborrecia até o momento em que se fazia silêncio e se tocava o número pela última vez antes do concerto daquela noite. Quando acabavam, o maestro, se estava satisfeito, dizia com o rosto sorridente:

— Agora, sim. Podem tocar até para o Rei, se ele aparecer.

Era o que Joe estava fazendo. Obrigava-os a representar a cena uma vez após outra e, quando tudo estava certo, mandava filmar. Peter sentiu uma vaga opressão no peito enquanto observava. Aquilo era uma coisa que ele podia compreender. O pai havia-o obrigado a praticar violino quase todos os dias porque fazia questão de que ele um dia tocasse ao lado dele na orquestra. Peter sabia quanto custara ao pai deixá-lo partir para os Estados Unidos quando o Kaiser começara a recrutar todos os moços para o exército. Ainda estava pensando nessas coisas quando Joe terminou a cena e foi falar com ele.

— Afinal você veio, — disse Joe, sorrindo.

— O cinema está fechado por causa do inverno, — explicou ele, cautelosamente. — E eu não tinha nada melhor para fazer.

— E que é que acha de tudo? — perguntou Joe apontando o estúdio com um movimento circular da mão.

— Interessante, muito interessante. Joe voltou-se para Johnny.

— Acho que vi Bill chegar enquanto eu estava trabalhando. Por que não leva Peter para falar com ele? Quero filmar ainda uma cena hoje.

— Está certo, — disse Johnny.

Peter acompanhou-o até ao escritório, que era uma grande sala cheia de mesas onde trabalhavam alguns homens e moças. Nos fundos da sala, havia uma grade baixa que separava a mesa de William Borden, uma grande secretária de tampo corrediço que o ocultava quase por completo. Só se via o alto de sua cabeça calva enquanto ele se movia ou falava ao telefone numa mesinha ao lado.

Johnny levou Peter até ele e disse:

— Sr. Borden, quero apresentar-lhe o meu patrão, Peter Kessler.

Borden levantou-se e ele e Peter olharam-se durante alguns momentos em silêncio. Borden então sorriu e estendeu a mão.

— Peter Kessler! Não se lembra mais de mim? Peter hesitou um instante, mas logo o reconheceu.

— Willie! Willie Bordanov... Seu pai era...

— Isso mesmo! Meu pai era vendedor ambulante num carro de mão em Rivington Street e fazia ponto em frente à loja de ferragens de Greenberg. Sei que se casou com a filha dele, Esther. Como vai ela?

Os dois homens estavam conversando animadamente e Johnny deixou-os para ir falar com Joe. Tinha a impressão de que alguma coisa iria sair dali. Bill Borden era o melhor vendedor que havia na indústria do cinema. Teve mais do que certeza disso quando Peter lhe disse, pouco depois, que iam jantar na casa de Borden naquela noite.

Foi depois do jantar, quando estavam todos sentados na cozinha da casa de Borden que a conversa voltou a girar sobre cinema.

Até então, com grande aborrecimento de Johnny, os dois homens se haviam limitado a falar dos velhos tempos em Rivington Street. Foi Johnny que puxou a conversa sobre cinema. Provocara Boxden a falar sobre o consórcio de produtores que era o que particularmente o enfurecia. Pouco a pouco, levou-o a afirmar que se houvesse mais produtores independentes, o consórcio teria de perder a partida.

— É o que venho dizendo a Peter, — disse Johnny, — mais ele pensa que o ramo de ferragens é mais seguro.

Borden olhou para Peter e, depois, para Johnny.

— Talvez Peter tenha razão e o negócio de ferragens seja mais seguro. Mas as oportunidades no cinema são maiores. Promete resultados melhores para os que se dispõem a abrir o caminho na indústria. Vejam o meu caso. Comecei há três anos com mil e quinhentos dólares de capital. Estou vendendo filmes para todo o país e os meus lucros regulam oito mil dólares por semana. No ano que vem, com o novo estúdio, farei o dobro.

As cifras impressionaram Peter.

— Quanto custaria entrar no negócio agora? — perguntou ele.

— Está falando sério?

— Claro que sim, — disse Peter. — Johnny vem há seis meses lutando comigo para entrar com ele no negócio de cinema. Por isso, estou falando sério. Acha que se há dinheiro nisso eu posso fazer pilhérias?

Borden olhou para Johnny com maior respeito.

— Foi por isso então que não aceitou o lugar que lhe ofereci, Johnny. Tinha planos próprios. A verdade, Peter, é que convidei Johnny umas dez vezes a vir trabalhar comigo e ele sempre recusou. Agora, eu sei por quê.

Peter sentiu-se comovido pelo fato de que Johnny houvesse recusado o emprego sem nada lhe dizer.

— Johnny é um bom rapaz, — murmurou ele. — É como se fosse uma pessoa da família.

— Vamos aos negócios, — disse Johnny, embaraçado. — Quanto acha que é preciso?

Os dois homens sorriram compreensivamente um para o outro e Borden recostou-se na cadeira.

— Peter poderá iniciar o negócio com dez mil dólares.

— Nada feito então, — disse Peter, acendendo um cigarro. — Não disponho de tanto dinheiro.

— Mas eu tenho uma ideia, — replicou Borden. — Se quer mesmo entrar no negócio, posso fazer-lhe uma proposta.

— Qual é?

— Como já disse, vou abrir um novo estúdio em Brooklyn daqui a algumas semanas. Pretendia vender o meu equipamento do estúdio velho porque comprei tudo novo para o outro. Posso vender-lhe o meu equipamento do estúdio velho por seis mil dólares e pode crer que fará um bom negócio.

— Willie, — disse Peter, levantando-se e olhando firmemente para Borden, — você não mudou nada desde o tempo em que me tentava vender por cinco centavos cordões de sapatos de dois centavos do carrinho de seu pai. Não conheço nada de cinema, mas não sou tão cego quanto você pensa. Acha que não sei do estado do seu equipamento velho? Trabalho há muitos anos em ferragens e conheço mercadoria. Se você tivesse falado em três mil dólares, talvez pudéssemos conversar. Mas por seis mil, eu só posso é rir.

Johnny quase perdeu o fôlego. Peter estaria maluco? Não sabia que era dificílimo conseguir equipamento de cinema, pois o consórcio controlava tudo, e que havia muita gente que aproveitaria sem pestanejar a oportunidade de comprar aquele equipamento por seis mil dólares?

Mas a resposta de Borden espantou Johnny ainda mais.

— Peter, — disse ele, — o único motivo pelo qual eu lhe fiz uma oferta tão boa é porque quero ver você ao meu lado na indústria. Tenho a ideia de que você vai mesmo entrar no negócio e vou fazer-lhe outra proposta. De você, e só de você, aceitarei três mil dólares em dinheiro e três mil dólares a prazo, com a garantia do equipamento. E é tal a confiança pessoal que tenho em você que esse prazo será incerto. Você me pagará quando ganhar esse dinheiro.

Peter estava empolgado pelo espírito do negócio.

— Baixe o preço para cinco mil dólares, dois mil de entrada e o resto a prazo sob garantia e eu vou pensar. Posso até consultar Esther.

Johnny tornou a fitar surpreso. Não compreendia por que Peter dissera que ia consultar Esther. Não via a necessidade. Afinal de contas, o que era que Esther entendia de cinema?

Mas Borden não mostrou surpresa. Olhou atentamente para Peter, ficando decerto satisfeito com o que observou, pois bateu amistosamente no ombro de Peter e disse:

— Feito, rapaz! Se Esther concordar, o negócio está fechado!

# 9

Peter quase não abriu a boca no trem durante a viagem de volta e Johnny se habituara a ficar calado também nessas horas em que Peter queria ficar sozinho com os seus pensamentos.

O chão ainda estava compactamente coberto de neve quando desembarcaram do trem e tomaram o caminho de casa. Quando já iam quase chegando lá foi que foi Peter começou a falar.

— Não é tão fácil quanto você pensa, Johnny. Tenho de resolver muitas coisas antes de aventurar-me a fazer uma coisa dessas.

Johnny teve a impressão de que Peter estava falando mais para si mesmo do que para saber a sua opinião e não respondeu.

— Tenho responsabilidades aqui. É preciso vender o cinema, a loja e a casa para que possamos ter algum dinheiro para trabalhar. O movimento é pequeno agora na loja, mas eu tenho um grande estoque que esperava vender na primavera.

— Mas não podemos esperar, — disse Johnny. — Bill não concordará em esperar tanto tempo. Precisa de vender o equipamento.

— Sei disso, Johnny, mas que é que eu posso fazer? Bill quer dois mil dólares em dinheiro agora e eu não tenho esse dinheiro. E, afinal de contas, não tenho certeza de que seja um bom negócio. É uma coisa muito arriscada. E se eu não conseguir vender os filmes? A verdade é que não sei absolutamente como é que se faz um filme.

— Joe vai trabalhar conosco e ele sabe. Os seus filmes são os melhores produzidos por Borden. Não podemos perder.

— Talvez não. Mas não temos garantias.

Peter subiu para o seu apartamento e Johnny entrou no cinema.

— Alô, Johnny, — disse George do seu balcão de sorvetes.

— Alô, George, — disse Johnny, chegando ao balcão e sentando-se num dos bancos altos.

George colocou uma xícara de café diante dele e perguntou:

— Fez boa viagem?

— Fiz, sim, — disse Johnny, tomando o café. — E seria ainda melhor se Peter não fosse tão cauteloso, — acrescentou em pensamento. E continuou em voz alta: — Não pensei que você abrisse hoje. Com esse frio, ninguém vai sair de casa.

— Ora, se vai, — disse George. — Você devia ter visto ontem à noite. O povo começou a aparecer logo que parou de nevar e ficou esperando na porta que o cinema abrisse.

— Não me diga! Veio mesmo gente aqui ontem por dentro dessa neve toda?

— Claro que veio.

— Você disse que íamos abrir esta noite?

— Não, — disse George, todo satisfeito, — Fiz ainda melhor. Fui lá em cima falar com Madame Kessler. Ela olhou pela janela e viu o povo. Desceu e abriu o cinema. Fizemos uma boa féria.

— Será possível? Mas quem fez funcionar o projetor?

— Eu mesmo. Madame Kessler vendeu as entradas e meu irmão Nick tomou conta do balcão sozinho. Foi tudo ótimo. O filme só quebrou duas vezes.

— Não era nada duas vezes numa noite.

— Como foi que aprendeu a trabalhar com a máquina? — perguntou Johnny, admirado.

— Vendo você trabalhar, — respondeu George, sorrindo. — Acho o cinema muito bom negócio, sabe? O dinheiro entra fácil. Coloca-se o filme numa ponta da máquina e o dinheiro sai pela outra.

Johnny nunca ouvira uma definição melhor. Acabou o café e levantou-se para ir para o seu quarto nos fundos da loja.

— Espere um pouco, Johnny.

— Que é, George?

— Madame Kessler me disse Peter foi a Nova York para ver se começa a trabalhar em cinema por lá.

— Talvez.

— Que é então que ele vai fazer com isto aqui? Vai vender?

— É bem possível.

— Neste caso, — disse George, agarrando ansiosamente o braço de Johnny, — acha que ele pode vender para mim?

Johnny pensou um momento antes de responder.

— Se ele resolver vender e se você tiver dinheiro para comprar, não sei por que ele não fará negócio com você.

George voltou os olhos para o chão. Como sempre que ficava nervoso, tinha o rosto um pouco vermelho.

— Quando cheguei aqui há quinze anos, era um grego bem pobre. Mas meu irmão Nick e eu vivemos com muito pouco e conseguimos juntar alguns dólares talvez para voltar um dia para a nossa terra. Mas não queremos voltar ainda. Queremos agora é ter um cinema.

— Por que chegou a essa decisão?

— Tenho lido nos jornais que estão abrindo cinemas em todo o país. Alguns teatros em Nova York chegaram até a transformar-se em cinemas. Se Peter me vender o prédio todo, abrirei aqui um bom cinema como os de Nova York.

— Quer comprar todo o prédio, George?

— Quero, sim, desde que Peter não queira dinheiro demais. Compro até a loja de ferragens.

Peter havia acabado de explicar a Esther por que não podia aceitar a proposta de Borden quando Johnny subiu as escadas na carreira.

— Está tudo resolvido, Peter! Tudo resolvido!

— Resolvido como? — perguntou Peter, olhando-o como se ele houvesse enlouquecido.

Johnny estava de fato agitadíssimo. Segurou as mãos de Esther e ensaiou alguns passos de dança com ela.

— O caso está todo resolvido! — exclamou. — George vai comprar tudo!

— Deixe de ser maluco e fique um instante parado! — exclamou Peter. — Está dizendo que George vai comprar tudo? Com que dinheiro?

— Acaba de me dizer que tem o dinheiro e quer comprar todo o prédio.

— Você está é doido. É impossível!

— Impossível? — exclamou Johnny. Foi até à porta, abriu-a e gritou: — George, quer vir aqui em cima um instante?

Ficou esperando junto à porta. Ouviram-se os passos de George na escada, a princípio hesitantes e, depois, mais firmes à medida que se aproximavam. Afinal apareceu, muito tímido, de olhos baixos e rosto vermelho.

— É verdade o que Johnny está dizendo?

George quis falar mas não pôde. As palavras não lhe chegavam aos lábios. Olhou Peter desconsoladamente.

Foi Esther quem foi em socorro dele. Sentindo a aflição do pobre homem e compreendendo a sua causa, aproximou-se dele e disse calmamente:

— Sente-se um pouco, George, e enquanto vocês homens, falam de negócios vou fazer um bom café para todos nós.

E assim se resolveu tudo. Uma semana depois, George havia comprado o prédio e o cinema por 12 mil dólares, metade em dinheiro e metade em títulos garantidos por hipoteca. Peter providenciou sobre a venda do estoque da loja ao único outro negociante de ferragens que havia na cidade, e que teve muito prazer em comprar e assim eliminar um concorrente.

Logo no dia seguinte, Peter assinou o contrato com Borden e, uma hora depois, arrendou o prédio onde estava o equipamento assegurando assim a localização do estúdio.

Quando todos os papéis foram assinados, Borden voltou-se para Peter e disse, rindo:

— Agora, você vai precisar de alguma ajuda para fazer filmes. Tenho alguns parentes que entendem disso e podem dar-lhe uma mão. Quer que os mande falar com você?

Peter sorriu e sacudiu a cabeça.

— Acho que não vou precisar deles.

— Mas você não pode fazer filmes sozinho, Peter. Só estou falando para seu bem. Afinal de contas, você não entende nada disso.

— É verdade. Mas tenho algumas ideias e quero experimentá-las primeiro.

— Bem, nada tenho com isso, — disse Borden. O problema é seu.

Estavam sentados a uma grande mesa num restaurante da Rua 14. Estavam presentes Borden e a mulher, Peter, Esther, Johnny e Joe. Borden levantou-se para fazer um brinde.

— À saúde de Peter Kessler e de sua gentil esposa, Esther, — disse Borden, com uma taça de champanha na mão. — Desejo-lhe todas as felicidades na...

Parou de repente, teve alguns momentos de hesitação e disse: — Lembrei-me agora de uma coisa. Você ainda não tem nome para a sua companhia. Como é que vai chamá-la?

— Ainda não pensei nisso, — murmurou Peter, perplexo. — E não sabia nem que era preciso ter um nome.

— É coisa da maior importância, — disse solenemente Borden. — Como é que o público vai ficar conhecendo os seus filmes?

— Tenho uma ideia, — disse Esther.

Todos olharam para ela.

— Peter, — disse ela, — com foi que o garçom chamou aquela garrafa de champanha que você pediu?

— Um magnum.

— É isso mesmo. Por que não chama a companhia de Manum Filmes?

Um coro de aprovação elevou-se da mesa.

— Está resolvido! — disse Borden, concluindo o brinde. — À Magnum Filmes! Que os seus filmes sejam vistos em todo o país ao lado dos da Borden Filmes!

Todos beberam e Peter levantou-se. Olhou em volta da mesa, segurou a taça e disse:

— À saúde de Willie Borden, cuja boa vontade nunca poderei esquecer.

Todos acompanharam o brinde. Mas Peter não se sentou.

— Hoje é um grande dia em minha vida. Inicio a indústria da produção de filmes numa companhia que terá um nome escolhido por minha querida esposa. Agora, quero fazer uma comunicação aos presentes. Trata-se da nomeação de Joe Turner como gerente de estúdio e de produção da Magnum Filmes.

Borden não pareceu surpreso. Sorriu e estendeu a mão para Joe por cima da mesa.

— Não é de admirar que Peter não queira nenhum dos meus parentes. Você deve ter aberto os olhos dele.

Houve risos satisfeitos em toda a mesa. Peter estivera até então preocupado com a reação de Borden. Não sabia que Johnny e Joe haviam conversado com Borden algumas horas antes.

— Esperem um pouco, — disse Peter. — Tenho outra comunicação.

Levantou a taça e disse:

— Aos meus sócios, Johnny Edge e Joe Turner. Joe ficou de olhos arregalados, sem poder falar.

Johnny levantou-se, porém, e correu para Peter com o coração a bater forte e os olhos marejados.

— Peter! Peter!

Peter olhou-o, rindo.

— Calma, Johnny! Não fique tão entusiasmado! Afinal de contas, você só vai ter 10% dos lucros!

# CONSEQUÊNCIAS

## 1938

# Terça-feira

Fica-se ali na cadeira do avião, tentando dar a impressão de completa displicência. A pressão nos ouvidos vai cada vez aumentando mais, ao mesmo tempo que se forma um bolo bem forte na boca do estômago. As luzes são bem fracas dentro do avião e é preciso apertar os olhos para ver como os outros passageiros estão reagindo. De repente, as rodas tocam no chão. Percebe-se então que se vinha mastigando o chiclete violentamente e, de súbito, sente-se um gosto ruim na boca.

Tirei um lenço de papel, depositei nele o chiclete e joguei-o fora. As rodas pularam no chão e lentamente o aparelho foi parando. A aeromoça apareceu e desapertou o cinto de segurança.

Levantei-me e espreguicei-me para atenuar a tensão que me persistia no corpo. Era uma coisa que estava acima das minhas forças. Eu tinha medo de andar de avião. Por mais habituado que estivesse, o medo não desaparecia.

Os motores foram desligados e ficaram silenciosos, deixando-me nos ouvidos um eco surdo. Esperei que parasse, porque depois disso eu saberia que estava de novo em condições normais.

Um homem e uma mulher à minha frente estavam falando quando o avião descera para o pouso. Enquanto os motores estavam trabalhando, eu mal podia ouvi-los, mas agora pareciam gritar.

— Ainda acho que devíamos ter-lhes comunicado que viríamos, — disse a mulher e de repente compreendeu que estava falando muito alto. Parou no meio da frase e me olhou como se eu lhe estivesse deliberadamente ouvindo a conversa.

Olhei para outro lado e ela continuou a conversar em voz mais baixa. A aeromoça tornou a aparecer e eu lhe perguntei:

— Que horas são?

— Nove e trinta e cinco, Sr. Edge.

Acertei o relógio de pulso e me encaminhei para a cauda do avião. A porta já estava aberta e eu saí por ela, começando a descer a escada. A luz dos refletores me ofuscou e eu tive de parar por um minuto.

Senti uma ponta de frio e fiquei satisfeito de haver vestido o sobretudo. Levantei a gola e me dirigi para o portão. Outras pessoas passavam apressadamente a caminho da saída, mas eu ia em passo lento. Acendi um cigarro e aspirei profundamente, percorrendo com os olhos a multidão.

E lá estava ela. Parei um segundo e olhei-a. Ainda não me havia visto. Estava fumando nervosamente e o seu rosto parecia muito pálido sob o clarão dos refletores. Era evidente que os olhos estavam cansados, sublinhados por círculos escuros. Os lábios estavam apertados. E sob o casaco de pelo de camelo passado pelos ombros, era visível a tensão do seu corpo. Fechava e abria sem cessar a mão em que não tinha o cigarro.

Viu-me afinal. Levantou a mão como para dar-me adeus, mas logo a deixou cair como se houvesse encontrado um obstáculo.

Parei em frente dela. Estava toda contraída como uma mola.

— Alô, querida.

Ela então correu para os meus braças, encostou a cabeça no meu peito e murmurou, chorando:

— Johnny! Johnny!

Todo o corpo dela tremia. Joguei fora o cigarro e afaguei-lhe a cabeça. Não disse uma palavra. Falar não adiantava nada. Fiquei pensando repetidamente na mesma coisa.

— Quando eu crescer, vou-me casar com você, Tio Johnny.

Tinha quase doze anos quando dissera isso. Eu ia voltar para Nova York com o primeiro filme que a Magnum terminara em Hollywood e estávamos jantando em casa de Peter na véspera da minha partida de trem. Estávamos todos felizes e nervosos. Não sabíamos absolutamente o que nos esperava. O filme que levávamos na lata podia salvar-nos ou derrotar-nos e todos nós procurávamos aparentar displicência para que os outros não vissem quanto estávamos apreensivos.

Esther havia rido, dizendo:

— Não vá conhecer no trem alguma moça bonita e casar-se com ela, esquecendo o filme.

— Quanto a isso, fique descansada, — disse eu, com o rosto um pouco vermelho. — Não há nenhuma moça que se queira casar comigo.

Foi então que Doris falou. Tinha o rosto muito sério, o azul dos seus olhos estava muito profundo e a voz com que falava era mais velha do que ela.

— Quando eu crescer, vou-me casar com você, Tio Johnny. Não me lembro do que foi que eu disse, mas todos riram.

Doris continuou, porém, a olhar para mim como se fosse completamente indiferente aos risos dos outros.

Naquele momento, tantos anos depois, estava nos meus braços e aquelas palavras não me saíam da lembrança. Eu devia ter acreditado nela. Devia ter-me lembrado sempre daquelas palavras. Haveria menos sofrimento nas nossas vidas se eu tivesse procedido assim.

Pouco a pouco, o corpo de Doris deixou de tremer. Ficou ainda alguns segundos abraçada comigo e, por fim, afastou-se.

Tirei o lenço e enxuguei-lhe as lágrimas das faces e dos cantos dos olhos.

— Está melhor agora, querida? Ela fez que sim com a cabeça.

Tirei cigarros do bolso e ofereci-lhe um, acendendo-o. A chama do fósforo mostrou os cigarros que havíamos jogado ao chão no momento do nosso encontro, o dela com a marca do batom quase tocando o meu. Botei outro cigarro na boca e acendi-o.

— Tivemos de esperar algum tempo em Chicago que o tempo melhorasse, disse eu.

— Eu sei. Recebi seu telegrama.

Ela me tomou o braço e fomos andando.

— Como vai ele?

— Deixei-o dormindo. O médico deu-lhe um sedativo e ele vai dormir até amanhã de manhã.

— Mas está melhor?

Ela teve um gesto de desespero com as mãos e as lágrimas voltaram-lhe aos olhos.

— O médico não sabe. Diz que é ainda muito cedo para fazer um juízo seguro. É horrível, Johnny! Ele não quer mais viver. Não tem mais qualquer interesse por nada.

— Calma, meu bem. Você vai ver que ele ficará bom.

Ela me olhou por um momento e sorriu, o primeiro sorriso desde a minha chegada. Fazia bem vê-lo, ainda que isso lhe houvesse custado algum esforço.

— Estou feliz por você ter vindo, Johnny.

Levou-me de carro para o meu apartamento e esperou enquanto eu fazia a barba, tomava banho e trocava de roupa. Havia dado ao empregado algumas semanas de folga porque iria ficar ausente durante algum tempo e o apartamento tinha um ar estranho de lugar abandonado.

Quando voltei à sala, ela estava escutando alguns discos de Sibelius na vitrola. Só o abajur da mesa ao lado da sua poltrona estava aceso na sala. Havia uma leve claridade sobre o seu rosto e ela parecia bem calma. Os olhos estavam semicerrados e a respiração era suave e tranquila. Abri os olhos quando me sentiu de pé ao lado dela.

— Está com fome, Doris?

— Um pouco. Não comi nada desde que Papai...

— Então vamos comer um bife no Murphy’s,

Fui ao quarto pegar o sobretudo e ouvi o telefone tocar.

— Quer atender, Doris? — disse eu do quarto. Um instante depois, ela me chamou.

— É Gordon. Quer falar com você.

Gordon era o gerente de produção do estúdio.

— Pergunte-lhe se não pode esperar até de manhã. Vou ao estúdio falar com ele.

Ouvi o murmúrio da voz dela. Pouco depois, tornou a chamar-me.

— Diz que não. Precisa falar com você com urgência.

Peguei a extensão no quarto e disse a Doris:

— Pode desligar.

— Johnny? — perguntou Gordon.

— Sou eu. O que há?

— Não posso falar pelo telefone. Só pessoalmente.

Hollywood era assim. Há leis que consideram crime ouvir conversa dos outros pelo telefone. Mas em Hollywood todos têm receio de ser ouvidos. É um medo contra o qual não se pode lutar. Nada do que é importante pode ser falado pelo telefone.

— Está bem, — disse eu, impaciente. — Onde você está? Em casa?

— Sim.

— Passo por aí depois de comer alguma coisa.

Peguei o sobretudo e voltei para a sala. Doris estava pondo batom diante de um espelho.

— Tenho de passar por um lugar depois de comermos. Você se incomoda, querida?

— Não.

Ela também conhecia Hollywood.

Eram quase onze horas da noite quando chegamos ao restaurante. Não havia quase ninguém. Nos dias de semana, Hollywood é uma cidade que vai dormir cedo. Todos os que trabalham estão na cama às dez horas, pois às sete horas da manhã é preciso estar no estúdio. Fomos para uma mesa sossegada num canto.

Pedimos um uísque, bifes, batatas fritas e café. Doris estava com mais fome do que pensava. Sorri intimamente vendo-a comer. Diga-se o que se quiser sobre o regime das mulheres. Esteja a mulher com fome ou não, ponha-se um bife diante dela e veja-se o que acontece. Talvez algum agente de publicidade dos frigoríficos houvesse espalhado o boato de que um bom bife não engorda. De qualquer modo, ela comeu com muito apetite. Eu, também. Mas comigo isso não é novidade.

O prato estava vazio quando ela largou o talher com um suspiro. Viu que eu estava sorrindo para ela e sorriu também, com o rosto bem mais descansado.

— De que é que está rindo? — perguntou ela.

Segurei as mãos dela por cima da mesa e disse:

— Alô, querida.

Ela olhou para as minhas mãos. Não sei por quê. Eram mãos esquisitas e que não melhoravam, por mais que as manicuras se esforçassem. Eram quadradas e de dedos curtos cobertos nas costas de cabelos muito pretos.

— Alô, Johnny, — disse ela com a sua voz suave.

— Como está minha menina?

— Melhor porque você está aqui.

Ficamos sorrindo assim um para o outro até que o garçom chegou, levou os pratos e nos trouxe café. Já passava muito da meia-noite quando saímos do restaurante.

Fomos até à casa de Gordon, que morava em Westwood. Levamos meia hora no trajeto. As luzes da sala estavam acesas quando chegamos.

Abriu a porta quando ainda nem havíamos começado a subir a escada. Os cabelos estavam despenteados e ele tinha um copo de uísque na mão. Parecia nervoso e ficou surpreso quando viu Doris comigo.

Depois dos cumprimentos, fomos com ele para a sala. Joan, a mulher dele, estava lá. Levantou-se quando nos viu, falou comigo e, depois, beijou Doris, perguntando:

— Como está Peter?

— Um pouco melhor, — respondeu Doris. — Está dormindo.

— Ótimo, — disse Joan. — Se conseguir fazê-lo descansar, bastará isso para ele se curar.

— Que é que há? — perguntei a Gordon.

Ele tomou um gole do uísque e olhou para Doris. Joan percebeu a sugestão e disse:

— Vamos fazer café, Doris. Esses dois querem falar de negócios.

Doris sorriu compreensivamente para mim e saiu da sala com Joan.

— Então, Gordon?

— Corre por toda a cidade a boato de que Ronsen vai dar o fora em você.

Os dois maiores produtos de Hollywood são filmes e boatos. Desde que amanhecia até que anoitecia, faziam-se filmes. Durante a noite, fabricavam-se boatos. Havia várias discussões sobre qual era o produto mais importante, mas creio que a questão nunca teve uma solução satisfatória.

— Fale mais, Gordon.

— Estão dizendo que você teve uma discussão com ele em Nova York. Ele não queria que você viesse ver Peter e você veio. Um minuto depois da sua saída, ele entrou em contato com Stanley Farber e deve chegar amanhã de avião para conversar com ele.

— Só isso?

— Não acha que chega, Johnny?

— Pensei que fosse alguma coisa importante, — disse eu, rindo.

Ele estava se servindo de mais uísque quando eu disse isso e quase deixou o copo cair.

— Não estou brincando, Johnny. A coisa é muito séria. Ele não manteve Dave Roth no estúdio porque gosta dele.

Gordon tinha razão nesse ponto. Dave era o homem de confiança de Farber e Ronsen o havia nomeado assistente de Gordon para que ele fosse uma ameaça psicológica a mim. Por outro lado, Farber não concordaria com a permanência de Dave Roth se não tivesse esperanças de acontecer alguma coisa assim.

— O que Dave tem feito?

— Você bem sabe como Dave é, — disse Gordon, encolhendo os ombros. — Quando não quer, não há jeito de fazê-lo falar. Mas parece muito seguro de si mesmo.

Gordon me passou um uísque e eu tomei um gole, pensando na coisa. Ronsen podia vir conversar com Farber, mas quem conhecia toda a organização era eu. Estava a par dos pontos fracos e das coisas boas. Eu é que sabia o que se devia fazer e estava garantido até acabar o meu serviço de remodelação.

— Não se preocupe com isso, Gordon. Aparecerei amanhã de manhã no estúdio e estudaremos a situação.

— Está bem. Espero que você saiba o que está fazendo.

Joan apareceu na sala com um bule de café. Doris acompanhava-a com uma bandeja de sanduíches. As mulheres de Hollywood, como as mulheres dos diplomatas, têm de saber por intuição o momento exato em que devem sair e em que devem aparecer. Nunca soube como fazem isso com tanta precisão.

Doris e eu não queríamos comer nada. Tomamos uma xícara de café e saímos. Eram quase duas e meia da manhã quando chegamos à casa dela.

A casa estava em silêncio. Via-se apenas uma luz acesa na sala de estar. Doris jogou o casaco em cima do sofá e subiu. Desceu um instante depois.

— Ainda está dormindo. Mamãe, também. A enfermeira me disse que o médico deu também um sedativo a ela. Coitada! Não pode compreender tudo o que está acontecendo. Tem sido um choque atrás do outro.

Fui com ela para a biblioteca onde um grande fogo crepitava na lareira. Estava bem confortável ali. A noite havia esfriado, com uma súbita geada que fizera os lavradores acenderem o fogo das panelas entre as plantações de laranjeiras.

Sentamo-nos num sofá. Passei o braço pelos ombros dela, puxei-lhe a cabeça e beijei-a. Ela me tomou o rosto nas mãos, conservando-o perto do dela.

— Eu sabia que você viria, Johnny. — sussurrou ela.

— Não poderia deixar de vir.

Ela descansou a cabeça no meu ombro e ficamos uma porção de tempo caladas, olhando para o fogo.

Ao fim de algum tempo, perguntei:

— Está com vontade de falar agora, querida?

— Você sabe demais, — murmurou ela. — Compreendeu que até agora eu não queria falar disso.

Não respondi.

Alguns minutos depois, ela voltou a falar.

— Tudo começou ontem com um telegrama que o mordomo recebeu. Eu estava perto da porta quando o telegrama chegou e tomei-lhe o telegrama. Era do Departamento de Estado e estava dirigido a Papai. Abri o telegrama e foi bom, porque o telegrama dizia: “A nossa Embaixada na Espanha acaba de comunicar que seu filho, Mark Kessler, morreu em combate perto de Madri”. Apenas isso. Fiquei ali parada, sentindo o sangue gelar-se em minhas veias. Sabíamos que Mark estava na Europa ainda que já fizesse quase um ano que não tínhamos notícias dele, mas nem desconfiávamos de que estivesse na Espanha. Pensávamos que estivesse em Paris com alguns amigos e não nos preocupávamos. Papai achava até que era boa coisa ele ficar algum tempo ausente depois do que acontecera.

Apanhou um cigarro na mesinha ao lado dela e curvou-se para mim a fim de que eu o acendesse. Depois, tornou a recostar-se no sofá, com os olhos fixos.

— É uma coisa que nunca poderei compreender, Johnny. Mark sempre foi uma das criaturas mais egoístas que conheci. Nunca deu a menor importância ao que acontecera aos outros. Entretanto, foi para a Espanha, alistou-se na Brigada Abraham Lincoln e morreu defendendo uma causa em que não acreditava e combatendo um sistema de vida que poderia ter admirado se não fosse judeu. Quando recebi o telegrama, o meu primeiro pensamento foi para Mamãe. Não sabia como ela iria receber esse golpe. Ela nunca mais passou bem desde que Mark foi-se embora. Era seu filho querido e ela não foi mais a mesma desde que Papai expulsou Mark de casa. Vivia pedindo a Papai que o deixasse

voltar e creio que Papai também queria que ele voltasse. Mas bem sabe como ele é teimoso.

Calou-se e ficou olhando para as chamas que dançavam na lareira. Em que estaria ela pensando? Mark sempre fora o favorito de Peter. Doris sabia disso mas nunca se queixara. Por outro lado, não era de falar muito. Lembrava-me ainda de como ela descobrira que era capaz de escrever. Foi no ano em que terminou a universidade. Guardara absoluto segredo até o livro ser aceito por um editor. Ainda assim, usara um pseudônimo, dispensando a publicidade que lhe daria o nome do pai.

O titulo do livro era Vida de Caloura. Contava a história do primeiro ano de uma moça na universidade e fez muito sucesso, sendo repassado de sentimento, saudades de casa e emoções de adolescente. Os críticos fizeram muito barulho com o livro, dizendo-se espantados com as qualidades de percepção e com a profundeza da moça que o escrevera. Doris tinha 22 anos quando o livro foi publicado.

Não tinha dado muita atenção ao livro. Para dizer a verdade, nem o li naquela época. A primeira vez em que vi Doris depois de publicado o livro foi quando levei Dulcie à casa de Peter no dia seguinte ao do nosso casamento.

Estavam todos sentados à mesa do café quando Dulcie e eu chegamos. Mark tinha cerca de 18 anos nessa época. Era um rapaz alto e magro, ainda com o rosto cheio de espinhas da adolescência. No momento em que viu Dulcie, deu um assobio.

Peter repreendeu-o severamente pela sua falta de modos, mas eu sorri orgulhoso. Dulcie ficou um pouco vermelha, mas eu sabia que ela não havia deixado de gostar da homenagem. Gostava de ser admirada. Nascera com alma de atriz. Até o rosto vermelho era pura representação e eu adorava aquilo.

Tudo isso fazia parte para mim do encanto de Dulcie. Quando ela passava, todos os olhares se voltavam para acompanhá-la. Dava prestígio a um homem sair em companhia dela. Alta, esbelta, muito bem feita de corpo e com a pele morena, dava uma impressão de latente selvageria sexual que fazia todos os homens recuarem uns cinco mil anos no tempo.

Esther se levantara para mandar trazer cadeira para nos sentarmos à mesa. Até então, eu não havia dito que estávamos casados. Estava sem saber como poderia dar a notícia. Afinal, dei com os olhos em Doris que nos olhava curiosamente, com uma interrogação no olhar.

— Bem, querida, — disse-lhe eu, — não precisa mais se preocupar com o Tio Johnny. Encontrou finalmente uma moça disposta a casar-se com ele.

Doris ficou um pouco pálida, mas eu estava feliz demais para dar alguma atenção a isso.

— Quer dizer que vão casar? — perguntou ela, com voz trêmula.

— Vamos, não, — disse eu, rindo. — Já estamos casados. Desde ontem à noite.

Peter se levantou e foi apertar-me a mão. Esther, do seu lado, abraçou Dulcie. Só Doris ficou onde estava, olhando para mim ainda pálida, de olhos arregalados e a cabeça inclinada para o lado, como para ouvir melhor.

— Não vem dar um beijo em seu tio Johnny? — perguntei-lhe.

Levantou-se e chegou aonde eu estava. Beijei-a, mas os seus lábios estavam frios. Depois, foi até Dulcie e beijou-a de leve no rosto, dizendo:

— Desejo que seja muito feliz.

Olhei-as. Eram quase da mesma idade, mas havia em relação a elas outras coisas que percebi de súbito.

A pele de Doris era pálida e ela usava os cabelos cortados. Parecia uma colegial ali ao lado de Dulcie. Esta a estava estudando também. Já conhecia aquele olhar dela. Para quase todos, poderia parecer um olhar de relance, mas naquele tempo eu já conhecia Dulcie muito bem. Ela via mais coisas em poucos segundos do que a maioria das pessoas em horas.

Esther virou-se para mim.

— Ela é linda, Johnny! Onde foi que a conheceu?

— É atriz. Conheci-a na caixa de um teatro em Nova York.

— Atriz? — exclamou Peter. — Talvez consigamos um papel para ela.

Dulcie sorriu para ele.

— Há tempo de sobra para isso, — disse eu. — Primeiro, temos de assentar a vida.

Dulcie nada disse.

Quando saímos, já no carro, ela me disse:

— Johnny...

— Que é, querida?

— Sabe que ela gosta de você?

— Ela quem? Doris?

— Você sabe muito bem de quem estou falando, — disse ela, com um olhar zombeteiro.

Ri e disse, meio nervoso:

— Dessa vez, errou, meu bem. Eu sou para ela apenas o Tio Johnny.

Ela riu também e no seu riso havia espanto em face da profunda ignorância masculina.

— Tio Johnny... Já leu o livro dela?

— Não. Ainda não tive tempo.

— Pois devia ler, Tio Johnny. Você faz parte dele.

Doris recomeçou a falar.

— Tive vontade de chamar o médico antes de mostrar o telegrama a Mamãe. Resolvi, por fim, falar primeiro com Papai. Ele estava na biblioteca. Bati na porta e, como ele não respondeu, entrei. Estava sentado ali à mesa, com o telefone diante dele. Não sabia por que ele não havia mandado retirar aquele telefone. Você sabe qual é — o ligado diretamente com o estúdio.

Eu sabia, sim. Nos velhos tempos, quando se levantava o receptor daquele telefone, uma luz azul se acendia na mesa telefônica do estúdio. Isso mostrava que era o presidente da companhia que estava falando. O telefonema tinha prioridade absoluta sobre todos os outros.

Papai estava olhando para o telefone, com uma vaga nostalgia. “Papai”, disse eu e senti a voz incerta. Com algum esforço, ele olhou para mim e perguntou: “Que é, Liebchen?”

Fiquei de repente sem saber o que dizer. Sem uma palavra, entreguei-lhe o telegrama. Leu-o lentamente e ficou de repente muito pálido. Olhou para mim como se não acreditasse e tornou a ler o telegrama. Levantou-se e notei que a mão dele tremia muito. “Tenho de ir dizer a Mamãe”, disse ele, com voz surda. Deu alguns passos e pareceu vacilar. Corri para ele e segurei-o pelo braço. “Papai! Papai!” gritei, enquanto as lágrimas me desciam pelo rosto.

— Ele se apoiou um momento em mim, com os olhos também cheios de lágrimas. Foi então que caiu. Tudo aconteceu com tal rapidez que nem tive tempo de tentar segurá-lo. Procurei levantá-lo, mas não consegui. Corri para a porta e gritei pelo mordomo. Levamo-lo juntos para o sofá. Depois, corri para a mesa e peguei o telefone do estúdio por engano. Ouvi imediatamente a voz surpresa da telefonista. “Magnum Filmes, bom dia.” Desliguei com um sentimento de magoada surpresa. Magnum Filmes! Sentia-me mal só de ouvir essas palavras. Minha vida estava impregnada daquelas palavras, que nos haviam dado a todos tanta infelicidade. Por que fomos nos ligar ao cinema?

Ela me fitou com os olhos cheios de centelhas.

— Por que não ficamos em Rochester a salvo de tudo isso? Mark morto e Papai à morte e com o coração despedaçado? Você foi culpado, Johnny, só você. Ouvi Papai dizer muitas vezes que só se meteu nisso por sua causa. Não teria vindo para Hollywood se não fosse você. Se você não tivesse falado, teríamos levado uma vida calma e feliz, sem nada disso.

De repente, começou de novo a chorar e continuou a acusar-me violentamente.

— Tenho ódio de você, Johnny, ódio! Papai poderia levar a vida toda sem nunca pensar em cinema. Mas você, não. Você nasceu para fazer cinema. E tinha de arrastar Papai para servir-lhe de instrumento.

Procurei segurar-lhe as mãos, mas não pude.

— Você é a Magnum Filmes, Johnny. Sempre foi. Mas por que não parou quando foram para Nova York? Por que o trouxe para cá e lhe deu a impressão de que ele era tão grande que quando a bolha de sabão estourou, o coração dele se partiu?

Calou-se e as lágrimas lhe desciam em borbotões pelo rosto. Ela me atingira mais profundamente do que pensava. Estivera tão cego durante tantos anos.

Ela se acalmou por fim, mas quando voltou a falar, percebi o esforço que fazia para controlar a voz.

— Desculpe, Johnny, — disse ela em voz bem baixa. — Mas que foi que viemos fazer em Hollywood?

Não respondi. Não sabia o que responder. Olhei para a janela. O céu estava começando a mostrar os primeiros sinais do dia. O relógio em cima da mesa de Peter marcava quatro e meia.

Doris tinha onze anos, Peter, 38 e eu, 21 quando tínhamos ido para Hollywood. E nenhum de nós queria. Fomos obrigados. E nada podíamos fazer para impedi-lo.

# TRINTA ANOS

## 1911

# 1

Todo o mundo estava feliz, menos Johnny. Borden estava feliz porque recebera o dinheiro que Peter lhe devia. Joe estava feliz porque, pela primeira vez, podia fazer os filmes que quisesse, sem ninguém para dar-lhe ordens. Peter estava feliz porque o negócio se revelara ainda melhor do que ele havia esperado. Pagara todas as suas dívidas, tinha oito mil dólares no banco, mudara-se para um novo apartamento em Riverside Drive e pusera uma empregada para ajudar Esther a cuidar das crianças. Esther estava feliz com a felicidade de Peter.

Mas Johnny não se sentia feliz. Estava contente, satisfeito em muitos sentidos, mas ainda lhe faltava alguma coisa. A exaltação que ele sentira a princípio com a ideia das grandes coisas que iam acontecer ainda vivia dentro dele, mas estava um pouco amortecida pelo ramerrão das atividades quotidianas.

Se não fosse o consórcio do cinema, Johnny talvez fosse feliz. Mas tinha a instintiva aversão de quem trabalhara num parque de diversões a ser forçado a seguir contra a sua vontade determinado padrão de ação. E era isso que o consórcio estava fazendo com a indústria cinematográfica.

Os produtores independentes, entre os quais estavam Kessler e Borden, sabiam que dependiam do consórcio para continuarem a produzir. O consórcio controlava a matéria-prima de que o filme era feito, os processos de fabricação do filme, as patentes das câmaras de filmagem e até as patentes relativas ao equipamento secundário sem o qual não se podia fazer um filme, como, por exemplo, as lâmpadas de vapor de mercúrio e os sincronizadores de luz.

Em virtude desses controles básicos, o consórcio podia dobrar à sua vontade o produtor independente, desde que este trabalhava graças a uma licença concedida pelo consórcio. Este podia, portanto, dizer ao produtor que tipos de filmes ele podia fazer e qual o preço pelo qual os podia vender. As regras eram rigorosas e estavam todas previstas nas licenças concedidas. Nenhum filme podia ter mais de duas partes. O exibidor que quisesse continuar com o seu projetor teria de exibir determinada quota dos filmes produzidos pelo consórcio e essa quota era estabelecida de tal maneira que o tempo que sobrava para a exibição dos filmes dos produtores independentes era forçosamente limitado.

Johnny se indignava com essas restrições. Tinha visões grandiosas do futuro do cinema. Era em vão que deblaterava contra o consórcio que atrasava o progresso da indústria. Bem sabia que estava clamando no deserto porque nenhum produtor independente, por maiores que fossem as suas queixas, poderia

desafiar a supremacia do consórcio. Este era o rei, dominando a indústria nascente e tratando os produtores independentes como um pai indulgente e seguro da sua autoridade trataria os filhos travessos. As linhas estavam fundamente traçadas e os independentes tinham de observá-las. Se algum não o fizesse, a licença era imediatamente cassada. O consórcio comprava-lhe as dívidas e, dentro em pouco, ele era forçado a fechar as portas. Se obedecesse às regras, o consórcio permitia-lhe magnanimamente continuar em atividade e recebia direitos por metro de filme que ele comprasse ou vendesse.

Johnny aprendera muita coisa sobre filmes naqueles últimos três anos e estava cada vez mais convencido de que lhes faltava alguma coisa. Não sabia o que era. Só sabia era que o padrão de filmes curtos imposto pelo consórcio não permitia ao produtor contar convenientemente a sua história.

Observava com interesse o desenvolvimento do filme em série que um produtor havia imaginado para contornar as regras do consórcio. Mas os seriados ainda eram exibidos à razão de dois rolos por semana, ou um episódio, como se chamava, a fim de obedecer às regras do consórcio. Esses filmes eram acompanhados com avidez pelos espectadores de semana a semana, mas Johnny achava que ainda lhes faltava alguma coisa.

Era esse intangível no espírito de Johnny que o afligia. Era como tentar lembrar-se de uma música. A melodia lhe ressoava aos ouvidos, mas era impossível cantarolá-la. Persistia nos recantos da memória, tantalizando-o. Assim acontecia com o cinema. Via mentalmente a espécie de filme que se devia fazer. Sabia o tamanho, a forma, o jeito que devia ter. Sabia o tempo de projeção que deveria ter, sabia até como o público reagiria. Mas quando procurava dar-lhe forma concreta, não conseguia.

Tudo lhe dançava diante dos olhos de forma vaga e então desaparecia entre as realidades que o cercavam. Assim, ante a visão que o atormentava, os êxitos reais nada significavam para ele.

Mas um dia a ideia começou a tomar forma. Era em fins de dezembro de 1910 e estava na sala de espera do novo cinema de Pappas em Rochester conversando com George quando um homem e uma mulher saíram da sala.

O homem parou perto deles para acender um charuto e a mulher disse:

— Eu gostaria de que tivessem os outros episódios da série para mostrar tudo hoje. Era bom que a gente pudesse ver o filme inteiro, em vez de um pedacinho cada semana.

Johnny interrompeu instantaneamente o que estava dizendo a George e prestou atenção à conversa do casal. O homem tinha rido.

— Não vê logo que não vão fazer isso? Querem é que a gente venha ao cinema todas as semanas. Só exibem um pedacinho da fita. Se fossem exibir a

fita toda, na semana seguinte o cinema ficaria vazio.

— Quem foi que disse? Eu por mim gostaria de vir todas as semanas se soubesse que iria ver uma fita nova e que valesse mesmo o dinheiro que se paga.

Saíram e Johnny ficou cheio de entusiasmo ao ver que o casal conversara exatamente sobre as coisas em que estivera pensando.

— Ouviu o que estavam dizendo, George?

— Ouvi.

— Que é que você acha?

— Sei que muita gente pensa como eles.

— E que é que você acha?

— Não sei, Johnny. Pode ser uma coisa boa, pode não ser. Depende do filme. Tenho de ver um assim para saber.

Na viagem de volta para Nova York, Johnny foi o tempo todo, no trem, pensando no caso. A mulher falara num filme inteiro'. Que queria dizer isso ao certo? Seria uma série exibida de uma enfiada? Não, não era essa a solução. A projeção de um filme desses levaria cinco ou seis horas. Uma série era composta de uns vinte rolos. Talvez fosse possível reduzir o tamanho dos filmes em série. Mas reduzir até onde? Tinha de saber.

Já era tarde quando chegou ao escritório, mas o seu interesse não havia caído. Disse a Peter e Joe o que havia ouvido e o que era que pensava.

Joe pareceu interessada, mas Peter não.

— Você ouviu apenas uma pessoa falar, — disse ele. — Muita gente gosta do cinema como é, Johnny. Eu, por mim, não quero tentar seja lá o que for para depois me arrepender.

Mas Johnny não se conformou com essa opinião. Sabia que a observação que ouvira casualmente era a chave do problema que tinha em mente. E os fatos dos dias e semanas que se seguiram pareceram dar-lhe razão. E mais do que razão, pensou Johnny. Quase todos os exibidores com quem falava, perguntavam-lhe: "Não tem alguma coisa diferente? O povo já está cansado de ver sempre a mesma coisa!"

E Johnny sabia que estavam certos. Sabia que para os exibidores não fazia a menor diferença os filmes que levavam, porque todos os produtores faziam a mesma espécie de filmes.

Resolveu fazer uma série completa e condensá-la num só filme para ver o resultado. Mas isso criou outro problema. A Magnum não produzia seriados e ele teria de conseguir um com outra companhia. E qual seria a companhia que lhe daria uma cópia de um seriado para ele cortá-la à vontade? E, ainda que acontecesse isso, teria de dizer o que pretendia fazer e não queria que ninguém soubesse disso.

Resolveu o problema, pedindo a George que lhe conseguisse uma cópia de um dos seriados de Borden. George disse a Borden que gostava tanto do seriado que queria ter uma cópia para guardar. Bill Borden ficou tão satisfeito que insistiu em dar a cópia de presente a George. Se Borden soubesse o que iria ser feito com o filme, ficaria furioso. Mas não sabia e George entregou a cópia a Johnny.

A cópia foi levada por Johnny para Nova York e ele tratou de cortar e emendar os dez episódios para fazer um filme completo. Trabalharam durante cinco semanas até sentirem que tinham um filme em condições de ser exibido. Era dividido em seis partes e podia ser exibido em pouco mais de uma hora.

Só falaram com Peter depois de concluído o trabalho. Foram então procurá-lo, contaram-lhe toda a história e convidaram-no a ver o filme que haviam feito. Ele concordou e uma projeção do filme foi marcada para a noite seguinte. Johnny mandou um telegrama a George, chamando-o também para ver o filme.

Na noite seguinte, reuniram-se todos na pequena sala de projeção do estúdio da Magnum. Peter, Esther, George, Joe e Johnny eram as únicas pessoas presentes. O operador do estúdio fora mandado para casa e Johnny tomou o lugar dele.

Ficaram em silêncio durante a exibição, mas logo que o filme terminou começaram todos a falar ao mesmo tempo.

— Comprido demais, — disse Peter. — Não gostei. Ninguém pode ficar tanto tempo sentado e ainda gostar de um filme.

— Por que não? — perguntou Johnny. — Você ficou sentado o tempo todo e não se queixou.

— Faz mal aos olhos olhar tanto para a tela, — replicou Peter. — A pessoa não pode sentir-se bem.

— O público fica o mesmo tempo sentado nos cinemas e ninguém fica com os olhos doendo — disse Johnny, um tanto aborrecido com a obstinação de Peter. — Qual é a diferença entre assistir a um só filme grande e assistir a quatro pequenos?

Joe riu e disse:

— Talvez você esteja precisando usar óculos, Peter.

Peter explicou. Os olhos vinham-no incomodando um pouco, mas ele não queria usar óculos.

— Os meus olhos nada têm que ver com o caso! O filme é comprido demais!

Johnny voltou-se então para George e perguntou:

— E você que é que diz?

George olhou durante alguns momentos com simpatia e disse calmamente:

— Gostei, mas acho que tenho de ver o filme num cinema antes de dar opinião.

— Eu bem que gostaria disso, — murmurou Johnny sorrindo, — mas não é possível.

Mas foi Esther quem acertou com o ponto fraco do filme.

— Foi interessante, mas não foi completo. Faltou alguma coisa. Num filme em série, está muito certo que toda a emoção aparece no fim de cada episódio. Mas quando tudo é condensado num só filme, há emoção demais. No fim, há tanta movimentação que acaba cansando ou parecendo uma pilhéria.

Johnny refletiu no assunto e compreendeu que ela tinha razão. A solução não era reduzir um seriado a outro tamanho, mas, sim, fazer uma nova espécie de filme. Já vira várias vezes a versão condensada do seriado e chegou à conclusão de que, embora o tempo de projeção do filme não fosse longo demais, faltavam-lhe outros elementos de atração necessários para dar-lhe corpo. O filme teria de contar um enredo adaptado ao seu tamanho.

Saíram todos juntos da sala de projeção, conversando ainda sobre o filme. Só Johnny estava calado, com as mãos nos bolsos e o rosto sombrio.

Peter bateu no ombro dele.

— Não pense mais nisso. Estamos indo bem. Por que se preocupa então?

Johnny não respondeu. Peter tirou o relógio e disse:

— Quer saber de uma coisa? Ainda é cedo. Vamos jantar juntos e, depois, ir ao teatro?

# 2

— Não! — exclamou Peter. — Positivamente não! Não vou fazer uma coisa dessas!

Passou por Joe e ficou diante de Johnny com o dedo apontado.

— Só se eu fosse maluco para fazer o que você quer! Já faz quase dois anos que lutamos e trabalhamos dia e noite para levantar a cabeça e agora que começamos a ganhar dinheiro você quer abandonar tudo para meter-se em outra coisa. Não estou ainda inteiramente louco! Não conte comigo!

Johnny continuou calmamente sentado, olhando para Peter, que estava assim desde que Johnny havia proposto que comprassem O Bandido, uma peça

que estava sendo levada na Broadway, para fazer um filme. Ouvira em silêncio Johnny dizer que deviam fazer um filme de seis partes. Continuara em silêncio quando Johnny dissera que deviam contratar o autor da peça para escrever a versão para o cinema. Não perdera a calma quando Johnny explicara que lucrariam comercialmente com o sucesso da peça e a propaganda favorável para o filme que isso constituía. O seu princípio de interesse fora evidente na pergunta que fez a Johnny.— Quando vai custar?

Johnny já havia esperado a pergunta. Preparara um orçamento do filme, chegando à conclusão de que teriam de gastar cerca de 23 000 dólares.

Peter examinou o orçamento e começou a gritar:

— Vinte e três mil dólares por um filme! É preciso não ter a cabeça no lugar! Comprar uma peça e contratar um homem para escrever o filme por 2 500 dólares! Por esse preço, eu posso fazer um filme todo!

— Se não fizer isso agora, terá de fazer depois!

— Talvez faça, mas agora não faço. Agora que estamos livres de dívidas, você quer enforcar-me de novo! E onde é que vou encontrar esse dinheiro todo! Não sou o dono da Casa da Moeda, sabe?

— Quem não arrisca, não petisca, — disse Johnny.

— Mas em compensação não perde a camisa! Além disso, não é seu o dinheiro que vai ser arriscado!

Com isso, Johnny se zangou.

— Sabe muito bem que eu não lhe pediria que arriscasse dinheiro em alguma coisa se eu também não fosse arriscar o meu!

— Seu dinheiro!... O que você tem não chega nem para comprar papel higiênico para o estúdio durante uma semana.

— Mas chegará para pagar dez por cento do filme! — gritou Johnny, com o rosto muito vermelho.

— Calma! — disse Joe, indo ficar entre eles. — Esses gritos não resolvem nada. Peter, eu pagarei mais dez por cento do filme. Você terá de arranjar apenas dezoito mil dólares.

— Apenas dezoito mil dólares! — exclamou Peter, erguendo os braços abertos. — E acham que isso se encontra no meio da rua?

Foi até à escrivaninha, baixou a tampa, batendo-a com toda a força e exclamou de novo:

— Não! Positivamente, não! Não vou fazer uma coisa dessas!

A cólera de Johnny havia-se dissipado. Já podia compreender a relutância de Peter em arriscar o que lhe custara tanto a ganhar. Mas Johnny estava convencido de que o que propunha tinha de ser feito. Falou com lentidão e calma.

— Você pensou em Rochester que eu estava louco quando falei do estúdio, não foi? E os resultados não foram tão ruins assim. Você tem um apartamento em Riverside Drive, oito mil dólares no banco, a hipoteca paga, não é verdade?

— É claro, Johnny. Mas não vou arriscar tudo isso numa das suas ideias malucas. Tivemos sorte com o estúdio. Mas desta vez é diferente. Não temos apenas de arriscar dinheiro. É preciso também enfrentar a luta com o consórcio. E você bem sabe qual seria o resultado nesse caso. Desculpe, Johnny, mas estou-lhe falando com toda a sinceridade. Talvez sua ideia seja boa, embora eu tenha opinião contrária. Mas, nas circunstâncias atuais, não creio que devamos assumir esse risco. Essa é a minha decisão final sobre o assunto. Até amanhã.

E saiu da sala, fechando a porta.

Johnny olhou para Joe e encolheu expressivamente os ombros. Joe sorriu.

— Não fique tão desapontado, rapaz. Afinal de contas, o dinheiro é dele e ele tem direito a dizer o que pensa. Vamos tomar uma cerveja e não pensar mais nisso.

— Muito obrigado. Vou ficar aqui pensando numa maneira de convencê-lo. Neste negócio, quem fica parado, está perdido.

— Está bem. Mas fique sabendo que está batendo com a cabeça na parede.

Depois da saída de Joe, Johnny ficou durante algum tempo sentado onde estava. Por fim, levantou-se e foi até à escrivaninha de Peter. Levantou o tampo e apanhou o orçamento que entregara a Peter, examinando-o durante dez minutos. Depois, repôs o orçamento na mesa e tornou a descer o tampo.

— Está certo, velho abutre! — disse ele, olhando para a mesa como se Peter estivesse ainda ali. — Um dia, você terá de fazer isso mesmo!

Johnny abriu os olhos. Fazia calor no quarto. A primavera chegara cedo naquele ano, com uma boa amostra do que seria o verão. Ainda se estava em meados de março e já os sobretudos tinham sido guardados e os homens iam para o trabalho em mangas de camisa ou de roupas leves.

Levantou-se preguiçosamente e atravessou o apartamento, chegando até à porta.

Apanhou os jornais do domingo que já haviam sido ali deixados e foi lê-los numa poltrona da sala, ouvindo o ressonar de Joe através da porta aberta do seu quarto. Levantou-se, fechou a porta do quarto do amigo e voltou para a poltrona.

Folheou o jornal até chegar à parte que lhe interessava. Naquele tempo, os jornais ainda não tinham notícias diárias de cinema, mas aos domingos

sempre havia algumas notícias. No jornal daquele domingo, Johnny encontrou duas que o fizeram dar um pulo da poltrona.

A primeira vinha de Paris e dizia: “Madame Sarah Bernhardt vai fazer um filme, de quatro partes baseado na vida da Rainha Elizabeth”.

A segunda era de Roma, com o seguinte texto: “No próximo ano, o famoso romance Quo Vadis? será transformado na Itália num filme de oito partes”.

As notícias eram assim breves e estavam perdidas num canto de página, mas para Johnny eram importantíssimas, pois provavam que ele tinha razão. Ficou uma porção de tempo pensando que talvez Peter acabasse concordando com ele, depois disso. Afinal, levantou-se e foi até à cozinha, pondo água no fogo para fazer café.

O cheiro do café tirou Joe da cama, ainda sonolento e esfregando os olhos.

— Bom dia, — resmungou ele. — Que é que há para se comer?

— Ovos, — respondeu Johnny, a quem cabia o dever de preparar o café naquele domingo.

Joe murmurou alguma coisa e se encaminhou para o banheiro.

— Espere um pouco, — disse-lhe Johnny levando o jornal e mostrando as notas que havia lido.

Joe leu e devolveu o jornal a Johnny, perguntando:

— Que é que isso prova?

— Prova que eu tinha razão, — disse Johnny, com uma nota de triunfo na voz. — Não está percebendo? Peter agora terá de escutar-me.

Joe sacudiu lentamente a cabeça.

— Você nunca desiste, desde que mete uma coisa na cabeça, não é?

— Por que iria desistir? É uma boa ideia e eu tinha razão em dizer que vão começar a fazer filmes maiores.

— É bem possível, — disse Joe. — Mas como e onde você vai fazer esses filmes? Ainda que se arranje o dinheiro, você sabe que o nosso estúdio não chega para fazer filmes assim. Seria preciso usar toda a matéria-prima que gastamos em seis meses de produção para fazer um só filme. E você sabe que o consórcio se opõe terminantemente a qualquer filme de mais de duas partes. Se souber do que pretendemos fazer, cassará a nossa licença e onde é que ficaremos? No olho da rua!

— Poderemos deixar de fazer filmes pequenas durante algum tempo, — disse Johnny. — Assim economizaremos filme virgem suficiente para fazer o que queremos e completaremos o filme antes que o consórcio saiba o que estamos fazendo.

Joe acendeu um cigarro, soprou a fumaça e disse:

— Talvez você esteja certo e possamos fazer isso, talvez não. Se não pudermos, a Magnum estará riscada do negócio, pois o consórcio é forte demais para nós. Poderão esmagar-nos como quem pisa numa formiga. Deixe que Borden e os outros lutem com eles. Têm mais dinheiro e, mesmo assim, não estou vendo nenhum pensar em insurgir-se.

— Mas eu continuo a pensar que temos um jeito.

— Quer dizer que ainda acha que está certo?

— Acho, não. Estou certo, — replicou Johnny.

— Talvez esteja, Johnny, mas pense no que está querendo arriscar. Não estou preocupado nem comigo, nem com você. Somos sozinhos na vida e não temos de afligir-nos com o que nos acontece, porque de um jeito ou de outro conseguiremos arrumar-nos. Mas com Peter o caso é diferente. Se falharmos, ele ficará arruinado. E se ficar arruinado, que é que irá fazer com uma mulher e dois filhos para sustentar? Empregou tudo o que tinha na companhia e, se esta acabar, ele também estará liquidado. Está disposto a arriscar isso também?

Johnny levou algum tempo sem responder. Já havia pensado nisso. Sabia que havia risco e não era preciso que Joe lhe dissesse. Mas havia alguma coisa que o impelia. Costumava dizer para si mesmo: “O tosão de ouro está no alcance da mão. Só é preciso ter a coragem de pegá-lo”. A visão do filme no seu espírita era como Circe a chamá-lo. Não poderia deixar de segui-la, do mesmo modo que não podia deixar de respirar.

Foi com a determinação estampada no rosto que respondeu:

— Tenho de conseguir isso, Joe. É a única coisa que interessa. Não há outra oportunidade de tornar a indústria realmente grande e importante. Do contrário, ficaremos estagnados toda a vida, fazendo filminhos sem valor. Do outro jeito, faremos alguma coisa que valha a pena. Não somos apenas uma indústria, somos uma arte. Como no teatro, na música, na literatura, é preciso tentar sempre fazer alguma coisa melhor. E temos de fazer isso.

— Temos, não. Quem quer fazer isso é você, Johnny. Você sonha com as coisas que deseja e julga que é disso que a indústria precisa. Se eu não o conhecesse bem e não fosse seu amigo como sou, pensaria que você não passa de um egoísta e de um ambicioso. Mas sei que você está sendo sincero. Contudo, uma coisa você precisa saber.

— Que é?

— Peter tem sido bom demais para nós. Nunca se esqueça disso.

Dizendo isso, Joe deu-lhe as costas e foi para o banheiro.

Johnny voltou para a cozinha e viu que a água já estava fervendo no fogão. A mão tremia quando ele apagou o gás.

# 3

— Qual é o apartamento, cavalheiro? — perguntou o ascensorista depois que fechou a porta e o elevador começou a subir.

Johnny acabou de acender o cigarro. Não havia falado em nenhum apartamento; dissera apenas o andar que queria. Era muito cheio de formalidades o pessoal daqueles edifícios e tomavam providências para que os inquilinos não fossem indevidamente perturbados. Que diferença havia de Rochester — onde tudo era fácil e simples — para Riverside Drive!

— O apartamento do Sr. Kessler, — disse ele e voltou a pensar na conversa que tivera com Joe naquela manhã. Ainda estava preocupado com o que Joe lhe havia dito. Não conversaram muito depois disso. Joe saíra logo depois do café. É verdade que, antes de sair, Joe o convidara a passar o resto do dia com May e Fio, mas ele tinha dito que pretendia ir à casa de Peter naquela tarde.

— À sua direita, — disse polidamente o ascensorista, abrindo a porta do elevador. — Apartamento 9-C.

Johnny agradeceu, seguiu pelo corredor e tocou a campainha. A empregada abriu-lhe a porta. Johnny entrou, entregou-lhe o chapéu e perguntou:

— O Sr. Kessler está?

Antes que a empregada pudesse responder, Doris veio correndo do interior da casa.

— Tio Johnny! Ouvi a sua voz!

Ele levantou-a nos braços, abraçando-a.

— Alô, querida.

— Sabe que eu estava esperando você hoje? Você quase não vem ver a gente.

— É porque não tenho muito tempo, querida. Seu pai me faz trabalhar demais.

Sentiu que o puxavam pelas calças. Olhou e viu que era Mark.

— Cavalinho, Tio Johnny!

Johnny deixou Doris no chão e carregou Mark, colocando-o nos ombros. Mark ria satisfeito e se agarrava aos cabelos de Johnny quando Esther apareceu na saleta de entrada.

— Que boa surpresa, Johnny! — disse ela, sorrindo. — Entre, entre.

Johnny entrou na sala, levando Mark ainda nos ombros. Peter estava lá, lendo os jornais. Estava sem camisa e Johnny percebeu com espanto que havia criado um pouco de barriga. Levantou os olhos do jornal e sorriu para Johnny.

— Veja só, Johnny, — disse Esther, com uma fisionomia radiante. — Temos uma empregada em casa e ele anda o dia inteiro assim, nu da cintura para cima.

— E que é que tem isso? — exclamou Peter em iídiche. — Eu conheço a aldeia onde ela nasceu na Alemanha. Quem tem camisa lá é considerado milionário.

Johnny não entendeu e ambos riram-se dele.

— Vá vestir uma camisa, ande, — disse Esther.

— Está bem, — resmungou ele, levantando-se e indo para o quarto.

Peter voltou à sala quando Johnny estava colocando Mark no chão. Ainda vinha abotoando a camisa.

— Que foi que o trouxe aqui, Johnny?

Johnny olhou para ele e sorriu intimamente. Peter não dava muito pelas coisas. Era a primeira vez em muitas semanas que ia fazer-lhes uma visita.

— Queria ver como a outra metade vai passando, — disse ele.

— Mas você já esteve aqui, disse Peter.

— Desde que vocês têm uma empregada, não.

— E isso faz alguma diferença?

— Às vezes faz...

— Para mim não... Posso ter uma casa cheia de empregados e nunca deixarei de ser o que sou.

— Claro, — disse Esther. — Continuaria a andar pela casa nu da cintura para cima.

— Isso prova o que eu digo! Com empregados ou sem empregados, Peter Kessler é sempre o mesmo!

Johnny tinha de reconhecer que Peter tinha razão. Peter não havia mudado naqueles últimos anos, mas ele ficara bem diferente. Peter se contentava com as coisas como eram, mas Johnny nunca ficava satisfeito. Sempre queria mais alguma coisa, ainda que não soubesse ao certo o que era. A única realidade era aquela permanente insatisfação. Tornou a lembrar-se da sua conversa com Joe naquela manhã. Peter estava já bem longe da loja de ferragens em Rochester. Conseguira alguma segurança e estava contente com isso. Que direito tinha ele de pedir a Peter que arriscasse tudo isso por uma ideia? Mas, por outro lado, Peter nunca teria conseguido o que já possuía se ele não o tivesse forçado. Não sabia se isso lhe dava o direito de forçá-lo ainda mais. Só sabia era que não podia parar. O futuro, por mais nebuloso que fosse, era uma parte da sua vida a que ele não podia de modo algum renunciar.

— Quer dizer então que ainda não é tão importante que não possa ouvir uma boa ideia?

— Exatamente, — respondeu Peter. — Estou sempre disposto a ouvir sugestões e conselhos.

— Fico muito satisfeito em saber disso, Peter. Há quem diga que você está muito cheio de si desde que passou a viver em Riverside Drive.

— Quem foi que disse uma coisa dessas? — exclamou Peter, indignado. — É sempre assim. Não se pode ter uma pontinha de sucesso e logo começam a falar mal da gente.

Esther sorriu. Sabia que Johnny tinha alguma coisa em mente. Estava curiosa e sentia que ele não tardaria muito a dizer o que era.

— Isso acontece, — disse ela. — Mas talvez você tenha dado algum motivo...

— Nunca! Trato todo o mundo com a amizade de sempre.

— Então não se preocupe, — disse Esther, que em seguida se voltou para Johnny: — Quer uma xícara de café com um pedaço de bolo.

Foram com ela para a cozinha. Quando Johnny acabou de comer o segundo pedaço de bolo, perguntou displicentemente a Peter:

— Leu o World hoje?

Um sexto sentido fez Esther olhar atentamente para Johnny. Aquela pergunta fora feita com exagerada displicência. Ficou à espera do que Johnny ia dizer.

— Li, sim, — respondeu Peter.

— Leu a notícia sobre um filme de quatro partes que vai ser feito por Sarah Bernhardt? E leu também a notícia sobre o Quo Vadis?

— Claro que sim. Por que pergunta?

— Lembra-se do que lhe disse uma vez sobre filmes maiores?

— Lembro-me. E também me lembro do seriado que você cortou.

— Isso foi outra coisa, Peter. Eu estava tentando um novo rumo. Mas essas duas notícias são diferentes. Provam que a minha ideia de transformar O Bandido num filme estava certa.

— Não sei disso, não. As coisas continuam na mesma.

— Você acha? A maior atriz do nosso tempo vai fazer um filme, um grande romance vai servir de base para um filme e você ainda acha que as coisas continuam na mesma? Não percebe então que o cinema está crescendo e que os filmes de duas partes que o consórcio o está forçando a fazer já não cabem nele?

— O que você está dizendo é pura tolice, — disse Peter, levantando-se. — De vez em quando alguém fará um filme mais comprido sem resultado algum. Mas você lê no jornal que dois estão sendo feitos ao mesmo tempo e fica logo cheio de razões. Pode ser que, se Sarah Bernhardt quisesse fazer um filme para Peter Kessler, eu me metesse nessa aventura. Mas, quem é que vai ficar

sentado durante uma hora para ver um filme, se não for atraído por algum artista famoso que trabalhe nele?

Johnny pensou que Peter tinha de certo modo razão. Sem nomes conhecidos, seria difícil atrair o público para ver um filme. Quando trabalhava no parque, tinha visto fazer-se muita publicidade de certos artistas porque isso chamaria os fregueses. O teatro contratava também certos atores e atrizes pela mesma razão. Mas o cinema nunca divulgava os nomes dos artistas. O consórcio era contra isso, pois achava que, se os artistas se tornassem conhecidos e tivessem consciência do seu valor, iriam exigir mais dinheiro.

Apesar disso, o público já distinguia certos artistas pela fisionomia e sempre que sabia que havia um filme com esse favorito corria para os cinemas. Isso acontecia, por exemplo, com um vagabundo de aspecto muito engraçado que já havia feito algumas comédias. Como era o nome dele? Johnny teve de fazer um grande esforço de memória para lembrar-se — Chaplin. Da moça que era conhecida como a pequena da Biograph, Johnny nem sabia o nome. Mas o público sabia e não perdia um filme dela.

Resolveu recomendar a Joe que incluísse no quadro do título dos filmes os nomes dos atores. Facilitaria a identificação pelos fregueses dos artistas que preferissem e ajudaria os exibidores na publicidade das suas atrações.

Pensando nessas coisas, Johnny estava havia tanto tempo em silêncio que Peter pensou que o derrotara.

— Já não tem o que dizer, não é? — perguntou ele, vitoriosamente.

Johnny voltou a si e acendeu um cigarro.

— Não, nada disso. O que acontece é que você acaba de me sugerir a única coisa de que eu precisaria para assegurar o sucesso de um filme. Um grande nome que todos conheçam. Se você tiver um grande ator, não poderá negar-se a fazer um grande filme!

— Com um grande nome é possível. Mas quem é que você vai conseguir, Johnny.

— O mesmo ator que está fazendo O Bandido no teatro, Warren Craig.

— Warren Craig? Por que não escolhe logo John Drew? — perguntou ironicamente.

— Não. Warren Craig é suficiente. Peter exclamou em iídiche:

— Uehr nicht a nahr!

Vendo que Johnny não compreendera, repetiu:

— Não seja tolo! Bem sabe que essa gente do teatro olha para o cinema como uma coisa inferior. Não vai conseguir que trabalhem!

— Quem sabe? Talvez agora que Sarah Bernhardt vai fazer um filme, eles não se mostrem tão difíceis.

— Neste caso, será preciso também conseguir o dinheiro de Jacob Astor para pagar-lhes.

Johnny não deu atenção a esse último comentário de Peter. Levantou-se exaltadamente, com o cigarro esquecido na mão.

— Já sei agora como irá aparecer na tela: “Peter Kessler apresenta... Warren Craig... no famoso sucesso da Brodway... O Bandido... um filme Magnum”.

Parou, ainda com o dedo estendido dramaticamente para Peter.

Este havia-se levantado sem querer da cadeira, procurando visualizar também o que Johnny dizia. Mas o encanto se quebrou e ele voltou a acomodar-se na cadeira.

— Pois eu vejo também uma notícia nos jornais, — disse ele. — “Requerida a falência de Peter Kessler!”

Esther olhava para os dois. Teve então uma vaga surpresa, pensando: “No fundo, Peter está com vontade de tentar!”

— Nada feito, Johnny, — disse Peter, levantando-se. — Não podemos jogar tanto com a sorte. Os riscos são muitos. O consórcio não concordará e, se nos cassarem a licença, nada mais poderemos fazer. O nosso dinheiro não é suficiente para arriscar assim.

Johnny olhou-o, sentindo as têmporas latejarem. Esther estava com os olhos fitos em Peter. Pela porta da cozinha, via-se Mark que estava tentando armar no chão uma casa com blocos de madeira. Naquele momento, a casa caiu e Doris largou o livro que estava lendo e foi ajudá-lo.

Voltando-se lentamente para Peter, Johnny começou a falar. Não alteou a voz e não deu o menor sinal de tensão. A sua decisão estava tomada.

— Vocês, produtores, são todos iguais! Todos com medo do consórcio! Queixam-se o tempo todo, dizem que o consórcio não os deixa viver e que os está matando de fome! Mas o que estão fazendo contra isso? Nada! Ficam todos debaixo da mesa do consórcio, apanhando as migalhas que eles querem jogar. Porque vocês só pegam migalhas! Nada mais. Sabe quanto foi que o consórcio ganhou no ano passado? Vinte milhões de dólares! Sabe quanto foi que os produtores independentes fizeram no ano passado? Quatrocentos mil dólares para quarenta produtores, o que dá uma média de dez mil dólares por cabeça. Mas, durante esse tempo, vocês pagaram oito milhões de dólares ao consórcio para continuarem a produzir! Oito milhões de dólares! Dinheiro que ganharam e tiveram de entregar aos outros! Vinte vezes mais do que aquilo com que ficaram. E só há um motivo para tudo isso! Todos têm medo de enfrentar o consórcio!

O cigarro começou a queimar-lhe os dedos. Jogou-o no cinzeiro em cima da mesa e continuou a falar com uma voz carregada de tensão. Era

espantosa a qualidade dramática que podia dar à voz quando era preciso, substituindo-a prontamente por outra quando o seu efeito fora conseguida.

— Por que não abrem os olhos? A indústria é tanto de vocês quanto deles. Vocês é que ganham o dinheiro. Por que não ficam com ele? Mais cedo ou mais tarde, terão de lutar com com eles. Por que não lutam já? Lutem fazendo filmes melhores. Eles sabem do que vocês são capazes e, por isso, estabelecem limites ao que vocês podem fazer. Dominam a indústria assim porque têm medo do que vocês poderão fazer se começarem a agir por conta própria. Unam-se. Talvez consigam enfrentá-los nos tribunais. Talvez o que estão fazendo seja previsto nas novas leis contra os trustes. De qualquer modo, o que está em jogo vale bem a luta. Lembra-se de quanto em Rochester batalhei para você entrar para a indústria? Tinha para isso uma boa razão. Poderia ter ido trabalhar com Borden ou com qualquer dos outros, mas queria era você. Por quê? Porque achava que você era o único homem com coragem suficiente para lutar quando chegasse a ocasião. Muitas vezes, depois disso, fui convidado a trabalhar com outros, mas fiquei firme ao seu lado. E o motivo foi o mesmo. Agora, tenho de saber se estava certo ou errado. A ocasião é esta. Ou você entra na luta agora ou, dentro em breve, o consórcio afastará a todos da atividade!

Ficou olhando para Peter, procurando avaliar o efeito das suas palavras. O rosto de Peter nada revelava, mas havia outros sinais que lhe mostravam que vencera a batalha. As mãos de Peter estavam cerradas como as de um homem que vai lutar.

Peter ficou muito tempo em silêncio. Não podia discutir com Johnny. Sabia que ele tinha razão. No ano passado, pagara ao consórcio 140 mil dólares e só ficara com oito mil. Mas Johnny era muito moço e estava sempre disposto a investir contra moinhos de vento. Talvez, quando fosse mais velho, chegasse a compreender que é preciso, às vezes, ter paciência.

Levantou-se, foi até à pia e bebeu demoradamente um copo de água. Apesar de tudo, havia alguma coisa certa no que Johnny dizia. Se todos os produtores independentes se unissem, poderiam enfrentar o consórcio e talvez vencer. Às vezes, lutar era melhor do que esperar. Talvez Johnny estivesse certo. Talvez fosse aquela a ocasião. Voltou-se para Johnny e perguntou:

— Quanto você disse que poderia custar um filme assim?

— Por volta de 25 mil dólares, isto é, desde que se queira Warren Craig no papel principal.

Vinte e cinco mil dólares, pensou Peter. Dinheiro demais para um filme. Mas, depois, podia-se ganhar uma fortuna com ele.

— Se fizermos um filme assim, — disse ele, — teremos de ter Warren Craig no papel principal. É uma coisa em que não se pode facilitar.

— Você não terá de colocar 25 mil dólares do seu dinheiro, — disse Johnny, aproveitando ansiosamente a oportunidade. — Joe e eu poderemos entrar com cinco mil dólares juntos, você entrará com oito mil e o resto tomaremos emprestado. Acho que alguns exibidores são capazes de aproveitar a oportunidade. Vivem reclamando alguma coisa diferente. Se lhes prometermos isso, poderemos conseguir que entrem com dinheiro.

— Mas temos de conseguir Warren Craig.

— Deixe isso comigo, Peter, que eu conseguirei.

— Então eu posso entrar com 10 mil dólares.

— Quer dizer que vai mesmo fazer isso, Peter?

Peter hesitou um momento. Olhou para Esther e disse com voz pausada:

— Não estou dizendo que vou fazer, nem que não vou fazer. Só estou dizendo é que vou pensar no caso.

# 4

Peter esperou que Borden saísse da sinagoga. A sinagoga na baixa Broadway era todas as manhãs um ponto de encontro para muitos dos mais importantes produtores de filmes. Começou a descer a rua ao lado dele.

— Bom dia, Willie.

— Olá, Peter, — disse ele, sorrindo. — Como vai o Geschãft?

— Não me posso queixar. Quero conversar com você. Tem tempo para uma xícara de café?

Borden tirou o relógio e consultou-o.

— Claro. Que é que há?

— Leu os jornais de ontem? — perguntou Peter, quando se sentavam a uma mesa do café mais próximo.

— Li, sim. A que é que você está querendo aludir?

— Ao filme de Sarah Bernhardt e a Quo Vadis?

— Claro que li, respondeu Borden, sem saber ainda aonde Peter queria chegar.

— Acha que vão começar a fazer filmes maiores?

— É possível, — respondeu Borden cautelosamente.

— Pois Johnny quer que eu faça um filme de seis partes.

— Um filme de seis partes? — perguntou Borden, interessado. — Sobre quê?

— Quer que eu compre uma peça de teatro para fazer um filme e contrate para trabalhar nele o artista principal do palco.

— Comprar uma peça? É bobagem. Nunca se ouviu falar nisso. Podemos ter todos os enredos que quisermos de graça.

— Sei disso, mas Johnny acha que o título da peça atrairá o público para as bilheterias.

Borden podia ver que isso fazia sentido e o seu interesse aumentou.

— Como é que vocês vão contornar as regras do consórcio?

— Johnny diz que podemos economizar filme virgem suficiente para fazer o filme e, depois, trabalhar nele secretamente. O consórcio só saberá quando o filme estiver pronto.

— Se eles descobrirem, poderão fazê-lo fechar as portas.

— Talvez sim, talvez não. Mas tem de haver um ponto em que façamos pé firme para enfrentar o consórcio. Do contrário, ainda estaremos produzindo filmes de duas partes enquanto o resto do mundo estiver fazendo filmes longos. Os produtores estrangeiros chegarão e dominarão o nosso mercado. Quando isso acontecer, nós sofreremos mais do que o consórcio. Já chega de viver com as migalhas que eles nos deixam. Está na hora de nós, os produtores independentes, nos unirmos para lutar contra eles.

Borden refletiu sobre o caso. O que Peter dizia era a opinião geral dos produtores independentes, mas nenhum deles tinha vontade de enfrentar o consórcio. Ele mesmo não queria de modo algum meter-se numa aventura tão perigosa quanto aquela. Mas se Peter se arriscasse, ele podia ver os benefícios que teria com o êxito do outro.

— Quanto custaria um filme assim? — perguntou ele.

— Cerca de 25 mil dólares.

Borden acabou de tomar o seu café, procurando calcular quanto Peter tinha em dinheiro. Depois de alguns momentos de cálculo silencioso, chegou à conclusão de que Peter tinha cerca de 10 mil dólares. Teria, portanto, de tomar o resto emprestado. Botou o dinheiro para pagar o café em cima da mesa e levantou-se.

— Vai fazer o filme? — perguntou quando chegaram à rua.

— Estou pensando no caso, — disse Peter, — mas não tenho dinheiro que chegue. Talvez, se eu puder ver as coisas claras, pegue a oportunidade.

— Quanto já tem?

— Cerca de quinze mil dólares.

Borden se surpreendeu. Peter devia estar ganhando mais do que ele calculara. Olhou-o de maneira mais respeitosa.

— Posso entrar com 2 500 dólares, — disse ele, impulsivamente.

Era uma quantia bem pequena para arriscar num empreendimento tão cheio de oportunidades. Sentia-se muito à vontade em tudo aquilo. Seria melhor para ele que Peter se arriscasse.

Peter olhou-o, também satisfeito. Era só isso que ele queria saber — se Borden aprovava a ideia a ponto de arriscar dinheiro nela. A pequena quantia que Borden oferecera não tinha importância para Peter. Não lhe ocorreu que Borden, se quisesse, poderia facilmente entrar com o dinheiro que faltava.

— Ainda não resolvi, — disse ele a Borden. — Logo que resolver, irei falar com você.

Mas Borden já estava ansioso pela decisão de Peter e disse ardilosamente:

— Está bem. E se não quiser fazer, fale também comigo. Talvez eu mesmo faça o filme. Quanto mais penso nisso, mais me agrada.

— Não sei ainda, — atalhou Peter, prontamente. — Como já disse, ainda não cheguei a uma decisão. Logo que chegar, falarei com você.

Lia-se na porta de vidro o nome: “Samuel Sharpe” e embaixo, em letras menores: “Representante Teatral”. Johnny empurrou a porta e entrou.

A sala era pequena e tinha as paredes cobertas de retratos com dedicatórias ao “caro Sam”. Johnny notou que todas as dedicatórias pareciam ter a mesma caligrafia e sorriu intimamente.

Uma moça entrou por outra porta e sentou-se a uma mesa encostada à parede.

— Que deseja, cavalheiro? — perguntou ela.

Era bem bonita. O tal Sharpe pelo menos sabia escolher as funcionárias. Aproximou-se dela e entregou-lhe um cartão.

— Quero falar com o Sr. Sharpe.

A moça olhou o cartão e viu que se tratava de “John Edge, Vice-Presidente da Magnum Filmes”. Olhou-o de maneira diferente e disse:

— Quer fazer o favor de sentar-se? Vou ver se o Sr. Sharpe pode atendê-lo.

Johnny sorriu para ela quando se sentou e murmurou:

— Devia estar trabalhando no cinema.

Ela saiu da sala com o rosto muito vermelho e voltou daí a um instante.

— O Sr. Sharpe vai atendê-lo daqui a poucos minutos. Depois, sentou-se à mesa e fingiu que estava muito ocupada.

Johnny pegou um número do Billboard e começou a ler. Pelo canto dos olhos, viu que ela o estava observando. Largou o jornal e puxou conversa:

— O dia está bem bonito, não está?

— Está sim, senhor.

Em seguida, colocou uma folha de papel na máquina e começou a bater.

Johnny se levantou e foi até à mesa dela.

— Acredita que a letra possa revelar o caráter de uma pessoa? Ela pareceu atônita e respondeu:

— Nunca pensei nisso, mas acho que pode.

— Então escreva alguma coisa numa folha de papel. Ela pegou uma caneta e perguntou:

— Que quer que eu escreva?

— Escreva, por exemplo, “Ao caro Sam...” e assine com o seu nome.

Ela sorriu, escreveu alguma coisa e entregou-lhe o papel.

— Pronto, Sr. Edge. Não sei se vai gostar.

Johnny leu o que ela escrevera e olhou-a com súbita surpresa. Ela estava rindo. Johnny sorriu para ela e leu de novo:

“O nome é Jane Anderson. Maiores detalhes a pedido”.

— Jane! — exclamou ele. — Eu sabia que nos iríamos entender.

Ela ia responder, mas uma campainha tocou ao lado da mesa.

— Pode entrar, — disse ela, sorrindo. — O Sr. Sharpe já está livre.

Johnny encaminhou-se para a porta, mas parou de repente e voltou-se para ela.

— Diga-me uma coisa: Sharpe estava realmente ocupado?

— Claro que sim, — disse ela com um sorriso. — Estava fazendo a barba.

Johnny riu e entrou na outra sala, que era muito parecida com a primeira, pois tinha as paredes também cheias de retratos. Mas era um pouco maior e, sentado à mesa, via-se um homem de terno cinza, que se levantou e estendeu-lhe a mão.

— Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Edge.

Trocaram cumprimentos e Johnny entrou direto no assunto.

— A Magnum Filmes vai comprar os direitos de filmagem de O Bandido e nós gostaríamos de que Warren Craig se encarregasse do papel principal do filme.

Sharpe sacudiu a cabeça tristemente e não respondeu.

— Por que está sacudindo a cabeça, Sr. Sharpe?

— Desculpe, Sr. Edge. Se tivesse sido qualquer outro dos meus clientes, menos Warren Craig, eu acharia que o senhor poderia ter possibilidades, mas Craig...

E concluiu a frase, abrindo expressivamente os braços.

— Menos Warren Craig por quê?

— O Sr. Craig vem de uma das famílias mais conhecidas do teatro e bem sabe o juízo que os artistas fazem dos filmes. Além disso, olhando as coisas de um ponto de vista mais prático, o cinema paga muito pouco.

— Escute, Sr. Sharpe: Quanto é que Warren Craig costuma ganhar?

— Craig ganha no palco 150 dólares por semana e o cinema não paga mais de 75 dólares.

— Sr. Sharpe, o que lhe vou dizer é absolutamente confidencial.

— Sam Sharpe respeitará a confiança, Sr. Edge.

— Ótimo. A Magnum não pretende fazer de O Bandido um filme comum. Será uma produção de alta classe, alguma coisa tão nova e grandiosa que poderá comparar-se às melhores produções do teatro. É por isso que queremos que Warren Craig faça no filme o mesmo papel que fez no teatro. Pelo seu trabalho, estamos dispostos a pagar-lhe 400 dólares por semana, com um mínimo garantido de dois mil dólares.

Johnny recostou-se na cadeira e ficou a observar o efeito das suas palavras. Era evidente pela fisionomia de Sharpe que era de transações dessa espécie que ele gostava.

— Devo ser honesto com o senhor, — disse Sharpe. — A sua oferta me parece muito generosa, mas não creio que possa convencer Craig a aceitá-la. Torno a dizer que ele não aprova o cinema. Chega ao ponto de desprezá-lo, pois o julga abaixo da dignidade da verdadeira arte.

— Sara Bernhardt não considera o cinema abaixo da dignidade da sua arte e, ela está fazendo um filme na França, talvez o Sr. Craig não se incomode de fazer um filme aqui.

— Já tinha ouvido falar nisso, Sr. Edge, mas não acreditei. É verdade?

— Absoluta verdade! — exclamou Johnny e começou a mentir. — O nosso representante na França acompanhou de perto as negociações e nos assegurou que o contrato já foi assinado e registrado. É claro que lhe pagaríamos a mesma gratificação que o agente de Madame Bernhardt recebeu. Dez por cento sobre a garantia.

— Sr. Edge, devo dizer-lhe que é muito convincente. Estou da minha parte inteiramente convencido, mas não posso dizer como o Sr. Graig reagiria. Não me daria ouvidos. Gostaria de falar com ele?

— A qualquer tempo que seja possível.

Johnny saiu da sala certo de que Sharpe lhe telefonaria logo que fosse possível um contrato com Craig.

Parou à saída junto à mesa da moça. Sorriu para ela e disse:

— E quanto aos outros detalhes, Jane?

Ela lhe passou às mãos uma folha de papel, em que estavam escritos à máquina o nome, o endereço e o telefone.

— Não telefone depois das oito da noite, Sr. Edge, — disse ela, sorrindo. — Moro numa pensão e a dona não gosta de telefonemas depois dessa hora.

— Telefonarei para aqui, menina. Assim, você não terá de preocupar-se com a dona da pensão.

E saiu, assobiando alegremente.

Johnny só foi chegar ao estúdio lá para o fim da tarde. Peter levantou a cabeça da escrivaninha ao vê-lo.

— Onde foi que você se meteu? Passei o dia a procurá-lo.

— Tive um dia muito atarefado, Peter. Em primeiro lugar, fui conversar com o agente de Warren Craig. Depois, fui almoçar com George, que está na cidade.

— Para que é que você foi almoçar com George?

— Para conversar de dinheiro, Peter. Parece que vamos mesmo conseguir Warren Craig e eu pensei que não faria mal começar a arranjar dinheiro para o filme. George vai entrar com mil dólares.

— Mas eu ainda não disse que vamos fazer o filme.

— Eu sei, Peter, mas se você não o fizer, outra pessoa o fará. E eu não vou ficar do lado de fora olhando até tudo terminar.

Olharam-se firmemente durante alguns segundos. Afinal, Peter falou:

— Está então resolvido?

— Estou, sim. Para mim, chega de indecisão.

O telefone tocou. Peter atendeu. Depois, virou-se e passou o fone a Johnny.

— É para você.

Johnny pegou o fone e disse:

— Alô?

A pessoa falou durante alguns minutos enquanto Johnny escutava. Em dado momento, Johnny tampou o bocal com a mão e disse a Peter:

— É Borden. Falou com ele sobre o filme hoje de manhã?

— Falei, sim. Que é que ele quer?

Johnny, em vez de responder-lhe, disse ao telefone:

— Não sei, Bill. Ele ainda não resolveu. Escutou mais alguns instantes e disse:

— Está bem, Bill. Não me esquecerei de falar com você. Logo que ele desligou, Peter perguntou, desconfiado:

— Que era que ele queria?

— Queria saber se você já havia resolvido. Disse mais que, se a sua decisão for contrária ao filme, quer que eu vá conversar com ele.

— Gonif! — exclamou Peter, indignado. — Bastou eu falar com ele hoje de manhã e ele já está querendo roubar as ideias dos outros! Que foi que disse a ele?

— Você ouviu. Disse que você ainda não havia decidido.

— Então telefone para ele agora mesmo e diga que eu já decidi. Vamos fazer o filme!

— Vai mesmo?

— Claro que vou. Quero mostrar a esse tal Willie Bordanov que ele não pode roubar as ideias dos outros!

Johnny pegou o telefone.

— Espere um pouco, — disse Peter. — Eu mesmo falarei com ele. Temos um pequeno assunto para resolver. Ele me prometeu dois mil e quinhentos dólares se eu decidisse fazer o filme e eu quero que ele me mande esse dinheiro imediatamente.

# 5

Peter ficou calado durante todo o jantar. Quase não proferiu duas palavras do princípio ao fim. Esther sabia que alguma coisa o estava preocupando, mas esperou que ele acabasse de comer. Conhecia-o muito bem e sabia que ele só falaria quando julgasse que estava na hora.

— Doris trouxe hoje o boletim mensal, — disse ela. — Tirou em tudo.

— Ótimo, — disse Peter sem maior interesse.

Em geral, ele examinava com toda a atenção o boletim de Doris e fazia questão de assiná-lo. Esther nada mais disse.

Peter levantou-se da mesa, pegou o jornal e foi para a sala. Esther ficou ajudando a empregada a tirar a mesa. Quando foi para a sala, viu que o jornal estava esquecido no chão e o marido tinha o olhar parado no espaço.

— Que é que há com você? — perguntou ela, sem suportar mais aquele prolongado silêncio. — Não se está sentindo bem?

— Estou perfeitamente bem. Por que pergunta?

— Parece que está morrendo. Desde que chegou, quase não abriu a boca para falar.

— São coisas que estou pensando, — respondeu ele com secura, desejando que a mulher o deixasse em paz.

— Algum segredo?

— Não, — disse ele, lembrando-se de repente que ainda não comunicara à mulher a sua decisão. — Decidi fazer o tal filme que Johnny quer. Agora, estou preocupado.

— Se já decidiu, por que está preocupado?

— Há muito risco. Eu poderei perder tudo.

— Sabia disso quando tomou a sua decisão, não sabia?

Ele bateu com a cabeça.

— Não fique então aí sentado, como se estivesse esperando o fim do mundo. Agora, tem de fazer o que deve, sem pensar no que poderá acontecer.

— E se eu perder tudo, o que acontecerá?

Os seus pensamentos se apegavam a essa hipótese como a língua a um dente que dói. E quanto mais isso acontecia, mais dor ele sentia.

Esther sorriu.

— Não vai acontecer nada. Meu pai perdeu três lojas e sempre se arrumou. Nós também nos arrumaremos.

— Você não se importará? — disse ele com um sorriso mais contente.

Ela se aproximou dele, sentou-se no seu colo e disse:

— Os negócios para mim não são tão importantes que cheguem a preocupar-me. Só estou interessada é em você. Você tem de fazer o que acha que deve. Isso é que é importante, ainda que não dê bom resultado. Para minha felicidade, bastam você e as crianças. Pouco me importa ter mais um apartamento em Riverside Drive e uma empregada.

Ele enlaçou-a com os braços e descansou a cabeça sobre os seus seios.

— Tudo o que faço é por você e as crianças, — disse ele em voz baixa. — Quero que vocês tenham tudo.

A voz dele era sincera. Isso era o que ela queria. Sabia que o sucesso nos negócios era importante para um homem, mas para ela o importante era o ânimo do marido.

— Sei disso, Peter. Por isso mesmo é que você não deve preocupar-se. Um homem trabalha melhor quando não tem certas preocupações na cabeça. Tudo vai dar certo. A ideia é boa e corresponde a uma necessidade.

— Acha mesmo?

— Claro. Do contrário, você não teria tomado a decisão.

Levantar o dinheiro para o filme acabou sendo o mais fácil de tudo. Os exibidores com quem Johnny conversou se mostraram ansiosos em entrar com dinheiro para o filme. Estavam cansados de ter de pagar os olhos da cara pelos péssimos filmes do consórcio.

Johnny recebeu quantias que iam dos mil dólares que Vic havia conseguido de George a cem dólares que lhe foram confiados por um pequeno exibidor de Long Island.

Era o segredo mais divulgado da indústria. Todos sabiam do filme, menos o consórcio. Os outros produtores independentes observavam cuidadosamente a Magnum para saber o que ia acontecer.

Enquanto isso, Peter estava comprando todo o filme virgem que encontrava e Joe estava trabalhando ativamente com o autor da peça na preparação do script para o cinema.

Warren Craig estava tirando a maquilagem no camarim repleto de gente. Pelo espelho, via quase todo o mundo conversando animadamente, menos uma bela pequena a um canto, que não dizia uma palavra. Limitava-se a vê-lo tirar a maquilagem com uma expressão de admiração no olhar.

Craig sentia-se bem. Tinha tido um bom desempenho naquela noite e tinha consciência disso. Havia noites em que tudo dava certo, do mesmo modo que havia outras noites diferentes. Cruzou os dedos para afastar a má sorte ao pensar nisso.

A moça do espelho viu o gesto e sorriu timidamente para ele. Craig sorriu para ela e o rosto da moça se iluminou.

Acabou de tirar a maquilagem do rosto e voltou-se para a gente reunida no camarim.

— Agora, tenho de pedir licença aos meus bons amigos, — disse ele, com a sua forte voz de barítono. — É preciso tirar este traje provinciano.

Houve risos. Sempre havia quando ele dizia isso, que fazia parte da representação. Estava vestido de cowboy e o traje lhe assentava muito bem. As cores vistosas da camisa em contraste com a cor neutra das calças, realçando os ombros largos e o corpo esbelto.

Foi para trás de um biombo e daí a alguns minutos apareceu em roupas comuns. A verdade era que parecia tão bem com elas quanto com o costume que usara no palco. Era um ator e tinha plena consciência disso. Tudo o que ele vestia, tudo o que fazia e dizia proclamava a cada instante que ele, Warren Craig, era o representante da terceira geração de sua família no palco americano.

Estava pronto a receber as homenagens.

Postou-se à vontade no centro do camarim com a cabeça levemente inclinada para a frente, dizendo algumas palavras a cada pessoa que chegava para felicitá-lo. Enquanto isso, fumava um cigarro metido numa comprida piteira russa.

Foi assim que Johnny o viu quando entrou com Sam Sharpe no camarim. Mas Warren Craig não teve muito prazer em ver Sam. Este fê-lo lembrar-se do encontro que contra a vontade marcara naquele mesmo dia com o tal camarada do cinema. Em vez disso, tinha de achar um meio de levar aquela linda pequena ali no canto para cear com ele.

Mas o tempo foi passando e a oportunidade não surgia. Craig sorriu filosoficamente. Era o preço que se pagava por ser um dos maiores artistas do teatro americano. Nunca se podia dispor do próprio tempo.

O camarim se esvaziou pouco a pouco. A última pessoa que saiu foi a pequena bonita. Despediu-se da porta com um sorriso. Craig retribuiu o sorriso, com um gesto de desolação que dizia tão claramente como um pensamento expresso em palavras: “Que é que se vai fazer, minha filha? São os ossos do ofício de um grande ator”.

Também o sorriso dela era eloquente. Craig interpretou-o: “Compreendo perfeitamente. Fica para outra vez”.

Johnny havia percebido todo esse jogo de cena. Havia ficado calmamente a um canto, observando Craig. Não tinha dúvida de que fosse um bom ator, mas a vaidade masculina caía-lhe sobre a pessoa como um manto. E tinha motivos para ser vaidoso. Devia ter no máximo vinte e cinco anos, era bem apessoado, esbelto, com feições clássicas e cabelos crespos que, na opinião de Johnny, deviam fotografar muito bem.

Craig voltou-se para Johnny e, na realidade, viu-o pela primeira vez. "Mas ele é mais moço do que eu!" foi o seu primeiro sentimento de surpresa. "E, apesar disso, é vice-presidente de uma companhia de cinema". Mas, continuando a olhar para Johnny, viu outras coisas que não eram em geral visíveis para o comum das pessoas. Quem trabalha em teatro costuma observar com presteza certos traços pessoais que possam depois ser projetados do palco para o público. A boca de Johnny era grande e generosa, mas firme e determinada. O queixo tinha uma certa curva agressiva, mas mantida sob controle. O mais interessante de tudo eram, porém, os olhos, profundos e de um azul bem carregado, em cujo bojo pareciam dormir chamas ocultas. "Um idealista", foi a conclusão de Craig.

— Está com fome, Warren? — perguntou Sharpe, com a sua voz esganiçada.

— Sou capaz de comer, — disse ele, encolhendo os ombros como se a comida pouco significasse para ele. Olhou para Johnny e disse: — Essas representações esgotam muito.

— Compreendo, Sr. Craig, — disse Johnny, sorrindo. Craig simpatizou com a voz de Johnny.

— Espere aí, vamos deixar de cerimônias. O meu nome é Warren.

— E o meu é Johnny.

Os dois homens apertaram-se as mãos e Sam Sharpe saiu com eles do camarim, sorrindo. A comissão e a gratificação já pareciam a caminho.

Craig aqueceu o cálice de conhaque entre as mãos. Embora houvesse dito que não estava com fome, comera o grande bife que havia pedido com o apetite de um trabalhador braçal. Naquele momento, estava pronto a conversar.

— Segundo sei, trabalha numa companhia de cinema, não é, Johnny?

Johnny bateu com a cabeça.

— Sam me disse que estão querendo filmar O Bandido.

— Isso mesmo, — disse Johnny. — E gostaríamos de que tivesse o papel principal. Ninguém mais no teatro pode encarregar-se de um papel tão difícil.

Não fazia mal um pouco de adulação. Craig era da mesma opinião. Sorriu satisfeito, mas exclamou:

— O pior é que terei de trabalhar no cinema, meu velho. No cinema!

— O cinema está crescendo e subindo de categoria, Warren. Um grande artista como você já pode expressar o seu talento melhor na tela do que no palco.

— Não concordo com você, Johnny, — disse Craig, tomando um gole de conhaque e sorrindo. — Ainda outro dia, entrei por acaso num cinema e o que vi foi francamente pavoroso. Tinha o nome de comédia mas, palavra de honra, que não fazia rir. Havia um pequeno vagabundo perseguido por policiais gordos que levavam quedas a cada instante. Desculpe, meu velho, mas se havia alguma coisa naquilo, não consegui vê-la.

Johnny riu. Viu que o cálice de Warren estava vazio e fez sinal ao garçom para voltar a enchê-lo.

— Não posso crer que esteja pensando que vamos transformar O Bandido num filme dessa espécie, — exclamou.

Inclinou-se sobre a mesa como se fosse fazer uma confidencia e continuou:

— Escute aqui, Warren. Em primeiro lugar, o filme será inteiramente diferente. Não terá vinte minutos de projeção, mas mais de uma hora. Depois, há uma novidade que acaba de ser lançada. É o close-up ou primeiro plano. É criação de um homem chamado Griffith. Consiste no seguinte. Imagine que você esteja representando uma cena importante, digamos, aquela cena com a moça no jardim. Lembra-se do momento em que olha para ela e o seu rosto exprime todo o seu amor sem você dizer uma palavra? Pois bem, isso na tela será mostrado magnificamente. A câmara focalizará o seu rosto de perto e só o seu rosto. É o que todo o público verá. Todas as expressões sutis, todos os matizes de sentimento de que você é capaz, com a sua arte soberba, serão mostrados a todo o mundo e não apenas às pessoas que estão na primeira fila do teatro.

Craig pareceu interessado.

— Quer dizer que a câmara só fotografará a mim?

— E não é só. Ficará concentrada em sua pessoa a maior parte do tempo porque, afinal de contas, tirando você, que é que há mais na peça?

Craig ficou em silêncio e tomou mais um gole de conhaque. Agradava-lhe a ideia. Na verdade, a peça era ele. Depois, sacudiu a cabeça.

— Não, Johnny, você chegou a me tentar, mas não é possível. O cinema arruinaria a minha reputação no palco.

— Sarah Bernhardt não tem medo de que o cinema lhe destrua a reputação. Ela percebe o desafio feito à sua arte e está pronta a enfrentá-lo. Compreende que o cinema lhe oferece possibilidades tão amplas quanto o palco. Pense nisso, Warren, pense nisso! Sarah Bernhardt na França, Warren Craig nos Estados Unidos. Os dois maiores artistas dos dois lados do Atlântico fazendo

cinema! Não me diga que tem receio de enfrentar o mesmo desafio que Sarah Bernhardt está enfrentando!

Craig acabou de beber o conhaque. Aquelas últimas palavras haviam-no acertado. Que foi mesmo que John dissera?

Havia gostado daquilo. Sarah Bernhardt e Warren Craig, os dois maiores artistas do mundo. Levantou-se com equilíbrio um tanto incerto e disse a Johnny:

— Você conseguiu convencer-me, meu velho. Vou trabalhar no filme! E o que é mais, pouco me importa com o que os meus colegas de profissão disserem, ainda que seja John Drew. Mostrarei que um verdadeiro artista é capaz de trabalhar de qualquer maneira. Até no cinema!

Johnny sorriu para ele. Sam, debaixo da mesa, descruzou os dedos.

# 6

Sentado na poltrona, Joe olhava para Johnny que dava o laço na gravata. Já era a terceira vez que o desmanchava e escolhia outra gravata.

— Que diabo! Nunca acerto da primeira vez.

Joe sorriu. Desde o dia em que falara a Johnny do risco que ele corria em convencer Peter a fazer o tal filme, nunca mais tratara do assunto. Fazia a sua parte do trabalho em silêncio e da melhor maneira que lhe era possível, esperando que tudo acabasse bem. De vez em quando, sentia um pouco de receio diante da maneira por demais fácil em que tudo estava correndo, mas logo se censurava pelo seu pessimismo.

— Tem algum encontro? — perguntou a Johnny.

— Tenho, sim, — disse Johnny, ainda atrapalhado com a gravata.

— Alguém que eu conheço?

— Acho que não, — disse Johnny, voltando-se com o laço da gravata afinal terminado. É a secretaria de Sam Sharpe.

— Hum! Cuidado, garoto! Já vi uma vez aquela lourinha. É muito bonita mas é das que querem casar.

— Tolice. Ela é muito boa companhia.

— Já vi isso acontecer tantas vezes, — disse Joe, sacudindo tristemente a cabeça. — A pessoa sai com uma pequena para se distrair e, quando menos espera, está com uma sentença de prisão perpétua nas costas.

— Jane é diferente, — disse Johnny. — Ela sabe que não estou pensando ainda em me casar.

— As mulheres podem saber disso, mas o diabo é que não acreditam, Johnny. Mas, escute, você e Peter vão ao escritório do consórcio amanhã?

Era o que iam fazer. Estavam em fins de maio e o filme já estava pronto para ser rodado. O script e o elenco já eram caso resolvido. A única dificuldade que restava era conseguir um estúdio em condições para fazer o filme, pois o deles era pequeno demais.

Tinham falado com vários produtores independentes, mas nenhum deles dispunha de um estúdio que lhes pudesse ceder. Haviam resolvido por fim procurar o consórcio para conseguir o arrendamento de um dos seus estúdios. Eram todos de tamanho suficiente para a produção de O Bandido e Johnny sabia que um deles não ia ser utilizado naquele verão. Diriam ao consórcio que iam fazer um seriado e isso deveria bastar para resolver o caso.

— E se eles recusarem? — perguntou Joe.

— Não recusarão. Vamos ser pessimistas, mas como você já é demais.

— Está bem, está bem. Estava apenas perguntando.

Os cascos do cavalo batiam ritmadamente no chão. De repente, o cabriolé parou. O cocheiro inclinou-se da boleia e perguntou:

— E agora, chefe?

— Torne a dar uma volta pelo parque, — disse Johnny que, em seguida, voltou-se para Jane: — Está certo? Não está cansada?

O rosto de Jane estava pálido à luz do luar. A noite estava quente, mas ela levava uma charpa sobre os ombros.

— Não, não estou cansada, — murmurou ela.

O cabriolé voltou a rodar e Johnny se recostou no banco. Olhou para o céu onde todas as estrelas piscavam para ele. Descansou a cabeça sobre as mãos cruzadas na nuca e disse:

— Quando acabarmos esse filme, Jane, dominaremos a indústria. Ninguém mais nos pegará I

Sentiu-a mover-se ao lado dele e murmurar:

— Johnny...

— Que é, Jane? — perguntou ele, com o pensamento ainda nas estrelas.

— É só nisso que você pensa? No tempo em que o filme estiver terminado?

Ele se voltou para ela, surpreso.

— Que é que está querendo dizer?

Ela olhou com os olhos grandes e suavemente luminosos, dizendo com voz bem calma:

— Não sei se sabe disso, mas há na vida outras coisas além de filmes.

— Para mim, não, — disse ele, sorrindo. Ela virou a cabeça e olhou para o lado.

— Outras pessoas acham tempo para outras coisas, além dos negócios.

Johnny passou o braço pelo ombro dela, puxou-lhe a cabeça para ele e beijou-a. Os lábios de Jane eram quentes e ela o cingiu avidamente com os braços. Mas, de repente, os braços penderam inertes e ela se afastou.

— Coisas assim, Jane?

Ela ficou alguns segundos sem responder. Afinal, falou em voz bem baixa.

— Gostaria de que não tivesse feito isso, Johnny.

— Por quê, meu bem? Não era isso que você queria?

— Era e não era. Um beijo em si não tem nenhuma importância. O importante é o que há no fundo do beijo. Não gostei de que me houvesse beijado porque sei que não há nada no fundo do seu beijo. Dentro do seu coração, Johnny, só há filmes e não sentimentos.

O escritório do consórcio ficava num grande edifício na Rua 23, que tinha doze andares, um deles todo ocupado pelo consórcio. Quando Peter e Johnny saíram do elevador nesse andar, foram atendidos por uma jovem recepcionista.

— Querem falar com quem?

— Com o Sr. Segale, — disse Peter. — Somos Edge e Kessler e temos hora marcada.

— Façam o favor de sentar-se, — disse ela, apontando um sofá encostado à parede. — Vou-me comunicar com o escritório do Sr. Segale.

No fim do corredor, via-se por uma porta aberta um grande escritório onde homens e mulheres trabalhavam em várias filas de mesas.

— Eles têm realmente uma grande empresa, — murmurou Johnny.

— Já estou ficando nervoso, — disse Peter.

— Calma, Peter. Eles não têm a menor ideia do que vamos fazer. Não se preocupe.

Peter ia dizer alguma coisa, mas não pôde, pois nesse momento a recepcionista reapareceu.

— O Sr. Segale vai recebê-los. No fim do corredor. O nome dele está na porta.

Os dois agradeceram e foram pelo corredor. Era tudo muito amplo e com um ar que intimidava. De vez em quando, alguém passava por eles às carreiras, com jeito de quem estivesse fazendo alguma coisa muito importante. Até Johnny estava impressionado.

Abriram a porta onde estava o nome de Segale e o seu cargo de “Supervisor da Produção” e entraram. Estavam na sala de uma secretária. A moça sorriu para eles e apontou outra porta.

— Podem entrar. O Sr. Segale os espera.

O escritório era ricamente mobiliado. Um tapete cor de vinho cobria todo o chão, havia vários quadros nas paredes e confortáveis sofás e poltronas de couro espalhados pela sala.

Segale estava sentado a uma enorme mesa de nogueira. Recebeu-os cordialmente e os levou para um sofá.

— Fiquem à vontade. Querem fumar? — perguntou com uma caixa de charutos aberta nas mãos.

Peter tirou um charuto e acendeu-o. Johnny agradeceu e acendeu um cigarro.

Segale era um homem pequeno e gordo, com uma cara redonda e lisa de anjo. Mas os olhos azuis eram muito vivos e lábios bem finos marcavam uma boca pequena e redonda.

Logo que o viu, Johnny teve as primeiras desconfianças. “Esse camarada não é tolo”, pensou ele. “Não vai ser nada fácil passar-lhe a perna”. Mas ficou em silêncio, à espera.

Quem falou primeiro foi Segale.

— Que desejam, senhores?

Pete resolveu ir diretamente ao assunto.

— A Magnum gostaria de arrendar o estúdio de Slocum durante três semanas para fazer um seriado.

Segale se recostou confortavelmente na poltrona. Lançou uma baforada do charuto para o alto e ficou olhando a fumaça que se enovelava e subia.

— Compreendo. Se não me engano, têm uma concessão nossa para a produção de filmes curtos que não ultrapassem de dois rolos.

— É verdade, — disse prontamente Peter.

— E estão fazendo apenas isso?

Johnny olhou para Peter. As coisas não estavam correndo exatamente como esperavam. Mas Peter estava todo atento a Segale.

— Francamente, não entendo a pergunta! O Sr. sabe o que estamos fazendo.

Segale se ajeitou na poltrona. Apanhou um papel na mesa e olhou-o.

— Hum! Produziram 72 rolos de filme no ano passado.

Peter nada disse. Já não estava gostando também daquilo. Olhou para Johnny, que estava um pouco pálido e com os olhos apertados. Compreendeu que também Johnny estava inquieto. Voltou-se para Segale.

— Por que todas essas perguntas, Sr. Segale? Estamos apenas querendo espaço para fazer um filme em série.

Segale olhou firmemente para Peter e perguntou:

— Tem certeza de que é só isso que quer fazer, Sr. Kessler?

Johnny compreendia tudo. O homem estava brincando com Peter como um gato com um rato. Ele sabia o que eles queriam; sabia disso antes mesmo da chegada deles. Por que não dizia logo isso em vez de ficar com tantos rodeios?

— Tenho certeza, Sr. Segale. Para que mais iríamos precisar do estúdio? — disse calmamente Peter.

— Bem, correm por aí rumores de que vão fazer um filme de seis rolos tirado de uma peça da Broadway chamada O Bandido.

— É um absurdo, — disse Peter, rindo. — Talvez eu tivesse falado em fazer um seriado com a peça, mas um filme de seis rolos, nunca.

— De qualquer maneira, Sr. Kessler, o estúdio de Slocum vai ficar ocupado durante todo o verão e não poderemos cedê-lo.

— Ocupado como? — perguntou Johnny, levantando-se impulsivamente. — Sei perfeitamente que nada vai ser rodado neste verão.

— Não sei onde consegue as suas informações, Sr. Edge, para saber mais do que eu, que sou da companhia, — disse ele, friamente.

— Devo entender então, Sr. Segale, — disse Peter, que o consórcio não quer que a Magnum faça um seriado.

Segale encarou-o e disse polidamente:

— Sr. Kessler, o consórcio não quer que a partir de 1º de junho a Magnum faça filmes de qualquer espécie. De acordo com o parágrafo 6 da cláusula A do nosso contrato, revogamos neste momento a licença que lhes concedemos para tratarem da manufatura e produção de filmes cinematográficos.

Johnny viu o rosto de Peter ficar cinzento enquanto Segale falava. Por um momento, pareceu que ia sumir pela poltrona adentro, mas, logo depois, aprumou o corpo e a cor voltou-lhe às faces. Levantou-se e disse.

— Tenho de considerar então que o consórcio está exercendo o seu direito monopolizador de criar obstáculos ao comércio e à concorrência.

— Chame a isso o que quiser, Sr. Kessler. O consórcio está fazendo apenas o que é prevista no contrato.

A voz de Peter era pesada e lenta, mas sentia-se vibrar nela um timbre de aço.

— Não podem impedir a Magnum de fazer filmes apenas com a revogação do seu contrato, Segale. Nem pode impedir o progresso do cinema. A Magnum continuará a produzir filmes! Com ou sem licença do consórcio!

Segale olhou friamente para Peter e disse:

— O consórcio não terá o menor interesse em afastá-los da atividade, Sr. Kessler, desde que o senhor se comprometa a respeitar o seu acordo de só fazer e produzir filmes de dois rolos.

Johnny olhou para Peter. Aquele Segale era um sujeito duro. Dava uma cacetada na cabeça, e depois vinha com uma aspirina. Qual seria a atitude de Peter? Segale lhe dera uma saída.

Peter não respondeu logo. Muitas coisas lhe giravam na cabeça. Era uma oportunidade de salvar a sua indústria, mas, se a aproveitasse, jamais teria coragem de lutar contra o consórcio.

Era apenas um filme que ele queria fazer. Fitas de celuloide de muitas centenas de metros de comprimento, com milhares de fotografias impressas e congeladas. Mas, quando se projetavam essas fotografias numa tela, elas adquiriam vida. Mostravam pessoas e lugares reais e significavam alguma coisa. As pessoas riam ou choravam com elas. Eram tão capazes de despertar emoções como o teatro, a literatura, a música ou qualquer outra forma de arte. E a arte para ter valor tinha de ser livre, do mesmo modo que um homem tinha de ser livre para viver como queria.

Esther lhe havia dito: “Faça o que acha que deve. Pouco me importa não ter mais um apartamento em Riverside Drive...”

As palavras chegaram-lhe aos lábios. Sabia exatamente o que queria dizer a Segale, mas o que disse foi coisa inteiramente diferente.

— Sr. Segale, a Magnum não entrará em qualquer acordo que lhe dite qual o tipo de filmes que poderá fazer. Pouco me importa não ter mais um apartamento em Riverside Drive.

Deu-lhe as costas e saiu, seguido de Johnny.

Logo que eles saíram, Segale coçou a cabeça e ficou pensando que relação poderia ter com o cinema um apartamento em Riverside Drive.

# 7

A luz do sol era tão forte quando saíram do edifício do consórcio que chegava a doer nos olhos.

— Vamos beber alguma coisa, — disse Johnny, vendo como Peter estava pálido e carrancudo.

Peter abanou a cabeça.

— Não, — disse éle com voz trêmula. — Acho que vou para casa deitar-me um pouco. Não me estou sentindo bem.

Johnny compreendia que ele é que fora o culpado daquilo por que Peter estava passando.

— Desculpe, Peter, — murmurou ele. — Nunca pensei...

— Não peça desculpas, Johnny. Sou tão culpado quando você. Eu quis fazer o filme.

Colocou o charuto na boca e viu que estava apagado. Riscou um fósforo com os dedos trêmulos e procurou acendê-lo. Mas a mão lhe tremia tanto que não conseguiu. Afinal, aborrecido, jogou o charuto fora.

Ficaram ali parados, cada qual entregue aos próprios pensamentos. Para Peter, aquilo parecia o fim de todos os seus planos. Teria de procurar alguma coisa para fazer. Já começava a sentir remorsos da atitude que tomara no escritório de Segale. Deveria ter concordado com a oferta de Segale, deixando para os outros a tarefa de enfrentar o consórcio, outros que tivessem mais dinheiro e estivessem em melhor posição. Ele não sabia mais o que fazer. Sentia-se aniquilado. Talvez, quando chegasse em casa e falasse com Esther, as coisas melhorassem.

Johnny já estava pensando em fazer o filme em outro lugar. Devia haver algum estúdio que pudessem arrendar para fazer o filme. O consórcio não podia ser a única organização em Nova York possuidora de um estúdio suficiente para a produção de O Bandido. Teria de procurar. Talvez Borden pudesse ceder-lhes algum espaço no seu estúdio. Ele fazia seriados e, apertando um pouco, poderia dar um lugar para fazer-se O Bandido, Afinal de contas, Borden tinha 2 500 dólares no filme e não havia de querer perdê-los.

— Vou pegar um táxi para você, — disse Johnny, indo para o meio-fio.

Dentro em pouco, chamou um táxi que passava. Ajudou Peter a embarcar e disse, despedindo-se dele:

— Não se preocupe. Daremos um jeito de derrotar os patifes. Peter limitou-se a sorrir, batendo com a cabeça. Não queria falar, pois tinha receio de desatar a chorar. Johnny ficou olhando o táxi até vê-lo dobrar a esquina.

Joe estava sentado à mesa lendo um jornal quando Johnny chegou. Levantou-se, cheio de interesse mas, quando viu a cara de Johnny, deixou-se cair de novo na cadeira e perguntou: — Nada feito?

— Nada.

— Como foi?

— O consórcio sabia de tudo. Parece que há gente incapaz de guardar um segredo.

Joe murmurou com o rosto franzido:

— Isso não podia deixar de acontecer...

— Não, replicou Johnny, agitadamente. — Não precisava ter acontecido. Poderíamos ter conseguido tudo sem dificuldade!

— Calma, rapaz. Não adianta nada ficar assim nervoso. Uma coisa eu sei: não fui eu quem falou.

— Desculpe, Joe. Sei muito bem que não foi você. Mas você tinha razão. Eu não devia ter metido Peter nisso. Se eu tivesse ficado calado, ainda estaríamos em atividade.

— E não estamos mais? Chegou a esse ponto?

— Chegou, — disse Johnny, sombriamente. — Cancelaram a nossa licença.

— Agora, preciso é de beber, — disse Joe.

— Onde é que está a garrafa?

Joe abriu uma gaveta de baixo da mesa e tirou uma garrafa e dois copos. Serviram-se e começaram a beber em silêncio. Quando já estavam no terceiro copo, foi que Joe falou.

— Que é que vamos fazer agora?

— Isso é que eu não sei, — murmurou tristemente Johnny — Laemmle está em Cuba fazendo um filme com a Pickford, mas nós não temos dinheiro para fazer a mesma coisa. Temos de descobrir um meio de fazer o filme aqui mesmo. Não podemos ficar de braços cruzados. Vamos lutar até ao fim!

Joe olhou-o com uma admiração que não se disfarçava.

— Agora é que compreendo Santos, que me disse que você era um carrapato. Nunca desiste, não é?

— Só lhe digo uma coisa: vamos fazer esse filme! Pegou o telefone e pediu à telefonista o número de Borden.

Foi o próprio Borden que atendeu.

— É Johnny quem fala, Bill.

Houve uma leve hesitação na voz de Borden antes que ele respondesse.

— Oh... Alô, Johnny.

— Estivemos no consórcio, Bill, e nada conseguimos. Por que não nos cede um pouco de espaço no seu estúdio?

A voz de Borden pareceu ligeiramente embaraçada.

— Ora, Johnny... Já estamos um bocado apertados aqui.

— E eu não sei disso? Mas acho que, se apertar mais um „ pouco, pode-se dar um jeito. Você bem sabe que agora não podemos recuar.

— Eu bem que gostaria de ajudá-los, Johnny, — disse Borden, com voz bem arrastada, — mas não posso.

— Não pode como? — exclamou Johnny, irritadamente. — Tudo estava certo para você quando Peter resolveu fazer o filme. Sabia que ele estava lutando por todos vocês.

— Sinto muito, Johnny. Pode crer... Johnny teve de repente uma ideia.

— Alguém do consórcio falou com você?

Houve alguns segundos de silêncio até Borden responder:

— Falou.

— Que foi que lhe disseram?

— Vocês estão na lista negra. Bem sabe o que isso quer dizer.

Johnny sentiu um frio no estômago. Sabia o que isso queria dizer. Daí por diante, nenhum produtor independente poderia ter qualquer espécie de relações com a Magnum, sob pena de perder as próprias licenças.

— E você vai obedecer?

— Não tenho outro jeito. Acha que podemos todos deixar de trabalhar?

— E Peter pode?

— Mas, se todos perdermos as licenças, isso não lhe servirá de nada.

- Como é então que vamos ajudá-lo, Borden?

— Não sei... Vou pensar nisso e amanhã darei um telefonema para você.

— Está bem, — disse Johnny, desligando. Em seguida, voltou-se para Joe: — O consórcio já entrou em ação. Estamos na lista negra.

Joe levantou-se e tomou o caminho da porta.

— Aonde é que vai? — perguntou Johnny.

— Vou comprar um jornal e ler a seção de anúncios para ver se acho algum emprego.

— Sente-se e deixe de conversas bobas. Já chegam as atrapalhações que temos.

— Torno a lhe perguntar: que é que vamos fazer agora?

— Ainda não sei, Joe, mas deve haver um jeito de sairmos dessa encrenca. Meti Peter nisso e eu mesmo é que tenho de livrá-lo.

— Muito bem, rapaz. Conte comigo. Estarei ao seu lado para tudo o que for necessário.

— Obrigado, Joe, — disse Johnny, com um sorriso.

— Não tem nada que me agradecer. Tenho ou não tenho dois mil e quinhentos dólares metidos nisso?

Já era tarde da noite quando ele telefonou para a casa de Peter.

— Quem fala é Johnny, Esther. Como está Peter?

— Está deitado, queixando-se de uma forte dor de cabeça, — disse ela, com voz calma.

— Está bem assim, Esther. Não fale sobre negócios com ele. Deixe-o descansar bem.

— As coisas vão mal, hem, Johnny?

— Bem é que não vão. Mas não se preocupe. Amanhã, começarão a melhorar.

— Não estou preocupada, Johnny. Meu pai sempre dizia que “o que tem de ser, traz força”. De fome não morreremos.

— Ótimo! Faça Peter sentir-se da mesma forma e acabaremos vencendo!

— Deixe Peter comigo. Mas, Johnny...

— Que é?

— Você é que não deve estar preocupado. A culpa não foi sua e nós todos gostamos tanto de você que não queremos que você sofra com isso.

Johnny sentiu as lágrimas chegarem-lhe aos olhos.

— Está bom, Esther. Muito obrigado.

Desligou o telefone e voltou-se para Joe, com os olhos molhados:

— Que é que se vai fazer com gente assim?

# 8

O verão já ia em meio e eles ainda não haviam encontrado um lugar onde pudessem rodar o filme. Johnny havia recorrido sem resultado a todos os produtores independentes da indústria.

Todos afirmavam a sua simpatia. Estavam de acordo com Johnny em que a única maneira de vencer o consórcio era agir como a Magnum estava agindo, mas aí paravam. O máximo que Johnny conseguia era simpatia. Era em vão que ele argumentava que a Magnum estava lutando por todos eles. Se a Magnum vencesse, todos eles seriam beneficiados. Achavam que ele estava dizendo a pura verdade, mas nenhum deles queria arriscar-se a perder a sua licença.

No fim de agosto, tinham chegado ao fim da corda. O dinheiro estava quase no fim. Peter perdera a barriga. Esther havia dispensado a empregada em julho e Peter começava a olhar invejosamente as lojas de ferragens pelas quais passava.

Joe passava a maior parte do tempo no estúdio jogando intermináveis paciências. Nem ele, nem Johnny haviam recebido um centavo de ordenado

desde que a licença da Magnum fora cancelada, mas continuavam firmes. Para economizar o dinheiro, faziam todos as refeições em casa de Peter. A comida era simples mas satisfatória e Esther não se queixava do trabalho.

Joe às vezes fazia algum trabalho extra com um independente e entregava o dinheiro que recebia à caixa comum. Mas era Johnny de todos o que estava mais mudado.

Quase não sorria mais. Era magro quando tudo aquilo havia começado. Tinha ficado seco e animado por um nervosismo intenso que lhe encovava as faces e lhe acendia chamas nos olhos. Passava as noites em claro, olhando para o teto. Sabia que era o culpado de tudo. Se não tivesse insistido tanto, nada teria acontecido.

Fazer aquele filme passou a ser para ele a única coisa deste mundo. Sabia que, se conseguisse fazer o filme, a batalha estaria ganha. Levantava-se todas as manhãs com a convicção de que seria aquele o dia em que poderia convencer um dos independentes a ceder-lhe o estúdio. Mas, à medida que o tempo passava, os produtores começaram a cansar-se da sua insistência.Davam ordem para que não o deixassem entrar e, quando ele o conseguia apesar disso, inventavam mil pretextos para desembaraçarem-se dele.

Quando Johnny percebeu isso e viu que o estavam evitando, ficou indignado. “Canalhas!” pensava ele. “São todos heróis quando podem aproveitar-se da gente, mas basta pedir-se um pouquinho de ajuda para que não queiram nem falar conosco!”

O advogado da companhia havia trabalhado no foro todo o verão, tentando conseguir um mandado que impedisse o consórcio de incluir a Magnum na sua lista negra. Um dia, afinal, ele procurou Peter e disse que nada mais poderia fazer. O contrato fora redigido com muita habilidade e a posição do consórcio era tal que se tornava legalmente inabalável. Além disso, queria dinheiro em vez de promessas.

Peter pagou-lhe sem uma queixa e a luta continuou. Mas, já estavam no fim de agosto e o dia em que teriam de reconhecer a derrota se aproximava rapidamente.

Peter, Johnny e Joe estavam um dia sentados no escritório quando Warren Craig chegou com Sam Sharpe.

Johnny levantou-se e estendeu-lhe a mão.

— Alô, Warren.

Craig não lhe deu atenção e foi até onde estava Peter.

— Sr. Kessler...

Peter levantou para ele os olhos cansados. Não dormira bem naquela noite e estava tentando calcular até onde poderiam ir com o dinheiro que lhes

restava. Não era muito tempo.

— Às suas ordens, Sr. Craig.

— Sr. Kessler, — disse Craig solenemente, — teremos de marcar uma data definitiva para o início da filmagem agora mesmo. Do contrário, considerar-me-ei desligado de qualquer compromisso.

— Que é que lhe posso dizer, Sr. Craig? Gostaria de marcar-lhe uma data definitiva para o início da filmagem, mas ainda não sei quando isso será possível.

— Neste caso, o nosso compromisso está desfeito.

— Tenha um pouco mais de calma, Warren, — disse Sam Sharpe. — Afinal de contas, a culpa não é deles. Talvez...

— Talvez nada, Sam, — atalhou Craig rispidamente. — Em primeiro lugar, foi você que me fez entrar nisso contra a minha vontade. Quando assinamos o contrato, dizia-se nele que a filmagem terminaria em meados de julho. Já estamos quase em setembro e nada. Dentro em pouco, começará uma nova temporada na Broadway. Se você fosse o agente que deve ser, eu já estaria incluído no elenco de uma nova peça em vez de esperar que esse sonho de loucos chegue a concretizar-se.

— Espere um pouco! — exclamou Johnny, colocando-se belicosamente à frente de Craig. — Tem recebido pelo tempo que tem ficado parado, não tem?

— Não posso dizer que não, — respondeu Craig.

— Dois mil dólares por mês todos os meses em junho, julho e agosto, certo?

— Certo, mas...

— Que diabo então! — exclamou Johnny. — Combinamos pagar-lhe dois mil dólares pelo filme. Quando chegamos à conclusão de que não poderíamos iniciar o filme na data marcada, você mesmo concordou em receber dois mil dólares por mês até que o filme fosse concluído. Agora que o verão está acabando e o tempo em que não iria trabalhar de qualquer maneira vai chegando ao fim, quer fugir?

— Não estou fugindo, — respondeu Craig sem muita segurança. — Mas tenho de pensar na minha carreira. Um ator é esquecido na Broadway com muita facilidade quando deixa de aparecer numa peça nova.

— Você tem um contrato assinado conosco para fazer um filme e pode ter certeza de que vai cumpri-lo!

— Johnny! — exclamou Peter. Johnny voltou-se para ele.

— Que é que adianta, Johnny? Se ele quiser desistir, deixe. De qualquer modo, não podemos fazer mais nada.

— Mas nós já pagamos a ele seis mil dólares!

— Poderíamos pagar mais cem mil, se tivéssemos esse dinheiro, e não estaríamos mais perto de fazer o filme do que estamos agora. Está bem, Sr. Craig. Concordo com a sua desistência.

Craig começou a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Encaminhou-se para a porta, dizendo a Sharpe:

— Vamos, Sam.

Sam não o acompanhou logo e disse: — Desculpe, Johnny. A ideia não foi minha e eu fiz tudo para dissuadi-lo.

Johnny bateu com a cabeça.

— Amanhã de manhã, vou mandar as minhas comissões e a gratificação que me pagou, Johnny.

— Nada disso, Sam! — replicou Johnny vivamente. — Você fez jus ao dinheiro que ganhou. E não teve culpa do resto.

— O nosso acordo dependia de Craig fazer o filme, — disse Sharpe. — Ele não vai fazer o filme. Não recebo dinheiro por deixar de cumprir a minha parte de um contrato.

Johnny olhou-o com admiração. Afinal, havia um homem com dignidade e correção.

— Está muito bem, Sam, — disse ele, estendendo-lhe a mão. Depois que ele saiu, Peter sentou-se à sua mesa. Pegou um lápis e brincou com ele durante algum tempo. Depois, apanhou uma ponta de charuto e acendeu-a. Virou-se então para Johnny e Joe.

— Bem, parece que é o fim.

— Nada disso! — replicou Johnny. — Há outros atores tão bons quanto ele.

— E acha que algum deles vai querer arriscar-se conosco, depois do que aconteceu com Craig? — perguntou Peter. — Ainda que tivéssemos o dinheiro, que é coisa que não temos?

A lógica era irrefutável e Johnny não teve o que dizer.

— Temos de encarar a realidade, — continuou Peter. — Estamos derrotados. Não diga que não, Johnny, porque você também sabe disso. Tentamos tudo e não deu resultado. Vamos fechar as portas.

Joe largou para um lado as cartas com que fazia a paciência e levantou-se, furioso. Johnny quis falar, mas não pôde. Tinha um nó na garganta.

Peter levantou-se e disse cansadamente:

— Não sei como poderei pagar o que lhes devo.

— A mim você não deve nada, — disse Johnny, conseguido afinal falar.

— Nem a mim, — murmurou Joe.

Peter olhou-os durante alguns segundos. Havia uma névoa nos seus olhos. Foi até onde estava Joe, apertou-lhe a mão em silêncio e voltou-se para Johnny.

Johnny estendeu a mão, que estava estranhamente trêmula. Peter apertou-a com força. Depois, abraçou Johnny. E as lágrimas já então lhe rolavam pelo rosto.

— Johnny, meu amigo Johnny, não pense que tenha sido culpado de coisa alguma. Você lutou mais do que qualquer de nós.

— Desculpe, Peter. Desculpe.

— Não desista, Johnny. Este é que é o seu caminho. Você nasceu para o cinema. Mas ele não serve para velhos como eu. Você ainda fará grandes coisas.

— Faremos grandes coisas juntos, Peter!

— Eu, não. Para mim, chega. Bem, acho que vou para casa.

Peter se dirigiu a passos lentos para a porta. Depois que a abriu, voltou-se para eles e tentou sorrir. Correu os olhos pelo escritório, fez um gesto de resignação com as mãos e saiu.

Durante alguns segundos, houve silêncio na sala. Joe foi o primeiro a falar.

— Acho que vou sair e tomar uma bebedeira!

— Foi a primeira ideia sensata que tivemos neste verão! — exclamou Johnny.

# 9

O homem do bar olhou-os de cara fechada. Segurava os dois copos perto dele no balcão.

— São 70 centavos, cavalheiros.

A voz agradável desmentia-lhe a aparência e a maneira pela qual segurava os copos indicava a firmeza com que estava disposto a enfrentar a situação.

Johnny olhou para Joe, sem saber se era ele que estava balançando ou Joe.

— O homem quer dinheiro, — disse ele. Joe exclamou solenemente:

— Estou vendo. Pode pagar.

-- Está bem.

Johnny meteu a mão no bolso e tirou algumas moedas. Deixou-as cair no balcão e contou.

— Sessenta e cinco, setenta, — disse ele, exultante. — Dê-nos as bebidas.

O homem do bar olhou para as moedas e empurrou os copos para eles. Pegou o dinheiro e guardou-a na caixa registradora.

Antes que o barulho da máquina houvesse terminado, Joe estava de novo batendo no balcão.

— Mais dois!

— O dinheiro na frente! — disse o homem do bar. Joe olhou-o, indignado.

— Escute aqui, meu velho. Fiz que não tinha ouvido quando você falou com meu amigo nesse tom. Mas comigo a coisa é muito diferente. Sou um freguês desta espelunca, está ouvindo? Não sou um bebedor esporádico como ele, mas um homem que vem aqui todos os dias. Portanto, quando eu peço bebida, tenho de ter bebida, certo?

O homem do bar fez um sinal para um homem que estava nos fundos. Ele chegou perto dos dois e pegou cada um pelo braço.

— Vamos embora, rapazes, — disse ele, calmamente.

— Tire as mãos de cima de mim, — disse Joe, desvencilhando-se dele.

O homem não lhe deu atenção. Empurrou Johnny com as duas mãos para a porta e voltou-se para Joe, arregaçando as mangas.

— Vai sair ou não vai?

— Claro que vou, — disse Joe desdenhosamente. — Acha que vou querer ficar mais um minuto num lugar onde tratam os fregueses tão mal?

Chegando à porta, virou-se e fez um gesto grosseiro para o homem. Este fez menção de correr atrás dele. Joe saiu às pressas da porta, não viu a batente e se estendeu a fio comprido no passeio.

Johnny ajudou-o a levantar-se.

— Como foi, companheiro? Botaram você para fora?

Joe apoiou-se nele e disse na sua voz engrolada de bêbado:

— Claro que não. Eles têm juízo e não iam ter a audácia de botar Joe Turner para fora. Tropecei no batente, foi só.ficaram encostados à parede.

— Para onde é que vamos agora? — perguntou Johnny.

— Que horas são?

Johnny tirou o relógio do bolso e procurou enxergar, apertando muito os olhos.

— Meia-noite! — exclamou ele, passando o braço pelo pescoço do amigo. — Já é meia-noite, Joe!

— Chegue para lá, — disse Joe, empurrando-o. — Você está que é uísque puro.

Johnny se afastou, ofendido.

— Está bem, Joe, mas eu sou seu amigo.

— Ainda tem dinheiro? — perguntou Joe.

Johnny remexeu os bolsos, um por um. Afinal, encontrou uma amarfanhada nota de um dólar.

Joe tomou-a e disse:

— Vamos pegar um táxi. Conheço um bar onde talvez nos fiem alguma coisa.

Johnny estava com a cabeça caída em cima da mesa, achando agradável a sensação do mármore frio no rosto. Alguém estava querendo fazê-lo levantar-se, mas ele não queria sair dali. Empurrou as mãos e murmurou:

— Sou eu o culpado, Peter. Só eu... só eu...

Joe olhou-o e voltou-se para o homem que estava de pé ao lado dele.

— Ele está bêbado que não se aguenta, Al.

— E você não está? — perguntou Al Santos.

— Ele está mais do que eu.

— É porque ele não tem o treino de beber que você tem, — replicou Al. — Depois, você é bem mais velho do que ele. Ele ainda é um garoto.

— Garoto... Já tem vinte e dois anos.

— Para mim, podia ter cinquenta e ainda seria um garoto, — disse Santos que, em seguida, voltou a sacudir Johnny. — Vamos, Johnny, levante-se! Sou eu, Al! Passei a noite toda a sua procura!

Johnny limitou-se a virar a cabeça para o outro lado a murmurar: — Desculpe, Peter. Eu tive a culpa de tudo...

— Que história é essa de ele dizer que é culpado? — perguntou Santos a Joe. — Culpado de quê?

Joe já estava começando a melhorar da bebedeira e respondeu:

— Pobre Johnny! Ele estava querendo fazer um filme, mas a coisa não deu certo. Perdemos todo o nosso dinheiro e Johnny acha que o culpado foi ele.

— E foi?

— Não, não foi. É verdade que a ideia foi dele, mas era uma boa ideia e ninguém nos obrigou a aceitá-la. Tínhamos idade bastante para saber o que estávamos fazendo.

— Venha contar-me tudo, — disse Al, levando Joe para outra mesa, onde pediu ao garçom uma garrafa de vinho.

Escutou sem comentários o que Joe lhe dizia. De vez em quando, voltava a cabeça para onde Johnny estava dormindo e sorria com amizade.

Johnny Edge. Ainda se lembrava da primeira vez em que ouvira esse nome. Um carroção havia chegado ao seu parque de diversões tarde da noite. Tinha sido em 1898, treze anos antes. Muito tempo, mas parecia que tinha sido ontem. Os anos corriam bem depressa.

Fora no ano em que ele e seu irmão Luigi haviam comprado aquela fazenda na Califórnia. Luigi queria ver as coisas crescerem da terra, queria plantar uvas para fazer vinho e ver as laranjas penduradas das árvores como na velha terra e queria ter um lugar para descansar quando deixasse os negócios. E ali estava ele, Al, com cinquenta e quatro anos, que abandonara todos os negócios e ia para a fazenda na Califórnia.

Naquele dia, em 1898, ele acordara bem cedo. A manhã ainda estava enevoada quando ele saiu do carroção. De repente, sentiu que alguém o estava observando e virou-se.

Era um garotinho, que não devia ter mais de nove ou dez anos. Al olhou-o, espantado. Não havia meninos daquela idade no parque.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Johnny Edge, — respondeu o menino, fitando-o com os seus cândidos olhos azuis. — Estou com minha mãe e meu pai. Entraram para o parque ontem à noite.

— Já sei, — disse Al. — Você está com o Dr. Psalter, não é?

— É meu pai, mas não é esse o nome de verdade dele. Chama-se Walter Edge e minha mãe é Jane Edge. O carroção deles é aquele ali.

— Vamos então até lá para dar bom-dia. O menino olhou-o muito sério e perguntou:

— Você é Al Santos, não?

Al disse que sim e se dirigiu para o carroção dos Edge. De repente, parou e olhou. O garotinho tinha-lhe dado a mão.

Recordou então a noite em que os pais de Johnny haviam morrido no incêndio que destruíra a barraca central. Jane tinha sido atingida pelo poste do centro da barraca e o pai de Johnny correra para ir buscá-la. Quando o tiraram de lá, ele estava terrivelmente queimado.

Levaram-no para fora e estenderam-no no chão. Al ficou de um lado e Johnny, do outro.

O pai, de Johnny olhou para eles.

— Jane? — perguntou ele com uma voz tão débil que mal se podia ouvir.

Al sacudiu a cabeça e olhou cheio de pena para Johnny. Tinha apenas dez anos e estava atordoado como se não pudesse compreender como aquilo acontecera tão depressa.

Walter Edge pegou a mão do filho e colocou-a na mão de Al.

— Olhe por ele, Al. É ainda um garotinho e tem muito que viver. Quando ele quiser abandonar essa vida do parque, ajude-o, Al. Não deixe que aconteça a ele o mesmo que me aconteceu.

Fora por isso que Al não procurara impedir Johnny quando ele manifestara a intenção de sair do parque.

Al nunca tivera tempo de casar-se e constituir família como seu irmão Luigi e, ao fim de algum tempo, Johnny passou a ser quase um filho para ele. Quando Johnny resolvera voltar para trabalhar com Peter, Al nada havia dito. Se era isso o que o rapaz queria, era isso também o que Al queria para ele.

Depois de resolver afastar-se dos negócios, quisera ver Johnny antes de ir para o Oeste. Tinha ido ao estúdio, mas não havia ninguém ali. Telefonou para Peter, mas ele não sabia onde Johnny estava. Telefonara ainda para a casa de Johnny, mas ninguém havia atendido.

E então, por simples acaso, havia-o encontrado naquele baile da Rua 14, que, segundo sabia, Joe costumava frequentar, na esperança de que Joe soubesse por onde andava Johnny.

Joe acabou de contar o caso do filme fracassado. Al ficou em silêncio alguns segundos. Depois, tirou do bolso um charuto preto, comprido e fino, e acendeu-o.

— Que é esse consórcio de que você tanto fala?

— É um grupo que controla todas as patentes relativas ao cinema, — disse Joe. — Para alguém fazer um filme, é preciso que o grupo dê licença.

— E vocês têm todo o material que é preciso para fazer esse filme?

— Está tudo pronto lá no estúdio.

Al rodou o charuto nos dedos durante alguns segundos e, por fim, disse:

— Vá acordar Johnny. Quero conversar com ele.

Joe levantou-se e foi até o bar. Sentia uns leves arrepios na pele, o que sempre acontecia quando alguma coisa importante estava para lhe acontecer.

— Quer-me dar um jarro de água gelada? — perguntou ele ao homem do bar.

O homem encheu o jarro em silêncio. Joe foi para onde estava Johnny, suspendeu o jarro acima da cabeça dele e despejou-o.

A água escorreu pela cabeça de Johnny e molhou-lhe as roupas. Mas Johnny estremeceu apenas, continuando a dormir. Joe voltou ao bar.

— Encha de novo.

Joe voltou para junto de Johnny e repetiu o tratamento. Dessa vez, Johnny acordou num sobressalto. Ergueu o corpo na cadeira, sacudiu a cabeça e olhou para Joe, através dos olhos nublados.

— Está chovendo, — murmurou.

Joe olhou-o e voltou para o homem do bar.

— Acho que mais um jarro completará o serviço.

Johnny tentou focalizar a vista quando Joe se aproximou dele, mas teve dificuldade. Que era aquilo que Joe tinha na mão?

A água atingiu-o como uma inundação. Estava muito fria e enregelou-o até aos ossos. Mas a cabeça se desanuviou de repente. Levantou-se, e sentiu que as pernas ainda estavam pouco firmes.

— Que é que você está fazendo? — perguntou a Joe, batendo os dentes.

— Estou tentando curá-lo da bebedeira, — disse Joe, rindo. — Temos uma visita.

# 10

Peter não podia dormir. Passou a noite a virar-se na cama de um lado para outro e os lençóis ficaram molhados de suor. Esther estava deitada e em silêncio, observando-o e triste com o sofrimento do marido.

E pensava: “Se eu pudesse dizer-lhe alguma coisa que o fizesse compreender que nada disso tem importância. O importante é o esforço que ele fez e não o insucesso. Mas já não sei o que possa dizer”.

Peter estava com os olhos abertos e voltados para o teto. Sabia que Esther estava acordada e queria que ela dormisse. As crianças davam-lhe muito trabalho o dia todo e ela não podia passar uma noite em claro. Virou-se para o lado e tentou fingir que estava dormindo.

“Se eu aceitasse a oferta de Segale, tudo estaria bem agora”, pensava ele pela milésima vez. “Johnny nada teria dito porque sabia que eu não podia agir de outra forma. Johnny não teve culpa nenhuma. Eu queria mesmo fazer o filme, não foi ele que me forçou. O culpado fui eu. Agi erradamente no escritório de Segale”. Teve vontade de fumar um charuto, mas lembrou-se de que queria que Esther julgasse que ele estava dormindo e ficou quieto.

A noite foi correndo sem que nenhum dos dois dormisse. Cada qual ficava tão imóvel quanto possível, para que o outro pudesse descansar um pouco, mas nenhum deles conseguia enganar o outro.

Afinal, Peter não pôde mais ficar, deitado. Sentou-se aos poucos na cama, prestando atenção a Esther e com cuidado para ver se não a acordava. Ela não se mexia. Peter calçou os chinelos ao lado da cama e levantou-se. Dirigiu-se na ponta dos pés para a cozinha. Fechou cuidadosamente a porta para que a luz acesa na cozinha não a fosse acordar.

Logo que acendeu a luz, ficou um pouco ofuscado. Depois, foi até à mesa, pegou um charuto e acendeu-o. Nesse momento, ouviu a porta abrir-se. Era Esther.

— Vim fazer um café para você.

Ele bateu com a cabeça e viu-a ir para o fogão, acender o gás e colocar nele a chaleira com água. Depois, foi sentar-se na mesa, perto dele. Os cabelos dela estavam soltos e lhe caíam pelos ombros em ondas abundantes. Peter teve vontade de tocar naqueles cabelos tão vivos e quentes, mas nada fez. Continuou a fumar em silêncio.

— Quando meu pai tinha os seus problemas, — disse ela, — ia sempre para a cozinha, tomava uma xícara de café e fumava um charuto. Dizia que isso lhe arejava a cabeça e ajudava-o a pensar. É curioso que você faça a mesma coisa.

— A minha cabeça não é tão boa quanto a de seu pai, Esther. Cometo muitos erros.

— Meu pai costumava contar-me uma história que era mais ou menos assim: Era uma vez um velho muito atilado a quem todos na aldeia chamavam o Sábio Jacó. De toda a redondeza, vinha gente para sentar-se aos pés de Jacó e ouvir as coisas acertadas que ele dizia e guardá-las como se fossem pérolas. Um dia, apareceu ali um jovem impetuoso que queria aprender do mestre tudo o que ele sabia, mas de uma só vez. Não tinha tempo de sentar-se aos pés de Jacó semanas e semanas, como os outros faziam. Tinha de aprender tudo de uma vez, para depois ir tratar da sua vida. "Tive notícia da sua sabedoria", disse ele, "e gostaria de que me dissesse tudo o que é preciso saber para evitar os erros e as loucuras da mocidade". O Sábio olhou durante muito tempo para o jovem ávido. Afinal, falou e disse mansamente: "A única maneira certa de evitar os erros da mocidade, meu jovem, é chegar à velhice amadurecida". O moço pensou no que o Sábio havia dito e despediu-se, agradecendo a resposta que lhe fora dada. De fato, o Sábio havia dito a verdade.

Um erro só é reconhecido como erro depois de praticado. Um erro reconhecido antes de praticado não seria cometido e não chegaria a ser erro".

Peter tomou-lhe ternamente a mão e disse em iídiche:

— Teu nome não te foi dado em vão. Tens a mesma sabedoria da Rainha de quem levas o nome.

A chaleira estava fervendo e ela correu para o fogão e apagou o gás.

— Que é que adianta a sabedoria da Rainha Esther numa mulher que não saiba fazer para o marido uma boa xícara de café?

Riram ambos e Peter começou de repente a sentir-se melhor. Levantou-se e apagou o charuto, sorrindo para ela.

— Vamos voltar para o quarto, Esther. As preocupações podem ficar para amanhã.

— E o café? — perguntou ela.

— Nada de café. Isso pode ficar para amanhã também. Estavam dormindo quando o telefone começou a tocar. Esther acordou, amedrontada. Para ela, um telefonema à noite só podia significar alguma tragédia. O coração lhe batia apressadamente. Peter pegou o telefone e atendeu. Ouviu a voz nervosa de Johnny.

— Já está acordado, Peter?

— Com quem pensa você que estaria falando se eu estivesse dormindo?

— Tudo está resolvido, Peter! Já podemos fazer o filme

— Você está é bêbado, Johnny. Vá para casa e meta-se na cama.

— Eu estava bêbado, Peter, mas agora estou no meu juízo perfeito. Palavra de honra! Tudo está resolvido. Já podemos fazer o filme!

— É verdade mesmo? — perguntou Peter nervosamente, ainda sem poder acreditar.

— Você acha então que eu lhe iria telefonar às quatro horas da madrugada se não fosse verdade? Agora, vá dormir de novo e esteja no estúdio às oito horas da manhã que eu lhe explicarei tudo!

Johnny desligou e Peter ficou a bater inutilmente no gancho:

— Johnny! Johnny!

Peter largou o telefone e voltou-se para Esther, com os olhos cheios de lágrimas.

— Está vendo? Sabe o que aquele rapaz maluco me disse? Que vamos mesmo fazer o filme!

— Ótimo! — disse Esther, exultante.

— Não é mesmo? — disse ele, abraçando-a e beijando-a, com os olhos cheios de lágrimas.

— Deixe disso, Peter! — disse ela, feliz. — Quer que os vizinhos pensem que somos recém-casados?

# 11

Johnny estava sentado à sua mesa conversando com um homem baixo e moreno quando Peter entrou no estúdio às oito menos um quarto. Peter não conhecia o homem. Johnny estava mostrando alguns papéis ao desconhecido quando viu Peter.

Levantou-se e correu para ele, seguido pelo homem. Johnny disse a Peter, sorrindo:

— Este é Al Santos.

Os dois homens se apertaram as mãos. Peter viu um homem muito baixo e moreno, com um fino charuto preto seguro firmemente entre os dentes brancos.

— Al vai deixar-nos fazer o filme na propriedade dele, — explicou Johnny.

Peter sorriu.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Santos. Al tirou o charuto da boca e disse:

— Meu nome é Al. Ninguém me chama de Sr. Santos.

O sorriso de Peter aumentou. Era com gente daquela espécie que ele se sentia mais à vontade — gente simples, comum, despretensiosa.

— Muito bem, Al. Não sabe quanto aprecio você deixar-nos fazer o filme no seu estúdio.

— Quem foi que disse que ele tem um estúdio? — perguntou Johnny.

— Não tem? — exclamou Peter, tão surpreso que quase deixou cair o fósforo com que ia acender um charuto.

— Não.

— Então onde é que vamos fazer o filme?

— Na propriedade dele. Tem o espaço de que precisamos. Ainda no inverno passado, Griffith fez um filme lá por perto e disse que o lugar é ideal para fazer cinema.

— Mas o filme de Griffith foi feito na Califórnia. Não temos dinheiro para ir para lá.

— Temos agora. Al vai nos emprestar. Peter voltou-se para Al, muito sério e disse:

— Aprecio muito a sua bondade, Al, mas é preciso você saber que não temos nenhuma garantia para dar-lhe.

Al observou o homem que estava diante dele. Johnny e Joe lhe haviam contado a situação difícil em que Peter estava e ele compreendia que esforço era necessário para que Peter dissesse o que acabava de dizer. Johnny tinha razão. Aquele Kessler era um sujeito direito. Sorriu e disse:

— Tenho todas as garantias de que preciso, Peter. Conheço Johnny há muitos anos, desde que ele era garotinho. Duas vezes ele já me deixou para ir trabalhar com você. Johnny só faria isso por quem valesse a pena. E pelo que acaba de dizer, tenho certeza disso.

— É você o dono do parque de diversões? — perguntou Peter, começando a compreender.

— Eu era o dono de um parque. Agora, vendi tudo e não estou trabalhando mais. Olhe, Johnny, resolva tudo com Peter que eu vou para o hotel ver se durmo um pouco. Não tenho mais a idade de vocês.

De fato, passara o resto da noite conversando com Johnny e o seu rosto mostrava as marcas do cansaço.

— Está bem, Al, — disse Johnny. — Vamos combinar tudo e depois lhe telefonaremos.

Al apertou a mão de Peter.

— Muito prazer em conhecê-lo, Peter. Não se preocupe que tudo vai dar certo.

— Graças a você, — disse Peter. — Não sei o que faríamos se... Al não o deixou acabar.

— Não me agradeça nada, Peter. Passei muito tempo no negócio de diversões. Para dizer a verdade, não queria ainda aposentar-me, mas meu irmão Luigi ficou dizendo: "Você já tem dinheiro de sobra. Pare de trabalhar e venha para cá a fim de gozar a vida. Fazemos um bom vinho igualzinho ao da Itália, temos laranjas e gente como em nossa terra. Venha viver aqui." Pensei, pensei e achei que ele tinha razão. Não me adiantava continuar a trabalhar como um burro e resolvi seguir o conselho de Luigi. Mas estou achando agora que um homem precisa sempre de ter alguma coisa para fazer, em que tenha interesse e o conserve ocupado. Ora, eu conheço o negócio de diversões. Andando com o meu parque pelo país, tenho visto como o cinema está crescendo e sei que se trata de um grande negócio. Foi por isso que me decidi.

Peter sorriu. Compreendia tudo o que o homem havia dito, mas vira a maneira pela qual Al olhava para Johnny. Esse olhar dizia mais do que todas as suas palavras. Estas eram apenas a moldura com que Santos disfarçava o ser verdadeiro motivo.

Al sorriu também para ele. Via que Peter compreendia tudo e, sem dizerem uma palavra, os dois homens sentiram-se unidos ainda mais pela amizade que tinham a Johnny. Al saiu afinal.

Os três homens se olharam. Joe correu para onde estava Peter e agarrou-o pelo braço.

— Que sorte!

— Califórnia, — murmurou Peter. — Mas fica a cinco mil quilômetros de distância.

— Cinco ou cinquenta, que diferença faz? — exclamou Johnny. — Não podemos fazer o filme aqui.

— Mas Esther e as crianças? — Não posso deixá-las aqui!

— E quem foi que disse que vai deixá-las? — perguntou Johnny. — Irão conosco.

— Assim é ótimo, — disse Peter, começando a sorrir. Mas, de repente, o rosto se franziu e ele pareceu profundamente preocupado.

— Que é agora? — perguntou Johnny.

— É que estou pensando no perigo...

— Perigo? Que perigo? —perguntou Johnny.

— Os índios!

Joe olhou para Johnny e ambos começaram a rir. Riram tanto que as lágrimas começaram a correr dos olhos de Joe, que afinal conseguiu murmurar:

— Ele está com medo dos índios!

Peter olhou-os como se estivessem loucos.

— Qual é a graça que estão achando nisso?

E os dois iniciaram outra série de gargalhadas.

Todas as providências foram tomadas para a embalagem imediata das câmaras e do equipamento. Levariam quase uma semana para que tudo ficasse pronto para o embarque.

Ainda naquela tarde, depois que todos estavam mais calmos, Johnny foi ao escritório de Sam Sharpe. Levava o cheque que Sam lhe mandara pelo correio naquele dia. Ia devolvê-lo e insistir em que Craig cumprisse a sua parte do contrato.

Quando entrou no escritório, Jane cumprimentou-o ironicamente: — O grande vice-presidente em pessoa! Como vai o cinema?

Ele parou diante da mesa dela, com um olhar magoado, e nada disse. Jane pôde então observá-lo bem. Não o via desde a noite em que haviam dado um passeio pelo parque. Ficou espantada quando percebeu como ele emagrecera e estava de rosto abatido. Arrependeu-se da maneira por que o recebera e se lembrou de algumas coisas que Sam lhe havia dito.

Estendeu-lhe impulsivamente a mão e disse:

— Desculpe, Johnny. Não tive a intenção de ofendê-lo.

— Sei disso, Jane. Fui eu o culpado. Eu devia ter sabido.

— A culpa foi tanto minha quanto sua. Acontece apenas que nós queremos coisas diferentes. Agora que sabemos disso, podemos esquecer tudo.

Ele sorriu e ela pensou como o rosto dele ficava iluminado e jovem quando ele sorria.

— Você é formidável, Jane.

— Você também, Johnny. Quer falar com Sam?

— Quero.

— Então vá entrando.

— Entre, Johnny, — disse Sam, logo que o viu aparecer à porta. — Entre. Estava mesmo pensando em você.

Johnny apertou-lhe a mão e tirou o cheque do bolso.

— Vim devolver-lhe isto, Sam.

— Espere um pouco, Johnny. Não se lembra do que lhe disse ontem? Não recebo dinheiro por serviços que não prestei.

— Mas vai prestar serviços, Sam. Já temos uma data para a filmagem. Agora, Craig terá de cumprir o contrato, quer queira, quer não.

— Quer dizer que arranjou um lugar para fazer o filme? Pelo que me disse ontem, pensei que seria impossível.

— Isso foi ontem, — disse Johnny, sorrindo. — Mas estamos no negócio de cinema, no qual o dia de ontem não tem o menor valor. Hoje, está tudo resolvido.

— Craig não vai gostar disso. Mas eu estou satisfeitíssimo. Onde é que vão rodar o filme?

— O que lhe vou dizer, Sam, é rigorosamente confidencial. Vamos rodar o filme na Califórnia.

— Na Califórnia! — exclamou Sam, com um largo sorriso. — Agora mesmo é que eu sei que Craig não vai gostar!

— Vamos partir na semana que vem. Tomarei providências para mandar-lhe a passagem dele com bastante antecedência para que ele vá no mesmo trem conosco.

— Ele estará no trem, nem que eu tenha de levá-lo amarrado! — disse Sam, rasgando o cheque.

As únicas pessoas que souberam do que estava acontecendo foram George Pappas e Borden. Não se podia permitir que os fatos transpirassem. Os artistas e a turma técnica foram solicitados a manter absoluto sigilo.

Al Santos havia partido para a Califórnia, prometendo que tudo estaria preparado quando eles chegassem. Esther tomou providências para fechar o apartamento e guardar os móveis até voltarem, ao mesmo tempo que tirava as crianças da escola.

Doris estava entusiasmada. Leu todos os livros sobre a Califórnia que encontrou e passou a ser californiana desde o dia em que lhe disseram que iam para lá.

Dois dias antes da partida, o telefone da mesa de Peter tocou. Johnny veio do estúdio, onde estava ajudando a embalar o resto do equipamento, a fim de atender, pois Peter não estava presente.

Era Borden.

— Peter está aí? — perguntou ele com voz rouca e nervosa.

— Não. Por quê?

— Acabo de saber que o consórcio comprou algumas das dívidas de vocês e vão a juízo hoje para requerer um mandado contra vocês!

— Hoje? — exclamou Johnny. Se o consórcio conseguisse o mandado, eles não poderiam levar uma só peça de equipamento. Era tudo licenciado pelo consórcio, — Mas nós vamos partir na sexta-feira à noite!

— Se eles conseguirem o mandado, vocês não poderão partir. Será melhor irem esta noite, se puderem.

Johnny desligou o telefone e consultou o relógio. Eram quase onze horas da manhã. Era preciso avisar a todos da alteração dos planos e embarcar o

equipamento no trem. Peter teria de esvaziar o apartamento e seria preciso trocar as passagens já compradas para a sexta-feira.

E se não pudessem fazer tudo isso até à noite, estariam perdidos.

# 12

Johnny correu para o estúdio, à procura de Joe. Não o viu. O estúdio estava vazio. Só havia ali as caixas, prontas para o embarque.

Correu para o bar da esquina. Joe estava lá diante de um copo de cerveja.

— Que é que há? — perguntou ele, ao ver o rosto aflito de Johnny.

— A casa está desabando em cima de nós, — disse Johnny. — Vamos para o escritório que eu lhe conto tudo.

Joe se levantou e já ia saindo quando disse:

— Espere um pouco, Johnny.

Voltou para a mesa, pegou o copo de cerveja e bebeu-o até ao fim.

No caminho para o estúdio, Johnny contou-lhe tudo.

— E agora? — perguntou Joe, quando já estavam chegando à porta do estúdio. — Estamos perdidos!

— Não estaremos, se conseguirmos viajar esta noite.

— Esta noite? Você está louco! É impossível!

— Temos de viajar! — disse Johnny, obstinadamente.

— Pode ser que não haja trem para lá esta noite, Johnny. E se houver, vai ser muito difícil conseguirmos passagem. Podemos jogar a toalha. Os patifes são mais fortes do que nós. Não podemos vencê-los.

— Você vai-me abandonar? — perguntou Johnny, com a voz dura e séria.

— Você me conhece muito bem e sabe que não tem o direito de dizer uma coisa dessa. Fui contra a sua ideia desde o princípio, mas quando você meteu Peter nisso, fiquei ao seu lado, não fiquei? Passei também o verão todo ao seu lado. Mas agora você está querendo o impossível. Temos uma chance de um contra um milhão de conseguir o que você quer fazer. Não pode deixar de compreender isso. Você já foi até aonde podia ir, Johnny! Mais é impossível!

Johnny deixou-o acabar e então tornou a perguntar:

— Você vai-me abandonar, Joe?

— Não! — gritou Joe, impetuosamente. — Não vou abandonar ninguém, mas quando tudo isso acabar, vou fazê-lo dar a volta no quarteirão,

levando pontapés no traseiro!

— Se nos livrarmos ainda desta vez, Joe, será um prazer levar esses pontapés!

Foi até à mesa e apanhou as passagens.

— Joe, pegue isso e vá até à estação para ver se pode trocá-las para hoje à noite. Se não houver trem hoje para aonde nós vamos, compre passagem para qualquer trem que vá para fora deste estado. Veremos depois como é que iremos para a Califórnia! E telefone-me logo que tiver uma solução!

Joe saiu e ele ligou para a casa de Peter. Foi Esther quem atendeu.

— Onde está Peter, Esther?

— Não sei. Não está com você?

— Não, não está e eu tenho a maior urgência em falar com ele.

— Então não compreendo. Saiu de casa esta manhã dizendo que ia para o estúdio.

Johnny ficou um instante em silêncio.

— Que é que há, Johnny? Alguma dificuldade?

— De sobra. Temos de partir hoje à noite. Pode fazer o que é preciso da sua parte?

— Vou tentar. E Peter?

— Vou ver se o descubro. Se ele telefonar para aí, mande-o ligar para mim.

— Está bem, — disse ela, desligando. Não fez mais perguntas inúteis. Se Johnny dizia que tinham de partir naquela noite era que havia uma boa razão para isso.

Johnny telefonou para a empresa de transportes e de lá disseram que iam mandar imediatamente dois carroções. Uma hora depois, Joe telefonou para dizer que havia um trem naquela noite, mas sem carro-leito.

— Mas há passagens nas classes?

— Claro.

— Então que é que está esperando? Iremos todos sentados e sem dormir até à Califórnia, mas temos de partir nesse trem esta noite!

— Está bem. Vou pegar as passagens e levar para o escritório.

— Nada disso! Você vai é procurar o pessoal todo e ter certeza de que todos embarcarão esta noite. Depois, vá para casa e pegue o que é nosso. Só vou ver você na estação, na hora da partida I

Quando o último carroção de mudança ia saindo, o telefone tocou. Johnny atendeu.

— É Borden. Peter já chegou?

— Ainda não.

— Então não o deixe entrar no estúdio. O consórcio acaba de conseguir o mandado e pretende fazer Peter receber a intimação hoje à tarde.

— Como é que vou impedi-lo de entrar no estúdio se não sei onde é que ele está?

— Também não sei. Estive com ele hoje de manhã e ele me disse que ia para o estúdio.

— Você esteve com ele, Bill? Onde?

— Na sinagoga, onde vamos todas as manhãs.

— Oh!... — exclamou Johnny, desapontado. Peter não iria passar o dia inteiro lá.

— E descobri ainda uma coisa, Johnny, — disse Borden.

— Que foi?

— Alguém avisou ao consórcio que vocês iam partir na sexta-feira, mas não pude apurar quem foi.

— Algum patife... Espere aí um pouco, Bill, que o outro telefone está tocando. Talvez seja Peter. Depois, eu lhe telefono.

Desligou e atendeu o outro telefone. Era Joe.

— Que é que você quer?

— Não pude encontrar Craig.

— Deixe Craig. Vou telefonar para Sam. Vá arrumar as coisas lá em casa.

Em seguida, telefonou para Sharpe.

— Alguém contou tudo ao consórcio e nós temos de partir esta noite. Você terá de ir falar com Craig.

— Não se preocupe, Johnny. Levá-lo-ei pessoalmente ao trem.

O dia foi correndo. E Johnny não podia parar um instante. Fumava um cigarro atrás do outro. Onde estaria Peter? Olhou o relógio. Quatro horas da tarde. O trem partiria daí a três horas. Fez um apelo mental: “Peter, Peter, onde quer que você esteja, telefone. Telefone para Esther: Pelo amor de Deus, telefone para alguém e diga onde está!”

Como em resposta ao seu apelo, o telefone tocou. Johnny correu para atender.

— Peter?

— Ele ainda não chegou aí? Era Esther.

— Não, — disse Johnny, desconsoladamente.

— Tudo pronto, Johnny. Os homens da mudança já estiveram aqui e nós estamos prontos.

— Então vá indo para a estação. Joe está lá e tratará de tudo. Eu irei depois.

— Mas, Johnny, que é que vamos fazer? Ninguém sabe de Peter. Talvez tenha acontecido alguma coisa.

— Não se preocupe. Ele estava muito bem quando Borden o viu na sinagoga hoje de manhã.

— Willie viu Peter na sinagoga hoje?

— Viu, sim. Não se preocupe...

— Não estou mais preocupada, Johnny. É onde ele está. Como fui boba de não haver pensado nisso antes! Hoje é o décimo aniversário da morte do pai dele e ele deve estar fazendo as preces rituais por ele!

— Tem certeza, Esther?

— Claro que tenho. É onde ele está. No meu nervosismo, esqueci-me por completo da data.

— Você é um amor, Esther! Agora, vá para a estação que eu já vou levar Peter para lá!

Peter estava sentado na frente, com os olhos num livro de preces, movendo os lábios a cada palavra que lia.

Johnny parou em frente dele e chamou-o em voz baixa. Peter levantou os olhos e não mostrou surpresa de ver Johnny ali. Tinha os olhos muito distantes. De repente, pareceu vê-lo.

— Johnny! — disse ele, levando a mão ao alto da cabeça. Johnny não compreendeu o gesto e murmurou:

— Preciso muito falar com você.

Várias pessoas na sinagoga olharam para Johnny, parecendo indignados com a perturbação que ele estava causando.

Peter apanhou uma pequena calote preta no banco ao lado dele e entregou-a a Johnny, dizendo: — Ponha isso, que a sua cabeça está descoberta.

Johnny obedeceu e disse: — Vamos sair daqui. Preciso falar com você. Peter foi com ele para os fundos da sinagoga.

— Que é, Johnny?

— Tenho procurado você o dia todo, Peter! Por que não disse aonde é que ia?

— Desde quando um homem tem de anunciar publicamente que vai rezar a Deus? Não lhe pergunto quando é que você vai à igreja.

— Não quero saber o que você veio fazer. Queria apenas que nos dissesse onde estava. Surgiu uma encrenca e nós temos de partir esta noite I

— Esta noite?

— Sim. O consórcio conseguiu um mandado judicial contra você e se ele lhe for entregue, estaremos perdidos!

— Meu Deus! — exclamou Peter. — Tenho de dizer a Esther!

— Não é preciso, eu já disse. Ela já deve estar na estação com as crianças.

— E o equipamento?

— Já está embarcado desde as duas horas da tarde.

— Vamos então ao escritório que eu tenho de apanhar algumas coisas lá.

— Você não pode ir lá, Peter! Devem estar à sua espera com uma intimação!

— Mas tenho de ir até lá. O roteiro da filmagem está em minha gaveta!

— Deixe o roteiro para lá! Nós vamos é para o trem!

Esther foi quem primeira os viu entrarem pelo portão.

— Peter! — exclamou ela, correndo e atirando-se nos braços dele em pranto.

— Por que está chorando? — perguntou ele em iídiche com voz ao mesmo tempo firme e terna.

Johnny voltou-se para Joe, que estava rindo para ele.

— Está todo o mundo aqui?

— Todos menos Craig.

— Por que será que ele está demorando? — murmurou Johnny. Nisso, ouviu uma voz que o chamava. Virou-se e viu Sam Sharpe que corria para aonde ele estava, seguido de Jane. Parou diante dele, ofegante.

— Onde está Craig? — perguntou Johnny.

— Diz que não vai. Foi ele quem contou tudo ao consórcio.

— Cachorro! Onde é que ele está neste momento?

— No meu escritório.

— Neste caso, ele ainda poderá dizer ao consórcio que resolvemos ir hoje. Vamos buscá-lo!

— Calma, Johnny. Ele não vai poder dizer nada a ninguém!

— Como assim?

— Quando ele me disse o que havia feito, fiquei tão indignado que o derrubei.

Johnny olhou para Sam sem acreditar. Craig era quase duas vezes maior do que ele.

— Quer dizer... eu o empurrei, Jane botou o pé na frente e ele tropeçou e caiu. Nós então o amarramos.

— Com a corda da cortina, — acrescentou Jane.

Johnny deu uma gargalhada. Devia ter sido um espetáculo aquele homenzinho e uma mulher amarrando o sucumbido ídolo das plateias.

— Johnny, — disse Sam, — acha que podemos ir com você? Quando Craig se soltar, as coisas ficarão bem ruins para nós dois.

— Sem dúvida, — disse Johnny, ainda rindo. — Venham que vamos precisar de uns bons guarda-costas durante a viagem!

O trem corria dentro da noite. Johnny, olhando pela vidraça, só podia ver o seu reflexo. Doris estava apoiada nele, tonta de sono. Já passava de nove horas.

Doris mudou de posição ao lado dele. Virou-se para ela e passou o braço pelos seus ombros.

— Cansada, querida?

— Não, respondeu ela, com a voz cheia de sono.

— Talvez você fique melhor se descansar a cabeça no meu colo.

Ela se estendeu no banco e fechou os olhos antes mesmo de encostar a cabeça no colo dele. Mas os lábios dela se moviam.

— Que é que está dizendo, querida?

— Você vai gostar da Califórnia, Tio Johnny. Lá é muito bonito.

Johnny sorriu porque viu que ela havia adormecido mal dissera a última palavra.

Nisso, alguém se aproximou dele. Era Peter.

— Ela já está dormindo? — perguntou ele. Johnny bateu com a cabeça.

— Não respondi à sua pergunta.

— Que pergunta?

— Por que não lhe disse onde estava hoje. Só me lembrei que era o aniversário da morte de meu pai depois de sair de casa hoje de manhã.

— Desculpe, Peter. Eu estava muito nervoso, mas não quis ser grosseiro.

— Está mais calmo agora? — perguntou Peter, sorrindo.

— É claro.

— Quer tirar então da cabeça esse yamalke? E tirou a pequena calote preta.

— Quer dizer que estou com isso desde que saí da sinagoga? — perguntou Johnny, atônito.

— Está.

— Por que foi que não me disse?

— Porque gostei de ver isso na sua cabeça, — disse Peter, rindo. — Parecia ter nascido assim.

Uma semana depois, estavam num carro a caminho da fazenda de Santos. Dos dois lados da estrada as laranjeiras se estendiam a perder de vista. Chegaram a uma encruzilhada, onde havia um poste com um sinal.

— Que é que diz aí? — perguntou Peter, que ainda se negava a usar óculos.

— Hollywood, — disse Johnny. —Acho que é onde fica a propriedade de Santos.

— É logo ali adiante, — disse o chofer.

— Califórnia, — resmungou Peter. — Não temos roteiro. Custou 2 500 dólares. Não temos ator principal. Custou seis mil dólares. Não temos nada!

Johnny riu, mas Peter continuou irritado.

— Com que acha você que eu vou fazer um filme? Com laranjas?

# CONSEQUÊNCIAS

## 1938

# Quarta-feira

Olhei para o meu relógio de pulso. Eram quase cinco horas. A manhã cinzenta se ia pouco a pouco dourando. Perguntei a Doris:

— Não acha que já é tempo de você tentar dormir um pouco, querida?

— Não tenho sono, — disse ela, mas as olheiras e a fisionomia cansada desmentiam-na.

— Você tem de descansar um pouco, menina. Não pode continuar assim indefinidamente.

Um leve sorriso passou-lhe pelo rosto e ela me perguntou com voz zombeteira:

— Está cansado, Johnny?

Era uma velha pilhéria na família. Começara havia muito tempo quando Peter costumava chegar ao estúdio e quase sempre me encontrava ali a qualquer hora do dia ou da noite.

“Johnny não dorme”, dizia ele. “Prefere ter dinheiro no banco”.

Sorri para Doris e disse: — Talvez esteja um tanto cansado, mas quem mais precisa de repouso é você. O momento é difícil, querida, e você tem necessidade de toda a sua resistência.

Um sorriso floriu no rosto dela e seu calor iluminou seus olhos.

— Está certo, Tio Johnny, — disse ela, com voz de menina. — Mas promete que vem amanhã?

— Virei amanhã e todos os dias de minha vida quando tudo isso passar, se você quiser — disse eu, abraçando-a.

— Nunca em minha vida quis outra coisa, Johnny. Beijei-a. Gostei do jeito com que ela me segurou a cabeça ternamente com as duas mãos, mostrando a força de uma velha paixão. Gostei também do suave contato do seu rosto, do leve perfume que vinha dela e do macio som farfalhante dos seus cabelos quando os afaguei.

Doris recuou um pouco e ficou a olhar-me por um instante. Depois, tomou-me a mão e fomos de mãos dadas para o hall de entrada. Ajudou-me a vestir o sobretudo e fomos até à porta.

— Agora, suba e vá dormir um pouco, — disse-lhe eu, severamente.

Ela deu um risinho e me beijou.

— Johnny, você é um amor.

— E posso deixar de ser um amor a qualquer momento, quando me zango, — disse eu, tentando em vão falar a sério.

— Quer dizer que se eu não for para a cama agora mesmo, você me baterá, como já bateu uma vez?

— Nunca bati em você!

— Bateu, sim, — disse ela, com um sorriso encantador. — E acho que ainda seria capaz de bater se estivesse zangado de verdade. Olhe que seria até engraçado.

Botei as mãos nos ombros dela e voltei-lhe o corpo para dentro da casa. Empurrei-a até à escada e dei-lhe uma leve palmada, dizendo:

— E vai apanhar com um pau de vassoura se não for para a cama neste instantinho, ouviu?

Ela começou a subir a escada, mas, ao fim de alguns degraus, parou, voltou-se para mim e disse com uma voz muito terna:

— Nunca mais me deixe, Johnny.

Fiquei alguns segundos sem poder falar. Sentia um nó na garganta e a voz não saía. Alguma coisa na sua voz, na sua solidão e na sua paciência, parecia tocar-me no fundo do coração. Depois, as palavras se articularam por si mesmas. Não as formei no cérebro, não as armei na garganta e não tenho nem consciência de as haver proferido com os lábios. Pareciam ter vindo espontaneamente do fundo de mim mesmo, estendendo entre nós uma ponte que nenhuma distância poderia destruir.

— Nunca, nunca mais a deixarei, querida.

A expressão no rosto dela não mudou, mas tive a impressão de que uma luz se acendera dentro dela, irradiando um calor que me atingiu deliciosamente.

Ficamos ali um instante a olhar-nos. Depois, ela se virou e subiu as escadas, com o andar leve e fácil que tinha a suave graça de uma dançarina. Chegando ao alto da escada, voltou-se e jogou-me um beijo.

Dei-lhe adeus e saí. O céu estava límpido e o tempo, frio. O orvalho das flores cintilava aos raios do sol nascente. De repente, não senti mais cansaço. A fadiga desaparecera com o primeiro hausto do ar matutino. Já passava das cinco horas e era tarde demais para ir dormir em casa.

Peguei mais adiante um táxi.

— Estúdios Magnum, — disse eu ao motorista, recostando-me nas almofadas e acendendo um cigarro.

O estúdio ficava a apenas quinze minutos da casa de Peter. Paguei ao motorista e encaminhei-me para o portão. Estava trancado. Toquei a campainha e esperei o vigia.

A luz se acendeu na casinha do porteiro a poucos metros do portão. Depois, a porta se abriu e ele saiu.

Reconheceu-me quase imediatamente. Acelerou o passo até que estava quase correndo quando chegou ao portão e abriu-o.

— Não esperava que voltasse tão depressa, Sr. Edge.

— Eu também não esperava. Foi uma viagem de surpresa.

— Precisa de mim para alguma coisa, Sr. Edge? — perguntou ele, depois de fechar o portão.

— Não, muito obrigada. Vou para o meu gabinete. Caminhei pela longa rua até ao edifício da administração.

O estúdio estava em silêncio e os meus passos ressoavam no pavimento. Os pássaros acordaram quando passei e começaram a chilrear nas árvores. Isso me fez recordar várias outras manhãs em que os ouvira cantar assim através dos anos.

O vigia do edifício da administração estava à minha espera na porta, quando cheguei. O porteiro devia ter telefonado para ele.

— Bom-dia, Sr. Edge, — disse ele.

Foi pelo corredor à minha frente e abriu a porta do meu gabinete com a chave dele.

— Quer alguma coisa, Sr. Edge? Um café ou coisa assim?

— Não, muito obrigado, — disse eu, olhando para as janelas fechadas que faziam o ar abafado.

Ele notou o meu olhar e abriu imediatamente as janelas.

— Creio que um pouco de ar puro não fará mal, Sr. Edge. Agradeci-lhe com um sorriso e ele saiu. Tirei o chapéu e o sobretudo, indo guardá-los no armário embutido a um canto da sala. Gostaria de beber alguma coisa, para rebater a noite em claro.

Entre a minha sala e a de Gordon havia uma pequena cozinha, com geladeira, armário e um pequeno fogareiro elétrica. Havia uma cafeteira ao lado do fogareiro. Ainda estava quente e eu cheguei à conclusão de que o vigia devia ter feito um pouco de café. Abri a geladeira, tirei uma garrafinha de ginger ale e levei-a para o gabinete.

Tirei uma garrafa de bourbon da minha gaveta. Derramei dois dedos de bourbon num copo, que enchi até à metade de ginger ale. Bebi um bom gole e fui até à janela,

O céu já estava bem mais claro e eu podia ver quase todo o estúdio. O prédio dos escritores ficava logo atrás do nosso e os outros edifícios executivos se estendiam em forma de leque para a direita e a esquerda, formando uma

espécie de meia-lua em torno do edifício da administração. Atrás do edifício dos escritores ficava o palco de som número um.

Palco de som número um. Sorri quando pensei nisso. Era um edifício novo, todo branco, moderno e à prova de fogo. O primeiro palco que Peter e eu tínhamos feito era mais um galpão do que um prédio. Era uma construção esparramada com quatro paredes e sem teto, para deixar entrar o sol. Havia um grande toldo de lona que nós estendíamos ao primeiro sinal, de chuva. Para isso, um homem ficava sempre no alto do galpão, a espreitar o céu.

Era chamado o espia-chuva. Logo que havia qualquer ameaça de chuva, ele dava o brado lá de cima e imediatamente se tratava de armar e suspender o toldo. Usávamos o toldo o menos que era possível, pois as lâmpadas de vapor de mercúrio que acendíamos para a iluminação interna custavam muito caro.

Joe Turner é que havia encontrado a solução. Depois de havermos calculado o elevado preço por que nos iriam sair as lâmpadas de vapor de mercúrio, ele havia dito:

— Por que não cobrimos tudo com um toldo como o que se usa nos circos? Quando chover, levanta-se o toldo.

Joe já estava morto havia quase vinte anos mas havia coisas dele tão vivas e frescas no meu espírito como se eu não o tivesse deixado de ver num só dia desses vinte anos. Ainda me lembrava das gargalhadas que ele dava quando contava como havíamos conseguido de graça os terrenos do estúdio. De fato, não nos havia custado um só centavo do nosso dinheiro.

Foi depois que eu tinha voltado a Nova York com a primeira cópia do Bandido. Peter não podia ir a Nova York pois a ação, movida contra ele pelo consórcio ainda não fora julgada. A primeira exibição foi realizada na sala de projeção dos estúdios de Bill Borden. Os independentes estavam ficando mais animados com a esperança que havia de que Fox ganhasse a sua ação contra o consórcio.

A sala de projeção estava repleta. Todos os distribuidores importantes dos estados estavam presentes, bem como grande parte da nossa lista já bem avantajada de credores. Não sei quem mostrou mais entusiasmo pelo filme, se foram os distribuidores que se empenhavam em comprá-lo, se os nossos credores que começavam a ter esperanças de receber o seu dinheiro e com algum lucro de acréscimo.

Mas não creio que nenhum de nós realmente esperasse, mesmo nos seus sonhos mais exaltados, os acontecimentos que se seguiram. Duas horas depois de eu haver exibido o filme, já havia arrecadado quase quarenta mil dólares de depósito dos distribuidores como sinal dos contratos de exibição do filme.

Borden, que estava ao meu lado enquanto cada distribuidor insistia comigo para aceitar um cheque para a sua zona, dizia baixinho:

— Estou vendo, mas não acredito!

À meia-noite, falei com Peter pelo telefone. Eu estava tão exaltado que foi gaguejando que comuniquei a Peter:

— Consegui quarenta mil dólares!

— Que foi que você disse, Johnny? Tive a impressão de ter ouvido você falar em quarenta mil dólares.

— É isso mesmo! Quarenta mil dólares! Adoraram o filme!

Houve silêncio do outro lado do fio e, então, Peter me perguntou:

— Onde é que você está?

— No estúdio de Willie.

— Ele está aí?

— Está, sim, ao meu lado.

— Quero falar com ele. Passei o fone a Borden.

— Alô, Peter! — disse ele. Parabéns!

Eu ouvia a voz de Peter crepitar no telefone, mas não fazia a menor ideia do que ele estivesse dizendo. Borden me olhava com um sorriso nos lábios. Esperou Peter acabar de falar e então disse, com um sorriso ainda maior:

— Não, Peter. Johnny não bebeu uma gota durante toda a noite. Está no seu juízo perfeito tanto quanto eu. Foram quarenta mil dólares, sim! Eu vi os cheques!

Peter disse ainda alguma coisa e Borden me passou o telefone.

— Como é? — perguntei. — Não acreditou em mim, Peter?

— Não acredito ainda nem nos meus ouvidos, rapaz! Quarenta mil dólares!

— Vou transferir o dinheiro para você, amanhã de manhã.

— Não. Só me mande a metade, para que eu possa pagar a Al os vinte mil dólares que lhe devo. Com o resto pague as nossas dívidas aí em Nova York.

— Mas, Peter, isso nos deixará outra vez sem dinheiro. Devemos quase vinte mil dólares aqui e vamos precisar de dinheiro para fazer outro filme.

— Se eu pagar o que devo desse filme, poderei ir dormir de consciência tranquila, pelo menos esta noite. Amanhã, começarei a preocupar-me com o dinheiro para fazer outro filme.

— Mas precisamos de dinheiro também para um estúdio. Não podemos continuar a trabalhar numa fazenda. Pague a metade agora. Os credores não terão dúvida em esperar o resto. O filme deverá dar uns 250 mil dólares de lucro e eles agora sabem disso.

— Se o filme vai render tanto, podemos pagar a todos os credores agora.

— Mas teremos de esperar quase um ano pelo dinheiro, — disse eu, sabendo que, de acordo com o sistema de distribuição nos estados, só teríamos direito a receber o dinheiro seis meses depois do início das exibições nos cinemas. — Que é que vamos fazer até lá? Ficar sentados à espera? Depois disso, não podemos mais esperar!

A voz de Peter foi firme.

— Pague o dinheiro, como eu disse. Tudo isso vai-me render ao menos uma boa noite de sono!

Eu sabia que não adiantava discutir. Quando havia na voz de Peter aquele tom de teimosia, era inútil insistir.

— Está bem, Peter.

— E escute, Johnny. Gostaram do filme, hem?

— Ficaram loucos. Gostaram especialmente da cena em que há a troca de tiros entre o xerife e o bandido na sala da casa da moça.

Eu sabia que ele ficaria satisfeito com isso, pois a ideia tinha sido dele. Na peça, o encontro se dava no bar, mas não tínhamos dinheiro suficiente para construir o cenário e Peter havia sugerido a casa da moça.

Ele riu.

— Não lhe disse que ficaria mais dramático assim?

— Você é que estava certo, Peter, — disse eu, sorrindo do orgulho com que ele falava.

— Não reclamaram de ficar sentados tanto tempo para ver o filme?

— Reclamaram foi quando o filme acabou. Todos queriam ver mais. Gostaria de que estivesse aqui, Peter, para ver como bateram palmas.

Ouvi-o afastar-se um pouco do telefone e dizer alguma coisa a alguém. Pouco depois, voltou ao telefone.

— Estava dizendo a Esther que eu tinha razão. Um filme em sete partes não é comprido demais.

Ri, lembrando-me do que ele dissera uma vez — que não havia uma só pessoa capaz de ficar sentada mais de uma hora para assistir a um filme de seis partes.

Ele me interrompeu o riso, perguntando:

— Esther quer saber quem é que está pagando este telefonema.

— Claro que somos nós, Peter. Acha então que ia dar um telefonema assim na casa dos outros a pagar?

Houve um instante de silêncio do outro lado do fio. Por fim, ele falou de novo:

— Já estamos falando há quase vinte minutos. Isso quer dizer que teremos de pagar cem dólares. Adeus, Johnny.

— Mas, Peter...

Ele não me deixou acabar e desligou. Desliguei também e olhei para Borden, sorrindo. Ele encolheu os ombros e nós saímos juntos do gabinete dele para o escritório geral do estúdio. Havia ainda muita gente lá e o ar estava cheio de fumaça e conversa.

Entre eles estavam os principais independentes da época. Um deles dizia:

— Creio que isso prova definitivamente que a era dos filmes pequenos de dois rolos está encerrada. De agora em diante, temos de pensar em filmes cada vez maiores.

— Acha mesmo, Sam? — disse outro. — Talvez seja verdade, mas onde é que vamos fazer esses filmes? Em Nova York, a temporada em que se pode fazer filmagem ao ar livre é de três meses no máximo. Nesse tempo, não é possível fazer mais do que cinco filmes. Que faríamos então no resto do ano? Dormir?

O primeiro pensou um instante e disse:

— Neste caso, teríamos de ir para outro lugar onde a temporada fosse maior.

O segundo falou de cara fechada, sem muita esperança.

— Mas onde? Nem todos têm amigos na Califórnia como Kessler. Não podemos todos ir fazer filmes na Califórnia.

Nesse exato momento, vi tudo com clareza e tive a solução para tudo. Meti-me na conversa, perguntando:

— Por que não, senhores? Por que não podemos todos ir fazer filmes na Califórnia?

Todos os rostos se voltaram para mim, com expressões que iam do manifesto assombro a uma curiosidade cheia de reservas.

— Como assim? — perguntou um deles.

Olhei-os por um momento antes de responder. Queria que ficassem devidamente impressionados com o que eu ia dizer. Baixei a voz num tom confidencial.

— Meus amigos, a Magnum não deixou de prever a repercussão que teria O Bandido sobre o futuro da indústria do cinema. E Peter Kessler não deixa de ser grato aos muitos amigos entre os produtores independentes que ficaram ao seu lado.na ocasião em que as suas perspectivas eram mais sombrias. E assim, meus amigos, — prossegui, baixando ainda mais a voz para que chegassem para mais perto de mim, — depois de haver falado com Kessler na Califórnia pelo telefone, fui informado de que ele resolveu oferecer a todos a mesma oportunidade que ele agora tem de fazer filmes na Califórnia. Pensem bem! Será

uma oportunidade de fazer filmes não apenas durante treze semanas do ano, mas durante cinquenta e duas! Uma oportunidade de fazer cinema num lugar onde o sol brilha sempre e onde há espaço para fazer a espécie de filme que se quiser! Pensem bem, senhores!

A essa altura, sorri intimamente, pensando que estava falando exatamente como falava quando fazia propaganda dos shows no parque de diversões, e prossegui:

— A Magnum tem opção sobre quase 400 mil hectares de terras na Califórnia. Isso dá lugar de sobra para cem estúdios. Quando Lasky, Goldwyn e Laemmle chegaram lá, Peter teve a brilhante ideia de fazer de Hollywood a capital mundial do cinema I Autorizou-me, portanto, a fazer-lhes a seguinte a proposta: em retribuição a muitas gentilezas e favores que tem recebido, transferirá a sua opção por tantos hectares e tanta terra quanto queiram pelo mesmo preço que deu por essas opções. Duzentos e cinquenta dólares por hectare! É claro que ele não espera que vão comprar nabos em sacos. Dará a opção pelo número de hectares que desejem, sob a condição da aprovação pelo comprador, do local, depois de vê-lo. A oportunidade de escolha do local obedecerá à mesma ordem do pedido de opção. Quer dizer que a primeira pessoa a comprar a opção será a primeira a escolher o local do seu estúdio. Se alguém não ficar satisfeito, terá direito sem qualquer indenização à devolução do seu dinheiro.

Borden se mostrou tão espantado quanto os outros.

— Você não me havia dito nada disso, — murmurou ele.

— Desculpe, Bill, mas Peter me havia dado ordem de nada dizer enquanto ele não me desse o seu O. K. E foi o que ele acabou de fazer.

— E os nossos estúdios aqui? — perguntou Bill. — Temos um bocado de dinheiro empregado neles.

— Poderão continuar a usá-los para filmes curtos e outros serviços, — disse eu, — mas para fazerem grandes filmes e ganharem muito dinheiro terão de ir para Hollywood. Qual é o tamanho do seu estúdio aqui? Sei que é grande, mas é grande para Nova York. Poderia filmar nele o estouro de cem cabeças de gado, como fizemos no Bandido? Poderia reunir um grupo de homens a cavalo e fotografá-lo, como fizemos no Bandido? A resposta é evidente. Se ficarem aqui, estarão sempre limitados no espaço, no tempo e nas oportunidades.

Olhei-os. Pareciam impressionados. Eu sabia que os tinha convencido. Só havia uma dificuldade. Se algum deles me perguntasse onde Peter havia conseguido o dinheiro para comprar todas aquelas opções, eu estaria perdido. Mas não tinha de ficar preocupado, porque Borden foi o primeiro que mordeu a isca.

Tirou a caneta-tinteiro e começou a escrever um cheque.

— Quero vinte hectares, — disse ele.

Dentro de uma hora, eu havia vencido opções sobre terras que não possuíamos no valor de 60 mil dólares. Os outros, vendo Borden morder a isca, começaram a lutar para chegar junto do anzol. Aquilo era mais fácil do que fazer os caipiras comprarem entrada para ver Salomé e a Dança dos Sete Véus.

Às três horas da madrugada, tornei a chamar Peter ao telefone, dessa vez, do meu hotel, onde ninguém podia ouvir-me.

Foi Peter quem atendeu. Ouvi o murmúrio de outras vozes na sala.

— É Johnny quem fala, Peter.

— Não lhe disse que não telefonasse mais? Isso custa muito dinheiro!

— Não fale em despesas, Peter! Eu não podia deixar de telefonar. Acabo de vender 60 mil dólares de terras aí e você tem de comprar alguma coisa imediatamente!

— Meu Deus, você ficou maluco? — gritou ele. — Quer levar a todos para a cadeia?

— Calma, Peter. Eu não podia deixar de fazer isso. Estavam todos ansiosos para irem para a Califórnia. Precisamos mais de dinheiro do que esses tubarões de terras daí. Quanto custa um hectare de terra aí?

— Como é que eu vou saber?

— Al está aí? Se estiver, pergunte a ele.

Peter afastou-se do telefone e voltou daí a alguns minutos, dizendo:

— Al diz que custa uns 75 dólares o hectare.

Senti o calor subir-me às faces. Eu havia calculado bem.

— Compre imediatamente 400 hectares, Peter. Isso nos custará uns 30 mil dólares. Acabo de vender 240 hectares a 250 dólares cada um. Teremos com a transação um lucro de 30 mil dólares, mais do que suficiente para levantar um estúdio.

Houve um momento de silêncio do outro lado do fio. Quando voltei a ouvir a voz de Peter, havia nele um tom diferente que não cheguei a identificar. Se não o conhecesse bem, poderia julgar que era respeito.

— Johnny, você é um estourado, mas bem esperto.



Saí da janela, sentei-me à minha mesa e acabei de beber o copo de bourbon. Muito tempo já havia passado, mas parecia ter sido na véspera. Hollywood nascera de uma trapaça e jamais havia mudado. Ainda vivia de

trapaças, com a diferença de que os velhos trapaceiros estavam encontrando gente mais esperta.

Os trapaceiros modernos estavam dominando os trouxas, não como no passado graças à necessidade, mas graças à cobiça. E os trapaceiros lutavam uns com os outros e faziam do mundo inteiro o seu campo de caça.

Senti os olhos cansados e as pálpebras quentes e pesadas. Era bom se eu pudesse fechar os olhos e descansar um pouco.

Chegou-me aos ouvidos um som surdo de vozes. Virei a cabeça para deixar de ouvi-lo, mas sem resultado. Levantei o corpo na cadeira, abri os olhos e esfreguei-os. O corpo doía e as costas estavam duras da posição incômoda em que eu adormecera. Espreguicei-me e corri os olhos pelo ambiente. Olhei para o relógio em cima da mesa e tive um sobressalto. Três e meia da tarde. Eu havia dormido quase o dia inteiro.

Levantei-me da cadeira e fui ao pequeno banheiro ao lado do meu gabinete. Abri a torneira de água fria e molhei bem o rosto. A água fria me acordou por completo. Apanhei uma toalha e enxuguei o rosto. Olhei-me ao espelho. Estava precisando de fazer a barba.

Já ia saindo para ir ao barbeiro quando ouvi a voz de Gordon do outro lado da parede.

— Desculpe, Larry, — dizia ele, — mas não sei como posso concordar com isso. Afinal de contas, o meu acordo com Johnny era que eu seria o encarregado de toda a produção. Dividir as minhas funções da maneira que sugere levaria apenas à duplicação do trabalho e à maior confusão desnecessária.

Isso me fez esquecer por completo a necessidade de fazer a barba. No gabinete de Gordon estava acontecendo alguma coisa de que eu precisava tomar conhecimento. Levei a mão à porta e abri-a. Gordon estava sentado à sua mesa, com o rosto vermelho e muito zangado. Diante dele estavam sentados Ronsen e Dave Roth. O rosto de Ronsen estava calmo e imperturbável como sempre, mas Dave estava com a cara do gato que acabou de comer o canário.

Quando entrei na sala, os rostos se voltaram para mim, com expressões diferentes. O de Gordon expressava alívio; o de Ronsen, aborrecimento e o de Roth, medo.

— Que é que há com vocês, amigos? — perguntei, sorrindo. — Não podem deixar uma pessoa dormir?

Não responderam. Dirigi-me para Gordon e estendi-lhe a mão.

— Como vai? Prazer em vê-lo.

Ele fez o meu jogo. Não deu o menor sinal de ter estado comigo na noite anterior. Apertou-me a mão.

— Que é que está fazendo aqui, Johnny? Pensei que ainda estivesse em Nova York.

— Cheguei ontem à noite para ver Peter, — disse eu e voltei-me para Ronsen: — Não o esperava aqui, Larry.

Olhou-me atentamente, tentando apurar o que eu sabia, mas sem resultado. O meu rosto estava tão impenetrável quanto o dele.

— Surgiu alguma coisa depois da sua partida e, desde que não estava presente, tomei o avião para vir resolver as coisas por você.

— Sério? — perguntei com muito interesse. — Que foi?

—Tivemos um telefonema de Stanley Farber, — disse ele. Era evidente que até a sua calma fora abalada pela minha presença inesperada. Parecia um tanto incerto quanto ao que ia dizer.

— Fez-nos uma proposta para que puséssemos Dave como encarregado da nossa produção mais importante. Em troca, ele nos garantiria exibições em todos os seus cinemas da Costa do Pacífico e ainda nos emprestaria um milhão de dólares.

Pela primeira vez desde que chegara à sala, olhei para Dave Roth. Mas foi com Ronsen que falei.

— Conheço bem Stanley. Deve querer mais alguma coisa de nós por um milhão de dólares, além de fazer do seu protegido encarregado da produção.

Não tirei os olhos do rosto de Dave enquanto Ronsen respondia:

— Naturalmente, teríamos de entregar-lhe algumas ações de garantia. Não vai querer que nos emprestem tanto dinheiro sem garantia.

Balancei a cabeça lentamente. Dave ficara pálido diante do meu olhar. Ronsen voltou a falar, com um pouco de nervosismo:

— Acha então que é uma boa ideia?

Encarei-o. Os olhos lhe brilhavam furiosamente por trás dos seus bifocais. Lembrava-me mais do que nunca um grande tigre de cara redonda esperando o momento de atacar a presa.

— Não disse que achava que fosse uma boa ideia. Mas vou pensar no caso. Um milhão de dólares é muito dinheiro.

Ronsen resolveu fazer pressão sobre mim. Era claro que queria que eu concordasse com ele.

— Claro que é, Johnny. Mas acontece que Farber quer uma resposta imediata. Não pode manter a proposta indefinidamente.

— Mas logo que aceitarmos, ficaremos presos, — disse eu, secamente. — Já disse que conheço Stanley e sei que não poderemos livrar-nos dele com facilidade, se não der resultado. Dave é um homem inteligente e sabe administrar cinemas. Mas nunca fez um filme em toda a sua vida e, com todo o respeito que

merece, que vai acontecer se não der certo? Não é a primeira vez que isso tem acontecido. Pode acontecer com ele também.

Voltei-me para Roth. Estava branco. Sorri para ele.

— Não se ofenda, meu caro. Temos de ser práticos nesta indústria e um pouco de experiência pode dizer-nos sem dificuldade quando uma coisa vai dar certo e quando não vai. Sei que a intenção de Larry é boa, mas eu terei de pensar no caso antes. Vamos deixar para discutir o assunto amanhã.

Com essas palavras, consegui impressionar Ronsen com a minha indiferença pelo seu julgamento e a Dave, com a minha opinião a respeito da sua inexperiência, encerrando a discussão.

Pude notar a raiva contida no rosto de Larry. Sorri para ele.

— Se dispõe de alguns minutos, Larry, gostaria de conversar com você depois de fazer a barba.

— Sem dúvida, Johnny. Telefone-me quando voltar.

Fui até à porta e voltei-me para olhá-los. Gordon, que estava atrás de todos, piscou-me o olho.

— Até logo, — disse eu, fechando a porta.

Gordon estava à minha espera quando voltei do barbeiro. Sentia-me bem disposto. É admirável o que pode fazer numa pessoa um rosto bem escanhoado e uma toalha quente. Olhei para ele, rindo.

— Que é que há, rapaz? Não estou gostando da sua cara.

Gordon deixou rolar uma cachoeira de pragas. Sorri e disse:

— Ao que parece, a sua opinião do nosso eminente presidente da diretoria não é lá muito boa.

O rosto de Gordon ficou vermelho.

— Por que diabo ele não se contenta em presidir às reuniões da diretoria sem vir meter o nariz aqui no estúdio? Está atrapalhando tudo!

Sentei-me à minha mesa, acendi um cigarro e disse:

— Tenha calma, rapaz. Lembre-se de que ele não entende nada de cinema. Mas sabe como ele é. Um homem de dinheiro que se encheu de avidez quando viu que era possível ganhar muito no cinema. Quando descobriu que o negócio não era o sorvete de creme que julgava, está um pouco nervoso e procurando ansiosamente ou garantir o seu dinheiro ou encontrar uma saída.

Quando Gordon me viu ali sentado calmamente, esfriou um pouco. Olhou-me atentamente e perguntou:

— Já sabe o que vai fazer?

— Claro que sei. Vou deixá-lo debater-se de um lado para outro. Quando estiver cansado, virá procurar-me.

— Aquilo é um patife muito teimoso, Johnny. E se ele insistir em dar uma entrada a Farber?

Não respondi logo. Se ele insistisse em fazer isso, eu não poderia impedi-lo e estaria perdido. Talvez não fosse tão ruim assim. Já estava havia trinta anos naquilo e tinha bastante dinheiro para não me incomodar com o que acontecesse. Talvez fosse bom ficar sem fazer mais nada e esquecer tudo. Mas não era nada fácil. Uma boa parte da minha vida estava ligada ao cinema e não me seria muito fácil livrar-me dele.

— Não vai fazer isso, — disse eu, falando com mais confiança do que sentia. — Quando eu disser a ele tudo o que penso, Ronsen terá medo de fazer negócio com Farber ainda que este lhe oferecesse a Casa da Moeda.

— Bem, — disse ele, levantando-se para sair. — Espera que você saiba o que está fazendo.

Vi-o sair e pensei que nós ambos estávamos na mesma situação.

O telefone tocou e eu atendi. Era Doris.

— Onde era que você estava, Johnny? Estou telefonando há uma porção de tempo sem conseguir falar com você.

— Peguei no sono no meu gabinete. Vim para cá logo que saí da sua casa e ninguém sabia que eu estava aqui. Como vai Peter?

— O médico saiu daqui agora pouco. Está dormindo normalmente. O médico acha que está melhor.

— Ótimo. E Esther?

— Está aqui ao meu lado. Quer falar com você.

— Chame-a.

Pouco depois, ouvi a voz de Esther. Fiquei surpreso, tanto havia mudado. Da última vez que a ouvira, ainda era jovem e firme. Parecia agora velha e abalada. Era como se ela estivesse numa sala cheia de gente estranha, sem saber como iriam recebê-la.

— Johnny?

— Sou eu, Esther, — disse eu, sem poder conter a emoção na voz.

Ela ficou um instante calada. Depois, disse na mesma voz estranhamente hesitante:

— Estou muito satisfeita de que você tenha vindo, Johnny. Você não sabe o que isso representa para mim e representará para Peter, quando ele souber.

Senti alguma coisa revoltar-se dentro de mim. Deu-me vontade de gritar: “Sou eu, Johnny! Vivemos juntos há trinta anos! Não sou um estranho e você não pode ter medo de falar comigo!”

Mas não podia dizer isso e, desde que tinha de dizer alguma coisa, murmurei:

— Não podia deixar de vir. Vocês dois também representam muito em minha vida. Senti muito o que aconteceu a Mark.

Foi a antiga voz dela que me respondeu, como se houvesse de repente percebido com quem estava falando. Havia na sua voz também um sentimento de dor, de resignação e de aceitação, como de uma pessoa que de havia muito conhecesse as tristezas da vida.

— É a vontade de Deus, Johnny. Nada podemos fazer. Só espero que Peter...

Não conseguiu acabar a frase, que os soluços interromperam.

— Esther! — exclamei, procurando chamá-la à razão.

Podia quase vê-la lutando para controlar-se e conter as lágrimas que queriam derramar-se, as lágrimas a que tinha direito. Respondeu afinal:

— Sim, Johnny.

— Você não pode chorar ainda, Esther, — disse eu, sentindo-me um insensato. Quem era eu para dizer-lhe que não devia chorar pelo filho? — Tem de cuidar de Peter primeiro.

— Sim, Johnny, tenho de ajudá-lo a ficar bom para redizer o Kaddish por nosso filho e nós fazermos shiveh juntos.

Shiveh é o ritual hebreu de luto. Cobrem-se todos os espelhos e quadros da casa e fica-se dentro da casa sentando em tamboretes durante uma semana depois da morte de um ente querido.

— Não, Esther. Não para shiveh, mas para viverem juntos.

— É verdade, Johnny. De qualquer maneira, é preciso continuar a viver.

— Assim é melhor, Esther. Está parecendo mais a Esther que eu conheço.

— Acha mesmo, Johnny? — perguntou ela. — Até isso acontecer, eu podia ser a Esther que você conheceu, mas agora sou uma velha. Até hoje, nada me havia de fato mudado, mas isso me arrasou e eu estou com medo.

— Isso passará e as coisas voltarão a ser as mesmas.

— As coisas nunca mais serão as mesmas, — disse ela, com triste convicção.

Trocamos mais algumas palavras e desligamos. Acendi um cigarro e não sei quanto tempo fiquei ali imóvel, pensando em Mark. É curioso como a morte faz esquecer as coisas de que não gostamos numa pessoa. Nunca havia gostado dele depois de crescido e fiquei pensando nele quando era garoto. Gostava de que o carregasse nos ombros. Ainda lhe ouvia a vozinha alegre e lhe sentia as mãos agarrando-me os cabelos.

A perna começou a doer. A perna. Sempre pensava em minha perna, mas era apenas um coto de perna. O resto ficara na França vinte anos antes. A dor me

subia pela coxa. O coto estava dolorido. Havia três dias que eu não tirava a perna mecânica.

Desapertei a correia em torno da cintura que mantinha a perna no lugar. Afrouxei também a correia em torno da coxa e a perna mecânica ficou solta e caiu no chão.

Comecei a massagear o coto com o movimento circular que aprendera havia tantos anos. Senti o sangue começar a circular, aliviando a dor. Continuei a massagem.

De repente, a porta se abriu e Ronsen apareceu. Parou em frente da minha mesa e olhou-me.

— Johnny, vamos resolver o caso da proposta de Farber. Você não acha que...

Olhei-o, sem poder concentrar a atenção no que ele estava dizendo. As mãos que ainda faziam massagem no coto de perna começaram a tremer.

Que diabo! Por que não havia ele esperado que eu telefonasse?

Comecei a concordar com ele antes que ele falasse, antes que soubesse o que ele estava dizendo. Faria tudo, tudo, para que ele saísse o mais depressa possível. Não suportava vê-lo ali diante de mim, tão calmo, tão forte, tão seguro. Não podia tolerar aquela ânsia insaciável e implacável de domínio.

Ele apertou os olhos, surpreso com a minha pronta aquiescência. Depois, saiu da sala apressadamente, como se estivesse com receio de que eu mudasse de ideia.

Então, com os dedos trêmulos, tentei apertar de novo a correia em torno da coxa. Mas não o consegui logo. Continuei nervosamente a tentar.

Eu era um homem inteiramente perdido sem a minha perna.

# 30 ANOS

# 1917

# 1

Johnny saiu da sala de projeção, piscando os olhos com a luz forte do corredor. Parou e acendeu um cigarro. Um homem se aproximou.

— Posso tirar as cópias, Johnny?

— Claro, Irving. Vá em frente. O homem sorriu satisfeito.

— Tiramos alguns bons shots de Wilson quando prestava o juramento, não acha?

— Bons não, Irving, ótimos. Quando chegarem aos cinemas, bateremos todos os outros jornais.

Wilson havia tomado posse para o seu segundo período presidencial menos de três horas antes e Johnny havia contratado um avião para levar o negativo a Nova York, em vez de esperar pelo trem. Como calculava, estava pelo menos seis horas à frente das outras companhias. Essas seis horas significavam que o jornal estaria nos cinemas da Broadway naquela noite e não na noite seguinte. Era um furo completo.

Irving Banno, que naquele momento o acompanhava, era o editor dos jornais. Era um homem baixo e forte, de cabelos pretos, que trabalhava como cameraman antes de Johnny indicá-lo para o outro posto. O que agradava nele a Johnny era que conseguia o filme sem exigir preparações complicadas. Só queria era que houvesse luz suficiente para ver as coisas. Era um homem ativo e enérgico, justamente o que era preciso para fazer o serviço. Johnny estava muito satisfeito com ele.

— Recebi os filmes de guerra da Inglaterra, Johnny, — disse ele, esforçando-se para acompanhar o andar de Johnny. — Quer vê-los hoje?

— Hoje, não, Irving, — disse Johnny, parando à porta do seu escritório. — Estou com muito serviço. Fica para amanhã.

— Está bem, Johnny, — disse ele, continuando pelo corredor.

Johnny sorriu. Era outra coisa que Irving tinha. Não parava. Mal acabava um serviço, atacava logo o outro. Não se podia negar que era graças a ele que o jornal da Magnum era considerado o melhor do país.

Entrou no escritório e Jane o recebeu com um sorriso.

— Que tal o filme, Johnny?

— Ótimo. Irving fez um serviço notável, — disse Johnny, sentando-se à sua mesa. — Telefonou para Peter?

— Telefonei, sim, — disse ela, levantando-se e levando duas pilhas de papéis para a mesa de Johnny. — Estes aqui você tem de examinar; aqueles pode assinar logo.

Ele a olhou, sorrindo.

— Mais alguma coisa, minha chefe?

Ela voltou para a mesa dela e consultou o bloco.

— George Pappas vem aqui ao meio-dia e você vai levar Doris para almoçar a uma hora.

Johnny olhou para o relógio e exclamou:

— Ih! Já é quase meio-dia! Vou resolver tudo isto aqui antes de George chegar. E sabe de uma coisa, Jane? Você é um verdadeiro feitor de escravos.

— Se eu não fosse, — disse ela, franzindo o rosto, — você acabaria sem fazer nada.

Johnny voltou a atenção para os papéis na sua mesa. Eram os habituais contratos com os distribuidores dos estados, uma parte do seu trabalho que ele detestava. Eram rotineiros e enfadonhos. Jane tinha razão. Se fosse por ele, nunca nem olharia para eles. Mas tirou a caneta e começou a assiná-los.

Aqueles últimos cinco anos haviam-lhe dado mais corpo. Era ainda esguio, mas o aspecto de magreza e nervosismo havia desaparecida. A Magnum ia muito bem. Tinham um estúdio na Califórnia. Peter estava lá e se encarregava da produção. Joe estava com ele. Peter determinava o que tinha de ser feito e Joe fazia tudo. Davam-se bem juntos. Os filmes da Magnum mostravam os resultados do seu trabalho de equipe, pois estavam entre os melhores da indústria.

Johnny dirigia o escritório de Nova York. Tivera razão em prever que a maior parte da indústria se transferiria para a Califórnia. E tivera também razão na sua ideia de que o centro de distribuição deveria ser em Nova York, onde também deveria ficar a produção de filmes curtos. A inesperada vitória de William Fox na ação que movera contra o consórcio em 1912, obrigando-o a fornecer filme aos produtores independentes, dera maior vigor a essa transferência. Desde então, outras vitórias tinham sido alcançadas. O destino do consórcio estava dependendo dos tribunais federais dos Estados Unidos e tudo indicava que a justiça decretaria a sua dissolução.

Logo que soubera da vitória de Fox, Johnny convenceu Peter a deixá-lo voltar para Nova York, a fim de reabrir os estúdios ali. Jane estava trabalhando como script girl com Joe e Johnny lhe perguntou se ela gostaria de voltar para Nova York com ele. Jane aceitara e Sam Sharpe os acompanhara na qualidade de diretor de elenco. Ficara nesse serviço até o outono do ano anterior, quando voltara à sua profissão de agente.

— Há muita gente de valor no cinema, — disse ele, explicando os seus motivos a Peter, — que não tem quem lhe zele pelos interesses. Por outro lado, sempre gostei da profissão de agente e não me tenho sentido feliz desde que a deixei.

— Está bem, Sam, — disse Peter. — Compreendo o seu ponto de vista e estou de acordo. Para começar, vou falar com todos os meus artistas aqui e convencê-los a contratá-lo como agente.

— Não é preciso, — disse Sam, sorrindo. — Todos eles já assinaram contrato comigo.

— Magnífico, — disse Peter, dando-lhe parabéns.

Depois que se apertaram as mãos Sam sentou-se na poltrona do escritório de Peter.

— Quando é que pretende começar a trabalhar? — perguntou Peter.

— Agora mesmo. Queria falar-lhe a respeito do contrato daquela miss Cooper. Acho que ela devia ganhar mais. Afinal o último filme dela fez você ganhar uma pequena fortuna.

Peter arregalou os olhos e disse, sorrindo:

— E eu que não sabia que tinha um espião dentro do estúdio!!

Anos antes, em 1912, O Bandido havia estreado na Broadway. Foi a primeira das grandes premières do cinema. O preço das entradas fora marcado em um dólar. Esperavam ter uma boa casa, mas nem Johnny previu o que iria acontecer.

Ao meio-dia, duas horas antes da abertura do cinema, já se formara em frente das bilheterias uma fila que dava a volta ao quarteirão. O trânsito pelo passeio era impossível e as pessoas tinham de andar pelo meio da rua. Pouco a pouco, a rua foi ficando mais repleta e mais tumultuada. Alguém, olhando da janela de um escritório vizinho, telefonara para a polícia, dizendo que estava havendo desordens na rua. Aparecera então um numeroso choque da polícia, disposto a manter a ordem a cassetete.

Puxando os cabelos de aflição, o gerente do cinema saiu e foi falar com a polícia. Explicou a um capitão de cabelos grisalhos que aquela gente toda só estava ali à espera da oportunidade de ver um filme.

O capitão tirou o quepe e coçou a cabeça.

— Não me diga! Nunca pensei que chegaria o dia de Bill Casey ver uma alteração da ordem apenas porque o povo quer assistir a um filme. De qualquer maneira, essa gente não pode ficar aí, impedindo o trânsito. Tem de tirar todo o mundo da rua.

O gerente olhou desesperadamente para Johnny.

— Que é que eu vou fazer? A exibição só vai começar às duas horas.

— Abra as portas já e deixe o povo entrar, — disse Johnny.

— Se eu os deixar entrar agora, que é que vou fazer com o espetáculo das duas horas?

O capitão interveio.

— Se não tirar logo essa gente da rua, não haverá espetáculo às duas horas. Recebi ordens enérgicas nesse sentido.

O gerente torcia as mãos.

— Vou lhe dizer o que tem de fazer, — disse Johnny, chegando a uma decisão súbita. — Deixe todo o mundo entrar, passe o filme, e às duas horas, torne a passar. Fique passando o filme até o povo parar de chegar.

— Mas se eu os deixar entrar no meio do filme, eles não entenderão nada!

— Mas podem esperar a outra exibição até chegarem ao ponto em que entraram, não podem? Não é o que se faz com os filmes curtos?

O gerente olhou para o capitão, mas este se manteve em silêncio. Foi então até à bilheteria e bateu na janelinha de vidro. Disse desconsoladamente à moça que a abriu: — Comece a vender as entradas.

As pessoas que estavam na cabeça da fila ouviram-no. Avançaram para a bilheteria e os dois guardas que estavam ali foram afastados do caminho.

O gerente começou a abrir caminho pelo meio da multidão e chegou até onde estava Johnny. Este, ao vê-lo, começou a rir. O paletó do homem havia perdido os botões, a flor da lapela estava caída para o lado, uma ponta do colarinho duro se soltara do botão e a gravata estava voltada para as costas.

— Quem já ouviu falar de uma coisa assim? — perguntou ele, espantado, a Johnny. — Sessões contínuas! Estamos transformados num carrossel de circo.

Mas a coisa pegou. Mais uma vez, Johnny acertara.

E isso foi apenas o começo. Outras companhias e outros filmes conseguiram sucesso semelhante. Naquele mesmo ano, Adolph Zukor, que tinha sido um operador de cinema em Nova York, exibiu em Nova York o tão falado Rainha Elizabeth, com Sarah Bernhardt, e formou a sua companhia dos Famous Players para fazer filmes longos.

Em 1913, foi a vez de Quo Vadis?, seguido logo depois de Trafic in Souls, da Universal de Carl Laemmle, e de The Squaw Man, de Jesse Lasky e Cecil B. DeMille, tendo como artista principal Dustin Farnum. E, de ano para ano, foram maiores e mais frequentes os sucessos. O primeiro grande teatro destinado exclusivamente a exibição de filmes, o Strand, de Nova York, foi inaugurado em 1914. No mesmo ano, foi estreada a produção de Mack Sennett intitulada Title’s Punctured Romance, com Charlie Chaplin e Marie Dressier. No

ano seguinte, foi a vez de Birth of a Nation, de Griffith, e de Theda Bara no filme de William Fox, A Fool There Was.

Nomes como Paramount, Metro, Famous Players e Vitagraph passaram a ser correntes na indústria e entre o público. Este estava começando a reconhecer e admirar artistas como Mary Pickford, Charlie Chaplin, Clara Kimball Young, Douglas Fairbanks e Theda Bara. Os jornais exploravam à vontade o valor desses nomes como notícia. O público queria saber de tudo a respeito desses artistas. Havia repórteres permanentemente destacados junto aos estúdios para divulgarem diariamente todos os seus atos e palavras.

O público se apaixonara pelo cinema e a indústria estava crescendo. Mas o cinema não deixava de ter as suas falhas.

Havia renhidas guerras nele. Os produtores lutavam uns com os outros. Era tremenda a competição em torno dos artistas. Um artista assinava contrato com uma companhia por uma soma fabulosa, só para descobrir que no dia seguinte poderia transferir-se para outra companhia por um preço ainda mais fantástico. Faziam-se e desfaziam-se contratos de dia para dia. Mas a indústria continuava a crescer.

Johnny disse um dia a Peter, meio de brincadeira, meio a sério: — Pela primeira vez, há realmente um teatro do povo. O povo pode chamar o cinema de seu, pois foi ele que o fez.

E o público lhe dava razão, formando compridas filas diante das bilheterias dos cinemas, através dos Estados Unidos.

# 2

Johnny empurrou os papéis para o lado e olhou o relógio. Era quase meio-dia.

— Jane, — disse ele, — veja se a ligação para Peter já está pronta. Tenho de falar com ele antes de George chegar.

Jane pegou o telefone em cima de sua mesa e Johnny levantou-se, espreguiçando-se. Foi até à janela e olhou. Lá fora, estava caindo uma chuva miúda. Ficou ali pensando.

George Pappas havia prosperado naqueles últimos anos. Já possuía nove cinemas com o seu nome e pretendia abrir mais. Havia procurado Johnny com uma proposta para formarem uma sociedade e comprarem dez cinemas em Nova York. Com o seu jeito habitual, delicado e hesitante, havia explicado que faria isso sozinho se pudesse, mas a verdade era que não dispunha de dinheiro

suficiente. Os cinemas pertenciam a um homem que estava muito doente e queria vender tudo. Eram dez boas casas espalhadas pela cidade, não na Broadway, mas em bons locais. O preço era 250 mil dólares, George daria a metade se a Magnum entrasse com a outra metade. Seriam sócios com direitos iguais e George administraria os cinemas.

Johnny havia pensado muito no caso e resolvera recomendar o negócio a Peter. Borden, Fox e Zukor possuíam cinemas e Johnny via como exibiam proveitosamente neles a própria produção. Programariam os filmes da Magnum para as melhores datas, nas ocasiões em que houvesse longos feriados e, sem dúvida alguma, conseguiriam os melhores preços. Dava resultado para os outros e teria de dar para eles também.

A voz de Jane interrompeu-lhe os pensamentos.

— A ligação será completada daqui a alguns minutos.

Johnny voltou para a sua mesa. Esperava que Peter procedesse dessa vez de maneira diferente e não pegasse uma discussão com ele. Sorriu, lembrando-se de como havia seis anos que Peter lutava com ele, desde o dia em que ele procurara interessá-lo no cinema. Mas ele sempre tivera razão e, de qualquer maneira, Peter gostava de discutir.

Só que Peter não chamava isso de discussão. Dizia que estava apenas conversando sobre o caso. Johnny se lembrava bem de alguns casos sobre que Peter havia conversado com Joe. Eram ideias para filmes que Joe queria fazer e Peter não queria. Para um estranho, a discussão dava a impressão de que os dois homens iriam chegar a qualquer momento às vias de fato. De repente, faziam silêncio. Entreolhavam-se desconfiados, como que envergonhados da exaltação a que haviam chegado e, então, um ou outro deles cedia. Não importava qual fosse, pois quando o filme ficava pronto cada qual se derramava em elogios ao outro. Cada qual dizia que o outro é que representara o papel mais importante da elaboração do filme. Mas os resultados eram bons e os filmes da Magnum eram dos melhores da indústria.

Ora, se Peter se opusesse, Johnny estava preparado para ele. Havia colhido algumas estatísticas sobre os lucros possíveis com a acumulação da produção e da exibição.

— Ele está no telefone, Johnny, — disse Jane, com voz um pouco trêmula. Nunca havia deixado de maravilhar-se com aqueles telefonemas diários de costa a costa.

Johnny pegou o telefone, disposto a enfrentar qualquer discussão.

— Alô, Peter.

— Alô, Johnny. Como vai?

— Muito bem. E você?

— Vou otimamente. — Era curiosa como o telefone parecia acentuar o sotaque alemão de Peter. — Já viu Doris? Como foi que ela chegou aí?

Johnny quase se havia esquecido dela.

— Eu estava na sala de projeção quando ela chegou. Mas Jane foi recebê-la e ela está agora no hotel, trocando de roupa. Vou levá-la hoje para almoçar comigo.

Peter riu, com uma ponta de orgulho na voz.

— Você quase não vai conhecê-la, Johnny. Já está uma mocinha. Cresceu muito nestes últimos tempos.

Nas últimas vezes em que Johnny tinha estado na Califórnia não a havia visto. Doris estava estudando como interna numa escola para moças e agora se havia transferido para outra, perto de Nova York. Fez mentalmente as contas. Ela já estava com dezoito anos.

— Sei mesmo que não vou conhecê-la. Acha então que o tempo fica parado?

— Mark é outro que você também não reconheceria, Johnny! Está quase da minha altura.

— Não!

— Sério! Está crescendo tanto que tem de vestir a toda pressa as roupas que Esther manda fazer, senão não chegam mais nele.

— Não diga!

— Eu também não acreditaria se não estivesse vendo. — Peter fez então uma breve pausa e perguntou: — Já fez o balanço do mês passado?

Johnny apanhou um papel em cima da mesa e leu algumas cifras rapidamente, concluindo com a afirmação de que os lucros no mês anterior tinham sido de 60 mil dólares.

— Se continuarmos assim, — disse Peter, com voz satisfeita, — faremos mais de um milhão de dólares neste ano.

— Fácil, Peter. O movimento bruto da semana passada foi de setenta mil dólares.

— Ótimo, Johnny. Você vai bem. Continue assim.

— E vamos continuar! — disse Johnny, cuja voz tomou então um tom de orgulho. Consegui hoje o filme sobre a posse de Wilson.

— Formidável!

— Será exibido esta noite nos cinemas da Broadway e a preços especiais. Quando eu disse que o filme foi trazido de avião, os exibidores não fizeram qualquer objeção ao preço.

— Gostaria de vê-lo, — disse Peter.

— A sua cópia seguirá hoje pelo trem. Que há de novo por aí? - perguntou Johnny, sentindo que tinha de dar a Peter uma oportunidade de contar as suas vantagens.

Peter falou durante alguns minutos e Johnny escutou-o atentamente. A Magnum havia completado vários filmes e a última produção da temporada já estava na sala dos cortes. No fim, Peter teve uma ideia.

— Acho que irei a Nova York no mês que vem, quando o trabalho aqui estiver mais aliviado. Já faz quase um ano que não vou aí e Esther está com vontade de passar uns dias com a família dela. Creio que as férias serão boas para ela.

Johnny sorriu. Peter não havia falado no desejo que tinha de visitar o escritório de Nova York e ver com os próprios olhos o que estava acontecendo.

— Faça isso, Peter. Fará um bem enorme a vocês dois.

— Estou com muita vontade.

— Quando resolver a data, mande-me dizer e eu tomarei todas as providências necessárias.

— Está bem. E escute, Johnny: que é que vocês acham da guerra aí em Nova York?

Johnny tinha de ser reservado. Afinal de contas, Peter nascera na Alemanha.

— Como assim?

— Joe quer fazer um filme mostrando como os alemães estão oprimindo o povo na Bélgica e na França e eu não estou certo de que seja uma boa ideia. Não sei se um filme assim daria resultado.

— A opinião pública é aqui na maioria favorável aos Aliados, — disse ele, cautelosamente.

Johnny já sabia do filme. Joe lhe havia telefonado para falar sobre ele, dizendo-lhe também que Peter era contrário à ideia. Embora não tivesse ilusões sobre a terra do seu berço, não podia decidir-se a fazer um filme que apontasse para ela um dedo acusador. Por outro lado, a notícia de que a Magnum ia fazer um filme sobre as atrocidades alemãs se espalhara pela indústria, e se Peter anunciasse que não ia fazer o filme, passariam a considerá-lo germanófilo. Foi mais ou menos isso que disse a Peter.

— Neste caso, — murmurou sem muita convicção o outro, — creio que teremos de tocar o filme para a frente.

— A situação é essa, Peter. É um caso de ser preso por ter cão e preso por não ter cão.

Peter deu um suspiro. Sabia quando estava derrotado.

— Vou dizer a Joe para começar a trabalhar no script.

Johnny não pôde deixar de sentir um pouco de pena. Compreendia como Peter se sentia. Ouvira-o muitas vezes falar dos seus parentes na Alemanha e da vontade que tinha de ir fazer-lhes uma visita.

— Diga a Joe que não se apresse. Talvez tudo esteja resolvido antes de vocês começarem a filmagem.

— Não, Johnny. Isso não vai adiantar nada. Se temos de fazer a coisa, vamos fazer logo. Afinal de contas, por que é que vou ficar preocupado? Não sou mais alemão. Há mais de vinte anos, sou cidadão americano. Não vi mais a terra, desde que saí de lá há mais de vinte e seis anos. O povo deve ter mudado muito depois disso.

— É verdade. Devem ter mudado muito desde que você saiu de lá.

— Claro, — disse Peter. Mas, no fundo, sabia que não era assim. Ainda se lembrava dos oficiais prussianos que andavam desdenhosamente pelas ruas de Munique nos seus grandes cavalos pretos. Todos se curvavam à sua passagem e tinham medo deles. Lembrava-se das diligências de recrutamento que haviam arrancado primos seus do seio da família quando ainda não tinham dezessete anos. Fora por isso que o pai o mandara para a América. Não, nada havia mudado.

De repente, as suas dúvidas se dissiparam e ele se sentiu melhor.

— Muito bem, Johnny. Vamos fazer o filme. Diga a Doris que telefone hoje à noite lá para casa.

— Está bem.

— Falarei então com você amanhã.

— Certo, — disse Johnny distraidamente. Estava ainda pensando no que Peter devia estar sentindo a respeito do filme sobre os alemães. De repente, lembrou-se. Precisava de uma resposta sobre o caso de George. — Escute, Peter...

— Que é?

— É sobre aquela proposta de George sobre os cinemas. Ele virá saber da resposta hoje.

— Ah, sim... — A voz de Peter não denotava qualquer interesse e Johnny ficou desanimado. Não podia discutir com Peter depois do que haviam conversado. — Falei com Esther e com Joe sobre o caso e ambos acham que é uma boa ideia. Diga a ele que está certo.

Johnny apanhou as estatísticas em cima da mesa depois de desligar o telefone e entregou-as a Jane.

— Guarde isso. Não há mais necessidade.

E recostou-se na cadeira, sacudindo a cabeça. Peter era assim mesmo. Nunca fazia o que se esperava.

# 3

Doris estava diante do espelho, empolgada por uma onda de satisfação. O que via muito lhe agradava. Aquele vestido era muito melhor do que o que ela havia experimentado antes. Fazia-a parecer mais velha, mais amadurecida. Felizmente, a chuva havia parado e ela podia sair com ele. Todos os seus outros vestidos davam-lhe o aspecto de uma menina.

Olhou para o relógio em cima da cômoda. Ele devia estar chegando, pensou ela enquanto colocava o chapéu. Tivera uma decepção quando não o vira na estação mas, depois que Jane explicara que ele estava muito ocupado com o filme da posse de Wilson, conformara-se. Já estava habituada às pressões contínuas e aos prazos rígidos dentro dos quais vivia por gosto a gente de cinema. Sentira-se melhor com a notícia de que ele iria buscá-la no hotel a fim de levá-la para almoçar.

Bateram à porta. “É ele”, pensou ela, e correu para a porta. Mas no meio do caminho parou para um último olhar ao espelho e, depois, se dirigiu mais vagarosamente para a porta.

“Não posso mais agir como uma criança”, refletiu ela, enquanto levava a mão à maçaneta e abria a porta. Mas o coração lhe batia aceleradamente dentro do peito.

Foi quase como se outra pessoa estivesse abrindo a porta e não ela. Podia ver-se ali de pé, à espera. Podia vê-lo ali, com o sorriso que se lhe acendera no rosto ao vê-la. Viu o sorriso desvanecer-se e, depois, renascer, mais quente e mais cheio de admiração.

Trazia-lhe flores. Ele estava preparado para vê-la, como ela havia estado. Tinha pensado em que ela devia estar bem crescida, mas no fundo não acreditava muito nisso. Tinha estado preparado para pegá-la nos braços e carregá-la dizendo “Alô, querida” como fizera tantas vezes antes. Mas já não era possível. Viu-o de pé ali na porta e, então, recuou um pouco, com um toque de cor nas faces, os olhos quentes e cheios de imensa exaltação interior e os lábios um pouco trêmulos.

Ele entrou no quarto e lhe entregou as flores. Ela as recebeu em silêncio e as suas mãos se tocaram. Era como se uma corrente elétrica houvesse passado por eles. As mãos se apertaram e não se soltaram.

— Alô, querida, — disse ele, com a voz cheia do espanto que sentia.

— Alô, Johnny.

Era a primeira vez que o chamava assim, sem dar-lhe o nome de “Tio”. De repente, ela teve consciência de que ainda se estavam apertando as mãos.

Retirou a mão desajeitadamente e ainda mais ruborizada.

— Vou colocá-las num jarro, — disse em voz baixa.

Johnny não tirou os olhos dela enquanto ela cuidava das flores. Via-lhe o perfil da posição em que estava. O cobre escuro dos cabelos contra o rosto claro e levemente colorido, os profundos olhos azuis, as maçãs do rosto salientes, a boca suave e o queixo firmemente arredondado.

Ela se voltou e viu que ele a estava olhando. Deu um toque final às flores e perguntou:

— Acha que ficam bem assim?

Johnny bateu com a cabeça. Sentia-se confuso. Não sabia o que dizer àquela moça desembaraçada que acabava de conhecer.

— Não posso acreditar, Doris. Você... Ela o interrompeu, rindo.

— Não vá dizer que eu cresci muito. Se eu ouvir isso mais uma vez, começarei a dar gritos!

Ele riu com ela e confessou, meio embaraçado:

— Era justamente isso que eu ia dizer.

— Eu sabia, mas não posso compreender por que todos dizem isso. O tempo não ficou parado para mim e não fica para ninguém. É claro que eu cresci. Queria que eu ficasse uma menina para sempre?

Ele começou a sentir-se mais à vontade e murmurou:

— Não sei... Quando você era uma menina, eu costumava levantá-la no ar, balançá-la, beijá-la, chamar você de querida. Ríamos e nos divertíamos muito com isso. Hoje, eu não posso mais fazer essas coisas.

Os olhos dela ficaram de repente muito sérios e mudaram de cor. Era curiosa a mobilidade líquida daqueles olhos.

— Mas pode ainda beijar uma pessoa amiga a quem não vê há quatro anos.

Olharam-se um instante e ele curvou a cabeça para ela. Doris aproximou o rosto e os lábios deles se tocaram.

Durante um segundo, ele ficou como que atordoado. Passou involuntariamente o braço pela cintura dela, enquanto Doris lhe passava os braços pelo pescoço. Johnny sentia o vinho da paixão nos lábios dela. Sentiu o leve perfume dos seus cabelos. Olhou-a e viu que estava com os olhos cerrados.

Os pensamentos lhe correram pela cabeça como relâmpagos: “Que loucura, Johnny! Ela pode parecer uma mulher, mas é apenas uma garotinha que ainda está na escola e que saiu de casa pela primeira vez. Uma menininha romântica. Não seja idiota, Johnny!”

Afastou-se de repente. Ela descansou a cabeça no ombro dele. Por um momento, ele lhe acariciou o rosto e os cabelos. Depois, disse em voz grave:

— Você cresceu, querida. Está grande demais para brincadeiras.

Ela o olhou, com os olhos brilhantes, um sorriso dançando nos lábios e a voz jovem:

— Acha mesmo, Johnny?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça, com o rosto ainda sério. Não podia falar. Ainda estava procurando uma resposta para a sua atônita interrogação: “Que é que me está acontecendo?”

Doris foi apanhar o casaco no armário. Repetia em silêncio, bem no fundo do coração: “Ele me ama, ele me ama, mesmo que ainda não saiba disso!” Em voz alta, disse:

— Onde é que vamos almoçar, Johnny? Estou morta de fome I

Johnny demorou muito a tomar o café, estranhamente relutante em fazer aquele almoço chegar ao fim. Já estavam ali havia duas horas e ele tinha a impressão de que apenas alguns minutos tinham passado. Pela primeira vez, podia conversar com uma moça que mostrava pelo cinema o mesmo interesse que ele sentia. Acabara de falar-lhe detalhadamente sobre o filme da posse de Wilson.

Ela o havia escutado em silêncio e com muita atenção. Sentia o calor que ele revelava na voz quando falava de cinema, do que o cinema já era e do que chegaria a ser no futuro. Para muita gente, aquele tema único seria enfadonho, mas ela quase que se criara ouvindo aquelas coisas, que lhe eram, por isso, perfeitamente naturais.

Mas tinha também os seus pensamentos pessoais. Observava-lhe a cor dos cabelos e dos olhos, o formato do rosto, a boca generosa e o queixo determinado; também a sua altura e o seu jeito de andar, bem como a força dos braços quando a haviam entrelaçado.

Estava contente de não se haver enganado. Sempre o amara e agora sabia que ele também a amava. Ele levaria algum tempo para ter consciência disso. Tinha primeiro de aceitá-la como uma pessoa adulta, mas ela estava disposta a esperar. Um contentamento inédito e quente lhe corria pelas veias enquanto o escutava. Seria até muito interessante observá-lo quando fosse aos poucos tendo consciência do seu amor. Uma sombra de sorriso passou-lhe pelos lábios ao pensar nisso. Era tão bom amar!

Johnny acabou de tomar o café e colocou a xícara no pires. Sorriu quando olhou para o relógio.

— Tenho de voltar para o escritório. Nunca demorei tanto tempo no almoço desde que o abrimos.

— Pois acho que deve fazer isso mais vezes. Não é bom trabalhar demais.

— Não é sempre que posso ficar tanto tempo ausente. Mas hoje, não estou sentindo nem vontade de voltar e não sei por quê, disse ele, acendendo um cigarro.

Ela sorriu, pensando que sabia por quê. Mas levantou-se e disse:

— Há dias assim, dias em que não se tem vontade de fazer nada.

Johnny colocou o casaco nos ombros dela e disse:

— Vou levá-la até ao hotel, Doris!

Passaram pela banca de jornais da esquina e viram as manchetes dos jornais: “Wilson Toma Posse e Promete Paz “ Doris voltou-se para ele e disse com voz séria:

— Acha que ele vai cumprir essa promessa, Johnny?

— Talvez não, mas fará tudo o que for possível. Por quê?

— Papai anda muito infeliz com essa guerra. Como sabe, ele ainda tem parentes na Alemanha. E há o filme que Joe quer que ele faça...

— Sei disso. Conversamos sobre o caso hoje de manhã. Ele vai fazer o filme.

Andaram mais alguns passos até ela falar de novo.

— Estou muito satisfeita de que ele tenha tomado uma decisão. Ao menos, não será mais torturado pelas dúvidas.

— É verdade.

— E, se entrarmos na guerra, você terá de ir, Johnny? Olhou-a, espantado. Não havia ainda pensado nisso.

— Acho que sim, — disse ele, logo na primeira reação. — Isto é, não sei bem. Mas não adianta pensar nisso. Quando chegar a ocasião, saberemos.

Ela não respondeu. Tomou-lhe o braço e foi em silêncio até ao hotel.

# 4

Johnny levantou os olhos da mesa e perguntou a Jane pela quarta vez: — Tem certeza de que Doris disse que passaria por aqui antes de ir para a estação?

— Tenho, sim, respondeu ela, sem saber porque ele estava tão ansioso. Ainda que a moça não passasse por ali, sabia a hora da chegada do trem em que vinha o pai e a mãe e podia ir para a estação sozinha. Johnny não costumava ficar nervoso por tão pouco.

Johnny assinou mais alguns papéis e tornou a falar com ela.

— Como é o nome do homem que George quer colocar como gerente daqueles três cinemas fora do centro?

— Stanley Farber.

Olhou para a carta que estava em cima da mesa. O homem lhe agradecia a aprovação da sua indicação para o cargo. Isso lhe causou surpresa. Ainda não havia aprovado a indicação. Em geral, só aprovava uma nomeação depois de conversar com a pessoa designada. E ele ainda não havia falado com Farber. Jogou a carta para Jane.

— Apure isso com George. Quero saber o que ele acha.

Tirou o relógio do bolso e olhou-o com impaciência. Faltava apenas duas horas para o trem chegar. Por que Doris estava demorando tanto?

A porta se abriu antes que ele acabasse de guardar o relógio. Era Doris.

Johnny se levantou e foi ao encontro dela.

— Já estava estranhando a sua demora, — disse ele, tomando-lhe a mão.

Ela sorriu para ele e explicou:

— Perdi o expresso quando saí da escola e tive de vir no trem parador.

Jane olhou-os, surpresa. Ficou por um momento imóvel, como que atordoada. Não amava Johnny, mas sempre achara que isso seria possível se ele a quisesse. Percebera havia muito que ele era capaz de grandes profundezas emocionais que algum dia se revelariam nele. Mas nada do que ele dissera ou fizera a tinha feito pensar que ele um dia voltasse para ela. Naquele momento, teve certeza de que nunca voltaria e isso lhe deu um sentimento inexplicável de alívio.

Doris voltou-se para ela e disse “alô”. Jane respondeu-lhe maquinalmente e Johnny ofereceu-lhe uma cadeira.

— Agora, se você tiver paciência e esperar um instantinho que eu acabe algumas coisas urgentes, poderemos ir comer alguma coisa antes de irmos para a estação.

— Não me incomodo de esperar, — disse ela, suavemente. Jane olhou para Johnny quando se sentou de novo à mesa.

Era a primeira vez que o via assim tão exaltada. Parecia um garoto na descoberta do primeiro amor e o mais interessante era que parecia que ele ainda não sabia disso.

Olhou para Doris, confortavelmente sentada na cadeira que Johnny lhe dera. Tirou o chapéu e os cabelos lhe brilharam às luzes acesas do escritório. Parecia muito feliz e tinha o coração nos olhos ao olhar para Johnny. Não notou que Jane a estava observando.

Jane levantou-se impulsivamente e foi até onde Doris estava. Curvou-se sobre ela, apertou-lhe a mão e sorriu. Falou em voz baixa, tão baixa que Johnny não a pôde ouvir.

— É como um sonho, Doris, não é?

Doris olhou-a espantada. Viu a quente simpatia que havia nos olhos de Jane e bateu com a cabeça, sem falar.

Nesse momento, Irving entrou impetuosamente na sala.

— Johnny! Vem aí uma notícia importante. A fita do telégrafo diz que é assunto urgente e sensacional. Já telefonei para a Associated Press e me confirmaram que estão esperando uma notícia da maior importância, sem explicarem, porém, de que se trata.

Johnny levantou-se e perguntou a Doris:

— Quer ir ver o que é?

— Quero, sim.

Foram com Irving para o departamento de jornais. No caminho, Johnny fez as apresentações. A sala dos jornais era pequena e ficava no fim do corredor. Dentro, só havia uma mesa onde Irving redigia os títulos e uma mesa grande, onde fazia os cortes e a montagem dos jornais. Num canto, havia um receptor telégrafo de fita. Bannon havia convencido Johnny a instalá-lo para que ficassem a par dos fatos importantes a que fosse necessário dar cobertura para o jornal cinematográfico.

Havia algumas pessoas reunidas em torno do aparelho quando entraram. Deram passagem a Johnny, quando o viram. Doris, Irving e Jane estavam ao lado dele. O telégrafo estava parado quando entraram, mas de repente começou a funcionar.

Johnny pegou a fita e começou a ler em voz alta:

*"Washington, D. C, 12 de março (AP) — O Presidente Wilson determinou hoje que os navios mercantes sejam armados para proteger-se dos ataques injustificados dos submarinos alemães. Essa ordem foi dada oito dias depois que o Congresso deixou de aprovar uma lei que daria essa autorização aos navios mercantes. O texto completo da ordem do Presidente será fornecido logo que for possível. — Deve esperar-se continuação."*

Durante quase um minuto, houve completo silêncio na sala, enquanto todos pensavam na importância da notícia. Bannon foi o primeiro a falar.

— Isso significa a guerra. Ninguém pode impedi-la agora. Parece que o Presidente afinal se decidiu.

Johnny estava pensando. Guerra. Os Estados Unidos iam entrar na guerra. De repente, entrou em ação. Voltou-se para Jane.

— Peça uma ligação para Joe Turner no estúdio. Depressa!

Jane foi correndo para o escritório e ele falou então com Bannon.

— Faça um filme especial disso o mais depressa possível. Siga depois para Washington com uma turma de filmagem completa. Quero filmes de tudo o que acontecer de importante e quero você no trem daqui a duas horas!

Voltou então para o escritório, acompanhado de Doris. Havia-se esquecido dela por alguns minutos e, naquele momento, sentiu a mão dela no braço. Parou e olhou para ela.

Doris estava muito pálida e com os olhos arregalados.

— Se houver guerra, que é que você vai fazer, Johnny? — perguntou ela em voz baixa e tranquila.

— Não sei, querida. Temos de ver o que vai acontecer. Entraram no escritório e Jane disse a Johnny:

— A sua ligação será completada em quinze minutos.

— Obrigado, — disse ele, indo sentar-se à sua mesa e acendendo um cigarro. Ficou pensando no que faria se houvesse guerra. Mas não havia dúvida possível. Só se pode ter uma atitude quando a pátria está em guerra.

Não podia ficar sossegado. Pouco depois levantou-se e disse a Jane: — Vou até à sala de Irving. Chame-me quando Joe estiver ao telefone.

Doris seguiu-o com os olhos. Via como estava inquieto e alguma coisa dentro dela parecia contrair-se até que ela mal podia respirar.

Jane, gozando a sua nova liberdade, olhou-a com compreensão. Levantou-se e foi até onde estava Doris.

— Preocupada? — perguntou.

Doris moveu afirmativamente a cabeça. Lutava muito para conter as lágrimas, mas sentia que elas estavam bem perto dos olhos.

— Você o ama, — disse Jane.

— Sempre o amei, — disse Doris, com voz trêmula. — Desde menina. Sonhava com ele sem saber o que isso significava. Um dia, fiquei sabendo.

— Ele também a ama, — disse Jane. — Mas ainda não sabe.

Doris não podia mais conter as lágrimas.

— Sei disso. Mas, se houver guerra e ele partir, talvez nunca descubra.

— Não se preocupe que ele descobrirá.

— Acha mesmo? — perguntou Doris, sorrindo por entre as lágrimas.

— É claro que sim, — murmurou Jane, ao mesmo tempo que pensava: “Pobre menina! Que situação a dela!”

O telefone tocou, assustando-as. Jane atendeu na mesa de Johnny.

— Está completa a ligação de Los Angeles, — disse a telefonista.

— Um momento, disse Jane. Tapou o fone com a mão e disse a Doris: — Quer ir chamá-lo, meu bem?

Doris ficou satisfeita de que lhe pedissem alguma coisa. Até então, ficara completamente afastada de tudo. Sorriu para Jane e saiu.

Um minuto depois, estava de volta em companhia de Johnny, que tomou o fone da mão de Jane.

— Alô, Joe?

Do outro lado do fio, fez-se ouvir o vozeirão de Joe.

— Sou eu, sim, Johnny. Que é que há?

— O Presidente vai armar os navios mercantes. Isso significa certamente a guerra.

Joe deu um assobio e disse:

— Veio mais cedo do que se esperava. Que é que você quer que eu faça?

— Já acabou aquele filme de guerra?

— A última cena foi para a lata hoje de manhã.

— Então mande-o imediatamente para Nova York. Se o distribuirmos agora, faremos um dinheirão.

— Não é possível, Johnny. O filme tem de ser cortado e ainda está sem os letreiros. Precisa ainda de uma duas semanas de trabalho no mínimo.

— Não podemos esperar tanto. Sabe o que é que você tem de fazer? Tome o trem esta noite com o seu melhor homem de corte e dois redatores. Pegue alguns enroladores e reserve duas cabinas juntas. Corte o filme no caminho e mande redigir os letreiros. Tenha tudo pronto quando chegar a Nova York. Mandaremos fazer os letreiros aqui e os intercalaremos no filme. Depois, mandaremos fazer as cópias e distribuiremos o filme pelos cinemas.

— Não sei se será possível. O tempo é muito curto.

— Tem de fazer isso, Joe. Vou avisar a todos os distribuidores e vendedores que o filme estará pronto na semana que vem.

— Ih! Você não mudou nada! Não pode esperar mais um pouco?

— Não podemos esperar!

— Que é que Peter acha?

— Não sei. Peter ainda não chegou aqui.

— Está bem, está bem. Vou ver o que posso fazer.

— Ótimo. Sei que conseguirá. Já tem título para o filme?

— Não. Fizemos toda a filmagem, chamando-lhe apenas “Filme de Guerra”.

— Está bem. Terei um título quando você chegar aqui. Desligou o telefone e olhou para as duas, dizendo:

— Afinal de contas, pode resultar algum bem de tudo isso! Doris exclamou com a voz cheia de angústia:

— Como pode dizer uma coisa dessas, Johnny? Como pode dizer que resultará algum bem da guerra dos alemães contra tantas pessoas inocentes?

Ele a olhou, sem sequer perceber a censura em sua voz. Tomou-lhe as duas mãos e apertou-as exaltadamente:

— É isso, Doris! É isso!

— Isso o quê? — perguntou ela, mais espantada do que nunca.

Ele não lhe respondeu. Voltou-se para Jane e começou a falar nervosamente:

— Quero que transmita a notícia a todos os distribuidores e vendedores. Mande o departamento de publicidade começar a trabalhar no material. Escreva.

Jane pegou lápis e papel e Johnny ditou:

"A Magnum Filmes anuncia a imediata distribuição da sua última e superlativa produção, "A Guerra aos Inocentes". As exibições começarão na próxima semana. O filme mostrará todos os terrores e atrocidades dos hunos".

Fez uma pausa e disse a Jane:

— Mande isso para a publicidade para ser reescrito, preparado e distribuído.

Voltou-se para Doris com um grande sorriso no rosto.

— Pegue o seu casaco, querida, e vamos saindo, senão chegaremos atrasados à estação!

# 5

A sala de projeção estava repleta quando se exibiu a primeira cópia completa de A Guerra aos Inocentes. Quando o filme terminou, o público saiu em silêncio e se dividiu em pequenos grupos pelo corredor.

Era seleto o grupo de convidados para a preview do filme. O país estava em guerra havia quase uma semana e era geral o interesse pelo filme. Representantes dos maiores jornais e das associações de imprensa, autoridades do governo e preeminentes distribuidores e homens do teatro e do cinema estavam presentes.

Reuniram-se todos em torno de Peter e de Joe, felicitando-os. Achavam que o filme contribuiria muito para explicar ao povo americano por que a guerra tinha sido necessária.

— Uma excelente e brilhante propaganda do nosso lado, — disse a Peter um dos convidados. — Merece todos os parabéns por ter conseguido ferir os hunos onde mais dói.

Peter sorriu maquinalmente. Sentira uma ponta de mal-estar ao ver o filme. Ao ouvir a voz do homem, pensou amargamente: “Parabéns por estar fazendo guerra ao meu povo e a minha família”. Não podia falar. O coração estava carregado demais. Ficou contente quando o último convidado saiu e ele pôde ir para o escritório de Johnny onde havia relativo sossego e ele podia sentar-se. Esther, Doris, Joe e Johnny estavam com ele.

Não falavam muito. Entreolhavam-se com algum constrangimento. Havia no ar uma tensão que todos pareciam sentir mas a que cada qual atribuía uma causa diferente.

Afinal, Peter falou.

— Você tem aí shnapps ou coisa parecida, Johnny? Sinto-me um tanto cansado.

Johnny abriu uma gaveta da mesa e tirou uma garrafa de uísque e alguns copos de papel. Depois de servir, passou um copo a Peter, outro a Joe e levantou o seu, dizendo:

— À vitória!

A bebida afrouxou a língua de Joe, que disse:

— Fui eu que fiz esse filme, mas querem saber de uma coisa? Depois que o vi hoje, só me deu vontade de sair daqui e ir alistar-me.

Peter nada disse. Apanhou alguns papéis em cima da mesa de Johnny e começou a olhá-los distraidamente. Eram contratos de exibição do filme. Largou-os como se lhe estivessem queimando os dedos.

— E ainda tenho de ganhar dinheiro com isso!

Esther sabia como ele se estava sentindo. Foi para junto dele e ali ficou em silêncio. Peter olhou-a, agradecido. Eles se compreendiam.

A voz de Johnny caiu na sala como uma explosão de granada.

— Como é que vocês vão me substituir na minha ausência? — perguntou ele.

Olharam-no todos, espantados. Havia um sorriso nos seus lábios, mas os olhos estavam sérios.

— Que é que você quer dizer com isso? — perguntou Peter.

— Exatamente o que eu disse, — respondeu Johnny. — Vou me alistar amanhã.

— Não! — foi o grito angustiado que saiu dos lábios de Doris.

Esther olhou para a filha, cheia de fria surpresa. O rosto de Doris estava de uma palidez de cera. “Eu devia ter desconfiado”, pensou Esther. Muitas coisas que Doris havia dito e feito ganhavam sentido de repente. E aquilo vinha de muito tempo. Aproximou-se e tomou nas suas as mãos trêmulas da filha.

Os homens nem tomaram conhecimento delas.

— Não vai sozinho, Johnny! — exclamou Joe. — Vou com você!

Peter olhou-os e pensou: “E eu tinha de viver para ver esses homens a quem tanto quero irem para a guerra contra meus irmãos...”

Levantou-se e disse em voz alta: — Vocês têm necessidade de fazer isso?

— Não posso fazer outra coisa, — disse Johnny, encarando-o. — Esta é minha terra.

Peter notou um olhar estranho em Johnny e se sentiu magoado ao pensar que ele estivesse duvidando da sua lealdade. Forçou um sorriso e disse:

— Se acham que devem ir, vão e não se preocupem conosco. Mas tenham cuidado porque vamos precisar de ambos quando voltarem.

Estendeu a mão a Johnny.

— Eu sabia que você compreenderia, — disse Johnny, apertando-a.

As lágrimas começaram a correr dos olhos de Doris. A mãe as fez parar com algumas palavras, que ficaram durante muito tempo no espírito de Doris.

— Nunca chore na frente de seu homem, Hebe kind, — disse Esther.

Johnny olhou para a mesa. O último papel fora assinado e a mesa estava limpa. Olhou para Peter e disse:

— Acho que está pronto. Mais alguma pergunta?

— Não. Tudo está resolvido.

— De fato, Peter. Mas, se não entender alguma coisa, pergunte a Jane. Ela, aliás, entende mais disso do que eu, — disse ele, voltando-se para Jane, com um sorriso.

— Vai ser difícil isto funcionar na sua ausência, chefe, — disse ela, também com um sorriso e uma ponta de zombaria.

— Deixe de troçar de mim, Jane. Sei o que estou dizendo. Agora, deem licença que já estou atrasado. Prometi a Joe estar no posto de recrutamento às três horas.

Pegou o chapéu no cabide e estendeu a mão para Peter.

— Adeus, Peter. Até depois da festa.

Peter apertou-lhe a mão em silêncio durante muitos segundos.

Johnny foi até à mesa de Jane e desmanchou-lhe o penteado.

— Adeus, menina.

Ela se levantou, beijou-o rapidamente e disse com voz rouca:

— Adeus, chefe. Tenha muito cuidado.

— Claro, — disse ele, saindo.

Peter e Jane se olharam durante algum tempo.

— Acho que vou chorar, — disse Jane com a voz embargada. Peter tirou o lenço do bolso e assoou o nariz ruidosamente.

— Pois chore. Quem é que está proibindo?

Quando Johnny parou no passeio diante do escritório para acender um cigarro, ouviu uma voz que o chamava. Voltou-se e viu Doris correndo para ele.

— Johnny! Johnny!

— Por que é que não está na escola, querida? — perguntou ele, severamente mas com o coração mais leve só de vê-la.

— Não voltei para lá ontem, — disse ela, ofegante. — Queria ver você antes de sua partida. Felizmente, ainda o alcancei.

Ficaram ali no meio da rua, olhando um para o outro. Não sabiam o que dizer.

Foi Johnny quem quebrou o silêncio.

— Gostei de que você viesse, querida.

— Gostou mesmo, Johnny?

— Muito!

Ficaram de novo em silêncio. Dessa vez, quem falou foi Doris.

— Você me escreverá se eu lhe escrever, Johnny?

— Sem dúvida.

De novo o silêncio, pesado e embaraçoso. Os olhos de ambos falavam mais do que os lábios. Johnny tirou o relógio.

— Estou atrasado. Tenho de ir.

— Está bem, Johnny.

Ele levantou a cabeça de Doris, pegando-lhe o queixo.

— Seja boazinha e espere por mim, — disse ele, tentando brincar. — Talvez, quando eu voltar, lhe traga uma coisa bem bonita.

— Esperarei por você, Johnny, ainda que seja pelo resto da vida, — disse ela, com lágrimas nos cantos dos olhos.

Johnny ficou perturbado com a intensidade da sua voz. Sentiu o rosto em fogo e tentou ainda brincar.

— Faça isso, querida, e eu lhe trarei um presente.

— Não tem de me trazer nada, Johnny. Só quero é que volte como está agora. É só o que eu quero.

— Que é que pode me acontecer? — disse ele, rindo.

# 6

A longa fila caqui fez alto. O sol ardente caía fortemente sobre os homens. A poeira se havia depositado em espessas camadas nos rostos, onde o suor a transformara em lama.

A ordem veio ecoando da cabeça da coluna: — Dispersar. Dez minutos de descanso.

Johnny estendeu-se de costas na relva ao lado da estrada, cobrindo o rosto com as mãos. A sua respiração era arfante. Joe sentou-se ao lado dele.

— Ufa, estou que não aguento mais!

Tirou as botinas e começou a fazer massagem nos pés. Johnny continuou deitado em silêncio. Uma sombra caiu sobre ele. Tirou as mãos dos olhos e viu que era o cabo. Moveu um pouco o corpo para dar-lhe lugar no pequeno trecho de relva.

— Sente-se, Rocco.

Rocco deixou-se cair até o chão. Olhou para Joe que esfregava os pés e disse rindo:

— Aí é que se vê como é bom ser barbeiro como eu. A gente se acostuma a ficar de pé o dia todo e os pés aprendem.

— Conversa, — disse Joe. — Você só diz isso porque parece feito de ferro.

Johnny riu e perguntou a Rocco:

— Já sabe para onde é que nós vamos?

— Para um lugar perto do rio Mosa, a Floresta de Argonne, segundo ouvi dizer.

— Pronto! — exclamou Joe, olhando para os pés. — Ouviram? Pelo menos, já sabem para onde é que vocês vão.

Rocco continuou como se Joe não o houvesse interrompido.

— Parece que vai haver uma grande ofensiva por lá.

— Quanto ainda falta para chegarmos?

— Uns quarenta ou cinquenta quilômetros.

Joe deu um gemido e se estendeu no chão. Ficaram em silêncio durante alguns minutos. O barulho de um avião os fez levantar a cabeça.

Um Spad cinza com as cores francesas estava atravessando o céu.

— Deve ser ótimo e fresco lá em cima, — disse Joe, invejosamente. — Quando nada, os pés não doem.

O avião era tão gracioso sobre o céu azul quanto uma gaivota. De repente, deu uma viragem brusca e voltou para o lado onde eles estavam. Parecia estar fugindo de alguma coisa.

— Que será que houve com ele? — perguntou Johnny. Não foi preciso esperar muito para saber. À luz do sol, atrás do Spad, apareceram três Fokkers vermelhos com grandes cruzes pretas pintadas nas asas. Estavam voando em formação acima do pequeno Spad.

De repente, um deles saiu da formação e mergulhou sobre o pequeno Spad cinzento. O Spad deu uma viragem rápida e entrou numa curva, enquanto o Fokker continuava o mergulho sem atingi-lo.

— Johnny riu, olhando o Spad que fugia no rumo de leste.

— O pequeninho enganou o alemão. Acho que vai escapar deles.

Outro Fokker apareceu, mergulhando em direção ao Spad. Ouvia-se perfeitamente o crepitar das metralhadoras acima do barulho dos motores, fazendo Johnny lembrar-se das máquinas de escrever no escritório.

— Por que é que ele não atira também neles? — perguntou Johnny, irritado.

— É justamente isso que querem que ele faça, — respondeu Rocco. — Neste caso, poderão derrubá-lo com a maior facilidade. Ele está sendo esperto, procurando fugir.

Mais uma vez o Spad escapou e o Fokker passou sem atingi-lo. O primeiro Fokker estava subindo lentamente, mas já se achava bem longe do Spad. Não ganharia altura a tempo de voltar a atacá-lo.

— Só falta um, — disse Joe. — Se ele se livrar desse, estará salvo!

Nesse mesmo momento, o terceiro Fokker iniciou o seu mergulho. Os três ficaram olhando com a respiração presa. Os aviões já estavam muito longe para que algum som lhes chegasse aos ouvidos, mas viam tudo ainda muito bem. O Fokker mergulhou sobre o Spad.

— Livrou-se! — gritou Johnny — Viu Rocco?

Rocco não respondeu. Apontou para o céu. Um pequeno penacho de fumaça negra se desprendia do avião, o qual parecia balançar-se no ar como uma ave ferida. De repente, virou de lado e começou a cair para a terra. Viam-se perfeitamente as labaredas que lhe lambiam as asas. Começou a projetar-se no no chão com tremenda rapidez. Um pequeno objeto negro desprendeu-se do avião em chamas e caiu em direção à terra.

Johnny levantou-se impetuosamente.

— Está perdido! — exclamou, desolado. Rocco puxou-o para o chão.

— Abaixe-se! Quer que os alemães nos vejam?

Johnny atirou-se de novo no chão. Sentia-se anormalmente exausto. Colocou as mãos sobre os olhos para protegê-los do sol. Guardava ainda na retina a visão do pequeno objeto negro que caíra do avião. Tirou as mãos dos olhos e olhou para o céu. Os Fokkers faziam evoluções sobre o ponto onde o Spad havia caído. Alguns segundos depois, mudaram de rumo e voltaram em direção às linhas alemãs. O céu ficou vazio, de um claro e sereno azul.

Recomeçou a sentir o calor e o cansaço que lhe tomavam o corpo todo.

Levou um susto ao ouvir o apito do sargento. Ouviu dizerem:

— Levantem-se! Levantem-se!

Levantou-se cansadamente. Joe estava amarrando as botinas e Rocco estava ajustando a mochila. Voltou à estrada onde os homens estavam entrando em forma.

A noite estava caindo quando entraram na pequena aldeia. Dos dois lados da rua os habitantes os olhavam com olhos calmos e imperturbáveis. De vez em quando, via-se alguém com uma pequena bandeira americana.

Os soldados marchavam automaticamente, com os olhos à frente. Estavam tão cansados que não sentiam curiosidade ou interesse pelos habitantes e estes já haviam sofrido tanto que não podiam ter qualquer entusiasmo pelos soldados. Tinham consciência da presença uns dos outros, talvez até houvesse simpatia e compreensão entre eles, mas a fadiga era tanta que não podia haver qualquer demonstração.

Só Joe se sentia de maneira diferente dos outros. Logo que viu a aldeia, perfilou o corpo. Quando viu a população, observou-a atentamente e sorriu para algumas moças. Deu uma cotovelada em Johnny.

— Bonitas, está vendo?

Johnny continuou a marchar em silêncio. Não levantou os olhos quando Joe falou com ele. Estava pensando na última carta que recebera de Doris. Dizia ela que a gente de cinema estava na frente em todas as vendas de Bônus da Vitória. Mary Pickford, Douglas Fairbanks e os principais artistas tinham feito excursões pelo país para vender os bônus. Outros faziam excursões pelos hospitais para distrair os soldados. As mulheres estavam preparando atadura. Peter havia feito para o governo vários shorts, pondo em relevo as atividades da frente interna. Os negócios iam muito bem. Muitos cinemas novos tinham sido inaugurados e Hollywood estava mandando filmes para o mundo inteiro. Na Inglaterra e no resto da Europa, onde a guerra havia forçado os estúdios a fecharem-se, os filmes americanos eram ávida e entusiasticamente recebidos.

Mark estava muito crescido. Terminara o curso primário e Peter o havia mandado para uma escola militar. Ele esperava que a guerra acabasse antes que Mark tivesse idade de partir para a guerra.

Dois novos palcos tinham sido feitos no estúdio da Magnum, que passara a ser o maior de Hollywood. Edison havia feito uma demonstração de filme falado — um cilindro sincronizado com o filme. Peter tinha ido vê-lo, com outros líderes da indústria, e o achara muito pouco prático.

Johnny sentia a raiva crescer dentro dele. Era horrível ele estar ausente numa ocasião dessas. Os outros eram loucos. Não podiam ver então que, se o cinema chegasse a ser sonoro, reproduzindo as vozes dos atores, atingiria o mesmo plano do teatro? Gostaria de ver aquela máquina de Edison.

Estavam no centro da aldeia, numa grande praça calçada e vazia. A coluna fez alto. Os soldados tiraram as mochilas dos ombros e descansaram os fuzis no chão. Do lado do norte, vinha a trovoada distante dos canhões.

Com a mão no cano do fuzil, Johnny podia sentir a vibração que vinha do chão. Esperou, querendo vagamente saber se continuariam a marcha ou iriam passar a noite ali.

Um oficial francês aproximou-se do capitão e os dois conversaram durante alguns minutos. Afinal, o capitão falou:

— Vamos passar a noite aqui. Partiremos às quatro horas da manhã. Os sargentos conduzirão vocês aos alojamentos. Aproveitem ao máximo. Terá muito sorte quem nas próximas semanas tornar a ver uma cama.

Em seguida, afastou-se com o oficial francês.

— Quero lá saber de dormir, — disse Joe a Johnny, sem descerrar os lábios. — Quero é uma mulher.

Rocco ouviu-o e murmurou:

— Nada disso. Não é num piquenique que estamos. Isto é a sério!

— Vê lá se vou acreditar nisso, — disse Joe, troçando. — A gente só faz é marchar de um lado para outro e, mal descansa, toca a marchar de novo. Isto não é uma guerra contra a Alemanha. É uma conspiração contra os meus pés!

Um tenente se aproximava deles.

— Calem a boca, — advertiu Johnny. — Vejam quem vem aí.

O tenente fez um gesto, chamado Rocco. Este deu um passo à frente e o tenente falou com ele, entregando-lhe um pedaço de papel.

Em seguida, continuou pela fila para o próximo pelotão.

Alguns minutos depois, saíram de forma.

— Onde se pode beber alguma coisa aqui? — perguntou Joe. Não havia uma só luz acesa em toda a aldeia.

Ninguém lhe respondeu. Alguns instantes depois, seguiram Rocco por uma das ruas e pararam diante de uma casa. Rocco bateu na porta. Um homem respondeu em francês por trás da porta fechada.

— Somos os soldados americanos, — disse Rocco.

A porta se abriu. Um homem alto e com uma espessa barba preta abriu a porta. Abriu os braços e exclamou:

— Les américains! — exclamou ele. Entrem, entrem! Entraram na casa e o homem fechou a porta.

— Marie! — gritou ele.

Seguiram-se algumas rápidas palavras em francês que eles não compreenderam.

Ficaram parados dentro da sala. Rocco tirou o capacete e os outros o imitaram. Uma moça entrou na sala com algumas garrafas bem grandes de vinho.

Joe olhou em torno triunfantemente.

— Eu sabia que o exército nos arrumaria a vida antes de mandar-nos para a batalha, — exclamou ele.

O francês sorriu para ele. Abriu uma garrafa de vinho e serviu os copos, passando-os cerimoniosamente a cada um dos homens. Depois, levantou o copo para eles e disse:

— Vive l’Amérique!

Beberam o vinho. Depois, ele tornou a encher os copos e ficou esperando. Foi Johnny quem adivinhou o que o homem estava esperando. Sorriu para ele, levantou o copo e disse:

— Vive la France!

Joe já estava conversando com a moça.

Rocco sacudia-lhe o ombro. Acordou como um gato no mesmo instante. Na realidade, esperara toda a noite por aquele momento. Mas a sua primeira reação foi ficar na cama.

— Onde está Joe? — perguntou Rocco.

— Não sei, — respondeu Johnny. — Pensei que estivesse aqui. Sentou-se na cama, começou a calçar as botas e disse a Rocco: — Vou buscá-lo.

Saiu do quarto para o corredor. Ficou ali um segundo até os olhos habituarem-se e, então, dirigiu-se para uma porta. Abriu-a e entrou. Foi diretamente a uma cama no canto do quarto. Nesse momento, a pessoa deitada na cama virou-se para o outro lado.

Curvou-se sobre a pessoa que dormia e, agarrando Joe pelo ombro, arrancou-o da cama.

— Voilà! — exclamou ele, imitando o melhor possível o sotaque francês. — Logo que dou as costas é isso que acontece!

Joe tentou levantar-se e murmurou:

— Desculpe, monsieur. Não tive a intenção...

Johnny começou a rir. Ajudou Joe a levantar-se e disse: — Vamos, Bela Adormecida! A guerra está à sua espera! Joe saiu com ele para o corredor.

— Como foi que você descobriu que eu estava lá dentro?

Johnny abaixou-se e apanhou as botas de Joe junto à porta e entregou-as em silêncio.

Joe então começou a rir.

— Não me importo com o que me acontecer agora. Já tive tudo o que queria!

# 7

Era de manhã bem cedo. As névoas da noite ainda não se haviam dissipado e rolavam pesadamente pelo chão. Os homens estavam em silêncio e mal acomodados na longa e profunda trincheira.

O novo capitão estava falando. Naquela madrugada, quando haviam chegado às trincheiras, souberam que todos os oficiais eram novos. Os antigos tinham sido todos transferidos.

— Estavam com medo de levar um tiro pelas costas, — disse Joe, quando soube da notícia.

— Tolice, — replicou Rocco. — Esses novos oficiais têm experiência. Na guerra, não se pode perder tempo com amadores.

Parecia que Rocco tinha razão. O novo capitão era moço — bem mais moço do que o anterior — mas tinha um ar tranquilizador de competência. O rosto era enérgico, marcado por fortes rugas de cansaço, mas os olhos castanhos eram vivos e vigilantes. Parecia ver tudo sem olhar para coisa alguma. A sua voz era ouvida por todos distintamente, ainda que ele não falasse alto.

— Meu nome é Saunders e não é difícil entender-se comigo, — disse ele, correndo os olhos por todos os homens de tal modo que cada qual pensava o capitão estivesse falando pessoalmente com ele. — Para que se deem bem comigo, bastará que se mantenham vivos. Daqui por diante, esqueçam-se de tudo o que ouviram dizer e só pensem em sair com vida. Quero homens e não heróis, homens e não cadáveres. Para continuarem vivos, é preciso que nunca se esqueçam de algumas coisas muito simples. Primeiro, baixem a cabeça. Com isso, quero dizer que não tenham curiosidade e não procurem olhar pelo alto da trincheira para ver o que o alemão está fazendo. Haverá vigias que se encarregarão disso. Enquanto não forem designados para esse serviço, não tentem fazê-lo por conta própria. Segundo, conservem as armas limpas e em bom estado de funcionamento. Quem deixa a arma suja vira em geral cadáver antes de ter tempo de limpá-la de novo. Terceiro, façam aquilo que tiverem ordem de fazer e nada mais. As ordens que receberem serão planejadas apenas com base na segurança de todos ou, quando nada, no menor risco possível.

Parou de falar e olhou para toda a coluna.

— Compreenderam?

Não houve resposta. Ele sorriu e continuou: — Sigam essas regras e todos nós voltaremos juntos para nossa terra no mesmo vapor. Quem não seguir essas regras, poderá fazer a mesma viagem, mas sem saber como. Alguma pergunta?

Ninguém fez perguntas. Ele ficou alguns segundos olhando para eles. Depois, encaminhou-se para a beira da trincheira. Colocou as mãos num bloco de madeira e levantou cautelosamente o corpo para o alto da trincheira. Pouco a pouco, a cabeça dele apareceu acima da borda. Houve um silvo de bala e um pouco de terra foi elevado no ar perto da sua cabeça no mesmo instante em que ele se deixou cair no chão da trincheira. Ficou estendido um instante no chão. Levantou-se depois com um brilho zombeteiro no olhar e perguntou:

— Viram?

Os três formavam um pequeno triângulo acocorados ali no fundo da trincheira. Tinham na mão canecas fumegantes de café.

Rocco levou a caneca à boca e tomou um grande gole do líquido negro como tinta. Depois, deu um suspiro e disse:

— Soube que vamos atacar amanhã de manhã.

— Conversa, — disse Joe. — Estou ouvindo dizer isso desde que chegamos aqui, há cinco semanas.

Johnny limitou-se a resmungar e a tomar o café.

— Não é conversa, — continuou Rocco. — Se fosse, para que iriam trazer mais gente para cá todas as noites? Acho que já devemos estar no ponto do ataque.

Johnny pensou que o que Rocco dizia fazia sentido. Desde que haviam chegado, mais soldados apareciam todas as noites. Aquela noite era a primeira em que ninguém chegava. Talvez a quota necessária para o ataque já estivesse completa.

— Ora, deixa isso para lá, — disse Joe, acabando de tomar o café. Afrouxou o cinto, encostou-se confortavelmente à parede da trincheira e acendeu um cigarro. — Gostaria era de estar naquela aldeia onde passamos a noite antes de virmos para cá. Essas meninas francesas sabem ser agradáveis a um homem. Eu bem que gostaria de repetir a dose agora mesmo.

Alguém se aproximava deles. Rocco viu que era o tenente e começou a levantar-se. O oficial fê-lo parar com um gesto e disse-lhe:

— Savold, faça uma revista no seu pelotão. Veja se tudo está em ordem e, depois, vá dizer-me se precisa de alguma coisa esta noite.

— Sim, tenente, — respondeu Rocco.

O oficial afastou-se e Rocco se levantou.

— Parece que eu tenho mesmo razão, — disse ele.

— De fato, — concordou Johnny.

O oficial voltou, andando mais depressa.

— Savold! Rocco perfilou-se.

— Pronto, tenente.

— Assuma o posto de sargento interno. Johnson está ferido. Tem alguém para servir como cabo?

— Tenho. Edge ali, — disse ele, apontando Johnny. O oficial olhou para Johnny e disse:

— Está bem. Edge, você será interinamente cabo. Savold, diga a Edge o que ele tem de fazer e depois vá falar comigo no abrigo do capitão.

Rodou nos calcanhares e afastou-se rapidamente. Johnny voltou-se para Rocco: — Para que foi fazer uma coisa dessas?

— Ora, — disse Rocco, rindo, — que mal lhe fazem dez dólares a mais por mês?

Havia uma poça de água no fundo da cratera aberta por uma granada e eles se agarravam às bordas para não se molharem. Na verdade, isso não faria grande diferença. Tinha chovido a noite toda e eles estavam com as roupas ensopadas e enlameadas. Não era mais do que um gesto instintivo, um desejo de reter um pouco de conforto.

— Onde estão esses camaradas que Rocco disse que viriam encontrar-se aqui conosco? — perguntou Joe.

Johnny deu uma tragada no cigarro escondido na mão em concha.

— Não sei e pouco me importa, Joe. Posso ficar aqui e esperar por eles até o fim da guerra, se for preciso. Não gostei do lugar onde estávamos.

Joe pediu-lhe um cigarro. Acendeu-o cuidadosamente no cigarro de Johnny, protegendo tudo com a mão para que a claridade não revelasse onde estavam. Ouviram o crepitar de uma metralhadora, cujas balas passavam zumbindo acima das cabeças deles.

— Vão ter de fazer calar essa metralhadora, pois do contrário não poderemos avançar, — disse Joe.

— E está preocupado com isso? — perguntou Johnny. - Está com pressa?

— Para dizer a verdade, não. Mas acho que é isso que eles esperam de nós.

— E que seja. Não somos adivinhos. Ninguém nos disse o que devíamos fazer. Lembra-se do que o capitão disse? Só devemos fazer o que nos for mandado e nada mais. Fizemos o que nos mandaram fazer. Daqui por diante, fico até receber nova ordem.

Joe não respondeu. Johnny recostou-se na parede de terra da cratera e fechou os olhos. Estava muito cansado. Havia três dias que avançavam. Sem descanso. Sentiu então que podia ser vencido pelo sono bem ali no meio da terra-de-ninguém.

Joe sacudiu-o e ele abriu os olhos. Já era noite. Quando fechara os olhos, era à tardinha e os últimos restos do dia ainda persistiam nos cantos do céu.

— Acho que dormi um pouco.

— Se dormiu! Estava roncando tanto que eu fiquei com medo de que o ouvissem em Berlim. Aliás, não sei como pode dormir aqui.

O matraquear da metralhadora abafou a resposta de Johnny. Ficaram em silêncio durante algum tempo, Joe remexeu na mochila e tirou uma barrinha de chocolate. Partiu-a e deu a metade a Johnny.

— Estou pensando numa coisa, — disse Joe.

— Que é?

— Devem estar esperando que a gente tome aquela metralhadora. Do contrário, não ficariam esperando.

— Ora, o problema não é nosso, — disse Johnny. — Ninguém nos deu ordem.

Joe encarou-o com os olhos um pouco apertados.

— Você bem sabe que estamos numa situação em que ninguém nos pode dar ordens. Temos de agir pela nossa cabeça.

— É o que eu estou fazendo, — disse Johnny. — Estou cumprindo ordens e vou ficar aqui.

Joe ficou de joelhos. Tirou duas granadas de mão do cinto e examinou-as. Depois, olhou para Johnny e disse:

— Vou dar uma surrinha neles.

— Você vai é ficar aqui, — disse Johnny secamente.

Joe olhou para ele zombeteiramente e disse:

— Quem é que me vai obrigar? Encararam-se um instante e então Johnny sorriu.

— Está bem, se está disposto a ser herói, tenho de acompanhá-lo para cuidar de você.

Joe estendeu-lhe a mão com um sorriso.

— Eu sabia, amigo velho.

Johnny tirou também duas granadas do cinto e examinou-as. Viu que estavam em ordem e disse a Joe:

— Se estiver pronto, eu também estou.

— Vamos, — disse Joe, começando a rastejar para o alto da cratera.

Quando chegaram ao alto, olharam cautelosamente. O barulho da metralhadora mostrava os clarões à frente deles.

— Está vendo? — perguntou Johnny. Joe resmungou.

— Ataque pela direita que eu atacarei pela esquerda. — Joe tornou a resmungar.

— Que foi que houve com você? Perdeu a língua? Joe riu.

— Estou tão assustado que nem posso falar. Mas vamos, rapaz! Vamos arrasar com eles!

E, erguendo-se nas mãos e nos joelhos, saiu correndo em ziguezague através do campo.

Johnny o seguiu com um segundo de atraso.

# 8

Estava tranquilamente estendido na cama, escutando a música que vinha pela janela aberta. Os olhos estavam bem abertos, mas ele nada via. Não queria voltá-los para a janela, nem ver o dia que havia lá fora, de céu tão limpo e azul, de sol tão dourado a cair sobre os verdes rebentos primaveris das árvores. Puxou até ao peito a colcha que o cobria, agarrando-a como se tivesse medo de que a fossem arrancar.

A música parou, deixando um silêncio que lhe ecoou no espírito. Esperou inconscientemente o número seguinte. Sabia qual ia ser, pois era sempre o que tocavam quando o ônibus ia saindo.

Estendeu a mão e pegou um cigarro na mesinha de cabeceira. Acendeu-o e ficou esperando que a música recomeçasse.

Ouvia um rumor de vozes que flutuavam ao vento manso. Vozes de homens. Vozes de mulheres. Palavras gentis. Palavras suaves. Palavras ternas e até certo ponto rudes.

— Adeus, enfermeira. Eu seria capaz de beijá-la se você não fosse tão má...

Um riso macio e quente e depois a resposta:

— Vá em frente, soldado, mas cuidado com esse braço! Não se esqueça do que o médico disse!

Outras vozes. Vozes de homens. Conversas de homem.

— Até que a coisa era possível, rapaz. Mas ela veio logo lembrando que o posto dela era superior ao meu!

Indignada aquiescência.

— É assim mesmo. Elas só se passam para os oficiais. Os dois primeiros. A voz dele:

— Vou ter saudades suas.

A voz dela:

— Também vou ter saudades de você.

— Posso aparecer para ver você de vez em quando?

Um segundo de hesitação e, depois, a resposta: — Mas para que você vai querer isso, soldado? Você vai voltar para casa!

As vozes foram-se afastando pouco a pouco. Houve um instante de silêncio e então começaram a dar partida num motor.

A mão se crispou sobre a colcha. Era agora. Agora! A música o atingiu como um vagalhão dentro do mar, levando-o de roldão até que ele sentiu que ia

afogar-se. Aquela música só fora feita e só era tocada para atormentá-lo.

Quando Johnny voltar para casa marchando...

Tampou os ouvidos para não escutar. Mas a música era forte e vencia a barreira das mãos. Ouviu o barulho das engrenagens do ônibus, os gritos de adeus e, por sobre tudo, os compassos vibrantes, intoleráveis da música.

Afinal, a música parou. Ele tirou dos ouvidos as mãos úmidas com o suor que lhe corria pelo rosto. Jogou o cigarro no cinzeiro em cima da mesinha e enxugou as mãos na colcha.

Pouco a pouco, a tensão diminuiu. As pálpebras desceram e quase se fecharam. Estava cansado. A respiração ficou mais calma. Daí a pouco dormia.

Um barulho de pratos numa bandeja o acordou. No mesmo instante em que abriu os olhos, estendeu a mão para pegar um cigarro. Antes que pudesse acendê-lo, alguém aproximou um fósforo aceso.

Sem olhar, deu a primeira tragada e disse:

— Obrigado, Rocco.

— Trouxe o seu almoço, Johnny. Quer sair da cama para comer? — perguntou a voz firme de Rocco.

Johnny voltou instintivamente os olhos para as muletas ao pé da cama. Ficavam ali, lembrando-lhe a todo instante o que ele havia chegado a ser. Sacudiu a cabeça.

— Não.

Levantou o corpo apoiando-se nas mãos enquanto Rocco ajeitava os travesseiros para calçar-lhe as costas. Colocou depois na cama a pequena armação de madeira com os pratos. Johnny olhou para a comida e afastou os olhos.

— Não estou com fome.

Rocco puxou uma cadeira para junto da cama, acendeu um cigarro, deixou sair lentamente a primeira fumaça e disse:

— Não posso compreender você, Johnny. Johnny não respondeu.

— Todo o mundo diz que você é um herói, mas acontece que você tem medo até de sair da cama. Você é o camarada que atacou uma metralhadora alemã quase de mãos limpas. Ganhou por isso uma medalha. Duas, aliás. Uma nossa e outra dos franceses. E, apesar disso, tem medo de sair da cama.

Johnny proferiu um palavrão.

— Você sabe o que é que eles podem fazer com as medalhas. Deram medalhas para Joe também, mas isso não adiantou nada mais para ele. Já lhe disse uma porção de vezes que não fui sozinho. Se eu tivesse sabido que Joe ia morrer, não teria ido. Não queria ser herói.

Rocco não respondeu e os dois ficaram ali calados a fumar. Johnny foi o primeiro que quebrou o silêncio. Apontou as sete camas vazias na enfermaria e perguntou:

— Quando é que vem a nova fornada?

— Amanhã de manhã, — respondeu Rocco. — Até lá, você terá um quarto particular. Por quê? Está-se sentindo sozinho?

Johnny não respondeu. Rocco levantou-se e olhou para ele. O sentimento que se lhe mostrava no rosto não transparecia na voz, que era deliberadamente displicente.

— Você poderia ter ido com o grupo que saiu hoje, se quisesse, Johnny. O rosto de Johnny se fechou numa máscara de impassibilidade e a sua voz foi tão displicente quanto a de Rocco.

— Acontece que eu gosto do serviço daqui, Rocco. Acho que vou ficar mais um pouco.

— O hotel pode ser bom, Johnny, mas só por algum tempo. Não é a minha ideia de um lugar para morar.

Johnny apagou o cigarro no cinzeiro e respondeu em voz áspera:

— Você pode ter as ideias que quiser, Rocco. Ninguém lhe está pedindo que fique aqui, mas já que quer ficar, meta as suas ideias no fundo do saco.

Rocco apanhou a bandeja e a armação, colocou tudo no carrinho e disse a Johnny:

— Há aqui neste hospital muitos que se dariam por muito felizes se pudessem andar de muletas como você. Tome juízo, Johnny. Você não pode ficar a vida inteira na cama.

Johnny virou o rosto para a parede, sem responder.

Rocco ainda ficou ali, sentindo uma vontade imensa de chorar. Tinha sido assim desde o dia em que encontrara Johnny estendido na pequena vala onde tinha estado a metralhadora.

A poucos metros de distância, estava estendido o corpo de Joe e na trincheira, perto da metralhadora, estavam três soldados alemães mortos. Johnny estava quase inconsciente e repetia incessantemente numa espécie de delírio:

— Os patifes me meteram uma porção de agulhas na perna 1 Rocco se ajoelhara prontamente ao lado de Johnny. A perna direita da calça estava ensopada de sangue. Cortou a calça e viu a série de perfurações feitas pelas balas logo acima do joelho. O sangue jorrava dos ferimentos.

Cortou um pedaço da blusa e improvisou um torniquete que fez parar o sangramento. Depois disso, tentou mover a perna de Johnny. Ainda ressoava nos ouvidos o grito de dor do amigo, que se elevou como uma nota de terror no campo de batalha já então em silêncio.

— Rocco! — exclamara Johnny, reconhecendo-o num súbito lampejo de consciência. — Não tire fora minha perna!

Depois disso, desmaiara.

Rocco o havia carregado até ao hospital de sangue. Estava presente quando o médico abanou a cabeça. Viu o médico cortar a carne acima do joelho de Johnny e expor o osso fraturado. Viu o médico, quase com displicência, pegar a perna amputada e jogá-la num montão onde já havia outras e, depois, puxar o mais possível a pele do coto sobre a carne viva, para coser tudo e deixar apenas uma pequena abertura para supuração.

Foi quando caminhava ao lado da maca na qual levavam Johnny para o pequeno hospital depois da operação que sentiu a mão de Johnny no seu braço. Os olhos de Johnny estavam arregalados para ele.

— Rocco, não deixe tirarem a minha perna! Não deixe! Fique comigo!

— Durma, Johnny, — havia dito Rocco, os olhos cheios de lágrimas. — Tomarei conta de você.

A guerra havia acabado, mas Rocco não fora para casa com os outros. Conseguiu transferência para o serviço médico e acompanhou Johnny do hospital na França para o hospital em Long Island. Jurara a si mesmo que ficaria com Johnny enquanto este precisasse dele, talvez porque se sentisse um tanto culpado. Ele é que havia dado a ordem a Johnny para executar a missão. Mas não tivera culpa alguma da confusão que se seguiu. Nada parecia dar certo naquele dia. Ainda não sabia como, com tudo errado, o ataque fora bem sucedido.

E ali estava ele ao lado da cama de Johnny, sentindo uma infinita pena. Colocou a mão no ombro de Johnny e disse gentilmente:

— Olhe para mim, Johnny.

Johnny voltou os olhos, talvez movido pelo calor de amizade daquela mão no seu ombro.

— Sei perfeitamente como é que você se sente, Johnny. Mas você tem de enfrentar a realidade. Você tem coisas para fazer e amigos que o esperam lá fora. Não vou deixar você escondido deles aqui dentro. Você tem de querer andar. Hei de encontrar a coisa que lhe dê vontade de andar.

— Se quer encontrar a coisa que me faça andar, vá buscar a minha perna.

Johnny virou-se para a parede. E Rocco saiu da enfermaria com o coração cheio de mágoa.

Naquela noite, Johnny teve um sonho. Estava correndo por uma rua muito comprida, tão comprida que não se avistava o fim dela. Mas Johnny sabia o que era que havia no fim daquela rua e queria ir para lá. Correu, correu e afinal

avistou o fim da rua. Estava lá uma moça. Era apenas um vulto, mas ele sabia quem era, ainda que não pudesse distinguir-lhe os traços.

Num instante, a rua se encheu de gente. Todos olhavam para ele, riam e apontavam-no:

— Olhe o aleijado perneta querendo correr!

A princípio, Johnny não lhes deu atenção. Só pensava era na moça que ali estava à espera dele. Mas à medida que se aproximava dela, os gritos da multidão cresciam. Afinal, parou e perguntou:

— Que é que estão achando tão engraçado?

— Você, — respondeu alguém desdenhosamente. — Todo o mundo sabe que perneta não pode correr!

— Mas eu posso!

— Não pode! Não pode! — gritou um coro zombeteiro de vozes.

— Posso, sim! Vou mostrar que posso!

Começou a correr, mas de repente percebeu que não estava correndo e, sim, pulando numa perna só. Procurou desesperadamente correr, com o coração a bater aceleradamente, cheio de medo. De repente, caiu.

A multidão fechou-se em torno dele, às gargalhadas.

— Viu? Nós não dissemos? Você não pode correr!

— Posso, posso, posso!

Procurou levantar-se, sacudido pelos soluços. Olhou para a moça no fim da rua. Ela havia dado as costas e se afastava.

— Espere por mim! Eu posso correr!

Mas a moça desapareceu.

Abriu dentro da noite os olhos cheios de lágrimas. Apanhou um cigarro na mesinha com os dedos trêmulos. Estava à procura de um fósforo quando subitamente um apareceu aceso diante dele. Acendeu o cigarro, levantou os olhos e viu que era Rocco.

— Você nunca dorme, Rocco?

— Como é que eu posso se tenho de andar atrás de você pelos corredores a noite toda?

— Que quer dizer com isso? — perguntou Johnny, surpreso.

— Ouvi você gritar e vim olhar. Você tinha rolado para os pés da cama e estava ali pronto a levantar-se. Fiz você deitar-se de novo e aí você começou a gritar: “Posso correr”.

— Devia estar sonhando, — disse Johnny.

— Não estava, não. E eu não me surpreenderia de ver você correr um dia. Mas isso será depois. Depois de você aprender a andar.

# 9

A sala de recreação estava cheia quando Rocco empurrou a cadeira de rodas até um lugar de onde Johnny pudesse ver a tela. Todos os rostos estavam ansiosos, cheios de expectativa.

Desde que, havia uma semana, correra a notícia de que iam passar um filme, não se falava em outra coisa no hospital. Até os doentes que até então não haviam demonstrado interesse por coisa alguma mostravam-se de repente cheios de animação.

Com surpresa de Rocco, Johnny era um deles. Logo que soube, disse a Rocco:

— Quero ver esse filme.

Havia nele um ar de expectativa, até de contentamento, que era novo para Rocco.

— Muito bem, — disse ele. — Quer andar ou ir de carro?

Johnny olhou para as muletas e disse a Rocco, tentando sorrir: — Irei de carro. É mais distinto e a cadeira é garantida.

Rocco riu. Sentia-se melhor. Era a primeira vez que Johnny tentava pilheriar.

Durante a semana, Johnny fizera uma porção de perguntas a Rocco. Sabia qual era o filme? Quais eram os artistas? De que companhia era? Quem era o diretor?

Rocco não sabia de nada disso. Parecia que ninguém mais sabia. Só se dizia era que um filme ia ser exibido. Estranhando que Johnny quisesse saber de tantas coisas, perguntou:

— Por que está tão curioso a respeito do filme?

Mas Johnny não respondeu e Rocco pensou que ele houvesse adormecido. Mas não. Estava com a cabeça no travesseiro e os olhos fechadas, mas acordado e tomado de uma exaltação que julgara que nunca mais iria sentir. Nunca mais escrevera a Peter nem a ninguém desde que ficara ferido. Não respondera as cartas que havia recebido. Não queria qualquer compaixão, nem qualquer ato de caridade. Se estivesse intacto, teria voltado muito satisfeito para a Magnum, mas, aleijado como estava, compreendia que não seria senão um fardo para todos. Por isso, não havia escrito e fechara o espírito e o coração a tudo o que o ligava ao passado.

Correu os olhos pela sala. Um pouco atrás dele estava a máquina de projeção. Johnny olhou-a demoradamente, com todo o prazer que um homem

sente em olhar para sua casa. Tinha saudades, essa era a verdade. Tinha saudades das fitas de celuloide que passavam pelo projetor e saíam quentes. Tinha saudades do cheiro um pouco ácido dos carvões dentro da lanterna.

— Leve-me para junto da máquina, — pediu ele a Rocco. — Quero vê-la de perto.

Rocco fez-lhe a vontade e ele ficou embevecidamente a ver o operador passar o filme pelos carreteis. Dava prazer só olhar para ele.

Começaram então a descer as cortinas sobre as janelas e em breve a sala ficou tão escura que não se enxergava mais nada. Teve vontade de fumar, mas se lembrou de que não podia acender um cigarro perto do filme como estava. Ouviu o leve ruído tão conhecido dos carvões acesos e, logo, a. forte luz se projetou na tela.

Havia um letreiro. A princípio, tudo aparecia turvo, mas o operador focalizou as lentes e as palavras se tornaram claras. Johnny leu:

Aos soldados do Hospital de Long Island:

O aparelhamento de cinema e o filme que vão ver nos foram doados pelo Sr. Peter Kessler, presidente da Magnum Filmes, que assim procedeu em honra de mais de cinquenta de seus colaboradores e empregados que serviram conosco durante a guerra, muitos dos quais não voltaram,

Não podemos fazer mais do que agradecer ao Sr. Kessler a sua gentil e generosa oferta e exprimir-lhe a nossa satisfação pelo espetáculo que se vai seguir.

(Assinado) Cel. James F. Arthur Comandante

Hospital de Long Island.

Johnny quase não teve tempo de ler tudo. Ao deparar com o nome de Peter ficara como que gelado na cadeira. Mas o letreiro havia desaparecido e em seu lugar aparecia a imagem que identificava todos os filmes da Magnum: a grande garrafa de que o champanha se derramava espumejante numa taça, até esta ficar cheia até às bordas. E então as palavras cobriam toda a tela em letras góticas: *A MAGNUM FILMES APRESENTA*

A voz de Johnny chegou aos ouvidos de Rocco, num agoniado sussurro:

— Leve-me daqui, Rocco! Pelo amor de Deus, leve-me para bem longe daqui I

Rocco ficou surpreso. Não podia compreender. Johnny estava tão ansioso por ver o filme e agora queria sair, antes mesmo de começar.

— Que é que há, Johnny? — perguntou-lhe ao ouvi-lo. — Está-se sentindo mal?

— Não! Não! Só quero é sair! Leve-me daqui!

Rocco empurrou a cadeira para a porta e saiu. As luzes do corredor doeram-lhe nos olhos e ele os piscou durante alguns momentos. Depois, olhou para Johnny.

Os olhos estavam fechados mas as lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Estava muito pálido e havia gotas de suor na fronte.

Rocco levou-o para a enfermaria e ajudou-o a deitar-se. O corpo de Johnny estava tremendo. Rocco cobriu-o e ficou ao lado dele.

— Foi alguém que você conheceu, Johnny?

Johnny abriu os olhos de repente e encarou-o. Rocco havia deparado acidentalmente com a verdade. Mas era preciso escondê-la para que ele não soubesse de nada.

— Não, nada disso. De repente, não suportei mais ficar lá dentro. Acho que foi o medo de me ver ali naquele lugar todo fechado. É o que os médicos chamam de claustro... claustro... Não sei o nome direito.

Rocco não respondeu. Estava pensando. Dessa vez, Johnny não ia enganá-lo. Tinha de descobrir por que Johnny procedera assim. Se ele tivesse mesmo medo de ficar num recinto fechado, não suportaria aquela enfermaria.

A secretária saiu da sala do oficial e disse a Rocco:

— Pode entrar, sargento. O Capitão Richards vai atendê-lo. Rocco agradeceu e entrou na pequena sala. Ficou em posição de sentido e fez continência ao oficial.

— Sente-se, sargento, — disse o oficial. — Não usamos muitas formalidades aqui.

Rocco sentou-se numa cadeira em frente à mesa do oficial. Este olhou um papel que estava em cima da mesa e disse:

— O seu pedido é um pouco fora do comum, sargento.

— É a única maneira que eu vejo de ajudá-lo, capitão.

O oficial tornou a olhar o papel que estava em cima da sua mesa. Examinou-o durante alguns minutos e então disse:

— Tenho aqui a folha de serviço do Cabo Edge, como pediu, mas nada há nela que forneça quaisquer indícios quanto à sua família, os seus amigos ou a sua vida anterior. Não fez qualquer espécie de seguro conosco e a única pessoa que indicou para ser notificada no caso da sua morte foi Joseph Turner, já morto. Diz você que ele não tem para onde ir e deseja ficar aqui.

Rocco fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Bem, não podemos forçar ninguém a sair daqui contra a vontade. Em último recurso, teremos de transferi-lo para um hospital de doenças mentais.

— Não há motivo para isso, capitão! — disse Rocco, exaltadamente. — Johnny não tem nada. Está tão bom do juízo quanto eu.

— Parece conhecê-lo muito bem.

— Fomos amigos. Fizemos a guerra no mesmo pelotão. Fui eu que lhe dei ordem para aquela missão em que ele foi ferido e Joe Turner morreu.

— E sente-se então responsável por ele?

— Mais ou menos.

— Foi por isso que ficou no exército?

— Foi, capitão.

— Aprecio muito os seus sentimentos, sargento, mas se todos no exército levassem as suas responsabilidades tão a sério, teríamos nos hospitais mais serventes do que doentes.

Rocco não deu resposta.

— Mas isso não resolve o nosso problema. Tem mais alguma sugestão?

Rocco disse então ansiosamente.

— Escute, capitão. Se pudéssemos ver a folha de serviço de Joe Turner, talvez encontrássemos mais alguns indícios sobre a vida de Johnny.

— Mas se fizéssemos isso, sargento, não poderíamos efetuar qualquer investigação, — disse o capitão, que fez uma pausa e acrescentou: — Oficialmente...

Rocco sorriu.

— Sei disso, capitão, mas talvez eu pudesse encontrar acidentalmente alguma coisa que nos ajudasse.

— Acidentalmente, é claro, — disse o capitão, retribuindo o sorriso de Rocco.

Rocco levantou-se. — Vai conseguir então uma cópia da folha de serviço de Joe, capitão?

O oficial bateu com a cabeça.

Rocco estava na rua, diante do prédio. A placa na porta dizia: Magnum Filmes. Hesitou um momento e entrou, chegando a uma saleta de recepção.

Um rosto de moça olhou-o por uma janelinha e disse: — Não é aqui o lugar onde se contratam os empregados, soldado.

— Não vim procurar emprego, moça. Quero falar com uma pessoa.

— Ah, desculpe. Com quem quer falar?

— Com o Sr. Peter Kessler, — disse Rocco, depois de tirar um papel no bolso e consultá-lo.

— Seu nome, por favor?

— Savold, Sargento Rocco Savold.

— Faça o favor de sentar-se. Vou ver se o Sr. Kessler pode recebê-lo.

Rocco sentou-se. Ficou ali cerca de quinze minutos e chegou a pensar que a moça o havia esquecido. Mas a janelinha se abriu de repente e o rosto da moça reapareceu.

— A secretária do Sr. Kessler está ao telefone. Qual é o seu assunto com a Sr. Kessler? Ele no momento está ocupadíssimo. Se disser o que deseja, ela poderá marcar uma hora para o senhor.

Rocco hesitou. Não queria falar com a secretária, mas viu que não tinha outro jeito desde que não podia falar diretamente com o tal Kessler. Disse que sim e a moça passou-lhe um telefone pela janelinha.

— Alô, disse ele.

A voz da secretária era eficiente e impessoal.

— Sou Jane Andersen, secretária do Sr. Kessler. Estou às suas ordens. Que deseja?

— Bem, moça... Queria falar com o Sr. Kessler sobre um assunto pessoal.

— Pode falar comigo. Sou secretária particular dele. Rocco pensou um segundo e disse:

— Queria falar com ele a respeito de Johnny Edge. Houve um súbito silêncio do outro lado do fio.

— Ouviu o que eu disse, moça? — perguntou ele, ansiosamente.

— Ouvi, sim, — disse a secretária com uma voz bem diferente daquela com que vinha falando. — Quer falar a respeito de Johnny Edge?

— Exatamente. A senhora o conhece?

— Conheço. Ele está bem?

— Claro, — disse ele, sorrindo. — Claro.

— Graças a Deus! — murmurou fervorosamente a secretaria.

# 10

Rocco empurrou a cadeira de rodas para um canto bem no fim dos terrenos do hospital. Havia ali muito sossego e o caminho passava entre duas sebes atrás das quais se viam canteiros de flores muito bem tratados. A cadeira parou e Johnny levantou os olhos. Rocco estava remexendo os bolsos.

— Que é que está procurando, Rocco?

— Meus cigarros. Acho que acabaram.

— Fume dos meus, — disse Johnny, metendo a mão no bolso. Não encontrou o maço. Surpreso, olhou no outro bolso da blusa e viu que também estava vazio. Engraçado! Era capaz de jurar que havia pegado os cigarros na hora de sair. — Também não tenho.

— Você se incomoda de ficar aqui enquanto eu vou buscar na cantina? — perguntou Rocco. — Não demoro nada.

— Pode ir que eu espero.

Rocco saiu correndo e Johnny virou a cadeira para o sol. Recostou a cabeça, sentindo no rosto o calor bom do sol. Baixou a mão para o chão e arrancou um punhado de grama. Mordeu uma folha e pensou com um sorriso que não se podia provar uma cor. E ficou ali aquecendo-se ao sol.

Sentia-se preguiçoso e sonolento. Seria bom poder sair da cadeira, deitar-se na relva fresca e descansar. Seria bom, mas não para ele. Não poderia passear à vontade e estender-se no chão como em outros tempos. Isso era para os outros, não para ele. Fechou os olhos.

Ouviu passos às suas costas.

— Rocco? — disse ele, sem virar a cabeça, nem abrir os olhos. — Quer me dar um cigarro?

Sentiu que lhe colocavam um cigarro na boca. Ouviu riscarem um fósforo e aspirou a fumaça.

— Isto aqui está tão agradável, — murmurou.

— Está achando, Johnny?

Era uma voz conhecida, mas não era a de Rocco. Abriu de repente os olhos, virou a cadeira e exclamou:

— Peter!

Peter estava ali diante dele, com o rosto pálido e abatido e os olhos cheios de lágrimas.

— Sou eu, sim. Você não me queria ver, Johnny?

Johnny estava paralisado, com o cigarro preso nos lábios, sem poder falar.

Peter aproximou-se e segurou-lhe a mão. De repente, Johnny não se pôde mais conter. Curvou a cabeça sobre a mão de Peter e desatou a chorar. Peter descansou a outra mão na cabeça dele e disse com a voz trêmula: — Pensou que podia se esconder dos que o amam, Johnny?

# 11

Ficaram ali no passeio enquanto o táxi se afastava. Johnny olhou para as suas muletas. Eram novas e brilhavam, todas envernizadas. Uma perna das calças estava presa à coxa por um alfinete. A outra perna parecia estranha ali sozinha entre as muletas.

Sorriu meio sem vontade para Rocco, olhou para o prédio onde se via a placa da Magnum Filmes e disse:

— Vamos logo resolver isso.

Johnny encaminhou-se lentamente para a porta e hesitou quando lá chegou. Estava muito pálido e tinha gotas de suor na testa.

— Não quero que ninguém tenha pena de mim, — disse ele em voz baixa.

— Não se preocupe com isso, — disse Rocco, sorrindo. — Ninguém terá pena de você. Poderá a princípio haver um pouco de estranheza e todos quererem ajudá-lo mais do que o normal, mas isso logo passará quando virem que você pode arranjar-se sozinho. As coisas voltarão, então, a ser como sempre foram.

— E como devem ser, — disse Johnny.

— Não se preocupe, — disse Rocco, abrindo-lhe a porta. Johnny entrou na saleta de espera, acompanhado de Rocco.

O rosto da moça apareceu cheio de curiosidade na janelinha, mas ela não fez qualquer menção de abrir a porta. Rocco sorriu para ela e encaminhou Johnny.

— Por aquela porta, — disse ele, apontando.

Johnny olhou em torno, cheio de curiosidade. Haviam modificado tudo. Passou pela porta indicada e viu-se num comprido corredor. De trás das portas, vinha o rumor de gente que trabalhava. Máquinas de escrever, máquinas de calcular, vozes. Continuaram pelo corredor. De vez em quando, passava alguém por eles e olhava-os com passageira curiosidade.

Johnny sentia-se como se estivesse num lugar estranho. Não reconhecera nenhuma das pessoas que haviam passado por ele. Chegaram a uma porta com o letreiro: Escritórios Executivos.

Entraram num curto e bem iluminado corredor. Havia várias poltronas confortáveis ali espalhadas e o chão era coberto de um espesso tapete vermelho. Não se ouvia som algum.

— Parece que não há ninguém aqui, — disse Johnny.

— Ainda é muito cedo. Peter me disse que quase ninguém chega antes das dez horas.

Johnny olhou o relógio de pulso.

— Nove e um quarto ainda. É muito bom porque poderei descansar um pouco antes de começar.

— O seu escritório é no fundo do corredor, ao lado do de Peter, — disse Rocco.

Johnny acompanhou-o pelo corredor. Em várias portas havia nomes que lhe eram desconhecidos. Estivera ausente pouco mais de dois anos apenas e a empresa havia prosperado tanto nesse intervalo que havia uma porção de nomes novos. Sentia-se estranhamente deslocado.

Passaram por uma porta com o nome de Peter.

— O seu escritório é o que vem agora, — disse Rocco.

Rocco ficou em frente à porta do outro escritório e Johnny viu o seu nome na porta. Parecia ter sido pintado às pressas e a tinta devia estar ainda fresca. Tocou-a com os dedos e viu que estava seca.

Rocco sorriu ao ver o gesto e Johnny sorriu também para ele.

— Vamos entrar? — perguntou Rocco, ainda sorrindo.

— Vamos.

Rocco abriu a porta e se afastou para o lado a fim de dar passagem a Johnny.

Foi tomado de surpresa ante o barulho com que foi recebido, de palmas e vivas. A sua palidez aumentou e ele pareceu vacilar sobre as muletas, tanto assim que Rocco procurou ampará-lo.

A sala estava cheia de gente — gente a quem Johnny conhecia e gente a quem nunca havia visto. Peter, George e Jane estavam à frente dos outros, de olhos voltados para ele.

A sala estava toda ornamentada com faixas azuis, brancas e vermelhas. Bem no meio, pendia do teto um grande cartaz no qual se lia em grandes letras vermelhas: “Boas-Vindas na Sua Volta, Johnny”.

Fez-se silêncio de repente e Johnny ficou ali diante deles. Abriu a boca duas vezes para falar, mas nada pôde dizer.

Jane aproximou-se dele e estendeu-lhe a mão, dizendo, como se ele apenas tivesse voltado do almoço:

— Alô, chefe.

Como se fosse um sinal, alguém fez um fonógrafo tocar e, ao som da música, todo o mundo começou a cantar:

Quando Johnny voltar para casa marchando...

Johnny viu as lágrimas nos olhos dela e sentiu também os olhos marejados.

— Jane, conseguiu murmurar.

Ela passou-lhe os braços pelo pescoço e beijou-o. Johnny tentou abraçá-la também, mas uma das muletas se lhe soltou da mão e caiu. Ele cambaleou e teria caído se Rocco não corresse a ampará-lo.

Olhou para a muleta caída no tapete vermelho e começou a sentir-se desamparado. Com esse sentimento, chegou um sentimento ainda mais estranho de terror — terror de todas aquelas pessoas que o olhavam.

Fechou os olhos por um momento. Pensou desesperadamente que aquilo passaria. Mas continuou. Chegou a sentir a cabeça rodar. Podia-se sentir tropeçando e caindo, mas conservou os olhos fechados.

Sentiu que o ajudavam a sentar-se numa cadeira. Ouviu a voz de Rocco pedindo aos outros que se retirassem. Ouviu Rocco explicar que ele ainda estava muito cansado e muito fraco e que toda aquela agitação fora demais para ele.

Houve então na sala um súbito silêncio. Abriu lentamente os olhos e viu que estava num pequeno sofá. Peter, George e Jane olhavam-no com a fisionomia assustada. Rocco chegava-lhe um cálice à boca.

Bebeu automaticamente. A bebida queimou-lhe a garganta e o estômago como uma chama viva. A cor voltou-lhe às faces. Sorriu fracamente para os amigos, mas o terror ainda lhe empolgava o coração.

— Está bem, Johnny? — perguntou Peter ansiosamente.

— Estou bem, sim. Acho que me emocionei demais. Ficarei melhor depois de descansar um pouco.

Fechou os olhos e deixou a cabeça cair numa almofada. Desejou que todos saíssem e o deixassem sozinho.

Ouviu a porta abrir-se e fechar-se e tornou a abrir os olhos. Estava sozinho com Rocco.

— Rocco, — murmurou.

— Que é, Johnny?

— Você tem de ficar comigo, Rocco. Preciso de você junto de mim. Tenho medo de ficar sozinho com eles.

— De que é que você tem medo, Johnny? Todos são seus amigos.

— Eu sei, mas sinto-me tão desamparado sem a minha perna. Quando penso nisso, acho que todo o mundo vai rir de mim.

— Ninguém vai rir, Johnny.

— De qualquer modo, tenho medo. Você tem de ficar ao meu lado, Rocco. Não posso enfrentá-los sozinho. Prometa-me, Rocco, prometa!

— Está bem, Johnny. Ficarei com você.

— Prometa!

Rocco hesitou um momento e disse com relutância:

— Prometo.

Pouco depois, Jane voltou ao escritório. Trazia uma bandeja com um bule de café e duas xícaras.

— Achei que ia gostar de um pouco de café, — disse ela, colocando a bandeja numa mesinha em frente ao sofá.

— Foi boa ideia, — disse Rocco, servindo uma xícara e entregando-a a Johnny.

— Obrigado, — disse Johnny a Jane. De repente, notou uma aliança no dedo dela.

Largou a xícara, pegou a mão de Jane e exclamou, cheio de surpresa:

— Você se casou, Jane! Devia ter-me dito! Quando foi?

— Escrevi-lhe uma carta. Foi cerca de quatro meses depois da sua partida.

— Não recebi a carta. Como é ele?

— Um homem ótimo. Um soldado. Conheci-o num baile. Johnny percebeu de repente a tensão que havia na voz dela.

— Ele... ele não voltou?

— Não... não voltou, — murmurou ela, quase imperceptivelmente.

— Desculpe, Jane. Eu não sabia. Ninguém me disse nada.

— Nem podia dizer. Ninguém sabia onde você estava. Fizemos tudo para ver se o descobríamos, mas havia muita confusão e não foi possível.

Ficaram em silêncio alguns instantes e ela então disse:

— Mas nem tudo é tão ruim assim. Tenho um filhinho. Johnny viu que ela havia dito isso com satisfação e até com uma ponta de orgulho. Baixou os olhos e murmurou:

— Vou levar algum tempo para acostumar-me com as coisas daqui. Tudo mudou.

— Tudo não, — disse Jane. — Só o que você pensa que mudou.

# 12

Johnny passou toda a manhã no escritório com Peter. Escutou em silêncio enquanto Peter pacientemente lhe explicava o que havia acontecido na sua ausência. A companhia havia crescido de uma maneira que o próprio Johnny nunca havia esperado. Os lucros da Magnum só no ano anterior haviam subido a mais de três milhões de dólares. Estavam produzindo cerca de trinta filmes por ano, além de uma linha completa de shorts que compreendia comédias de um e dois rolos, filmes de viagens, jornais e desenhos animados. Mas, como dizia Peter, isso não bastava. O mercado de filmes era cada vez maior. Tinha já planos para aumentar o estúdio, assegurando-lhe uma capacidade de cinquenta filmes por ano.

Além da produção de filmes, a Magnum possuía em sociedade com George mais de quarenta cinemas através do país e tinha planos para comprar ou construir outro tanto.

Cogitava-se naquele momento de abrir escritórios e filiais nas cidades mais importantes para que a própria companhia distribuísse os seus filmes. Isso acabaria com os distribuidores dos estados, que até então serviam como agentes da Magnum, e faria a companhia economizar muitos milhares de dólares que estava pagando a título de comissões. Borden havia feito a mesma coisa no ano anterior, com muito bons resultados.

Quando Johnny se alistara, a Magnum tinha pouco mais de duzentos empregados no estúdio e cerca de quarenta pessoas no escritório de Nova York. Naquele momento, mais de oitocentas pessoas trabalhavam no estúdio e quase duzentas no escritório de Nova York, havendo planos para a expansão de ambos.

Johnny escutava, anotando e catalogando mentalmente tudo o que ouvia. Peter já não exercia a direção-geral do estúdio. Havia um gerente do estúdio que se encarregava da produção e só era responsável pelo seu trabalho junto a Peter. As vendas eram repartidas em duas divisões — interna e estrangeira, cada qual com um gerente de vendas e seus assistentes, que se encarregavam dos negócios nos seus respectivos territórios.

No ano seguinte, Peter pretendia fazer uma excursão com o gerente das vendas estrangeiras para abrir escritórios e companhias subsidiárias em quase todos os países do mundo.

A função de Peter passara a ser principalmente de coordenação e as responsabilidades eram muitas e variadas. Para realizar esse trabalho, ele precisava de bons assistentes e de gente em quem pudesse confiar. Desde que o seu tempo estava de tal modo tomado que ele não podia dar plena atenção a todos os assuntos que a exigiam, achava que Johnny teria de assumir o posto de seu primeiro-assistente.

Johnny ficaria em Nova York e tudo a respeito da companhia e dos seus negócios passaria pelas mãos dele. Só os problemas que não pudessem absolutamente dispensar a decisão de Peter Seriam a ele encaminhados. Johnny resolveria tudo o que não exigisse a atenção pessoal de Peter.

A fim de executar esse imenso programa de expansão, Peter havia entrado em negociações com o Banco Independence, o banco de Al Santos, para conseguir um empréstimo de quatro milhões e meio de dólares. Quando soube da quantia, Johnny não pôde deixar de dar um assobio de espanto. Surpreendia-se não só de que Peter falasse tão displicentemente de quantia tão grande, mas também de que o banco de Al Santos fosse capaz de emprestá-la.

Durante toda a manhã, enquanto falavam, muitas pessoas entraram na sala. Eram homens que Johnny conhecia de outros tempos, outros que tinham estado presentes à recepção no seu escritório e alguns que nunca vira. Todos estavam ansiosos em conhecer o homem que iria assumir a posição de primeiro-assistente do chefe. Nessas ocasiões, por mais breves que fossem, havia um sentimento de mútua exploração e sondagem. Queriam saber até onde chegava o prestígio de Johnny junto ao chefe e Johnny procurava apurar a importância de cada um dentro da organização.

Havia também uma coisa nova e que Johnny, pronto sempre a sentir as relações humanas, sentiu imediatamente. Vários grupos haviam-se formado e faziam sentir a sua presença. Essas diferentes facções dentro da organização se esforçavam por ganhar prestígio junto ao chefe.

Em dado momento, Johnny recostou-se na cadeira e sorriu para Peter.

— Estou com a cabeça rodando, — disse ele. — Não fazia a menor ideia de que a companhia tivesse crescido tanto. Agora, terei de aprender tudo de novo.

— Você não terá dificuldade alguma, Johnny. É a mesma companhia, só que em ponto maior.

Levantou-se e perguntou:

— Vamos almoçar? George está à nossa espera no restaurante.

Johnny olhou para o outro lado da sala, onde Rocco ficara sentado no sofá durante toda a conferência, como se fosse uma peça de mobília, só se movendo quando Johnny falava com ele ou queria alguma coisa. Olhara o tempo todo para Johnny, atento a qualquer sinal de fraqueza nele. Não o percebera, porém. Ao contrário, parecia que Johnny florescia naquela nova vida, mostrando um interesse que Rocco nunca lhe notara até então. Entendera muito pouco do que tinha ouvido, mas via que Johnny absorvia tudo como uma esponja dentro da água.

Havia visto Johnny falar com as pessoas que lhe eram apresentadas com uma cordialidade tranquila e um encanto de que nunca o julgara capaz. O exército não era propício ao desenvolvimento de tais qualidades num homem, mas ele estava começando a compreender por que Joe Turner havia procedido com Johnny da maneira por que procedia.

Era só quando Johnny estava de pé que essa qualidade dele parecia desaparecer. O rosto ficava tenso e pálido e ele se sentia desajeitado, pouco à vontade e tartamudeante, embora a sua conversação fosse em geral concisa e direta.

Era nesses momentos que a pena que sentia de Johnny o envolvia como uma onda. Bem podia imaginar o orgulho que Johnny tivera outrora do seu corpo e da sua aparência física — o orgulho de ter um corpo à altura da sua inteligência, jovem, forte, sadio e cheio de vida, de exaltação e de um sentido de realização.

Via Johnny olhando para ele e sentia nesse olhar um apelo mudo. Levantava-se prontamente e ia até ele. Colocava um braço sob os ombros de Johnny enquanto este ajustava as muletas. Entregou-lhe o chapéu quando eles se encaminharam para a porta.

"É uma pena que não se possa fazer nada", dizia ele consigo mesmo, pensando na perna de Johnny. De fato, era impossível. Ninguém seria capaz de restituir-lhe a perna.

Chegando à porta, Johnny parou e olhou para Peter.

— Temos de tomar alguma providência a respeito de Rocco. Não posso passar sem ele.

Peter olhou para um e para outro e respondeu:

— Ele poderá trabalhar aqui para você, se quiser. Receberá dólares por semana.

Johnny olhou para Rocco. Estava pensando. Setenta e cinco dólares por semana eram muito mais do que ele poderia ganhar se voltasse para a barbearia. Além disso, havia prometido a Johnny que ficaria ao lado dele. Fez um sinal quase imperceptível com a cabeça.

Johnny sorriu e disse a Peter: — Obrigado. Ele aceita.

Rocco ficou na porta e viu-os atravessar a sala de Jane e checar ao corredor. Jane levantou-se e se aproximou dele.

— Gosta muito dele, não é, Rocco?

— Gosto, sim. E você?

A resposta de Jane demorou um instante.

— Houve um tempo em que cheguei a amá-lo. Ainda o amo. Mas de uma maneira diferente.

Baixou os olhos para o chão, num esforço de dar expressão ao que sentia.

— Deve significar alguma coisa amar-se um homem apaixonadamente, deixar de amá-lo quando se descobre que ele não nos ama e voltar a querê-lo com outra espécie de amor, um amor que parece existir sem qualquer sinal da mágoa que o outro deixou. Isso deve significar alguma coisa.

— Talvez seja respeito, — disse Rocco.

— Talvez. Mas é mais do que isso e eu não sei explicar o que seja. Mas não é em mim que estou pensando agora. É um Doris.

— Doris? Quem é ela?

— É a filha de Peter. Gosta de Johnny e eu acho que ele também a amava, embora não o confessasse a si mesmo.

— Por quê?

— Ela é dez anos mais moça do que ele. E Johnny de certo modo a ajudou a criar desde menina. Ela costumava chamá-lo de “tio”.

— Compreendo.

— Mas agora, não creio que Doris tenha mais chance. Parece que Johnny fechou o coração. Não disse uma palavra sobre Doris a manhã toda. Nem perguntou por ela.

— Ele tem uma razão, — disse Rocco, em defesa do amigo.

— Não quer constranger a moça agora que perdeu uma perna.

— Isso não teria a menor importância para ela, — disse Jane.

— Não teria a menor importância para quem de fato o amasse.

— Mas tem importância para quem sente que será um fardo,

— murmurou Rocco. Jane não respondeu. Abriu a bolsa, tirou o espelho e começou a pintar-se.

Rocco ficou um momento a olhá-la, com um esboço de sorriso nos lábios. Por fim falou: — Se não tem compromisso para o almoço, aceita um convite meu?

Ela o olhou com surpresa. Depois, sorriu de súbito, quase maliciosamente.

— Quer ouvir o resto da história, não é?

— Gostaria, sim.

— Começou assim, — disse ela, abrindo o armário embutido e tirando o chapéu. — Eu era secretária de Sam Sharpe, o agente teatral, quando Johnny entrou no escritório.

Foi para diante de um espelho e colocou o chapéu. Olhou-o do espelho e disse:

— Não, não foi assim. Começou muito antes, antes mesmo de eu conhecê-lo. Mas vamos almoçar, — disse ela, voltando-se, — e eu lhe contarei tudo desde o princípio.

Rocco pegou o chapéu e saiu com ela.

# 13

O almoço tinha sido calmo. Peter e George haviam falado quase o tempo todo enquanto Johnny escutava. Havia muito que ele precisava saber e ambos estavam ansiosos em pô-lo a par de todos os fatos novos. Mas ambos evitavam qualquer referência ao defeito de Johnny. E também não falavam de Joe para evitar-lhe recordações desagradáveis.

Quando voltaram do almoço e Peter deixou Johnny no escritório, disse que iria pegá-lo depois de passar os olhos por algumas adaptações de enredos que mandara preparar.

— Não se dê a esse trabalho, Peter, — disse Johnny. — Nos vemos amanhã de manhã.

— Como assim? Você não vai jantar comigo lá em casa? Depois de Esther ter passado o dia preparando o seu prato favorito — canja e knedloch? E depois de Doris ter vindo da escola especialmente para recebê-lo? Será como nos velhos tempos, Joe, e eu não admito discussão. Não entendo como você foi capaz de pensar em outra coiso na sua primeira noite em casa!

Johnny olhou-o em silêncio. Doris. Tentara durante o dia inteiro não pensar nela, mas sabia que teria de enfrentar o caso mais cedo ou mais tarde. Ela dissera antes da guerra que o amava, mas aquilo fora sem dúvida uma tolice, uma paixão efêmera de colegial, que já devia estar superada.

Mas ele sabia que estava querendo enganar-se e que aquele amor era uma coisa mais profunda e mais forte. Do contrário, ele não estaria sentindo o que estava. Voltava aleijado e bem podia imaginar como a compaixão de Doris tornaria a despertar nele o mesmo que ele sentira ao partir para a guerra.

Mas não havia outro recurso. Teria de ir e enfrentar o problema. Se ela dissesse alguma coisa sobre o que os dois haviam sentido em outros tempos, ele diria que tinha sido uma criancice da parte dela e que a amizade que tinha por ela sempre fora exclusivamente fraternal.

Peter estava olhando para ele e acharia estranho que ele não fosse, que ele não quisesse ir. Ficaria ofendido. E Esther também.

Forçou um sorriso e disse: — Está bem. Se me quiserem, eu vou. Só não queria era dar trabalho a vocês.

Peter riu.

— Desde quando uma pessoa da família dá trabalho?

Johnny entrou no escritório pensando nas palavras de Peter: “uma pessoa da família”. Teria ele alguma ideia a respeito dele e Doris? Teria ela dito alguma coisa aos pais?

Não, isso era bobagem. Ela não iria dizer nada a eles. Era só a maneira de falar de Peter. Vivia com eles havia tanto tempo e com tamanha intimidade que ele o considerava uma pessoa da família.

Foi sentar-se com Rocco na sala de projeção e olhou para a tela. Percebeu logo que tinha havido também um grande progresso técnico no cinema. O filme quase não tremia mais. Os movimentos dos atores haviam ficado mais reais, mais autênticos. Os movimentos bruscos de outros tempos haviam sido reduzidos a um ponto que as figuras não pareciam mais pular de um canto para outro da tela.

Os métodos narrativos haviam também melhorado. Era bem mais fácil seguir o desenrolar do enredo. A arte do primeiro plano, do fading, dos letreiros, tudo isso se havia fundido num conjunto harmonioso. Via que teria de fazer uma visita ao estúdio para conhecer melhor essas novas técnicas. O cinema o havia ultrapassado muito no breve período da sua ausência.

Acendeu um cigarro. Ao clarão do fósforo, viu o rosto de Rocco voltado para a tela, embebido na história. Sorriu. Bastava Rocco estar por perto para que ele se sentisse melhor. Era estranha essa sensação de segurança que ele lhe dava.

Lembrava-se do sonho que tivera no hospital em que tentava correr, caía e todos riam dele. Desde então, vivia com esse medo. Não queria que os outros rissem nem tivessem pena dele. E quando Rocco estava perto, ele sabia que nada disso podia acontecer. Rocco tinha jeito de prever as situações embaraçosas e evitá-las. Sabia desviar a conversa para longe das coisas que podiam magoá-lo ou afligi-lo. Colocava-se prontamente entre Johnny e qualquer choque iminente.

Fizera muito bem em ter pedido que ele ficasse ao seu lado.

— Meu carro está lá embaixo, — disse Peter. — Acabei de telefonar para Esther, dizendo que estaremos em casa dentro de meia hora. Estava tão nervosa como uma recém-casada quando a família vai jantar com ela pela primeira vez.

— Vamos, — disse Johnny.

Saíram para a rua. Uma limusine esperava diante do prédio, com a porta aberta pelo chofer.

Peter fez Johnny entrar primeiro. O carro era luxuosamente estofado. Peter embarcou e Rocco sentou-se do outro lado de Peter.

— É um carro de classe, Peter, — disse Johnny. — É novo?

— Pierre-Arrow, com carroçaria especial, — disse Peter, sorrindo.

— Excelente, — disse Johnny.

O grande carro rolava em silêncio e maciamente. Em breve, estavam na Qinta Avenida, encaminhando-se para o centro. Foi parar diante de um grande edifício de apartamento defronte do Parque Central.

Um porteiro abriu a porta do carro, dizendo:

— Boa-noite, Sr, Kessler.

— Boa-noite, Tom, — respondeu Peter.

Esperavam que Johnny saísse do carro e entraram no edifício, que era novo. Johnny nada disse, mas estava impressionado. Era preciso ter muito dinheiro para viver num lugar assim. Começava a perceber as consequências pessoais de tudo o que vira e ouvira durante o dia.

Acompanhou Peter a um elevador. Subiram onze andares e saíram num corredor tão luxuosamente decorado quanto o era o vestíbulo lá embaixo.

Peter parou diante de uma porta e tocou a campainha.

Johnny sentia o coração bater-lhe estranhamente. Procurou inconscientemente firmar-se.

A porta se abriu e Esther apareceu. Houve um momento de constrangimento silêncio enquanto os dois se olhavam. Depois, ela abraçou Johnny e começou a chorar.

Johnny ficou ali parado, com receio de tirar as mãos das muletas pois podia cair. Olhou por cima do ombro de Esther quando ela lhe beijou o rosto e viu Doris na porta, muito pálida e de olhos arregalados.

Rocco, que estava atrás de Johnny, podia ver a troca de olhares entre ambos. Doris tinha os cabelos caídos sobre os ombros emoldurando-lhe o rosto numa máscara oval. As mãos estavam cerradas com forças e as pálpebras caídas. Era como se alguém lhe houvesse apagado a luz do rosto. Rocco via as lágrimas que lhe afloravam aos olhos e que ela procurava desesperadamente conter.

Parecia que ela sabia o que Johnny pretendia dizer-lhe. Não fora dita uma só palavra, mas ela sabia. Os olhos e todo o corpo mostravam que ela sabia, com aquelas lágrimas e aquele desalentado descambar de ombros.

Tudo isso aconteceu num instante, mas Rocco sabia que aquele instante fora decisivo para ela.

Esther parou de beijar Johnny, recuou um pouco, olhou-o de alto a baixo e disse com voz chorosa:

— Meu Johnny! Que foi que fizeram com você?

— Não seja tola, Mamãe, — disse Peter rispidamente. — Ele está aqui, não está? O que é que se pode querer mais?

O jantar foi silencioso. Conversaram, mas ninguém falou do que tinha no fundo do coração. As lágrimas se escondiam por trás dos rostos sorridentes. Rocco notou que Doris olhara para Johnny durante todo o jantar. Sempre que levantava os olhos para ela, via-se de olhos fitos em Johnny. O rosto de Johnny estava pálido e ele pouco falava. Não sabia o que dizer.

Ela se havia desenvolvido muito desde que ele a vira pela última vez. Naquele tempo, era uma bela moça, mas se tornara uma mulher bela, graciosa e ardente.

O jantar terminou e todos foram para a sala de estar. Johnny e Doris foram os últimos e por um momento ficaram sozinhos na sala de jantar. Ela deixou a xícara de café, levantou-se e foi para aonde ele estava. Ele a acompanhou com os olhos até ela chegar à sua cadeira.

Ela se inclinou para ele e disse com voz calma e controlada:

— Você ainda não me beijou, Johnny. Ele não respondeu, continuando a olhá-la.

Ela encostou os lábios nos dele. Por um instante, houve uma fagulha entre eles. Johnny sentiu-se atraído para ela, mas com grande esforço conseguiu conter-se. Os cantos da boca de Doris tremiam sob os lábios dele. Johnny afastou-se dela.

Ela levantou a cabeça e olhou-o, falando num tom magoado:

— Estou achando você mudado, Johnny.

— É verdade, — disse ele, amargamente, olhando para a perna. — Estou mudado.

Não é nisso que estou pensando. Você está mudado intimamente.

— É possível. Tudo o que altera a aparência de uma pessoa a faz mudar. Quando se perde um dente, não se ri mais com a mesma frequência.

— Mas, apesar disso, há de vez em quando um sorriso, Johnny. Não se fica frio e impassível.

Ele não respondeu.

Doris sentiu que as lágrimas lhe subiam aos olhos e teve vergonha delas. A voz lhe tremia um pouco quando disse:

— Lembra-se da última vez em que nos vimos? Lembra-se de como rimos e de que você prometeu trazer-me um presente?

Johnny fechou os olhos.

— Lembro-me, sim, — disse ele, sabendo que ia ofendê-la. — Nesse tempo, você ainda era uma garotinha, a guerra era apenas uma aventura e eu prometi trazer-lhe uma lembrança quando voltasse.

— Foi só isso que tudo representou para você?

— É claro, — disse ele, arregalando os olhos e sorrindo em aparente Inocência. — E era para significar mais alguma coisa?

Ela deu-lhe as costas, correu para a porta e saiu da sala. Johnny riscou um fósforo com os dedos trêmulos e acendeu um cigarro. Depois, levantou-se para ir para a sala de estar, lutando com as muletas.

# CONSEQUÊNCIAS

## 1938

# Quinta-feira

Ouvi as cortinas serem corridas e quando as janelas se escancararam, acordei de todo. Continuei estirado na cama, olhando vagamente para o teto. O quarto me parecia estranho e, de repente, me lembrei de onde estava. Tudo parecia errado. Eu devia estar em Nova York. Que era que estava fazendo ali em Hollyoowd?

Foi então que me lembrei de tudo. Creio que ficara assim alheado das coisas em consequência do mesmo velho sonho, — o sonho em que eu corria por uma rua que não existia para uma moça que eu não podia ver. Tinha o mesmo sonho desde o fim da guerra e ele sempre terminava da mesma maneira. Eu caía e todo o mundo começava a rir.

Deviam estar rindo de mim naquela manhã. Eu deixara Farber entrar. Depois de tudo o que acontecera, eu deixara Farber botar o pé na porta. Agora, só me restava fazê-lo levantar o pé e dar o fora. Já havia feito isso de outras vezes. Poderia fazê-lo de novo? Não sabia. E dessa vez a culpa fora minha.

— Bom dia, Sr. John — disse Christopher ao lado da minha cama.

Sentei-me na cama e olhei-o, vendo-lhe o rosto preto todo aberto num sorriso de dentes muitos alvos.

— Bom dia, Christopher. Como foi que soube que eu estava aqui?

— Vi nos jornais que o Sr. Peter estava muito doente e calculei que viesse fazer uma visita a ele.

Ele colocou a bandeja do café na cama. Será que todo o mundo, menos eu, sabia como eu reagiria diante da notícia do estado de Peter? Christopher sabia perfeitamente da minha briga com Peter, mas não duvidara nem por um instante de que eu viria vê-lo. E todos estavam certos, porque ali eu estava. Os jornais estavam dobrados num canto da bandeja. Abri-os enquanto tomava o suco de laranja. O título do Reporter era conciso e direto.

*Faber na Magnum*

*Com empréstimo de um milhão*

Era verdade, mas não o seria por muito tempo, se eu conseguisse o que queria. Se Ronsen não tivesse entrado no meu escritório naquele exato momento, aquela notícia nunca teria sido publicada. Li com interesse o seguinte texto:

Falava-se muito hoje em todos os círculos da indústria cinematográfica sobre o significado do empréstimo de um milhão de dólares feito à Magnum por Stanley Farber. É coisa sabida que Farber tem procurado comprar sociedade na

Magnum desde que Peter Kessler vendeu a sua parte a Laurence G. Ronsen. Sabe-se também que Ronsen sempre quis admitir Farber, só não o jazendo em virtude da oposição do presidente da Magnum, John Edge. Edge e Farber vêm lutando há quinze anos, desde que Edge fez Farber sair da Magnum em virtude de uma questão sobre os cinemas que Farber administrava para a companhia.

O sobrinho de Farber, Dave Roth, foi colocado há dois meses como diretor do estúdio, antes de Edge assumir a presidência. O primeiro sinal de uma divergência entre Ronsen e Edge surgiu no começo desta semana quando Edge, em contrário à opinião de Ronsen, tomou o avião para fazer uma visita a Peter Kessler, que sofreu um derrame.

Há rumores não confirmados de que Farber entraria de posse de uma boa quantidade de ações da Magnum como garantia do seu empréstimo, ao mesmo tempo que Roth seria eleito para a diretoria da Magnum. Também se diz sem confirmação que Roth seria encarregado de todas as super produções da, Magnum.

Outros rumores não confirmados dizem que Bob Gordon, gerente do estúdio da Magnum, deixará a companhia em vista da diminuição das suas funções. Isso deixará Edge sem um só representante no estúdio e poderá determinar também a sua saída.

Além do empréstimo, Farber assinou também um contrato com a Magnum que dá à companhia automaticamente direito de exibição dos seus filmes em todos os cinemas da Costa do Pacífico da cadeia de Farber. Larguei o jornal e acabei o suco de laranja. Os boatos figuravam obrigatoriamente como o café em todas as primeiras refeições de Hollywood. Mas para mim chegava.

Christopher me serviu café e destampou o prato de bacon com ovos. Cheirava bem e eu me senti com fome.

— Fiquei muito contente de você aparecer, Christopher.

— Também fiquei contente de vir, Sr. Johnny. Fico muito preocupado quando o senhor fica em casa sozinho.

Fiquei no passeio e acendi um cigarro enquanto esperava Christopher aparecer com o carro. O dia estava muito bonito e eu já começava a sentir-me melhor. A depressão que caíra sobre mim ao saber da doença de Peter parecia estar-se desvanecendo. Era difícil de explicar, mas eu me sentia melhor quando tinha alguma coisa definida contra que lutar.

Até então, eu estava lutando apenas para manter a companhia. Nunca havia considerado Ronsen um genuíno problema. Era um elemento estranho à indústria, um mal necessário, que se tinha de tolerar até quando fosse preciso. Quando a necessidade cessasse, dar-se-ia um jeito de afastá-lo. Mas, desde que Farber estava presente eu tinha um interesse pessoal na luta. Não era mais uma

luta para manter a companhia. Era uma luta para saber quem dominaria a companhia. Se Farber estava interessado, era porque sabia que ainda era possível ganhar dinheiro na indústria. Eu tinha de calcular o que ele pretendia fazer, depois cercá-lo e fazer alguma coisa melhor ao mesmo tempo. No cinema, a competição fazia subir à tona o que se tinha de melhor. Quando não se podia aguentar a luta, era melhor ficar longe do cinema.

O carro chegou e eu embarquei.

Christopher voltou-se para mim.

— Para o estúdio, Sr. Johnny? *

— Não. Vamos primeiro à casa do Sr. Kessler.

Ele saiu com o carro e eu me recostei nas almofadas. Esperaria um pouco até aparecer no estúdio. Seria melhor deixar Ronsen e Farber estabelecerem os seus planos e anunciá-los antes que fosse trabalhar. Quando eu chegasse, saberia o que eles pretendiam fazer e lhes derrubaria a igrejinha. Sorri. Não havia motivo algum para que eu me sentisse tão bem. Mas a verdade é que me sentia maravilhosamente. A enfermeira saiu, fechando a porta e falou em voz baixa para não ser ouvida no quarto do doente.

— Pode entrar, Sr. Edge — disse ela. — Mas não demore muito, pois ele ainda está muito fraco.

Olhei para Doris e ela se levantou para entrar comigo. Mas a enfermeira segurou-lhe o braço, dizendo:

— Uma pessoa de cada vez. Depois sorriu e tornou a sentar-se.

— Vá você, Johnny. Já estive com ele hoje de manhã e sei que ele quer vê-lo.

Entrei e fechei a porta cuidadosamente. Peter estava deitado na cama, com a cabeça levantada por dois travesseiros. Estava muito quieto e, a princípio, julguei que estivesse dormindo, pois não se movia. O rosto estava muito pálido e magro e os olhos, encovados. Em dado momento, voltou a cabeça para mim, abriu os olhos e sorriu.

— Johnny — murmurou ele com voz débil, mas satisfeita. Fui até à cama e fiquei olhando para ele. Apesar da fraqueza, os olhos estavam luminosos e vivos. Fez um leve gesto com a mão.

— Johnny.

Era impossível deixar de sentir o prazer que a sua voz, já um pouco mais forte, demonstrava.

Apertei-lhe a mão e sentei-me numa cadeira ao lado da cama. Ainda não podia falar.

— Tenho sido um idiota, Johnny — disse ele com os olhos voltados para mim.

Tudo dentro de mim transbordou ao ouvi-lo dizer isso.

— Não foi mais do que eu, Peter.

A minha voz me pareceu estranhamente rouca naquele quarto silencioso.

— Passamos a vida cometendo erros que nos custam a vida toda para corrigir — disse ele, sorrindo debilmente.

Não pude responder. Fiquei ali segurando-lhe a mão. Ele fechou os olhos pouco a pouco e eu pensei que estivesse adormecido. Continuei ali sentado, com receio até de mover-me para não acordá-lo. Olhei a mão dele e vi uma veiazinha azul que subia e descia nas costas da mão. Contemplava-a, fascinado.

A voz dele me fez levantar a cabeça e as suas palavras me espantaram.

— Como vão os negócios, Johnny?

Os olhos estavam brilhantes e interessados. Era quase como nos velhos tempos. Era a sua pergunta habitual, a que ele fazia antes de tudo mais. Depois, vinham mais duas: “Como vão os recebimentos?” e “Qual é o saldo bancário?”

De repente, comecei a contar tudo. Falei de George e dos dez medonhos. Falei da insistência de Ronsen para conseguir o milhão de Farber. Omiti qualquer referência aos motivos da minha discordância com Ronsen.

Enquanto eu falava, a cor voltou-lhe às faces e ele pareceu mais o Peter de antigamente. Não me interrompeu. Limitou-se a escutar e, quando acabei, pareceu recostar-se nos travesseiros com um suspiro.

Olhei-o ansiosamente. Estava com receio de havê-lo fatigado. Mas o meu receio era infundado. Saber de fatos sobre a indústria agia sobre ele como um tônico. Falou ao fim de alguns segundos, com a voz um pouco mais firme.

— Eles não têm fibra, Johnny, fibra — disse ele lentamente, com um sorriso esboçado nos cantos da boca. — Tudo parece muito bom para eles. Pensam que para fazer dinheiro basta rodar alguns filmes e emitir algumas ações. Mas, depois que entram, ficam amedrontados, como nós ficamos muitas vezes. Correm então de um lado para outro como galinhas de cabeça cortada, procurando alguém ou alguma coisa que os salve. Só podem vencer, Johnny, se você deixar. Houve um tempo em que o dinheiro deles nos metia medo, mas esse tempo acabou. O dinheiro nunca representou coisa alguma no cinema. O segredo está nos filmes. É aí que eles perdem. Nós sabemos fazer os filmes e eles não sabem.

Nisso, a porta do quarto se abriu e a enfermeira apareceu. Aproximou-se da cama e tomou o pulso de Peter. Olhou-me então com ar de censura.

— Tem de sair agora, Sr. Edge. O Sr. Kessler tem de descansar.

Sorri para Peter, levantei-me e dirigi-me para a porta. A voz dele me fez parar antes de eu sair.

— Apareça e venha ver-me amanhã, Johnny.

Olhei para a enfermeira e, ante o olhar de aquiescência dela, sorri para Peter.

— Venho, sim, Peter. E lhe direi como vão as coisas.

Ele sorriu e deixou a cabeça cair no travesseiro. A enfermeira colocou-lhe um termômetro na boca e eu saí, pensando que talvez fosse melhor ela utilizar um charuto.



Doris estava à minha espera lá fora e me perguntou: — Como vai ele?

— Quer saber de uma coisa? — disse eu, sorrindo. — Parece-me que ele está é com vontade de voltar ao trabalho. Acendi um cigarro e acrescentei: — O que não seria uma má ideia, pois poderia fazer um grande bem a nós dois.

Mas fiquei pensando. Enquanto estivera no quarto, eu não havia dito o mais importante. Nada havia dito sobre os meus sentimentos em relação a ele, sobre o que nos unia, sobre as coisas que dois homens sentem um pelo outro depois de terem passado quase a vida toda juntos. Horrível! Então a única coisa sobre que podíamos falar, a única coisa que tínhamos em comum depois de tantos anos era a companhia?

Cheguei ao grande salão do restaurante um pouco depois das 13 horas. Estava tudo repleto de gente que almoçava. O ar estava cheio de fumaça e conversa. Sentia muitos olhares cravados em mim enquanto atravessava o salão principal rumo a uma sala menor que tinha o nome de Sala do Sol. Um cartaz estava pendurado sobre a porta e dizia: “Todas as Mesas Reservadas’’. Era um aviso para a gente menor não entrar. Aquilo era reservado para o primeiro time.

A minha mesa ficava num recanto, um pouco mais alto do que o resto da sala. Havia atrás três grandes janelas que davam para o estúdio. Não havia ninguém lá quando entrei. Olhei para a mesa de Ronsen. Estava também vazia. Sentei-me e a garçonete apareceu.

— Boa tarde, Sr. Edge — disse ela, com um sorriso. — Alô, Ginny. Que é que se pode almoçar?

— Vitela sauté. Está exatamente como o senhor gosta.

— Feito.

Ela saiu e eu corri os olhos pela sala. Gordon estava entrando. Viu-me e encaminhou-se para a minha mesa. Puxei uma cadeira para ele.

— Alô, Robert.

Ele se jogou na cadeira e disse a Ginny, que se aproximara ao vê-lo:

— Um scotch bem forte. — Voltando-se para mim, acrescentou: — Precisa muito de um drinque.

— Não é a primeira vez que ouço isso — disse eu, sorrindo. — E ouvirá muitas vezes mais, antes que esse piquenique acabe. Farber já apareceu no estúdio com ares de importância. Não respondi. Ginny chegou com o uísque e ele bebeu de um gole.

— Pensei que você não fosse consentir na entrada dele, Johnny.

— Mudei de ideia.

— Por quê? Pensei que você não o queria aqui. Ainda ontem...

— E não quero mesmo. Mas um milhão de dólares é um milhão de dólares. Resolve muita coisa.

— Mas também complica muita coisa. Ronsen, Farber e Roth foram procurar-me hoje de manhã. Disseram que tudo está pronto para Dave assumir a responsabilidade pela produção da Rainha da Neve. Disseram que você estava de acordo.

A Rainha da Neve era o maior filme que tínhamos no momento. Era um musical estrelado por uma garota que Gordon tivera grande trabalho em tirar do estúdio de Borden. Tinha apenas quatorze anos, mas Bob já a havia preparado. A voz dela era a de uma mulher adulta. Bob conseguira incluí-la num programa de rádio apresentado por um grande comediante e ela tinha alcançado muito sucesso. Gastara muito dinheiro-para que os testes dela no estúdio de Borden não saíssem bons e eles acabassem desistindo da opção que tinham sobre ela. No momento em que a havia conseguido, entrara em ação. Arranjara um bom enredo para ela, e o script nos havia convencido de que o enredo possuía aquela qualidade intangível que assegura um sucesso certo. O filme não nos custaria muito e nós podíamos considerá-lo dinheiro em caixa. Bob estava entusiasmado pelo filme. E agora, depois de tudo encaminhado, Dave aparecia para ficar com todas as glórias. Era natural que Bob não estivesse contente.

Ele já estava no segundo uísque quando eu disse:

— É interessante.

— É só o que você tem para dizer? — perguntou ele, surpreso.

Bati com a cabeça. Ele ficou muito vermelho e fez menção de levantar-se da mesa.

— Sente-se, rapaz. Sente-se e tenha calma. Não vou deixar ninguém passar-lhe a perna. Deixaremos Dave figurar como produtor associado se for preciso, mas o filme será uma produção Robert Gordon.

— Não foi isso o que me disseram — exclamou ele, indignado.

— Mas é assim que vai ser e, se eles não gostarem, bolas para eles!

Ele tornou a sentar-se, tomou o uísque mais devagar e me perguntou:

— Tem algum ângulo, Johnny?

Isso era também pura Hollywood. Tudo tinha de ter um ângulo. Podia-se fazer alguém enforcar-se com prazer se ele pensasse que isso era um ângulo para atingir alguém de quem ele não gostava.

— Um ângulo de um milhão de dólares — disse eu, sorrindo.

— Eu sabia, Johnny, eu sabia! Desculpe que eu tivesse perdido a calma.

— Nem pense nisso, Bob — disse eu generosamente e bem podia ser generoso, porque não me custava nada.

— Qual é o truque? — perguntou ele, baixando a voz para um tom confidencial.

Corri os olhos pela sala e baixei a voz para um tom igual ao dele. Os melhores atores do cinema nem sempre aparecem na tela. Representava-se mais num minuto do nosso lado da indústria do que num ano diante das câmaras.

— Isto aqui não é lugar para se falar sobre isso, Bob. Depois eu converso com você.

Ele ficou então inteiramente feliz. Correu os olhos exultantemente pela sala. Chegou até a sorrir e a dar adeus para algumas pessoas. Havia confiança em todos os seus gestos. E foi espantoso como isso transformou o ambiente da sala.

Antes disso, todos estavam falando baixinho, olhando-nos apreensivamente pelo canto dos olhos. Queriam saber se nós ainda seríamos os patrões no dia seguinte. Já deviam estar fazendo planos para a hipótese de que não fôssemos. Haveria gente nova para ser estudada e adulada, para ter as botas lambidas. Alguns talvez tivessem de procurar novo emprego. Mas, em vista da atitude de Gordon, muitos calcularam que as coisas ficariam na mesma ainda por algum tempo.

Olhei para a porta e vi Ronsen, Farber e Roth. O olhar de Ronsen se cruzou com o meu e ele veio na minha direção. Caminhava ao lado de Farber, com a mão atenciosamente pousada no braço dele. Dave vinha atrás como um cachorrinho seguindo o dono. Olhando-os, cheguei quase a sorrir. Peter tinha razão. Todos os gestos de Ronsen indicavam a sua solicitude por Farber.

Ronsen havia mudado um pouco desde que se metera, à força, na indústria. Naquela época, era um homem cheio de confiança. Ainda me lembrava do que ele dizia: “O erro do cinema é depender muito das personalidades e não ter fé nos velhos princípios americanos de administrar negócios. Não há necessidade de condições especiais. Tudo é, na verdade, muito simples. O estúdio não é senão uma fábrica. Só é preciso fabricar filmes e colocá-los em boas condições no mercado. Foi o que vim fazer aqui. Mostrar como a indústria do cinema deve ser administrada. Dentro de muito pouco tempo, isto aqui estará funcionando como a Companhia Ford!”

Tinha vontade de rir quando pensava nisso. A Companhia Ford, pois sim! Procurou de fato imitar a Ford e a primeira coisa que fez foi cancelar os nossos contratos de trabalho com os sindicatos. Nós é que quase fomos cancelados. Durante nove semanas, não se rodou um metro de filme nos nossos estúdios. Ele andou furiosamente de um lado para outro falando em influência comunista nos meios trabalhistas, mas não adiantou nada. Depois, na última semana da greve, quando já os operadores dos cinemas de todo o país se negavam a passar qualquer filme da Magnum, e nós estávamos ameaçados de uma perda total de receita, ele cedeu afinal e eu tive de ir consertar os estragos.

Peter tinha razão. Em última análise, eles tinham de recorrer a nós. Talvez fosse porque nós nada tínhamos a perder e eles podiam perder tudo. Havíamos começado aquilo falidos. Podíamos ficar falidos de novo, se fosse preciso. Sabíamos que na base da indústria do cinema havia um risco, um jogo. Todos os filmes que produzíamos eram paradas de jogo e, como jogadores, nós não nos contentávamos em esperar o resultado de uma parada. Calculávamos o que iríamos ganhar com aquele filme e saíamos para outro, para outra parada, para outro risco, para outro jogo. E era assim que íamos para a frente.

Com eles, a coisa era muito diferente. Chegavam ao nosso meio com os bolsos cheios de dinheiro que tinham havia muito tempo, que os pais deles tinham tido antes deles e se perdessem esse dinheiro o mundo acabaria para eles e nada mais lhes restaria. Tinham de recorrer a nós.

Levantei-me quando eles chegaram perto da minha mesa. Olhei para Stanley. O tempo não o havia mudado muito. Ainda era o mesmo homem. Talvez os cabelos estivessem grisalhos, o rosto mais cheio e a barriga também, mas tinha ainda o mesmo sorriso fácil e sem sinceridade. Os olhos ainda davam a impressão de que estavam sempre somando e subtraindo. Não havia mudado muito. A minha reação ainda era a mesma do tempo que eu o conhecera, uma reação de antipatia. Não podia gostar daquele homem.

Larry foi quem falou primeiro.

— Alô, Johnny — disse ele com o seu vozeirão que podia ser ouvido em todos os cantos da sala. — Conhece Stanley, não conhece?

Todos os olhos na sala estavam voltados para nós. Sorri e estendi-lhe a mão.

— Claro que sim. Seria capaz de reconhecê-lo em qualquer lugar — disse ele, apertando-me a mão. A mão dele era também a mesma. Tinha-se a impressão de estar pegando num peixe morto. — Como vai, rapaz? Prazer em vê-lo!

O rosto estava um pouco pálido, mas havia no olhar um brilho inconfundível de triunfo.

— Johnny! — exclamou ele. — Há quantos anos!

Ele me largou a mão e ficamos ali sorrindo um para o outro. Todas as aparências externas indicavam que nós éramos velhos amigos que havia muito não se viam. E a qualquer momento um seria capaz de cortar o pescoço do outro, se houvesse um jeito de fazê-lo sem complicações...

— Sentem-se — disse eu, apontando as cadeiras.

Só havia quatro cadeiras na minha mesa. Desde que Bob e eu já estávamos sentados, restavam dois lugares. Larry sentou-se à minha direita e Stanley deixou-se cair pesadamente na cadeira à minha esquerda. Dave teve de ficar de pé à procura de um lugar para sentar-se.

Ginny viu-o ali de pé e fez menção de pegar uma cadeira para ele. Mas eu consegui olhá-la e ela, disfarçando um sorriso, deu meia-volta e tomou o caminho da cozinha.

Dave ficou ali desajeitadamente à procura de alguém que lhe desse uma cadeira. Olhou-me desconsoladamente e eu sorri para ele.

— Pegue uma cadeira e sente-se, meu filho — disse eu, cordialmente. — Não sei o que há com essas garçonetes. Basta a gente precisar delas para desaparecerem.

Dave teve de ir buscar uma cadeira perto da parede.

Olhei-o e sem voltar a cabeça, disse a Stanley em voz calma, mas que podia ser ouvida em toda a sala:

— Rapaz brilhante o seu sobrinho. Faz-me lembrar você como era há muitos anos. Poderá ir longe se não perder a cabeça.

Vi pelo canto dos olhos Stanley ficar vermelho. Dave parou ao ouvir as minhas palavras. Depois, continuou, apanhou a cadeira e estava um pouco pálido quando voltou para a mesa com ela.

Voltei-me para Stanley e disse:

— Você está muito bem, rapaz. Mas engordou um pouco, não foi?

A conversa continuou, mas pouco me lembro do que se disse. Estava pensando na última vez que Stanley e eu nos havíamos sentado a uma mesa. Nessa ocasião, havia-me procurado com uma proposta para unirmos as nossas forças e tomarmos conta do negócio para nós. Não tinha sido havia tanto tempo assim. Foi em 1923.

O homem se levantou. Os olhos azuis piscavam cordialmente para mim. De cada lado da cabeça, a franja de cabelos grisalhos que lhe circundava a calva era espetada como uma escova de arame. Sorriu para mim e falou com forte sotaque alemão:

— Acho que está no ponto, Sr. Edge.

Olhei para as minhas pernas. Havia duas. Uma era minha mesmo; a outra, não. Era feita de madeira com articulações de alumínio. Ajustava-se perfeitamente ao coto e era presa por duas correias. Uma era passada em torno da coxa e a outra se prendia à nova correia passada pela cintura. Olhei meio incrédulo para aquilo.

O homem pareceu adivinhar-me os pensamentos.

— Não se preocupe, Sr. Edge, que vai dar certo. Vista as calças e vamos experimentar.

Eu estava realmente ansioso para experimentar. Se desse resultado, eu poderia caminhar de novo e ser como os outros homens.

— Por que não posso experimentar antes de vestir as calças?

— Não, primeiro as calças. Faça o que eu lhe digo, porque sei. Sem as calças, ficará olhando para a perna e isso não é bom. Não deve pensar na perna.

Vesti as calças e ele me ajudou, enquanto eu as abotoava e passava os suspensórios. Deixou-me sentado ali e foi buscar uma armação que parecia em ponto maior um desses voadores que se usam para ensinar as crianças a andar. Havia duas barras de aço paralelas sustentadas por quatro barras verticais. Em baixo de tudo havia quatro rodinhas.

— Agora, Sr. Edge, — disse ele — segure-se nessas barras e levante o corpo entre elas.

Coloquei as mãos em cada uma das barras e levantei-me. Ao meu lado, o alemão me observava ansiosamente.

— Coloque cada barra debaixo dos braços, como se fossem muletas.

Obedeci

— Agora — disse ele, indo para o outro lado da sala — venha caminhando para onde eu estou.

Olhei para baixo. As pernas das calças caíam ambas até o chão. Isso me pareceu estranho porque já estava habituado a que uma descesse até o chão, enquanto a outra ficava dobrada e presa por um alfinete.

O homem gritou incisivamente:

— Eu disse que não olhasse para baixo, Sr. Edge! Venha caminhando para onde eu estou!

Olhei para ele e tentei dar um passo à frente. A armação rolou sob o meu braço e eu quase tropecei, mas me sustentei nas barras.

— Não pare, Sr. Edge! Continue andando!

Dei mais um passo, depois outro e mais outro e outro e outro. Podia ter andado assim mil quilômetros. A armação se movia com facilidade comigo. Cheguei onde ele estava.

Ele pegou as barras e fez parar a armação.

— Até agora, muito bem — disse ele, ajoelhando-se e apertando a correia em torno da minha coxa. Depois, levantou-se e acrescentou: — Agora, caminhe, acompanhando-me.

Ficou diante da armação e, de frente para mim, começou a andar de costas. Segui-o lentamente. Ele continuou a andar de costas, dando volta à sala. Não olhou uma só vez para trás. Observava atentamente o movimento das minhas pernas.

Eu estava começando a ficar cansado. Havia dores lancinantes na coxa e eu sentia uma dor na nuca da pressão que fazia com os ombros sobre as barras. A correia da cintura me magoava a carne cada vez que eu respirava.

Parei, afinal.

— Muito bem, Sr. Edge. Da primeira vez, chega. Com um mês de treino, estará perfeito!

Sentei-me na cadeira, com a respiração arfante. Desabotoei as calças e ele as puxou. Depois, desapertou rapidamente as correias e a perna saiu. Fez-me massagens na coxa com os dedos hábeis.

— Está dolorida, não está?

Acenei afirmativamente.

— É sempre assim no começo. Depois, vai ficar acostumado e isso passará.

A sensação de força que eu tivera logo que me havia levantado pareceu abandonar-me no momento em que a perna foi retirada.

— Nunca poderei acostumar-me a isso. No máximo, poderei usá-la alguns minutos de cada vez.

— Se eu pude fazer isso, Sr. Edge, um homem moço como o senhor não terá dificuldade alguma — disse ele, levantando uma das pernas das calças dele.

Era uma perna artificial. Sorri para ele e o alemão deu uma risada.

— Está vendo? Não é tão ruim assim. Eu disse ao Sr. Kessler, quando ele esteve na Alemanha, que daria um jeito no senhor. E vou dar. Ele então me

disse: “Herr Heinz, se fizer o meu amigo andar, tomarei todas as providências para que vá viver nos Estados Unidos com sua família”. E eu respondi: “Herr Kessler, pode jurar que eu já sou um cidadão americano”. Não é o que está acontecendo?

Aquilo me fez bem. Por mais ocupado que estivesse, Peter não se havia esquecido de mim e tentara ajudar-me. Teria sido muito fácil para ele não perder tempo e não abandonar os seus negócios para ir à cidadezinha onde vivia Herr Heinz, de quem lhe haviam falado. Mas Peter tinha achado tempo ainda que isso o tivesse atrasado quase uma semana.

Depois, pagara todas as despesas do homem e de sua família até aos Estados Unidos, pois esse fora o preço pedido. Não me havia dito nada sobre isso. Sabia da minha decepção com as pernas artificiais que havia experimentado, todas muito mal feitas e insatisfatórias.

Um belo dia, Herr Heinz apareceu no escritório e me mandou o seu cartão com uma nota de Peter, a qual dizia simplesmente: “Apresento-lhe Herr Joseph Heinz, que acaba de chegar aos Estados Unidos para estabelecer-se. Faz pernas artificiais e pode ser que lhe sirva, Peter”.

Não havia uma só palavra sobre o que isso lhe havia custado. Só depois de falar com Heinz é que vim a saber do que Peter tinha feito.

Ora, aquele alemão tinha um segredo. Era a maneira pela qual as articulações funcionavam. Tudo era natural como uma perna de verdade. Os movimentos eram desembaraçados e fáceis. Ninguém seria capaz de dizer que o homem tinha uma perna artificial. Eu só havia sabido disso depois que ele me mostrou.

Peter ainda estava na Europa em companhia de Doris e Esther. Ainda ficariam seis meses por lá e todo o peso da companhia estava sobre os meus ombros.

Levantei-me e firmei-me nas muletas.

— Volte amanhã de manhã, Sr. Edge, para outra lição — disse Heinz.

Quando voltei para o escritório, Rocco estava à minha espera.

— Como é que foi, Johnny?

— Ótimo. Acho que vai dar certo.

— Vai ser muito bom.

Sentei-me à minha mesa. Rocco pegou as muletas e encostou-as na parede.

— Alguma coisa de especial esta manhã, Rocco?

— Não, o mesmo de sempre. Ah, sim, Farber telefonou para saber se pode almoçar com ele.

— Que foi que disse a ele?

— Nada, que não sabia e que você ainda não tinha chegado. Pensei por um momento. Não gostava de Farber. Não sabia por que, mas nunca havia gostado. Sabia trabalhar, era verdade, mas havia nele alguma coisa que não me agradava. Talvez fosse a carta que ele me escrevera antes de eu ir para a guerra, na qual me agradecia um lugar que eu ainda não lhe tinha dado.

George aprovou a indicação e eu deixei tudo por isso mesmo. De qualquer maneira, estava de partida para a guerra e não pensei muito no caso. Mas agora ele era o responsável por todos os cinemas e nós tínhamos mais de duzentas casas. George tinha muito o que fazer cuidando dos seus cinemas e nós havíamos chegado à conclusão de que Farber era a pessoa indicada para dirigir os cinemas da nossa propriedade conjunta.

— Sabe o que ele queria, Rocco?

— Não.

— Ora, vá lá. O melhor é saber logo o que ele quer e verme livre dele. Do contrário, ficará importunando até conseguir falar comigo. Diga-lhe que estarei no clube à uma e meia.

Stanley Farber estava esperando por mim na portaria do clube. Havia outro homem com ele, robusto, alto, de cabelos grisalhos e olhos penetrantes.

Veio ao meu encontro em companhia do homem. Estendeu-me a mão.

— Alô, Johnny! Como vai?

O seu riso era um tanto alto demais, um tanto forçado. Sorri e, olhando-o, estranhei que ele estivesse tão nervoso.

— Estou muito bem, Stan. E você?

— Nunca estive melhor — disse ele, ainda rindo.

Parou de rir de repente e apontou o homem que o acompanhava.

— Johnny, quero apresentar-lhe meu cunhado. Sid, este é o homem de quem lhe falei, Johnny Edge. Meu cunhado é Sidney Roth.

Gostei do jeito pelo qual o homem me apertou a mão, com força e firmeza. Gostei também da maneira de me olhar — direta e honestamente.

— Prazer em conhecê-lo — disse eu.

— Para mim, é uma honra, Sr. Edge — disse ele com uma voz surpreendentemente macia num homem tão forte.

Stanley virou-se e encaminhou-se para a mesa.

— Vamos comer? — disse ele, de novo com o seu riso inconsequente.

Não compreendia por que ele tinha querido almoçar comigo em companhia do cunhado. Mas não tive de esperar muito para saber. Stanley começou logo na sopa.

— Você trabalha no cinema há muito tempo, não é, Johnny? Admirei-me da pergunta. Ele sabia tão bem quanto eu há quanto tempo eu trabalhava no

cinema. Mas fui cortês e respondi:

— Há quinze anos. Desde 1908.

Eu mesmo fiquei surpreso quando disse isso. Nunca me parecera tanto tempo assim.

— E já pensou em trabalhar no cinema por conta própria?

— Não. Sempre julguei que trabalhava por conta própria. Stanley olhou rapidamente para o cunhado. Pareceu-me um olhar de confirmação de alguma conversa que tinha tido e percebi também nele uma curiosa expressão de condescendência.

— O que eu quero dizer é que se você nunca pensou em fundar uma companhia sua ou em comprar outra para você?

— Não. Nunca tive motivo para isso. Sempre me dei muito bem com Kessler.

Stanley fez uma pausa. Quando voltou a falar, havia tomado' outro rumo.

— De tudo o que sei — disse ele, em voz mais baixa — você é que é a cabeça pensante na organização de Kessler. Tudo o que ele fez foi graças a você, a quem ele deve o sucesso que tem.

Não gostei do jeito que a conversa estava tomando, mas conservei a calma. Queria saber o que estava no fundo de tudo aquilo.

— Acho que está enganado, Stan. Todos nós sempre demos o máximo à companhia.

— Ora, Johnny, deixe de falsa modéstia. Você está entre amigos. Você é que fez todo o trabalho de verdade e Peter foi quem ficou com o dinheiro e com as honras.

— Também tive alguma coisa.

— Que foi mesmo que você ganhou com isso? Migalhas. Sabe que Kessler já é milionário? E quando você o conheceu ele não passava de um dono de uma lojinha de ferragens numa cidadezinha do interior.

Procurei mostrar-me interessado. Inclinei-me sobre a mesa, mas nada disse.

Ele tornou a olhar o cunhado e continuou:

— Não acha que já é tempo de você conseguir do velho aquilo a que tem direito?

Abri as mãos num gesto de desalento.

— Mas como?

— Todo o mundo sabe que Kessler ouve muito o que você diz. O título dele no Banco Independence vai-se vencer neste ano e é voz corrente que ele vai

pedir uma reforma. Por que você não sugere que ele venda um interesse na companhia e resgate o título?

Fiz-me de desentendido.

— E quem tem tanto dinheiro assim para comprar esse interesse?

— Meu cunhado poderia interessar-se por uma participação de 50%.

Olhei para Roth. Ele não havia dito ainda uma palavra durante toda a discussão.

— E eu? — perguntei calmamente. — Onde é que eu entro nisso?

— Você entrará conosco, Johnny. Se pudermos comprar metade do interesse da companhia, eu comprarei a parte que George Pappas tem nos cinemas. Isso nos dará o controle da companhia dos cinemas. Daí será um passo para controlar tudo.

Recostei-me na cadeira e fiquei olhando para ele. Stanley começou então a falar exaltadamente:

— Vamos ganhar um dinheirão, Johnny? Com o que você sabe da companhia e de filmes e com o que eu sei sobre os cinemas, faremos uma fortuna! E dentro de muito pouco tempo, botaremos o velho Kessler pela porta a fora!

Riscou um fósforo e acendeu um cigarro que eu havia colocado na boca. Tirei a primeira fumaça e olhei para o cunhado.

— Em que é que trabalha, Sr. Roth? — perguntei-lhe de repente.

— Em ferro-velho — respondeu ele com voz calma.

— Ferro-velho? Deve ser um negócio muito bom para que possa meter quatro milhões de dólares nisso.

— Não é mau.

— Não é mau, não. Deve ser muito bom.

— Ganhou-se muito dinheiro durante a guerra. Os negócios caíram agora, mas ainda vão bem.

Fiquei algum tempo em silêncio, olhando para ambos. Por fim, tornei a falar.

— Qual é a sua opinião sobre essa transação, Sr. Roth? Ele encolheu os ombros com deliberada displicência e disse:

— Parece boa, Sr. Edge.

— Não estou falando do ponto de vista do dinheiro, Sr. Roth. Refiro-me ao aspecto moral.

Ele teve um leve sorriso e eu pude perceber-lhe nos olhos um tom de cordialidade.

— O aspecto moral é problema seu, Sr. Edge, e não meu. Colocou as mãos em cima da mesa, olhou para elas, e perguntou: — E o senhor? Que é que

acha dela?

Eu ainda estava recostado displicentemente na cadeira e, por isso mesmo, surpreendeu-me a violência da minha voz.

— Acho que é uma sujeira tão grande que fede a mil léguas de distância, Sr. Roth! E se não tirar quanto antes esse canalha da minha frente, torço-lhe o pescoço agora mesmo!

Stanley levantou-se num repelão, muito pálido, e murmurou com voz rouca: — Quer dizer que não lhe interessa? Por que foi que me fez pensar o contrário?

Notei que vários rostos no restaurante se voltavam para ele. O Sr. Roth continuava a olhar-me. Virei-me para Stanley e disse-lhe com voz fria.

— Quando eu voltar para o escritório, espero encontrar o seu pedido de demissão em cima da minha mesa.

Voltei-me para Roth. Havia na sua fisionomia um ar de tranquila compreensão. Stanley abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Roth o fez parar, levantando a mão, e disse:

— Vá para a outra sala, Stanley, e espere por mim. Quero falar com o Sr. Edge em particular.

Stanley saiu e nós ficamos durante algum tempo a olhar-nos. Afinal, Roth disse: — Peço desculpas por meu cunhado, Sr. Edge. Desconfiava há muito tempo de que era um patife, mas agora tenho certeza.

Não respondi e ele continuou: — Também quero pedir desculpas por mim mesmo. Sinto vergonha de haver tomado parte nisso.

Continuei calado.

Levantou-se, então, olhou-me com o rosto muito grave e disse:

— Nada há que um homem não faça por uma irmã, Sr. Edge. Sou quase vinte anos mais velho do que ela e, quando nossa mãe morreu, prometi-lhe que cuidaria dela. Pensei que estava ajudando o marido de minha irmã e, portanto, ajudando-a. Vejo agora que estava errado.

Estendeu-me a mão. Levantei-me e apertei-a. O rosto estava um pouco triste, mas os olhos me encararam firmemente. Inclinou a cabeça num cumprimento e afastou-se.

O pedido de demissão de Stanley estava em minha mesa quando voltei para o escritório e esqueci o homem durante muito tempo. Soube um dia que fora para Chicago com o cunhado e abrira alguns cinemas ali, mas nunca lhe dei muita atenção. Tinha muito o que fazer, aprendendo a andar.

Larry estava falando no restaurante do estúdio, mas eu não sabia o que ele estava dizendo. Tive de repente curiosidade a respeito daquele homem a

quem havia visto uma vez quinze anos antes. Compreendi então que Dave era filho dele.

Falei, interrompendo a conversa de Larry, como se ele não existisse.

— Como vai seu pai, Dave?

Dave ficou surpreso com a minha pergunta. Ficou um pouco vermelho e perguntou, gaguejando:

— Quem, meu pai?

Sorri para ele. Larry ficou em silêncio, espantado de que eu lhe houvesse interrompido a conversa. Não estava habituado a isso. Não lhe dei atenção.

— Sim, Dave, seu pai. Conheci-o há muitos anos. Achei-o um homem muito distinto.

Dave pareceu satisfeito com o que eu havia dito. Quando estava despreocupado, parecia-se muito com o pai. Mas o rosto não tinha a força do rosto do pai.

— Meu pai morreu há dois anos — respondeu-me ele. Senti um sincero pesar e o exprimi, acrescentando:

— Foi uma pena que não nos tivéssemos conhecido melhor — disse eu. — Poderíamos ter sido bons amigos.

Olhei para Dave e para Stanley e ocorreu-me uma ideia estranha. Seria possível que parentes por afinidade chegassem a parecer-se? Os dois tinham no rosto a mesma expressão sensual e egoísta. As bocas de ambos eram pequenas, redondas e perversas.

Comecei a sorrir, olhando para Stanley, que não se sentiu bem com o meu olhar. O que ele dizia a respeito do dinheiro ganho com o seu duro trabalho era pura conversa. O dinheiro não era dele, mas da mulher que o herdara do irmão. Dela e de Dave. Era por isso que Stanley estava querendo metê-lo na companhia.

Ri em voz alta. Olharam-me como se eu tivesse ficado maluco. Tornei a rir. Não ia ser tão difícil quanto eu havia pensado.

# 30 ANOS

# 1923

# 1

Johnny cobriu o fone com a mão e disse a Rocco:

— Vá buscar o carro que eu irei ter com você logo que acabar de falar com Peter.

Rocco saiu e Johnny disse alguma coisa ao telefone, com voz paciente. Peter estava-se queixando de Will Hays, o homem a quem a indústria contratara para chefiar a associação dos produtores. Segundo Peter dizia, Hays acabaria arruinando a indústria do cinema.

— Escute, Peter — disse Johnny — pare de se preocupar com Hays. Ele só está fazendo o serviço para que você e os outros o contrataram. O cinema não é mais uma carrocinha de pipocas, mas um grande negócio para o qual estão voltados os olhos do público. E foi para isso que vocês fundaram a associação, para protegerem-se.

Peter interrompeu-o.

— Será que você sabe o que ele quer fazer? Quer que todos nós lhe forneçamos informações sobre o nosso movimento em cada território. Já imaginou o que Borden, Laemmle, Fox ou Mayer fariam se soubessem que a Magnum está fazendo dois milhões de dólares por ano em Nova York e, ainda por cima, nos cinemas deles? Começariam a apertar-nos. Não teríamos metade do tempo de projeção que temos nos cinemas deles e, se tivéssemos o tempo, não teríamos os preços. Conheço bem esses camaradas e não confio neles!

— E daí, Peter? Os filmes deles não são exibidos em nossos cinemas do interior do Estado e do Sul? Uma mão lava a outra. Além disso, Hays diz que toda a informação será confidencial e que só serão divulgadas as cifras totais da indústria. Nenhuma companhia vai saber de nada sobre as outras. Deixe, portanto, de preocupar-se. — Está bem, está bem, mas isso não me agrada. Ainda acho que devíamos ter deixado Hays em Washington entregando cartas ou o que era lá que ele fazia antes de ser contratado por nós.

Johnny sorriu, pensando no Diretor-Geral dos Correios dos Estados Unidos fazendo entrega de cartas. Mudou de assunto.

— Como vão os filmes? Vamos ter uma concorrência difícil, com o Carroção Coberto da Paramount, o Corcunda de Notre Dame da Universal e

Safety First da Pathé, com Harold Lloyd. Temos de andar depressa. Do contrário, não encontraremos em Nova York uma só data que preste.

— Ah, Johnny, nem queira saber quais são os meus problemas. Volto da Europa, cheio de disposição para o trabalho e encontro tudo em confusão, sem um só filme pronto para rodar. Filmes que já deviam estar terminados não estão. Não posso arredar o pé daqui um instante, Johnny, e o pior é que não posso estar em quinze lugares ao mesmo tempo. Eu precisava era de um homem como o que Louis Mayer tem na Metro, um homem como Irving Thalberg, que não deixasse o estúdio pegar no sono no momento em que eu voltasse as costas.

— Então arranje um! Precisamos de filmes!

— Arranje um! Isso é muito fácil de dizer! Você pensa que os Thalbergs dão aqui nas laranjeiras? O mal com você, Johnny, é que fica em Nova York o tempo todo e não pode compreender os problemas que temos aqui. Temos de fazer quarenta filmes por ano!

— Sei disso, Peter. Mas, se eu sou capaz de vendê-los, você deve ser capaz de fazê-los!

Peter ergueu a voz a um ponto de irritação.

— Se sabe tanto assim, por que é que não vem para cá ajudar-me? É fácil ficar sentado aí em Nova York e dizer que precisamos de filmes! Mas ficar aqui pegando no rabo do foguete é coisa muito diferente!

— Posso ir para aí neste instante, se você quiser!

— Então venha! Quero que veja com seus próprios olhos os problemas com que eu luto! Talvez tenha então alguma consideração pelo que eu faço. Quando pode sair daí?

Johnny pensou rapidamente. Precisava de algumas semanas para limpar a mesa. Acrescentou mais um pouco para evitar surpresas.

— Digamos, lá para o Ano Novo.

— São quase cinco semanas. Está bem.

Houve um momento de silêncio dos dois lados do fio. Afinal, Peter disse:

— Fico muito satisfeito de que você venha, Johnny. Será como nos velhos tempos. Nós sempre trabalhamos juntos quando as coisas estão difíceis.

— Só desejo é que eu realmente possa ajudar — disse Johnny, cheio de sinceridade.

— E pode, Johnny. Você sabe que pode. Vou dizer a Esther que você vem que é para ela preparar o seu quarto.

— Diga a ela que faço também questão de comer ynedloch e canja.

— É claro!

Disseram mais algumas palavras e Johnny desligou pensativamente. Olhou pela janela. Começara a nevar fracamente e a rua já estava toda branca. Levantou-se, foi até ao armário e apanhou o chapéu e o sobretudo.

Chegou à rua, pensando na situação. Peter parecia cansado desde que voltara da Europa. Havia trabalhado muito, ali. A Magnum Filmes se estendia já pelo mundo inteiro. Tinha escritórios na Inglaterra, França, Itália, Alemanha, Bélgica, Áustria, Suíça, Espanha e em todos os pequenos países de que podia lembrar-se. Haviam instalado companhias e escritórios na Ásia, no Oriente Próximo e na América do Sul. A Magnum possuía a melhor rede de distribuição estrangeira de toda a indústria e um só homem havia feito quase tudo isso: Peter.

Não era de admirar que estivesse cansado. Trabalhava dezoito horas por dia. Não se poupava um só momento e voltava para encontrar um estúdio em declínio. Era muito para um homem só, mas Peter dera conta de tudo. E ainda tivera tempo de pensar em Johnny.

Johnny olhou para as pernas. Quem não soubesse qual era a perna verdadeira e a artificial não poderia distingui-las. Por mais ocupado que estivesse, Peter havia tomado todas as providências para mandar aquele alemão resolver o seu problema. Não se trabalhava para um homem assim; servia-se a esse homem com veneração.

A rua não estava tão fria quanto Johnny havia pensado. Rocco já estava com o motor do carro em funcionamento. Johnny entrou no banco da frente ao lado de Rocco. Olhou para trás e viu Jane.

— Tudo bem, Jane? Ela bateu com a cabeça.

— Que é que o velho queria? — perguntou Rocco, logo que saiu com o carro.

— Quer que eu vá até lá dar-lhe uma mão. Rocco nada disse. Johnny olhou-o e perguntou:

— Que é que há com você?

— Nada...

— Uma viagem para a Califórnia será bem agradável nesta época do ano — murmurou Johnny.

Rocco permaneceu calado, atento à direção.

— Que é que há com você, Rocco! Não quer ir?

Rocco resmungou alguma coisa que Johnny não compreendeu. Johnny tirou um maço de cigarros do bolso. Colocou um cigarro na boca de Rocco e acendeu-o, depois o seu. Fumou durante alguns momentos em silêncio. Todos andavam muito nervosos ultimamente, até Rocco que em geral era tão calmo. Mas aquela viagem à Califórnia faria dele com toda a certeza um novo homem.

O carro parou diante do teatro. Rocco voltou-se para ele.

— Você e Jane podem saltar. Vou procurar um lugar para deixar o carro e já volto.

Saíram do carro e viram-no afastar-se.

— Que é que há com ele, Jane? — perguntou Johnny.

— Não sabe? Ele está assim há algum tempo. Pensei que houvesse notado.

— Notei, sim, mas julguei que fosse alguma indisposição passageira. Jane ia dizer mais alguma coisa, mas nesse momento Rocco apareceu e entraram todos no teatro.

Jane riu.

— Parece estranho nós irmos ver uma peça em que Warren Craig trabalha depois de tudo o que aconteceu.

— Seria ainda mais estranho se ele soubesse que nós estamos aqui. E gostaria até de saber o que ele faria se fôssemos ao camarim cumprimentá-lo.

— Segundo estou informado — disse Rocco —, ele provavelmente os botaria porta afora!

# 2

Os aplausos redobraram enquanto o pano se levantava lentamente. Warren Craig apareceu na boca de cena. Quase insensivelmente, Johnny bateu palmas com o resto da plateia. Olhou para Jane e viu que também batia palmas.

Ela notou o olhar e fez-lhe uma careta.

— Continuo a não gostar dele, Johnny, mas...

— Eu sei, Jane. É um patife, mas é um grande ator.

Os anos não haviam tratado mal Warren Craig. Estava mais amadurecido, mas não perdera nada do encanto natural da sua mocidade. Estava mais equilibrado e com a voz mais rica e mais expressiva.

O pano desceu. Os aplausos se extinguiram e os espectadores começaram a sair do teatro.

Johnny continuava sentado.

— Não quer ir ainda, Johnny? — perguntou Jane.

Ele a olhou como se não compreendesse e Jane perguntou, desconfiada:

— Em que é que você está pensando, Johnny?

— Você já sabe o que é — disse ele, com um sorriso de colegial apanhado em falta.

— Não, Johnny! Outra vez, não!

— Outra vez sim, Jane. Ele é bom demais para ser dispensado. Precisamos de um homem assim.

— Ele nem vai falar com você, Johnny!

— Não custa nada tentar. Quer vir comigo?

— Eu, não! Você pode ter esquecido o que eu e Sam fizemos com ele, mas aposto que ele não esqueceu!

Johnny voltou-se para Rocco e perguntou:

— Você se importa se eu lhe pedir que leve Jane para casa?

— Claro que não me importo! — respondeu Rocco, sorrindo.

— Posso muito bem ir para casa sozinha — disse Jane. — Rocco irá com você.

Johnny sabia o que ela estava pensando.

— Não se preocupe comigo, Jane — disse ele, batendo na perna artificial. — Já posso andar perfeitamente.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Quando chegaram à rua, Jane disse a Rocco: — Você pode não acreditar, mas fico preocupada de deixá-lo sozinho.

— Não se preocupe mais com ele. Já pode andar perfeitamente — disse Rocco, que, depois de um momento de silêncio, acrescentou: — Johnny não precisa mais de ninguém para cuidar dele. Aliás, estou começando a não saber mais o que estou fazendo aqui.

— Que ideia, Rocco! Você está prestando um grande serviço. Johnny não pode passar sem você.

— Não estou tão certo disso assim — disse ele, olhando para ela, que percebeu então o seu olhar angustiado.

Pôs involuntariamente a mão no braço dele e notou a tensão que isso provocou imediatamente nele. Pouco a pouco, ele se foi acalmando à medida que caminhava. Ao fim de algum tempo, ela perguntou:

— Que é que o está preocupando, Rocco? Você não é mais o mesmo.

Ele a olhou prontamente e viu a sinceridade que se derramava dos olhos dela, ansiosa para que ele tivesse confiança nela e lhe dissesse tudo.

— Nada — murmurou ele. — Não me estou sentindo bem. É só isso.

Uma súbita mágoa passou pelo rosto de Jane ao ver-se assim repelida e isso provocou estranhamente intensa alegria em Rocco. Até então, ele se sentia sozinho e rejeitado, mas de repente esse sentimento se extinguira, nem ele mesmo sabia por quê. Parou de repente e perguntou:

— Você está mesmo interessada?

Ela baixou os olhos e respondeu meigamente:

— Você sabe que estou, Rocco.

Rocco sentiu-se empolgado por um novo e estonteante entusiasmo. Deu-lhe a mão e continuaram a andar. Era curioso que nada do que o estava preocupando parecesse ter mais importância. Era tão bom sentir o contato da mão dela.

— O carro está aqui perto, Jane. Ela sorriu, sem nada dizer.

Gostou do sorriso dela, sabendo que até então ela nunca lhe havia sorrido assim. Talvez não interessasse mais o que ele sentia dantes, mas seria bom falar sobre isso até chegarem em casa.

Johnny entrou no camarim repleto. O teatro era outro e o camarim era maior, mas tudo recordava a Johnny o que acontecera da outra vez.

Craig estava tirando a pintura e observando pelo espelho quem estava presente. Ali, do mesmo modo que no palco, ele era o centro de todas as atenções.

Johnny tinha certeza de que Craig o vira entrar, mas desde que não tinha dado sinais de reconhecimento, foi sentar-se numa cadeira bem nos fundos, acendeu um cigarro e ficou olhando o que acontecia.

As pessoas eram sempre as mesmas, parecia que nunca mudavam. Quando, afinal, Craig se levantou, todos correram para ele. As mulheres deram-lhe programas para autografar. Outras pessoas sorriram e proferiram palavras de elogio. Para todos, Craig tinha um sorriso e uma frase agradável. Estava evidentemente no seu elemento.

Desinteressado do que se passava no camarim e que, pelo visto, ainda ia demorar um pouco, Johnny olhou para a porta, além da qual se via o corredor para o qual se abriam os outros camarins. De um deles, estava saindo uma mulher, que vinha para o camarim de Craig. À luz fraca do corredor, havia alguma estranha fluidez no seu andar profundamente feminino. Johnny teve a impressão de ver, através do vestido justo que ela usava, os músculos ondulantes das coxas, os contornos dos seios.

Quando ela apareceu sob as luzes intensas do camarim, teve a impressão de estar vendo outra pessoa. Era uma moça de cabelos cor de mel que se derramavam até aos ombros. Piscou um instante os olhos para habituá-los à luz mais forte do camarim. Dirigiu-se então através da multidão para onde estava Craig.

Johnny seguiu-a involuntariamente com os olhos. Havia sem dúvida uma qualidade magnética naquela pequena. Johnny não sabia a princípio o que era, mas logo compreendeu. A moda do tempo exigia corpos bem magros e cabelos cortados quase como de homem. Ela não obedecia a nenhuma dessas

exigências. Era esbelta, mas inconfundivelmente feminina, e usava os cabelos em longas ondas louras.

Johnny ouviu-a falar de onde estava e notou que a voz era profunda e cheia. Como era bem empostada, não havia dúvida de que trabalhava no teatro.

— Warren, Cynthia mandou dizer que vai demorar um pouco — foi o que ela disse.

— Não faz mal, Dulcie — disse Craig. — Esperarei por ela. A moça saiu, de volta ao camarim do qual saíra. De novo a luz do corredor transformou-a noutra pessoa sem que o seu encanto diminuísse por isso.

"Ela me daria umas boas bofetadas se soubesse o que estou pensando", disse Johnny consigo mesmo, sorrindo.

A gente que enchia o camarim estava começando a sair. Johnny acendeu outro cigarro, preparando-se para uma paciente espera. Mas não teve de esperar muito. Dai a alguns minutos, o camarim estava vazio e Craig vinha na sua direção. Levantou-se lentamente.

Olharam-se em silêncio durante alguns momentos e afinal Craig estendeu-lhe a mão.

— Alô, Johnny.

— Alô, Warren — respondeu Johnny, apertando-lhe a mão.

— Sabe que nunca esperei vê-lo aqui? — disse Craig, sorrindo.

— Eu também nunca esperei vir aqui, Warren. Mas acontece que assisti ao espetáculo e não pude deixar de vir aqui dizer-lhe quanto gostei.

— Fico muito satisfeito com isso, Johnny. Tive muitas vezes vontade de procurá-lo para pedir-lhe desculpas, mas nunca tive oportunidade. Tenho observado o progresso da sua companhia com sincero prazer.

Podia-se perceber a sinceridade com que falava. Johnny sabia instintivamente que Craig não estava representando.

— É muito bom você pensar assim, porque o que me traz aqui é o mesmo que me trouxe da outra vez.

— Sempre o mesmo Johnny — exclamou Craig, dando uma gargalhada.

— Sou mesmo um homem de ideias fixas — disse Johnny. — Não se esqueça de que ainda me deve um filme.

— Não sei se posso, Johnny. Afinal de contas, a minha opinião a respeito do cinema é bem conhecida.

Johnny sabia qual era a opinião dele. Depois de haver deixado de cumprir o contrato relativo ao Bandido, Craig dissera repetidas vezes de público que o cinema não era suficientemente importante para merecer-lhe o interesse.

— Sei perfeitamente disso, mas os tempos mudam e você pode sempre mudar de opinião. Os Barrymores vão fazer cinema e você também pode.

Sei que isso não tem a menor importância, mas a verdade é que você pode ganhar tanto dinheiro num mês de trabalho no cinema quanto o que você ganha em todo um ano no teatro.

Craig pareceu interessado. A peça em que estava trabalhando se achava já nas suas últimas representações. Mantinha-se havia um ano no cartaz e ele não tinha planos para o futuro.

— Quer saber de uma coisa, Johnny? — disse ele. — Venha cear comigo e nós conversaremos sobre o assunto. Você me dirá o que tem em mente e, embora não esteja prometendo nada, ouvirei o que você disser.

— Muito bem, Warren. Não peço mais do que isso. Se pudermos entrar em entendimento agora, nós ambos esqueceremos o que aconteceu.

— Lá está você mexendo com o punhal na ferida — murmurou Craig, mas não havia o menor rancor nas suas palavras.

Johnny sorriu e viu-o pegar o chapéu e o sobretudo, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Vamos pegar Cynthia no camarim dela.

— Espere aí! — exclamou Johnny. — Não quero atrapalhar nada!

— Não seja bobo, rapaz — disse Craig, rindo. — Você não vai atrapalhar coisíssima nenhuma. Cynthia e eu sempre ceamos juntos depois do espetáculo. E, para dizer a verdade, a sua presença será ótima. Minha prima Dulcie vai cear conosco. Ela tem muita vontade de ser atriz, e, embora minha mulher e eu procuremos tirar-lhe isso da cabeça, ela gostará muito de conhecer um magnata do cinema, como você.

Johnny teve um instante de surpresa, mas lembrou-se de haver lido no programa que, durante a permanência da peça em cartaz, Craig e a artista principal se haviam casado. Estendeu-lhe a mão.

— Desculpe. Quase que me esquecia de que era recém-casado. Parabéns!

— Obrigado, Johnny.” Vamos!

Johnny apanhou o chapéu e o sobretudo na cadeira onde os deixara e quase caiu, pois fizera um movimento muito brusco.

Craig amparou-o com os braços e disse, sorrindo: — Sentiu alguma câimbra ou tomou um copo além da conta?

— Nada disso — respondeu Johnny. — E eu bem que gostaria que fosse uma dessas coisas. Perdi uma perna na França.

A fisionomia de Craig mostrou imediatamente um ar de compunção.

— Perdoe-me, Johnny. Sempre cometo essas gafes, mas a verdade é que não sabia.

— Não tem a menor importância. O mais interessante sobre esta perna mecânica é que às vezes até eu me esqueço.

# 3

Chegou ao escritório assobiando. Jane olhou-o, surpresa. Havia muito não o via tão contente.

— Como correram as coisas ontem à noite? — perguntou. — Ele já assinou o contrato?

Johnny parou diante da mesa dela com um sorriso de felicidade no rosto e respondeu.

— Não. Fomos cear juntos, mas ele não se interessou. Há alguma coisa especial agora de manhã?

— George Pappas está no seu gabinete à sua espera. Marcou hora para ele às nove, lembra-se?

Johnny olhou para o relógio. Quase dez horas. Havia-se esquecido por completo. Encaminhou-se às pressas para o gabinete. Georges Pappas estava lá e se levantou ao vê-lo.

— George, desculpe o meu atraso. Não tive a menor intenção de fazê-lo esperar, mas acontece que dormi demais.

— Não tem importância, Johnny. É bom às vezes dormir um pouco mais.

Johnny sentou-se à sua mesa e perguntou:

— Como vão as coisas?

— Muito bem, bem demais, Johnny. Já estou começando a ficar nervoso.

— Como assim, George?

— Veja você — disse ele, sentando-se na cadeira diante da mesa de Johnny. — Os jornais publicam todos os dias notícias sobre construção e venda de novos cinemas. Os preços estão subindo também. Há dois anos, um cinema de 1.200 lugares custava 30 mil dólares. Hoje, o mesmo cinema custa quase o dobro.

— E que mal há nisso, George? Na minha opinião, o que acontece é que nossas propriedades valem duas vezes mais do que pagamos por elas.

— Pode ser, desde que o número de casas se mantenha o mesmo. Mas, dentro em pouco, haverá tantos cinemas que o preço começará a baixar.

Johnny inclinou-se para a frente, subitamente interessado. O raciocínio de George era evidentemente lógico. Tudo estaria bem enquanto houvesse falta de cinemas, mas que aconteceria quando houvesse mais cinema do que gente para enchê-los?

— Qual é a sua ideia, George?

— Temos atualmente mais de duzentos cinemas — disse George, pesando bem as palavras. — Creio que ainda durante alguns anos darão resultado. Depois disso... quem sabe?

— E daí?

— Daí, estou pensando que seria bom fazer um exame cuidadoso de todos os nossos cinemas para ver os que têm chances de continuar a dar resultado e vender os outros enquanto o preço ainda está alto.

Johnny acendeu um cigarro e disse:

— Não sei se Peter vai gostar disso. Ele tem muito orgulho da cadeia de cinemas com o nome da Magnum.

— Peter deve compreender que às vezes o melhor molho do mundo pode ficar frio, insípido e capaz de fazer mal ao estômago.

— E se ele não quiser vender?

— Pensamos nisso também, meu irmão Nick e eu. Se ele não quiser vender, talvez queira comprar a nossa parte.

Johnny ficou pensativo, olhando para George.

— Acha então que vai haver crise mesmo?

— Crise não digo, mas sem dúvida vai haver uma queda.

— Já sabe quais são os cinemas que devem ser vendidos? George abriu uma pasta e tirou um maço de papéis.

— Isto aqui é uma análise minuciosa de todos os nossos cinemas. Os cinemas que devemos vender e os motivos para isso estão escritos em tinta vermelha.

Johnny pegou os papéis e folheou-os demoradamente. Quando acabou, olhou para George.

— É mais da metade.

— Cento e quinze — disse George.

— Se resolvêssemos vendê-los, quem poderia comprar tantos cinemas de uma só vez?

— Talvez Loew, talvez Proctor. Pode ser até que Borden se interesse. Ele está aumentando rapidamente a sua cadeia de cinemas.

— Quanto acha que conseguiremos por eles?

— Quatro milhões de dólares se vendermos todos juntos. Talvez mais, se vendermos parceladamente.

Johnny recostou-se na cadeira. Metade do que recebessem pelos cinemas seria a parte da Magnum. Calculou o que haviam pago por eles e chegou à conclusão de que o lucro só para a Magnum andaria perto de um milhão de dólares. O lucro de George seria outro tanto. Não era de admirar que ele quisesse vender os cinemas. Não é todos os dias que se pode conseguir um milhão de dólares.

— Vamos fazer uma coisa, George — disse ele por fim. — Vou para o estúdio daqui a algumas semanas e falarei com Peter, lá. Quando voltar, direi o que ele acha. Certo?

— Certo. Não há pressa. Temos um ano inteiro para decidir, talvez dois. Trata-se apenas de uma precaução.

Johnny levantou-se, deu volta à mesa e chegou à cadeira de George.

— Compreendo perfeitamente. Você está sendo honesto conosco, como velho amigo que é.

— Claro, Johnny. Para que é que servem os velhos amigos senão para isso? Vocês me ajudam e é natural que eu os ajude.

Viu George sair e voltou para a sua mesa. Teria sido muito fácil a George vender a sua parte na sociedade no mercado aberto sem falar previamente com eles. Daria assim a alguém a oportunidade de entrar para a companhia de cinemas da Magnum da mesma forma pela qual Farber quisera entrar. Uma expressão de desgosto contraiu o rosto de Johnny ao pensar em Farber.

Fizera muito bem em desembaraçar-se dele. Não tinha sabido exatamente até que ponto Farber se enraizara na organização. Quase todo o pessoal dos cinemas fora contratado por éle e fizera também muitas ligações com o pessoal da companhia.

Só depois da saída de Farber foi que Johnny percebeu a extensão e a profundeza das suas atividades.

Pegou o telefone e perguntou a Jane se Rocco, que fora estacionar o carro, já havia chegado.

— Chegou neste instantinho.

— Diga-lhe que quero falar com ele. Daí a pouco, Rocco entrou na sala.

— O que há, chefe?

— Vá a um bom florista e escolha uma dúzia das melhores rosas... Uma dúzia não, duas dúzias. E mande-as para a Srta. Dulcie Warren, no Plaza, com o meu cartão.

Rocco olhou-o cheio de surpresa, mas logo se recuperou.

— Está muito bem, chefe.

— Entendeu tudo direito, Rocco?

— Entendi, sim, Johnny. Dulcie Warren, no Plaza. Duas dúzias de rosas com o seu cartão.

— Isto mesmo — disse Johnny, satisfeito.

Rocco saiu, fechando a porta, e foi diretamente à mesa de Jane.

— Que foi que houve com ele ontem à noite, Jane?

— Não sei. Entrou aqui assobiando e quando perguntei se Craig havia assinado contrato, disse que não. Depois, foi conversar com Pappas, que estava à espera dele. Por quê?

— Sabe o que ele me mandou fazer?

— Não. O que é?

— Quer que eu mande flores para uma pessoa no Plaza. Duas dúzias de rosas, veja lá, para a Srta. Dulcie Warren, no Plaza. Quem é ela?

— Não sei. Nunca ouvi falar nesse nome. Rocco olhou então para ela, num desafio.

— Então eu estava errado quando lhe disse que ele só precisa de mim para ser moço de recados? É só “Rocco, vá buscar o carro”, “Rocco, pegue ali minha pasta”. Acha que chega? Não! Quer agora que eu vá comprar flores para ele mandar para uma mulher. Jane, não passo aqui de um criado e isso não me agrada!

— Fale mais baixo, Rocco. Ele pode ouvir!

— Que me importa?

Ela nada disse. Limitou-se a olhá-lo, suplicantemente. Nada podia dizer. Na noite passada, Rocco abrira o coração para ela, dizendo-lhe que havia hesitado antes de aceitar o emprego, pois tinha receio de que acabaria transformado em criado de Johnny.

“Acho que será melhor eu voltar para o meu velho lugar na barbearia”, tinha ele dito. “Ao menos, ali, estarei exercendo uma profissão e não serei lacaio de ninguém”.

Ela havia dito que não era bem assim, que ele estava errado. Tinha certeza de que, no momento em que pensasse nisso, Johnny daria a Rocco um emprego de verdade. Ele havia rido. “Para fazer o quê?” Não entendo nada de cinema. Que é que me poderiam dar?”

E ela não tinha sabido o que responder. Mas alguma coisa havia nascido entre eles na noite anterior. Quando ele lhe havia pegado a mão, ela se sentira reviver. Não era mais uma mulher sozinha, com um filho, mas sem um homem para completá-la. Quando Rocco havia parado o carro diante da porta dela, ela se voltara impulsivamente para ele e o beijara. Ele passara os braços em torno dela e tornara a beijá-la. “É assim mesmo?”, perguntara ele com voz bem terna. “É assim mesmo”, respondera ela suavemente.

Havia subido para o seu apartamento cantarolando. Fora até à caminha do filho e cobrira o menino, sem parar de sorrir. Sentia-se de novo contente e jovem.

Johnny havia chegado ao escritório, assobiando. Sentia-se ela própria tão feliz que não dera importância àquele assobio. Agora, diante do que Rocco lhe dizia, compreendia tudo e sentiu um aperto no coração. Doris ia sofrer muito. Jane sempre havia esperado que, quando Johnny voltasse ao normal, procurasse de novo Doris e tudo ficasse resolvido entre os dois.

Mas as coisas haviam acontecido imperceptivelmente. Ela devia ter visto. Desde que começara a caminhar com a sua perna artificial, Johnny voltara a ser de dia para dia o mesmo Johnny de antigamente. À medida que a confiança lhe voltava, ele recuava para o seu velho eu, egoísta e determinado. Para ele só havia no mundo, o cinema e a sua pessoa. Era só nisso que ele pensava antigamente. Era só nisso que voltara a pensar.

— Como é mesmo o nome da moça? — perguntou a Rocco. Quase num suspiro.

— Warren. Dulcie Warren.

Já o nome não lhe agradava. Era muito rebuscado, muito bonitinho, muito feminino. Sabia que não gostaria da pessoa, antes mesmo de conhecê-la.

# 4

Dulcie gostava das agulhas da ducha no corpo. Havia mulheres que gostavam de banho de banheira. Ela, não. Gostava era de sentir as picadas da água na carne. Isso a estimulava e fazia-a sentir-se viva. Levantou o corpo e deixou a água bater nos seios. Sentia quase o sangue circular ativamente pelas veias e, baixando o olhar, viu os bicos dos seios se espetarem lentamente sob o estímulo da água. Era quase como se as mãos de um amante a afagassem. Riu alto. Gostava do seu corpo. Tinha orgulho dele.

As outras mulheres podiam ter, se quisessem, corpo de rapaz. Ela, não. Tinha um corpo de mulher de verdade e queria que todos soubessem disso. Sabia perfeitamente que o fato não era ignorado. Sempre que entrava numa sala, sabia que os olhos dos homens se voltavam automaticamente para ela. O tempo desses olhares dependia do fato de estarem ou não sozinhos. Se estivessem com as esposas ou as namoradas, viravam os olhos apressadamente e limitavam-se a olharem de relance pelo canto dos olhos. Quando estavam sozinhos, olhavam-na

demoradamente com desejo intenso que não procuravam disfarçar. Gostava de que os homens a olhassem assim.

Na escola, tinha sido assim também. As colegas perceberam logo o seu poder de atração e tinham receio de deixar que os namorados a vissem. Que idiotas! Que é que lhe interessava os namorados delas. Eram apenas garotos, ao passo que ela estava destinada a ser uma grande atriz.

Nascera para isso. Toda sua família trabalhava no teatro desde que a sua memória alcançava e antes disso. O pai dela havia trabalhado no palco em companhia da irmã, que era a mãe de Warren Craig. Este lhe havia falado muitas vezes da união das duas maiores famílias do teatro americano, os Warrens e os Craigs. Todos os nomes de importância no palco tinham estado presentes, os Colts, os Drews, os Barrymores, os Costellos, todos. E Warren Craig era o único filho do casal. Recebera o nome de Warren em honra da família da mãe. No dia do batizado, o pai dissera orgulhosamente: “Um dia, o nome dele será o maior do teatro!” E isso já era quase verdade.

Era por isso que não compreendia por que queriam mantê-la afastada do palco. Desde criança, gostava de representar.

A sua vida no lar tinha sido uma luta constante para ocupar o centro do palco. E ocupava-o, embora às vezes fosse suplantada pelo pai e, muito raramente, pela mãe. A coitada não tinha a menor capacidade de resistir a eles dois. A única grande cena que lhe permitiram foi ao lado do leito de morte da mãe, mas, ainda assim, o pai tentara roubar-lhe a cena com alguns momentos de verdadeiro canastrão.

Lembrava-se bem de tudo, embora nessa época tivesse apenas onze anos. O quarto estava escuro e em silêncio. De repente, o pai prorrompera em soluços e descansara a cabeça na cama. “Não me deixe sozinho, querida”, dissera ele em voz queixosa e sofrivelmente declamada. “Não me deixe sozinho!” As outras pessoas que estavam no quarto, o médico, a enfermeira e a empregada, viraram o rosto para o lado, emocionadas. Ela então dissera para só ser ouvida por ele, sem que os outros percebessem alguma coisa. “Está exagerado o tom, Papai.” Ele havia voltado a cabeça prontamente e dissera: “Eu sei, meu bem, mas é assim que sua mãe gosta”.

O teatro lhe estava na massa do sangue e ela nada podia fazer contra isso. Nascera para o teatro, do mesmo modo que outras pessoas nascem com inclinação para a pintura ou para a música. Viera para Nova York na esperança de que o primo Warren lhe desse uma oportunidade, Mas não havia contado com a nova mulher do primo Warren.

Logo que Cynthia Craig botou os olhos em Dulcie, teve vontade de gritar por socorro. Aquela cocote inata não era sem dúvida Uma presença ideal

na residência de um casal que ainda estava na fase da lua-de-mel. Mas nada pôde fazer. Warren declarou que Dulcie podia ficar na casa dele o tempo que quisesse. E ela ia ficando.

Cynthia ainda tentara conseguir alguns papéis para Dulcie em companhias que iam excursionar pelo interior, mas Warren se mostrara categoricamente contrário. “Isso não serve para ela”, havia ele dito. “Ela precisa primeiro de um bom curso de arte dramática e é isso que eu vou conseguir para ela.”

Olhando para Dulcie, Cynthia pensou que uma pequena com aquele corpo não devia tentar o drama e, sim, ir diretamente trabalhar com Ziegfeld, que saberia o que fazer com ela. Tirar-lhe-ia 90% da roupa e a mandaria aparecer assim no palco. Mas Cynthia se esquecia de um fato importante: Dulcie sabia representar e só precisava era de uma oportunidade.

Afinal, Cynthia cedeu e deu alguns conselhos a Dulcie, “Você não teria qualquer dificuldade em conseguir um papel se emagrecesse um pouco e cortasse esses cabelos. Deixaria assim de parecer uma pequena do passado e algum produtor poderia mostrar-se disposto a dar-lhe uma oportunidade.”

Dulcie a havia olhado desdenhosamente. Correu os olhos de alto a baixo pelo corpo delgado de Cynthia. Depois, levantou a cabeça, deixando os cabelos dourados brilharem à luz, e disse: “Gosto de mim como eu sou”.

Naquele momento, estava gozando a água do chuveiro. De repente, virou a cabeça para o lado, escutando. O telefone estava tocando. Esperou um instante que alguém atendesse, mas se lembrou de que estava sozinha no apartamento, pois a empregada havia saído. Com um suspiro de enfado, estendeu a mão e fechou a torneira.

Embrulhou-se numa toalha e foi até à sala de estar para atender ao telefone,

— Alô?

— Dulcie? — perguntou uma voz.

Reconheceu imediatamente a voz, mas não quis dar a perceber isso.

— Sim, sou eu.

— Quem fala é Johnny. Quais são os seus planos para o jantar, hoje à noite?

Johnny Edge era interessante, mas nada tinha de sensacional. Só entedia de filmes. Não compreendia absolutamente os sentimentos dela em relação ao teatro. Havia saído com ele várias vezes e ele lhe mandara flores todas as vezes que tinham um encontro, mas não sentia a menor vontade de vê-lo naquele dia.

— Oh, Johnny, por que não telefonou mais cedo? — perguntou ela em tom de censura. — Estou acabando de falar com uma velha amiga a quem venho

prometendo visitar há tanto tempo que não pude mais adiar.

— É uma pena. E amanhã?

— Cynthia e Warren podem ter combinado alguma coisa. Por que não telefona amanhã?

— É o que eu vou fazer — disse ele com voz mais satisfeita. — Até amanhã, Dulcie.

— Até amanhã, Johnny.

Desligou e ficou pensando na desculpa que iria arranjar para dar a Johnny no dia seguinte. De repente teve um sobressalto. Alguém havia entrado na sala e a estava olhando. Virou os olhos. Era Warren.

Apertou a toalha que se havia aberto um pouco enquanto ela falava ao telefone.

— Warren! Você me assustou!

— Nisso eu não acredito — disse ele, rindo. — Nada é capaz de assustá-la. Nem mesmo Cynthia.

Ela o olhou, mostrando surpresa. A voz de Warren estava um pouco enrolada, o que mostrava que ele devia ter tomado alguns coquetéis.

— Que é que quer dizer com isso? — perguntou ela, inocentemente.

Ele riu. — Não precisa representar para mim, Dulcie. Eu vejo como você e Cynthia procedem uma com a outra. Creio que ela tem um pouco de medo de você.

Dulcie sorriu e levantou-se. Podia ver que ele lhe estava olhando as pernas que saíam de baixo da toalha. Sabia o que queria dizer aquele olhar e teve prazer com isso. Era a primeira vez que Warren a olhava daquele jeito. Sacudiu a cabeça.

— Não sei por que ela iria ter medo de mim. Nunca lhe dei qualquer motivo de preocupação.

— Não? Tem certeza? Afinal de contas, o simples fato de você andar pela casa assim seria bastante para ela ficar preocupada.

— Dulcie olhou-o firmemente. Não tirou a mão de Warren do seu braço. Respondeu calmamente:

— Ela não devia. Não há ninguém em casa. Encararam-se um instante e então Warren puxou-a para si.

Ela foi sem a menor resistência e estendeu os lábios para ele. A toalha caiu no chão quando ele a pegou nos braços e carregou-a para o seu quarto.

Ao chegar à porta, ela o fez parar por um momento.

— E Cynthia?

— Cynthia vai jantar com o agente dela — disse ele com voz rouca. — Vou-me encontrar com ela no teatro.

O quarto estava em silêncio. Lá fora, era quase noite. Dulcie virou-se na cama e disse: — Quero um cigarro.

Warren apanhou um maço de cigarros na mesinha de cabeceira. Acendeu o seu cigarro e depois chegou-o ao dela. Viu-a sentar-se na cama enquanto ela puxava a fumaça. Viu-lhe os seios erguerem-se contra a sombra da janela. Encostou a mão no corpo quente e firme de Dulcie. Ela levou a mão dele até sua coxa.

— Em que é que está pensando, Warren? — perguntou.

— Você sabe muito bem em que é que eu estou pensando. Desde que você apareceu aqui em casa, tinha medo de que isso acontecesse e, apesar de tudo, não deixei você ir-se embora.

Ela continuou a guiar a mão dele sobre o seu corpo.

— Mas agora aconteceu. Não há mais motivo para preocupações.

Ele acendeu o abajur da mesinha e olhou-a, espantado. O olhar dela era sereno e límpido. Não podia acreditar que, ainda poucos minutos antes, se tivesse agarrado a ele em tão apaixonado delírio.

— Não há motivo para preocupações! Quanto tempo acha você que pode ficar aqui sem Cynthia descobrir tudo!

— Cynthia não precisa descobrir nada...

— Acho que você a está subestimando, Dulcie. Ela não é nenhuma tola.

Levantou-se da cama e vestiu um robe.

— Você tem de sair daqui. E irá para o mais longe que for possível. Isso não vai acontecer de novo!

Ela tirou os olhos dele, baixou-os para a cama e perguntou com voz bem terna:

— Por que, Warren? Não gosta de mim?

— Eu? Ao contrário, é porque gosto demais! Vejamos — disse ele, indo até o espelho e penteando o cabelo. — Para onde é que eu posso mandar você?

Ela se levantou da cama, aproximou-se dele pelas costas e, passando-lhe os braços pelo corpo, meteu as mãos por dentro do robe.

— E se eu não quiser sair?

— Não conte com isso, Dulcie. Você vai embora! Ela beijou-lhe a nuca. ;

— Você é mau, Warren...

Ele se voltou e puxou-lhe a cabeça pelos cabelos, de modo que o rosto ficasse voltado para ele, e beijou-a.

— Mau, não, esperto. Assim não serve nem para mim, nem para você.

Voltou-se para o espelho, acabou de pentear o cabelo e disse:

— Com quem você estava falando ao telefone quando eu cheguei?

— Johnny Edge.

— Vocês dois têm-se visto muito, ultimamente, não?

— É verdade, mas eu já estou cansada dele. Só sabe falar sobre cinema. Acho que ele está gostando de mim, mas vou dar o fora nele. Está começando a me aborrecer.

Warren mostrou-se de repente interessado.

— Acha que ele gosta de você a ponto de querer se casar?

— Acho que sim.

— Por que então não se casa com ele? Johnny pode fazer muito por você. Ganha-se um bocado de dinheiro no cinema.

— Quero trabalhar é no teatro e não no cinema. Além disso, mesmo que ele não me aborrecesse, eu não me casaria com ele. É um aleijado.

— Não seja tola — disse ele, não tomando em consideração a última parte do que ela disse. — Não faz mal nenhum trabalhar no cinema. Pensa que eu não trabalharia também se não tivesse deixado circular uma publicidade contrária a isso?

— Quer então que eu me case com Johnny para ver-se livre de mim?

— Não, bobinha. Se você fosse casada, eu não teria mais de me preocupar com Cynthia. Ela pensaria que tudo estava certo!

Ela passou os braços pelo pescoço dele e beijou-o. Ficaram assim durante muito tempo. Depois, ela tirou os braços e foi para a sala. Warren a acompanhou, curioso. Ela foi até ao telefone e ficou esperando o sinal para discar.

— Para quem vai telefonar?

— Para Johnny. Convidou-me para jantar.

Ele tomou-lhe o fone da mão e colocou-o no gancho.

— Trate disso amanhã — disse ele, sorrindo. — Vou jantar hoje com uma mulher adoravelmente nua!

# 5

O telefone tocou na mesa de Jane e ela atendeu.

— Escritório do Sr. Edge.

Ouviu então uma voz de mulher, estranha, rouca e profunda.

— O Sr. Edge está?

Jane compreendeu quem era antes mesmo de perguntar.

— Quem deseja falar com ele?

— Dulcie Warren.

— Um momento — disse Jane impessoalmente. — Vou ver se ele pode falar agora.

Ligou a chave que fechava a extensão e tocou a cigarra, ouvindo-a soar na sala de Johnny. A voz dele chegou pelo fio.

— Que é, Jane?

— Uma tal Dulcie Warren está ao telefone. Quer falar?

— Claro! — disse ele com voz exultante. — Pode ligar!

Ela abriu a chave e disse com voz fria: — O Sr. Edge está ao telefone. Pode falar.

Poucos minutos depois, Johnny saiu da sala dele, com a felicidade estampada no rosto.

— Ao meio-dia, serei procurado aqui pela Srta. Dulcie Warren. Comunique-me imediatamente logo que ela chegar. Prometi mostrar-lhe os escritórios.

Ela tomou nota no seu bloco e perguntou sarcasticamente:

— Mais alguma coisa?

— Não — disse ele, voltando para a sua sala, sem notar o sarcasmo na voz dela. Jane ficou muito feliz quando um inesperado telefonema de Peter chegou no momento exato em que ela levava Dulcie para a sala de Johnny.

— Desculpe, disse ele, olhando para Dulcie. — Tenho de atender a esse telefonema. É do patrão. Jane, chame Rocco. Diga-lhe que a leve para ver os escritórios enquanto eu falo.

Quando Jane saiu da sala, ouviu Dulcie dizer a Johnny que não se importava de esperar. Nesse momento, fechou a porta e não pôde ouvir a resposta de Johnny.

O leve odor do perfume de Dulcie ainda pairava no ar enquanto Jane começou furiosamente a discar o telefone interno a procura de Rocco. Dulcie era exatamente o que Jane pensava que ela seria. Não era possível negar que Dulcie fosse bela.

Ela via perfeitamente por que Johnny era atraído por ela e instintivamente a detestava.

Encontrou finalmente Rocco no departamento de jornais. Quando ele chegou ao telefone, ela estava tão indignada que chegou a gaguejar, dizendo:

— Ela está aqui, Rocco.

— Ela quem?

— A tal, a moça a quem Johnny tem mandado flores. Johnny quer que você venha aqui imediatamente para fazê-la correr os escritórios.

Ele deu um assobio.

— Você está tão furiosa que ela deve ser um estouro!

— Não seja bobo, Rocco. Ela não significa nada para mim!

— Sei disso, Jane. Mas vou já para aí para ver como ela é!

O telefone foi desligado. A luz vermelha na mesa dela começou a piscar incessantemente. Isso significava que Peter se estava cansando de esperar. Tocou a cigarra. Não houve resposta de Johnny. Tornou a tocar.

Dessa vez, Johnny respondeu.

— Peter ainda está esperando — disse ela.

Ele hesitou por um momento e ela o ouviu dizer com a boca um pouco afastada do fone:

— Sente-se aí, Dulcie. Rocco não tarda. Em seguida, disse com a voz mais alta: —• Está bem. Pode ligar.

Ela fez a ligação no momento em que Rocco entrou no escritório. Ela apontou para o gabinete de Johnny e ele entrou, deixando a porta aberta.

— Rocco — disse Johnny — está é a Srta. Warren. Quer fazer o favor de mostrar-lhe tudo enquanto eu falo com Peter?

Jane não ouviu a resposta de Rocco, porque justamente nesse instante Peter entrou na linha.

— Alô, Johnny.

— Pronto, Peter — disse Johnny ao telefone.

Em seguida, Jane desligou a chave e largou o telefone.

Dulcie e Rocco entraram na sala dela. Rocco fechou a porta de Johnny e, com um estranho sorriso nos lábios, levou Dulcie até à mesa de Jane.

— Quero apresentar-lhe a Srta. Andersen, secretária de Johnny — disse Rocco, polidamente. — Srta. Andersen, está é a Srta. Warren.

Dulcie sorriu para ela. Jane julgou ver condescendência no sorriso e a sua antipatia por Dulcie aumentou.

— Prazer em conhecê-la — disse ela, com a maior insinceridade do mundo.

Rocco pegou o braço de Dulcie e saiu com ela pela porta. Alguns segundos depois, reapareceu, sozinho.

— Não é de admirar que Johnny esteja de cabeça virada — disse ele. — Que mulher! Queima o dedo só de encostar nela!

Jane o olhou desdenhosamente.

— Vocês, homens, são todos iguais.

Ele riu e disse:

— Só voltei para lhe dizer que não se preocupe comigo, meu bem. Serei fiel a você. Mas Johnny, coitado, esse está perdido!

# 6

Dulcie sabia que ele a estava olhando mas continuava com o rosto afastado dele, olhando os pares que dançavam. As luzes eram suaves, a música era doce e os pares deslizavam lentamente como se estivessem num mundo de sonho muito distante.

Estava pensando no que Warren lhe havia dito naquela manhã antes de Cynthia chegar à sala.

— Como vai você com o seu homem do cinema? — perguntou ele zombeteiramente.

— Tudo vai bem — respondeu ela. — Acho que está tentando criar coragem para fazer-me o pedido.

— É melhor você agir com mais eficiência e encanto sobre ele, meu bem, pois do contrário o peixe fugirá do anzol. Li nos jornais que ele vai para a Califórnia amanhã.

A voz de Johnny interrompeu-lhe os pensamentos.

— Dulcie...

Ela se voltou e olhou para ele com os olhos mais brilhantes.

— Que é, Johnny?

— Acho que você não se diverte muito vindo a um destes lugares comigo.

Ela sabia o que ele estava querendo dizer e sentiu de repente uma inexplicável pena dele. Pousou a mão sobre a dele e disse suavemente:

— Não é assim, Johnny. Se eu não quisesse sair com você, não estaria aqui.

— É muita bondade sua ter passado tanto tempo comigo nestas últimas semanas — disse ele, com os olhos baixos.

Ela conteve um sorriso.

— Fiz isso porque quis, Johnny.

Ele continuou com a voz ainda humilde.

— Você nem faz uma ideia do que isso tem representado para mim. É difícil compreender o que uma pessoa como eu sente. A gente vê os outros viverem, divertirem-se enquanto se fica de lado, sem jamais participar. A sua bondade me tem feito sentir que também estou participando.

"Que imbecil!" pensou ela irritadamente. "Por que ele não desembucha logo e acaba com isso?" O que ela não podia compreender é que ele se sentia com direito a pedir-lhe o que tanto desejava.

E nada de ele dizer o que interessava! Perguntou com surpresa:

— Sentirá falta de mim?

— Sim. Já se esqueceu? Embarcarei amanhã para a Califórnia.

— Oh! Johnny — disse ela, desta vez com sincera decepção. — Você tem mesmo de ir?

— Tenho. É uma viagem de negócios.

Ela virou a cabeça zangada e ele gostou do jeito pelo qual os olhos dela fuzilaram.

— Penso às vezes que é só por isso que você se interessa. Negócios! O seu mal é não saber descontrair-se e divertir-se.

Ele sorriu para ela.

— Quem é como eu não é feito para divertir-se. Tudo o que pode fazer é trabalhar.

Ela se inclinou para a frente, com o rosto bem junto ao dele.

— Já chega de ter pena de si mesmo, Johnny! Você não é diferente dos outros! O que aconteceu foi um acidente e não faz muita diferença para ninguém, não devendo também fazer para você.

Depois de dizer isso, fechou os olhos, esperando que ele fosse beijá-la e certa de que aquilo resolveria tudo.

Mas ele se limitou a dar-lhe um aperto de mão e continuar a falar. Ela abriu os olhos, sentindo-se um pouco ridícula.

— É muita bondade sua dizer isso, Dulcie — dizia ele. — Nunca me esquecerei disso!

Em seguida, olhou para o relógio, e exclamou:

— Não fazia ideia de que já fosse tão tarde! Vamos saindo?

Por um momento, ela se sentiu dominada pela raiva. Será que ele pensava que podia brincar com ela? Mas, no mesmo instante, a raiva desapareceu. Ele era sincero no que dizia e tinha receio de servir de estorvo a ela. Tirou o batom da bolsa e disse:

— Um minuto, que eu já vou.

Fizeram a viagem toda de táxi em silêncio. Johnny pagou ao motorista e entrou com ela no edifício. Em silêncio, esperaram o elevador e subiram para o apartamento dela.

Johnny esperou enquanto ela abria a porta e chegou com ela ao hall. Havia ali uma luz fraca que lhes iluminava vagamente os rostos.

— Adeus, Dulcie — disse ele, estendendo a mão.

— Vai demorar muito por lá, Johnny? — disse ela, segurando-lhe a mão.

— Até março.

— Oh! É muito tempo.

— Não é tanto assim, Dulcie. Virei vê-la logo que voltar.

— Talvez não me encontre mais — disse ela, com voz chorosa. — Warren quer que eu volte para casa e desista da minha ideia de trabalhar no teatro.

Ele refletiu um pouco e disse com voz firme:

— Talvez Warren esteja certo. É uma vida muito dura. Ela virou para ele o rosto que à meia-luz brilhava com íntima incandescência.

— Não, sei que ele está errado! — exclamou ela, com absoluta sinceridade. — Mas nada posso fazer. Terei de voltar para casa.

Ele pegou-lhe o queixo, levantou-lhe a cabeça e disse:

— Não fique desanimada, Dulcie. Quando a gente quer realmente uma coisa, acaba conseguindo.

— Acha mesmo, Johnny? Quero ser atriz, uma grande atriz! Acha que vou conseguir?

— Vai, sim. Basta você querer.

Ela passou os braços pelo pescoço dele e beijou-o. Johnny quase caiu de surpresa. Em seguida, abraçou-a também e ela apertou o corpo de encontro ao dele.

— Não sei o que vai ser de mim sem você — disse-lhe ela ao ouvido.

Ele se afastou de repente dela, com súbita consciência do seu defeito físico. A razão lhe dizia friamente que ela não podia estar interessada nele, um homem de uma perna só. O que ela podia sentir mesmo dele era pena.

— Já vou, Dulcie — disse ele desajeitadamente.

Ela o olhou incredulamente. O homem era louco. Que é que ele queria mais? Um convite por escrito? Como que atordoada, estendeu-lhe a mão.

Ele a apertou e disse:

— Adeus.

Ela não respondeu. Ainda atordoada, viu-o sair e fechar a porta. Reagiu de repente e, enfurecida, tirou os sapatos e jogou-os na porta.

As lâmpadas se acenderam no hall e ela se voltou. Warren estava à porta da sala, olhando-a zombeteiramente. Fingiu que batia palmas e disse em voz baixa:

— Pano, segundo ato.

— Que é que você quer que eu faça? — perguntou ela. — Segurá-lo pelo cós das calças?

— Modere esse gênio, menina — disse ele, sorrindo. — Não está vendo então que o homem tem ideais e é um cavalheiro?

Ela se dominou com esforço. Sorriu, aproximou-se dele e, passando os braços em torno do corpo dele, perguntou:

— Que é que vamos fazer agora, Warren?

— Não sei, minha filha. O que sei é que você tem de sair daqui.

Ela teve um impulso de raiva, mas se conteve e sorriu. Foi até à porta, apanhou os sapatos e disse mansamente:

— Escute, meu bem: algum dia você já quis uma coisa que não pôde conseguir?

— Não — respondeu ele, um pouco admirado. — Por quê? Ela se voltou para ele. A luz da sala caía sobre ela. Deixou cair a capa dos ombros e disse:

— Então olhe bem! Um dia você vai querer isto alucinadamente e não conseguirá!

Johnny olhou pela janela do trem. Estavam atravessando os campos de Nova Jersey. Acomodou-se melhor no banco. Nisso, bateram na porta.

Levantou os olhos. Devia ser Rocco com os jornais. Estava decerto com as mãos ocupadas e não podia rodar a maçaneta. Levantou-se e abriu a porta.

— Posso entrar, Johnny? — perguntou-lhe uma voz suave. Ele ficou quase estatelado de surpresa.

— Dulcie! Que está fazendo aqui?

Ela entrou na cabina, fechou a porta e disse, com a respiração ofegante:

— Queria ficar com você, Johnny.

A felicidade sucedeu pouco a pouco a surpresa no rosto dele.

— E os seus planos? — perguntou ele.

— Ontem à noite, depois que você me beijou, Johnny, fiquei sabendo exatamente o que eu queria. Não quero mais ser atriz. O que eu quero é você!

— Mas...

— Não há nenhum “mas”... Sou livre, branca, de vinte e quatro anos e sei o que eu quero!

E beijou-o. Ele a abraçou apaixonadamente, ouvindo ressoarem-lhe deliciosamente aos ouvidos as palavras: “Sei o que eu quero!”

O que ele não sabia era o que elas realmente significavam.

# 7

O barulho da água correndo no chuveiro o fez acordar. Ficou um momento a escutá-lo, virou-se na cama e abriu os olhos. A porta do banheiro estava aberta e através dela vinha o barulho da água.

Sentou-se e pegou o seu relógio na mesinha de cabeceira. Seis horas da manhã. Pegou as muletas ao lado da cama e levantou-se, fazendo a cama ranger.

Ouviu então no banheiro a voz de Dulcie.

— Já acordou, querido?

Ele riu. Se ainda estivesse dormindo, a voz dela o despertaria. Sentia-se subitamente vivo, de uma maneira que há muitos anos não sentia.

— Já — respondeu.

— Há uma carta em cima da cômoda para você. Encontrei-a em baixo da porta hoje de manhã, quando acordei.

Ele foi até à cômoda e apanhou um envelope com o timbre do hotel que trazia o seu nome escrito com a letra bastante conhecida de Rocco. Abriu e leu:

*“Meu caro Johnny: dei ordem para que o carro o pegasse lá embaixo às sete e quinze, como você pediu. Quanto a mim, vou tomar daqui a pouco o trem das 5h10 para Nova York. Não há lugar para um homem a mais numa lua de mel. Felicidades.*

*Rocco”.*

Ficou batendo pensativamente com a carta na cômoda. Ele havia achado que Rocco estava procedendo de maneira estranha na véspera, quando eles se tinham casado na estaçãozinha logo depois da fronteira da Califórnia. Haviam saltado do trem em Pasadena às 10h30 da noite e tinham ido diretamente para o hotel.

Havia dito a Rocco que precisava de um carro pronto às na manhã seguinte. Rocco o havia olhado risonhamente e lhe perguntara:

— Acha que já estará acordado a essa hora?

— Claro, — respondera ele, rindo também. — Disse a Peter que tomaria café na casa dele.

Depois disso, tinham-se desejado boa noite e ele havia subido, batendo na porta do quarto.

— Entre — disse Dulcie, em voz baixa.

Entrou. Ela já estava na cama, com um pequeno robe passado pelos ombros. A única luz no quarto era de um pequeno abajur na mesinha de cabeceira. Ela o estava observando.

Ele sorriu para ela e perguntou:

— Nervosa?

— Um pouco. É a primeira vez que me caso.

Ele riu e sentou-se na cama ao lado dela, passando-lhe os braços pelos ombros. Ela virou o rosto para ele e Johnny beijou-a. Olhou-a e viu que ela estava com os olhos fechados. Beijou-os e disse num sussurro:

— Não tenha medo, querida. Serei delicado com você.

Ele não sabia disso, mas estava com o sapato no outro pé. E ela é que foi delicada com ele. Tão delicada que ele nem percebeu toda a experiência de que ela era possuidora.

Ela saiu do banheiro com um roupão sobre os ombros.

— Que é?

Ele tardou um pouco a compreender que ela se estava referindo à carta. O roupão se abriu e ele viu de novo que ela. era linda.

— É de Rocco — disse ele.

Ela fechou o roupão e se aproximou dele.

— Que é que ele diz?

Johnny lhe entregou a carta e ela a leu rapidamente. Sentiu-se tranquilizada. Tinha de algum modo medo de Rocco e da dedicação que ele tinha a Johnny.

— É engraçado — disse ela. — Ele não disse nada ontem à noite.

— É verdade. Mas eu sinto tudo estranho.

— Como assim? — perguntou ela, passando o pente pelos cabelos.

— Desde que acabou a guerra, é a primeira vez que eu não vejo Rocco ao meu lado.

Ela chegou junto dele e abraçou-o.

— Você não precisa mais dele, querido. Agora, você tem a mim.

Ele sorriu, beijou-lhe a ponta da orelha e disse:

— Não é isso, meu bem. É uma coisa diferente...

Na verdade, tinha um sentimento de culpa e não podia deixar de pensar que falhara a Rocco.

— Que mais pode ser? — perguntou ela, chegando-se mais a ele.

Ele riu, embaraçado.

— Por exemplo, ir pegar o carro daqui a pouco para nos levar à casa de Peter — disse ele, ficando imediatamente envergonhado de ter dito isso, pois não correspondia absolutamente ao que ele estava sentindo.

Ela o beijou e disse, tomando ao pé da letra o que ele dizia:

— Tenho muitas qualidades, querido. Uma delas é que sei dirigir.

Ela estava muito curiosa a respeito de Peter e de sua família e fez muitas perguntas a Johnny, enquanto seguiam de carro para a casa dele.

Ele não percebeu que a maior parte dessas perguntas se referiam a Doris. Afinal, ele disse, rindo:

— Pare de ser tão curiosa, meu bem. Você vai conhecê-los daqui a alguns minutos.

— Só estou perguntando porque eles conhecem você há muito mais tempo do que eu. E não sei se eles vão gostar de mim...

Ele deu-lhe um beijo no rosto.

— Deixe de representar, meu amor. Você bem sabe que é impossível não gostar de você.

Daí por diante, ela dirigiu em silêncio, seguindo as instruções que ele lhe dava. Dulcie não era nenhuma tola. Desde que havia resolvido casar-se com Johnny, procurara saber tudo o que era possível a respeito dele. Warren havia-lhe dito tudo o que sabia. Ela completara essas informações com algumas perguntas feitas a amigos que trabalhavam nas publicações especializadas de teatro. Todos lhe haviam falado em Peter e em sua família. Ela se interessara especialmente por Doris. A intuição a fizera procurar saber mais a respeito de Doris. Descobrira que Doris havia escrito um romance que fora publicado alguns meses antes. Leu o livro e, quando acabou, soube que estava certa a respeito de Doris. O personagem central do livro era tão parecido com Johnny que só podia ser ele.

A voz de Johnny interrompeu-lhe os pensamentos.

— A casa fica logo depois daquela esquina.

Ela o olhou. Ele estava atento, ansioso por avistar a casa de Peter. Por um momento, simpatizou com ele. Afinal de contas, era um bom rapaz e havia procedido com ela como um colegial com o seu primeiro amor.

— Contente, Johnny? — perguntou ela.

— Ainda pergunta? — respondeu ele, radiante.

Doris olhou-os, como se estivesse paralisada. Ainda estava atordoada e o coração parecia ter-se transformado num pedaço de gelo dentro dela.

Ainda ouvia as palavras dele, dizendo que se haviam casado na noite anterior.

Vira o pai levantar-se e ir calorosamente dar-lhe parabéns. Parecia que muitas horas se haviam passado. Que era que Johnny estava dizendo? Virou a cabeça para o lado a fim de ouvir melhor. Estava falando com ela. Procurou desesperadamente entender.

— Não vem dar um beijo no Tio Johnny? — perguntava ele, como se ela fosse uma menininha.

Levantou-se, sentindo os pés fracos. Bem que ela gostaria de voltar a ser uma menina. As meninas não sofriam tanto quanto ela estava sofrendo.

# 8

Conrad von Elster, com os cotovelos em cima da mesa e a cabeça entre as mãos, olhava para as fotografias estendidas diante dele. Estava triste e preocupado. Procurava uma mulher e não podia encontrá-la.

Não se podia dizer que houvesse em sentido pessoal escassez de mulheres para Herr von Elster. Nunca tinha havido. Apesar das maneiras rudes que cuidadosamente cultivava, dos cabelos desgrenhados que nunca pareciam lavados, de um corpo um tanto gordo, dos miúdos olhos azuis e de uma pele oleosa e sem cor, havia atraído muitas mulheres. Mas dessa vez ele não queria uma mulher para si mesmo. Queria uma mulher para um filme que ia fazer.

Conrad von Elster era diretor de cinema. Chegara aos Estados Unidos a chamado pessoal de Peter Kessler, que lhe havia dito que a América estava ansiosa pelos seus filmes. Viera ganhando mil dólares por semana. A inflação dominava a Alemanha quando ele falara com o Sr. Kessler. O jantar que estavam comendo na ocasião em que o Sr. Kessler fizera o convite custara 200 mil marcos e o Sr. Kessler pagara com uma nota americana de 20 dólares. Fora um bom jantar. Ao fim, von Elster agradeceu polidamente e aceitou o convite. Isso tinha sido quatro meses antes.

Chegara a Hollywood com o Sr. Kessler em meados de novembro e, depois de instalado num escritório, recebera ordem de começar a trabalhar. Já havia aprovado o script do filme em que devia trabalhar e dedicou-se então à

tarefa de escolher o elenco. Não teve dificuldade até chegar a atriz principal. Nenhuma das artistas contratadas pela Magnum lhe agradava. Solicitamente, o Sr. Kessler dera ordem ao departamento de pessoal para prestar toda a colaboração possível a Herr von Elster, que se viu imediatamente inundado de fotografias de mulheres bonitas. E o seu telefone tocava a cada instante para pedir-lhe que recebesse alguma nova atriz em que havia muitas esperanças.

Von Elster recebera todas e não achara nenhuma satisfatória. As fotografias que estavam espalhadas diante dele eram as melhores que já lhe haviam chegado às mãos. Ainda assim, nenhuma servia.

Teria de escolher uma delas para trabalhar no seu filme ou então seria forçado a desistir daquele cheque semanal de mil dólares. Essa ideia triste só lhe havia ocorrido depois do memorando que encontrara na sua mesa ao chegar naquela manhã.

Era um simples recado do Sr. Kessler, num papel em que se lia no alto: “De Peter Kessler, Presidente da Magnum Filmes”. O recado estava escrito a máquina e não era assinado. Dizia: “Venha à minha sala hoje às 11h30”.

Se esse recado houvesse chegado antes de 1º de janeiro, von Elster não ficaria preocupado. Ao contrário, ficaria muito satisfeito com o chamado. O Sr. Kessler e ele tinham muitas coisas em comum sobre que conversar. Mas tudo passara a ser diferente. No dia 2 de janeiro, havia chegado de Nova York ao estúdio, para ajudar o Sr. Kessler, um tal Sr. Edge.

Von Elster não era tolo. Sentira quase imediatamente a transformação do ambiente. Até as secretárias chegavam mais cedo às suas mesas. Os agradáveis telefonemas que o Sr. Kessler lhe fazia duas vezes por semana perguntando-lhe se já havia encontrado a estrela, haviam cessado. Já se estava quase no fim de janeiro e era aquela a primeira vez que o Sr. Kessler se lembrava dele.

Os seus receios não deixavam de ter algum fundamento. Havia sabido da dispensa sumária de certos diretores, escritores e produtores por não poderem pôr os filmes, de que estavam encarregados, na linha de produção. A princípio, não dera atenção a esses sinais. Não lhe havia dito sempre o próprio Senhor Kessler que ele só devia começar depois de estar perfeitamente satisfeito com tudo? Mas, quando o Sr. Kessler interrompeu os telefonemas que dava duas vezes por semana, von Elster não podia fechar os olhos ao que estava acontecendo. Era por isso que se sentia tão infeliz. Não queria deixar de receber todas as semanas aquele cheque de mil dólares.

Olhou para o relógio de pulso. Quase onze horas. Às onze horas, o mensageiro chegaria com o cheque. Às vezes, demorava um pouco, mas ele esperava que o mensageiro não se atrasasse naquele dia. Sentir-se-ia melhor se fosse para o escritório do Sr. Kessler com o cheque no bolso.

Bateram na porta. Von Elster sorriu, feliz. O cheque chegou na hora. O mensageiro colocou o envelope com o cheque em cima da mesa e esperou enquanto von Elster assinava e devolvia o recibo. O mensageiro saiu e von Elster guardou cuidadosamente o envelope no bolso de dentro do paletó.

Olhou de novo para as fotografias com desprezo. Era aquilo que se chamava de mulheres na América, que horror! Em sua terra é que havia mulheres, mulheres de verdade! Aqui as mulheres eram todas iguais. Feitas em série como os automóveis que enchiam as ruas. Muito magras. Com muita maquilagem. Com os cabelos muito cortados. Na Alemanha, sim, é que havia mulheres que tinham as três coisas essenciais — peitos, barriga e traseiro. Sem isso, para que é que servia uma mulher?

Foi preocupadamente até à janela da sala e olhou para fora. Podia ver dali a entrada do departamento de pessoal. Tirou um charuto do bolso e começou a mascá-lo melancolicamente.

Nesse momento, a porta do departamento de pessoal se abriu e uma mulher apareceu. Parou um momento ali à porta para abrir a bolsa, tirar um cigarro e acendê-lo. O sol agitava nos cabelos dela uma auréola de ouro. Von Elster contemplou-a, embevecido. Era aquela a mulher. Tinha, e de maneira perfeita, as três coisas essenciais.

Estava com um vestido esporte branco e muito simples que se lhe colava ao corpo. A saia curta mostrava-lhe as pernas compridas e bem feitas. Ficou um instante indecisa no passeio em frente ao departamento de pessoal, como se não soubesse para que lado devia ir. Por fim, começou a caminhar na direção da sua janela.

Nisso, o telefone começou a tocar. Ele foi atender, ainda com os olhos voltados para a janela. A pequena já devia estar passando ali em frente.

— O Sr. Kessler gostaria de mudar a hora marcada para as quatro e meia da tarde. Está bem? — disse-lhe ao telefone uma voz de mulher.

— Está, sim — respondeu ele. — Obrigado.

Desligou o telefone, pensando na pequena lá fora. Vira-lhe o rosto quando se aproximava. “Gott im Himmel!” pensou ele. “Essa, sim, é que é uma beleza! Por que foi que não a mandaram para mim?” Pegou um fósforo em cima da mesa e acendeu-o, levando-o ao charuto. Olhou distraidamente as fotografias em cima da mesa e, de repente, a mão lhe tremeu e ele deixou cair o fósforo.

— Dummkopf! — gritou para si mesmo. E saiu correndo da sala, tomando pelo corredor até chegar à porta da rua.

Chegando à rua, olhou desesperadamente para um lado e para outro. Não sabia para onde a pequena tinha ido. Viu-a afinal. Dirigia-se para o edifício da administração, com a saia branca ondulando ao sol.

— Fraulein! — gritou ele, esquecendo o seu inglês. — Fraulein!

Correu no encalço dela. Sentiu logo o coração bater com força. Havia muito tempo que não reclamava do corpo tamanhos esforços.

Estava-se aproximando.

— Fraulein!

Ela não ouviu e continuou a andar. Tentou correr com mais rapidez e sentiu uma pontada do lado.

— Fraulein! — gritou estridentemente.

Dessa vez, a pequena ouviu e voltou-se. Ele moderou o passo e fez-lhe sinal com as duas mãos para esperar. Estava tão ofegante que nem podia mais falar.

A pequena arregalou os olhos e sorriu desdenhosamente ao vê-lo. Estava tranquila, numa atitude graciosa, pronta a prosseguir se, como julgava, a estivessem confundindo com alguém.

Ele procurou ter fôlego para falar. Tudo era como devia ser. A pequena era jovem demais para compreender as dificuldades da idade madura. E aqueles imbecis do departamento de pessoal tinham-na mandado embora. Conseguiu afinal falar:

— A senhora é atriz?

A pequena ficou um instante surpresa e depois fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Está bem assim. No cinema, não é preciso falar — disse ele a agitou dramaticamente os braços. — Eu, Conrad von Elster, vou torná-la a maior estrela da tela!

Dulcie sentiu o impulso quase irresistível de rir. Teve vontade de dizer àquele homem cômico quem era ela. Depois, mudou de ideia. Seria interessante ver o que ia acontecer. Johnny vivia ocupado o dia inteiro e ela nada tinha mesmo para fazer. Era assim todos os dias e ela já estava ficando cansada de esperar por ele.

Von Elster não esperou que ela falasse. Pegou-lhe o braço e foi levando-a para a sua sala.

— Vamos imediatamente preparar-lhe um teste filmado.

“Um teste filmado!” pensou Dulcie. “Johnny vai ficar radiante!” Mas sabia que ele não ia ficar satisfeito e começou a preparar uma explicação para dar ao marido. Quando ela fazia alguma coisa, era para si mesma e porque queria, não para os outros, ainda que se tratasse de Johnny.

Chegaram à sala de von Elster. Ele puxou uma cadeira para ela e foi para o telefone.

— Quero falar com o Sr. Reilly, no Pessoal — disse ele e ficou esperando. Um momento depois, ouviu uma voz de homem e disse:

— Sr. Reilly, quem fala aqui é von Elster. Tenho aqui na minha sala uma senhorita e quero fazer imediatamente um teste com ela.

Houve uma pausa e ele continuou:

— Mais logo à tarde não, Sr. Reilly! Tem de ser imediatamente! Tenho um encontro marcado com o Sr. Kessler às quatro e meia e quero que ele veja o teste.

Ficou ouvindo o homem e, depois, cobrindo o fone com a mão, perguntou.

— Depressa! Como é que você se chama?

Dulcie hesitou um instante. Podia ainda recuar e encerrar aquela pequena farsa. Mas não estava disposta a isso. Queria ser atriz. Nunca deixara de querer. Por que seriam as coisas diferentes depois que ela se casara com Johnny? Olhou para von Elster e respondeu:

— Dulcie. Dulcie Warren.

Sentiu um aperto na garganta quando von Elster repetiu o nome pelo telefone. De repente, toda a tensão desapareceu e ela se sentiu de novo calma e satisfeita. Johnny não ia gostar, mas que importância tinha isso? Não fora para isso, entre outras coisas, que ela se casara com ele?

O teste foi bem. Não era preciso ninguém dizer a Dulcie. Ela sabia. Já vivera tanto tempo entre gente de teatro que tinha a intuição exata do que era bom. Além disso, havia observado a reação das pessoas que estavam no set. No começo, haviam-se mostrado inteiramente desinteressados. Era apenas um serviço a mais para eles, outro teste. Faziam dezenas deles todas as semanas. Não havia motivo algum para pensarem que aquele ia ser diferente. Mas foi.

Talvez a princípio tivessem a atenção despertada por aquele engraçado diretor estrangeiro. Estava tão exaltado que era difícil compreender as instruções que dava. Quando afinal compreenderam, arregalaram os olhos de espanto. O estilo, a técnica eram, sem dúvida, diferentes, coisas que eles não conheciam. Mas com o seu reino profissional compreenderam, imediatamente e se admiraram de que ninguém tivesse pensado nisso antes. Era tudo tão simples e bom.

Até o momento em que Dulcie tomou lugar diante das câmaras, o interesse tinha sido puramente intelectual. Era um novo estilo, uma nova técnica, mas tudo não passava do domínio da mecânica. Mas quando viram Dulcie ali, com as luzes dos refletores convergindo sobre ela, tudo o que o alemão havia exigido tomou forma e sentido, tanto do ponto de vista emocional quanto do intelectual. Compreenderam que o homenzinho havia criado aquela nova técnica

especialmente para aquela atriz e olharam-no com profundo e novo respeito. O diretor deu à atriz as suas últimas instruções. Depois, saiu do set e foi para a sua cadeira.

Todos os olhos se voltaram para a pequena quando o homem deu o sinal com a mão. Reinou silêncio no pequeno set e só se podia ouvir o leve barulho das câmaras em funcionamento. O intenso calor que vinha das lâmpadas de cima podia ser sentido quando a pequena começou a representar.

O suor escorria do rosto pálido de von Elster enquanto a olhava. Tinha de dar certo. Estava convencido de que o destino lhe concedera a última chance. De repente, houve uma tensão no ar. Era como se uma faísca elétrica houvesse partido da pequena, fazendo contato com todos os presentes.

Von Elster deu um longo suspiro de alívio. Voltou vagarosamente a cabeça e olhou para os outros. A script girl esquecera o seu script no colo e olhava para ela. Eram os homens que mais sentiam o impacto daquela mulher. Estavam todos de olhos cravados nela, com o mesmo olhar nos rostos. Era um olhar tão velho quanto o tempo. Von Elster tornou a olhar para a pequena e recostou-se, satisfeito, na cadeira. Havia acertado. Ela fotografava bem. Sorriu ao pensar na longa fila de cheques de mil dólares que o esperavam. Haviam-se acabado os motivos de preocupações.

# 9

Ela largou o jornal e fechou mais o robe em torno dos ombros. Estava esfriando. Olhou para o relógio. Quase meia-noite e Johnny ainda não havia chegado. Tinha sido um dia muito movimentado.

Ainda ouvia o grito de pânico de von Elster dentro da sala de projeção enquanto ela esperava no corredor.

— Como era que eu podia saber que se tratava de sua mulher, Sr. Edge! Ela não me disse nada!

Ao ouvir isso, ela fugira. O pânico da voz de von Elster a contagiara. Podia perfeitamente imaginar a reação de Johnny que provocara esse pânico e não queria enfrentá-la naquele momento, nem ali, onde ele mandava.

Preferia enfrentá-lo no quarto do hotel, onde as coisas poderiam correr nas circunstâncias que ela escolhesse, onde lhe poderia falar não com os lábios, mas com o corpo. Tinha confiança no seu corpo e conhecia Johnny.

Havia passado a tarde toda ao lado do telefone. Esperava que ele fosse pedir-lhe explicações pelo telefone. Mas já eram quase sete horas quando ele telefonou.

— Não poderia ir jantar — disse ele com voz fria e impessoal. — Tenho ainda muito o que fazer aqui no estúdio. Jante e vá para a cama. Deverei chegar por volta da meia-noite.

— Está bem, Johnny — disse ela obedientemente e ficou esperando que ele falasse do teste.

Mas, depois de uma pausa, ele disse apenas:

— Até logo, Dulcie.

— Até logo, Johnny — disse ela, desligando com uma vaga decepção.

Ele não havia dito uma palavra! Mas sorriu quase imediatamente. Ótimo! A batalha seria travada em condições mais favoráveis para ela, do que havia esperado.

Ouviu passos no corredor e o barulho da chave na fechadura. Apagou prontamente o abajur da mesinha de cabeceira e tirou o robe, jogando-o em cima de uma cadeira.

A porta se abriu e ela o ouviu atravessar a saleta e parar na porta do quarto.

— Johnny? — perguntou ela com voz assustada, sentando-se na cama.

— Sou eu — disse ele, dando um longo suspiro.

Ela estendeu a mão para acender o abajur. O movimento fez cair a alça da camisola e ela a fez cair por completo, escorregando-lhe pelo braço, antes de acender a luz. O rosto dele estava com a mágoa estampada.

— Acho que adormeci enquanto o esperava — murmurou ela. Ele nada disse. Foi até ao armário e tirou o paletó. Os seus gestos eram bruscos e difíceis como se a sua coordenação muscular fosse deficiente.

— Trabalhou muito hoje, querido? — perguntou ela com a voz mais doce que lhe era possível.

Ele se voltou para ela. O rosto estava impassível e ela não podia saber o que ele estava pensando. Olharam-se durante alguns segundos em silêncio e afinal ele disse:

— Você não concorreu absolutamente para que o meu dia fosse mais fácil.

Tirou a gravata, guardou-a no armário, desabotoou o colarinho e disse:

— Não estou zangado, Dulcie. Estou sentido.

Foi até à cômoda, tirou as abotoaduras e falou, sem voltar-se para ela, com uma voz cheia de dor:

— Por que fez isso, Dulcie?

Ela saltou da cama e correu para ele. Abraçou-o e descansou a cabeça no peito dele. Os braços dele continuaram pendentes ao longo do corpo.

— Oh, Johnny! — disse ela em voz chorosa. — Foi uma coisa sem qualquer importância. Achei que seria interessante e que você iria achar graça em tudo!

Os braços dele cingiram-na involuntariamente, sentindo o calor de seu corpo. Disse então com voz mais suave e um pouco trêmula: — Pois não achei graça nenhuma!

Dulcie beijou-lhe o peito no ponto em que a camisa estava aberta. Não olhou para ele, pois sabia que já havia vencido. A sua voz parecia já estar à beira das lágrimas.

— Nós estamos discutindo, Johnny!

Ele pegou-lhe o queixo, levantando-lhe o rosto para olhá-la bem nos olhos. Depois, beijou-a e encostou o rosto no rosto dela.

— Não, querida, não estamos discutindo. Mas por que foi que fez uma coisa dessas? Não disse que não pensava mais em ser atriz?

— E não pensava mesmo, Johnny. Palavra de honra! Mas deu-me uma coisa, não sei bem o que foi. Talvez fosse de ficar sozinha o dia inteiro. Você está sempre no estúdio. Está sempre ocupado. Quando aquele homenzinho engraçado me abordou no meio da rua, eu não estava pensando em nada disso. Mas concordei quase sem refletir. Era uma coisa diferente para fazer, para encher o tempo até eu tornar a ver você. É tão triste ficar o dia inteiro sozinha no hotel à sua espera. Não conheço ninguém aqui.

— Desculpe, querida. Eu devia pensar no que isso representa para você. De qualquer maneira, não vamos mais demorar muito tempo aqui. Voltaremos em breve para Nova York e, então, você não terá de se preocupar com o que deverá fazer para encher o tempo — disse ele, sorrindo a uma ideia que lhe havia ocorrido.

Ela estava muito aconchegada dentro dos braços dele. Já era tempo de Johnny aprender a sua primeira lição, embora não fosse exatamente como ela queria. Olhou em silêncio para eles e as lágrimas começaram a correr-lhe dos olhos. Johnny olhou-a com uma expressão perplexa.

De repente, ela se desprendeu dos braços dele, correu para a cama, ali jogando-se de bruços, e começou a soluçar.

Ele a seguiu e sentou-se na cama ao lado dela. Segurou-a pelos ombros e tentou virar-lhe o corpo. Ela resistiu e soluçou mais ruidosamente. Johnny ficou alarmado.

— Que foi, Dulcie? Foi alguma coisa que eu disse?

Ela se voltou vagarosamente e sentou-se na cama. A camisola escorregou-lhe ainda mais pelo corpo e as lágrimas lhe corriam mais abundantes pelo rosto.

— Você vai ter ódio de mim, Johnny! Eu o enganei!

Ele estendeu os braços e abraçou-a. Disse-lhe ternamente ao ouvido: — Não vou odiá-la nada. Por que é que está chorando?

— Eu já devia ter dito tudo a você, mas tinha receio de que você não quisesse casar-se comigo!

A voz de Johnny estava genuinamente alarmada. Dulcie lutou contra o impulso de mostrar no rosto a alegria do triunfo. As mãos de Johnny apertaram-na com força, machucando-a. Mas ela não se importou com a dor que era um sinal do seu domínio sobre ele.

— Que é que você quer me dizer, Dulcie?

— Sofri um acidente... Há alguns anos... Quando era menina... E o médico disse que eu nunca poderia ter filhos.

Levantou então para ele os olhos cheios de lágrimas. A tensão começou a desaparecer do rosto de Johnny.

— Eu sei que você está decepcionado, Johnny! Você queria um filho!

Dulcie nunca havia visto tanta suavidade, tanta ternura, tanto amor nos olhos de Johnny. Não sabia que era a decepção que operava essa transformação. Não sabia quanto estivera perto da verdade.

— Não, querida — disse ele, mentindo, com os olhos voltados para o retrato de Peter em cima da cômoda. O seu primeiro filho iria ter o nome dele. — Isso não tem a menor importância.

Beijou-lhe o rosto, o queixo, a boca. Eram beijos rápidos e breves, ligeiros como o esvoaçar de uma borboleta.

— Você é tão bom, meu Johnny!

— E como poderia ser diferente? Você não é meu amor?

— Não está então zangado comigo? — perguntou ela em voz baixa e hesitante, pousando a cabeça no ombro dele.

Ele beijou-lhe o pescoço em resposta. Ela segurou-lhe a cabeça e levou-a para os seus seios. Depois, curvou-se, beijou-lhe o alto da cabeça e sorriu. Ele era tão simples. Era tão fácil fazê-lo feliz.

— Johnny — perguntou ela, com voz ainda baixa —, que tal foi o teste?

Sentiu o sobressalto de surpresa. Ele tentou levantar a cabeça, mas ela não deixou. Conservou-a pousada entre seus seios.

— Muito bom — respondeu ele em voz abafada.

Ela ficou algum tempo em silêncio. Sentia as mãos dele procurarem-na e deixou que o corpo se aquecesse ao seu contato.

— Foi bom mesmo, Johnny?

— Um dos melhores que já vimos — disse ele sem pensar na resposta.

Ela estendeu a mão e apagou o abajur. Começou então a desabotoar a camisa de Johnny. Viu-o então levantar-se da cama com um riso de felicidade e começar a despir-se no escuro. Alguns instantes depois, os lábios se colavam e o seu corpo quente recebia-o.

Estavam em silêncio. A brasa dos cigarros na escuridão do quarto lançava sombras tênues sobre os lençóis brancos. Dulcie pousou a mão no corpo de Johnny e passou-lhe os dedos lentamente sobre o peito.

— Johnny...

— Que é? — disse ele, com a voz cheia de contentamento.

— Estou pensando numa coisa, Johnny...

— Em quê? — perguntou ele, com indolente curiosidade.

— O filme de von Elster... — Não completou a frase. O coração lhe batia fortemente dentro do peito e dava um tom arquejante à sua voz. — Vamos ficar aqui até ao fim de março.

Johnny não respondeu logo. Ficou voltado para ela na escuridão e afinal murmurou:

— E você quer fazê-lo?

Ela não teve coragem de falar. Limitou-se a bater com a cabeça.

— Por quê? — perguntou ele, simplesmente.

Ela hesitou e, então, a resposta pareceu sair-lhe do fundo do coração.

— Porque sempre disse que queria ser atriz, uma grande atriz. Porque Cynthia e Warren não acreditam em mim. Quero mostrar a eles, Johnny. Sempre riram de mim. Você mesmo disse que o teste foi bom. Oh, Johnny, só por esta vez. É só o que eu peço. Deixe-me fazer este filme. É a única oportunidade que eu tenho de mostrar àqueles dois. Depois, nunca mais lhe pedirei uma coisa dessas! Mas deixe-me fazer esse filme!

Johnny aspirou com força a fumaça do cigarro, sentindo-a chegar aos pulmões. Só um filme era que ela estava pedindo. E ela era boa atriz. Se não fosse, o caso seria muito diferente. Mas o teste que ela havia feito era o melhor que ele já vira. Por isso mesmo é que ele ficara tão zangado. Sentira-se tomado de medo ao ver-lhe o rosto na tela. Não podia reter só para si um talento tão grande.

Havia corrido os olhos pela penumbra da sala de projeção. Os rostos de todos estavam fascinados, reagindo às expressões manifestadas por ela. Até Peter, depois de uma palavra de espanto, havia reagido à presença de Dulcie na tela.

E Peter se havia mostrado muito distinto. Não o forçara a tomar uma decisão.

Johnny a amava e também amava o cinema. Sentia uma ponta de tristeza ao compreender que teria de impedir que ela fosse o que sabia de súbito que ela era. Mas estava certo de perdê-la desde que ela aparecesse num filme que fosse.

Podia ouvir a respiração dela e compreendia que ela estava até com medo de mover-se para não fazer alguma coisa que lhe desagradasse. A ternura e o amor o dominaram. Ela havia sido tão boa com ele, como julgava que nenhuma mulher mais podia sê-lo. Começou a ter um pouco de pena dela e um pouco de raiva de si mesmo. Como poderia ser tão frio, tão cruel com ela que só lhe pedia tão pouco?

Apagou o cigarro no cinzeiro e voltou-se para ela: — Só esse filme?

— Só esse, Johnny.

Olhou-a. A claridade da rua entrava pela janela e mostrava-lhe a meio a beleza. Os olhos estavam cheios de esperança, o lábio inferior tremia, o cigarro estava esquecido entre os dedos.

— Está bem — disse ele calmamente.

No mesmo instante, ela se jogou com o corpo todo sobre ele, beijando-o.

— Johnny! Johnny!

O corpo todo lhe tremia e ela dizia, mordendo-lhe exaltadamente os lábios.

— Como eu te amo, Johnny!

E, por mais estranho que fosse, ela era naquele momento absolutamente sincera.

# 10

Peter acabou de tomar o café e disse: — De qualquer maneira, não gosto da ideia. Não gosto nada mesmo. Onde já se viu uma mocinha como Doris ir à Europa sozinha? Não é direito!

Esther sorriu com paciência.

— Às vezes, é necessário uma moça afastar-se de tudo e viver algum tempo por si mesma.

— Por que é que ela tem de viver por si mesma? — perguntou Peter, irritadamente. — De que é que ela tem de afastar-se? Tudo aqui é ótimo para ela!

Esther abanou a cabeça imperceptivelmente. Os homens eram tão cegos e Peter não era melhor do que os outros. Não podia ver então o que era que havia com Doris? Não via como ela vinha agindo desde o dia em que Johnny aparecera ali com a mulher?

Um ruído crepitante de tiros entrou pela janela aberta. Peter tirou o relógio, olhou-o e levantou-se de um salto, exclamando.

— Como é tarde! Já estão começando a filmagem do western no galpão dos fundos e eu ainda estou aqui!

Pegou o chapéu e foi saindo, mas, ao chegar à porta, ainda se voltou para a mulher e disse:

— É o que lhe estou dizendo! Não estou nada satisfeito com o que Doris vai fazer!

Esther aproximou-se dele, beijou-lhe o rosto e disse:

— Ora, vá trabalhar, Papai. E não se preocupe com Doris. Nada vai acontecer a ela.

— É sempre assim — resmungou ele, saindo. — Ninguém liga ao que eu digo aqui dentro desta casa. Eu sou apenas o pai!

Peter chegou ao alto da ladeira e olhou para a sua casa. Havia já um mês que as coisas não corriam bem ali. O que era, não sabia. Procurara sem resultado descobrir, sabendo apenas que o que havia se relacionava com Doris. A menina estava perdendo peso e tinha o ar de quem não passa bem. Tinha olheiras como se passasse as noites sem dormir. Estaria doente?

Ouviu o tropel dos cavalos e os gritos dos homens. Olhou lá para baixo, no vale. No sopé do morro onde ele estava, corria uma estreita estrada. Via-se nela um carro aberto com uma câmara montada na parte de trás. Atrás do carro,

alguns homens a cavalo galopavam desesperadamente, levantando nuvens de poeira.

Peter sorriu e começou a descer para a estrada. Algum dia, teria de fazer uma casa longe do estúdio, onde o barulho dos westerns não acordasse as pessoas que quisessem dormir até tarde. Mas, por enquanto, adorava aquele barulho. Ouvia-o todas as manhãs quando estava à mesa do café, com a mesma emoção que sentira com a filmagem de O Bandido.

Chegou à estrada e ficou esperando. Já haviam passado, dobrando a curva, mas estariam de volta dentro de poucos minutos. Calculou o tempo que eles gastariam na filmagem e voltariam. Uns sete minutos. Tirou o relógio e marcou a hora. Era preciso observar a eficiência do seu pessoal.

Cinco minutos depois exatamente, ouviu de novo os gritos da turma que voltava. Guardou o relógio e foi para a estrada. Aquele diretor era bom. Havia completado a filmagem em dois minutos menos do que a média.

O homem que dirigia o carro viu-o e parou. Atrás dele, no banco, o diretor fez sinal aos homens a cavalo para que parassem. Eles fizeram imediatamente parar os cavalos arque jantes. O cameraman tapou a lente da câmara para afastar a infiltração de algum raio de luz.

Peter encaminhou-se para o carro e olhou para o diretor. Não era o diretor do filme, mas o chefe de uma turma de filmagem, um homem ainda moço chamado Gordon, de cujo primeiro nome não se recordava.

— Foi uma filmagem rápida, Gordon — disse ele, apertando-lhe a mão.

— Obrigado, Sr. Kessler — disse Gordon. „, Peter olhou para o carro e perguntou:

— Onde está Marran?

Marran era o diretor daquele filme.

Gordon se mostrou meio confuso. Marran estava caído no escritório com uma tremenda bebedeira. Gordon havia compreendido, desde que ele chegara, que não podia trabalhar assim e saíra com a turma para filmar as cenas da perseguição.

— Não se estava sentindo bem — disse ele, com alguma hesitação — e me pediu que saísse com a turma.

Peter não respondeu. Já havia sabido dessas indisposições de Marran. Subiu ao carro. O prazer que sentira com a eficiência da turma havia desaparecido. Não ia pagar 200 dólares por semana a um homem para fazer um trabalho que ele passava às mãos de um chefe de turma que ganhava 50 dólares.

— Deixem-me no fim da estrada — disse ele. Ficaria assim a apenas cinco minutos do seu escritório.

O carro pôs-se em marcha. Gordon fez sinal aos homens a cavalo para que o seguissem.

— Podemos continuar a filmar — disse ele ao cameraman, olhando para o céu. — Esse sol parece que não vai durar muito.

Peter ouviu-o e sentia-se melhor. Aquele Gordon era bom. Não gostava de perder luz. A luz era a coisa mais preciosa da indústria. Tinha-se de estar pronto para aproveitá-la sempre que fosse possível. Voltou-se para olhar.

Gordon estava de costas para ele, inclinado para fora, numa posição perigosa em que se firmava com os joelhos. Fez um sinal circular com a mão direita. Um dos homens deixou-se cair do cavalo e rolou pelo chão.

Peter voltou-se de novo para a frente e ficou ali pensando, indiferente a todos os barulhos atrás dele. Tinha muito em que pensar.

Havia, por exemplo, a proposta de George para a venda dos cinemas. Na sua opinião, George estava-se preocupando à toa. Não havia necessidade alguma de desfazer a cadeia de cinemas, que concorria muito para tornar o nome da Magnum conhecido e conceituado através do país. Tinha dito a Johnny que estava disposto a comprar a parte de George, mas Johnny lhe havia observado que isso exigiria mais dinheiro do que possuíam. Tinha sugerido então que fossem procurar Al Santos para pedir-lhe emprestado o dinheiro necessário. Deviam ir ver Al Santos naquele dia no escritório que ele tinha no centro de Los Angeles. Não tinha certeza de conseguir o dinheiro. Já devia a Santos quase quatro milhões de dólares.

O carro parou e Peter levantou os olhos, surpreso de que a viagem tivesse sido tão rápida. Saiu do carro e disse ao chefe de turma.

— Trabalhou bem, Tom — disse ele.

— Bob, Sr. Kessler — disse Gordon, corrigindo-o.

— Sim, sim — disse Peter distraidamente, franzindo as sobrancelhas. — Bom trabalho, Bob.

E, sem esperar resposta, saiu pela estrada.

# 11

O escritório de Santos ficava nos fundos do prédio de dois andares, do banco, permitindo-lhe ver através das paredes envidraçadas tudo o que se passava no estabelecimento. O escritório era simples. As roupas de Al também eram modestas e conservadoras. Pouco restava nele do dono de parque de diversões de quinze anos antes. Havia-se transformado num legítimo

representante da profissão bancária. Só os olhos eram os mesmos, cordiais e cintilantes. Também não mudara o charutinho preto italiano preso entre os dentes.

Naquele momento, estava muito contente. Olhava para Johnny, entre as espirais de fumo do charuto, com os olhos semicerrados enquanto Peter falava.

Johnny parecia fatigado. Devia estar trabalhando demais no estúdio. Tinha sabido de tudo o que Johnny estava fazendo e de tudo o que já havia conseguido. Muito pouco acontecia nos estúdios que mais cedo ou mais tarde não lhe chegasse aos ouvidos. Sentia de certo modo orgulho do que Johnny havia feito. Em pouco mais de um mês, a Magnum estava zumbindo como uma grande colmeia e sabia que em grande parte isso se devia aos esforços de Johnny. Estava tão satisfeito com a ação de Johnny, como se fosse dele próprio.

Mas Johnny parecia cansado demais. Mostrava rugas de fadiga no rosto e nos cantos da boca. Não poderia continuar a trabalhar nesse ritmo para sempre. Era de matar uma pessoa.

Al sorriu intimamente ao pensar na mulher de Johnny. Um homem de sessenta e dois anos tinha de pensar nessas coisas com saudade apenas. Ali estava uma mulher capaz de gastar os botões das calças de um homem. Isso contribuía também para aquele cansaço. Um homem precisa de algum descanso.

Escutava Peter sem grande interesse. Estava habituado a ter gente de cinema no seu escritório, pedindo-lhe dinheiro. Era uma indústria curiosa. Por mais que tivessem, estavam sempre querendo um pouco mais para fazer alguma coisa acima das suas posses. E o mais engraçado era que em geral ele emprestava o dinheiro e, depois, não se arrependia.

Ainda se lembrava de quando ali chegara. Estava afastado de todas as atividades. Em que menos pensava era em ser banqueiro. Quem já ouvira falar de um ex-dono de parque de diversões virar banqueiro? Não teria acreditado nisso de outra pessoa, se o soubesse. Mas um dia, quando estava sentado na varanda da fazenda em conversa com seu irmão Luigi, foi tirando os títulos da caixinha onde os guardava e somou-os. Os homens de cinema já lhe deviam quase 250.000 dólares. Dissera então, brincando, a Luigi, que podia muito bem abrir um banco para eles, que parecia não poderem conseguir dinheiro nos bancos já em funcionamento. Vittorio Guido, filho de um vizinho, que trabalhava como guarda-livros num banco de Los Angeles e ajudava Al nos fins-de-semana, chegou à varanda nesse momento e perguntou:

— Por que não faz isso, Sr. Santos?

E ele abrira o banco, a princípio numa lojinha. Colocaram acima das portas uma tabuleta em que se lia: “Banco Independence — Empréstimos à Indústria Cinematográfica”.

A indústria cinematográfica havia crescido e o banco, também, ao que parecia. A distância era grande daquela primeira lojinha para o imponente prédio do centro de Los Angeles. E a placa da porta tinha mais uma indicação: “Capital: 50 milhões de dólares”.

Peter havia acabado de falar e estava esperando uma resposta. Al afastou os outros pensamentos e olhou astutamente para Peter. Ouvira bastante do pedido de Peter para compreender tudo. Queria um empréstimo de mais de dois milhões de dólares para comprar a parte de George nos cinemas que eles tinham de sociedade.

— Por que é que George quer vender? — perguntou ele.

— Quer mais tempo para se dedicar aos seus cinemas exclusivamente — respondeu prontamente Peter.

Al refletiu no caso. Não acreditava que fosse essa a única razão para George abrir mão da sua sociedade nos cinemas da Magnum, mas havia outras coisas que deviam ser levadas em conta antes que ele fizesse o empréstimo.

— Você já deve ao banco três milhões e duzentos e cinquenta mil dólares, Peter. Consegui que a diretoria concordasse com a reforma do empréstimo por ocasião do vencimento. Mas vai ser difícil conseguir que aprovem um acréscimo de dois milhões de dólares.

— Mas houve uma razão para a reforma — disse Peter — pois tivemos de abrir os nossos escritórios no estrangeiro e isso custou muito dinheiro. Mas neste ano não teremos tal despesa e poderemos pagar os títulos,

Al nem olhou para os papéis que Peter havia tirado de uma pasta e colocara em cima da sua mesa, em prova das suas alegações. Nunca olhava para os papéis que a gente de cinema sempre lhe apresentava, com orçamentos, comprovantes, estatísticas. O pessoal da contabilidade é que teria de examinar aquilo. Para ele, aquilo não tinha a menor importância. Podia emprestar um milhão ou recuperar um dólar, mas sempre baseava a sua decisão no juízo pessoal que fazia da pessoa.

— E como é que você pretende fazer, Peter?

Peter tossiu nervosamente. Sempre se espantava da maneira pela qual se esforçava para fazer mais dinheiro naquele negócio. Quanto mais tinha, mais preocupado vivia. Não compreendia, mas era como uma espécie de fascinação. Não havia limite.

— A minha ideia é a seguinte, Al. Transformaríamos o atual empréstimo em títulos de 75 mil dólares pagáveis todas as semanas. Dessa maneira, o empréstimo seria pago dentro de um ano e sofreria uma redução que a sua diretoria não teria relutância em aceitar. Para o novo empréstimo, eu lhe daria uma hipoteca pelo prazo de dez anos sobre todos os cinemas da Magnum. Eles

valem aproximadamente o dobro do montante do empréstimo e eu não creio que a sua diretoria faça objeções.

— Setenta e cinco mil dólares são muito dinheiro para pagar todas as semanas — disse Al, pensativamente. — Tem certeza de que pode fazer isso?

— Claro que tenho — exclamou Peter, com mais confiança. — Estamos fazendo todas as semanas 300 mil dólares brutos e esse total aumenta de semana para semana. Lá para o fim do ano, quando os escritórios estrangeiros estiverem em pleno funcionamento, chegaremos facilmente a 400.

Al conferiu mentalmente as cifras de Peter com o que ele sabia. Estava certo. A Magnum estava fazendo 15 milhões por ano.

— E quem administraria os cinemas se George saísse?

— Johnny.

Al voltou-se para Johnny.

— E você acha que a transação é boa?

— Dará um bocado de trabalho — disse honestamente Johnny, que até então se conservara calado — mas no fim dará tudo certo.

Al virou-se para Peter e tirou algumas baforadas do charuto em silêncio. Não estava inteiramente convencido a respeito de George e dos seus motivos, mas as outras bases do empréstimo eram boas. Uma garantia de quatro milhões para uma hipoteca de dois milhões oferecia uma boa margem de segurança. Levantou-se, indicando que a conferência estava terminada.

— A coisa parece-me viável, Peter. Vittorio vai examinar esses papéis e daqui a um dia ou dois eu lhe darei a resposta.

Peter sorriu tranquilizado. A experiência lhe dizia que quando Al julgava um negócio viável, a opinião de Vittorio pouco valor tinha. Estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Muito obrigado, Al.

Al apertou-lhe a mão e eles se dirigiram para a porta. Ali, Al botou a mão no ombro de Johnny e disse:

— Você só foi à fazenda uma vez desde que chegou. Johnny olhou-o. Era verdade, mas estivera muito ocupado e Dulcie não tinha querido ir à fazenda. Havia dito que o lugar era tão sossegado que ela se sentia deprimida.

— Trabalho todos os dias até muito tarde, Al.

Al sorriu e olhou para Johnny, com a profunda amizade de sempre.

— Está bem, mas veja se não demora tanto a aparecer. Afinal de contas, gostaria de ver mais vezes sua bela mulher. Estou velho, mas não tanto que não tenha satisfação em ver uma mulher bonita, principalmente quando ela é quase da família.

Virou-se então para Peter e acrescentou:

— Esses recém-casados são sempre assim.

Johnny ficou vermelho e Al deu-lhe umas palmadinhas nos ombros. Levou ambos até a porta do banco e viu-os entrarem no carro de Peter e partirem. Voltou para o seu escritório, pensando em Johnny. Alguma coisa estava aborrecendo Johnny. E não eram apenas os negócios. Conhecia bem o rapaz e sabia que não era. Talvez fosse a esposa. Ela não lhe parecia do tipo de ficar em casa cuidando dos filhos, principalmente depois de haver trabalhado num filme.

Chegando ao escritório, sentou-se à sua mesa e, pegando os papéis de Peter, tocou a campainha para chamar Vittorio.

Enquanto esperava Vittorio, folheou distraidamente os papeis cobertos de cifras. Mas não as estava olhando. Estava era pensando em Johnny. Era uma pena que ele não se tivesse entendido com a filha de Peter. Durante algum tempo, parecera que tudo ia dar certo.

Nesse momento, a porta se abriu e Vittorio entrou.

— Que é, Al?

— Examine estes papéis, Vittorio, e veja se estão certos. Vamos emprestar a Kessler mais dois milhões de dólares.

Vittorio nada disse. Recebeu os papéis e saiu.

Al olhou para a porta fechada. Deu um suspiro e acendeu um charuto. Sentia-se deprimido. Aquele já era o quarto charuto naquele dia. O médico lhe recomendara que não fumasse mais de três. Olhou um instante para o charuto e murmurou em voz alta:

— Acho que estou ficando velho...

Peter ficou em silêncio durante quase toda a viagem de volta ao estúdio. Quando já estavam quase chegando aos portões do estúdio, disse afinal a Johnny:

— Estive hoje de manhã no set dos fundos e descobri que Marran não estava com a turma dele. Um rapaz chamado Gordon é que fazia e muito bem o trabalho de direção.

— Sei disso, Peter. Marran chegou hoje de manhã meio chumbado.

Peter olhou-o, surpreso. Era pouco o que escapava a Johnny.

— Acho que terei de despedi-lo — disse Peter tristemente, pois não gostava de despedir ninguém.

— Já tratei disso hoje de manhã.

— Ótimo! — disse Peter, aliviado. — Coloque então Gordon no lugar dele.

— Está bem. Tenho-o observado. É muito trabalhador. Ficaram de novo em silêncio, enquanto o carro transpunha os portões do estúdio e parava diante do edifício da administração. Chegando ao seu escritório, Peter voltou-se para

Johnny: — Acho que você terá de voltar para Nova York depressa se conseguirmos esse empréstimo. Teremos de ser firmes nos negócios para conseguir os 75 mil por semana.

Johnny não respondeu. Foi até a janela e dali viu um caminhão que se estava dirigindo para o Palco Número Um. Peter foi para junto dele e continuou:

— Você já fez tudo aqui que tinha de ser feito. Posso tomar conta de tudo, agora. Precisamos de você de novo em Nova York com mão firme nos negócios.

— E Dulcie? — perguntou Johnny, com a voz quase estrangulada na garganta.

Peter sentiu pena. Era horrível interromper a lua de mel do casal. Estavam casados havia pouco mais de um mês.

— Tomarei conta dela — disse Peter. — Mando-a logo que o filme estiver terminado.

Johnny sabia que não podia haver outra solução. O filme já estava sendo rodado havia duas semanas e já custara muito dinheiro que não podia ser jogado fora. Por outro lado, Peter tinha razão. Se conseguissem o empréstimo, ele teria de voltar para Nova York. Não podiam arriscar-se, tendo de pagar 75 mil dólares por semana.

— Peter, não se esqueça de proibir que eu traga para cá algumas das minhas futuras esposas — disse com raiva.

Arrependeu-se logo do que disse. Peter não tinha culpa. Era aquele maldito cinema onde nunca se sabia o que ia acontecer.

# 12

— Rocco! — Sua voz parecia ecoar no apartamento iluminado. Ficou à espera de uma resposta, com um olhar de estranheza no rosto. Mas não houve resposta.

Voltou para o corredor e pegou a sua maleta. Fechou a porta e, com a maleta ainda na mão, foi até o quarto de Rocco e abriu a porta, chamando em voz mais baixa: — Rocco...

Não houve resposta. Acendeu a luz. O quarto estava vazio. Levou a maleta para o seu quarto e colocou-a em cima da cama. Rocco não estava em casa. Estranho. Talvez Jane se tivesse esquecido de falar a Rocco no telegrama que ele mandara. Mas não, Jane não era de esquecer as coisas. Onde estaria Rocco?

Ainda confuso, tirou o chapéu e o sobretudo e começou a tirar as coisas da mala.

A primeira coisa que tirou foi um retrato de Dulcie, que colocou em cima da cômoda e olhou um instante, com prazer.

A fotografia fora tirada por um dos fotógrafos do estúdio poucos dias antes. Era uma fotografia excelente, que lhe realçava a profundeza dos olhos, a curva linda dos lábios sobre os dentes brancos e regulares e a linha negligente dos cabelos que caíam até aos ombros.

"Boa menina", pensou ele, voltando a tirar as coisas da mala. Ela ficara muito inquieta por ter ele de partir tão repentinamente. Quisera até abandonar o filme. Sorriu ao lembrar-se de como tivera de discutir com ela para convencê-la a ficar enquanto ele se ausentava. Poucas semanas antes, o que ela queria acima de tudo era fazer o filme. Agora, ela queria deixar o filme e ele a dissuadira disso.

Dulcie não fazia ideia do que entrava em jogo quando se começava um filme. Não era apenas o dinheiro, como ele lhe dissera, mas uma porção de outras coisas. Todas as pessoas que estavam trabalhando com ela teriam prejuízo se ela se afastasse. O que de fato a convencera foi ele ter dito que no cinema era como no teatro. O espetáculo não pode parar. Viu como o rosto dela se iluminou. Isso ela podia compreender, porque afinal tinha o teatro na massa do sangue.

Ela sorria cordialmente para ele daquela fotografia em cima da cômoda, apoiada no espelho. Boa menina! Logo no dia seguinte, mandaria botar uma moldura no retrato. Faria isso antes de ir para o escritório. Ela bem que merecia. Tinha chorado um pouco antes da partida dele. Tentara esconder o fato dele mas ele havia percebido. Era tão agradável recordar isso...

Já havia tirado tudo da mala. Levantou-se e começou a tirar a camisa. Olhou para o relógio de pulso. Já passava de duas da madrugada. Tornou a franzir as sobrancelhas. Por onde andaria Rocco?

De repente, deu uma risada e pensou: "Estou ficando uma mulher velha. Afinal de contas, o rapaz tem direito a gozar a vida!"

Acabou de se despir e foi ao banheiro escovar os dentes. Quando voltou, tirou o pijama e sentou-se na cama para tirar a perna. Parou um instante, com uma impressão desagradável. Era tão triste ficar sozinho.

Olhou para o relógio na mesinha de cabeceira. Quase três horas da madrugada. Talvez Rocco tivesse deixado alguma carta para ele, no quarto. Levantou-se e foi até ao quarto de Rocco. A luz estava ainda acesa. Tinha-se esquecido de desligá-la. Foi até ao centro do quarto e olhou em volta. Carta não havia. Abriu impulsivamente uma gaveta da cômoda. Estava vazia. Abriu as outras gavetas. Vazias, também.

Abriu o armário embutido. As roupas de Rocco não estavam lá. Fechou a porta e saiu do quarto pensativamente. Para onde Rocco teria ido e por que nada lhe dissera?

Pensou que Rocco não podia ter-lhe dito. Não se haviam falado desde o dia em que se separaram na Califórnia e, nas vezes em que telefonara para Nova York, não se lembrara uma só ocasião de chamar Rocco. Acendeu um cigarro e sentou-se na cama.

Era estranho não ter Rocco presente. O apartamento parecia vazio, quase intolerável sem ele.

Sorriu de repente. Era isso! Rocco havia pensado que ele voltaria com Dulcie e era por isso que se havia mudado. Que tolice a dele não ter pensado nisso antes. Rocco era mais do que capaz de fazer uma coisa dessas.

Ainda sorria quando apagou o cigarro. O camarada iria ouvir boas quando ele o visse no dia seguinte no escritório. Tinha jeito então causar tanta preocupação a um amigo?

Desapertou as correias que lhe prendiam as pernas e deitou-se. Estendeu a mão e apagou a luz. Ficou durante muito tempo com os olhos abertos ali no escuro. Sentia a falta de Rocco, mas o rosto de Dulcie se insinuava a todo instante nos seus pensamentos. “Ora, não se pode ter tudo”, pensou ele, já quase adormecido.

Apesar de tudo, o seu sono foi inquieto. O sentimento de estar sozinho atormentava-o até no sono. Era estranho que o rosto de Dulcie, aparecendo-lhe em sonhos, não afugentasse essa sensação de solidão.

Entrou no escritório, sorrindo. — Bom dia, Jane.

Ela se levantou da mesa e correu para ele, estendendo-lhe a mão.

— Já sei. Chegou, viu e venceu — disse ela. — Mas se esqueceu por completo de mim.

Ele riu satisfeito e disse, com uma falsa censura: — É assim que se fala com o chefe depois de casado? Ela olhou para trás e voltou-se para ele, sorridente.

— Bem, parece que não há perigo. Sua mulher não está presente e creio que posso beijá-lo.

— Acho que pode — murmurou ele.

Ela beijou-lhe brevemente os lábios e disse com sinceridade: — Felicidades, Johnny. Desejo do fundo do coração que seja muito feliz.

— E serei, Jane — disse ele, cheio de confiança. — Sou um homem de sorte.

Pegou o chapéu e o sobretudo, entregando-os a Jane, e disse, dirigindo-se para a porta da sua sala:

— Diga a Rocco que venha falar comigo assim que chegar. Preciso dizer umas coisas àquele camarada.

Ela bateu com a cabeça enquanto pendurava o sobretudo e ele entrou na sala.

Sentou-se à mesa. A correspondência estava empilhada diante dele e Johnny começou a abri-la. Daí a pouco o telefone tocou.

— Irving Bannon quer falar com você — disse-lhe Jane. Ouviu o estalo da ligação e disse:

— Alô, Irving.

— Johnny, seu patife! Escondeu tudo da gente! Johnny sorriu. Com certeza, iria ouvir aquilo o dia inteiro.

E não devia esperar outra coisa.

— Não foi nada disso, Irving. O fato foi uma surpresa até para mim!

— Não me venha com essa, rapaz! Mas prometo esquecer o fato de você ter guardado segredo de nós, se me apresentar a sua patroa quando ela voltar. Vi algumas fotografias dela e que beleza que ela é!

— Pode ficar certo — disse Johnny, satisfeito.

— Olha lá, Johnny! Mas a verdade é que lhe desejo muitas felicidades e que todos os seus aborrecimentos sejam pequenos!

Johnny riu com a velha brincadeira.

— Obrigado, Irving. Vou dizer a minha mulher que você telefonou. Ela vai ficar satisfeita, porque tenho falado muito com ela a seu respeito.

— Mas ela só vai ficar sabendo com quem se casou depois de eu conversar com ela sobre você. Adeus, Johnny, e tudo de bom para vocês dois.

— Obrigado, Irving. Adeus.

Johnny desligou o telefone, sorrindo. Devia haver muita curiosidade em todo o escritório a respeito de Dulcie. Quando ela voltasse e eles se acomodassem, teria de dar uma festa para apresentá-la a todos.

Tornou a pegar o telefone e pediu a Jane:

— Ligue para George Pappas.

Esperou. Pouco depois, a voz de George chegava ao telefone.

— Alô, Johnny. Parabéns!

— Obrigado, George.

— Quando soube pelos jornais que você estava casado, meu irmão Nick e eu dissemos: “Johnny é mesmo assim. Casa-se assim escondido para que os amigos não façam festa para ele”. Assim, ficamos esperando até você voltar. Como foi isso?

— Nem me pergunte, George — disse Johnny, rindo. — Eu mesmo não sei como isso aconteceu. Acho que sou mesmo é um homem de sorte.

— Tem sorte, sim. Sua mulher é muito bonita.

Johnny teve uma sensação de prazer. Todos lhe diziam isso. Sentia orgulho de ter ganho uma mulher a quem todos admiravam.

— Mais uma vez, obrigado, George. E, mudando de assunto, conversei com Peter e tenho notícias para você.

George riu. Ainda estava pensando no casamento súbito de Johnny. Era uma moça bonita e devia ser muito direita, pois do contrário Johnny não se casaria com ela. Perguntou distraidamente:

— Que notícias?

— Peter não quer vender os cinemas.

— Que é que ele quer fazer então, Johnny?

— Gostaria de que você continuasse com a sociedade nos cinemas.

— E se não continuar?

— Neste caso, ele está disposto a comprar a sua parte, se o preço for conveniente.

George pensou nessa frase “preço conveniente”. Estariam pensando no preço que tinham dado pelos cinemas? Seria uma tolice e, além disso, mau negócio. Os cinemas valiam muito mais do que quando eles os haviam comprado. Peter devia saber disso

— O preço conveniente — disse ele cautelosamente — é o que se baseia nos valores atuais do mercado.

— Você bem sabe que estão exagerados, George.

— Sem dúvida, mas é o que valem atualmente.

— Olhe aqui, George, somos velhos amigos e bem podemos deixar de rodeios para falar honestamente. Podemos gastar um milhão e meio na compra da sua parte nos cinemas. Pagaremos todas as despesas legais e você sairá de tudo com meio milhão de lucro.

George hesitou. A oferta era boa em relação ao que eles haviam investido, mas as propriedades valiam bem mais do que isso no momento. Além disso, ele precisava de mais dinheiro para iniciar o programa de construção de cinemas que tinha em mente. Tinha algumas ideias que reduziriam quase à metade as despesas de construção.

— Por um milhão e três quartos, o negócio está fechado — disse ele.

— Fechado então — disse Johnny, prontamente. — Vou mandar os advogados tratarem imediatamente das formalidades.

Estava satisfeito. Peter ficaria contente de que ele tivesse conseguido salvar esses 250 mil dólares. Era mais do que ele havia esperado.

George também estava satisfeito. Achava que havia conseguido pelos cinemas mais do que eles valiam e passaria a dispor de uma margem bastante

segura para os seus planos futuros.

Combinaram encontrar-se para almoçar no dia seguinte e discutir outros detalhes do assunto. Depois, desligaram.

Johnny tocou a campainha e Jane apareceu na sala.

— Onde está Rocco? — perguntou ele.

— Não sei — disse ela, surpresa. — Vou telefonar para Bannon. Talvez ele tenha passado por lá depois de estacionar o carro.

— Que carro, Jane?

Jane percebeu de súbito que havia alguma coisa suspeita em tudo aquilo.

— O seu carro Johnny. Depois que você saltou.

— Mas eu vim de táxi.

— De táxi? — perguntou ela, muito pálida. — Não foi ele que o trouxe?

— Não. Ele não estava em casa quando cheguei ontem à noite. Não o vejo desde o dia do meu casamento, quando ele veio para Nova York.

— Ele veio para Nova York? Mas não apareceu aqui.

Jane compreendeu tudo. Rocco havia desaparecido, como havia dito que faria. Os olhos se lhe encheram de lágrimas.

Johnny levantou-se e correu para ela a fim de ampará-la, pois ela estava a ponto de cair, tomada de violenta emoção.

— Espere um pouco, Jane! Que quer dizer isso?

Ela baixou os olhos e disse:

— Não sabia?

— Não! — disse ele, surpreso. — Você e Rocco? Johnny ficou arrasado. Que idiota ele tinha sido! Se não pensasse tanto em si mesmo, teria percebido tudo e nada daquilo teria acontecido na vida daqueles dois que tanto representavam para ele. Agora, estava tudo perdido...

— Talvez ele tenha resolvido tomar umas férias... — murmurou ele. Teve vontade de acrescentar que ele não vinha passando muito bem ultimamente, mas calou-se. Isso só serviria para complicar as coisas. E não sabia mais o que dizer.

Afinal, Jane pareceu dominar-se. Passou automaticamente a mão pelos cabelos e murmurou:

— Devo- estar com uma cara horrível!

Apesar de tudo, Johnny sorriu. Ainda nos piores momentos da vida, as mulheres pensavam na sua aparência. Foi até à sua mesa apanhou uma garrafa e dois copos.

— Você precisa é de beber alguma coisa, Jane. Encheu os copos e disse:

— L’chaim!

Era o que Peter sempre dizia quando bebia alguma coisa. Significava “felicidades”. Ela bem que precisava disso.

Ela bebeu e a cor começou a voltar-lhe ao rosto.

— Assim é melhor — disse ela. Johnny olhou-a e perguntou:

— Já está melhor?

Ela bateu com a cabeça e até conseguiu dar um sorriso.

— Com certeza, estamos nos preocupando à toa — disse ele, com mais confiança do que sentia. — Ainda acho que Rocco resolveu tirar umas férias e, sabendo que eu ainda não tinha voltado, não apareceu.

Ela o olhou por um momento, sem responder. Estava até começando a sentir um pouco de pena dele. Johnny não compreendia absolutamente o que havia acontecido. Mas ela não podia dizer coisa alguma. Teria de descobrir por si mesmo. O telefone tocou na sala dela e Jane saiu prontamente para atender. Johnny voltou para a sua mesa. Olhou para as cartas. Tinha de lê-las, mas não estava com disposição no momento. Rocco deveria ter-lhe dito alguma coisa a respeito dos seus planos. Sentia-se magoado e com um estranho sentimento de culpa. Pensou em Jane, refletindo que ela havia ficado amedrontada ao compreender o que havia acontecido.

Era muito estranho o que Rocco havia feito. Não era costume dele proceder assim. Começou a sentir um impulso de cólera. Aquilo tinha sido uma sujeira de Rocco.

Ouviu então uma vozinha que lhe dizia ao ouvido: “De que é que se está queixando? Rocco não lhe deve nada. O que aconteceu é justamente o contrário”.

Virou a cabeça rapidamente como se estivesse falando com alguém: “E Jane?”

“Você não tem nada com isso”, disse-lhe a vozinha. “O problema é dela e de Rocco. Você antes não se preocupava com isso. Para dizer a verdade, nem chegou a notar coisa alguma!”

O telefone em sua mesa tocou. Atendeu. Quando acabou de falar e desligou, tentou lembrar-se daquilo que estava pensando e não conseguiu. Tinha apenas a impressão de que havia falhado — impressão que iria continuar e aumentar antes que o dia chegasse ao fim.

# 13

Jane ficava sempre até tarde no escritório às terças-feiras, porque era o dia em que se completava o jornal da semana e Johnny ficava no escritório de Bannon até o filme ficar pronto, fosse lá a que hora fosse. Mandava buscar café e sanduíches e, quando acabavam de comer, já passava das sete horas e Johnny ia para o escritório de Bannon. Nunca voltava antes das nove. Jane aproveitava o tempo para limpar a mesa, batendo as cartas que se cumulavam no princípio da semana, quando a correspondência era sempre mais forte. Aquela noite de terça-feira não foi exceção, embora Johnny houvesse voltado do estúdio justamente naquele dia. Eram quase oito horas quando ela bateu a última carta. Deu um suspiro. O dia tinha sido muito trabalhoso e ela estava muito cansada. Chegou a pensar em ir para casa, deixando um bilhete para Johnny, mas achou que seria melhor esperar. Ele já estava aborrecido por causa de Rocco e ela não queria aumentar-lhe os aborrecimentos.

Nisto, torceram a maçaneta da porta. Talvez tivessem acabado mais cedo e já fosse Johnny. Seria ótimo. Estava louca para ir para casa, meter-se num banho e tirar aquele cansaço do corpo.

Mas a porta se abriu e Rocco apareceu. Tinha uma expressão meio envergonhada no rosto, mas também uma expressão de contentamento e altivez. Entrou no escritório e fechou a porta.

Jane levou a mão ao peito, olhando-o, enquanto o coração dentro dela cantava: “Ele não se foi embora! Não se foi embora!”

Mas nada disse até ele chegar perto dela. Levantou-se então e atirou-se nos braços dele.

— Rocco, Rocco! — dizia ela, repetindo-lhe o nome, como se estivesse entoando uma canção.

— Menina — disse ele, afagando-lhe os cabelos.

O nome, ternamente proferido, pareceu-lhe estranho e ela sorriu por entre as lágrimas que lhe enchiam os olhos.

— Diga isso de novo, Rocco —- murmurou ela com os olhos radiantes. — Diga, Rocco.

Ele beijou-a, olhou-a e deu um suspiro, repetindo:

— Menina!

Era ao mesmo tempo delicado, terno e respeitoso. Ela queria ser chamada assim a vida toda.

— Nunca deixe de me chamar assim, Rocco.

— Nunca deixarei, menina — disse ele, sorrindo.

Abraçaram-se. Ele era forte e ela se sentia um pouco sem fôlego. Beijaram-se e ela fechou os olhos. Aquilo era como balançar-se na ponta de um arco-íris. Podia sentir o mundo girar em torno dela, mas não se importava, pelo

menos enquanto Rocco a amasse. Separaram-se e olharam um para o outro. Jane achou que ele estava muito bem. Certas rugas lhe haviam desaparecido do rosto. Os olhos pareciam claros e confiantes.

— Decidiu-se então? — perguntou ela.

— Sim, decidi-me — disse ele, ainda segurando-lhe a mão, como se tivesse medo de soltá-la.

— Que é que você está fazendo? — perguntou ela.

Ele lhe largou a mão e olhou-a com um ar de desafio como se tivesse receio de que ela fosse zombar dele. Pensou um instante, sem falar, desabotoou o sobretudo, jogando-o um pouco para os ombros.

Ela olhou e viu um paletó de linho branco, com um bolso à altura do peito onde se viam algumas letras vermelhas. Aproximou-se e leu: “Hotel Savoy — Barbearia”. Olhou para ele sem acreditar. Ele havia dito que voltaria a ser barbeiro, mas ela havia pensado que isso não passava de conversa.

Com olhos ainda nela e no mesmo tom de desafio, ele perguntou:

— Há alguma coisa de errado nisso?

Jane olhou-o e viu que ele estava com medo da resposta dela. Mas não era preciso ter medo.

— Não, Rocco — disse ela, olhando-o bem nos olhos — nada há de errado nisso, desde que você seja feliz.

O medo oculto desapareceu dos olhos de Rocco. Ele sorriu e disse simplesmente:

— Sou feliz. Isto aqui nunca foi para mim.

Ele tinha razão. Não era para ele. Para suportar aquilo era preciso que se tivesse o cinema na massa do sangue, como Johnny tinha. E quando isso acontecia não havia lugar para mais nada no coração. Transformava a pessoa de uma maneira que não se podia traduzir em palavras. Ela havia sentido essa obsessão em Johnny desde o dia em que ele pusera os pés pela primeira vez no escritório de Sam Sharpe. E ela ficou muito contente de que o cinema não houvesse obcecado Rocco. Queria-o como ele era.

— Johnny não vai gostar disso — disse ela.

— Ora, isso não vai na realidade significar muito para Johnny — disse ele com rara compreensão. — Só o orgulho dele sofrerá um pouco, mas na realidade ele não precisa mais de mim. Eu sou como as muletas que ele tem perto da cama. Só a usa quando não está com a perna. E, ainda assim, é quase sempre para ir ao banheiro.

Ela sorriu da alegoria. Rocco estava cansado de andar atrás de Johnny. Principalmente depois que aprendera a andar e se casara, Rocco não seria para ele mais do que um par de muletas sobressalentes.

Viu-a sorrir e sorriu também, perguntando:

— Em que é que está pensando?

— Estava querendo saber, apenas, quando é que você vai perguntar se eu quero casar-me com você.

— E creio que já sabe qual vai ser a sua resposta.

— Claro.

— E qual é a resposta?

— Já a dei. Claro, sim, sim sim!

Ele abriu-lhe os braços. — Que é que estamos esperando então, menina?

Estavam sentados no sofá quando Johnny voltou. Parou à porta e olhou-os, surpreso. Dirigiu-se então para Rocco, com a mão estendida e um ar de sincero prazer.

Rocco levantou-se e apertou a mão de Johnny. Os dois ficaram olhando um para o outro, um tanto embaraçados.

Foi Johnny quem quebrou o silêncio.

— Que ideia foi essa de assustar a gente? Jane quase perdeu os sentidos hoje de manhã.

Rocco olhou prontamente para Jane. Ela nada lhe havia contado. Mas sorriam e ele se voltou para Johnny.

Johnny viu o olhar que os dois haviam trocado. Riu e foi sentar-se à sua mesa. Recostou-se na cadeira. Sentia-se bem melhor.

— Por onde é que você tem andado, Rocco?

— Trabalhando — disse Rocco, indo sentar-se na cadeira em frente à mesa de Johnny.

— Trabalhando? — perguntou Johnny, com uma voz que de repente fremia de cólera. — Trabalhando onde?

— Numa barbearia.

— Você está brincando!

— Não, não estou. Tomei a decisão quando voltei para Nova York. Nada tenho o que fazer aqui.

— Que história é essa de não ter o que fazer? Você não trabalha para mim?

— Um boy poderia facilmente fazer todo o meu trabalho por muito menos do que você me paga.

Johnny não respondeu logo. Rocco tinha razão, mas ele nunca havia pensado no caso daquela maneira. Tirou um maço de cigarros e ofereceu-o, em silêncio, a Rocco. Acendeu o cigarro dele e o seu e começou a sentir-se envergonhado.

— Desculpe, Rocco. Nunca vi a coisa dessa maneira. Mas devia ter sabido. Diga o lugar que você quer aqui dentro, seja ele qual for e está nomeado.

Rocco sabia que Johnny estava dizendo a verdade. Ele não podia ver as coisas com clareza. O cinema não deixava. Teve um pouco de pena dele.

— Tenho o lugar que eu quero, Johnny.

— Numa barbearia?

— Sim, numa barbearia.

— Espere um pouco — disse Johnny, levantando-se e chegando perto dele. — Você não pode estar falando sério.

Rocco sorriu. Johnny não podia acreditar que alguém preferisse ser barbeiro a trabalhar para o cinema.

— Estou falando sério.

— Então por que não abre uma casa sua?

— Talvez eu faça isso um dia — disse Rocco, lentamente.

— Pode fazer isso agora mesmo. Entrarei com todo o dinheiro que for preciso.

Rocco olhou para Jane e sorriu. No fundo, Johnny era muito boa pessoa.

— Não é questão de dinheiro, Johnny. O que eu já tenho chega para isso, se eu quiser. Não gastei um centavo meu desde que estou com você e tenho 15 mil dólares no pé de meia. É que ainda não quero.

— Não há nada então que eu possa fazer? — perguntou Johnny, com o rosto cheio de tristeza.

— Nada, Johnny.

— Desculpe por ter feito o que fiz, Rocco.

— Não foi só você o culpado, Johnny. Não quero é que haja ressentimento entre nós.

— Não há ressentimento. Só sinto que tenho uma grande dívida com você, que nunca poderei pagar. Obrigado por tudo o que fez por mim, Rocco.

— Você não me deve nada, Johnny — disse Rocco e tentou brincar. — Só quero é que vá cortar o cabelo comigo.

— Está certo, Rocco.

Ficaram olhando um para o outro, desajeitadamente, sem saber o que iam fazer. Foi Rocco quem falou:

— Não se importa de eu levar Jane para casa? Temos alguns assuntos para conversar.

— Nem precisava dizer isso — respondeu Johnny. — Você bem sabe que pode.

Quando os dois chegaram à porta, voltaram-se e disseram quase ao mesmo tempo:

— Boa noite, Johnny.

— Boa noite — respondeu ele.

Ficou sentado, pensando. Sentia-se mais sozinho do que nunca e desejou que Dulcie estivesse ali.

Estendeu a mão para o telefone. Mas antes olhou para o relógio. Nove e meia, o que queria dizer que eram seis e meia na Califórnia. Dulcie ainda devia estar trabalhando no estúdio. Sabia que naquela noite iriam trabalhar até tarde para ganhar tempo. Ela não estaria em casa antes das onze em Nova York. Telefonaria para ela do apartamento. Sentia-se esgotado e vazio. Tinha um gosto amargo na boca. Sentir-se-ia melhor depois de falar com Dulcie.

O táxi parou em frente ao hotel. O porteiro aproximou-se e abriu a porta.

— Não chegue tarde amanhã, Dulcie — disse von Elster. — Temos cenas importantes para ensaiar antes das filmagens.

Dulcie olhou para ele e sorriu. Apesar do seu aspecto ridículo, aquele homem tinha um encanto todo pessoal. Talvez fosse porque era um artista e entendia do seu ofício. Sentia-se muito curiosa a respeito dele.

— Ainda é cedo, Conrad. Por que não sobe para tomar um drinque? Poderemos começar os ensaios esta noite e ganharemos tempo para amanhã.

Von Elster ficou a olhá-la, atônito. Não sabia o que significava aquele convite. Em geral, convites assim só podiam significar uma coisa, mas no caso dela era duvidoso. Afinal de contas, ela era recém-casada, e tinha um marido jovem, simpático e rico, mas, ainda assim, ele não fugiria de explorar as possibilidades. Se estivesse errado — coisa que o fazia encolher mentalmente os ombros —, ao menos ganhariam tempo para o trabalho do dia seguinte, como ela mesmo salientara.

— Uma boa ideia — disse ele.

Arqueou as sobrancelhas quando entrou com ela no apartamento do hotel. Havia uma mesa posta com lugares para dois. Perto da mesa, estava um carrinho com uma bandeja térmica, sob a qual havia uma chama.

— Há bebidas ali naquele armário — disse-lhe ela. — Sirva-se à vontade. Vou tirar essas roupas e tomar um banho. Não faz ideia de como me sinto depois de passar o dia inteiro sob aquelas luzes lá no estúdio!

Ele se curvou polidamente enquanto ela deixava a sala. Foi até ao armário, abriu-o e viu uma série de garrafas. Pegou uma, desarrolhou-a e cheirou. Ah! Schnapps de verdade, como em sua terra. As bebidas que tinham no país com aquela tola ideia da Lei Seca eram horrorosas. Tinha de saber quem era o contrabandista deles. Serviu a bebida num cálice e provou-a. Ach, gut! Bebeu tudo de um trago e serviu outro cálice. Ouviu através das portas fechadas o

barulho da água que corria. Aquilo não deixou de perturbá-lo um pouco. Bebeu o segundo cálice e tornou a enchê-lo.

Ela reapareceu na sala menos de quinze minutos depois.

— Demorei muito? — perguntou, sorrindo.

Ele se levantou da poltrona onde estava sentado, com o rosto um pouco afogueado dos cinco cálices que bebera. Curvou a cabeça.

— Não, Dulcie. Não demorou nada.

Quase no mesmo instante, arregalou os olhos. Gott in Himmel! Ela estava com aquele negligê em cima da pele! O corpo parecia cintilar sob a diáfana seda cor de pêssego. E como ela era bela, positivamente bela.

Ela parecia não ver que ele a olhava.

— Fique aí mesmo onde está — disse ela. — Vou levar-lhe alguma coisa para você comer.

Serviu dois pratos com a comida que estava na bandeja, apanhou dois guardanapos na mesa e levou tudo para onde ele estava.

Entregou-lhe um prato e, puxando um pufe, sentou-se diante da poltrona dele e olhou-o inocentemente.

— Agora, podemos conversar.

Parecia quase uma menina com os compridos cabelos louros amarrados na nuca por uma fita azul.

Von Elster olhou-a. Talvez ela não soubesse que o decote do negligê se abrira de leve quando ela se sentara e que ele podia ver-lhe os seios.

Não fez cerimônias e disse, inclinando-se mais para a frente:

— Sabe, Dulcie, que você é uma mulher muito bonita, mas também muito perigosa?

O seu riso cascateou pela sala.

— Acha mesmo, Conrad?

— Acho — disse ele, solenemente. — Talvez a mulher mais perigosa que já conheci.

Colocou o prato cuidadosamente no chão e pousou as mãos nos ombros dela. Depois, curvando-se, beijou-a castamente na testa, dizendo:

— Você acende incêndios na alma dos homens.

Olhou-a para ver o efeito das suas palavras. Teve a surpresa de ver que o toque das suas mãos fizera o negligê escorregar pelo corpo, deixando-a nua até à cintura. E o que ela disse surpreendeu-o ainda mais.

— E é esse todo o incêndio que eu acendo dentro de você, Conrad?

Johnny olhou para o relógio. Estava na hora de telefonar, pois ela já devia estar em casa. O telefone tocou.

— Telefonista do interurbano. Completada a sua ligação para a Califórnia. Pode falar.

— Alô, Johnny!

Era a voz de Dulcie, que parecia contente e quase ofegante.

— Dulcie! Como vai, querida?

— Foi tão bom você telefonar, Johnny, meu bem. Estava com saudades.

— E eu também. Tudo bem por aí com você?

— Tudo. Mas seria melhor se você estivesse aqui. Ele riu, feliz.

— O cinema é assim, querida. Nunca se sabe o que vai acontecer. Como é que vai o filme?

— Acho que vai muito bem. Mas estou arrependida de haver começado. Estou trabalhando tanto e fico tão cansada quando volto para casa que quase não posso manter os olhos abertos.

Ele a ouviu bocejar pelo telefone e sentiu-se tomado de pena por ela. Pobre menina! Não sabia em que se havia metido. Ainda nas melhores condições, trabalhar no cinema era uma tarefa nervosa e exaustiva.

— Escute, meu bem. Não vou então demorar. Vá descansar para estar bem bonita para as câmaras, amanhã de manhã. Só queria ouvir a sua voz. Sinto-me tão sozinho.

— Não desligue já, Johnny. Quero falar com você.

Ele riu. Às vezes, era preciso ser um pouco firme com ela.

— Temos o resto da vida para nos falarmos. Você tem de ir para a cama agora mesmo.

— Está bem, Johnny — murmurou ela, como que vencida pela sua autoridade masculina.

— Eu a amo, Dulcie.

— E eu a você, Johnny.

— Boa noite, querida.

— Boa noite, Johnny.

Ele desligou o telefone e estirou-se na cama. Olhou para o retrato dela e sorriu. Lembrou-se então de que não falara com ela a respeito de Rocco. Era uma coisa que fazia questão de dizer-lhe. Pouco a pouco, a impressão de vazio voltou a invadi-lo.

Von Elster viu-a desligar o telefone e disse:

— É uma pena que você não continue a trabalhar no cinema. Um dia, haverá filmes falados e você será uma atriz ainda mais estupenda.

— Quem foi que disse que eu não vou continuar no cinema? Ele a olhou um instante e disse então, com a voz cheia de admiração:

— Perdoe-me, Dulcie, mas você é uma atriz ainda maior do que eu pensava.

Ela nada disse. Os seus olhos se afastaram dele e ficaram sombrios e pensativos. Era fácil demais enganar Johnny, que a amava tanto. Sentiu uma ponta de remorso, mas sacudiu a cabeça. Por que iria deixar aquilo importuná-la?

Nunca havia amado Johnny e só se casara com ele por um único motivo. Ele havia conseguido o que queria, pois ela nada lhe recusara. Era justo então que ela também conseguisse o que queria.

Tinha a consciência profunda de que nunca ficaria satisfeita com um só homem. Havia dentro dela uma ânsia constante, que era como um desafio. Ela só se sentiria feliz quando todos os homens do mundo a vissem e desejassem.

E isso iria acontecer em breve. Quando o seu filme estivesse pronto e fosse exibido.

# CONSEQUÊNCIAS

## 1938

# Sexta-feira

Foi um dia daqueles que eu devia passar na cama. Nada deu certo. E eu nada pude fazer. Sexta-feira é um dia que nunca dá certo comigo.

Começou logo de manhã quando fui à casa de Peter. Não me deixaram vê-lo. A febre tinha subido e o médico proibira todas as visitas.

Conversei com Doris e com Esther, tentando animá-las ura pouco. Não sei se tive algum resultado com elas, mas comigo, quanto mais eu falava, mas deprimido ficava.

Era um sentimento intangível. Começara com um leve pressentimento no fundo do coração. Depois, foi crescendo como uma nuvem negra que se vê no horizonte num dia de tempo incerto. Procura-se não dar atenção, espera-se que o vento a leve para longe. E quando menos se espera, o aguaceiro desaba. Assim é que era comigo nesse dia.

Não dei muita importância àquela impressão quando saí da casa de Peter, mas quando cheguei ao escritório, não era mais possível disfarçar. Eu fora colhido por uma chuva torrencial sem ter onde me abrigasse. Daí por diante, tudo correu errado.

Ficara na casa de Peter mais tempo do que esperava, de modo que só cheguei ao estúdio depois do almoço. Eram quase duas horas quando vi o bilhete de Larry em cima da minha mesa.

Dizia: “Telefone-me logo que chegar”.

Tive um estranho impulso de sair do escritório e ir para casa, deixando para falar com ele na segunda-feira, mas não foi isso o que fiz. Apertei o botão do telefone interno e ele atendeu.

— Stan e eu gostaríamos de conversar com você quando tivesse alguns minutos livres.

— Podem vir agora — disse eu, depois de um instante de hesitação.

— Está bem. Vamos já para aí.

Fiquei a esperá-los e a pensar no que poderia ser. Não tive muito tempo para isso. A porta se abriu e os dois entraram na minha sala.

Acendi um cigarro e disse, mais bem-humorado do que me sentia:

— Vão se sentando. Que é que há?

Ronsen entrou direto no assunto. As palavras lhe saíam da boca e da cabeça de Farber.

— Resolvi convocar uma reunião extraordinária da diretoria, quarta-feira, em Nova York. Acho que devemos estabelecer sem demora a posição de Stan.

— Parece-me justo — disse eu, ainda sorrindo. — Mas que é exatamente que você pretende estabelecer?

— Em primeiro lugar — disse Ronsen, visivelmente contrafeito — temos de criar um cargo definido para Dave. Já está há vários meses no estúdio e não é peixe, nem carne. As suas responsabilidades devem ser claramente traçadas. Como as coisas estão, ninguém sabe exatamente o que ele tem de fazer.

— Eu tenho uma boa ideia a respeito do que deve fazer — murmurou Johnny — mas não creio que coincida com a de vocês.

Farber ficou um pouco vermelho com a minha resposta, mas Ronsen fingiu que não a tinha ouvido.

— Bem... o que... tenho em vista — disse ele, gaguejando um pouco — é elegê-lo vice-presidente da companhia. Será encarregado da produção.

— É um título muito sonoro, Larry. Vice-presidente encarregado da produção. Um camarada chamado Thalberg exerceu esse cargo na Metro. Zanuck tem também esse cargo na Twentieth Century Fox. Mas esses dois entendem do seu ofício. Que é que esse rapaz entende? Não é capaz nem de fazer distinção entre a frente de uma câmara e o traseiro dele. Além disso, meus amigos, nós temos um gerente de produção muito competente. Se querem dar o fora nele, ao menos arranjem outra pessoa que não seja Dave para tomar-lhe o lugar. Ele não tem qualidades de espécie alguma para exercer as funções.

Ronsen olhou muito nervoso para Farber. Este respondeu com um olhar inflexível. Ronsen falou então comigo em voz conciliatória.

— Não há motivo nenhum para você perder a calma, Johnny. O título será honorário. Roth não será na realidade o encarregado da produção. Gordon continuará no seu lugar, mas nós temos de dar ao rapaz um cargo importante.

Olhei-o firmemente e vi que ele não podia suportar tranquilamente o meu olhar. Perguntei então delicadamente:

— Por quê?

Pela primeira vez desde que entrara no escritório, Farber fez ouvir a sua voz. Encarou-me e disse:

— Isso faz parte do preço que é preciso pagar por um milhão de dólares.

Virei-me para ele. As apostas estavam feitas e as cartas estavam começando a aparecer em cima da mesa. Tinha de meter-me no jogo o mais depressa possível.

— E qual é o resto do preço que temos de pagar, Stan? — perguntei, ainda com voz suave.

Ele não respondeu. Foi Larry quem tomou a palavra, mas eu continuei a olhar para Stan.

— Stan será eleito para a diretoria, juntamente com Dave, na reunião de quarta-feira. Terá autorização especial para remodelar o departamento de vendas de acordo com certas ideias que ele tem.

Disse então com voz bem sarcástica: — Posso saber que ideias são essas ou há mais alguns parentes dele por aqui que eu não conheça?

— Espere um pouco, Johnny — disse Ronsen. — Você ainda não conhece os planos dele. Você pode ter má vontade, mas deve saber que a diretoria em princípio já concordou com esses planos.

— E como foi que eu não soube deles? Já se esqueceu de que eu também faço parte da diretoria?

— Foi no dia seguinte ao da sua partida e tivemos de agir com presteza. Tentamos entrar em contato com você, mas não conseguimos.

"Tentaram coisa nenhuma", pensei eu. Recostei-me na cadeira e olhei para eles.

— Como presidente da companhia, sou responsável por todas as suas atividades. Essas atividades abrangem um programa de vendas e um programa de produção, quer dizer, tudo o que diz respeito à indústria a que esta companhia se dedica. A sua responsabilidade, Larry, é apenas financeira. Cabe-lhe ver que a companhia opere sempre numa base financeira sólida. Quando você começa a intervir em atividades que não são da sua alçada, está arriscando a posição financeira da companhia e exercendo mal as funções sob a sua responsabilidade. Posso compreender o seu zelo e o da diretoria em proteger os investimentos que até agora fizeram na companhia. Mas um fator importante que não pode deixar de ser considerado é a competência que têm vocês dois para determinar alterações na maneira pela qual a companhia é administrada.

O meu cigarro se apagara e acendi outro. Olhei-os como um professor olha os alunos.

— Vamos examinar essa competência. Primeiro você, Larry. A sua experiência anterior nesta indústria Se limitou a uma ligação com os banqueiros que atualmente controlam a Companhia Borden. Esses banqueiros, depois de se apossarem da companhia, tentaram durante algum tempo dirigi-la de acordo com as suas ideias. Quando abriram os olhos, haviam perdido alguns milhões de dólares e tiveram de recorrer à indústria para encontrar um homem capaz de dirigir a companhia lucrativamente para eles. Encontraram esse homem. É George Pappas. Daí por diante, toda a responsabilidade é indiscutivelmente dele. A situação financeira atual da companhia mostra que agiram com acerto. E os nossos respeitáveis homens da diretoria? Que entendem eles de cinema? Tanto

quanto você ou menos ainda. Um deles faz parte de uma firma bancária. Outro tem um escritório de corretagem na Wall Street. Outro é presidente de um frigorífico e ainda outro é dono de um hotel. E por último, mas nem por isso melhor, há um suave cavalheiro que vive de rendimentos graças à fortuna que herdou, a qual lhe permite possuir várias residências em lugares socialmente aprovados entre as quais vive de um lado para outro de acordo com as estações, servindo ainda nas diretorias de várias companhias em que emprega o seu dinheiro. Demonstra em todas essas companhias o mesmo encanto e a mesma ignorância de tudo que demonstra na nossa.

Estavam olhando fascinados para os meus dedos enquanto eu enumerava os homens da diretoria.

— Querem que continue? — perguntei-lhes. — Ou já chega?

Disse então com voz fria:

— Não permitirei que se verifique na administração desta companhia a mesma incompetência que lhe caracteriza a diretoria. Isto aqui é uma companhia de cinema que no momento enfrenta um futuro difícil e incerto. Precisa de gente que tenha experiência e não de amadores. Se querem mesmo proteger o dinheiro que já investiram, o conselho que dou a vocês é muito simples. Procedam cautelosamente antes de tentarem aplicar a esta indústria a experiência que julgam ter. Isso é muito diferente de qualquer coisa que já tenham conhecido. A única coisa que podem dar a esta indústria é capital. Vocês têm dinheiro ou são capazes de consegui-los. Não pensem que subestimo a importância do dinheiro ou o papel de vocês quando lhes digo: fiquem na sua parte do negócio e deixem-me sozinho na minha. A voz de Larry, quando me respondeu, tremia de fúria. Com certeza, nunca falara com tanta rudeza desde os seus tempos de menino. Havia perdido todo o verniz de polidez e as suas palavras eram ferozes.

— Em contrário à sua opinião, a diretoria já aprovou as sugestões de Stan e nós vamos tratar de torná-las oficiais. É a diretoria que dirige a companhia e não você. Isto não é mais a empresa de um só homem, como era no tempo de Kessler e, se tem qualquer ideia de trabalhar nessa base, pode desistir.

Chegara a levantar-se para dizer essas coisas. Olhei-o com muita calma. Aquilo era uma linguagem que eu podia compreender. Conversa direta. Nada de sutilezas ou de rodeios. A minha voz era serena e simples.

— Vocês e os seus homens perderam três milhões de dólares nesta companhia até me chamarem para tirar as castanhas do fogo para vocês. Ora, se eu tenho de fazer isso, só posso fazer à minha maneira. Não vou tentar carregar às costas um peso morto de incompetentes que só servirão para entravar ainda mais tudo.

Ele já ia sentar-se, mas parou no meio do caminho. Deu-me vontade de rir, vendo-o assim suspenso no ar, acima da cadeira. Por um instante, passou-lhe pelos olhos um lampejo de medo. Ele não tinha pensado que eu fosse ao ponto que havia acabado de sugerir. Tinha julgado que eu queria aquele lugar acima de tudo. Era bom que não soubesse que estava certo. Procurou as palavras e acabou encontrando-as. A voz voltou a ser macia.

— Por que é que estamos ficando tão exaltados? — perguntou em tom de conciliação. — Tudo é uma diferença de opiniões. Tenho a certeza de que poderemos chegar a uma solução que seja satisfatória para todos nós.

Eu podia ver que estava pensando nos três milhões perdidos quando se voltou para Stanley, com os olhos mansos e disse:

— Não é verdade, Stan?

Farber olhou para mim. O meu rosto estava impassível. Olhou para Ronsen e falou com uma voz chorosa, que era minha velha conhecida.

— Mas que é que eu tiro disso? Afinal de contas, estou empregando um milhão de dólares.

Ronsen olhou para mim. Quando ele falou, percebi que havia vencido temporariamente. O ruim era isso. Qualquer solução seria temporária, não poderia durar. Seria mais difícil lidar com eles depois que se houvessem entrincheirado. E eu sabia que isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde. A única maneira certa que eu tinha de vencer era botá-los naquela mesma hora para fora, mas isso eu não podia fazer. Eu já havia concordado em aceitar o milhão de dólares. O máximo que eu podia esperar era retardar o mais possível o pagamento do preço exigido.

— Escutem — disse-lhes eu. — Não sou um homem irredutível. Meto-me apenas com o que me diz respeito e só peço dos outros é que façam o mesmo. Estou disposto a concordar com a eleição de Stan para a diretoria sem qualquer autoridade especial e estou disposto a dar uma oportunidade a Dave aqui no estúdio. Quando ele se desenvolver e entender mais da coisa, deixá-lo-ei até assumir a direção do estúdio, mas, agora, não. Há muita coisa em jogo e não nos podemos arriscar.

— Parece-me justo, Stan — disse Ronsen. — Que é que você acha?

A voz dele era tão macia que podia servir de fralda a um bebê.

Farber olhou para mim. Pude ver nos olhos dele a vontade de me mandar para as profundas dos infernos, mas os seus lábios estavam rigidamente contraídos. O seu milhão de dólares já estava na dança e ele não podia retirá-lo. Recebera em troca dele 25 mil ações ordinárias, que era tudo o que ele podia exigir no papel. As leis vigentes não permitiam que qualquer acordo escrito fosse além disso. Sabia não só que ele iria aceitar a minha proposta, mas também

que a luta havia apenas começado. Para ele, só poderia terminar com o meu afastamento. Esperaria a ocasião oportuna, mas tinha certeza de que um dia me daria o pontapé final.

Levantou-se. A sua expressão mostrou-me que ele havia pensado em outra coisa.

— Vou pensar no caso — disse ele. E saiu da sala.

Ronsen levantou-se prontamente. Olhou para mim e olhou para Farber, que se dirigia para a porta. Quase tive pena dele. Estava no meio. A luta era entre mim e Farber e ele estava entre nós, sem poder tomar partido e sem saber o que fazer.

Sorri para Larry. Pela primeira vez, eu estava em posição de dar uma ordem.

— É melhor ir atrás do seu homem, Larry. E veja se pode fazê-lo ver a luz.

Não me disse nada. Por um momento, o véu lhe caiu dos olhos e pude ver a raiva que sentia de mim. Em seguida, saiu apressadamente no encalço de Farber.

Pensei então que também havia feito dele um inimigo. Mas isso pouca diferença fazia para mim. Preferia enfrentá-los à luz do dia a ter de ir procurá-los no escuro. E, apesar de tudo, sabia intimamente que estava errado. O que houvéssemos combinado durante o dia seria anulado à noite. No cinema, é assim.

As luzes brilhando no relógio do carro de Doris mostravam que já passava das dez horas. O rádio tocava suavemente. A noite estava quente e as estrelas brilhavam minúsculas no fundo azul-escuro do céu.

Olhei-a enquanto ela entrava pela alameda da ladeira que ia para casa dela. Ficara em silêncio desde que havíamos saído do restaurante.

Ela parou o carro e desligou a chave. Acendemos os cigarros e ficamos ali, escutando a música do rádio.

Começamos a falar ao mesmo tempo. Foi engraçado. Rimos e a tensão que caíra sobre nós desde que havíamos visto Dulcie no restaurante pareceu atenuar-se.

— Que é que você ia dizer? — perguntei, ainda rindo.

— Nada — respondeu ela.

— Deixe disso. Você ia dizer alguma coisa. Que era? Ela tirou uma fumaça do cigarro e murmurou:

— Você já gostou muito dela.

Olhei para o jardim em frente da casa dela. Gostara mesmo? Eu havia passado a ter as minhas dúvidas. Amara realmente Dulcie? Chegara de fato a

conhecê-la? Não acreditava nisso. Ela era uma grande atriz e eu amara o que havia julgado que ela fosse ou, antes, o que ela queria que eu pensasse que era. Tinha certeza, mas se dissesse a Doris que não havia amado nem conhecido Dulcie, ela não me daria crédito.

— Sim... cheguei a amá-la em outros tempos — respondi. Ela não falou logo. Continuou a fumar, mas eu sabia que haveria mais e fiquei esperando.

— Johnny, como era ela? Quero saber da verdade. Tenho ouvido muita coisa dela, mas nunca cheguei a conhecê-la de perto.

Como era ela de verdade? E eu sabia? Pensando em tudo o que havia acontecido, só podia chegar à conclusão de que não sabia.

— Não tem ouvido falar muita coisa dela? — perguntei. Ela balançou afirmativamente a cabeça.

— Pois tudo o que soube é verdade.

Ela voltou a ficar em silêncio. Jogou a ponta de cigarro pela janela do carro e ela descreveu uma espiral de brasa até cair no chão. Senti a mão dela na minha. Olhei-a e sorri.

— Você deve ter sofrido muito — murmurou ela.

De fato, mas não tanto quanto na ocasião pensara. Ainda me lembrava do que havia sentido na noite em que surpreendi Warren Craig na cama dela. Cerrei os olhos. Não queria lembrar-me disso. Mas não deixava de ouvir as coisas que ela me disse em altos brados — palavras que eu nunca pensara ouvir dos lábios de uma mulher. Depois, o súbito silêncio quando bati nela. Ainda me lembrava dela, estendida nua ali no chão, olhando para mim com um ar de triunfo e um sorriso de desdém nos lábios, dizendo:

— Eu não podia esperar outra coisa... de um aleijado! Olhei para Doris e disse:

— Não, Doris. Acho até que quase não sofri. O sofrimento veio depois, muito depois, quando compreendi o que havia perdido durante tantos anos.

— Que foi?

— Você — disse eu ternamente. — Sofri porque sabia que todos aqueles anos estavam perdidos e que eu nunca mais os recuperaria. E sofri ainda mais porque tinha receio de tentar, porque não sabia como.

Ela pousou a cabeça no meu ombro e olhou para o céu. Ficamos assim uma porção de tempo.

— Eu também tinha receio — disse ela, muito depois.

— De que, Doris?

— Tinha receio de que você não a pudesse esquecer — disse ela, levantando a cabeça do meu ombro e olhando-me. — Tinha medo de que você

nunca mais voltasse para mim. Tinha medo de que, mesmo voltando, ainda pensasse nela. Beijei-a. Ela sorriu e continuou:

— Você não sabe o que é viver assim com medo, o que é não ter certeza da pessoa a quem se ama.

Beijei-lhe de novo os lábios quentes e macios e disse:

— Não é preciso mais ter medo, querida.

— Sei disso... agora — disse ela, com um suspiro de contentamento.

A noite estava tranquila e ouvia-se o canto dos grilos nas moitas. De vez em quando, um vaga-lume brilhava no escuro. Abaixo de nós, estendiam-se no vale longas filas de luz. Vinha das casas, das ruas, dos letreiros luminosos. Era como se um outro céu se houvesse derramado sobre a terra.

De repente, Doris me perguntou:

— O que é que está havendo no estúdio, Johnny? Há alguma coisa errada?

— Nada de importante — respondi, acendendo um cigarro. Ela me olhou incredulamente. Conhecia demais o meio de cinema para acreditar em mim.

— Não é preciso dissimular, Johnny. Também leio os jornais e vi que o Reporter disse ontem. É verdade?

— Em parte. Mas creio que já dominei a situação.

— Tudo isso aconteceu porque você veio ver Papai — disse ela. — Devia ter pensado nisso quando lhe telefonei.

Vi que ela estava preocupada por minha causa. E, estranhamente, isso me deu satisfação. Apesar de todos os motivos de preocupação que tinha, ela ainda pensava em mim. Peguei a mão dela e beijei a palma.

— Não podia ser de outra maneira, querida. Ainda que eu tivesse de deixar a Magnum. Estar de novo com você e ver Peter é mais importante do que qualquer coisa que eu tenha para fazer numa companhia de cinema.

— Espero que você não tenha de lutar com muitas dificuldades em consequência disso — disse ela, com os olhos enternecidos.

— Não se preocupe com o Tio Johnny, querida — disse eu com mais confiança do que sentia. — Ele já está com a situação controlada.

Antes de dez minutos, fiquei sabendo como estava errado. Ouvimos o barulho de um carro que subia a alameda.

— Quem será? — perguntou Doris.

— É Christopher — disse eu, olhando para o caminho e reconhecendo o carro. — Disse-lhe que me pegasse aqui um pouco depois das onze.

O carro parou perto e Christopher botou a cabeça para fora.

— Sr. John?

— Sou eu, Christopher.

— Tenho um recado para o senhor do Sr. Gordon. Pede que telefone imediatamente para ele. É muito importante.

— Obrigado, Christopher — disse eu, abrindo a porta do carro. — Posso falar em seu telefone, Doris?

Encaminhei-me para a casa, tentando adivinhar o que seria. Ouvi a voz de Christopher atrás de mim:

— Alô, D. Doris. Como vai o Sr. Peter!?

Não pude ouvir a resposta, pois já estava no hall. Peguei o telefone, disquei o número de Gordon e esperei. Atendeu logo que o telefone começou a tocar. Devia estar à espera do meu telefonema.

— Alô, Bob. É Johnny.

— Você não me disse que tudo ia ficar resolvido? — gritou ele pelo telefone.

Por que é que ele estava tão zangado?

— Acalme-se, rapaz. Fale mais baixo ou então não precisarei do telefone para ouvi-lo. Claro que lhe disse que tudo ia ficar resolvido. Que é que há de errado nisso?

— Tudo! — disse ele, ainda gritando. — Tudo está errado. O que você me disse foi conversa fiada. Só lhe quero dizer que estou farto de conversa. Estou saindo da companhia!

— Mas o que é que está acontecendo? Pare de gritar e me diga. Ainda não sei.

— Então, nós dois fomos embrulhados, Johnny. Acabo de receber um telefonema de Billy, do Reporter. Disse-me que recebeu uma comunicação do escritório de Ronsen, dizendo que numa reunião extraordinária da diretoria, realizada ontem à noite em Nova York, Roth e Farber tinham sido eleitos para a diretoria e que Roth foi eleito também vice-presidente encarregado da produção.

Não pude falar. Os patifes tinham ido ver o meu blefe. Farber devia ter falado muito bem para convencer Larry a fazer uma coisa dessas. Podia imaginar a argumentação: “Não tenha receio. Edge não vai sair. Está com a companhia há muito tempo. Viu-a nascer e não sairá por nada deste mundo”. E tinha razão. Eu não sairia ainda que Larry não saísse.

— Não faça nada até falar comigo, Bob. Se eu não falar com você no fim-de-semana, falarei com você segunda-feira no escritório.

Desliguei o telefone. Esperei um minuto e liguei para a telefonista do interurbano.

— Quero falar para Nova York — disse eu, dando-lhe o número do telefone de Jane.

Eram quase duas horas da madrugada em Nova York, mas eu tinha de saber o que havia acontecido.

Rocco atendeu, com a voz tonta de sono.

— Rocco, quem fala é Johnny. Desculpe telefonar-lhe tão tarde, mas preciso urgentemente falar com Jane.

— Um momento, Johnny. Vou chamá-la. Pouco depois, ouvi a voz de Jane.

— A que horas foi a reunião da diretoria esta noite, Jane?

— Às nove horas. O teletipo de convocação chegou às seis horas, mas só às nove é que houve número para começar a sessão. Achei que você devia saber, mas, ainda assim, não facilitei. Transmiti-lhe a notícia pelo teletipo no horário da noite.

— Compreendo.

Havia com certeza duas comunicações na minha mesa no estúdio, ali colocadas depois da minha saída. E eu havia saído cedo porque queria ver Peter naquela tarde.

— Mais alguma coisa, Johnny? — perguntou ela, ansiosamente.

— Não, Jane — disse eu, com voz cansada. — Muito obrigado. Desculpe tê-la acordado.

— Não tem importância, Johnny.

— Boa noite, Jane. Desliguei e levantei-me.

Doris estava ali, olhando para mim. O meu rosto devia ter-lhe dado a má notícia.

— Dificuldades, Johnny? — perguntou ela com um suspiro. Sacudi a cabeça, afirmativamente. Nada, senão dificuldades.

E de qualquer maneira, quer me conformasse, quer não, estaria perdido. Deixei-me cair numa cadeira. Que dia! Uma sexta-feira negra!

Eu devia ter ficado na cama.

# 30 ANOS

# 1925

# 1

Johnny atravessou a sala repleta à procura de Dulcie. Ainda um momento antes, estava com ele, mas de repente havia desaparecido. Para onde teria ela ido?

Uma mulherzinha de rosto magro chamou-o.

— Johnny querido, venha um instante aqui falar comigo. Temos tão pouco tempo de conversar, que já estou até esquecendo como você é agradável.

Johnny sorriu e foi para onde ela estava. Ninguém se atrevia a desprezar Marian Andrews. Era pequena, nervosamente intensa e escrevia uma coluna que era publicada em quase todos os jornais do país e do mundo. Tratava exclusivamente de Hollywood e podia elevar as pessoas ou destruí-las. Ela tinha consciência do seu poder e não sentia grandes escrúpulos em fazer uso dele. Mas esse poder era habilmente dissimulado por trás de maneiras cordiais, quase íntimas que ela levava até ao que escrevia e que dava aos seus leitores a impressão de que ela lhes estava falando ao ouvido.

— Marian — disse Johnny, apertando-lhe amavelmente a mão. — Não a tinha visto

— Pois olhe — disse ela, arqueando as sobrancelhas — cheguei a pensar por um momento que você não me quisesse ver.

— Isso seria impossível! — disse ele, com um sorriso. — É que estava preocupado com alguma coisa.

— E essa coisa não é senão a sua bela esposa?

— Bem, é uma das coisas que me preocupam. Ela riu.

— Mas não se preocupe, meu velho. Ela foi apenas tomar um pouco de ar. Está em companhia do primo Warren e você pode muito bem sentar-se aqui e conversar comigo.

— Você vê tudo, não é, Marian?

Os olhos dela cintilaram de orgulho.

— É minha profissão, sabe? Não se esqueça de que eu sou repórter. Agora, seja bonzinho e sente-se aqui.

Ele obedeceu e sentou-se ao lado dela. Ela gostava de ser chamada de repórter. Mas o que ela era mesmo era mexeriqueira.

— É uma bela festa essa que Peter está oferecendo ao primo de Dulcie. Está radiante com o fato de que Warren vai fazer com ele o seu primeiro filme e

você deve estar também satisfeito com o fato de que Dulcie vai contracenar com Warren.

— É verdade — disse ele, lentamente. — Estamos todos contentes. Warren Craig é um dos maiores nomes do teatro e é uma vitória para todos nós que ele tenha concordado em fazer esse filme. E não só para nós, mas também para toda a indústria. Há anos que estamos querendo conquistá-lo.

— Ouvi até dizer que foi assim que você conheceu Dulcie no camarim de Warren. Tudo isso deve parecer uma história maravilhosa para você. Foi ver se conquistava para o cinema um dos maiores atores do país e conheceu a prima dele, apaixonou-se por ela e saiu de lá com uma esposa e não o ator que desejava. Dois anos depois, ele resolve afinal fazer um filme e sua encantadora esposa, que é agora uma das maiores estrelas do cinema, vai contracenar com ele. Só no cinema é que é possível uma história tão maravilhosa! Acho que vou publicá-la. Todo o mundo gostará de conhecê-la.

— Pode publicar — disse ele, sorrindo. — Você faria isso ainda que eu fosse contrário.

— Você deve sentir-se muito orgulhoso de Dulcie — continuou ela. — Não são todas que se tornam estrelas com o seu primeiro filme e o que prova que isso não foi puro acaso é que ela já fez mais dois filmes, ainda melhores do que o primeiro. Soube que os filmes dela é que mais dinheiro dão à companhia.

Gostaria de que ela não tivesse o hábito de fazer sondagens em dois sentidos ao mesmo tempo. Era difícil saber o que devia responder em primeiro lugar.

— Sinto orgulho dela, sem dúvida — respondeu ele. Sempre sonhou em ser uma grande artista e eu sabia que ela poderia ser, mas creio que nenhum de nós jamais pensou que ela viesse a ser tão grande sucesso. Não sei se sabe, mas ela só fez aquele primeiro filme para distrair-se enquanto eu trabalhava no estúdio.

— E então ela se mostrou tão grande que você não teve coragem de afastá-la do cinema.

— Foi mais ou menos isso.

— Quer dizer que você quis afastá-la do cinema depois daquele primeiro filme?

— Para não publicar, Marian?

— Para não publicar. Fique descansado, Johnny.

— Para dizer a verdade, tentei, mas depois que vi aquele primeiro filme, compreendi que não teria qualquer espécie de chance.

— Foi exatamente o que eu pensei — disse ela, sorrindo de satisfação. — Deve ser uma infelicidade ser casado com uma das mais belas e admiráveis

mulheres do mundo e viver a cinco mil quilômetros dela.

— Não é tão ruim assim — disse ele prontamente. — Compreendemos ambos que nosso trabalho nos obriga a viver separados, mas nos reunimos sempre que possível. Venho cá quatro vezes por ano e ela vai outras tantas vezes a Nova York.

Marian Andrews sorriu e bateu-lhe de leve no rosto.

— Johnny, você é um amor. Às vezes, tenho até pena de você.

Estranhou as palavras. Que queria ela dizer com isso? Em muitas ocasiões, nas suas últimas visitas ao estúdio, tinha tido a impressão de que estavam com pena dele.

— Não é preciso ter pena — disse ele secamente. — Somos realmente felizes e, apesar da distância que nos separa, muito unidos.

— É claro, Johnny, é claro — disse ela, quase com condescendência. — Ah, ali estão Mary e Douglas. Preciso falar com eles. Dá licença?

Johnny sorriu tolerantemente para ela. Ele já estava esgotado como fonte de notícias e ela estava em busca de outra.

— Pois não — disse ele, levantando-se. — Prazer em vê-la. Ela hesitou um instante e então lhe disse inesperadamente e com o rosto muito sério:

— Gosto de você, Johnny. Você é um homem muito honesto, sabe?

— Obrigado, Marian — disse ele, surpreso com a afirmação e com o seu tom de seriedade. — Mas por que...

Ela não o deixou concluir a pergunta. Pegou-lhe no braço e disse: — O cinema é uma coisa muito engraçada, Johnny. Vivemos aqui como se estivéssemos dentro de um aquário. Sei disso, porque tenho contribuído muito para que seja assim. Sei também que aqui se dizem sobre as pessoas muitas coisas que não são verdadeiras mas que, apesar disso, causam muitas vezes grandes complicações e sofrimento.

— Sei perfeitamente disso, Marian — disse ele, delicadamente.

Ela sorriu com uma expressão de alívio.

— Estou contente de você compreender, Johnny. Não gostaria de vê-lo sofrer desnecessariamente. Não acredite cegamente em tudo o que você ler ou que lhe disserem. Não acredite senão naquilo que vir com os próprios olhos. Há muita gente mesquinha e despeitada que tem inveja da sua felicidade e que tudo faria para destruí-la.

E, com uma rapidez característica de pássaro esvoaçante, afastou-se.

A conversa com ela havia tomado estranhos rumos. Que teria ela querido dizer-lhe? Não sabia de ninguém que quisesse feri-lo. Viu no outro lado da sala Dulcie e Warren que vinham da varanda. Teve um súbito vislumbre de compreensão.

Era daquilo então que Marian estava querendo adverti-lo. Dulcie ria e o seu rosto parecia jovem, feliz e exaltado. Ela havia subido com tanta rapidez que devia haver muita gente invejosa do seu sucesso. Marian havia procurado dizer-lhe que essa gente não hesitaria em feri-los para atingir Dulcie. Sorriu confiantemente, dirigindo-se para eles. Podiam tentar à vontade. Ele estava a par da verdade e não iria acreditar em ninguém que lhe dissesse o contrário. Ainda que fosse Marian Andrews.

# 2

Peter abriu a porta e esperou que eles passassem. Depois, entrou também e fechou a porta. O pequeno gabinete estava deliciosamente silencioso depois de todo o rumor da festa lá fora. A lareira acesa banhava-lhes o rosto de uma alegre claridade avermelhada.

— Aqui ninguém virá incomodar-nos, disse Peter, sorrindo. — Essas festas sempre me deixam nervoso. Só de pensar nisso tenho passado mal do estômago o dia inteiro.

— Sei perfeitamente como você se sente — disse Willie Borden. — É por isso que vou voltar para Nova York. Essa espécie de vida não me agrada. Gosto de fazer filmes, mas não gosto de todos esses contatos que é preciso fazer com os outros aqui. Às vezes, pensamos que nos deixamos escravizar demais aos homens de publicidade que nos forçam a fazer essas coisas.

— Vocês podem sentir isso, mas eu não concordo — disse Sam Sharpe. — Na minha opinião, tudo isso é necessário. Lá fora, na sala, há pelo menos umas vinte pessoas, cuja missão é dizer ao mundo inteiro o que está acontecendo aqui. Amanhã na coluna de Marian Andrews, dez milhões de pessoas vão ler que todo mundo em Hollywood compareceu à festa de Peter Kessler em honra de Warren Craig, que, como todos sabem, vai aparecer com Dulcie Warren num filme da Magnum. E isso é apenas uma coluna. E há umas vinte pessoas com a mesma função lá fora. É dinheiro em caixa para vocês e vocês ainda se queixam!

— Mas você é um que não tem motivo de preocupar-se — disse Peter. — Tudo o que você tem de fazer é receber os seus% do que os clientes ganham. Nós é que temos de preocupar2nos em fazer que eles valham o dinheiro que ganham. Nós é que temos de preocupar-nos para que as pessoas que interessam venham à festa. Todo o cartaz deles é obra nossa.

— Pois ainda acho que vale a pena — disse Sharpe. — O que interessa é a bilheteria.

Peter abanou a cabeça e abriu um armário, tirando uma garrafa de bebida. Serviu três copos e distribuiu-os.

— Isto é uísque de verdade — disse ele, com orgulho. - Não essa água suja que anda por aí. L'chaim!!

— L'chaim! — disse Borden.

— Saúde! — disse Sharpe.

Beberam. Peter sentou-se numa poltrona diante da lareira. Tirou os sapatos e com um suspiro de alívio colocou os pés em cima de um pufe.

— Sentem-se, sentem-se — disse ele, apontando as outras poltronas ao lado dele. — Ah! que bom! já não aguentava mais estes sapatos novos que Esther me fez calçar!

Borden e Sharpe sentaram-se. Ficaram durante algum tempo em silêncio, cada qual ruminando os próprios pensamentos.

— Mais um gole? — perguntou afinal Peter que, sem esperar resposta, tornou a encher os copos.

Borden olhou-o e disse:

— Você parece cansado.

— E estou.

— Talvez esteja trabalhando demais, Peter.

— Não, não é isso, Bill. Estou é preocupado. Desde que Johnny chegou aqui anteontem, estou nervoso.

Ambos sabiam o que Peter queria dizer. — Dulcie? — perguntou Sharpe. Peter confirmou tristemente com a cabeça.

— Já tenho conhecido outras mulheres assim — disse Borden. — Quando se trabalha no cinema isso é inevitável, mas nunca encontrei ninguém tão ruim quanto ela. É quase incrível o que eu tenho sabido sobre essa mulher!

— Ela é um caso clínico — disse Sharpe. — Se ela continuar como vai, dentro em pouco não haverá um só homem em Hollywood que já não tenha ido para a cama com ela!

Peter olhou-os e disse:

— Vocês não sabem nem a metade da história. Se fosse apenas na cama dela, não seria tão ruim assim. Mas é em qualquer lugar e a qualquer hora que lhe dê na vontade. Já tive que despedir três homens que estavam falando publicamente dela. Um dia, um camarada veio procurar-me com uma série de fotografias dela sem uma peça de roupa em cima do corpo. Gastei mil dólares com as cópias e os negativos, sem ter certeza de que ele não guardou alguns para ele. Chamei-a ao meu escritório e entreguei-lhe as fotografias. Eu estava tão

envergonhado que nada pude fazer. Limitei-me a entregar as fotografias. E que é que pensam que ela disse? Sei que não vão acreditar, mas olhou para mim e disse, rindo: “Eu bem sabia que o sujeito era um amador! Se eu tivesse sabido, teria mostrado como ele podia tirar ângulos melhores”.

Esperou que fizessem algum comentário, mais os dois continuaram calados e Peter prosseguiu:

— Disse a ela: — “Dulcie, você devia ter vergonha de fazer essas coisas. Falarão de você”. “Ora”, disse ela, “o povo fala de qualquer maneira”. Insisti: “Não há razão para isso, Dulcie. Você tem um bom marido. Que acontecerá se ele souber?” Ela riu na minha cara. “E quem é que vai contar a ele? Você?” Não respondi. Ela devia saber perfeitamente que eu não iria dizer nada a Johnny. Quando ela viu que eu não ia responder, sorriu e disse: “Não, eu sei que você não dirá nada”. Depois, fez menção de sair da minha sala. No meio do caminho, voltou, olhou-me e ficou ali um minuto sem falar. Fiquei esperando. As lágrimas chegaram-lhe lentamente aos olhos. Os lábios começaram a tremer-lhe e ela disse em prantos: “Você não compreende, Peter. Sou uma pessoa muito emotiva e, quando me casei com Johnny, pensei que ia ser muito feliz. Mas não fui. A lesão de Johnny não é apenas na perna. Ele é incapaz de fazer qualquer coisa. E eu sou uma atriz e muitas vezes é importante para mim sentir as emoções que projeto, pois, do contrário, não poderia representar que prestasse”. Por um segundo, tive quase pena dela. Mas pensei depois que nada pode justificar uma mulher que procede como uma prostituta. Se isso é importante para ela, deve ser feito discretamente, de modo que ninguém saiba. Disse então a ela que, se não passasse a proceder melhor, eu teria de rescindir o seu contrato com o estúdio. Ela prometeu e eu a mandei sair da minha sala, muito satisfeito de que o assunto estivesse encerrado.

— Pobre Johnny — murmurou Borden, olhando para o fogo. — É mesmo assim?

— Não — disse Peter, ficando vermelho. — Ela estava mentindo.

— Como sabe? — perguntou Sam.

— Naquele mesmo dia, fiquei pensando no que ela havia dito e telefonei para o médico de Johnny em Nova York. Ele me disse que Johnny nada tinha nesse sentido.

— Que acontecerá quando Johnny souber? murmurou Sam.

— É disso que eu tenho medo — declarou Peter. — Mas ela é tão boa atriz que pode enganá-lo a vida toda.

— É isso que eu não compreendo — disse Borden. — Por que tanto talento assim não foi dado a uma mulher direita? Não me parece justo que fosse caber a uma cadela dessa ordem.

— De fato, não parece justo — disse Peter, mas a vida é assim mesmo. Os bons têm sempre de lutar muito por aquilo que desejam, ao passo que os maus encontram tudo ao alcance das mãos.

Sam apanhou a garrafa e tornou a encher os copos. Depois perguntou a Borden:

— Quando é que pretende partir para Nova York?

— Daqui a uma semana ou duas, logo que resolver alguns assuntos aqui. Comprei uma casa em Long Island e minha mulher está ansiosa para prepará-la.

— E você vai mesmo realizar aquela transação? — perguntou Peter, olhando-o curiosamente.

— Vou, sim. Por que não?

Borden ia lançar no mercado aberto todas as ações da sua companhia, ficando apenas com a quantidade necessária para assegurar-lhe o controle. Entrara em entendimento com um grupo de banqueiros da Wall Street para que o representassem e estava seguindo as instruções deles ao pé da letra. Toda a companhia estava sendo refinanciada de acordo com as sugestões dos banqueiros. Duas espécies de ações ordinárias estavam sendo emitidas, uma com direito de voto e a outra, sem esse direito. As ações preferenciais e as debentures seriam emitidas depois. Borden esperava, com os resultados da venda dessas ações, reduzir os seus vultosos empréstimos bancários e eliminar os dispendiosos saques sobre o futuro.

— Não sei. A coisa não me agrada — disse Peter. Borden riu.

— Você é muito antiquado, Peter. Tem de aprender a maneira moderna de fazer negócios. Não se pode mais tentar dirigir tudo sozinho. Está acima das forças de uma pessoa. Todo mundo hoje tem de ser especialista. Por que é que vou tentar ser ao mesmo tempo banqueiro, candidato a empréstimos, produtor, administrador de cinemas, gerente de vendas e que mais sei? A minha ideia é contratar os melhores especialistas em cada setor, fiscalizá-los e imprimir a minha orientação a tudo. A indústria está crescendo. Quem pode saber até onde chegará? E para os grandes negócios há homens especialmente preparados, que têm uma experiência de toda uma vida nos grandes negócios.

— Pois não confio neles — disse Peter. — São muito bons enquanto tudo corre bem, mas como é que agem nos tempos difíceis? Lembro-me ainda do que eles costumavam dizer anos atrás quando entrávamos nos bancos de Nova York. Riam na nossa cara, chamavam tudo de “negócio de judeus” e negavam-nos os empréstimos. Agora, que veem que estamos ganhando dinheiro, querem vir ajudar-nos. Não confio neles. Onde estavam quando realmente precisávamos de ajuda? Rindo de nós. Quando queríamos dinheiro, íamos procurar Santos. Ele é que confiou em nós, que se arriscou por nós.

— A juros de 12% — murmurou Borden.

— E não eram juros altos, considerando que era o único lugar onde podíamos conseguir dinheiro. Escute, Borden. Com que parte das ações vai ficar essa gente da Wall Street?

— Com 5% apenas.

— Cinco por cento bastam para dar muita dor de cabeça quando as coisas correm mal.

— Como é que as coisas podem correr mal? — exclamou Borden. — Impossível! Veja o mercado de títulos. Nunca esteve tão alto, e vai subindo de dia para dia. O país está crescendo, crescendo de verdade. Depois, você não conhece esses homens, Peter. São cavalheiros e não escroques. Com eles, tudo é feito às claras e na maior lisura. Não são como as pessoas com quem temos de lutar na indústria. Têm tanto dinheiro que não precisam lançar mão do que é nosso. Só querem é facilitar-nos as coisas.

— E desde quando você é tão entendido neles? Que é que sabe sobre eles?

Borden riu com prazer.

— Conheço-os muito bem. Quando comprei no ano passado a casa de Long Island, fui cair bem no meio deles. Fui o primeiro judeu a comprar uma propriedade ali e a princípio fiquei preocupado com a maneira pela qual seria recebido. Não tinha motivo algum de preocupar-me. Convidaram-me para os seus clubes, para as suas casas e fizeram-me ficar inteiramente à vontade, tão gentis foram em tudo. Não fizeram a menor alusão ao fato de eu ser judeu!

— E é por isso que você pensa que eles são direitos? —perguntou sombriamente Peter. — Seria talvez uma boa coisa eles lhe lembrarem que você é judeu. Talvez você esteja esquecido de que se criou num pardieiro infestado de ratos de Rivington Street, onde as latrinas ficavam no corredor.

— Não estou esquecido de nada — retrucou Borden, um pouco irritado. — Mas não sou imbecil a ponto de culpá-los da casa onde me criei. O que importa é a maneira pela qual me tratam pelo que eu sou agora.

Peter viu que Borden estava zangado, mas não pôde resistir a fazer mais uma pilhéria.

— Talvez no ano que vem o seu nome apareça no Livro Azul da alta sociedade.

— Acha isso impossível? Afinal de contas, estamos nos Estados Unidos. Tudo é possível aqui. E, se quiserem incluir meu nome no Livro Azul, não irei impedi-los, fique sabendo!

Peter arregalou os olhos. Borden estava querendo mesmo figurar no Livro Azul. Ora, ora! O pequeno Willie Bordanov, de Rivington Street, no Livro

Azul!

— Não seja idiota, Willie — disse ele em iídiche. — Só estou falando para seu bem. Tenha cuidado, é só o que lhe digo.

— Não se preocupe — disse Borden, acalmando-se e sorrindo. — Terei cuidado, Peter. Ninguém vai passar a perna em Willie Borden.

Peter calçou os sapatos e levantou-se.

— Bem, vou indo antes que Esther comece a procurar-me.

Sam Sharpe olhou-os. Eram em vários sentidos muito parecidos. A vida não tinha sido fácil para nenhum deles. Tinham tido de lutar muito pelo que possuíam. Não era esse o único problema deles. Era visível a insegurança básica deles por mais que tivessem. Tinham sempre no fundo do coração o receio de não serem aceitos porque eram judeus. Talvez fosse por isso que lutavam tão duramente por tudo o que queriam.

Seguiu-os lentamente até à porta. Quando a porta se abriu, viu-os colocarem no rosto a máscara com que enfrentavam o mundo. Era uma máscara intangível que era feita de nada que se pudesse realmente ver. Os olhos mais brilhantes, os lábios mais apertados, a cabeça mais erguida. Teve por um momento pena deles. “Deve ser duro ser judeu”, pensou ele” “Felizmente, eu não sou.”

# 3

Ficou ali sozinho um momento, com o copo na mão, enquanto a mulher se aproximava dele. Olhava-a meio alheado, sabendo que ela iria falar com ele, mas pensando no que Dulcie havia dito na varanda.

Ele a havia tentado beijar, mas ela havia fugido com os lábios.

— Ora, Warren — dissera ela, rindo e com voz provocante — já tão depressa?

Ele tentara cingi-la de novo e ela tornara a fugir-lhe. Ficou ali a olhá-lo com uma sobrancelha levantada e um riso zombeteiro nos lábios.

— Dulcie — tinha ele dito —, você não sabe o que é viver sem você. Não podia comer, não podia dormir, não podia viver. Por que acha que eu afinal telefonei para Johnny e disse que estava disposto a fazer um filme para ele?

Ela havia rido de novo. Era um riso seguro, confiante. Ela aproximou-se dele e ele lhe passou o braço pela cintura. Sentia-lhe o calor do corpo através da

seda leve do vestido. Tinha certeza de que iria beijá-la. Baixou sorridente a cabeça para ela.

Dulcie não falou até que os lábios estivessem quase unidos. Disse então em voz muito baixa:

— Lembra-se do que eu lhe disse na última vez em que nos vimos?

Ele sorriu.

— Você estava linda naquela ocasião, mais linda do que nunca. E zangada também.

Ela fechou os olhos e o seu corpo pareceu colar-se ao dele. Ele aproximou os lábios e, de repente, os olhos dela se abriram. Por um segundo, ela o olhou com um rancor que o atemorizou.

— O que eu lhe disse naquela ocasião — murmurou ela com voz perfeitamente controlada — ainda lhe digo agora. Qualquer pessoa que quiser pode ter-me, menos você!

Ele deixou cair os braços e toda a frialdade da noite pareceu envolvê-lo.

De repente, ela sorriu docemente e disse:

— Vamos voltar para a festa, Warren? Completamente atordoado, voltara para a sala com ela, mas era um bom ator e podia dissimular perfeitamente o que sentia. No minuto em que transpôs o limiar da porta, sentindo os olhares convergirem para ele, mostrou um rosto tão sorridente e feliz quanto o dela.

— Sr. Craig — disse a mulher —, tenho estado a noite toda ansiosa para encontrá-lo longe dos outros para podermos conversar, para termos uma boa conversa!

Ele sorriu polidamente e fez uma reverência.

— Será uma honra, minha senhora. A mulher sorriu para ele.

— Adoro a sua voz, Sr. Craig. É tão... tão dominada. A maioria dos atores aqui não sabem falar.

— Muito obrigado, Srta...?

Ela levou a mão aos cabelos e ajeitou-os inconscientemente. Sabia-se que a voz de Craig tinha esse efeito curioso sobre muitas mulheres.

— Que esquecimento o meu! — exclamou ela, rindo. — Não me lembrei de que é novo aqui e não pode saber quem sou eu. — Fez uma pausa e disse, estendendo-lhe a mão: — Sou Marian Andrews.

Ele arregalou os olhos e se mostrou polidamente assombrado.

— A famosa Marian Andrews! — disse ele tomando-lhe a mão respeitosamente. — Além de uma honra, é uma agradável surpresa!

— Surpresa por que, Sr. Craig?

— É muito moça para já ser como é uma repórter de fama mundial — disse ele, lembrando-se de ter ouvido dizer que ela gostava de ser chamada de repórter.

— É encantador e extremamente hábil, Sr. Craig. Mas, como sou muito sensível aos elogios, aceitarei a sua gentileza pelo seu valor facial, Warren. Isto é, se posso chamá-lo de Warren. Nós, aqui no Oeste não somos tão formais como a gente do Leste. Pode me chamar de Marian.

Ele sorriu e disse: — As formalidades têm o seu lugar, Marian. Mas não entre pessoas que querem realmente ser amigas.

A voz de Marian se tornou mais ligeira.

— Estava ainda há pouco conversando com Johnny Edge. Ele está tão satisfeito de que tenha afinal resolvido trabalhar para ele em Encontro na Madrugada. Deve ser também muito interessante para você contracenar com a sua encantadora prima, Dulcie.

— De fato, Marian. Não calcula quanto isso é interessante para mim. Há muito que penso em fazer um filme, mas só há poucos dias foi que me decidi. Fiquei logo ansioso para vir para cá. Johnny vem tentando convencer-me há muitos anos.

— Eu sei. E acho ainda mais romântico por isso o caso de Johnny e Dulcie. É verdade que eles se conheceram no seu camarim?

— Foi realmente o que aconteceu.

— E o que é que sua encantadora esposa pensa? — disse ela, com um brilho diferente no olhar. — Por que ela também não vai trabalhar no filme?

— Isso é a única coisa que me aborrece, Marian — disse ele, olhando-a vivamente. — Cynthia tem de voltar para Nova York a fim de começar os ensaios de uma nova peça. Mas espere, aí vem Cynthia. Pode perguntar-lhe você mesma o que ela pensa.

Cynthia se aproximou e Warren disse, sorrindo:

— Cynthia, quero apresentá-la a Marian Andrews. Ela quer saber o que é que acha do cinema.

— O cinema? — perguntou ela, sorrindo para Marian e com um olhar um tanto malicioso.

— Não acha que não há palavras para exprimir o fato maravilhoso de seu marido fazer o seu primeiro filme contracenando com a prima? — perguntou Marian.

— Bem — disse ela, sorrindo para Marian, mas num tom levemente irônico —, maravilhoso eu acho, mas quanto às palavras, depende das que a gente quiser empregar.

Marian simpatizou imediatamente com ela. Tinha grande respeito pela honestidade e a pessoa que, logo que a via, não procurava cortejá-la, era muito rara.

— Cynthia — disse ela —, compreendo o que você quer dizer e creio que vamos ser amigas.

Laurence G. Ronsen estava saindo da sua primeira festa em Hollywood. Sentia-se vagamente decepcionado. Havia esperado uma verdadeira bacanal com dançarinas e mulheres seminuas. Viu Bill Borden, que conversava agitadamente no vestíbulo. Seria bom concluir quanto antes os negócios com eles e voltar para casa.

# 4

Peter jogou-se na cadeira com um suspiro e olhou para Esther.

Ela olhou para ele e sorriu. — Felizmente acabou!

— Você está contente? E acha que eu também não estou? Quem é que tem todo o trabalho quando você resolve ser importante e dá uma festa como a de hoje?

— Sei muito bem que é você, Mamãe — disse ele com voz conciliadora. — Mas deixe-me tirar estes sapatos que me massacraram os pés a noite inteira.

Calçou um par de chinelos, começou a tirar a gravata e disse:

— Sabe de uma coisa? Estou pensando em mandar construir uma casa maior. Esta aqui está ficando pequena demais para nós.

Ela estava tirando o vestido e parou no meio.

— Que é que esta casa tem de ruim, quer fazer o favor de me dizer?

— Nada. Apenas é pequena e antiquada. Não se esqueça de que nós a construímos antes da guerra. Estou pensando num terreno muito bom que vi em Beverly Hills. Há muito espaço. Podemos ter uma piscina, uma quadra de tênis e ainda sobrar lugar para um jardim.

Ela voltou as costas para ele e pediu: — Desabotoe aqui. — Continuou: — Para que é que queremos uma piscina? Você sabe nadar, por acaso? E quadra de tênis? Você não tem mais idade de fazer esporte.

— Não é por mim, Esther. É pelas crianças. Como acha que se sentem, sabendo que todo mundo tem piscina e nós, não?

— Ainda não ouvi nenhum se queixar. Você é que acha que devemos ter uma casa maior e não as crianças.

— Ninguém a engana, hem, Mamãe? — disse Peter, abraçando-a.

— Olhe a sua idade, Peter — disse ela, repelindo-o com um sorriso.

— Não estou tão velho assim!

— Creio que não, desde que quer uma piscina sem saber nadar!

— Mas, Mamãe, você não compreende? Sou dono de uma grande companhia e, apesar disso, moro numa casa menor do que a de muitos que trabalham para mim. É ridículo, essa é que é a verdade. Daqui a pouco, vão dizer que eu sou avarento!

Ela virou um pouco o rosto para esconder um sorriso. Às, vezes, ele parecia mais uma criança do que um homem de cabelos brancos.

— Está certo, Papai, faça a sua casa maior. Quem está dizendo que não?

— Concorda, então, Mamãe? — perguntou ele, exultante. Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Ouviram o barulho de um carro na alameda. Peter chegou à janela e viu os faróis que se aproximavam.

— Quem será? — murmurou ele.

— Deve ser Mark — disse Esther. — Doris me disse que ele iria à casa de George Polan.

Peter tirou o relógio e olhou-o.

— Já passa de três. Vou falar com ele amanhã. Não é certo ele ficar na rua até tão tarde.

— Não se preocupe — disse ela, com orgulho materno. Mark é bom menino.

— Mas não gosto disso — afirmou ele, ainda na janela.

— Saia daí, senão vai pegar um resfriado — disse Esther.

Doris, estendida na cama, olhava para a janela. As estrelas brilhavam muito lá fora e o luar entrava pela janela. A noite estava muito tranquila e ouvia-se bem longe o canto dos grilos. Aspirou profundamente o ar e prendeu por um instante a respiração. Sentia uma leve preguiça cheia de contentamento. Havia muito tempo que não se sentia assim.

— Vá falar com Johnny — tinha-lhe dito a mãe. — Ele não vai mordê-la.

Ela havia obedecido com hesitação. Sentira-se a princípio constrangida e pouco à vontade. Compreenderia ele que ela o havia evitado sempre que ele aparecia? Depois, ficou alegre e confiante, ao ver que ele não tinha a menor ideia do que ela estava fazendo.

Sua mãe tinha razão. Não havia de que ter medo. Ela estivera fugindo de sombras.

Sentiu de repente que lágrimas quentes lhes tremiam nas pálpebras. Levou as mãos aos olhos. Ficaram molhadas. Bateu rapidamente as pálpebras. Era bom não ter mais medo e deixar de fugir. Era admirável a compreensão da mãe dela. Quanto tempo levaria para saber das coisas tanto quanto ela?

Talvez nunca. Mas não tinha mais importância. Pela primeira vez em muito tempo, mergulhou num sono profundo, confortador, sem sonhos.

Mark estava cansado quando subiu para o seu quarto. O pessoal ainda estaria acordado? O pai não iria gostar de que ele tivesse ficado até tão tarde na rua. Mas só se era moço- uma vez. Sentiu o sangue correr-lhe nas veias ao pensar no que acontecera naquela noite. De repente, sentiu um medo gelado. E se a pequena estivesse doente? Tinha sabido de muitos rapazes que tinham ficado doentes depois de estarem com alguma extra. Mas perdeu logo o medo. Com aquela pequena, não. Não era possível! Ela havia dito que ele era o primeiro.

Foi para o quarto e tirou a roupa rapidamente no escuro. Vestiu pijama e tirou um pequeno tubo do bolso do paletó, dirigindo-se para o banheiro. De qualquer maneira, não iria facilitar.

Johnny olhou para Dulcie que estava com a cabeça pousada nos ombros dele. Sentia-lhe o suave perfume dos cabelos. Esfregou o rosto na sedosa maciez daqueles cabelos.

— Está acordada, Dulcie? — perguntou com voz contente.

Ela se aninhou nos braços dele como uma gatinha.

— Estou...

— Marian Andrews procurou avisar-me a seu respeito. Ela ergueu o corpo, de súbito, inteiramente desperta.

— Foi? — perguntou ela, com um leve tremor de medo na voz. — Que foi que ela disse?

— Nada para você se assustar — disse ele, fazendo-lhe a cabeça voltar ao seu ombro. — Disse apenas que muita gente tem inveja de você e que eu não devia acreditar nas coisas que ouvisse.

Ela respirou aliviada e disse numa vozinha baixa:

— É muito interessante, mas não sei de ninguém qui queira contar coisas a meu respeito.

Um sorriso de compreensão apareceu nos lábios de Johnny. Ela era ainda muito jovem para saber quanto a gente podia ser perversa ali em Hollywood. Felizmente, ele sabia.

— Você sabe como é, querida. Há muita gente que adora falar dos outros.

Ela voltou a falar com voz sonolenta.

— Eu sei... Gostam de falar...

A luz ainda estava acesa no quarto de Marian Andrews quando o sol apareceu no horizonte.

Ela estava sentada em frente à máquina de escrever, com um cigarro a queimar no cinzeiro ao lado. Havia um leve sorriso nos seus lábios.

Estava pensando no jovem médico a quem conhecera algumas semanas antes quando fora procurar o Dr. Gannett para lancetar-lhe o dedo, que estava infeccionado. Fora uma surpresa encontrar para atendê-la, em vez do Dr. Gannett, aquele jovem.

Perguntou onde estava o Dr. Gannett e soube que estava em férias, gozando um merecido repouso, e que ele o estava substituindo até à sua volta.

— Já que está procurando um lugar para estabelecer-se, por que não fica aqui? — perguntara ela.

— Não, não gosto da gente daqui — dissera ele. — Há muitos hipocondríacos e poucos doentes de verdade.

Ela tinha ido vê-lo várias vezes depois disso. Quase sem motivo algum. Ele tinha sido sempre muito atencioso para com ela, sem jamais sugerir-lhe que ela não precisava absolutamente consultá-lo.

Afinal, naquele dia, ela lhe disse, rindo, que era tão hipocondríaca quanto os outros. Ele então a olhara com aqueles belos olhos claros e lhe dissera, rindo, que o caso não era esse. Perguntara então qual era o caso, sentindo-se cada vez menos sensata. Os olhos claros se haviam fechado e ele disse: — É que estamos gostando um do outro.

— Mas isso é absurdo! — exclamara ela.

— Acha mesmo? — perguntara ele, segurando-lhe a mão. — Você é uma mulher muito forte, Marian. Será que acha que não pode gostar de alguém?

— Não é isso... — havia ela murmurado.

— Não? — dissera ele, rindo e largando-lhe a mão. — Então, me diga o que é. Você não quer reconhecer isso porque eu sou uma pessoa a quem a sua força não pode ajudar.

Ela havia saído, pensando no que ele dissera.

Apanhou o cigarro, tirou uma fumaça e sorriu. Talvez ele tivesse razão e eles se estivessem amando. Mas estava errado numa coisa. Quando se casassem, ele ia ver como ela era capaz de ajudá-lo.

Olhou para o papel na máquina e começou a escrever rapidamente sem olhar para o papel enquanto os dedos corriam pelas teclas. As palavras

começaram a aparecer.

CARTAS DAS ESTRELAS DE MARIAN ANDREWS

Sábado, 22 de agosto de 1925

Prezado Leitor:

Fui ontem à noite à festa que Peter Kessler deu em honra dos Warren Craig. Foi uma festa maravilhosa que jamais esquecerei. Todos, todos sem exceção, estavam lá...

# 5

Carroll Ragin entrou carrancudo no escritório de Johnny, sobraçando um maço de papéis, que jogou em cima da mesa.

— Está aí, Johnny — disse ele, com voz cansada e desanimada. — Mais cento e vinte na correspondência da manhã.

— Mais cancelamentos? — perguntou Johnny.

— Claro que sim! E algumas das nossas melhores contas ainda por cima!

— Sente-se aí, Carrie. Você parece derrotado.

— E estou! — disse ele, deixando-se cair na cadeira. — Passei a manhã telefonando para cada um desses camaradas e de todos recebi a mesma resposta: "Quando é que vão modernizar-se e fazer filmes falados? Ninguém quer mais saber de cinema mudo!"

Johnny apanhou um dos contratos. Sobre ele estava escrito a lápis vermelho: "Rescindido — 10 Set. 1929". Olhando o nome do exibidor, Johnny viu que se tratava de um dos mais antigos fregueses da Magnum.

— Falou com este também? — perguntou a Ragin.

— Falei, sim. Disse o mesmo que os outros. Sentia muito, mas...

Johnny examinou mais alguns contratos. Chegou a mais um nome que era um velho conhecimento e perguntou: — Que foi que Morris disse?

— Foi mais delicado do que a maioria, mas no fundo disse o mesmo. — Foi o primeiro exibidor que assinou contra para o Bandido em 1912 — disse Johnny tristemente.

— Sei disso. Até mencionei o fato quando falei com ele e ele respondeu: "Que é que você quer que eu faça? O público agora só quer filmes sonoros e quando eu programo um mudo fogem todos do cinema, como se houvesse alguém doente de peste lá dentro". Todo mundo quer filmes falados, Johnny, exceto Peter. E vou lhe dizer uma coisa: ou você consegue convencer Peter a fazer filmes falados ou duvido muito de que no ano que vem a gente ainda esteja em atividade!

Ragin tinha todo o direito a estar exaltado. Era o gerente das vendas internas da Magnum e até aquele ano havia apresentado resultados notáveis. Mas agora, por mais que se esforçasse e trabalhasse, nada conseguia.

Johnny lamentava que Peter não o houvesse ouvido dois anos antes. Falava-se muito então no cinema sonoro, mas Peter havia repelido

desdenhosamente a ideia. “Não vai dar certo”, havia afirmado. Quando, naquele mesmo ano, a Warren havia estreado O Cantor de Jazz, com Al Johnson, Peter declarou: “Simples curiosidade. Não vai durar muito”. Mas Peter estava enganado. O cantor de Mammy revolucionou toda a indústria cinematográfica.

Os filmes cantados e falados se sucederam. Vários filmes inteiramente falados foram produzidos, mas Peter se manteve irredutível em sua opinião. Fazia mais de um mês que a Fox dera manchetes nas publicações especializadas e nos jornais com a declaração de que havia encerrado a produção de filmes mudos e que daí por diante a sua produção seria toda sonora. Borden anunciara o mesmo dias depois, sendo seguido por todos os outros. Foi então que começaram a sofrer. No fim da primeira semana, tinham tido mais de quarenta cancelamentos de contratos. Na semana seguinte, tinham sido mais de cem e, naquele momento, a proporção era de quase cem por dia. Nesse ritmo, não demoraria para que os nove mil contratos que tinham com os exibidores fossem todos cancelados.

— Está bem, Carrie. Vou conversar de novo com ele, mas não sei se dará resultado. Você sabe como o Peter é. Quando mete uma ideia na cabeça...

— Conheço Peter e, por isso mesmo, pode dizer a ele que se não mudar de ideia, vou procurar outro emprego antes que perca o que tenho aqui.

— Acha mesmo que chegará a isso?

— Sem dúvida alguma, Johnny. Peter pode ter ilusões, mas eu não tenho. Vou para o meu escritório ver o que me traz a correspondência da tarde. Se precisar de mim, estarei lá.

Depois que ele saiu, Johnny começou a examinar mais uma vez os contratos cancelados que estavam em cima da mesa. Quando parou, foi tomado de verdadeiro alarma quando as consequências do que estava acontecendo se lhe cristalizaram no espírito.

A questão não era apenas fazer Peter mudar de ideia. Era mais de poderem eles arcar com as despesas da transformação caso Peter mudasse de ideia. O intervalo de tempo entre a produção de um filme e a sua exibição nos cinemas era de quase seis meses e, em alguns casos, ainda mais. Para isso havia muitas causas. Depois que as filmagens terminavam, era preciso cortar o filme e dar-lhe títulos, o que levava quase três meses. Depois, tinham de ser feitos os planos de publicidade e de proceder-se ao trabalho de tirar as inúmeras cópias que deviam ser mandadas para os centros de distribuição do país e do mundo. Além desses problemas, havia os que criavam as comissões de censura das diversas cidades e dos países estrangeiros. Cada qual tinha os seus regulamentos e as suas ideias, que muitas vezes obrigavam a retirar o filme para reeditá-lo e até fazer refilmagens. Era uma estrada longa e perigosa, com muitos trechos

estranhos e tortuosos, que um filme percorria antes de ser apresentado num cinema local.

Isso obrigava a indústria a ter sempre uma boa reserva de filmes à sua disposição e a Magnum não era exceção. Tinham naquela ocasião dezesseis filmes nas latas, prontos e à espera de distribuição. Havia cinco filmes em rodagem no estúdio.

Em circunstâncias normais, a situação da Magnum seria invejável para qualquer produtor. Tinham filmes em quantidade suficiente para assegurar a distribuição durante seis meses. Só havia um inconveniente: os filmes eram todos mudos. Pegou um lápis e começou a fazer cálculos. Quatro filmes que haviam custado cerca de um milhão de dólares cada um. Seis filmes numa média de 500 mil dólares cada um. Onze filmes numa média de 80 mil dólares cada um. Somava tudo.800.000 dólares, sem contar o resto, com short, westerns e seriados. Tudo isso em filmes mudos que, de acordo com a opinião pública, não valia a pena comprar entrada para ver.

Quase oito milhões de lixo. Se mudassem para o sonoro, era o que tudo aquilo viraria. Todos os filmes teriam de ser feitos de novo.

Pegou o telefone e pediu a Jane que ligasse para Fred Collins, que era o tesoureiro e gerente-geral da companhia.

Pouco depois, ouviu a voz de Collins.

— Alô, Johnny!

Afastou um pouco o fone do ouvido. Collins era um homem enorme com um vozeirão que, numa conversa comum, podia ser ouvido sem esforço a um quilômetro de distância, salvo quando estava falando com Peter, pois nessas ocasiões a sua voz baixava quase a um sussurro.

— Fred, qual foi o saldo bancário de ontem?

A voz de Collins ressoou prontamente nos ouvidos de Johnny.

— Novecentos mil e quarenta e dois dólares e trinta e seis centavos.

— Está um pouco baixo, não está?

— É verdade, mas vamos receber hoje um milhão e meio do Banco Independence.

— Com esse dinheiro, os nossos empréstimos chegam a seis milhões, não é?

— Exatamente. E, de acordo com o nosso contrato com o banco, é o máximo que podemos obter. Não farão mais qualquer operação conosco enquanto os nossos débitos não estiverem reduzidos a três milhões.

— Está bem, Fred. Obrigado, — disse ele, desligando o telefone. Embora tivesse tomado o cuidado de conservar o fone um pouco afastado, doíam-lhe os ouvidos. Para que Peter fora contratar como tesoureiro aquele

trovão humano? Mas logo sorriu. Collins era um bom homem e o seu trabalho era excelente. O sorriso desapareceu quando atacou de novo o problema.

Pegou de novo o telefone e disse:

— Ed Kelly. Poucos minutos depois, ouviu-lhe a voz ao telefone.

— Quantos contratos aprovados tínhamos até ontem, Ed?

— Um momento, Sr. Edge. Vou verificar. Posso telefonar depois?

— Não, eu espero.

Kelly era chefe do departamento de contratos, cabendo-lhe extrair e remeter as faturas de acordo com os contratos de vendas.

— Alô — disse algum tempo depois.

— Sim, Ed?

— Até ontem à noite, havia 8.112 contratos. Soube que o Sr. Ragin recebeu outros pedidos de cancelamento hoje. Esses não estão ainda deduzidos do total que eu lhe dei.

— Está bem, Ed. Muito obrigado.

Desligou, escreveu mais algumas cifras num bloco e pensou. A situação não estava nada boa.

Tinham perdido quase mil contratos de exibição no mês anterior. Cada contrato representava em média cinquenta dólares de receita por semana. O prejuízo em consequência dos cancelamentos chegaria a mais de dois milhões e meio de dólares no ano seguinte. Se os cancelamentos continuassem na mesma proporção durante mais três meses, teriam de fechar as portas. Não haveria dinheiro nem para as despesas fixas, quanto mais para a produção de novos filmes.

Tirou o lenço e enxugou o suor da testa. Ninguém era capaz de prever o que ia acontecer nos próximos meses, mas uma coisa era evidente. Quer Peter quisesse, quer não, teriam de mudar para os filmes sonoros. Mas onde iriam conseguir o dinheiro? Nos bancos não seria possível. Os filmes que tinham na prateleira não renderiam, dadas as circunstâncias, o dinheiro suficiente para a mudança. Quem sabe se Peter não tinha algum dinheiro do seu para empregar? Não, não era possível. A mudança custaria quase seis milhões de dólares e Peter não poderia ter tanto dinheiro. Mas tinham de mudar para os filmes falados ainda que não tivessem dinheiro. Ele teria de achar um meio.

# 6

Apanhou o chapéu e o sobretudo no armário e passou pela sala de Jane, parando para dizer: — Vou almoçar.

Ela o olhou surpresa. Era cedo ainda. Ele saía em geral a uma hora e ainda era meio-dia e meia.

— Não se esqueça de que tem hora marcada com Rocco às duas horas.

— Como vou esquecer se você a toda hora me lembra?

— Bem — disse ela rindo — tenho de arranjar trabalho para o camarada. Afinal de contas, ele é meu marido.

Por um momento, teve inveja deles. Havia na voz de Jane quando falava nele tal satisfação, que isso indicava muita intimidade, muita compreensão entre os dois. Nunca tinha sido assim entre Dulcie e ele, talvez porque vivessem distantes um do outro. Se ficassem mais tempo juntos, talvez as coisas fossem diferentes. Talvez um dia...

— Que é que eu vou fazer lá? Só cortar o cabelo?

— Faça isso e eu peço demissão. Tem de ser um serviço completo, com barba, massagem e loção. Não se esqueça de que Rocco trabalha na base da comissão.

— Está bem, está bem! — disse Johnny, levantando as mãos em simulado terror. — Vai ser tudo então. Não vou ter tempo de treinar uma nova secretária. Mas fique sabendo que isso é chantagem.

— Essa chantagem faz parte do preço que tem de pagar pelos meus serviços — disse ela, ainda rindo e ajudando-o a vestir o sobretudo.

— Estou perdido! — disse ele, rindo. Mas o riso se transformou num acesso de tosse e as lágrimas chegaram-lhe aos olhos.

Jane franziu as sobrancelhas e disse:

— Tenha cuidado. Fique com o sobretudo fechado. Ainda não ficou bom do resfriado.

Ele sentiu uma dor no peito. Um calor lhe correu o corpo e ele percebeu que estava suando. Tentou sorrir para ela, dizendo:

— É o cigarro.

— Mas tenha cuidado, Johnny.

O ar na rua estava frio com o outono, mas ele podia sentir no rosto o calor do sol. Desabotoou o sobretudo e acendeu um cigarro. O fumo lhe irritou os pulmões e ele tornou a tossir. “Diabo!”, murmurou ele e caminhou para o hotel.

Comprou um jornal na portaria do hotel e entrou no restaurante. O maitre aproximou-se.

— Sozinho, Sr. Edge?

— Estou. Arranje-me uma mesa bem sossegada.

Foi levado a uma mesa num canto do grande salão e sentou-se. Pediu um prato leve, pois não estava com fome e correu os olhos pelo restaurante.

Não havia ali ninguém que o fosse incomodar. Fora por isso que saíra mais cedo. Queria ficar sozinho, para pensar com calma. Era ainda muito cedo para os seus conhecidos.

Abriu o jornal e procurou a página de cinemas. Olhou a coluna de Marian Andrews e o primeiro parágrafo lhe chamou a atenção.

Os Warren Craigs vão divorciar-se. Falei com Cynthia Craig logo que soube disso e perguntei-lhe se era verdade. “É verdade, sim”, disse-me ela. “Warren e eu resolvemos efetuar uma separação amigável. Ele trabalha o tempo todo em Hollywood, eu trabalho o tempo todo em Nova York. Assim, a separação é a melhor solução para nós dois.” Senti muito essa notícia porque Warren e Cynthia são meus amigos desde que aqui chegaram há alguns anos e não conhecia casal mais encantador. Ainda espero que reconsiderem a sua decisão, mas não tenho muita esperança. As divergências são muito profundas e, além disso, sei que Warren está interessado por outra jovem, também famosa estrela do cinema, e que já tem reputação firmada em Hollywood como destruidora de corações. Mas ainda acho que é uma pena.

Correu os olhos pelo resto da seção, mas nada viu que lhe interessasse. Virou a página, pensando que ao menos Dulcie e ele não haviam chegado àquele ponto. Compreendiam-se muito bem e o fato de viverem separados não lhes havia afetado as relações. Talvez não fossem tão unidos quanto Jane e Rocco, mas viriam a ser.

A página seguinte estava cheia de fotografia de uma festa em Hollywood. Uma grande fotografia no centro da página chamou-lhe a atenção. Nela se viam Dulcie e Warren sentados a uma mesa, de mãos dados e sorrindo um para o outro. A legenda dizia:

Dulcie Warren e Warren Craig, astros da última produção da Magnum, Dia de Tristeza, num instantâneo tirado durante a festa de John Gilbert. Dulcie Warren é casada com o afável diretor da Magnum, John Edge, e Warren Craig acaba de anunciar o seu divórcio de Cynthia Wright, destacada figura do teatro. Dulcie Warren e Warren Craig são primos-irmãos.

Johnny sorriu, olhando a fotografia. Dulcie havia-lhe escrito, dizendo que o departamento de publicidade queria que os dois fossem vistos juntos. Era boa publicidade para os seus filmes. E estavam certos. Johnny tinha visto ultimamente muitas fotografias dos dois juntos.

Dobrou o jornal e começou a tomar a sopa que o garçom acabava de colocar diante dele. A sopa estava quente e temperada exatamente como Johnny gostava, mas não chegou ao fim. Continuava a pensar na situação da companhia.

Tinha certeza de que Peter não faria objeções à mudança para os filmes falados, depois que ouvisse o que ele tinha para dizer-lhe. Mas onde iriam conseguir o dinheiro? Havia uma possibilidade de levantarem o dinheiro se recorressem à Wall Street, mas Peter nunca faria isso. Cruzou o talher e pediu a conta. Não tinha vontade alguma de comer.

O maitre chegou apressadamente e olhou para o prato quase intacto de Johnny.

— Monsieur não gostou da comida?

— Não, não é isso. É apenas que não estou com fome. Pagou a conta e chegou à portaria. Olhou para o relógio.

Uma e meia. Talvez Rocco não estivesse ocupado e pudesse atendê-lo um pouco mais cedo.

Entrou na barbearia e viu que Rocco estava lá. O porteiro tomou-lhe o sobretudo e ele se dirigiu para a cadeira de Rocco.

— Veio mais cedo — disse Rocco, sorrindo.

— Vim ver se não estava ocupado — disse Johnny, sentando-se na cadeira. — Só tenho tempo para fazer a barba.

Rocco inclinou a cadeira para trás e começou a ensaboar-lhe o rosto.

— Como vai você, Johnny?

— Muito bem.

— Jane me disse que teve um forte resfriado.

— Mas já estou bom.

Ficaram calados enquanto Rocco trabalhava. Quando terminou, Johnny levantou-se e começou a dar o laço da gravata diante do espelho.

— Está bem abatido, Johnny.

— Tenho trabalhado muito, Rocco. Você é que está com muito bom aspecto.

— Por que não? Tenho tudo o que quero!

— É verdade — disse Johnny, sentindo uma ponta de inveja. — Tem mesmo. Eu bem que gostaria de poder dizer o mesmo.

— Adivinhe quem foi que apareceu aqui hoje! — disse Rocco, procurando mudar de assunto.

Johnny acabou de dar o laço e perguntou displicentemente: Quem foi?

— Bill Borden! Que surpresa ele teve quando me viu!

— É natural. Que foi que ele disse?

— Pouca coisa, mas estava muito bem. Falou que está querendo aumentar a sua cadeia de cinemas.

Por um segundo, Johnny ficou parado, de olhos arregalados para Rocco. Em seguida, sorriu. Como fora idiota em ter-se esquecido! No ano anterior,

Borden quisera comprar os cinemas da Magnum, mas Peter não quisera vender. Era a solução! Abraçou efusivamente Rocco.

— Rocco — exclamou — você é o melhor barbeiro do mundo e como eu sou seu amigo!

Correu para a porta, pegou o chapéu e o sobretudo e saiu sem pagar.

O gerente chegou logo perto de Rocco e perguntou:

— Que é que há com esse freguês? Está maluco?

— Maluquinho da silva!

— Claro que é! — disse o caixa, que havia ouvido a conversa. — Espetou a conta!

Rocco sorriu, abrindo a carteira para pagar a conta. Johnny não havia mudado nada. Nunca se sabia o que era que ele ia fazer no minuto seguinte.

Entrou no escritório, todo agitado.

— Ligue o telefone para Bill Borden! — disse ele a Jane. Esperou sem tirar sequer o chapéu e daí a alguns segundos

o telefone tocou.

— Alô, Bill.

— Alô, Johnny — disse Borden. — Como vai você?

— Muito bem, obrigado. Só lhe telefonei para saber se ainda está interessado nos nossos cinemas.

— Claro que estou! Por quê? Peter mudou de ideia? -— Ainda não, mas acho que poderá mudar.

— Que quer dizer com isso?

— Vou até lá conversar com ele e creio que poderei convencê-lo.

— Acha que vai conseguir? — perguntou Borden com curiosidade. Queria sem dúvida os cinemas, mas sabia como Peter era teimoso.

— Acho que posso — disse Johnny, acrescentando depois de um momento de hesitação: — Principalmente se lhe mostrar o seu cheque diante do nariz.

— Bem, não sei se seria direito, Johnny, dar-lhe um cheque de seis milhões de dólares sem saber se será aceito ou não. Se os acionistas souberem disso, não vão gostar. E tenho de pensar neles agora. Não posso mais fazer tudo o que eu quero.

— Ninguém saberá disso, Bill. Se Peter disser que não, devolvo-lhe o cheque e não será preciso que ninguém saiba. Se ele disser sim, que é o que eu penso que vai acontecer, você passará a ser um herói para os acionistas. Não se esqueça de que os cinemas valem quase oito milhões de dólares, do jeito que as coisas estão.

Borden decidiu-se, Johnny tinha razão. Se Peter aceitasse a sua oferta, a cadeia de cinemas Borden seria a maior do mundo.

— A que horas vai viajar?

— No máximo, até às cinco horas.

— O cheque estará pronto no meu escritório. Vai mandar buscá-lo?

— Vou pegá-lo pessoalmente.

Desligou o telefone e entrou na sala de Jane.

— Consiga-me passagem em qualquer trem para a Califórnia que saia depois das cinco horas. Quero viajar ainda hoje.

Voltou para a sua sala e fechou a porta. Jane ainda estava olhando atônita para a porta quando o telefone tocou.

— Que é que há com o seu patrão, meu bem? Saiu tão atarantado daqui que nem me pagou.

— Não sei, Rocco. Agora mesmo, veio-me pedir que conseguisse passagem para ele num trem para a Califórnia. Espere um pouco que ele está-me chamando.

Desligou a chave para Rocco e ligou para Johnny.

— Pronto, Johnny.

— Telefone para Chris no seu apartamento e diga-lhe que arrume uma mala e traga-a para cá.

— Muito bem. Mais alguma coisa?

— Não, disse ele e desligou. Recostou-Se na cadeira e acendeu um cigarro. Era sexta-feira.

Se pudesse pegar o trem às cinco horas, estaria em Chicago às quatro da madrugada. Isso queria dizer que chegaria a Los Angeles às onze horas da noite do domingo.

Tornou a estender a mão para o telefone para comunicar a Peter a sua próxima chegada, mas logo desistiu. Seria melhor fazer-lhe uma surpresa. O efeito psicológico seria maior.

Pensou também em telefonar para Dulcie e também achou melhor fazer uma surpresa. Olhou para o retrato dela em cima da mesa e sorriu satisfeito. Podia imaginá-la dizendo em tom de censura, mas com a voz repassada de carinho: “Você até me assustou, Johnny. Devia ter-me avisado.”

Puxou algumas fumaças do cigarro e começou a tossir. Jogou fora o cigarro. Não se curara de todo daquele resfriado. Mas alguns dias sob o sol da Califórnia resolveriam o assunto.

# 7

Olhou pela janela enquanto o trem chegava à estação de Los Angeles. A chuva caía violentamente sobre o trem, açoitada pelo vento. Levou a mão ao rosto. Estava quente e ele pensou que talvez estivesse com febre.

O resfriado havia piorado durante a viagem. Estava com a garganta seca e dolorida e as dores no peito eram frequentes. Sentia tremenda lassidão por todo o corpo. Abriu uma caixinha e tirou dois comprimidos de aspirina, pondo-os na boca. O gosto de limão lhe aliviou um pouco a garganta.

O empregado do trem apareceu.

— Tudo pronto, Sr. Edge?

Levantou-se, abotoou o sobretudo e acompanhou o empregado que lhe levava a mala. O trem parou na plataforma da estação.

O empregado entregou a mala de Johnny a um carregador e disse:

— Espero que tenha feito boa viagem, Sr. Edge.

— Foi muito boa, George — disse Johnny, entregando-lhe uma nota.

— Muito obrigado, Sr. Edge.

— Táxi, chefe? — perguntou o carregador.

— Sim — disse Johnny, olhando para o relógio. Passava pouco das dez horas. Iria diretamente falar com Peter e, depois, iria dormir em casa.

A chuva era torrencial quando ele saltou do táxi e tocou a campainha da porta de Peter. Era quase meia-noite e a casa estava às escuras. Tossiu e tornou a tocar. Viu uma luz nas janelas perto da porta.

Daí a pouco, a porta entreabriu-se e a cabeça do mordomo apareceu.

— Abra a porta, Max! Estou-me encharcando aqui fora!

— Sr. Edge! — disse o mordomo, abrindo de todo a porta pegando a mala de Johnny. — O senhor era esperado hoje?

— Não, Max, eu não era esperado — disse ele, entrando tirando o sobretudo. — O Sr. Kessler está em casa?

— Já vai dormir.

— Vá acordá-lo. Preciso falar com ele imediatamente. Vou esperar na biblioteca.

Havia ainda um resto de brasas na lareira da biblioteca. Atiçou-as e colocou alguns blocos de madeira sobre elas. O fogo pegou e começou a crepitar. Apanhou uma frasqueira na mesa de coquetéis e serviu um drinque.

O rosto de Peter estava assustado quando ele chegou à biblioteca e viu Johnny diante do fogo com um copo na mão. Esther vinha logo atrás dele.

— Que é que está fazendo aqui, Johnny? — perguntou ele, surpreso. — Quase não acreditei quando Max me disse que você havia chegado.

Johnny acabou de beber, sentindo o calor do uísque correr pela garganta, e disse, sorrindo:

— Vim ver se meto algum juízo nessa sua cabeça de alemão!

— Só isso? — murmurou Peter aliviado, deixando-se cair numa cadeira. — Pensei que tivesse acontecido alguma coisa horrível!

— Vai acontecer uma coisa horrível é se você não me ouvir!

— Negócios? — perguntou Peter.

— Sim, negócios.

— Então pode ficar para amanhã — disse Peter, levantando-se. — Primeiro, você tem de comer alguma coisa quente e tirar essa roupa que está encharcada.

— Não pode ficar para amanhã, Peter!

Começou a tossir então, sentindo o corpo todo estremecer. E, para complicar tudo, apareceu-lhe uma dor de cabeça de enlouquecer.

Peter olhou para Esther.

— Mamãe, vá fazer alguma coisa quente para ele beber. Ela saiu em silêncio da sala e Johnny levantou a mão, ainda tossindo.

— Não é preciso, Peter. Irei para casa logo que acabarmos a nossa conversa.

— Dulcie está esperando você? — perguntou Peter com um olhar estranho.

— Não. Achei melhor fazer-lhe uma surpresa.

— Não deve mais sair com esse tempo, Johnny. Passe a noite aqui e faça-lhe a surpresa amanhã de manhã.

— Não. O pior do temporal já passou.

Esther chegou com um bule de café. Serviu uma xícara e entregou-a a Johnny, dizendo:

— Beba este café quentinho que lhe vai fazer bem.

— Obrigado, Esther — disse ele, olhando-a com afeto.

— Sua cara não está boa, sabe, Johnny? — disse ela, com ar preocupado.

— Tive um resfriado, mas não é nada demais. Sentaram-se diante dele. Esther apertou mais o xale em torno do corpo. Estava úmido e frio ali na sala, apesar da lareira acesa. Felizmente, ela havia feito Peter vestir o roupão de banho. Quando ele soubera que Johnny estava em casa, quisera descer imediatamente de pijama.

— Agora, Johnny — disse Peter —, que assunto importante é esse que fez você se largar de Nova York e chegar aqui no meio da noite?

Johnny não respondeu logo. Acabou de tomar o café e olhou para ele.

— Temos de fazer filmes falados. Peter levantou-se irritado.

— Pensei que isso tivesse ficado resolvido de uma vez por todas. Já disse que não vai durar e pronto!

— O que você não sabe é que perdemos no mês passado mil contratos que foram cancelados. Estamos recebendo agora pedidos de cancelamento à razão de cem por dia. O motivo é sempre o mesmo. Não temos filmes falados. Ragin me disse que vai procurar outro emprego, porque nada tem mais para vender e dentro de três meses não terá mais nem emprego, pois a companhia terá de fechar as portas.

— Isso vai passar, vai passar — disse Peter, gesticulando nervosamente. — O que é que ele quer que eu faça? Jogar fora os filmes que já estão feitos? Todo o nosso dinheiro está empatado neles!

— Nunca recuperaremos o nosso dinheiro se os exibidores não quiserem levá-los.

Pela primeira vez, a dúvida apareceu no rosto de Peter. E acha mesmo que não vão querer passá-los?

— Tenho toda a certeza! — respondeu Johnny convictamente.

— Então estou arruinado! — exclamou Peter, jogando-se na poltrona. Estendeu para Esther a mão gelada.

— Não, se pudermos começar a produzir alguns filmes falados imediatamente!

— Mas como? Todo o nosso dinheiro está nesses filmes!

— Pode ainda recorrer a Wall Street como Borden fez, — disse Johnny contra a vontade, mas sabendo que era preciso dizer isso para Peter concordar com o seu plano.

— É muito tarde — replicou Peter. — Devemos seis milhões a Santos e o acordo diz que não poderemos fazer empréstimos seja lá onde for enquanto o nosso débito não houver caído para a metade.

Johnny meteu a mão no bolso e tirou um envelope. Entregou-o então melodramaticamente a Peter, dizendo:

— Então talvez isto resolva os nossos problemas.

Peter abriu o envelope, cheio de curiosidade. Ao fazê-lo, o cheque caiu no chão. Apanhou-o, olhou-o e perguntou a Johnny:

— Por que é que Borden me iria dar um cheque de seis milhões de dólares?

— Pelos cinemas da Magnum — disse Johnny, olhando atentamente para o rosto de Peter.

Peter ficou um momento em silêncio. Depois, disse com voz sumida:

— Mas eles valem perto de oito milhões!

Johnny sorriu intimamente ao ver o cheque seguro firmemente na mão de Peter. Se ele quisesse recusar a oferta, teria jogado o cheque longe.

— Eu sei, mas não temos condições para regatear. Quem precisa, não pode discutir. Ou aceitamos esse cheque e entregamos os cinemas ou perderemos toda a companhia!

Johnny teve a impressão de que havia lágrimas nos olhos de Peter. Olhou desamparadamente para Esther.

Johnny percebeu o olhar e teve uma pena infinita dele. Levantou-se e foi até à cadeira de Peter, pousando as mãos nos ombros dele.

— Quem sabe, Peter? Talvez seja melhor assim. Quando nos levantarmos1 outra vez, poderemos recuperá-los. Ou talvez sejamos ainda mais espertos do que julgamos. George Pappas acha que o mercado dos cinemas vai cair a qualquer momento. Talvez seja uma sorte podermos sair em tempo.

— Sim, talvez, Johnny. De qualquer maneira, nada podemos fazer agora.

— De fato.

— Eu devia ter sabido. Acho que estou é ficando velho. Devia era afastar-me e deixar os negócios para gente moça como você, Johnny!

— Conversa! — exclamou Johnny impetuosamente. — Você é ótimo! Todo mundo erra de vez em quando e ainda não vi ninguém nesta indústria errar menos do que você!

Peter sorriu. Já começava a sentir-se melhor.

— Pensa realmente assim, Johnny?

— Sem dúvida alguma! Não o diria se não pensasse assim!

Esther olhou para Johnny e sorriu agradecida. Como ele era bom!

Johnny insistiu em ir para casa e Peter mandou preparar o carro para levá-lo. Viu Johnny embarcar e tossir quando o chofer saiu pela alameda.

Fechou a porta da rua e voltou pensativamente para a biblioteca. Tinha sido um rematado idiota em não ver que os filmes falados eram um desenvolvimento lógico do cinema. Teria perdido tudo se Johnny não tomasse a iniciativa de resolver a situação para ele. Não havia na indústria ninguém como Johnny, capaz de interessar-se pelos outros como ele.

Ocorreu-lhe de repente um pensamento alarmante. Johnny havia dito que Dulcie não o esperava. Um medo frio tomou seu coração. Conhecia Dulcie e era impossível saber o que Johnny encontraria em casa. Foi ao telefone e deu à telefonista o número de Dulcie. Não queria que Johnny sofresse. Era indiferente ao que acontecesse a Dulcie, mas com Johnny era diferente.

Ficou durante quase cinco minutos ouvindo o telefone tocar sem que ninguém atendesse. Desligou por fim e subiu para o quarto, muito preocupado.

Tinha um estranho pressentimento. Alguma coisa ia acontecer. Tinha quase certeza.

Chegando ao hall do andar de cima, foi à extensão e tentou mais uma vez ligar para Dulcie. De novo, não atenderam. Desligou. Ela talvez estivesse dormindo e nem ouvisse o telefone. Era tolice da sua parte preocupar-se.

Quando entrou no quarto, Esther perguntou: — Para quem estava telefonando a estas horas?

— Para a mulher de Johnny — respondeu ele, sem querer dizer-lhe o nome. — Não queria que ela levasse um susto.

Mas Esther compreendeu tudo e disse em iídiche, sacudindo a cabeça: — É uma vergonha! Uma vergonha!

# 8

A campainha do telefone acordou-o. Ele estendeu a mão e acendeu o abajur da mesinha de cabeceira.

Dulcie estava de olhos abertos e perguntou preguiçosamente.

— Por que fez isso?

— Para atender o telefone — disse ele, estendendo a mão. Ela impediu o gesto.

— Deixe tocar, Warren. Não estou esperando telefonema de ninguém.

— Mas pode ser alguma coisa importante.

— O mais provável é que seja engano.

O telefone perturbou Warren. O som parecia um aviso no silêncio da noite. Parecia que alguém estava tentando dizer-lhe alguma coisa. Sentou-se na cama, apanhou um cigarro na mesinha de cabeceira e acendeu-o com as mãos ligeiramente trêmulas.

Ela levantou a cabeça do travesseiro e olhou-o.

— Ora, Warren! — exclamou ela, sorrindo. — Parece que está nervoso.

Ele não respondeu. Levantou-se e foi até à janela. A chuva caía fortemente e ouviam-se os uivos do vento. Voltou-se para ela e disse, irritado:

— É esse tempo! Dá para enlouquecer qualquer pessoa. Há três dias não faz outra coisa senão chover.

Ela sentou-se na cama e olhou-o. Andava assim desde que se divulgara a notícia do seu divórcio. Estendeu os braços para ele.

— Venha para a cama, menino. Tenho um remédio infalível para acalmar-lhe os nervos.

Nesse momento, o telefone parou de tocar.

— Viu? — disse ela, sorrindo. — Não disse que ia parar?

Os seus louros cabelos rolaram cascateantes sobre os ombros.

Craig voltou para a cama. As molas rangeram sob o seu peso quando ele se sentou ao lado dela e colocou o cigarro no cinzeiro.

— Nada a amedronta, não é, Dulcie?

Ela riu com satisfação. Torceu os ombros e a camisola lhe caiu até à cintura.

— Decerto que não — disse ela, tomando-lhe as mãos e colocando-as sobre os seios. — De que é que eu iria ter medo?

O telefone recomeçou a tocar e Warren teve um sobressalto.

— Calma — disse ela suavemente. — Já vai parar.

Ele ficou imóvel, escutando o telefone. Mas Dulcie tinha razão. A campainha tocou mais algumas vezes e parou.

— Pronto! — disse ela, tirando o receptor do gancho. — Não vai mais aborrecer a gente. — Beijou-o e lhe disse baixinho ao ouvido: Vocês todos são iguais. Têm medo de barulho como se fossem crianças.

Craig sentia nos braços o corpo ardente. A tensão abandonou-o rapidamente, sendo substituída por um exaltado desejo. Durante algum tempo, só a respiração ofegante de ambos quebrou o silêncio.

Ele estendeu a mão para apagar o abajur. Mas a mão dela tornou a interromper o gesto.

— Deixe a luz acesa — disse ela com os olhos brilhando e os seios arfantes. — Gosto de ver o que estou fazendo.

Ele curvou a cabeça para ela e os lábios se juntaram. Sentiu os dentes dela nos lábios, os braços que se fechavam em torno do seu pescoço, prendendo-o.

Fechou os olhos e os minutos passaram. Havia em seu corpo sentidos até então desconhecidos e que naquele momento estavam todos vivos e vibrantes. Sentia-se afundar, afogar-se num agitado mar de sensações.

Abriu os olhos um momento e olhou-a. Os olhos dela estavam semicerrados e neles brilhavam, através da estreita fenda das pálpebras, estranhas luzes do prazer que lhe dava o conhecimento dos poderes e das necessidades do seu corpo. A língua rosada brilhava entre os alvos dentes entreabertos. A respiração dela soprava com o exaltado ritmo de um ciclone.

Fechou os olhos de novo e abandonou-se àquele sombrio oceano de prazer. De repente, sentiu o sangue gelar-se. Um estranho som lhe chegou aos ouvidos. Estavam rodando a maçaneta da porta e esta se abria silenciosamente.

Johnny se reclinou no banco do carro e fechou os olhos. Estava cansado e a cabeça doía terrivelmente. Sentia arrepios de frio pelo corpo todo. Acendeu um cigarro, mas a primeira tragada provocou-lhe violento acesso de tosse. Tirou o lenço e enxugou o rosto banhado de suor.

Olhou a casa de Peter que ia desaparecendo ao fim da alameda. Os faróis iluminaram a água da piscina sobre a qual caía a chuva. Apesar de estar sentindo-se horrivelmente mal, estava contente de ter feito a penosa viagem até à Califórnia. Valia sem dúvida a pena piorar do resfriado para ver aquele olhar de gratidão que se estampara no rosto de Peter ao compreender que nem tudo estava perdido.

Baixou o vidro ao lado dele e jogou o cigarro fora. Procurou no bolso a caixa de aspirina. Botou dois comprimidos na boca e fechou cansadamente os olhos.

Sentia frio, um frio invencível. O corpo todo tremia incontrolavelmente. Abriu os olhos.

O carro havia parado e o chofer, voltado para ele, dizia:

— Já está em casa, Sr. Edge.

A entrada do edifício de apartamentos estava deserta àquelas chuvosas horas da madrugada.

— Quer que leve a mala até lá em cima, Sr. Edge? — perguntou o chofer. O pobre coitado parecia cansado. Fora tirado da cama no meio de um sono profundo, para sair com ele numa noite como aquela.

— Não, muito obrigado. Eu mesmo me arranjo.

Pegou a mala, saltou do carro e saiu correndo para a porta do edifício. O chofer no mesmo instante fez a manobra e tomou o caminho de volta para a casa de Peter.

O porteiro da noite dormia reclinado sobre a sua mesa. Passou na ponta dos pés para não acordá-lo e foi para o elevador, apertando o botão.

Meteu a chave na fechadura sem fazer barulho e abriu a porta. Entrou na sala e depositou a mala no chão, sem que os seus passos fizessem barulho no chão atapetado.

A porta do quarto estava fechada, mas na soleira aparecia uma leve réstia de luz. Sorriu. Dulcie devia mais uma vez ter pegado no sono com a luz acesa. Era um velho hábito dela.

Chegou na ponta dos pés à porta do quarto. Era bom estar em casa. Com toda a certeza, depois de uma boa noite de sono, acordaria bom no dia seguinte. Não conseguira dormir bem na viagem de trem.

Levou a mão à maçaneta e abriu a porta.

Sentiu-se de repente enjoado. A náusea apertava-lhe o estômago e ele saiu dali correndo para a cozinha. Curvou-se sobre a pia e vomitou angustiadamente. Os olhos estavam cheios de lágrimas e queimavam-no dentro das pálpebras. As ânsias continuavam e ele vomitou de novo, de novo. Por fim, os vômitos pararam e ele saiu da pia, dirigindo-se tropegamente para a sala.

Tinha a cabeça oca e estava com os olhos quase fechados como se quisesse arrancar da memória o que acabara de ver. Uma voz estridente chegou-lhe aos ouvidos. Abriu os olhos lentamente, com tremendo esforço, tanto lhe pesavam as pálpebras.

Dulcie estava nua diante dele, com o rosto contorcido pela cólera, a vociferar coisas para ele.

Passou por ela e foi para onde estava a mala para apanhar o chapéu e o sobretudo. Estava em silêncio, com o rosto vazio de qualquer expressão.

Ela o seguiu, ainda aos gritos.

Olhou-a vagamente. Que era que ela estava dizendo? Fez um esforço para compreender. O impacto das palavras dela chegou-lhe então ao espírito. De repente, estendeu os braços e fechou as mãos em torno do pescoço dela. Tinha mãos fortes, muito fortes. Haviam ficado assim desde o tempo em que usara muletas.

A voz da mulher morreu na garganta e os seus olhos se encheram de súbito pavor. Tentou dizer alguma coisa mas não podia falar. Não podia nem respirar. Agarrou debilmente os pulsos dele, num esforço para aliviar aquela tremenda compressão na garganta.

Ele a sacudia com tanta força que parecia que quebraria o pescoço. Da garganta só saíam rugidos roucos de animal.

Olhou atrás dela e da cabeça que balançava de um lado para outro diante dele. No quarto, Warren olhava para ele com o rosto branco e imóvel, como se estivesse hipnotizado.

Olhou então para Dulcie e teve a impressão de que a via pela primeira vez.

— O que estou fazendo com você? — disse ele com uma voz cheia de desgosto e ódio. Largou-a e deu-lhe uma bofetada com as costas da mão.

Ela caiu no chão. Ele a olhou ali estendida e começou a dizer repetidamente: — É minha mulher... É minha mulher...

Ela o olhava também e parecia haver no seu rosto um estranho sorriso, uma mistura de medo e triunfo.

— Eu não podia esperar outra coisa... de um aleijado! — gritou roucamente. — Pensou mesmo que prestasse para alguma coisa?

Ele a olhou um instante, depois deu-lhe as costas e encaminhou-se para a porta. Fechou-a e caminhou pelo corredor até chegar ao elevador.

O porteiro da noite ainda estava dormindo quando passou por ele e saiu na madrugada chuvosa. A chuva bateu-lhe na cabeça, fazendo-o lembrar-se de que deixara o chapéu e o sobretudo lá em cima, ao lado da mala. Levantou a gola do paletó e começou a andar.

Não sabia havia quanto tempo estava andando, mas, lá em cima, o céu já estava começando a acinzentar-se. Ainda chovia e ele estava com as roupas molhadas até à pele. A cabeça doía e dores lancinantes lhe corriam pelo corpo. A cada passo que dava, o coto de perna dava-lhe uma pontada que subia até às costelas.

De vez em quando, surgiram-lhe no espírito palavras que ela lhe dissera do fundo da sua raiva e do seu desprezo. O que foi que ela disse? “Volte para Doris! A cadelinha fica toda no cio quando você aparece!” Foi então que ele a havia agarrado pelo pescoço.

De repente, compreendeu tudo. Tudo estava claro para ele. Aquela rua por onde ia era conhecida. Já a havia visto em algum momento.

Começou a correr desabaladamente por ela. Era a rua dos seus sonhos, a rua em que ele corria atrás da moça. Procurou enxergar à frente. Não podia deixar de haver uma moça lá no fundo da rua. Julgou de repente vê-la. Estava lá, sim. Não podia deixar de estar. Mas agora ele já sabia quem era.

— Doris! Doris! Espere por mim!

A sua voz ecoou lugubremente na rua vazia.

De repente, tropeçou e caiu. Conseguiu penosamente levantar-se, correu mais alguns passos e caiu. Dessa vez, estava dentro de uma poça de água. Era agradável o contato da água bem fria com o seu rosto que estava queimando.

Como em sonho, ouviu o ranger dos freios de um automóvel. Ouviu muito longe uma voz de homem dizer:

— Parece que há alguém caído ali no meio da rua. Ouviu passos que se aproximavam. Sentiu que lhe viraram o corpo. Por que aquela gente não o deixava em paz? Sentia-se tão bem ali!

— Mas é o Sr. Edge! — ouviu o homem exclamar, como se não acreditasse.

“Que é que há de mais nisso?”, pensou confusamente. “Queria que eu fosse outra pessoa?”

Sentiu que o levantavam e carregavam para um carro. O banco do carro estava muito frio e ele começou a tremer.

— Que é que vamos fazer com ele? — ouviu a voz do homem perguntar. — Parece que está bem doente.

Uma voz de mulher disse friamente: — Doente, nada! Deve estar é bêbado. Sabe onde é que ele mora? Temos de levá-lo para casa?

Essas palavras chegaram à consciência de Johnny. Procurou abrir os olhos e disse com voz rouca e entrecortada: — Para casa não... Não tenho casa...

As pessoas que estavam no carro voltaram-se para olhá-lo. Johnny reconheceu o homem. Era Bob Gordon, que fazia os westerns no estúdio. A outra pessoa não conhecia. Devia ser a mulher dele.

— Gordon — disse com voz cansada e quase inaudível —, leve-me para a casa de Doris Kessler.

E fechou os olhos.

# 9

Peter agitou-se nervosamente na cama. Abriu os olhos e olhou para a janela. O céu já estava clareando e ainda se ouvia o rumor da chuva. Olhou para o despertador. Seis horas. Felizmente daí a uma hora poderia levantar-se. Quase não dormira durante toda a noite.

Espreguiçou-se cansadamente. Não deveria ter-se preocupado com Johnny. Com toda a certeza, tudo correra bem. Nisso, ouviu o barulho de um carro que subia a alameda. Sentou-se na cama e prestou atenção.

Ouviu passos lá fora. Chegaram até à porta. Nesse momento, a campainha tocou, ressoando como um alarma por toda a casa.

Saltou da cama, pegou o roupão e desceu. Estava amarrando o roupão quando chegou à porta e abriu-a.

Era Bob Gordon.

— Sr. Kessler — disse ele, olhando para o rosto assustado de Peter —, trouxe o Sr. Edge no meu carro. Encontrei-o caído numa poça de água aqui na sua rua, a uns dois quarteirões da sua casa. Parece que está passando mal.

Peter conseguiu afinal falar.

— Traga-o para cá! Vá buscá-lo! Que é que está esperando?

Saiu com Gordon sem ligar para a chuva que caía. Havia uma mulher dentro do carro, mas ele não lhe deu a menor atenção.

Gordon abriu a porta de trás. Johnny estava deitado no banco, todo encolhido e com os lábios roxos. Gordon entrou no carro e começou a levantá-lo. Johnny não se moveu. Gordon olhou para Peter.

Peter segurou as pernas de Johnny e Gordon passou os braços por baixo dos ombros dele. Carregaram-no assim para a casa.

Esther já estava na porta quando eles chegaram.

— Que foi? — perguntou ela, olhando assustadoramente para o vulto inerte de Johnny.

— Não sei — respondeu Peter em iídiche. Deitaram Johnny no sofá do vestíbulo. A água das suas roupas molhadas escorria para os tapetes.

Esther se ajoelhou ao lado dele. Desapertou-lhe a gravata e o colarinho. Levou a mão à testa dele.

— Está ardendo em febre! — disse ela, levantando-se e olhando os dois homens e mais o mordomo, que havia aparecido. Demonstravam, eles, inutilidade característica dos homens em caso de doença. — Papai, vá telefonar imediatamente para o médico. Vocês dois, levem-no para cima, tirem-lhe a roupa e metam-no na cama.

Os homens trataram de obedecer.

— No quarto de Mark — disse ela ao mordomo. Mark estava na Europa e não iria precisar do quarto. Subiu com eles.

Alguns minutos depois, Peter entrou no quarto.

— O médico já vem. Como está ele?

— Não sei — disse Esther — mas acho que está com muita febre.

Peter espirrou.

— Papai, vá já mudar essa roupa. Já chega uma pessoa doente.

Peter saiu e Esther se voltou para Gordon.

— Você deve estar muito molhado. Vamos descer que eu lhe vou fazer um café bem quente.

— Estou bem — disse Gordon. — Minha mulher está no carro e eu tenho de ir para o estúdio.

— Deixou sua mulher no carro? Vá buscar a pobrezinha cá para dentro. Não deixarei ninguém sair enquanto não tomarem uma coisa bem quente. O estúdio pode esperar.

Peter chegou à sala de jantar quando Gordon estava contando como havia encontrado Johnny. Repetiu tudo então para que ele ouvisse.

— Eu ia cedo para o estúdio para adiantar um pouco o trabalho antes da chegada da turma quanto o vi deitado no meio da rua.

— Foi muito bom você tê-lo encontrado — disse Peter, quando a campainha da porta tocou. Ele se levantou apressadamente e foi abri-la.

Era o médico. Subiram com ele e ficaram ansiosamente no quarto enquanto ele examinava Johnny. Por fim, o homem se levantou e disse em voz baixa:

— Está muito doente. Seria melhor levá-lo para um hospital, mas tenho receio de removê-lo com um tempo assim. Está com pneumonia complicada por

um estado de choque que não posso compreender. Tenho de botá-lo numa tenda de oxigênio.

— Tudo o que for necessário, doutor — disse Peter. — Não poupe despesas. Ele tem de ficar bom!

— Não posso prometer nada, Sr. Kessler, mas vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance. Onde fica o telefone?

O médico saiu para telefonar e os dois ficaram ao lado da cama. Esther olhou para Peter e disse: — Temos de telefonar para Dulcie e dar a notícia. Peter olhou hesitantemente para Johnny e murmurou: — Acho que devemos...

Johnny moveu-se na cama. Abriu os olhos e procurou fixar o olhar neles. Tentou levantar a cabeça mas não pôde e deixou-a recair pesadamente no travesseiro. A sua voz era fraca, tão fraca que mal a ouviam, mas havia nela uma desesperada determinação.

— Não... digam nada... a Dulcie... Ela... não presta!

Peter agarrou a mão de Esther e os olhos se encheram de lágrimas. Já sabia o que havia acontecido.

Era uma tarde de domingo, três semanas depois. Os raios oblíquos do sol cintilavam na água da piscina, tornando-a suave e irisada. O calor da sua luz aquecia os rostos dos dois, que estavam com os olhos voltados para o tabuleiro de xadrez entre eles.

Peter fez um lance e sorriu para Johnny, dizendo: — Cavalo sete Torre, xeque! Isso deve resolver o caso!

Johnny, com o rosto ainda magro e pálido, estudou o tabuleiro. A sua posição era péssima. Peter ameaçava mate no lance seguinte e ele não via qualquer jeito de impedi-lo.

Olhou-o, rindo, e disse: — Isso exige uma resposta brilhante!

— Muito bem! Seja brilhante à vontade! — exclamou Peter, com um sorriso vitorioso. — Mas não vai adiantar nada.

— Pois vou lhe dar a resposta mais brilhante que é possível, Peter! As pretas abandonam!

Peter começou a arrumar de novo as peças no tabuleiro. — Outra partida, Johnny?

— Nada disso! Duas surras num dia chegam para mim! Peter recostou-se na cadeira. Johnny acendeu um cigarro e o seu rosto ficou pensativo e sombrio.

— Está mesmo resolvido? — perguntou-lhe Peter. — Vai partir amanhã?

— Sim, Peter. Quero acabar com isso o mais depressa possível!

— Compreendo, mas já se sente bem para ir?

— Reno serve tão bem quanto qualquer outro lugar para convalescer.

Ficaram durante alguns minutos em silêncio e Peter disse: — Cancelei os contratos dos dois na sexta-feira, alegando a cláusula moral.

— Não devia ter feito isso, Peter. Afinal de contas, eles são boa bilheteria.

— E você acha que ainda podia ficar com eles no estúdio? Não posso mais nem olhar para a cara deles!

— Se eu tivesse sabido antes — exclamou Johnny —, se eu tivesse adivinhado! Como fui idiota! Eu devia ter sabido. Lia aquelas coisas nos jornais e ria delas, sem acreditar. E eram os outros que riam de mim! Por que não me disseram?

— Ninguém podia dizer, Johnny. Era uma coisa que você tinha de descobrir por si mesmo.

A sala do tribunal estava quente e abafada quando o escrivão anunciou na sua voz monótona:

— Vai ser julgado o caso de John Edge contra Dulcie W. Edge. Está presente o autor?

— Está presente — disse o advogado de Johnny fazendo-o levantar-se.

Johnny levantou-se e olhou para o idoso juiz. O homem tinha o rosto cansado e estava evidentemente desinteressado. Para ele, aquilo não passava de aborrecido trabalho de rotina.

— Sr. Edge — perguntou com voz formal —, ainda deseja que o divórcio seja concedido?

— Desejo, Excelência — disse Johnny, achando estranha a sua voz.

O juiz olhou para os papéis que estavam à sua frente e, pegando uma caneta, assinou-os, passando-os ao escrivão que secava as assinaturas com um mata-borrão. Olhou, depois, para Johnny e disse:

— Este juízo decide então que o divórcio seja concedido.

O escrivão juntou os papéis, levantou-se e disse:

— No caso de John Edge contra Dulcie W. Edge, o Excelentíssimo Senhor Juiz da Segunda Vara de Nevada, Miguel V. Cohane, decide que seja concedido o divórcio requerido pelo autor sob a alegação de incompatibilidade.

O advogado de Johnny olhou para ele e sorriu:

— Pronto, Sr. Edge. É agora um homem livre.

Johnny recebeu os papéis que o advogado tinha ido apanhar com o escrivão e estendeu-lhe a mão, dizendo: — Muito obrigado.

Em seguida, virou-se para sair do tribunal. Chegando à porta, parou e olhou. As paredes da sala eram de um cinza desbotado, com revestimento de madeira velha. Os bancos amarelos estavam todos riscados a canivete e a lápis. Era um lugar próprio para o fim do seu triste casamento.

De súbito, sentiu os olhos molhados e saiu. O advogado havia dito que ele voltava a ser um homem livre. Seria livre um dia? Não sabia. O que havia no seu espírito no momento era uma infinita amargura.

Comprou um jornal ao passar por uma banca. Abriu-o e correu os olhos pelos títulos. Houve um que lhe chamou a atenção, estendido de um lado para outro na primeira página.

*BAIXA DE TÍTULOS PELA SEGUNDA VEZ NESTE MÊS PREJUÍZO DE MILHÕES. WALL STREET EM PÂNICO*

*Nova York, 29 Out. (AP) — O telégrafo atrasou-se mais de três horas hoje na sua fita, sem poder acompanhar o movimento de vendas da Bolsa de Nova York, onde homens de negócios habitualmente comedidos gritavam exaltadamente e passavam por entre a multidão agitada. Só se ouvia uma coisa: vender, vender, vender! Vender antes de perderem toda a sua fortuna e os títulos descerem ainda mais nessa maior baixa da história da Bolsa.*

# CONSEQUÊNCIAS

## 1938

# Sábado

Acordei com uma tremenda dor de cabeça. As têmporas me latejavam como martelos. Sentei-me na cama e senti um momento de tontura. Apertei as têmporas com as mãos para aliviar a dor, mas não adiantou nada.

Senti de súbito náuseas e um gosto ruim na boca. Melhorei um pouco e achei que o pior havia passado.

— Christopher!

A porta se abriu e ele entrou com a bandeja. O cheiro da comida quase me enjoou de novo.

— Que é que há com você hoje? — perguntei, irritadamente. — Leve isso daqui e me traga um comprimido!

Chris pegou mais que depressa a bandeja e foi saindo. Quando ia chegando à porta, gritei-lhe:

— E não precisa levar os jornais!

Ele voltou, tirou os jornais da bandeja e entregou-os, com uma expressão de mágoa no rosto, da qual não tomei conhecimento.

Abri o Reporter e li o título: “Farber e Roth na Diretoria da Magnum.”

Não tinha sido sonho, então. Os sonhos não dão manchete no Hollywood Reporter.

Li bem devagar a notícia. Tinha sido exatamente como Bob me dissera. Na reunião da noite anterior, haviam eleito Roth vice-presidente encarregado da produção e Farber, diretor com poderes especiais.

Diabos levassem todos! Amassei o jornal numa bola e joguei-o raivosamente no chão no momento em que Christopher voltava.

— Não podiam fazer isso comigo — exclamou em voz alta.

— Que é que está dizendo, Sr. John? — perguntou Chris espantado, correndo para mim com um comprimido na mão.

— Nada — disse eu, recebendo o comprimido e tomando-o. Christopher olhou para mim com ar preocupado e perguntou.

— Com que terno quer sair hoje Sr. John? Olhei-o e fiquei arrependido de haver gritado com ele.

— Escolha você mesmo. O que quiser — disse eu, vendo-o abrir o armário. E acrescentei: — Desculpe ter gritado com você, Chris.

Ele se voltou para mim, todo sorridente.

— Ora, Sr. John, não tem importância. Sei que não teve essa intenção. É que está com a cabeça muito cheia de coisas.

Sorri também para ele e Chris se voltou, todo feliz, para o armário. Fechei os olhos. A dor de cabeça estava passando, deixando-me o espírito desanuviado e lúcido.

Quase externei em voz alta os meus pensamentos. Era a minha vez. Primeiro, fora Borden; depois, Peter. Era eu agora. Um por um, tínhamos sido postos para fora. Não havia jeito de derrotar aquela gente? Fechei as mãos com raiva. Não, ainda não me haviam vencido. E não venceriam, pelo menos antes de saberem o que era uma boa luta. Abri lentamente os dedos. Ainda lembrava de como aquilo tudo havia começado.

Era no princípio de 1931, Peter estava em Nova York numa das suas visitas costumeiras. Eu estava no meu escritório conversando com os rapazes no intervalo para o almoço.

Naquela ocasião, a situação não era das piores. Estávamos todos perdendo dinheiro sem dúvida, menos a Metro, que parecia ter um cano ligado para a casa da moeda.

Ainda estávamos procurando absorver aqueles nove milhões de dólares de filmes mudos que tínhamos quando começou o sonoro. Os nossos novos filmes não eram melhores nem piores do que os das outras companhias. Ainda não havíamos dominado a técnica do som.

Mas o futuro parecia bom. Tínhamos em produção um filme que parecia dinheiro em caixa. Era uma história de guerra a respeito de um grupo de soldados alemães e exprimia quase tudo o que se podia dizer sobre a inutilidade das guerras. E haveria outros assim. Quem dizia era Peter e eu esperava que assim fosse, embora intimamente tivesse as minhas dúvidas.

Não me era permitido dizer fosse o que fosse a respeito da produção.

Quando havíamos feito a mudança para o sonoro, fui de opinião que devíamos adotar o sistema de discos e não o do som gravado no próprio filme. Peter aceitou com relutância a minha opinião depois que lhe observei que eu tivera razão desde o princípio em relação ao cinema sonoro.

E estávamos gastando mais um milhão para mudar para o som gravado no filme.

Peter tinha sido muito correto nesse particular. Não me culpou de nada, mas deixou bastante claro que desejava que eu daí por diante não me metesse na produção.

Isso me havia a princípio aborrecido muito, mas acabei aceitando. Quando as coisas se normalizassem, as coisas voltariam a ser o que sempre tinham sido.

Enquanto conversávamos, o interfone tocou no meu escritório. Fizeram todos silêncio e eu liguei o botão.

— Pronto, Peter.

— Venha imediatamente ao meu escritório, Johnny.

— Está bem, Peter.

— E mais uma coisa — disse ele, rindo. — Diga a esses vadios em seu escritório que está na hora de pegar o trabalho.

Todos riram e eu me levantei.

— Vamos não ouviram? Voltem para a pedreira e tratem de quebrar pedra!

Foram saindo. Eram boa gente todos eles. Alguns trabalhavam conosco desde antes da guerra. Depois, abri a porta que dava comunicação para o escritório de Peter.

Encontrei-o sentado à sua grande mesa. Sempre tivera a mania das mesas grandes embora fosse um homem bem baixo. Devia estar bem contente com aquela, que era tão grande que o fazia parecer um anão. Olhou para mim muito sério e disse:

— Johnny, vamos emprestar a Bill Borden um milhão e meio de dólares.

— Um milhão e meio! — exclamei espantado. Era tudo o que tínhamos de reserva para alguma emergência. E na indústria do cinema isso não passava de uma migalha.

— Sim, foi o que disse, Johnny. Um milhão e meio de dólares.

— Mas, Peter, é o único dinheiro que temos! Que faremos se acontecer alguma coisa?

Ouvi uma tosse discreta atrás de mim. Virei-me e vi Bill Borden sentado numa poltrona. Estava tão sumido ali que eu não o vira ao entrar. Notei também que estava com o rosto abatidíssimo. Os cabelos estavam completamente brancos. Dirigi-me para ele e estendi a mão.

— Não o havia visto, Bill.

— Alô, Johnny — disse ele, apertando-me a mão.

Até a voz tinha mudado tanto que tive dificuldade em reconhecê-la. Parecia trôpega e incerta.

— Não me leve a mal, Bill.

— Ora, Johnny, eu compreendo. Procederia da mesma forma se estivesse no seu lugar.

Voltei-me então para Peter e disse:

— Acho que seria melhor eu saber de que se trata para não fazer este papel de bobo.

— Bem, trata-se do seguinte — disse Peter, mas Borden interrompeu-o.

— Deixe-me explicar, Peter. Afinal, o problema é meu. Borden começou a falar com voz amarga e só pelo seu tom de voz compreendi que estava envergonhado.

— Você deve achar estranho, Johnny, mas a verdade é que eu, Willie Borden, vim pedir-lhe alguns dólares emprestados. O mesmo Willie Borden, que é presidente da maior empresa de cinema do mundo, não pode ir aos bancos e conseguir o dinheiro que desejar e no mesmo instante. Mas é verdade. Vocês são a minha única esperança.

Eu o escutava sem poder acreditar. Era como se ele se estivesse despindo à minha frente, numa gradativa desintegração do seu ânimo e do seu amor-próprio.

— Antes do craque da Bolsa em 1929, eu era o rei do mundo. Quando comprei os cinemas de vocês, fiquei com todos os meus sonhos realizados. Eu tinha mais cinemas do que qualquer outra pessoa do mundo e ganhava mais dinheiro do que qualquer outra companhia. Eu era esperto. Esperto demais. Não pensei que quanto mais se tem é que mais se pode perder. E foi o que aconteceu. Perdi mais dinheiro. Um ano depois do craque, os nossos cinemas valiam a metade do que havíamos pago por eles, até os que compramos à Magnum. Não sabem a sorte que tiveram em vendê-los naquela ocasião.

Fiz menção de dizer alguma coisa, mas ele levantou a mão, atalhando-me.

— Não o estou culpando, Johnny. Você não sabia o que ia acontecer e eu também não sabia. Eu queria os cinemas e comprei-os. Terminamos o ano de 1929 com onze milhões de dólares de prejuízo. Pensei que 1931 fosse melhor, mas não foi. Ao contrário. Perdemos dezesseis milhões de dólares. E os primeiros meses deste ano não mostram qualquer melhoria. Já perdemos sete milhões. Depois do que eu disse, você talvez não compreenda como é que venho pedir-lhes um milhão e meio, não é mesmo? Mas esse dinheiro, Johnny, não é para a companhia. É para mim mesmo.

Mostrei-me surpreso e ele explicou:

— As coisas não são mais como nos velhos tempos quando Willie Borden era o dono e podia fazer o que quisesse com a sua companhia. Agora, é diferente, Willie Borden não é mais dono da Borden Filmes. Sem dúvida, é presidente da companhia, mas não a dirige mais. Quem a dirige é um grupo de diretores, eleitos por acionistas que nada entendem da indústria. Mas são eles que dão as ordens e Willie Borden tem de cumpri-las. Caso contrário, rua!

Fez uma pausa e continuou num tom de sutil ironia:

— Até a grande Companhia Borden não pode perder 34 milhões de dólares sem ter de enfrentar dificuldades. É claro que ainda há 20 milhões em

dinheiro e 70 milhões em outros bens, mas alguém tem de servir de bode expiatório. Alguém tem de ser crucificado e exibido aos acionistas ao mesmo tempo que se diz: “Aqui está o culpado de tudo!” E quem pode ser esse bode expiatório senão o mesmo Willie Borden, que começou do nada, como vendedor num carrinho em Rivington Street e criou aquela grande companhia? Tiveram então uma brilhante ideia. Emitiriam novas ações, recolhendo as velhas. Seriam dados certificados de igual valor pelas velhas ações, mas isso implicava um truque. Como há dois milhões de ações, têm de dar dois milhões de ações novas em troca das velhas, mas aí é que está o truque, em vez de emitirem apenas dois milhões de ações, emitiram quatro milhões.

Tomou fôlego e continuou:

— Isso lançaria no mercado mais dois milhões de ações. O’ mercado não poderia de modo algum absorver essas novas ações, mas eles pouco se importavam com isso, porque tinham um plano. Havia um acordo entre Willie Borden e a Borden Filmes, segundo o qual Willie Borden teria direito a 25% das ações existentes, com direito ainda à opção sobre quaisquer novas ofertas que afetassem a sua percentagem. Se ele não fizesse uso dessa opção, as ações seriam lançadas no mercado. Muito bem planejado, na verdade. Sabiam que Willie Borden não tinha os cinco milhões de dólares necessários para comprar 25% das novas ações. Sabiam exatamente quanto ele tinha. Cabularam assim reduzir a sua participação na companhia à metade do que era e começar a acusá-lo publicamente da derrocada. A sua percentagem reduzida de ações anularia o valor do seu vota numa assembleia de acionistas, principalmente se quase todos os outros votos estivessem, por procuração, em poder deles. Mas se esqueceram de uma coisa muito importante. Willie Borden estava já na indústria de cinema muito antes que eles ouvissem falar nela e tem muitos amigos, os quais não deixariam Willie Borden levar um pontapé.

Olhou para mim e concluiu:

— Com a ajuda de meus amigos, consegui reunir três milhões e meio de dólares. E venho a recorrer a vocês pelo que falta. Sei bem da situação em que estão, reconheço quanto é precária, compreendo que o futuro é incerto, mas não tenho mais ninguém a quem recorrer.

Calou-se e nós ficamos em silêncio. Afinal, Peter moveu-se na sua cadeira atrás da grande mesa e disse:

— Então, Johnny? Que é que você diz? Sorri e disse:

— Ora, Peter, não foi você mesmo que me disse que o dinheiro não vale nada se não servir para ajudar os amigos?

Borden levantou-se e veio abraçar-nos efusivamente, com uma nova vida, uma esperança nova no olhar.

— Prometo que nunca esquecerei isso! É apenas um empréstimo. Pagarei tudo dentro de um ano!

Borden saiu do escritório levando o nosso cheque no bolso. Ao fim de algum tempo, Peter tirou o relógio, deu um suspiro e me perguntou:

— Tem algum compromisso para o almoço, Johnny? Tinha um compromisso, mas era fácil desfazê-lo.

— Não, Peter. Vou ao meu escritório e já venho. Tenho ainda um assunto para resolver antes do almoço.



Fui ao meu escritório, dei um telefonema, cancelando o compromisso anterior e voltei logo para a sala dele.

Peter quase não conversou durante o almoço. Sabia que ele estava pensando em alguma coisa e não o perturbei, puxando conversa. Só falou depois do café e quando acendeu um dos seus grandes charutos. Falou comigo, mas estava realmente pensando alto.

— Sabe o que isso significa? Significa que a indústria do cinema está entrando numa nova era. Há muito tempo que vejo isso se aproximar, desde quando aconselhei Willie a não querer nada com aquela gente de Wall Street. No fundo, eles não gostam de nós, porque fizemos uma grande indústria sem eles e porque somos judeus.

Nada disse. Não concordava muito com ele, mas não queria discutir. Para mim, tudo aquilo era apenas uma questão de dinheiro. O fato de serem judeus era apenas acidental.

Ele deve ter tomado o meu silêncio por aquiescência, porque continuou:

— Agora, diante do que está acontecendo a Borden e a outros, sei que estou certo. Os anti-semitas vão tirar-nos da indústria do cinema.

Por um momento, tive pena dele. Peter não podia compreender. Aquelas ideias dele eram fruto de anos de perseguição, de vida nos guetos superlotados e sujos. A história dos judeus era uma longa opressão. Era natural que tudo isso os afetasse e enchesse de receios.

Mas ele devia compreender que estava errado. A indústria do cinema era tão judaica quanto os bancos ou os seguros. A nossa companhia era um exemplo. Das três pessoas que a haviam fundado, só Peter era judeu. Joe Turner tinha sido católico e eu era, tanto quanto sabia, metodista. E nós três só fomos para a frente depois que um italiano nos emprestou dinheiro.

Peter pagou a conta e levantou-se. A caminho da porta do restaurante, ele me disse confidencialmente:

— Temos de tomar muito cuidado agora, Johnny. Seremos as próximas vítimas.

Voltei muito inquieto com a atitude de Peter. Acendi um cigarro e recostei-me na cadeira, pensando. Uma atitude assim poderia muito bem perturbar o critério de julgamento de um homem e prejudicá-lo. Afinal, sacudi a cabeça e resolvi não pensar mais nisso. Com certeza, Peter só havia falado assim porque estava perturbado com o que havia acontecido a um velho amigo.

Borden cumpriu a palavra ainda melhor do que esperava. Ao fim de três meses, já nos havia pago o dinheiro que tomara emprestado. Mas a luta continuava.

As circunstâncias estavam claramente estabelecidas. Era a velha luta pelo controle. Quem dominaria a indústria, o poder financeiro ou o poder da produção? Os olhos de toda a indústria estavam voltados para a luta que se travava dentro da Borden Filmes. As publicações especializadas publicavam notícias diárias sobre os fatos mais recentes e procuravam escrupulosamente ser imparciais. Não sabiam com quem teriam de tratar ao fim da luta e não queriam prejudicar os seus interesses.

No fim de 1931, a Borden havia pedido mais seis milhões de dólares e um grupo de acionistas intentou ação contra William Borden e vários dos outros principais acionistas e funcionários da companhia, acusando-os de incompetência, de apropriação de fundos da companhia e de ação prejudicial aos interesses da mesma. Requereram que fosse nomeado um interventor para a companhia até que esta se livrasse das suas dificuldades e estivesse de novo em base sólida e rendosa.

Era voz corrente na indústria que muitas das pessoas que figuravam no caso como réus estavam secretamente ajudando o outro lado a fim de afastar Borden de qualquer posição de controle na companhia. O caso foi afinal levado a julgamento no princípio de 1932.

Bill Borden havia prestado depoimento nas primeiras audiências e revelou o fato de que nos dois anos anteriores servira como presidente da companhia sem um centavo de remuneração. Disse ainda que não fora absolutamente reembolsado das despesas feitas durante esse período, pagando todas as despesas do próprio bolso. Mostrou relação das propostas que havia feito naqueles últimos anos à diretoria, propostas essas que teriam permitido reduzir as despesas e economizar milhões de dólares e que haviam sido sumariamente rejeitadas como todas as outras sugestões que havia feito.

Os querelantes tinham também uma longa relação de abusos que apresentaram em juízo. Um dos pontos mencionados era a compra feita por Borden dos nossos cinemas sem consulta à diretoria. Isso era pura conversa, pois um ano antes a diretoria havia autorizado Borden a efetuar a transação. Foi exatamente esse o argumento de Borden. Eles retrucaram com a alegação de que a autorização fora dada para aquela ocasião específica e, na nova oportunidade, o assunto teria de ser todo estudado de novo. Lembro-me bem do dia em que foi proferida a sentença no caso Borden. Lembro-me por muitos motivos. Foi o dia seguinte, ao da posse do Presidente Roosevelt e eu ainda me emocionava, vinte e quatro horas depois de tê-lo ouvido dizer pelo rádio as mesmas palavras dos jornais: “A única coisa de que devemos ter medo é do próprio medo”.

Ainda naquela manhã eu havia falado com Peter e ele me assegurara que Borden não podia perder. O telefone do meu escritório tocou e eu atendi.

— Peter ao telefone — disse-me Jane.

Preparei-me para esperar a ligação, muito surpreso. Eram e meia. Isso queria dizer que eram 6 e meia na Califórnia e era ainda muito cedo, mesmo para Peter.

Ouvi-lhe a voz:

— Alô, Johnny!

— Alô, Peter. Que foi que o tirou tão cedo da cama?

— Quero pedir-lhe de novo que me telefone logo que souber da decisão no caso Borden.

— É hoje a decisão, não é?

— É hoje, sim Johnny. E quero que acompanhe tudo o que está acontecendo e me telefone logo que houver uma solução..

— Fique descansado, Peter. Qual será o resultado? Willie vai ganhar — disse ele cheio de confiança.

— Por que pensa assim? — perguntei eu, que não estava assim tão seguro.

— Ora essa! — exclamou ele, surpreso. — Falei com Willie hoje de manhã antes de falar com você e ele me disse que não pode perder.

Depois de mais algumas palavras, desligamos. Eu esperava que Bill ganhasse, mas o outro lado havia feito acusações fortíssimas e, além disso, tinham melhores relações.

Telefonei para Bannon, dos jornais, e disse-lhe que mandasse cobrir o julgamento. Não queria que filmasse nada. Queria apenas um homem presente para dar-me a notícia logo que a sentença fosse proferida.

Às duas horas da tarde, eu estava falando com Peter pelo telefone, quando a decisão do juiz já era do conhecimento público.

A voz de Peter chegou ao telefone, cheio de confiança e animação.

— Então, Johnny, como é que foi a coisa?

Eu tinha de dar tão pouca emoção à minha voz quanto possível.

— Ele perdeu. Gerard Powell, de Powell & Cia., foi nomeado interventor.

Peter nada disse. O seu silêncio foi tão prolongado que eu perguntei inquieto:

— Está-me ouvindo, Peter?

— Ouvi, sim — disse ele e desligou o telefone. Falei com a telefonista.

— Alô, telefonista! A minha ligação foi cortada!

— Não, Sr. Edge, — disse ela. — Foi o Sr. Kessler que desligou.

Larguei o telefone. Borden havia dito a Peter ainda naquela manhã que tinha certeza da sua vitória. Como se estaria sentindo naquele momento? A situação não era assim tão ruim para ele, que ainda era um homem rico.

Não tive de esperar muito para saber. Na manhã seguinte, ele se suicidou.

Eu voltara do almoço e me estava sentando no escritório quando o telefone tocou. Era Irving Bannon.

— Johnny! Bill Borden acaba de suicidar-se!

Fiquei um instante atordoado, com o espírito a girar doida’ mente dentro do corpo gelado. Afinal, consegui falar.

— Tem certeza, Irving?

— A notícia acabou de chegar pelo teletipo.

— Onde é que foi? E como?

— Não sei, Johnny. Só deram um flash. Mas anunciaram que haveria continuação.

Logo que souber de mais alguma ciosa, diga-me.

— Espere um instante — disse Irving. — O teletipo está funcionando de novo. Talvez seja alguma coisa sobre o caso.

Irving largou o telefone e, no silêncio, eu ouvia o bater da máquina. Alguns minutos depois, Irving voltou ao telefone.

- Recebeu alguma coisa?

— Recebi. Mas não é muito.

— Leia para mim. Ele leu:

“O corpo de William Borden, conhecido magnata do cinema, foi descoberto hoje às 13h15 pela polícia numa casa de cômodos em Rivington Street no East Side de Nova York. Morreu em consequência de um ferimento por bala nas têmporas, havendo-se encontrado junto ao corpo uma pistola de calibre 38 da polícia. As autoridades acreditam que se trata de suicídio. Ainda ontem, o

Sr. Borden foi derrotado em juízo no seu esforço de conservar a empresa que fundou, salvando-a da intervenção. A polícia acredita que tenha sido esse o motivo do suicídio".

Peter tinha de saber disso. Não gostaria de telefonar para dar-lhe a notícia, mas era do meu dever.

— Está bem, Irving. Muito obrigado.

— Quer que lhe telefone se houver mais alguma novidade sobre o caso?

— Não. Não é preciso.

Para mim chegava o que eu já sabia. Apertei o botão e pedi a Jane que ligasse para Peter.

Enquanto esperava, comecei a pensar em como teria sido o último dia da vida de Bill. Os jornais do dia anterior haviam dito que ele estava muito animado e que até manifestara a intenção de levar a luta a instância superior. Por que então mudara de ideia e fora levado àquele ato de desespero?

Com a leitura dos jornais do dia seguinte, com o que Peter me disse e com o que eu soube, comecei a compreender por que aquilo havia acontecido.

O último dia de Willie Borden na terra havia começado de maneira bem comum. Levantara-se bem cedo e tomara café com a mulher. Esta disse que ele não havia dormido bem durante a noite, o que, em vista das circunstâncias, era bem compreensível.

Comeu bem na hora do café, pois sempre tivera bom apetite. Parecia muito otimista sobre a decisão do seu caso e falou durante todo o tempo dos seus planos para recuperar o controle da companhia. Pretendia passar pelo seu escritório rapidamente e depois ir ao escritório do seu advogado para as providências preliminares da apelação.

A primeira coisa fora do comum que aconteceu foi Borden não poder ir de carro para Nova York. O chofer foi dizer-lhe que os dois carros não estavam em condições de sair da garagem. Borden resolveu então ir de trem e telefonou para um táxi levá-lo para a estação.

O táxi deixou-o na estação às 8h10 e ele comprou o New York Times na banca de jornais. O trem chegou à estação às 20min, com cinco minutos de atraso. Willie embarcou.

Com o jornal debaixo do braço, percorreu todo o trem até chegar ao último vagão. Era um vagão especial que se chama comumente o "vagão dos banqueiros". Era confortável, com muito mais espaço e mais luxo do que os outros. Todos os seus lugares eram reservados para os mesmos passageiros todos os dias. Estes pagavam cinco vezes o preço normal da passagem, mas achavam que valia a pena, pois não tinham de lutar por outro lugar nas horas de movimento. Os lugares eram reservados com grande antecedência e não eram

vendidos a qualquer pessoa. Willie Borden havia ficado muito satisfeito quando, depois de mudar-se para Long Island, foi informado pela estrada de que sempre haveria um lugar para ele no vagão.

Sentiu então que fora realmente aceito e vencera.

Foi para o lugar de costume e abriu o jornal. Durante alguns minutos, correu os olhos pelos títulos, leu o que se dizia sobre o seu caso e fechou o jornal. Encostou a cabeça na almofada e cerrou os olhos. Estava cansado depois da noite sem sono e queria repousar um pouco.

A fim de algum tempo, abriu os olhos. Ali estavam os passageiros de sempre. Olhou e fez sinal para vários a quem conhecia, mas nenhum lhe correspondeu aos cumprimentos ou aos olhares.

Estranhou aquele procedimento fora do comum. Ainda na véspera, aqueles homens eram seus amigos. Conversavam com ele, riam das suas pilhérias, mas estavam agindo naquele dia como se não o conhecessem. O fato de uma decisão judiciária desfavorável não devia fazer diferença alguma para eles. Era o mesmo Willie Borden da véspera, o mesmo Willie Borden que sempre fora.

Bateu no ombro do homem que estava na cadeira ao lado e disse com um sorriso particularmente cordial:

— Belo dia, acha, Ralph?

O homem baixou um pouco a Tribune que estava lendo e olhou para Borden por cima do jornal. Deu por um momento a impressão de que ia dizer alguma coisa, mas não disse. Fechou a cara com um profundo ar de reprovação e voltou à leitura do seu jornal, sem dizer uma palavra. Alguns segundos depois, levantou-se e trocou de lugar.



Pensei muitas vezes depois disso que Willie não teria se suicidado se aquele homem lhe tivesse dito naquele momento uma palavra ou tivesse tido um gesto de amizade.

Foi terrível o choque de Willie. Como que se encolheu na sua cadeira e, no resto da viagem de quarenta minutos, ninguém ouviu uma palavra ou lhe notou algum movimento até o trem parar e ele desembarcar. O resto da viagem deve ter sido um verdadeiro suplício para Willie. Eu o conhecia. Era um homem extremamente cordial e gregário, que gostava de conversar e de rir. Tinha sincero

prazer com o convívio humano, juntamente com um dom inato de fazer-se simpático, o que em grande parte havia contribuído para o seu sucesso.

Quando chegou ao escritório, a cena se repetiu. Tornara-se de repente um estranho na sua própria companhia.

As poucas pessoas que pararam e falaram com ele mostraram-se tão nervosas e olhavam tanto para os lados e para trás a fim de verem se estavam sendo observadas que o próprio Willie encerrava as conversas abruptamente para poupar-lhes aquela aflição.

Eram onze horas menos vinte quando ele tomou um táxi em frente ao edifício de dezenove andares da Borden Filmes, dando ao motorista um endereço em Pine Street, que era o do escritório do seu advogado, mas onde ele jamais chegou.

O táxi rumou para o sul através de Park Avenue, passou pela rampa da estação Grand Central e entrou pelo túnel da Rua 40. Saiu do túnel da Rua 32 e continuou por Park Avenue até a Rua 22, onde o chofer virou à esquerda. Depois, virou para a direita na Quarta Avenida e seguiu-a até Coper Square, onde passou para a Terceira Avenida. Seguiu ao lado dos trilhos do elevado e, quando estavam atravessando Delancey Street, o passageiro lhe disse.

— Mudei de ideia. Acho que vou saltar aqui.

O motorista encostou o carro ao meio-fio e parou. Willie saltou. O taxímetro marcava um dólar e trinta centavos. Willie deu dois dólares ao homem e disse que o troco era dele. Voltou para Delancey Street e perdeu-se no meio da multidão.

Foi visto depois em Rivington Street, logo depois da esquina de Houston, onde fez parar o carro de um vendedor ambulante e comprou duas maçãs. Deu dez centavos ao homem e guardou uma maçã no bolso juntamente com o troco.

Limpou a maçã na manga do casaco, deu uma dentada e sorriu para o velho ambulante.

— Schmulke — disse ele em iídiche — como vão os negócios?

O velho olhou-o espantado. A barba branca flutuou-lhe ao vento enquanto ele procurava reconhecer aquela pessoa que sabia o seu nome. De repente, o rosto se lhe abriu num largo sorriso desdentado. Abriu os braços.

— Willie Bordanov! Como vai você?

Willie sorriu, satisfeito de que o velho o houvesse reconhecido.

— Vou bem, disse ele, dando outra dentada na maçã. O velho olhou-o sorrindo maliciosamente.

— Palavra que estou estranhando que você me compre maçãs, — disse ele em iídiche. — Houve um tempo em que você costumava roubá-las.

— Já não tenho idade para isso, Schmulke.

— Ach! Naquele tempo, você era impossível. Nunca se sabia o que você iria fazer. Eu tinha de ter mil olhos na cabeça para vigiá-lo quando você aparecia.

— Os tempos mudaram muito, Schmulke.

O homem chegou mais perto dele e Willie pôde sentir-lhe o mau hálito e ver-lhe as manchas de fumo da barba: pegou entre os dedos a aba do paletó de Willie e murmurou:

— Boa fazenda! Macia como manteiga! Ganha-se bem a vida no negócio de cinema, hem?

— Ganha-se bem a vida, sim — respondeu Willie, mas o sorriso lhe desaparecera do rosto. — Adeus, Schmulke — disse ele, afastando-se do velho para atravessar a rua.

O velho viu-o chegar ao passeio do outro lado da rua. Sacudiu então o braço do ambulante que estava no carrinho ao lado dele.

— Veja, Hershel! — disse ele, apontando. — Aquele ali. É Willie Bordanov! É um figurão no cinema. Vim com o pai dele no mesmo navio. Ele está mesmo em frente da casa onde morou quando era menino!

O outro olhou sem muito interesse e perguntou:

— Artista?

— Mais do que isso! — exclamou o velho, indignado. Willie Borden estava diante do prédio, olhando. Depois, subiu a escada da frente e entrou.

Uma mulher passou por ele quando se aproximava da escada interna. Encostou-se à parede para deixá-la passar. Uma tábua solta do assoalho rangeu com seu peso e um gato assustado saltou de uma lata de lixo atrás da escada e fugiu para a rua.

Willie parou diante de uma porta dois andares acima. Ficou ali por um momento, tomando fôlego. Em outros tempos, subia aquelas escadas de três em três degraus e nem chegava a sentir. Olhou para a porta à luz de uma fraca lâmpada elétrica. Meteu a mão no bolso e tirou uma penca de chaves. Abriu a porta com uma delas.

A porta rangeu nas dobradiças e ele ficou ali um instante antes de entrar no apartamento. Estava vazio, como sempre desde que seu pai morrera. Tinha lutado muito para que o pai fosse morar com ele, mas o velho não concordara. Só era feliz onde estava. Depois da sua morte, sem mesmo saber por que, Willie tinha continuado a pagar o aluguel todos os meses. Eram apenas dólares. Fechou a porta e correu os olhos pela sala. Os velhos e escassos móveis estavam empoeirados e carunchados. Havia um banco no meio da sala. Ali o velho se

havia sentado em shiveh quando a mãe de Willie morrera e nunca se desfez dele, para lembrar-se da esposa.

Willie virou o tamborete com o pé. Um ratinho fugiu, indo esconder-se num buraco da parede. Havia debaixo do tamborete um quadrado limpo em contraste com a poeira que cobria o resto da sala.

Dirigiu-se aos quartos. Parou no segundo. Aquele tinha sido o seu quarto. A cama onde dormira ainda estava lá. Passou a mão pela parede acima da cama. Ainda estava lá.

Riscou um fósforo e curvou-se sobre a cama. Apesar da claridade vacilante, pôde ler as palavras. Tinham sido abertas toscamente a canivete na parede: Willie Borden. Tinha sido na noite em que ele decidira mudar de nome e torná-lo mais americano. O fósforo se apagou.

Foi dali para o quarto da frente. Havia ali duas janelas. Eram as únicas janelas do apartamento e todas as outras peças recebiam ar por elas. Ficavam abertas no verão e ele sempre dormia no chão diante delas.

As vidraças estavam sujas e ele olhou através delas para a rua, mas não pôde ver nada. Botou as mãos nos puxadores para abri-la, mas a janela estava presa. O ar no quarto estava muito abafado e Willie começou a bater com força na janela, tentando abri-la. Conseguiu-o afinal e então entrou pela janela uma lufada de ar fresco e o vozerio dos ambulantes apregoando as suas mercadorias lá embaixo, na rua.

Olhou para fora. A rua estava cheia de gente e de colorido. Não sei quanto tempo ele ficou ali. Também não sei e ninguém nunca saberá o que pensou durante esse tempo.

Só sabemos é que meteu a mão no bolso e tirou a outra maçã. Mas parece que não tinha o gosto da primeira porque, depois de uma ou duas dentadas, deixou-a no peitoril da janela.

Foi depois para o centro do quarto e tirou do bolso uma pistola. A polícia nunca pôde apurar como e onde ele a conseguira.

O som de um tiro ecoou na casa vazia. Houve o baque surdo de um corpo que caía. Fragmentos de caliça desprenderam-se do teto e foram cair no chão. Lá fora na rua, houve um instante de silêncio quando se ouviu o tiro.

Willie Borden fora morrer em casa. Da maneira mais difícil.

— Quer o cinza com risca de giz, Sr. John? — perguntou Christopher.

Olhei-o quase com um susto. Meu espírito estava tão longe...

— Vai bem com a gravata vermelha e azul e com os sapatos marrons, Sr. John — disse ele.

— Está bem, Christopher. Como você quiser.

Fui para o banheiro e fiz a barba enquanto a banheira se enchia. Depois, entrei no banho. A água estava bem quente e o seu calor penetrava o corpo, acalmando os nervos exaltados. Dentro em pouco, eu estava descontraído, quase sonolento.

Em dado momento, Christopher apareceu no banheiro e perguntou:

— Já quer sair, Sr. John?

Fiz que sim com a cabeça. Ele me estendeu a mão e me ajudou a sair. Cobriu-me depois com a grande toalha felpuda e começou a enxugar-me. Quando acabou, a pele estava cor de rosa e palpitante. Sorri-lhe agradecido. A dor de cabeça passara por completo.

Cheguei à casa de Peter um pouco depois das três. Era um daqueles raros dias excepcionalmente quentes da primavera na Califórnia e enxuguei o suor do rosto quando cheguei à porta. Da piscina, a voz de Doris chamou-me.

Voltei-me e via-a sair da água, com a água irisada pelo sol ainda a escorrer-lhe do maio preto, deixando gotas que cintilavam como brilhantes. Tirou a touca de banho e sacudiu os cabelos.

— A piscina estava tão convidativa — disse ela, quando me aproximei — que não pude resistir à tentação de dar um mergulho.

Levantou o rosto e eu beijei-a. Fomos para a casa enquanto ela passava um roupão sobre os ombros.

— Como vai Peter, Doris?

— Parece muito melhor hoje — disse ela, sorrindo. — Está sentado na cama e quase parece o homem que sempre foi. Perguntou se você viria aqui hoje. Diz que quer falar com você.

— Fico muito satisfeito com isso.

Entramos na casa pelo porão e paramos em frente à porta do quarto de Peter.

— Entre e vá falar com ele, Johnny. Vou-me vestir e não demoro.

— Está certo. E sua mãe?

— Está tirando um cochilo — disse ela, afastando-se pelo corredor.

Entrei no quarto. Peter levantou os olhos e sorriu ao verme. Os jornais especializados em cinemas estavam todos abertos na cama diante dele e isso mostrava que ele sabia de tudo o que estava acontecendo. A enfermeira estava sentada ao lado de uma janela, lendo. Levantou-se.

— Procure não cansá-lo muito, Sr. Edge — disse-me ela e saiu do quarto.

Peter sorriu de novo e estendeu-me a mão, que eu apertei. A mão dele estava mais quente e mais firme do que no dia anterior.

— Como vai isso, Peter?

— Muito bem. Quero sair da cama, mas não me deixam. Sentei-me numa cadeira ao lado da cama e disse, sorrindo:

— Não seja tão shtarfker. Faça o que lhe mandam e ficará bom.

Ele sorriu da minha pronúncia da palavra iídiche que quer dizer “forte”.

— Acham que eu ainda sou uma criança...

— Criança, não. O que você é, Peter, é um homem muito doente, que já está melhor e não deve precipitar as coisas.

Ficou durante algum tempo em silêncio. Depois, olhou-me muito sério e pela primeira vez falou em Mark.

— Estou pagando pelos meus erros. Nunca devia ter tratado o menino como o tratei.

— Você não teve culpa, Peter. Não houve erro. Ninguém podia dizer se você estava certo ou errado. Você fez apenas o que julgou que devia fazer.

— Mas eu tinha de saber melhor o que devia fazer.

— Não pense nisso. O que passou, passou e não pode mais ser modificado.

— De fato — murmurou ele com os olhos marejados de lágrimas — não pode ser modificado. Sei perfeitamente que ele era um rapaz mimado e egoísta. E o culpado de que ele fosse assim fui eu. Cedi demais em relação a ele. Deixava-o fazer tudo o que queria, pensando que ele ainda era muito moço e que teria tempo de sobra para emendar-se. Mas esse dia nunca chegou.

As lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Fiquei calado. Nada havia que eu pudesse dizer.

Limpou as faces com as costas da mão e disse:

— Não é tanto por ele que estou chorando, mas por mim. Fui tão cego. Não lhe dei oportunidade de provar o que era. Era minha carne e meu sangue e eu o expulsei na minha injusta cólera. Eu é que fui o egoísta. Se não fosse tão louco, teria pensado um pouco.

Tomou fôlego profundamente e disse:

— Era meu filho e eu o amava. Pousei a mão no ombro dele e disse:

— Sei disso, Peter. Sei disso.

Ouvia-se o tique-taque do relógio na mesinha da cabeceira, enquanto ficamos ali durante muito tempo calados. Afinal, Peter olhou para mim e eu vi que as lágrimas haviam cessado.

— Estão contra você — disse ele, apontando para os jornais em cima da cama.

— É verdade...

— E que é que você pretende fazer?

Encolhi os ombros. Não queria que ele soubesse quanto isso me preocupava.

— Ainda não sei. Essa é que é a verdade. Eles é que têm o dinheiro.

— É isso, sim, o dinheiro. Eu estava errado, sabe disso? Foi sempre uma questão de dinheiro. Você estava certo quando dizia que não era antissemitismo e o que está acontecendo a você é uma prova.

— Como assim?

— Se fosse antissemitismo, não procurariam colocar Farber e Roth acima de você. Eles são judeus e você não é.

Eu não havia pensado nisso, mas ele tinha razão. Fiquei satisfeito de que Peter pudesse ver as coisas como realmente eram.

— Que é que você vai fazer? — tornou ele a perguntar depois de uma pequena pausa.

Passei a mão pela testa. Estava começando a ficar cansado. A péssima noite que eu havia passado mostrava de novo os seus efeitos sobre mim.

— Não resolvi ainda. Não sei se fique até me botarem para fora ou se saia já.

— Você não quer sair, não é mesmo, Johnny. Sacudi a cabeça.

Sei muito bem que você não quer. Passamos muito tempo ali, você e eu. Pusemos tanta coisa de nós ali que querer sair de lá é uma espécie de suicídio. Aquilo se tornou uma parte secreta do nosso eu, talvez das nossas almas. Você deve sentir agora o mesmo que eu senti quando tive de vender tudo. Desde então, sinto um vazio dentro de mim.

Ficamos de novo em silêncio, cada qual entregue aos próprios pensamentos, até Doris entrar no quarto. Tinha o rosto cintilante e sorridente o vestido farfalhava ao seu passo. Um cheiro agradável de sabonete e limpeza chegou-me às narinas quando ela chegou ao meu lado e olhou para a cama.

—Ih, Papai! Que confusão você fez na cama!

Ele sorriu enquanto ela pegava os jornais, dobrava-os e arrumava-os numa pilha em cima da mesinha de cabeceira. Depois, puxou a colcha e ajeitou os travesseiros.

— Então? Não é melhor assim?

Ele sorriu e perguntou:

— Mamãe ainda está dormindo?

— Está, sim — disse Doris, sentando-se junto de mim. — Está muito cansada. Não teve ainda uma boa noite de sono desde que você caiu doente.

Peter olhou-a com os olhos brilhantes e disse com voz enternecida:

— Mulher admirável sua mãe. Você mesma nem sabe o valor que ela tem. Eu nada poderia fazer sem ela.

Doris não respondeu, mas o olhar dela mostrava que ficara muito satisfeita em ouvir isso. Virou-se para mim.

— Já almoçou?

— Comi antes de vir para cá, Doris. Obrigado.

— Acho que não ouviu o que eu disse, Doris — insistiu Peter. — Eu disse que sua mãe é uma mulher admirável.

— E acha que vou discutir com você? — disse ela, sorrindo. — Penso que vocês dois são admiráveis.

Houve uma pausa e então Peter me disse:

— Estou pensando... Se for uma questão de dinheiro, talvez Santos possa ajudá-lo.

Fiquei por um momento atônito.

— Mas Al já se afastou dos negócios, Peter. Além disso, que é que ele poderia fazer? Eles tomaram todo o dinheiro nos bancos de Boston.

— O empréstimo deve estar para vencer-se. Já faz quase dois anos.

E se eles não conseguirem uma reforma? Têm dinheiro bastante para resgatá-lo?

Olhei-o com admiração. Peter sempre me surpreendia. Em geral, quando eu pensava que ele estava inteiramente fora de um assunto, ele me fazia alguma observação ou uma pergunta que mostrava que estava acompanhando tudo de perto. Assim acontecia naquela ocasião.

— Não, Peter, não temos dinheiro para resgate. Mas isso não tem importância. Já entramos em entendimentos para uma reforma e Konstantinov nos assegurou que não haverá problema.

Konstantinov era o presidente do banco de Boston a quem Ronsen havia tomado o dinheiro para pagar a Peter. O empréstimo fora depois transferido para a companhia.

— De qualquer modo, não faz mal nenhum ir conversar com Al — disse Peter. — Quatro milhões de dólares são muito dinheiro e tudo pode acontecer quando uma quantia tão grande está em jogo. Por que não dá um pulo até lá e não vai vê-lo? Não custa nada.

— Sabe de uma coisa? — perguntei, pois achava que ele devia ter algum motivo para a sua insistência.

— Não, Johnny. Apenas acho que você não deve desprezar nenhuma possibilidade. Não custa nada estar preparado.

Olhei para o meu relógio. Já passava de quatro horas. Não sabia por que, mas senti de repente um impulso de confiança e de esperança dentro de mim. Al estava vivendo numa fazenda a cerca de quinhentos quilômetros de Los Angeles.

Levaria pelo menos sete horas de automóvel para chegar lá e, ainda assim, chegaria tarde. Al ia para a cama às oito horas da noite.

— Talvez você tenha razão, Peter, mas hoje não há mais tempo para eu ir falar com ele.

— Por que não dorme aqui? — perguntou Doris. Levo-o de carro amanhã bem cedo, se você dormir aqui.

Olhei para ela e sorri. Peter respondeu por mim.

— Uma boa ideia!

Ri pela primeira vez desde a noite anterior.

— Bem, pelo menos esta parte está resolvida.

— Claro que está — disse Peter, que se voltou para Doris, com um sorriso curioso. — Liebe Kind, quer fazer um favor ao seu velho papai e ir apanhar o tabuleiro de xadrez?

Estava-me sentido muito melhor. Perdi duas partidas até a enfermeira chegar e botar a Doris e a mim para fora do quarto. Fomos então jantar.

# TRINTA ANOS

## 1936

# 1

Johnny apanhou a carta em cima da mesa e leu-a com uma careta de aborrecimento. Era um aspecto das suas funções que não lhe agradava, escrever cartas como aquela.

Outra redução de salários. Dessa vez, 10% para toda a companhia. A terceira desde 1932. Tocou a campainha chamando Jane.

Jane entrou no escritório e ficou diante dele em silêncio, com o rosto sério.

— Expeça isto na sexta-feira — disse ele, entregando-lhe a carta.

Ela recebeu-a sem dizer uma palavra e saiu. Johnny virou a cadeira para a janela ficou pensando na inutilidade daquela carta.

Reduzir salários não era e nunca fora uma solução. Na sexta-feira, quando uma cópia daquela carta fosse colocada na mesa de cada empregado, as caras ficariam mais fechadas, mais preocupadas. Haveria comentários ou talvez não houvesse. Cada qual começaria a fazer contas mentalmente, para ver como se conseguiria arrumar e continuar a viver com menos dinheiro. Mas poucos teriam coragem de queixar-se, pois era muito difícil arranjar outro emprego. Passariam por ele em silêncio no corredor, com olhares cheios de ressentimento e acusação. Ele e Peter seriam considerados culpados de tudo. Talvez estivesse certo.

Não sabiam que havia já quase três anos e meio que ele e Peter não recebiam um centavo de salários da companhia. Não podiam saber que Peter já pusera quase três milhões de dólares do seu dinheiro na companhia para que ela pudesse funcionar. E era todo o dinheiro que Peter possuía.

Mas, apesar de tudo, talvez os empregados tivessem razão.

Era claro que ele e Peter não tinham agido por motivos inteiramente altruístas. Estavam tentando salvar a própria pele. Várias outras companhias tinham requerido falência e Peter havia jurado que nunca faria isso.

Mas a quem os empregados iriam culpar senão a Peter e a ele? Sem dúvida alguma, não fora o empregado comum que cometera os erros que haviam determinado a situação em que se encontrava a companhia. Os erros tinham sido mesmo de Peter e dele, pensava ele, passando-os em revista. Os erros eram certamente de ambos.

Muito bem, Peter havia errado em não acreditar nos filmes falados. Mas ele, Johnny, também não havia errado quando foi preciso decidir-se sobre o processo de som que devia ser usado? Lembrava-se ainda da sua insistência em fazer uso de discos em vez da gravação na fita. Havia dito naquela ocasião que o fonógrafo era o melhor meio conhecido de reproduzir o som e que não era possível errar com ele. Mas havia errado.

Os discos eram de transporte muito difícil. Quebravam-se com facilidade e a sincronização com o filme era dificílima. Gastaram quase um milhão de dólares substituindo o aparelhamento que haviam comprado pelo necessário à gravação no filme.

Desde então, ele não interviera mais na produção. Peter se havia aborrecido e ele não podia deixar de reconhecer que tinha motivos para isso. Um milhão de dólares de motivos. Ele pensaria da mesma forma se estivesse no lugar de Peter. Peter e não ele é que era o encarregado da produção e Peter tivera de pagar pelo erro dele.

Tinha havido outros erros também, mas de que servia repassá-los? Não provavam nada senão que Peter e ele eram humanos e estavam longe de ser infalíveis. Mas a causa fundamental de tudo tinham sido os filmes.

Se os filmes tivessem sido bons, tudo no fim teria dado certo, por mais erros que cometessem. Mas os filmes eram ruins, a verdade era essa. Peter jamais havia dominado a técnica e o uso do som no cinema.

Só havia feito um bom filme falado. Tinha sido em 1931, o filme de guerra. Era o único e só saíra tão bom porque Peter o fizera com imenso esforço e interesse. Reconciliara com ele a sua consciência em relação à sua terra e compensara o filme que fizera durante a guerra sobre as atrocidades alemães. Mas, depois disso, parecia haver perdido toda a habilidade.

Johnny achava que Peter começara a desorientar-se quando ficara obcecado com a ideia de que a indústria cinematográfica estava sendo palco de uma guerra religiosa e que havia um ataque em massa contra os judeus que nela se destacavam. Johnny não tinha certeza, mas achava isso bem possível. O cinema era uma arte criadora altamente especializada e nenhum artista podia chegar ao máximo da sua força dilacerado por tensões violentas.

Acendeu um cigarro e foi até à janela. Isso era um ponto. Mas podia ir-se mais longe ainda, até o tempo em que a indústria estava nascendo e ninguém podia prever que fosse tornar-se tão grande. Naquele tempo, o cinema era uma coisa relativamente simples. Produziam-se filmes e tratava-se de vendê-los. Mas as coisas se haviam tornado diferentes, muito diferente.

Um homem de cinema tinha de ser agora financista, economista, político e artista ao mesmo tempo. Tinha de ler balanços e scripts, análises do mercado e

argumentos. Tinha de prever o gosto e a preferência do público com seis meses a um ano de antecedência porque era então que o filme que estava fazendo seria apresentado ao público.

Johnny pegou o pequeno busto de Peter em cima da mesa e olhou-o. Talvez aquilo é que estivesse errado com Peter. Procurava ser muitas coisas ao mesmo tempo. Nunca haveria aprendido a delegar poderes e responsabilidades. Tentava fazer tudo por si mesmo, sem confiar em ninguém para fazer as coisas por ele e os seus métodos continuavam a ser os mesmos que eram quando ele havia começado a fazer cinema muitos anos antes.

Era isso sem dúvida, pensou Johnny. Um homem tinha de ser flexível para poder sobreviver no complexo mundo do cinema moderno. Peter não era flexível, estava por demais acostumado a ser o dono de tudo e os hábitos de muitos anos eram difíceis de quebrar.

Muitas coisas haviam acontecido que lhe davam razão. Por exemplo, a recusa de Peter a ter relações de qualquer espécie com a Companhia Borden depois do suicídio de Willie. Afirmara que não queria saber de nada com aqueles antissemitas que haviam assassinado seu amigo.

Isso também os havia prejudicado. Perderam não só os cinemas de Borden para a exibição dos seus filmes, mas também as vantagens que haviam tido até então de intercâmbio com o estúdio de Borden, em matéria de artistas, diretores e outro pessoal que fosse necessário.

Os negócios haviam piorado progressivamente mas, se Peter chegou a lamentar a sua ação precipitada com a Borden, nunca o demonstrou. E aquela decisão que ele tomara de entregar o estúdio a Mark, enquanto viajava para a Europa à procura de novos contratos, fora, na opinião de Johnny, um erro tão grande quanto qualquer dos outros.

Mark havia chegado da Europa para o estúdio em 1932. Esperava-se que tirasse uma porção de encargos menores dos ombros de Peter. Mas, segundo pensava Johnny, a única coisa que ele tirara dos ombros sobrecarregados de Peter fora a missão de manter a prosperidade dos clubes noturnos de Hollywood.

Mark era um favorito dos colunistas. Tinha sempre uma boa notícia para eles. Bastava que chegassem à mesa dele e o escutassem. Discorria sem a menor hesitação sobre o que havia de errado com a indústria do cinema em Hollywood. Era sempre um bom assunto. Johnny pouco se incomodaria com isso, se Mark compensasse essas leviandades com um bom trabalho, mas trabalho foi uma coisa que Mark sempre evitou sistematicamente até à ocasião em que Peter, vendo esgotado o mercado interno, foi procurar contratos na Europa.

Até então, todos, inclusive Johnny, haviam pensado que, se Peter deixasse o estúdio por qualquer espaço de tempo, quem iria dirigi-lo na ausência

dele seria Bob Gordon. Era o homem indicado. Conhecia a indústria de trás para a frente, começara de baixo e tinha tais qualidades que Johnny particularmente pensava que a companhia teria muito melhor resultado se Peter colocasse toda a produção sob a sua responsabilidade.

A decisão de Peter desabara sobre Johnny como uma bomba. Havia telefonado a Peter para saber por que ele não confiara o lugar a Bob Gordon. Peter havia-lhe dito zangadamente que não confiava em Gordon, que continuava a ser amigo pessoal daqueles antissemitas da Borden. Mark era seu filho. Podia confiar mais nele do que em qualquer pessoa. Além disso, Mark era um jovem muito brilhante. Não era o que todos os jornais diziam? Não publicavam sempre as críticas que ele fazia à indústria? Só precisava era de uma oportunidade para provar o seu valor e ele ia dar-lhe essa oportunidade.

Johnny estava cansado. A perna lhe doía e ele fez algumas massagens, pensando. Onde iria dar tudo aquilo? Não sabia e estava preocupado. A indústria havia mudado muito desde que entrara para ela. E estava mudando cada dia mais. Tinham de estar preparados para acompanhar essas mudanças.

Havia necessidade de uma rara mistura de experiência e capacidade de adaptação. Não sabia de ninguém na companhia que estivesse nessas condições. Peter tinha experiência, mas carecia de flexibilidade. Mark era flexível, até flexível demais, mas não tinha experiência. Assim, só restava ele, Johnny.

E nada havia que ele pudesse fazer. Peter estava comandando o espetáculo. E ainda que ele tivesse uma oportunidade, duvidava muito de ser capaz de fazer o que era preciso. Teria de ser um trabalho duro. Quando terminasse, não lhe restariam muitos amigos. Toda a companhia teria de ser submetida a uma ação drástica, de cima a baixo.

Encolheu os ombros. Que adiantava pensar nisso? O problema era de Peter e não dele. Peter havia-lhe dito quais eram os limites exatos das suas responsabilidades. Acrescentara categoricamente que não lhe toleraria a interferência. Isso havia sido quatro anos antes, na época em que se tinham visto em dificuldades e em que Peter lhe pedira a sua opinião.

Entretanto, sabia que Peter gostava dele, que o tinha em alta conta. Que teria então havido entre eles? Teria Peter tido consciência do seu poder e resolvera demonstrá-lo? Ou acharia que estava ficando velho e tinha receio de que Johnny privasse Mark da sua herança?

Johnny, não sabia, mas isso não lhe fazia bem ao coração. Os velhos tempos em que haviam trabalhado juntos para um objetivo comum ainda viviam na sua recordação. As coisas eram melhores naquele tempo. Tinham de preocupar-se apenas com os negócios. Não tinham medo de confiar um no outro.

Johnny sacudiu a cabeça e pegou o telefone.

— Jane, é melhor mandar a carta amanhã — disse ele.

Peter havia-lhe dito que divulgasse a redução de salários imediatamente. Faltavam ainda três dias para sexta-feira. Peter não gostaria de que ele a retardasse até então.

# 2

Mark esvaziou a garrafa de champanha nos copos. As luzes suaves já haviam tomado para ele um matiz róseo. Olhou-a, cheio de admiração. Era ainda mais bela do que havia pensado, mais bela do que qualquer mulher que já havia conhecido. Não era de admirar que Johnny não tivesse conseguido prendê-la. Não era homem bastante para uma mulher como aquela. Fora curiosa a maneira por que voltara a encontrá-la.

Estava ele à sua mesa no Trocambo com alguns amigos. Havia-se levantado para ir falar com um amigo que tinha visto no bar. No momento em que se virou, chocou-se com uma mulher que passava. Segurara-lhe o braço para que ela não caísse.

— Desculpe. O espaço entre as mesas é muito pequeno, — disse ele, reconhecendo-a.

Ela o olhou, com um sorriso divertido no rosto.

— Não tem importância. Não houve nenhum prejuízo.

Ela não sabia quanto estava errada em dizer isso. Havia prejuízo e muito grande, mas não para ela. Ele sorriu para ela, olhou-lhe os cabelos louros que cintilavam às luzes do clube e disse:

— Foi uma maneira extraordinária de nos encontrarmos de novo, Srta. Warren.

— Ora, Mark, Hollywood é na realidade uma cidade muito pequena — disse ela, ainda sorrindo.

Mark sentiu uma alegria enorme com o fato de que ela soubesse do nome dele. Esqueceu-se do amigo a quem ia ver no bar e convenceu-a a sentar-se à sua mesa para um drinque.

Isso havia acontecido seis semanas antes, logo depois que o pai dele tinha ido a Nova York para ver se podia estimular o departamento de vendas a maiores esforços.

Lembrou-se com um sorriso de como Johnny havia discutido com seu pai a respeito da sua designação para chefe da produção. Johnny achava que ele não tinha a necessária experiência e que o lugar devia ser dado a Gordon. Mas o velho havia batido o pé, dizendo que não confiava em Gordon. Gordon saíra cheio de raiva e Johnny ficara sem ter o que dizer.

Na semana passada, o pai dele havia partido para a Europa, depois de ter feito tudo o que tinha para fazer em Nova York.

Desde a noite em que se encontrara com Dulcie no clube, Mark havia-lhe telefonado várias vezes e saíra com ela uma vez. E estava de dia para dia mais encantado com ela.

Havia aprendido em Paris que só havia dois tipos de mulheres: as que atraíam a carne e as que atraíam o espírito. Havia chegado à conclusão de que as mulheres que atraíam o espírito não lhe serviam. Preferia o tangível ao intangível. E Dulcie era uma mulher muito tangível.

Era aquela a primeira vez que ia ao apartamento dela. Tivera uma surpresa muito agradável quando lhe telefonara naquela tarde e ela havia dito que estava muito cansada para sair naquela noite e sugeriu que ele passasse por lá para tomar uns drinques.

Os drinques haviam-se resumido até então a duas garrafas de champanha. Ela o recebera à porta com um vestido de veludo preto e uma faixa de seda vermelha na cintura. Os cabelos dourados emolduravam-lhe o rosto queimado e os alvos dentes brilhavam-lhe num sorriso.

Mark julgou que o sorriso era para ele, mas enganava-se. Era um sorriso de satisfação pelo fato de estar ele ali, não por ele propriamente, mas porque ele era filho de Peter, do homem que com tanta severidade a despedira, sob o pretexto da cláusula moral. Ela não tivera na ocasião coragem de contestar a decisão porque sabia que tudo passaria a ser de conhecimento público, mas jurara que um dia havia de vingar-se.

Olhou para Mark. Os olhos do rapaz estavam levemente vidrados e ele já estava um tanto bêbado. Talvez pudesse vingar-se por intermédio dele, mas não sabia ainda. Mark havia-lhe falado sobre a companhia. As coisas não tinham corrido bem para eles naqueles últimos anos. Peter tinha partido poucos antes numa viagem para ver se conseguia dinheiro, deixando o estúdio nas mãos de Mark.

Mark havia tentado convencer o pai a deixá-lo realizar algumas ideias que ele tinha sobre filmes, mas Peter fora categoricamente contrário, dizendo que no momento eram pouco práticas e custariam muito dinheiro. Ele devia apenas prosseguir com os filmes já programados. Eram essas as ordens de Peter e Mark tinha relutantemente de cumpri-las.

Sob a ação da bebida, Mark começou a falar a Dulcie dos seus planos e da recusa do pai a deixá-lo fazer os filmes. Tinha certeza de que as suas ideias eram boas e que os filmes seriam muito superiores a tudo o que estavam fazendo, mas não tinha recurso senão obedecer. Falou de um dos filmes que tinha em mente.

Ela ouviu o enredo que lhe contava e teve de fazer um esforço para não rir da ideia. Não era apenas muito caro e pouco prático, mas inteiramente imbecil. Compreendeu imediatamente que Mark entendia tanto de cinema quanto de um voo à lua. Quem sabe? Talvez fosse aquela a oportunidade que ela estava esperando.

Sorriu para ele, arregalou um pouco os olhos e exclamou:

— Mas que ideia maravilhosa, Mark! É uma pena seu pai não compreender isto! Mas não é de espantar aqui em Hollywood. Não podem entender a sua sutileza e finura. Não dizem que ninguém é profeta em sua terra?

— É exatamente isso — murmurou Mark, que já estava com dificuldade de articular as palavras. — Desconfiam das boas ideias. Têm sempre medo do que é novo e original.

Inclinou-se para ele, deixando o decote entreabrir-se um pouco.

— Talvez haja algum meio de você fazer o filme, apesar de tudo, Mark.

— Como? — perguntou Mark com os olhos fitos no decote que lhe deixava à mostra o nascimento dos seios. — O dinheiro mal chega para fazer os filmes que ele quer.

Dulcie lhe acariciou de leve o rosto.

— Pode ser que haja um meio. Soube de um caso em outro estúdio onde o gerente da produção queria fazer um certo filme e encontrava muita oposição à sua ideia. Mas ele fez o filme de qualquer maneira, escondendo-o sob o nome do filme que queriam que ele fizesse nos boletins de produção. Quando o filme ficou pronto, foi um tremendo sucesso e todos passaram a considerá-lo um gênio!

— Acha que eu posso fazer isso?

— Não sei — respondeu ela cautelosamente. — Só falei nisso como uma ideia. Afinal, você é o encarregado do estúdio na ausência de seu pai.

Ele ficou pensando durante alguns instantes. Estendeu a mão, pegou outra garrafa de champanha e serviu-se com a mão trêmula.

— Talvez eu possa — disse ele, olhando-a.

— É claro que você pode, Mark, — disse ela, reclinando-se no sofá. — Você é tão inteligente que não terá dificuldade em descobrir um meio.

Ele se curvou sobre ela. Dulcie deixou-o beijá-la e passar as mãos por seu corpo. De repente, segurou-lhe as mãos e perguntou: — Como é que você

vai fazer isso, Mark?

Ele a olhou, meio alheado e perguntou:

—• Fazer o quê?:

— Ora, o filme. E sem que ninguém desconfie, — disse ela, com uma vontade enorme de dizer-lhe o que ele merecia ouvir.

— Não disse que ia fazer. Disse que ia pensar nisso. Ela o viu tomar mais champanha e fez uma cara de amuo.

— Bem, pensei que você fosse fazer o filme. Não sabia que tinha medo.

Ele se levantou, cambaleante, mas conseguiu aprumar o corpo e disse com voz pastosa:

— Medo? Não tenho medo de ninguém! Ela sorriu.

— Quer dizer então que vai dar uma lição em todo o mundo?

— Seria ótimo! Mas os boletins de trabalho que eu tenho de mandar para Nova York revelariam tudo.

— Você podia dizer que era apenas uma mudança de título. Ninguém ia saber de nada até você acabar.

Ele pensou um momento e, depois, disse com um sorriso de bêbado:

— É isso, Dulcie! Muito boa ideia!

— É claro que é uma boa ideia, Mark! — disse ela, abraçando-o e beijando-o.

Ele passou os braços em torno do corpo dela e encostou o rosto nos seus seios. Ela o deixou beijá-la até sentir a tensão crescer nele e os beijos se tornaram mais ávidos. De repente, desprendeu-se dele.

— Não, Mark! — disse ela, severamente.

— Por que, Dulcie? — perguntou ele, com voz angustiada. — Pensei que gostasse de mim.

— Gosto sim, querido, — disse ela, com um sorriso tentador, ao mesmo tempo que lhe dava um rápido beijo, — mas tenho de trabalhar amanhã e você bem sabe que as câmaras são implacáveis!

Ele ainda tentou segurá-la, mas ela se desvencilhou das mãos e delicadamente encaminhou-o para a porta. Ele foi docemente mas, ao chegar à porta, virou-se e tornou a beijá-la.

A sua exclamação angustiada soou como se fosse música aos ouvidos dela.

— Quero tanto você, Dulcie, que chega a doer!

Ela abriu a porta e lhe deu um leve empurrão.

— Eu sei querido — disse ela, com os olhos cheios de doces promessas. — Depois... Fechou a porta depois que ele saiu e se encostou a ela, sorrindo.

Consertou distraidamente o decote, atravessou a sala e acendeu um cigarro. Ficou olhando para a porta fechada. Havia muitos meios...

# 3

Sentado na cadeira, Peter observava o homem à sua frente. Mudou ligeiramente de posição. Aqueles ingleses não tinham a menor ideia do que fosse conforto. Um homem bem sentado podia trabalhar melhor, pensar melhor. Correu os olhos rapidamente pelo escritório. Era sombrio, insípido e parecia exatamente o que era, o escritório do gerente de vendas da Inglaterra.

Voltou a olhar para o homem, Philippe X. Danvere. Até um mês antes, nunca ouvira falar nele, mas, em coincidência com a sua chegada a Londres, os periódicos especializados quase não falavam em outro nome.

Philippe X. Danvere, um dos homens mais ricos da Europa, resolvera entrar para o negócio de cinema. Ninguém sabia como lhe ocorrera a ideia. Natural da Suíça, fora mandado antes da guerra para a Inglaterra a fim de ali completar a sua educação. Quando estourou a guerra, ainda estava na Universidade de Oxford e alistou-se no exército britânico. O pai dele, chefe da Companhia de Tecidos Danvere, de fama mundial, havia em vão objetado com a sua típica neutralidade intransigente de suíço. O pai morrera ao fim da guerra e Philippe, já no posto de capitão, voltou para a sua terra natal para herdar e dirigir a companhia do pai. Exercera tranquilamente essas funções até um mês atrás.

A notícia de que ele havia comprado uma participação de controle em vários circuitos de cinemas do continente e, por fim, havia adquirido o Circuito de Cinemas Martin, o maior das Ilhas Britânicas, fora uma surpresa para os círculos cinematográficos.

Todos procuravam saber dos motivos, mas Danvere era, além de tudo, extremamente reservado. Era um homem alto, de grandes olhos pretos, nariz saliente e boca e queixo firmes. A sua pronúncia e as suas maneiras eram mais inglesas do que a de muitos ingleses.

Peter incumbira imediatamente Charley Rosenberg, gerente de escritório de Londres, a procurar Danvere e conseguir para a Magnum o Circuito Martin. Seria uma grande coisa para a Magnum ter quatrocentos cinemas garantidos para a sua produção nas Ilhas Britânicas, ainda mais porque a Grã-Bretanha representava metade do mercado estrangeiro para o cinema americano.

Danvere tinha sido muito polido com Rosenberg. Mas também tinha sido muito cauteloso. Explicou que era novato naquele ramo de negócios e que, portanto, não entraria em acordo com qualquer companhia americana enquanto não estivesse convencido de que a mesma merecia inteira confiança.

Rosenberg disse-lhe então que a Magnum estava em atividade desde 1910 e era uma das empresas mais antigas da indústria.

Danvere disse que sabia muito bem da posição da Magnum, pois os seus contabilistas já haviam feito um estudo das companhias mais importantes. Indicou também que estaria muito interessado num acordo de alguma espécie com a Magnum, desde que os entendimentos e as condições fossem convenientes.

Quando Rosenberg quis saber o que significava isso, Danvere disse que, como fabricante de tecidos, e não, bem entendido, como homem da indústria cinematográfica, sempre achara que o acordo mais proveitoso era aquele em que o retalhista tinha as mais estreitas relações possíveis com o fabricante.

Rosenberg mencionou então o fato de que o Sr. Kessler, presidente da Magnum Filmes, estava justamente em Londres naquele momento e apreciaria muito a oportunidade de conhecê-lo. Fora combinado então um encontro nos escritórios de Londres da Magnum, na semana seguinte.

A reunião fora adiada duas semanas, em virtude de um inesperado resfriado de Danvere, e Peter tivera de ficar em Londres, à espera de que o homem melhorasse. Naquele momento, estavam afinal reunidos, na presença solícita de Rosenberg.

Danvere estava falando: — Devo confessar, Sr. Kessler, que desde a guerra tenho um certo interesse pela sua companhia. Eu era então oficial nas forças armadas de Sua Majestade e ainda me lembro dos filmes que o senhor fornecia às forças armadas gratuitamente, dando grande prazer pessoal aos soldados.

Peter sorriu. Filmes gratuitos para os exércitos aliados tinham sido um dos projetos em que mais se empenhara. Tinha compreendido que proporcionar divertimento aos soldados criaria uma grande atmosfera de boa vontade para o cinema.

— Sinto-me muito satisfeito por ter podido fazer isso, Sr. Danvere.

Danvere sorriu, mostrando os dentes muito grandes.

— Foi por isso que sugeri ao Sr. Rosenberg que poderia ser conveniente um encontro pessoal entre nós dois. Gostaria de falar-lhe com toda a franqueza e, se possível, confidencialmente.

Peter olhou para Charley Rosenberg, que imediatamente se levantou, pediu licença e saiu da sala. Voltou-se então cheio de curiosidade para Danvere.

Este se acomodou confortavelmente na cadeira e disse:

— Segundo penso, Sr. Kessler, e se estou errado peço-lhe a fineza de corrigir-me, o senhor é o proprietário único da sua companhia.

— Isso é quase correto, Sr. Danvere. Possuo todas as ações, menos 10% delas, que pertencem ao Sr. Edge, que me ajudou a fundar a companhia e é o atual vice-presidente executivo da mesma.

— Perfeito — disse Danvere. — Creio que o Sr. Rosenberg lhe deu notícia exata da minha opinião a respeito da exibição dos seus filmes nos Cinemas Martin?

— Falou-me nisso, mas não de maneira completa. Gostaria de que fizesse o favor de ser mais explícito comigo, Sr. Danvere.

— Acontece, Sr. Kessler — disse ele — que eu no fundo não sou mais do que um simples fabricante de tecidos. Nessa condição, fui levado a adotar algumas regras básicas que me esforço por seguir, já que me têm dado muito bom resultado até agora. Uma dessas regras se aplica à venda de mercadorias. A experiência me mostrou que um artigo é vendido de maneira melhor a retalho quando o retalhista tem interesse na fabricação do produto. Creio que a mesma regra pode ser aplicada à venda de filmes. Por exemplo, os cinemas Martin estariam mais interessados em assegurar aos filmes da Magnum a maior programação possível se tivessem algum interesse nos próprios filmes e pudessem ver o seu esforço coroado de êxito nos dois sentidos, isto é, tanto na produção quanto na exibição dos filmes.

O que Danvere queria dizer era, trocado em miúdos, o seguinte: “Deixe-me entrar no seu negócio e eu farei tudo por você”. Nos Estados Unidos, chamava-se isso de proteção.

— Devo compreender então — disse Peter — que está interessado em adquirir algum interesse na Magnum Filmes.

— É mais ou menos assim, Sr. Kessler. Peter esfregou o rosto pensativamente.

— Qual seria a percentagem de interesse que estaria nas suas cogitações, Sr. Danvere?

— Digamos, vinte e cinco por cento. — E por quanto?

Danvere hesitou um instante e respondeu:

— Quinhentas mil libras.

Peter converteu mentalmente o dinheiro em dólares. Importava em quase dois milhões e meio de dólares. Isso resolveria uma porção de problemas. Teve curiosidade em saber como Danvere fixara aquela cifra.

— Por que exatamente essa quantia, Sr. Danvere?

— Bem, procuro nunca entrar de olhos fechados em qualquer empreendimento comercial, Sr. Kessler. Antes de comprar os cinemas Martin, mandei a minha contabilidade fazer um levantamento completo da companhia. Quando resolvi comprá-la, cheguei à conclusão de que uma sociedade com uma empresa de cinema americana seria muito vantajosa para ambas as partes. O passado da sua companhia era muito interessante para mim, pessoalmente. O senhor tem um passado de independência que me infunde respeito. Acontece que a fortuna da minha família também foi feita em luta com os interesses já estabelecidos no seu setor. Era natural, portanto, que eu me interessasse pela associação com a sua companhia.

A despeito de si mesmo, Peter estava impressionado. O fato de que a sua luta pela independência tivesse sido notada e louvada por aquele homem era muito lisonjeiro. Um sorriso lhe iluminou o rosto e ele disse: — É muita bondade sua me dizer isso, Sr. Danvere.

— Não é bondade, Sr. Kessler. Pode ficar certo da minha admiração, seja qual for a sua decisão neste caso.

Peter sorriu de novo, satisfeito.

— Pensarei com muito interesse na sua gentil oferta, Sr. Danvere, mas há um fato importante que deve ser de antemão esclarecido.

— Qual é, Sr. Kessler?

— Talvez não saiba disso, mas me julgo na obrigação de dizer-lhe que estes últimos anos têm sido muito difíceis para a Magnum. Os prejuízos da companhia desde 1929 têm sido de mais de dez milhões de dólares.

— Já sabia disso, Sr. Kessler, e muito aprecio a sua honestidade em chamar-me a atenção para o fato. Acredito, porém, que alguns desses prejuízos eram inevitáveis, decorrendo principalmente da sua posição especial em face do resto da indústria — esses interesses estabelecidos de que falamos. Mas acredito que tenho um plano que ajudaria materialmente a Magnum a restabelecer as suas finanças.

Peter levantou uma das sobrancelhas. Tinha já em alta conta as opiniões daquele homem. Aquela conversa havia-o convencido de que Danvere era um homem de negócio sólido e conservador.

— Que plano é esse? Danvere cruzou as pernas.

— A minha ideia é no fundo muito simples. Comprarei do senhor 25% das ações da sua companhia. Dissolveremos então a atual companhia e organizaremos uma nova empresa com as ações distribuídas na seguinte base; 65% para o senhor, 25% para mim e 10% para o Sr. Edge. A fim de conseguir a aceitação e a confiança do público e da indústria cinematográfica em relação à nova companhia, eu lhe sugeriria lançar então no mercado 20% das suas ações.

Isso lhe deixaria um interesse de 45%, o que lhe asseguraria uma margem de controle satisfatória na companhia.

Fez uma pausa para observar a reação de Peter e continuou: — A venda pública dessas ações lhe daria aproximadamente 400 mil libras. Com o que receberia de mim, teria 900 mil libras ou seja quatro milhões e meio de dólares na sua moeda. Então, o Circuito de Cinemas Martin adiantaria à Magnum por conta do aluguel de filmes a quantia de 400 mil libras que o senhor emprestaria à Magnum. Nessas condições, a Magnum teria aproximadamente quatro milhões de dólares de capital de giro, o que seria suficiente para garantir o seu programa de produção. E é ainda muito provável que a notícia dessa nova associação com os Cinemas Martins dê à Magnum muito melhor posição de crédito, não havendo dificuldade de conseguir novo financiamento, caso fosse necessário.

Peter ficou em silêncio. Era um tipo de proposta que teria rejeitado sumariamente se lhe fosse feita por um financista de Wall Street. Mas aquele homem não era um financista de Wall Street. Era, como ele mesmo dizia, um simples fabricante de tecidos. A família dele fizera fortuna da mesma maneira que ele, lutando com as companhias maiores e com as suas ligações financeiras. Além disso, estava em Londres, bem longe da Wall Street, e a proposta que acabara de ouvir era muito atraente. A sua fortuna pessoal seria recuperada e a indústria voltaria a condições viáveis.

Levantou-se na cadeira, olhou para Danvere e disse, muita sério:

— Sr. Danvere, não posso deixar de conversar sobre o assunto com meu sócio, Sr. Edge, antes de dar-lhe uma resposta. Devo, porém, confessar que estou muito bem impressionado com a sua proposta.

Danvere levantou-se, estendeu-lhe a mão num aperto firme e disse: — Sem dúvida alguma, Sr. Kessler. Foi um grande prazer conversar com o senhor.

— O prazer foi meu — disse Peter.

Danvere olhou para ele e sorriu. — Escute, Sr. Kessler. Eu tenho uma casinha na Escócia e se o senhor não tem outros projetos para o fim de semana, eu gostaria muito de que fosse lá caçar um pouco.

— Seria uma honra para mim, Sr. Danvere. Não tenho outros projetos.

— Ótimo! Mandarei então o meu chofer apanhá-lo na sexta-feira à tarde. Telefone para o meu escritório dizendo a hora que lhe é mais conveniente.

— Muito obrigado, Sr. Danvere.

— Chame-me Philippe — disse Danvere, estendendo-lhe de novo a mão. — Não há mais necessidade de formalidades, entre nós. Nós nos compreendemos.

— Está bem, Philippe — disse Peter, sorrindo amplamente.

— Adeus, Peter — disse Philippe X. Danvere ao chegar à porta.

Peter voltou ao escritório e sentou-se. Rosenberg entrou pressurosamente na sala.

— Então, Peter? Que tal?

Peter olhou-o com a testa franzida.

— Que história é essa de caçada no fim de semana, Rosenberg? Nunca em minha vida peguei numa espingarda.

# 4

Johnny olhou para os boletins de trabalho do estúdio com um ar de incompreensão. Que queria dizer aquele filme ali, Fiquemos Unidos? Procurou lembrar-se se Peter lhe havia dito alguma coisa sobre ele antes de partir para Londres. Mas teve certeza de que ele nada lhe dissera.

Tocou a campainha e Jane apareceu na sala.

— Pronto, Johnny.

— Lembra-se de ter ouvido Peter falar num filme chamado Fiquemos Unidos, quando esteve aqui?

— Está falando do filme que consta do boletim da semana passada?

— Exatamente.

— Não me lembro absolutamente disso. E já ia perguntar a você o que significa isso.

— Pois também não sei de nada. Jane. E, engraçado, consta no boletim já com uma despesa de 100 mil dólares em apenas seis dias de filmagem e sem qualquer cálculo sobre o orçamento final. Faça uma ligação para Mark no estúdio, sim, Jane?

Ela saiu do escritório. Daí a alguns segundos, o telefone tocou e Johnny atendeu.

— Há um telefonema de Peter, de Londres, para você — disse ela. — Ainda quer que ligue para Mark?

— Não. Espere um pouco. Vou saber do filme com Peter. Que seria que Peter queria? Devia ser coisa muito importante, pois do contrário não iria gastar tanto dinheiro com o telefonema naqueles tempos difíceis.

O telefone tornou a tocar. A ligação de Peter devia estar pronta.

Ouviu a voz de Peter muito fraca e longe. Devia estar gritando.

— Alô, Johnny!

— Peter! Como vai você? Que é que há?

— Creio que as nossas dificuldades terminaram, Johnny!

— Como assim?

— Já ouviu falar num camarada chamado Danvere de que os jornais da indústria tanto têm falado?

— O rei dos tecidos da Suíça?

— Esse mesmo. Acabei de conversar com ele e tive uma proposta muito interessante.

— Sobre o quê? — perguntou Johnny cautelosamente.

— Mandei Charley Rosenberg procurá-lo para conseguir um contrato de exibição com os Cinemas Martins e ele me fez uma proposta. Dará programação especial nos seus cinemas em troca de um interesse de 25% na companhia.

— Espere aí, Peter. Sempre julguei que você não quisesse vender parte alguma da companhia.

— Realmente pensava assim, mas o homem me parece muito direito. Ofereceu-me dois milhões e meio pela participação dele e adiantaria à companhia dois milhões por conta dos aluguéis dos filmes.

— Não entendo — disse Johnny. — Qual será a intenção desse camarada?

— Não há intenção nenhuma, Johnny. É um princípio comercial que ele tem, achando que o retalhista vende com mais empenho quando tem interesse na fábrica. É só isso. E me parece muito lógico. Que é que você acha, Johnny?

— Não sei... Não conheço bem nem o homem, nem o que ele propõe, mas o dinheiro me parece muito interessante.

— E não é só isso, — disse Peter entusiasticamente. — Ele tem uma ideia que renderá mais dois milhões de dólares e melhorará o nosso crédito. É um homem muito competente, Johnny, e sabe do que está falando.

— Bem, Peter, você está aí e sabe o que é melhor para nós.

— Não tem então objeções a que eu venda parte das ações?

Johnny hesitou. A ideia não lhe agradava, mas ele não podia opor-se. Na verdade, Peter era o dono da companhia e tinha direito a vender parte dela, se quisesse. Além disso, devia estar quase sem dinheiro e aquilo seria uma oportunidade de recuperação da sua fortuna pessoal.

— Não tenho objeções, mas, Peter... Tenha cuidado!

— Fique descansado, Johnny, que eu terei cuidado. Johnny lembrou-se então do filme no boletim.

— Escute, Peter, sabe de alguma coisa sobre um filme chamado Fiquemos Unidos?

— Não. Nunca ouvi falar nele. Por quê?

— Apareceu no boletim do estúdio da semana passada.

— Então por que é que se está preocupando, Johnny? Deve ser um título novo que Mark deu a um dos filmes em produção.

— Mas...

Peter não o deixou falar.

— Dei a Mark instruções completas sobre o programa. Ele mudou um título, foi isso apenas. Afinal, temos de dar-lhe alguma liberdade, não acha?

Johnny ficou imediatamente ressentido. Procurou não deixar que esse ressentimento transparecesse na sua voz. Sempre que dizia alguma coisa sobre a produção depois do seu fiasco com os discos, Peter fazia-o calar-se.

— O título é falso, Peter. Nada temos programado que possa ter esse título.

— Como é que você sabe? Quem está dirigindo o estúdio é Mark e não você. Ele deve saber.

Ainda não se esquecera do que Johnny havia dito quando ele resolvera deixar Mark encarregado do estúdio.

Johnny reconheceu o seu tom de voz. Isso significava que Peter fechara a porta a qualquer discussão e nada que ele dissesse adiantaria alguma coisa. Resolveu não insistir no assunto no momento. Não queria preocupar Peter quando estava em negociações com o tal Danvere. Johnny tinha a ideia de que Danvere era muito esperto e de que Peter iria precisar de toda a sua sagacidade para tratar com ele.

— Está bem — disse ele. — Quando é que pretende voltar? Haveria então tempo de resolver o caso.

— Não sei ainda — disse Peter. — Se resolver esse caso com Danvere, talvez faça um giro de dois meses pelos escritórios europeus para ver como vão indo. Já faz mais de dois anos que não os passo em revista.

— Boa ideia. Talvez possa fazê-los trabalhar um pouco mais.

— É o que vou fazer.

— Quer algum recado para sua família?

— Não, muito obrigado. Já pedi uma ligação para Esther e vou falar com ela logo que acabar com você.

— Então não vou tomar-lhe mais tempo. Até à vista.

— Até à vista, Johnny.

Johnny desligou e ficou pensando. Esperava que Peter soubesse o que estava fazendo. Olhou para o relógio. Eram onze horas da manhã. Isso dava cinco horas da tarde em Londres e oito horas da manhã na Califórnia. O telefonema de Peter iria encontrar a família à mesa do café.

Doris estava sentada à mesa, lendo o jornal e tomando o suco de laranja quando Mark entrou na sala.

Olhou-o e viu que estava com os olhos vermelhos e cansados de falta de sono.

— Bom dia, Doris — disse ele, com voz rouca.

— Bom dia, Mark. A que horas foi dormir esta noite?

— Por quê?

— Por nada. Simples curiosidade. Fiquei acordada até depois de três horas e não ouvi você chegar.

— Não sou mais uma criança — disse ele, irritado. — Não precisa ficar me vigiando.

— Não o estava vigiando, Mark. Estava trabalhando. Que é que há com você ultimamente? Anda espinhado como um ouriço.

— Não sei — disse ele, sorrindo. — Acho que estou trabalhando demais.

— Por isso mesmo, devia procurar deitar-se mais cedo. Não lhe faria mal algum.

Mark nada disse. Pegou o copo de suco de laranja diante dele e bebeu. Ouviu a irmã rir e levantou a cabeça, perguntando:

— O que é assim tão engraçado?

— Este parágrafo na coluna de Marian Andrews. Vou ler para você: “O ilustre filho de um ilustre pai desta cidade vai ter um despertar desagradável quando Papai voltar da sua viagem de negócios. O dito filho está andando muito em companhia de uma atriz a quem o pai despediu do estúdio com base na cláusula moral”. — A quem será que ela se refere?

Mark ficou calado. Sentiu que o rosto ficara vermelho e esperou que a irmã não o notasse. Que peste de colunista! Não sabia como ela havia descoberto.

Tinham tido muito cuidado em não serem vistos juntos. Ficou satisfeito quando o telefone tocou e Doris foi atender.

— Alô! — disse ela e logo a alegria se lhe estampou no rosto.

— Vá chamar Mamãe depressa, Mark! — disse ela, cobrindo o receptor com a mão. — É Papai falando de Londres!

Mark ficou estupefato. O velho já teria sabido do filme? Não, não podia ser. Ele não recebia os boletins. Correu para a cozinha.

— Venha depressa, Mamãe! Papai está ao telefone! Esther largou a caçarola em cima do fogão e correu para a sala, limpando as mãos no avental.

— Pode completar a ligação, telefonista — disse Doris, vendo-a chegar.

Passou o fone à mãe e ficou a olhá-la, muito interessada.

— Alô, Papai! — gritou Esther pelo telefone. A mão lhe tremia tanto que o receptor quase lhe caía da mão. — Está bem? Tudo bem?

Esther ouviu em silêncio durante algum tempo e falou de novo.

— Estou bem, Papai! Doris e Mark, também! Sim, Papai! Mark está trabalhando muito. Chega todas as noites muito tarde do estúdio. Ainda esta noite chegou quase às quatro horas...

# 5

Doris o viu logo que ele saltou do trem. Acenou e gritou: — Johnny, aqui!

Johnny viu-a e sorriu de alegria. Encaminhou-se para ela acompanhado do carregador que lhe levava a maleta. Ela correu ao seu encontro, exclamando: — Que bom você ter vindo, Johnny!

— Vim com todo o prazer, querida! Mas por que todo esse mistério?

— É Mark, Johnny! Há alguma coisa com ele e eu não sei o que é!

Johnny tomou-lhe o braço e saiu com ela para o carro, com o rosto muito sério. Logo que embarcaram no carro e se acomodaram, ele perguntou:

— O que a está inquietando, Doris?

Ela deu partida no carro e entrou no tráfego.

— Johnny, há alguma coisa muito grave lá no estúdio. O filme em que ele está trabalhando não é o que parece.

— Não compreendo o que você quer dizer. Doris.

— Mamãe recebeu uma carta de Papai na semana passada e como não sabia onde havia deixado os óculos, me pediu que a lesse. Papai dizia na carta que esperava que as coisas corressem muito melhor para Mark depois que ele tivesse terminado os seis filmes em que está trabalhando.

— E é verdade, Doris. Mas não há nenhum mal nisso. Todos nós esperamos que as coisas comecem a melhorar depois de terminarmos esses seis filmes.

— Eu sei, mas acontece que não é isso o que está acontecendo. Fui outro dia ao estúdio apanhar uma coisa para Mamãe no escritório de Papai e a secretária dele me disse que o filme Fiquemos Unidos estava causando tamanho rebuliço no estúdio que quase todo o resto do trabalho estava parado.

— Pediu a ela que a esclarecesse?

— Pedi e ela me disse que o tal filme era a maior coisa, que a Magnum já fez. Vai custar mais de dois milhões de dólares!

— Dois milhões! Ela deve estar maluca! Os seis filmes do boletim juntos não custarão isso!

— Foi o que eu pensei, embora não estivesse a par de todos os orçamentos. Sei do dinheiro que Papai recebeu de Danvere, mas nunca pude acreditar que ele fosse jogar tudo num só filme

— Perguntou alguma coisa a Mark sobre isso?

— Perguntei naquela mesma noite na hora do jantar e ele ficou muito zangado e me disse que me metesse com a minha vida. Disse mais que Papai tinha deixado o estúdio entregue a ele e que já era tempo para ele mostrar aos outros como era que se trabalhava. Perguntei se era verdade o que me havia dito a secretária de Papai sobre o custo de dois milhões de dólares do filme.

— E que foi que ele disse?

— A princípio, não me respondeu. Olhou-me de cara fechada. Depois, disse muito malcriadamente: "E se for verdade? Que é que você vai fazer? Vai correndo contar a Johnny?" Disse que não o estava espionando e que só havia ficado curiosa por causa da carta de Papai. "Papai devia estar pensando noutra coisa", disse ele, procurando sorrir. Depois, disse-me com muita delicadeza, e você bem sabe quando ele pode ser delicado e encantador quando quer: "Não perturbe a sua cabecinha com essas coisas, maninha. Seu irmão sabe o que está fazendo. E, além disso, Papai aprovou tudo". Deixei o assunto ficar nisso, mas, mais tarde, pensando melhor nas coisas, achei melhor telefonar-lhe e saber se você poderia vir até aqui para saber ao certo o que é que há. A você Mark não conseguirá enganar.

Johnny franziu a testa, pensando. Se o que ela dizia era verdade, a confusão estava armada. Nos termos do acordo assinado com Danvere tinham de entregar seis filmes aos Cinemas Martin dentro de um mês e meio. Além disso, na primeira reunião da recém-eleita diretoria realizada em Nova York duas semanas antes, ele havia falado confiantemente dos seis filmes em produção e do que significava para a companhia tê-los prontos na época marcada.

Os diretores não iam gostar do que estava acontecendo. Não sabia Mark que, de acordo com a lei, era preciso obter agora a aprovação da diretoria para tudo o que se fazia? A diretoria já havia aprovado o programa dos seis filmes e aquele Ronsen, que era o representante de Danvere na diretoria, era muito esperto. Tinha já grande experiência do seu trabalho junto à Companhia Borden. Além disso, o homem agia de uma maneira muito estranha. Johnny não tinha certeza, mas a sua impressão era de que o homem estava à espera de algum deslize. Lembrava a Johnny um gavião que desse voltas pelo céu à espera da sua presa.

Ficou tanto tempo em silêncio que afinal Doris o olhou ansiosamente e perguntou:

— Em que é que está pensando, Johnny?

— Acho que devemos ir ao estúdio e ver pessoalmente o que está acontecendo — disse ele, com um brilho de cólera nos olhos.

Ela se amedrontou com as palavras dele.

— Se ele tiver feito mesmo isso, Johnny, estaremos em dificuldades?

— Meu bem, se ele fez mesmo isso, todas as dificuldades por que passamos são brincadeiras em comparação com o que nos espera.

Mark olhou para o relógio. Passava um pouco de duas horas.

— Tenho de ir para o estúdio, Dulcie. Está ficando tarde.

— E eu vou passar a tarde toda sozinha, não é? — perguntou ela, amuada.

— Mas não sabe que tenho de trabalhar naquele filme, menina? Não pode querer que eu me atrase!

— Não, claro que eu não quero. Mas...

— Mas o quê?

— Tenho ouvido falar tanto nesse filme, que gostaria muito de ver como é que ele vai indo.

— Você bem sabe que isso não é possível, Dulcie!

— Por quê? — perguntou ela, erguendo a cabeça num desafio. — Tem medo de me levar lá?

Ele teve um riso meio forçado.

— Você bem sabe que eu não tenho medo. A minha única objeção é que isso pode ser muito desagradável para você.

— Isso não teria a menor importância para mim. Só desejo ver é o resultado do seu trabalho.

— Não, é melhor você não ir. E eu já vou chegando, — disse ele, dirigindo-se para a porta.

Ela o deixou chegar até à porta e então chamou-o, tomada de súbita obstinação.

— Mark!

— Ele se voltou e olhou-a.

— Se não me levar para o estúdio agora com você, nunca mais me telefone!

Ela conteve o impulso de dar uma gargalhada ao ver a cara com que ele se apressou em voltar para ela e tentar tomá-la nos braços.

— Você sabe que eu não posso fazer isso, Dulcie.

— Não sei de nada — replicou ela friamente — senão que você não quer ,e levar.

— Mas, Dulcie...

— Não é preciso dizer mais nada, Mark. Compreendo perfeitamente. Você não quer ser visto em minha companhia...

— Não é absolutamente isso, Dulcie! Já não lhe pedi que se casasse comigo?

Ela não respondeu. Pegou um cigarro em cima da mesa e acendeu-o. Ficou então a olhá-lo, calma e impassível.

— Está bem, Dulcie — disse ele, afinal. — Vamos!

Ela voltou para ele um rosto radiante de triunfo.

Mark notou o olhar de surpresa que havia em todos os rostos quando ele a ajudou a descer do carro e entrou com ela no set. Ouviu o murmúrio de vozes que despertava a passagem deles. “Podem falar à vontade”, pensou ele com raiva mas, apesar disso, ficou muito satisfeito quando pôde tirá-la do set e levá-la para o escritório.

Fechou a porta e perguntou, tão cheio de raiva quanto lhe era possível:

— Está satisfeita agora?

Havia no rosto dela um ar de contentamento. Peter havia dito que nunca mais poria os pés no estúdio e ali estava quem a havia levado! Beijou-o rapidamente no rosto.

— Sim, querido! Estou satisfeita!

Mark a olhou, cheio de estranha admiração. Não se podia negar que ela tivesse coragem. Bem poucas pessoas teriam ânimo de ir a um lugar onde não eram queridas e não tomar conhecimento do que estava acontecendo em volta. Abraçou-a e beijou-a impulsivamente, dizendo: — Você é meio maluca, meu bem, mas eu gosto. Você é o meu tipo de mulher!

Ela se despediu e dirigiu-se para a porta, com um andar elástico e leve de pantera, deixando que o seu corpo exprimisse com uma eloquência maior do que a das palavras.

— Vai me telefonar hoje à noite? — perguntou sem se voltar.

Mark ia responder, quando a porta de repente se abriu. Doris e Johnny entraram e pararam ao vê-los.

Dulcie olhou-os e um leve sorriso lhe aflorou aos lábios. Passou por eles a caminho da porta e bateu de leve no rosto de Johnny.

— Não quero interromper nada, querido — disse ela, com voz rouca. — De qualquer maneira, já ia mesmo saindo.

# 6

Os grilos cantavam na encosta da colina. Era uma noite de céu muito límpido e o luar cintilava nas águas da piscina perto da qual estavam sentados. Havia muito estavam mergulhados num silêncio sombrio e carregado de pensamentos.

— Que é que vai fazer agora, Johnny?

Johnny sacudiu a cabeça. Não sabia o que ia fazer, não sabia o que podia fazer. Tudo se revelara muito pior do que haviam pensado. Mais de um milhão e meio de dólares dos dois milhões reservados para a produção dos seis filmes já fora enterrado em Fiquemos Unidos.

— Você não vai dizer a Papai, não é? Seria... — disse Doris, sem completar a frase.

— Não quero dizer nada a ele, mas, ao mesmo tempo, tenho receio de não dizer. Temos muito pouco dinheiro em caixa e não chega de modo algum para fazer os seis filmes.

— Mas, Johnny, isso será uma morte para ele. Era imensa a fé que ele tinha em Mark!

Johnny sorriu amargamente. Esse é que era justamente o mal. Se Peter não tivesse perdido a cabeça, consentindo na saída de Gordon, não estaria de modo algum naquela situação desesperada. Sentiu-se de repente cansado de aparar os choques causados pelos erros de Peter. Mas, por mais cansado que estivesse, a consciência do dever o impelia no fundo do coração. Não podia abandonar Peter. Peter sempre estivera ao lado dele até às últimas consequências, não só em matéria de negócios mas também no que dizia respeito à sua vida particular. Não, não podia abandoná-lo, depois de tantos anos de vida em comum.

— Sei muito bem disso, Doris. Por que é que acha que estou aqui pensando, senão para ver se encontro uma solução?

Ela chegou para perto dele, passou o braço pelo dele e disse num sussurro:

— Nem sabe como gosto de você.

Ele a olhou ternamente e murmurou.

— Sei, sim. O que não sei é por quê.

— Johnny, há dentro de você uma força que a gente sente e em que sabe que pode confiar. E os outros não têm a menor dificuldade em extrair um pouco dessa força para si mesmos. Como Papai sempre fez.

Johnny queria acreditar no que ela dizia, mas não podia. Também ele tinha receio de muitas coisas.

Assim havia acontecido quando vira Dulcie naquela tarde no escritório de Mark. Havia tremido intimamente. Tivera medo de falar, pois não sabia o que iria dizer. E, quando ela lhe havia tocado a face, sentira uma chama correr-lhe pela carne, numa estranha recordação de longas noites e apaixonados contatos. Ainda sentia no rosto o toque da mão de Dulcie. Nunca deixaria de tê-la na lembrança?

— Gostaria de que isso fosse verdade, Doris — disse ele, amargamente.

— Sei que é verdade, Johnny.

Ficaram de novo em silêncio e Doris ficou pensando. Dulcie é que o fazia sentir-se assim. O pensamento da outra foi como uma pontada no coração de Doris. A dor que sentia era por ele, pelos seus sofrimentos, pelas suas recordações inconfessáveis, não por ela. Poderia ela fazê-lo esquecer tudo o que havia acontecido? Não sabia. Só sabia era que o amava. Sempre o amara. Tentaria curá-lo daquele sofrimento. Seria como tentar colar os cacos de um vaso chinês despedaçado. Talvez fosse difícil, mas, com paciência e tempo, era possível.

— Talvez eu pudesse levantar algum dinheiro para completar os outros filmes sem que houvesse necessidade de seu pai saber coisa alguma.

— Onde poderia conseguir tanto dinheiro? Oh, Johnny, se você pudesse!

— Eu poderia vender as minhas ações.

— Não, Johnny! Você não faria uma coisa dessas! Trabalhou toda a sua vida por elas.

— E daí? Posso tornar a comprá-las quando tudo estiver resolvido. É a única saída que posso ver.

— E se não puder comprá-las novamente? Perderia tudo!

Johnny sabia muito bem que, depois que vendesse as ações, elas nunca mais lhe voltariam às mãos. Um débil sorriso lhe chegou aos lábios. O coração começou a bater-lhe violentamente e as palavras lhe saíram dos lábios antes que ele soubesse o que estava dizendo.

— Você se importaria de casar com um homem pobre, querida?

Ela o olhou muito surpresa. Depois, os olhos se encheram de lágrimas e ela passou os braços pelo pescoço de Johnny, beijando-o.

— Oh, Johnny! — exclamou ela, entre o riso e o choro. Eu me casaria com você de qualquer maneira! Eu o amo, meu querido!

Johnny abraçou-a e fechou os olhos. Para isso é que valia a pena viver, para ouvir coisas assim.

Mark estava sentado em seu quarto, olhando nervosamente para o telefone. Olhou para o relógio. Duas e meia da madrugada. Um vento quente entrava pela janela, agitando a cortina. Foi até à janela e fechou-a. Viu através da vidraça os vultos de Doris e Johnny sentados perto da piscina e sentiu um impulso de ódio pelos dois.

Saiu da janela e apagou a luz. Não queria que soubessem que ele ainda estava acordado. Sentou-se perto do telefone e acendeu outro cigarro. Por que não faziam logo aquela maldita ligação? Eram onze horas da manhã em Paris e Peter devia estar no escritório.

O telefone começou a tocar. Atendeu-o prontamente, com o coração a bater. A campainha soara no silêncio da noite como se fosse um alarme de incêndio. Esperava que ninguém em casa a tivesse ouvido.

— Alô.

— Sr. Mark Kessler? — perguntou a telefonista, com voz anasalada.

— É, quem fala?

— Completada a ligação para Paris. Pode falar.

— Alô, Papai?

— Mark! O que há? Alguma coisa com Mamãe?

— Não, Mamãe está boa. Não há nada com a família.

— Felizmente. Você chegou a me assustar!

Mark colocou o cigarro no cinzeiro e hesitou um instante. Quando tornou a falar, a sua voz era calma.

— Desculpe, Papai. Não quis assustá-lo. Quero falar de negócios.

— Então fale — disse Peter. — Mas a quase vinte dólares por minuto, seja o mais breve possível.

— Quero falar sobre Johnny, Papai.

— Johnny? O que há com ele?

— Apareceu no estúdio hoje e armou tremenda confusão. Acho que ele tem alguma ideia estranha.

— Que foi que ele disse, Mark?

— Nada em particular, mas criticou tudo em geral. Disse que não gostava do trabalho que estamos fazendo com os filmes. Insistiu para que terminássemos Fiquemos Unidos antes de qualquer outro.

— Não se preocupe, Mark — disse Peter, rindo. — Você terá de se acostumar a isso. Nova York procura sempre dizer o que devemos fazer. Não tome conhecimento deles, é só isso.

— Mas Johnny está insistindo.

— Perguntou a ele por quê?

— Perguntei, mas ele não me deu uma resposta direta. Não posso compreender. Acho que ele está agindo ultimamente de maneira muito estranha.

Peter fez uma pausa e depois disse: — Talvez ele tenha uma boa razão. Johnny é muito inteligente.

— Então por que ele não me diz qual é essa razão?

— Johnny é às vezes assim. É muito teimoso. Mas não se preocupe com ele. Faça os filmes e não pense mais nisso. Falarei com ele quando voltar.

— Não sei, Papai. O procedimento dele está muito esquisito. Ouvi-o falar pelo telefone hoje com Bob Gordon, que está trabalhando na Borden. Estava rindo de alguma coisa que Bob devia ter dito, e depois, disse o seguinte:

“Não se pode saber ao certo o que acontecerá, Bob, mas talvez estejamos trabalhando de novo juntos mais cedo do que você pensa”.

— Não compreendo isso, Mark!

— Nem eu, mas a maneira estranha pela qual ele vem agindo me fez sentir que eu devia lhe telefonar. Não se esqueça de com que temos de lutar, Papai. No fundo, nenhum deles gosta de nós. São todos os mesmos.

— Johnny nunca foi assim!

— Não estou dizendo que seja, Papai, mas não custa nada tomar cuidado.

— Nisso você tem razão, Mark. Temos de tomar cuidado.

— Bem, foi por isso que lhe telefonei, Papai. Queria saber a sua opinião.

— Prossiga no seu trabalho, Mark — disse Peter com alguma hesitação. — Falaremos sobre isso quando eu voltar.

— Está bem, Papai — disse ele, mudando de assunto. — Como é que está indo?

— Muito bem, — respondeu Peter, mas o seu tom de voz desmentia as palavras. Mark podia sentir que ele ainda estava pensando no que acabara de ouvir.

— Ótimo, Papai. Cuide-se.

— Fique descansado, meu filho.

— Adeus, Papai.

Ouviu a resposta do pai e desligou o telefone.

Acendeu um cigarro e ficou sentado imóvel durante um minuto. Depois, levantou-se, foi até à janela e olhou.

Johnny e Doris vinham para casa de mãos dadas. Sorriu. Ajustaria contas com Johnny. E com Doris também.

# 7

Vittorio Guido levantou-se com dificuldade, movimentando o corpanzil. Estendeu a mão para Johnny e disse com espantosa frieza:

— Alô, Johnny.

— Como vai, Vic? — disse ele, apertando-lhe a mão.

— Bem.

— E Al?

Vittorio olhou-o, pensando no que Johnny poderia querer ao vir ao seu escritório. Sabia que não era uma visita de cortesia, pois não se gostavam muito.

— Al vai muito bem com a idade que tem. O médico quer que ele descanse bem e fique na fazenda. Sente-se, Johnny.

Johnny continuou de pé. Sabia perfeitamente que Vic não gostava dele. Se Al estivesse ali, as coisas seriam diferentes. Haveria na sua voz um calor que lhe faltava naquele momento. Sentou-se.

— O que há, Johnny? — perguntou Vic e imediatamente depois se arrependeu de ter falado. Devia ter deixado Johnny falar, mas a curiosidade o dominara.

— Preciso de dinheiro, Vic.

Também ele gostaria de não falar sobre aquilo com Vic, mas não tinha outro recurso.

Vic recostou-se na cadeira e semicerrou os olhos. Contemplava Johnny com um desprezo levemente velado. Essa gente de cinema era toda a mesma. Não havia quem soubesse administrar o seu dinheiro. Ganhavam muito dinheiro, era verdade, mas, por mais que ganhassem, viviam precisando de dinheiro.

— Quanto? — perguntou.

— Um milhão de dólares — disse ele, com relutância. Podia imaginar o que Vic estava pensando.

Vic ficou em silêncio, pensando. Tinha razão. Johnny não era melhor do que os outros, apesar do que dizia Al.

— Para que quer o dinheiro? — perguntou afinal. Johnny mexeu-se inquietamente na cadeira. Vic não tornava fácil aquela conversa.

— Quero comprar metade do interesse num filme que estamos produzindo com o título de Fiquemos Unidos.

Os olhos de Vic estavam ainda semicerrados. Já tinha ouvido falar nesse filme. Em Hollywood, já todos lhe chamavam a loucura de Mark Kessler. Dizia-se que o filme custaria mais de dois milhões de dólares. Por que era que Johnny queria comprar metade do interesse nele? Segundo todos diziam, tratava-se de um abacaxi. Além disso, a sua intuição de contabilista lhe dizia que a Magnum não poderia esperar resultados sequer satisfatórios com um filme de dois milhões de dólares. As receitas não seriam suficientes para cobrir as despesas.

— Sabe qual é a nossa norma em filmes assim, Johnny — disse ele. — A Magnum já nos deve dois milhões de dólares e não podemos fazer empréstimos acessórios sobre seus filmes.

“Conversa!”, pensou Johnny com raiva. Vic podia fazer o que quisesse, ele não queria era emprestar-lhe o dinheiro.

— E não há outro jeito de eu conseguir o dinheiro?

Vic olhou-o com novo interesse. Alguma coisa de muita importância devia estar acontecendo na Magnum para que Johnny mostrasse tanta insistência

em conseguir o dinheiro.

— Tem alguma coisa para apresentar como garantia do empréstimo?

Johnny hesitou. Não queria fazer aquilo, mas não tinha outro jeito.

— Servem os 10% de ações que eu tenho na companhia?

O sangue de Vic bateu com mais força. A propriedade era a única coisa com que aquela gente de cinema não fazia negócio. Negociavam; artistas, diretores, contratos. Muitos metiam na dança até as esposas, quando as tinham, mas nunca facilitavam com os seus direitos de proprietário. Johnny devia estar numa situação desesperada para pensar numa coisa assim. O interesse de Johnny na Magnum valia bem um milhão de dólares aos preços correntes do mercado. Era uma boa garantia para 75% do seu valor.

— Não posso dar um prazo muito longo sobre essa garantia, Johnny — disse ele, cautelosamente. — Mas posso dar três quartos do valor por um prazo de 90 dias.

Johnny pensou. Afinal de contas, 750 mil dólares era melhor que nada. Além disso, se as coisas corressem como ele esperava, teria o dinheiro para resgatar o título no momento preciso. Respirou forte. Estivera inconscientemente prendendo o fôlego enquanto pensava.

— Está muito bem, Vic. Quando é que posso ter o dinheiro?

— Logo que puder fazer-nos a entrega das ações — disse Vic, sorrindo.

Johnny levantou-se e disse: — Terá as ações aqui amanhã.

— Muito bem. Então está resolvido — disse Vic, levantando-se e estendendo a mão.

— Obrigado, Vic.

— De nada, Johnny. Tive prazer em poder ajudá-lo.

Um sorriso de satisfação se mostrou no rosto de Vic ao ver Johnny sair. Franziu depois a testa. Tinha de saber o que estava acontecendo na Magnum.

Foi até à janela que dava para o interior do banco e viu Johnny atravessar o recinto, a caminho da rua. Passou então para a outra janela, que dava para a rua.

Viu Johnny entrar num automóvel que estava estacionado perto do banco. Era um conversível, que estava com a capota descida. Nele estava uma moça. Vic não teve dificuldade em reconhecê-la. Era Doris Kessler. Viu o carro entrar no tráfego e desaparecer na esquina.

Voltou para a mesa e sentou-se. O sorriso de satisfação voltou-lhe aos lábios. Talvez Santos mudasse de opinião em relação a Johnny quando ele lhe contasse o que havia acontecido.

Mark está no seu escritório, dominado pelo ressentimento que lhe inspiravam Doris, Johnny e o que estavam dizendo. Tinham dito que só estavam

querendo ajudá-lo. Conversa! Queriam era dominá-lo. Mas sabia intimamente que estavam certos. Ele tinha ido longe demais com aquele filme.

Era bem possível, mas quando o filme estivesse pronto, todos iriam ficar vencidos e arrependidos. Veriam então quem era que estava com razão. Olhou para Johnny e disse a contragosto.

— Sim, Johnny. Compreendo.

— E tem mesmo de compreender, Mark — disse Johnny de maneira incisiva. — Não é só por sua causa que estou fazendo isso. Seu pai sofreria muito se viesse a saber do que aconteceu. Vamos combinar o que iremos dizer quando ele chegar. Não pode haver divergência na história.

Mark nada disse. Continuou a olhar desanimadamente para Johnny.

— Diremos que eu gostei tanto do filme que resolvi entrar com metade do dinheiro para fazê-lo. O filme passou um pouco do orçamento e eu concordei em dividir a diferença com você, dando-lhe prioridade nos lucros por essa diferença. Depois, receberei tudo na base de cinquenta por cinquenta com você até as despesas estarem cobertas. Acha justo? — perguntou a Doris.

— Muito justo — disse ela.

Mark mal podia conter um sorriso. O idiota estava-se entregando de pés e mãos amarrados. Com aquela história, não teria qualquer dificuldade em convencer o pai de que Johnny é que fora o culpado de tudo.

# 8

A neve cobria a cidade com uma colcha alva que já estava mostrando manchas negras à medida que era batida pelo tráfego. Johnny voltou-se da janela ao ouvir a voz de Peter.

— Não compreendo por que Danvere ainda não respondeu ao nosso telegrama — disse ele, preocupado.

Johnny olhou o relógio e disse:

— E já falta muito pouco tempo para a reunião da diretoria.

— Eu queria essa resposta antes de começar a reunião, Johnny. Não sei por que ele não nos adiantou o dinheiro, conforme prometeu.

Johnny pensou que a transação com Danvere parecera muito boa na ocasião. Peter se havia enchido de otimismo e as promessas pululavam no ar. Mas desde então não tinha havido senão dificuldades. Mark se atrasara no programa de produção.

Só dois filmes dos seis prometidos estavam prontos e, ainda assim, não eram grande coisa. Fiquemos Unidos era ainda um problema tremendo. Já absorvera mais de dois milhões de dólares e tudo indicava que consumiria mais uns 100 mil dólares até chegar ao fim.

Para cúmulo, as receitas tinham sido fracas e o saldo no banco baixara. O dinheiro que Peter havia emprestado à companhia dentro do seu acordo com Danvere havia desaparecido quase por completo, mesmo com o dinheiro dado por Johnny. Peter havia então telegrafado a Danvere pedindo o dinheiro que ele havia prometido adiantar-lhes. Já fazia mais de quatro meses e o dinheiro ainda não chegara.

— Acho que a resposta não chegará antes da reunião — disse ele a Peter, consultando de novo o relógio. — Temos de ir chegando.

— Diga a Jane que me telefone se o telegrama chegar enquanto estivermos na reunião — disse Peter, levantando-se.

*12 de novembro de 1936*

*Magnum Filmes S. A.*

*Nova York*

*Ata da reunião ordinária da Diretoria a 12 de novembro de 1936.*

*Local da reunião: Hotel Waldorf Astoria, Nova York. Hora: 14h30*

*Sr. Peter Kessler*

*Sr. John Edge*

*Diretores presentes:*

*Sr. Laurence G. Ronsen*

*Sr. Oscar Floyd*

*Sr. Xavier Randolph*

*Diretores ausentes:*

*Sr. Mark Kessler*

*Sr. Peter Kessler*

*Sr. Philippe X. Danvere*

*A sessão foi aberta às 14h35 min pelo presidente. Foi encarregado da ata o Sr. Edge, que serviu de secretário.*

*As seguintes propostas foram apresentadas à diretoria para aprovação:*

*Renovação do contrato de arrendamento do edifício Albany Exchange nas mesmas condições anteriores.*

*Aprovada*

*Acordo com o sindicato W-70-, I.A.T.S.E., para o contrato de trabalho dos técnicos da companhia na escala de salários aprovada pela comissão conjunta de negociação de todas as companhias.*

*Aprovada*

*Contrato a ser assinado com Marian St. Clair, artista, para os seus serviços durante um período de sete anos, com opções da forma habitual. O salário do primeiro ano será pago à razão de 75 dólares por semana com a garantia de quarenta semanas. A companhia terá o direito de rescindir o contrato ao fim de rada ano de vigência.*

*Aprovada*

*Honorários de 12.500 dólares apresentados em conta à companhia por Dale, Cohen & Swift pela preparação das formalidades legais de constituição da empresa.*

*Aprovado o pagamento*

*Realizou-se em seguida uma apreciação geral sobre a empresa.*

*O presidente externou a sua opinião sobre as perspectivas dos negócios no próximo ano. Disse que tinha muito otimismo quanto à situação imediata da companhia no mercado interno porque o aumento de contratos de vendas no ano em curso tinha sido em número de seiscentos e havia possibilidade de conseguir mais mil contratos no ano vindouro. Referiu-se à sua recente visita à Europa e disse que considera atualmente o mercado europeu muito incerto em vista das constantes perturbações políticas no continente. Tinha, porém, muitas esperanças em relação aos negócios nas Ilhas Britânicas em virtude de um acordo que fizera com o Sr. Danvere a respeito da distribuição dos filmes da Magnum naquele território. Salientou que um entendimento de cooperação com o Sr. Danvere dera em resultado maior tempo de programação nos maiores circuitos da Inglaterra. Declarou também que estavam esperando a qualquer momento uma comunicação do Sr. Danvere sobre um adiantamento contra aluguéis futuros de filmes naquele território, no montante de 2 milhões de dólares, o que melhoraria imediatamente a situação financeira.*

*O Sr. Ronsen perguntou então ao presidente por que apenas um terço dos seis filmes que deviam já estar prontos nesta época está em condições de ser distribuído.*

*O presidente respondeu que surgiam dificuldades imprevistas de produção, mas que estas se achavam em processo de eliminação e que o restante do programa deveria ser cumprido dentro de breve prazo.*

*O Sr. Ronsen apresentou então à diretoria um telegrama que acabava de receber do Sr. Danvere. Segue-se uma transcrição desse telegrama, em virtude do pedido do Sr. Ronsen de que o mesmo contasse da ata.*

*Estou muito inquieto em relação às perspectivas de produção da Magnum. Na minha última conversa com o Sr. Kessler ele me assegurou que teria seis filmes prontos para exibição nos cinemas a 15 de setembro passado. Mas até agora só dois filmes foram remetidos e, ainda assim, em fins de outubro.*

*Acabo de receber um telegrama do Sr. Kessler sobre o adiantamento de dois milhões de dólares combinado. Peço-lhe que comunique ao Sr. Kessler que, segundo o acordo vigente entre nós, o dito adiantamento está sujeito à aprovação da diretoria de Cinemas Martin Ltda. Apesar dos meus desejos pessoais de atender ao Sr. Kessler, a diretoria não concorda com a concessão de tal adiantamento enquanto não forem recebidos os seis filmes prometidos. Philippe X. Danvere.*

*O presidente disse então que se surpreendia muito com a notícia de que os diretores da Martin haviam rejeitado o seu pedido de adiantamento. Disse que fora informado pelo Sr. Danvere de que essa aprovação era simplesmente uma formalidade e que não havia qualquer dificuldade. Disse mais que lamentava que o Sr. Danvere não houvesse respondido diretamente o seu telegrama e que pensava que se também estivesse na mesma situação que o Sr. Danvere também teria vergonha de comunicar-se diretamente com ele.*

*O Sr. Ronsen submeteu então a seguinte proposta à diretoria:*

*Proponho que seja designada uma comissão para proceder a uma investigação no estúdio e apurar os defeitos dos nossos métodos atuais de trabalho e os motivos pelos quais os filmes não puderam ser entregues no prazo combinado.*

*O presidente disse que a proposta era imprópria e não poderia ser apresentada sem estar acompanhada de uma exposição de motivos que justificasse a sua apresentação. Afirmou que não havia motivos que a justificassem.*

*O Sr. Ronsen pediu então à diretoria que decidisse se a proposta era regular. Submetido o assunto a votos, ficou decidido que a diretoria tomaria conhecimento da proposta.*

*A mencionada proposta foi então aprovada por três votos a dois.*

*O Sr. Ronsen requereu então que a votação individual ficasse consignada na ata.*

*Sr. Ronsen*

*Sr. Floyd*

*Sr. Randolph*

*Contra a proposta:*

*Sr. Edge*

*Sr. Kessler*

*O Sr. Ronsen foi então designado para constituir por si só a comissão encarregada de apurar a situação no estúdio e de preparar um relatório que deveria ser entregue na próxima reunião mensal.*

*Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 5h10.*

Peter andava nervosamente de um lado para outro no seu escritório. Lá fora, já estava tudo escuro. O relógio na sua mesa marcava 19h10. Já havia quase duas horas, desde que a sessão terminara, que ele andava assim furiosamente para cima e para baixo. Voltou-se então para Johnny. Ocorreu-lhe de súbito um pensamento.

— São todos uns patifes! Mas por que você foi dar-lhes uma oportunidade?

— Quem, eu? — disse Johnny, espantado. — Que oportunidade eu dei? Quem fez o acordo com Danvere foi você!

— Que acordo, nem meio acordo! — disse ele aos gritos. — Se você não fosse meter o bedelho lá no estúdio, nada disso teria acontecido! Teríamos os seis filmes prontos na época exata! Mas não! Você tinha de ser um gênio, um sabe-tudo! Mark me contou como você chegou no estúdio todo entusiasmado com o tal filme e fazendo-o esquecer tudo mais! Por que fez isso. Johnny? Foi por causa do dinheiro que empregou nele? Acha que isso era motivo suficiente para pôr em risco a nossa Companhia?

Johnny não respondeu. Ficou mortalmente pálido e teve de apoiar-se na mesa para não cair. Limitou-se a olhar para Peter.

— E não é só isso o que sinto de você, Johnny! — continuou Peter com a voz amargurada. — O que mais me dói é pensar que eu precisei tanto de dinheiro e você nem pensou em me emprestar o que tinha, mas não teve dúvida nenhuma em empregá-lo nesse filme. Se eu tivesse dinheiro e você me pedisse, Johnny, eu lhe daria, Johnny...

# 9

A frieza que passara a haver entre Peter e Johnny foi imediatamente percebida por todos, menos pelos dois. Esforçavam-se por esconder o fato dos olhos de todos e julgavam que os seus esforços eram bem sucedidos. Jane vivia muito preocupada com isso. Não era por si que tinha receio, mas sentia que seus dois amigos procedessem um com o outro daquela maneira.

Um exemplo disso foi a ocasião em que o telefone da mesa dela tocou.

Atendeu e ouviu a voz de Peter.

— Jane, diga a Johnny que quero falar com ele no meu escritório.

Ela desligou o telefone, muito perturbada. Em geral, Peter chamava Johnny diretamente pelo interfone ou abria a porta do escritório dele e chamava-o.

Ela apertou o botão da campainha de Johnny.

— Pronto, Jane.

— Peter quer falar com você, Johnny.

Houve um momento de silêncio e então Johnny disse:

— Está bem. Já vou falar com ele.

— Escute, Johnny... — disse ela, impedindo-o de desligar.

— Que é, Jane?

— Que é que há entre você e Peter? Brigaram?

Johnny riu mas sem convicção e ela teve a impressão de que ele estava com vontade de dizer que não se metesse no que não era da sua conta.

— Não seja tola, Jane — disse ele, desligando.

Não, por mais que Johnny dissesse, ela não estava gostando nada daquilo.

Johnny voltou ao escritório, desalentado. Gostaria muito de que Peter deixasse de malhar na mesma tecla. Já estava farto de ouvi-lo dizer que só estavam naquela situação por culpa dele. Mas nada podia dizer. Havia prometido a Doris que não diria.

O telefone tocou e ele atendeu.

— Que é, Jane?

— O Sr. Ronsen está aqui e gostaria de vê-lo.

— Faça-o entrar, sim? — disse ele, estranhando que Ronsen tivesse ido procurá-lo.

Ronsen entrou no escritório com um leve sorriso e estendeu-lhe a mão:

— Queria vê-lo antes de partir para a Califórnia, Sr. Edge.

Johnny apertou-lhe a mão, admirado com a força que havia naqueles dedos gordos.

— Para mim é um prazer, Sr. Ronsen. Tenha a bondade de sentar-se.

— Deve estar estranhando a minha presença aqui, não é verdade, Sr. Edge? — disse ele, sentando-se.

— Um pouco...

Ronsen inclinou-se para a frente com as luzes dançando-lhe nas lentes grossas dos óculos.

— É que pensei que talvez tenha alguma coisa que me queira dizer.

— Sobre quê? — perguntou Johnny cautelosamente.

— Sobre o estúdio. Sabe que vou para lá amanhã. Johnny sorriu e disse com voz cuidadosamente polida:

— Creio que nada tenho para dizer-lhe, Sr. Ronsen. Posso, porém, assegurar-lhe que o estúdio está entregue a mãos competentes. Quanto ao funcionamento do mesmo, a responsabilidade cabe a Mark Kessler e não a mim e acho que ele sabe o que está fazendo.

— Nesse caso — disse em voz pausada Ronsen, ainda sorrindo — o mal não está no estúdio. Talvez possa ser encontrado longe de lá.

Johnny resolveu abrir o jogo.

— Que é que quer dizer exatamente com isso, Sr. Ronsen?

— Larry — sugeriu Ronsen, ampliando o sorriso.

— Está bem, Larry. Mas ainda não respondeu à minha pergunta.

Ronsen sabia que Edge estava mais a par dos negócios da companhia do que qualquer outra pessoa, com exceção do próprio Kessler. Poderia ser muito útil se quisesse passar para o lado dele.

— Talvez a responsabilidade de tudo caiba ao Sr. Kessler, — disse ele, olhando atentamente para Johnny.

— Quer-me dizer por que pensa assim, Larry? — perguntou Johnny calmamente.

— Bem, ele está ficando velho. Tem mais de sessenta anos, se não estou enganado. Talvez sofra alguns sintomas de senilidade. Quem sabe.

— É um absurdo, Larry. Você não o conhece como eu. Reconheço que não é mais nenhum rapaz, mas tem maior capacidade de trabalho e mais conhecimento da indústria do que muitos homens mais moços poderiam ter.

— Mais do que você, por exemplo?

— Não é ele o presidente, o dono da companhia? Ronsen pensou em corrigir a declaração na sua última parte, mas deixou passar.

— Não acha que poderia sair-se tão bem quanto ele se fosse presidente, Johnny?

— Duvido muito — respondeu ele com voz fria.

— Ora, Johnny, não seja tão modesto!

— Não é por modéstia que digo isso, Larry. Trabalho ao lado de Peter Kessler há perto de trinta anos e ainda não conheci ninguém mais capaz do que ele na indústria do cinema!

— Bravo! Essa lealdade é de fato admirável.

— Não, Larry, quem merece admiração pela lealdade não sou eu, mas o homem que a inspira. A lealdade é uma das coisas mais preciosas na vida e não pode ser comprada com dinheiro.

Ronsen discordava disso, mas também achou melhor não discutir. Ficou em silêncio.

Johnny resolveu adotar a mesma atitude e os dois ficaram assim em silêncio durante alguns minutos.

— Posso dizer-lhe uma coisa confidencialmente, Johnny? — disse-lhe Ronsen por fim.

— Se assim quiser.

— Há um grupo que me sugeriu a disposição em que está de comprar a parte do Sr. Kessler na companhia.

— Que grupo é esse?

— Não estou autorizado a divulgar os nomes mas posso adiantar-lhe que esse grupo julga que você seria um presidente à altura se pudesse haver um acordo satisfatório.

Johnny sorriu. Ronsen não poderia ser tolo a ponto de pensar que ele era capaz de ser subornado com tanta facilidade.

— A sua generosidade me deixa muito grato, mas a decisão de vender a companhia continua com o Sr. Kessler, não acha?

— Mas a sua ação poderá ser decisiva para conseguir a aquiescência do Sr. Kessler.

— Pois sabia que eu nem tentaria influenciar o Sr. Kessler quanto à conveniência de tal assunto. Ele sempre teve ideias muito pessoais a esse respeito.

— E ideias que são antiquadas e ridículas nos tempos que correm, não são?

— Bem, sabe que isso é assunto pessoal do Sr. Kessler e que ele tem razões próprias para a sua atitude. Não faço esforço para julgar aquilo que não me diz respeito.

— Que sugere então, Johnny?

Johnny pensou que o homem devia ser imbecil ou insensato para que o julgasse capaz de comprometer-se de uma maneira ou de outra.

— O que sugiro é que converse diretamente com o Senhor Kessler, Larry. É ele a única pessoa que lhe pode dar uma resposta certa.

— Esse grupo está disposto a oferecer um bom preço ao Sr. Kessler, em vista da situação atual da empresa.

Johnny levantou-se, dando a entender com isso que a conversa estava terminada.

— Tudo depende do Sr. Kessler, Larry.

Ronsen levantou-se devagar. Não lhe agradava ser botado para fora daquela maneira, mas não mostrou qualquer ressentimento na voz.

— Talvez em conversa com ele após a minha volta da Califórnia, Johnny. Talvez então ele seja mais sensível à razão.

Havia na voz de Ronsen uma nota de confiança que não passou despercebida a Johnny. Era a voz de um homem habituado a ter força e a fazer uso dela.

— Quem mais, além de você e Danvere, estão metidos nesses negócios Larry? — perguntou de repente.

— Não estou autorizado a dizer-lhe no momento, Johnny. Creio que já lhe disse isso.

— Não é Floyd, nem Randolph — murmurou Johnny. — São apenas testas-de-ferro sem maior importância. Mas pode ser Berard Powell, da Borden. É um tipo de negócio capaz de agradar-lhe.

O lampejo nos olhos de Ronsen mostrou-se que havia adivinhado certo. Sorriu intimamente e deu volta à mesa para estender-lhe a mão.

— Não o aborrecerei mais com os meus palpites, Larry. Mas quero dizer-lhe que fiquei muito contente com a sua vinda. Queria conhecê-lo melhor.

— Eu tinha o mesmo desejo em relação a você, Johnny.

Johnny saiu com ele do escritório para levá-lo até ao elevador.

— Boa viagem, Larry — disse ele, despedindo-se.

Não percebeu que Peter os olhava da porta do seu escritório muito surpreso. Fechou depois a porta e voltou para a sua mesa. Que estaria Johnny fazendo com aquele camarada? E de maneira tão cordial, como se fossem os maiores amigos deste mundo?

Botou as mãos para trás e ficou pensando. Mark tinha razão. Johnny estava procedendo ultimamente de maneira muito estranha.

# 10

Dulcie escutava distraidamente a voz de Mark. Já estava mais do que farta dele. Era hora de dar-lhe o fora. Nada mais poderia tirar dele.

Vivia assim desde que Warren a deixara, agitada e inquieta, correndo freneticamente de um homem para outro, sempre à procura de um que lhe merecesse a atenção como ele. Mas ainda não encontrara. Mais cedo ou mais tarde, acabavam dominados por ela, mendigando seus favores e ela se cansava por completo deles.

Com Warren não tinha sido assim. Era muito semelhante a ela para poder ser dominado. Havia nele uma qualidade que nunca deixara de intrigá-la. Tinha a faculdade de dar-lhe vida. Tinha conhecimento da existência de todos os nervos do corpo quando ele estava presente e o seu espírito fremia de exaltação.

Mas ele voltara para a mulher, para Cynthia, aquela pálida imitação de mulher. Que é que havia nela capaz de prender um homem como Warren? Mas ela o prendera. E já agora havia dois filhos. Tudo devia ter começado naquela noite em que Johnny voltara para casa e a encontrara na cama com Warren. Depois de Johnny sair, ela voltou para o quarto. Warren estava-se vestindo às pressas.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Vou atrás dele. Aquele homem está muito doente. Não pode ficar na rua num tempo desses!

— Não seja bobo! Deixe-o para lá. Ele é capaz de matá-lo se você se aproximar dele. Não viu o que ele tentou fazer comigo?

— O que é que esperava que ele fizesse? Não é agradável chegar em casa e encontrar o que ele encontrou.

Ela o olhou com desdém e disse: — Disfarce um pouco e esconda a sua moral que está aparecendo.

— Mas aquele homem está muito doente! Qualquer pessoa pode ver isso!

— E daí? — perguntou ela com indiferença. — Ele tem para onde ir.

De repente, Warren agarrou-lhe os cabelos e puxou a cabeça dela para trás. Ela sentiu a dor, mas não houve nos seus olhos o menor sinal de medo.

— Dulcie, você é uma cadela! — gritou ele com raiva. Uma estranha sensação de êxtase se mostrou no rosto de Dulcie. Fechou os olhos e aconchegou voluptuosamente o corpo ao dele.

— Está bem, sou uma cadela. Mas venha para cama, meu querido. Temos de acabar o que começamos!

Mas as coisas nunca mais foram as mesmas daí por diante. Um dia, ela voltou para o apartamento e viu que ele levara tudo o que lhe pertencia, deixando apenas uma carta breve e direta:

*"Dulcie: Voltei para Cynthia. Warren".*

Havia chorado um pouco e jurara vingar-se. Mas tudo estava acabado e ela nada mais podia fazer. Daí em diante, viveu sempre sozinha. Fosse qual fosse o homem com quem estivesse, não havia homem algum capaz de empolgá-la em corpo e alma como Warren.

Olhou para Mark. Como era intolerável aquele garoto com as suas constantes lamúrias e o seu enjoado sentimentalismo! A princípio, tinha sido divertido provocá-lo. Via-o ficar todo excitado e achava uma graça enorme em mantê-lo a distância. Não sabia como ele ainda não se revoltara de ser provocado e não a tomara à força. Talvez não tivesse coragem. E o pobre coitado ainda se julgava um homem de muita experiência. Tinha estado na Europa, em Paris e Viena, onde os homens sabiam manobrar mulheres como ela. Ao pensar nisso, teve de repente vontade de ir à Europa. Despertaria a atenção por toda a parte. Os seus filmes eram muito apreciados por lá.

Que era mesmo que aquele cretino estava dizendo? Escutou-o. Estava falando sobre um homem que fora mandado pelos diretores da companhia para fazer investigações no estúdio. Mark dizia que ele estava manobrando o tal homem, que não conseguiria descobrir coisa alguma. Era muito engraçado vê-lo andar de um lado para outro, sem saber o que devia procurar ou olhar.

— Como foi que disse que esse homem se chama? — perguntou ela com curiosidade.

— Ronsen. Pode ser muito esperto mas eu o estou cozinhando em fogo baixo.

— Ele está representando a quem?

— Sei lá... Acho que alguns sujeitos estão querendo dar um tombo no velho. Mas não vão conseguir nada.

Ela o olhou e sorriu.

— Conte-me mais — disse ela. Queria saber de tudo. Talvez aquilo que lhe desse uma boa oportunidade.

Ronsen estava sentado desajeitadamente na borda da cadeira. De vez em quando, sentia os olhos atraídos para o decote da mulher que estava diante dele.

— Mais um pouco de café, Sr. Ronsen? — perguntou ela.

Já o havia classificado mentalmente. Um homem de dinheiro, mas muito cacete. Devia ter uma mulher e muitos filhos em alguma casa muito decente no Leste.

— Não, muito obrigado, Srta. Warren. Mas... sobre aquilo que falamos pelo telefone...

— Ah, sim, Sr. Ronsen — disse ela, recostando-se na poltrona... — Se não estou enganada, o senhor está aqui para investigar a situação nos estúdios da Magnum, não é verdade?

Ronsen sacudiu a cabeça afirmativamente. Maneira estranha aquela de obter informações. Mas aquilo era Hollywood e não Wall Street. Ali as coisas se passavam de maneira um pouco diferente.

E como aquela mulher o deixava nervoso! Era tão... tão... sexual!

Sentiu de repente o rosto afogueado.

— Acho que posso ajudá-lo, Sr. Ronsen.

— Eu lhe ficaria muito grato...

Ela contou então detalhadamente tudo o que Mark Kessler tinha feito. Enquanto ela falava, o interesse de Ronsen crescia e ele tinha de conter-se para não interrompê-la a cada instante. Mas houve pontos em que não pôde deixar de fazê-lo.

— Quer dizer então que os boletins expedidos acusavam despesas mentirosas em relação aos filmes e que isso foi feito deliberadamente? — perguntou ele.

— Exatamente. E isso continuou assim até Johnny Edge aparecer no estúdio e descobrir tudo. Foi então que a coisa parou.

— Mas como foi que ele conseguiu substituir o dinheiro que já fora gasto incorretamente no tal filme?

— Foi muito simples. Pediu dinheiro emprestado ao Banco Independence com a garantia das ações que tem na Magnum. Comprou então à Magnum metade do interesse no filme e o dinheiro foi recolocado nos filmes programados.

— Sabe qual foi o prazo do empréstimo? — perguntou ele, cheio de interesse. Estava afinal com sorte. As coisas talvez fossem mais fáceis do que ele esperava.

— Noventa dias, se não estou enganada. Foi quando Kessler estava na Europa.

— Então o título deve estar para vencer-se.

— Mais ou menos.

— Será que ele tem dinheiro para pagar?

Ela sorriu.

— Não creio. Ele contava com o dinheiro do filme para pagar o título e agora é que o filme está para ser terminado.

Ronsen tirou os óculos, limpou-os com o lenço, tornou a colocá-los, olhou para ela e disse à falta de outras palavras para exprimir as suas emoções:

— Extraordinário!

— Acho tudo isso muito interessante, Sr. Ronsen. Não é da mesma opinião?

— Sem dúvida — disse ele. — Muito interessante. Olhou para ela e sorriu. Ela também sorriu para ele. Os dois se entendiam muito bem.

# 11

O telefone na mesa de Johnny começou a tocar. Ele atendeu e ouviu a voz de Jane.

— Vittorio Guido está ao telefone, Johnny.

Johnny hesitou um instante. Que era que Guido queria? O título só iria vencer daí a uma semana. Não teria o dinheiro antes que o filme saísse e isso só seria possível daí a um mês ou um mês e meio.

— Pode ligar, Jane.

Ouviu então a voz de Guido que, pela primeira vez, era cordial, quase humana.

— Alô, Johnny!

— Alô, Vic. Como vai?

— Otimamente. E você?

— Tudo certo — disse Johnny e esperou que Vic dissesse o que queria. De repente, levou um susto. Al! Teria acontecido alguma coisa a Al?

— Só telefonei para lembrar do título, Johnny. O vencimento é na semana que vem.

Johnny ficou sem saber se devia se alegrar ou se aborrecer. Felizmente não era nada com Al.

— Sei disso, Vic. Estava mesmo para telefonar a esse respeito.

— Tem o dinheiro para pagar? — perguntou o outro com uma estranha nota de ansiedade na voz.

— Não, Vic. Era sobre isso mesmo que queria falar. Gostaria de fazer uma reforma.

— Sinto muito, Johnny, mas não é possível — disse Vic, com uma voz tranquila, da qual a ansiedade desaparecera de repente. — Estamos numa situação muito apertada e a diretoria não aprovaria qualquer reforma sem mais garantias.

— Mais garantias? Que querem vocês afinal? Os meus títulos já não são uma garantia de mais de 100%.

— Infelizmente, não sou eu que faço as regras do banco. Você sabe muito bem disso.

— Mas eu não posso perder essas ações, Vic! Elas são mais importantes do que nunca para mim!

— Talvez você possa conseguir o dinheiro com outra pessoa. É impossível! Não posso recorrer a ninguém para conseguir tanto dinheiro!

— Mas pode tentar, Johnny! Seria para mim muito desagradável vender suas ações. É verdade que você não perderia nada com isso. Se conseguirmos, como é provável, alguma coisa a mais sobre o montante do empréstimo, deduziremos os juros e creditaremos o saldo na sua conta.

— Isso não interessa. Não é no dinheiro que estou pensando. Preciso é das ações.

Vic disse então numa voz dúbia:

— Vou ver o que posso fazer por você, Johnny. Se aparecer alguma coisa, fale comigo!

— Está bem, Vic — disse Johnny secamente.

— Adeus, Johnny — disse Vic numa voz em que persistia a nota de satisfação.

— Adeus, Vic.

Sim, Vic ia ver o que podia fazer por ele. Bem sabia o que aquele sujeito pensava dele. Por um instante, pensou em telefonar para Al na fazenda. Não. Não era possível. Não podia recorrer a Al sempre que se via em dificuldades. Tinha idade bastante para andar com os próprios pés. Talvez tudo se consertasse, apesar das aparências. Mark havia dito que Ronsen não conseguiria descobrir coisa alguma no estúdio. Talvez Mark ao menos dessa vez estivesse certo. Mas não tinha a menor confiança nisso.

Vic largou o telefone e sorriu para a pessoa sentada em frente à sua mesa.

— Parece que vai conseguir as ações, Sr. Ronsen — disse ele.

Ronsen sorriu.

— Fico muito satisfeito com isso, Sr. Guido. Devo confessar que tirarei um peso da consciência quando vir a Magnum funcionando de novo como deve. É uma coisa que dói no coração ver uma empresa tão mal administrada.

— Estou plenamente de acordo, Sr. Ronsen. A minha impressão é a mesma sua. Se não fosse o Sr. Santos, eles não conseguiriam um centavo emprestado de nós.

— Pode ficar certo, Sr. Guido, de que, com uma direção correta como vai ter, a Magnum voltará a cumprir todas as suas obrigações para com o seu banco. Tomarei pessoalmente todas as providências nesse sentido.

— Bem, entrarei em contato com o senhor na semana que vem. - disse Vic.

— Muito bem. Na semana que vem — disse Ronsen.

Vic levou-o até à porta. Talvez agora Al lhe desse crédito quando ele lhe dissesse que Johnny não era absolutamente o que ele pensava.

Johnny não conseguia conciliar o sono. A conversa que tivera com Vic o havia perturbado mais do que julgara. Sentouse na cama e pegou o telefone.

Fez prontamente a ligação. Daí a alguns segundos ouviu a voz de Doris.

— Johnny! Foi tão bom você telefonar!

— Tinha de chorar no ombro de alguém, querida, e pensei que podia ser no seu.

— Por que, meu bem? Houve alguma coisa? Johnny contou-lhe então a conversa com Vic.

— Quer dizer então que ele vai vender as suas ações?

— Exatamente, querida.

— Mas isso é uma maldade! Se ele esperar mais um pouco, receberá todo o seu imundo dinheiro!

— Vic sabe disso tão bem quanto nós, Doris. Mas está empenhado em fazer a vida tão difícil para mim quanto possível!

— Miserável! Estou com muita vontade de telefonar para ele e dizer-lhe as últimas!

Ele riu da nota zangada que havia na voz dela. Começou inexplicavelmente a sentir-se melhor. Não havia a bem dizer motivo para isso. Nada havia mudado. Mas ela parecia de repente ao lado dele, quase como se estivesse ali no quarto.

— É melhor não fazer isso, querida. De qualquer maneira, não adiantaria nada. O melhor é esperar e ver o que acontece.

— Estou tão aborrecida com tudo isso, Johnny — disse ela com voz à beira das lágrimas.

— Não se preocupe, querida — disse ele, tentando consolá-la. — A culpa não é sua.

— Mas, Johnny, tudo vai mal! Papai está zangado com você. Vic não devolverá as suas ações. A companhia está em má situação!

— Não chore, querida. Tudo acabará bem.

— Acha mesmo, Johnny?

— Claro que sim — disse ele, mentindo sem hesitação.

— Nesse caso — disse ela com voz mais firme — logo que Papai fizer as pazes com você, poderemos nos casar!

— Mais cedo do que você pensa, querida! — disse ele, sorrindo.

O telegrama estava em cima da mesa quando ele voltou do almoço. Abriu o telegrama e deixou-se cair numa cadeira ao lê-lo. Sentiu um arrepio no corpo. Estava acabado. Vic vendera as ações! Bandido! No fundo, nunca acreditaria que ele fosse capaz disso! Mas fora!

Tornou a ler o telegrama.

Lamento ver-me na necessidade de fazê-lo mas vendi suas garantias hoje por um milhão de dólares mais juros sobre seu título. O saldo de 250 mil dólares foi creditado na sua conta. Espero suas ordens a esse respeito. Abraços, Vic.

Amassou raivosamente o telegrama e jogou-o na cesta de papéis. Esperava as ordens dele. Ele bem sabia a ordem que gostaria de dar, do que ele podia fazer com todo o dinheiro. Um dólar de cada vez!

Mark entrou na sala no momento em que Doris acabava de ler a carta.

— Carta do namoradinho? — perguntou ele, com um sorriso de mofa.

— É... — murmurou ela com voz sombria.

— Que é que ele conta de novo?

— Vic Guido vendeu as ações dele ontem — disse ela no mesmo tom de voz.

— Sério? É uma pena — disse ele, mas havia uma nota de excitação na sua voz.

Doris então voltou para ele e disse com voz estrangulada: — A culpa é sua!

— Não pedi que fizesse isso.

O movimento dela foi rápido e impulsivo. A palma da sua mão estalou no rosto de Mark. Esse levou instintivamente a mão ao rosto. A pancada não havia doído, mas enchia-o de vergonha.

As lágrimas corriam pelo rosto de Doris.

— Ele perdeu tudo o que tinha por sua causa... miserável!

E, dando-lhe as costas, fugiu da sala com o lenço nos olhos.

# 12

O rosto de Peter estava abatido e triste enquanto ele olhava para a Plaza. A grande árvore de Natal já estava levantada e cintilava com mil luzes. O gelo do ringue de patinação estava de uma cor de marfim cremoso com as luzes da árvore e alguns patinadores que deslizavam graciosamente nele. Eram quase seis horas e as ruas estavam cheias de gente que voltava para casa.

Mais um milhão de dólares tinha sido enterrado, na companhia, do bolso de Peter, quando Danvere se havia negado a adiantar-lhe o dinheiro.

Encaminhou-se para a sua mesa e olhou para a mensagem do teletipo. A versão final de Fiquemos Unidos estava afinal pronta. Ia ser estreada numa preview de surpresa no dia seguinte num pequeno cinema dos subúrbios de Los Angeles.

Sentou-se na sua cadeira e fechou os olhos. Gostaria de estar em casa. Já fazia quase seis meses que não ia em casa. Os negócios retinham-no em Nova York. Havia tanto o que fazer. Graças a Deus, ao menos não tinha de se preocupar com o estúdio. Mark era um bom menino. Podia-se confiar em nosso próprio sangue quando não era possível confiar em mais ninguém.

Se aquele inverno não tivesse sido tão rigoroso, ele teria mandado chamar Esther para ficar com ele em Nova York. As coisas não seriam mais tão ruins assim. Mas não podia. Com a artrite dela, Esther passaria muito mal com aquele inverno.

A porta se abriu e um homem apareceu sorrindo.

— Sr. Kessler? — perguntou.

Peter olhou-o e viu que não o conhecia. Como conseguira entrar sem passar pela mesa da secretária? Aquela era a sua porta particular. Em geral, ninguém entrava por ali senão ele mesmo.

— Sim. O que é? — respondeu com voz cansada.

O homem se dirigiu para ele, tirou um papel do bolso e colocou-o em cima da mesa. Sorriu de novo e deu meia-volta, saindo do escritório e ainda dizendo, antes de fechar a porta:

— Feliz Natal!

Peter apanhou o papel, pensando que o homem devia ser maluco, fanático ou propagandista de alguma coisa. Quando olhou para o papel, viu impresso no alto em grandes letras pretas a palavra citação.

O significado da palavra não lhe atingiu logo o espírito cansado. Mas começou a ler. De repente, compreendeu tudo. Deu uni salto da cadeira e correu

para a porta. Não avistou mais o homem. O corredor estava vazio.

Fechou a porta e dirigiu-se então para o escritório de Johnny. Este estava ditando uma carta a Jane e ambos ergueram os olhos para ele, espantados. Peter havia muito não entrava naquele escritório.

O rosto de Peter estava quase roxo quando ele caminhou pisando forte e jogou o papel em cima da mesa de Johnny.

— Veja! — disse ele com a voz estrangulada. — Veja o que os seus amigos fizeram!

O advogado acabou de ler a citação e disse solenemente a Peter.

— Na minha opinião, Peter, todo o caso gira em torno desse filme, Fiquemos Unidos. Há outras acusações — incompetência, fraude, desídia — mas tudo isso é muito vago e difícil de provar. Se o filme for bom, eles perderão a causa, pois será tudo uma questão de bom julgamento seu contra o deles. Se o filme não prestar, o caso é muito diferente e se tornará muito difícil. Você terá de lutar na assembleia dos acionistas, onde poderá fazer muitas coisas para prolongar o caso quase indefinidamente, isto é, desde que controle votos suficientes para ter a maioria.

— Isso eu tenho — disse Peter com confiança. — Eu e Johnny temos 55% das ações.

— Neste caso, a única coisa que nos interessa é o filme. É bom, Peter?

— Não sei. Ainda não o vi.

— Seria bom que nós soubéssemos. Ficaríamos então conhecendo a nossa verdadeira posição.

— Saberemos depois de amanhã. Vai ser estreado em Los Angeles. Irei de avião para lá e assistirei ao filme. Dessa forma, teremos certeza.

— É uma boa ideia — disse o advogado. — Mas você vai passar a noite toda no avião.

— Não tem importância. Ao menos, estarei preparado para enfrentar os canalhas na próxima reunião.

— Quando será?

— Na semana que vem. Na quarta-feira — respondeu Peter.

Não havia tempo de avisar Esther da sua ida. Mas não tinha muito importância. Estaria lá no fim da tarde.

A voz de Dulcie estava muito alegre pelo telefone.

— É claro que irei à preview, Mark! Não a perderia por nada!

— Posso então passar por aí para pegá-las às seis e meia?

— Pode. Jantaremos aqui e depois iremos para o cinema.

— Ótimo — disse ele, sorrindo. — Ótimo!

Desligou o telefone e ficou assobiando, muito contente. Talrez agora, depois do filme pronto, ela afinal cedesse.

# 13

Peter chegou em casa quando a família se sentava à mesa para jantar. Ficou ali na porta com o rosto todo vermelho de haver subido a escada correndo. O avião pousara no aeroporto de Los Angeles havia menos de uma hora.

Esther levantou-se imediatamente da mesa com uma exclamação de alegria e correu para ele.

— Peter, você está em casa! Quase não posso acreditar!

— Sim, Mãe — disse Peter, sentindo os olhos molhados. — Estou em casa.

Doris se aproximou então dele e beijou-lhe o rosto.

— Papai! Alguma coisa me dizia que você viria passar as festas em casa!

Peter dirigiu-se para a mesa com o braço passado pelos ombros de Esther. Era bom estar em casa. Achava às vezes que os negócios não compensavam tudo de que privaram uma pessoa. Nunca se era senhor do próprio corpo. E ele já estava ausente de casa havia mais de seis meses.

— Onde está Mark? — perguntou.

— Foi jantar fora — respondeu Doris.

— Fora? — repetiu ele, como se não pudesse compreender.

— Sim — disse Esther. — Ele explicou que tinha ainda alguns assuntos importantes para resolver.

Peter estranhou. Sempre que havia uma estreia de surpresa, toda a família jantava junta e ia depois para o cinema.

— Não vão então à preview.

— Que preview? — perguntou Esther.

— A do filme de Mark, Fiquemos Unidos!

— Não sabíamos de nada — disse Doris. — Quando é que vai ser?

— Esta noite, às oito e meia, no Rivoli.

— Isso é novidade para nós — disse Doris. Peter olhou para Esther e disse com voz irritada: — Às vezes, não posso compreender esse rapaz! Por que

não disse nada a vocês? Ele sabe que a família nunca deixou de ir a uma preview!

— Talvez estivesse muito ocupado e esqueceu — disse ela.

— Pois não podia esquecer! Ela segurou-lhe a mão e sorriu.

— Não se aborreça sem necessidade. Afinal, você está em casa, iremos nós juntos e tudo está resolvido. É que o menino está trabalhando demais, Peter, e pode ter esquecido. Agora, sente-se e jante calmamente. Você deve estar cansado da viagem.

Mark já estava na fase em que começava a engrolar as palavras. O rosto estava afogueado e havia gotas de suor no seu lábio superior. Agitava nervosamente as mãos.

— Depois da estreia, iremos comemorar. Andaremos pela cidade toda. Todo o mundo então saberá quem sou eu.

Dulcie olhava-o com um sorriso divertido. Hollywood já sabia quem ele era. O povo ali tinha uma intuição que dizia com segurança quem era sucesso e quem não era. O sucesso era um ímã que atraía as pessoas. Podia-se sempre avaliar o sucesso de alguém pelas pessoas que o cercavam. Quando se era um sucesso de verdade, tinha-se como amigos os maiores nomes de Hollywood. Quando não se era, vivia-se no meio de uma turma de exploradores e oportunistas que só procuravam tirar proveito à custa dos outros. Todos os amigos de Mark eram dessa última classe. Ela não sabia de ninguém que tivesse um pingo de respeito por ele. Riam e falavam mal dele pelas costas.

Na realidade, ela não tinha a menor vontade de ver o filme. Sabia que não valia nada. Isso já havia transpirado do estúdio e todo o mundo sabia. Mas ela queria ver até que extremos de ruindade ele chegara. Não podia perder esse último momento de triunfo. Depois, quando voltassem para casa, daria o fora nele. De vez!

— Está ficando tarde, Mark — disse ela, olhando para o relógio. — É melhor irmos indo.

— Há tempo de sobra — disse ele.

— Vamos agora. Quer chegar atrasado à preview do seu filme? -

As previews de surpresa de Hollywood decorriam com a intimidade que se pode ter num circo. A ideia original era exibir o filme imprevistamente em algum cinema pequeno para observar a reação típica de um público médio. Distribuíam-se aos espectadores cartões nos quais se pedia que escrevessem no verso a sua opinião sobre o filme que tinham acabado de ver. Os cartões eram mandados para o estúdio que fizera o filme e dessa maneira o produtor ficava sabendo se o filme era bom ou não.

Com o tempo, porém, o fato da surpresa ao público fora perdido. Quase misteriosamente, quando se planejava uma estreia de surpresa todo mundo ficava sabendo de antemão e havia sempre uma multidão em fila diante do cinema. A atração era dupla. Podia-se dizer depois que se tinha visto o filme antes dos outros, o que satisfazia a vaidade, e havia sempre a esperança de ver os artistas famosos e os figurões do cinema que não deixariam de comparecer.

A entrada do cinema estava repleta quando Peter chegou com Esther e Doris. O chefe da publicidade do estúdio que estava ao lado do porteiro viu-o e foi cumprimentá-lo atenciosamente.

— Boa noite, Sr. Kessler. O filme já vai começar. Vou conseguir alguns lugares.

Seguiram-no. O cinema já estava às escuras, mas era possível ver que estava superlotado. No centro do cinema, algumas filas tinham sido reservadas por um cordão de isolamento para o pessoal do estúdio. Peter entrou com a mulher e a filha na última fila dessa parte reservada.

Sentou-se e olhou em torno. Os seus olhos já se iam habituando à escuridão e ele reconheceu várias pessoas. Havia ali uma atmosfera de tensão ausente do resto do cinema. O futuro ou ao menos as perspectivas imediatas daquela gente dependiam do êxito ou do insucesso do filme que ia ser exibido. Peter sentia a testa banhada de suor. Não era que estivesse fazendo calor. As estreias sempre o deixavam assim.

Procurou a mão de Esther. Ela lhe sorriu na escuridão.

— Nervoso?

— Mais do que com os meus filmes — murmurou ele.

Ela compreendia. Sabia muito bem quanto aquilo era importante para ele. Para ela, também. Era o primeiro trabalho do filho deles. Por isso mesmo, a ansiedade era maior.

Peter correu os olhos pelas filas à sua frente à procura de Mark. Viu-o sentado ao lado de uma moça, com quem conversava. Teve a vaga impressão de que a conhecia, mas ali no escuro não conseguiu identificá-la. Mark estava bem à frente dele e Peter já ia bater-lhe no ombro para dar-lhe notícia da sua presença, quando o tema musical com que sempre se iniciavam os filmes da Magnum lhe chegou aos ouvidos. Faria a surpresa a Mark depois do filme. Seria ainda melhor.

Olhou para a tela cheio de expectativa. No canto direito inferior apareceu uma garrafa verde com um rótulo dourado. A garrafa foi-se movendo para o centro da tela, ao mesmo tempo que se aproximava cada vez mais até poder ver-se em letras vermelhas no rótulo: Um Filme da Magnum.

De repente, ouviu-se o som característico e a rolha saltou da garrafa. A borbulhante champanha dourada começou a escorrer do gargalo.

Uma mão de homem surgiu de repente e levantou a garrafa. Uma mão de mulher aproximou dela uma taça de cristal. A garrafa se inclinou e a taça se encheu até transbordar. A garrafa e a taça começaram a entrar em fading e as palavras foram aparecendo em majestosas letras góticas.

"Mark G. Kessler, Vice-Presidente Encarregado da Produção apresenta

FIQUEMOS UNIDOS

Peter voltou-se para Esther.

— Que história é essa de Mark G.? Que quer dizer esse "G"?

— Não sei... Ah! Talvez seja Greenberg, meu nome de solteira.

Da fila de trás alguém bateu no ombro de Peter, dizendo: — Só porque vocês entraram de graça, não têm o direito de fazer tanto barulho!

— Perdão — disse Peter, voltando-se para a tela. O homem tinha razão e não era boa política irritar os fregueses que pagavam.

Peter sentiu o estômago embrulhado logo que o filme começou. Alguns minutos depois, tinha certeza de que o filme era um abacaxi. Nem era preciso olhar para a tela para saber disso. Bastava prestar atenção aos comentários da plateia, os acessos de tosse e de riso que surgiam aqui e ali pelo cinema. Sentiu-se tomado de infinito desalento e se encolheu todo na cadeira.

Pela primeira vez, tudo se tornou claro para ele. Era preciso ver outra pessoa cometer os mesmos erros que sempre se haviam cometido com toda confiança, pensando-se que estava certo, para que se visse como se estava errado. Assim aconteceu com Peter. Quando viu o filme de Mark na tela percebeu perfeitamente os seus próprios erros. Foi então que uma impressão de fracasso caiu sobre ele. Compreendeu que fora superado pela indústria e que nunca chegara realmente a compreender o papel do som nos filmes.

Johnny tinha toda a razão a respeito de Gordon. Devia tê-lo ouvido. Olhou para Esther e pôde perceber o seu olhar compungido.

Sentiu a raiva crescer dentro dele. Ainda que Johnny estivesse certo a respeito de Gordon, nunca devia ter insistido na realização daquele filme.

Viu à frente dele Mark inclinar a cabeça para o lado da moça. Ouviu o riso calmo dela e teve de novo a impressão de conhecê-la. Quis saber de repente o que Mark estava dizendo. Curvou-se para a frente na sua cadeira, ficando encolhido bem atrás deles.

De repente, sentiu o sangue gelar-se nas veias. Que era mesmo que Mark estava dizendo? Estava-se gabando de haver passado a perna em todo o mundo.

O velho ainda estava culpando Johnny de tudo. Era esperto ou não era? A moça riu com ele e parecia satisfeita com o que ele dizia.

Peter acomodou-se de novo na cadeira. Estava todo trêmulo. Não viu absolutamente o resto do filme. Tinha os olhos cheios de lágrimas. O tempo perdera todo o sentido para ele. Seu filho, seu sangue e sua carne. Se ele era capaz de fazer isso, em quem podia ele confiar?

O filme afinal acabou. Continuou sentado na cadeira, com os olhos fechados, quando as luzes se acenderam. Abriu-as lentamente.

Mark estava se levantando e ajudava a moça a vestir o agasalho. Peter o viu ir saindo cercado de uma porção de gente. Nisso, a moça voltou a cabeça e ele a reconheceu.

Dulcie Warren! Que estaria Mark fazendo com ela? Bem sabia o que o pai pensava daquela mulher. Viu-a beijar afetuosamente o rosto de Mark. Ficaram depois cercados pela multidão e ele não viu mais nada.

— Não é filme para as massas, Mark — disse alguém. — Não vão compreender e não vão gostar.

—Sempre soube disso — afirmou Mark. — Nunca acreditei na inteligência dos frequentadores comuns de cinema.

De repente, viu o pai à sua frente, com o rosto contorcido de raiva.

— Peter! — exclamou ele, tentando sorrir sem conseguir. —- Que está fazendo aqui? Não sabia que havia chegado!

Sentiu que Dulcie imediatamente puxara o braço que estava passado pelo seu.

— Você não sabia que eu estava aqui! — conseguiu afinal exclamar Peter. — Mas estava! Sentei-me atrás de você e ouvi tudo o que você disse a essa... a essa mulher barata! Ouvi tudo o que você disse!

Mark olhou em torno ansiosamente. Havia um ar de expectativa nas pessoas que os cercavam. Já outras pessoas acorriam, atraídas pela agitação. Estavam começando a observar a cena com mórbido prazer.

— Papai! — disse Mark muito pálido, apontando as pessoas em volta.

— Que é que há, Mark? — perguntou Peter. — Está com vergonha de que os outros saibam o que você fez? Fez um filme bom demais para as massas, não foi? Pois vou dizer uma coisa! Um filme só é bom demais para as massas quando se trata de um abacaxi nojento como esse que você fez!

Houve risos entre os circundantes. Mark sentiu o sangue queimar seu rosto e desejou que o chão se abrisse para engoli-lo. Olhou cheio de esperança para Dulcie, mas ela já não estava ao lado dele e se encaminhava apressadamente para a saída do cinema.

— Mas, Papai... — murmurou ele, quase chorando.

— Quem está procurando, Mark? — gritou o pai, ainda aos gritos. — Aquela sujeita? Quer ir com ela? Que é que está esperando? Vá! Já fez aqui todo o mal que podia fazer! Já me fez perder a companhia! Agora pode ir para a sarjeta com ela, que é lá o seu lugar!

Calou-se de repente ao ver Esther, que se aproximava dele por entre a multidão.

Mark olhou para os pais. Viu os olhos de Esther cheios de lágrimas, enquanto procurava afastar o pai. Deu um passo na direção dela. Mas Esther sacudiu a cabeça sobre os ombros de Peter e apontou-lhe a saída. Mark foi-se afastando.

O pai então gritou-lhe: — E não volte nunca mais, imprestável! Traidor!

Mark ouviu de passagem alguém dizer: — Isso foi bem melhor do que o filme. Valeu o preço da entrada. Não lhe digo que essa gente de cinema é assim mesmo? Não há um só que preste!

Sentia a garganta seca. No dia seguinte, toda Hollywood estaria falando e rindo dele. Abriu a porta do seu carro com raiva. Entrou, cruzou os braços sobre o volante, descansou a cabeça neles e começou a chorar.

Peter e Esther estavam sentados atrás no carro. Doris ia na frente dirigindo. O pai estava falando em voz baixa e ela não podia ouvir o que ele estava dizendo.

— A única chance que temos agora são as ações, Esther. Se Johnny votar comigo, talvez ainda seja possível dar um jeito nas coisas.

— Descanse — disse Esther gentilmente, fazendo a cabeça dele pousar no seu ombro. — Não se preocupe. Você pode confiar em Johnny.

Mas durante todo o tempo o seu coração de mãe gemia dentro dela: “Mark, Mark, você era um menino tão bonzinho. Como foi fazer isso com seu pai?”

# 14

— Não vai me levar para casa? — perguntou a voz calma de Dulcie do banco de trás do carro.

Quando havia saído do cinema, não encontrara um táxi e entrara no carro de Mark para livrar-se dos olhares maldosos.

Mark levantou lentamente a cabeça e olhou para trás. A brasa do cigarro de Dulcie brilhava na escuridão.

Fizeram a viagem em silêncio. De vez em quando, Mark a olhava pelo canto dos olhos. Parecia imperturbável, mas ele sabia que ela estava nervosa, pois acendia um cigarro atrás do outro.

Ela meteu a chave na fechadura, entreabriu a porta e disse, encarando-o firmemente:

— Boa noite, Mark.

— Como assim? Depois de tudo o que aconteceu esta noite, você só tem isso para dizer?

— O que mais é preciso dizer? — perguntou ela, encolhendo os ombros, entrando e tentando fechar a porta. — Tudo está acabado. Não há mais nada entre nós.

Ele impediu com o pé que ela fechasse a porta e ficou a olhá-la, fremente de raiva.

Ela o olhou ainda muito calma e segura de si.

— Estou muito cansada, Mark. Saia que eu quero dormir.

Ele ficou imóvel ali por um momento. Depois, empurrou-a para dentro do apartamento e entrou, fechando a porta.

— Que quer dizer isso, Mark? Por que não vai para casa? O dia foi bem duro para todos nós.

Ele foi a um armário e tirou uma garrafa de uísque, da qual bebeu diretamente. Sentiu queimar a garganta e voltou-se para ela.

— Ouviu o que meu pai disse?

— Amanhã, ele estará mais calmo — disse ela, calmamente. — Agora, quer fazer o favor de ir para casa?

Ele estendeu as mãos e agarrou-a rudemente, ao mesmo tempo que a beijava, esmagando-lhe a boca. Ela se debatia, tentando livrar-se dele.

— Solte-me, Mark! — gritava ela, já com sinais de medo na voz. — Você não sabe o que está fazendo!

— Não? Pois já devia ter feito isso há muito tempo!

Dulcie estava verdadeiramente assustada. O rosto dele tinha um ar alucinado que ela nunca havia visto. Lutou com ele, arranhou-o, empurrou e afinal conseguiu soltar-se.

— Saia daqui! — gritou. Ele sorriu.

— Você fica ainda mais bonita quando está zangada, Dulcie! Mas você deve saber disso! Quantos homens já lhe disseram a mesma coisa?

Estendeu a mão e agarrou-lhe o ombro. Dulcie se desvencilhou, mas ele conseguiu segurá-la pelo vestido, que se rasgou de alto a baixo nas suas mãos.

Agarrou-a de novo. Ela agora lutava desesperadamente com as unhas, com os dentes, com toda a força que tinha.

— Largue-me! Largue-me, maluco!

De repente, ele estendeu o braço e deu-lhe uma bofetada. O impacto deixou-a meio tonta. Ele tornou a bater e ela caiu no chão, deixando o resto do vestido nas mãos dele. Ele curvou-se sobre ela e deu-lhe outra bofetada.

Ela cobriu o rosto com as mãos e gritou: — No rosto não! No rosto não!

Ele riu.

— Por que, Dulcie? Está com medo de perder a beleza?

Ela sentiu que ele lhe arrancava o resto da roupa e de repente ela se sentiu nua no chão. Tirou as mãos dos olhos e olhou-o. Ele estava tirando a roupa. Inerte, sem a menor reação, ela o viu tirar as peças de roupa, uma por uma. De repente, sentiu um arrepio pelo corpo todo. Olhou e viu manchas roxas pelo corpo todo. Começou a tremer de medo.

Ele se aproximou dela. Dulcie olhava-o convulsivamente, com os olhos dilatados pelo pavor. Ele estendeu a mão e deu-lhe outra bofetada. Sentiu a cabeça rodar. Mal pôde entender o que ele dizia.

— É pena que não haja uma sarjeta à mão. Mas o chão mesmo serve!

E caiu sobre ela.

# 15

A sala de reuniões no Waldorf Astoria já estava cheia da fumaça dos cigarros quando Johnny correu os olhos em torno. Sentado em frente, Ronsen, com a testa cheia de gotas de suor, falava em voz baixa com Floyd e Randolph.

Johnny olhou para o relógio. Peter deveria chegar a qualquer momento. O avião em que ele vinha chegara ao aeroporto havia uma hora.

Ronsen se agitou inquieto sob o seu olhar. Tinham-se apenas cumprimentado secamente quando Johnny entrara na sala meia hora antes. Estavam todos à espera de Peter. De repente, fez-se silêncio na sala e uma leve tensão pareceu pairar no ar.

Ouviram-se vozes diante da porta. Esta se abriu e todos os olhos se voltaram para Peter que entrava. Esther e Doris vinham com ele.

Johnny teve uma surpresa ao ver Doris. Os homens se levantaram constrangidos e ficaram olhando para as duas mulheres.

O rosto de Peter estava cansado enquanto ele fazia as apresentações. Johnny aproveitou-se desse momento para piscar o olho para Doris, que lhe sorriu em resposta.

Peter jogou o chapéu e o sobretudo numa cadeira vazia e tomou o seu lugar à mesa. Esther sentou-se ao lado dele e Doris foi sentar-se numa cadeira junto à parede.

— Podemos começar? — perguntou Peter. — Na qualidade de presidente, declaro aberta a sessão.

Johnny pegou a caneta, olhou para o relógio e anotou a hora. Quando levantou os olhos, Ronsen já estava de pé. Johnny sorriu tristemente. Não queriam perder tempo.

— Sr. Presidente — disse Ronsen.

— Sr. Ronsen — respondeu Peter.

Os olhos de Ronsen estavam voltados para Peter. Embora falasse em termos impessoais, as suas palavras eram-lhe diretamente endereçadas.

— Em vista das condições existentes no estúdio e na companhia em geral — assuntos que são naturalmente motivo de grande preocupação para a diretoria — gostaria de saber se a presidência levaria em consideração uma proposta de compra das suas ações na companhia.

Peter encarou-o e respondeu com voz seca e firme:

— Não.

Da maneira pela qual Peter havia falado, Johnny compreendeu que ele estava zangado. Ronsen iria ter de enfrentar uma boa luta. Sentiu-se orgulhoso de Peter. Lembrou-se de outra ocasião havia muito tempo em que Peter enfrentara Segale, do velho consórcio, com a maior disposição. Mas ele tinha naquele tempo uma energia que os anos lhe haviam tirado.

Ronsen ainda estava de pé, olhando para Peter.

— Gostaria de fazer notar à presidência que alguns acionistas intentaram uma ação que, se chegar a julgamento em juízo, poderá ser extremamente embaraçosa.

Peter sacudiu a cabeça.

— Aprendemos desde muito tempo nesta indústria a enfrentar as coisas embaraçosas, Sr. Ronsen. Estamos habituados ao peso da opinião pública e dela não temos medo.

Levantou-se e continuou, encarando Ronsen: — Enquanto eu representar o interesse controlador nesta companhia, não pensarei em vender as minhas ações. E ninguém conseguirá intimidar-me, principalmente pessoas que fazem acordos com a exclusiva intenção de violá-los. Na minha opinião, essas pessoas não passam de escroques.

Um estranho brilho apareceu nos olhos de Ronsen, que disse:

— Diante da declaração do presidente, consentiria o mesmo que a decisão fosse transferida aos acionistas?

— A presidência consente — disse Peter.

Ronsen olhou em torno e falou, com uma leve nota de triunfo na voz.

— Creio que todos os acionistas estão representados nesta reunião. Ficaria a presidência satisfeita com uma votação oral? Os votos por escrito podem ser tomados depois, se assim se quiser.

Peter voltou-se para Johnny quando Ronsen se sentou.

— A proposta consiste numa decisão sobre se eu devo ou não vender as minhas ações. O secretário quer ter a bondade de fazer a chamada?

Sentou-se e ficou olhando para Johnny. Este olhou-o, sentindo o coração bater-lhe desabaladamente no peito. Peter não sabia que ele havia perdido as ações? Doris não lhe havia dito nada? Olhou-a. Ela estava com a mão fechada diante da boca e com os olhos muito abertos no rosto pálido e amedrontado.

Levantou-se e disse, tentando desesperadamente afastar o inevitável:

— Penso que tal decisão não deve ser apresentada à diretoria na presente reunião.

Peter olhou-o.

— Não seja tolo, Johnny! Recolha os votos! Johnny hesitou.

— Está bem. Então, eu mesmo farei isso.

Johnny sentia-se todo trêmulo quando se sentou. Tornou a pegar na caneta, mas a mão tremia tanto que não conseguia escrever.

A voz de Peter era firme.

— Sejamos rápidos, senhores. A presidência vota contra a proposta. São 45% das ações. Agora, Johnny.

Johnny olhou para ele, abriu a boca e não conseguiu falar. Fez um esforço e a voz lhe saiu estrangulada e rouca.

— Eu... não posso votar, Peter.

— Que história é essa de não poder votar? Vamos, Johnny! Vote e acabemos com isso!

Foi quase um grito de agonia que partiu dos lábios de Johnny.

— Não tenho mais as ações!

— Quem é que as tem então? — perguntou Peter sem acreditar.

Ronsen se levantou com um ar de triunfo no rosto. — Eu, Sr. Presidente.

Johnny olhou-o com raiva. Ele devia ter sabido que Ronsen é que havia influenciado Vic a vender as ações. Que dois canalhas!

O rosto de Peter estava mortalmente branco. Sentou-se na cadeira para não cair, olhou para Johnny e disse com voz cavernosa: — Você me vendeu, Johnny! Você me vendeu!

# 16

Johnny tocou a campainha. Pouco depois, ouviu o rumor de passos que se aproximavam. A porta se abriu e Doris apareceu.

Ele entrou no hall e beijou-a.

— Já teve oportunidade de falar com Peter, Doris? Ela levou-o para a sala e disse: — Não, Johnny. Ele não deixa ninguém dizer nada sobre você. Nem escuta. Contei tudo a mamãe, mas isso não adianta. Ela também não pode falar. Ele diz que não quer nunca mais ouvir falar nem em você, nem em Mark.

— Como é teimoso! — disse Johnny, acendendo um cigarro. — Logo agora é que essa teimosia alemã foi aparecer. E nós?

— E nós, Johnny?

— Vamos nos casar ou não?

— Temos de esperar, Johnny. Isso só serviria para enfurecê-lo ainda mais.

Ele pegou a mão dela e disse:

— Já estou ficando cansado de esperar.

Ela não respondeu. Havia nos seus olhos um apelo terno à sua paciência.

— Que é que está fazendo aqui? — gritou de repente da porta a voz de Peter.

Johnny olhou-o espantado. O rosto de Peter tinha um aspecto feroz.

— Vim ver se meto um pouco de juízo nessa dura cabeça alemã! — disse ele.

A resposta de Peter foi estridente.

— Saia já da minha casa, Judas!

Johnny levantou-se.

— Peter, por que você não me escuta? Devia saber que eu...

— Não me venha com explicações mentirosas! Sei muito bem o que você fez!

Voltou-se para Doris e perguntou: — Foi você que o chamou aqui?

— Não — disse Johnny antes que ela pudesse falar. — A ideia foi minha. Tínhamos uma coisa para resolver.

— Que coisa? Está querendo fazer com que ela também fique contra mim? Não basta o que já fez? Não está satisfeito ainda?

— Queremos nos casar — disse Johnny.

— Casar? Doris se casar com você? Com um antissemita? Prefiro vê-la morta! Saia de minha casa antes que eu o ponha para fora!

— Papai — disse Doris — tem de escutar Johnny. Ele não traiu você. Deu as ações em garantia...

— Cale-se! — gritou Peter para ela. — Se for com ele, não quero mais vê-la! Se for com ele, ficará contra os seus, contra seu sangue e sua carne! Pensa que eu não sabia que ele sempre teve inveja de mim? Que sempre manobrou pelas minhas costas para me roubar a companhia? Quando penso como fui idiota de confiar tanto nele, tenho até vontade de chorar. Ele não era melhor do que os outros! Todos eles odeiam os judeus! Ele é igualzinho ao resto! E agora está querendo voltar você contra mim!

Ela olhava para o pai com as lágrimas a correr-lhe pelo rosto.

Johnny olhou para Peter e disse amargamente: — Você não é capaz de escutar e, ainda que escutasse, não acreditaria. Você é um homem amargo e de espírito envenenado. Só espero que um dia consiga entender que está errado!

Pegou o chapéu e deu alguns passos em direção à porta. Esther passou por ele, entrando na sala, e ele nem a notou. Tinha os olhos em lágrimas e a voz lhe tremia quando perguntou: — Você vem comigo, Doris?

Ela sacudiu a cabeça e se aproximou do pai e da mãe. Esther tomou-lhe a mão.

Johnny ficou ali durante algum tempo, olhando-a. Afinal, a áspera voz de Peter chegou-lhe aos ouvidos.

— Vá embora! O que está esperando? Já não viu que ela não vai? Volte para junto dos seus amigos, dos seus sócios patifes! Pensa que pode confiar neles? Pois sim! Quando não precisarem mais de você, vão lhe dar um pontapé! Como você fez comigo quando não precisou mais de mim!

Os olhos de Johnny estavam cheios de lágrimas. Peter continuava a falar: — Sempre achou graça, não foi? Riu à vontade do modesto dono de uma loja de ferragens em Rochester que pensou que podia ser um homem de cinema, não foi mesmo? Resolveu fazer o que quisesse com ele, servir-se dele e, quando não precisasse mais dele, deixá-lo de lado, não é verdade? Eu devia ter sabido. Confiei em você e você durante todo o tempo fez pouco de mim. Fez-me pensar que a companhia era minha e sempre julgou que era toda sua. Agora, já se divertiu à vontade com o judeuzinho de Rochester e tudo está acabado. Pode orgulhar-se do que fez, porque nunca desconfiei de você! Agora, a sua obra está terminada e você pode ir embora. Nada mais pode tirar de mim!

De repente, a voz de Peter mudou de tom. — Por que fez isso, Johnny? Por quê? Por que esperou tanto tempo para fazer isso quando em qualquer ocasião bastava você chegar perto de mim e dizer: “Peter, não preciso mais de você. Está superado e deve abandonar a indústria”. Sabe que se tivesse feito isso, eu lhe entregaria tudo sem esforço? Não queria mais dinheiro nem lutas. Tive tudo isso de sobra! Mas não! Tinha de ser como você queria! Cravando-me a faca nas costas!

Ficaram se olhando durante muito tempo. Parecia até que estavam sozinhos na sala. Johnny procurava encontrar nos olhos de Peter algum calor, mas viu que estavam frios e implacáveis.

Olhou para Doris e para Esther. Viu que pediam mudamente que esperasse, que desse tempo a Peter.

Afinal, voltou-se para a porta e saiu. O coração parecia de chumbo enquanto ele seguia pelo corredor a caminho do elevador.

Trinta anos. Trinta longos anos. Metade de uma vida para acabar naquilo!

# CONSEQUÊNCIAS

## 1938

# Domingo e segunda-feira

Partimos às seis da manhã, tomamos café e almoçamos na estrada. Eram duas horas da tarde e o sol ainda estava bem alto no céu quando entramos pela estreita estrada de terra que levava à casa da fazenda. Alguns homens que estavam no campo levantaram a cabeça para ver-nos passar, com os rostos amorenados sob os chapéus de palha de abas largas com que resguardavam as cabeças dos raios do sol. Alguns minutos depois, paramos em frente a casa.

Um homem apareceu na varanda para ver quem era. Era um homem grande, de rosto redondo e cabelos pretos. Reconheci-o. Vic Guido.

Saltei do carro e fui até à varanda.

— Como vai, Guido?

Ele tirou os óculos do bolso da camisa e olhou para mim.

— Johnny Edge! — exclamou sem entusiasmo. — Que é que está fazendo por aqui?

Abri a porta do carro, dei a mão a Doris para ela descer e disse:

— Vim ver seu patrão. Onde está ele?

— Está lá nos fundos, perto do velho carroção do parque, vendo o pessoal jogar bocha. Quer que vá com você para mostrar-lhe o caminho?

— Não, muito obrigado. Sei qual é o caminho.

Vic não disse mais nada. Deu-me as costas e voltou para dentro da casa.

— Esse homem sempre me gela o sangue — disse Doris, estremecendo.

— Vic não é má pessoa — disse eu, dando volta à casa de mãos dadas com ela. — Mas procede sempre assim quando estou presente. Acho que é porque tem ciúme da amizade que Al tem por mim.

Estávamos já nos fundos da casa e eu ouvia o rumor das vozes exaltadas.

O carroção do parque estava acerca de duzentos metros dos fundos da casa e parecia um tanto deslocado ali na terra plana da fazenda. Era pintado de vermelho vivo e no lado viam-se em letras amarelas as palavras “Parque de Diversões Santos”. Havia cerca de vinte homens perto dele, dos dois lados da cancha de bocha.

Bocha é um velho jogo italiano que se joga com bolas de madeira dura. Um homem joga uma bola ligeiramente menor para o fim da cancha e os jogadores procuram então fazer rolar as bolas maiores para o mais perto possível dela. Nunca pude ver o que podia haver naquilo para despertar tanto interesse e

provocar tanto nervosismo da parte dos jogadores, mas a verdade é que nunca pude entender o jogo inteiramente.

Al estava sentado na escadinha do carro, com um charuto apagado no canto da boca, olhando o jogo. O seu rosto moreno e enrugado se abriu num sorriso ao ver-nos. Levantou-se, tirou o charuto da boca e me abriu os braços.

— Johnny!

Fiquei um pouco embaraçado com a alegria que ele sentia com a minha presença, pensando nos motivos que me levavam a procurá-lo.

— Alô, Al — disse, estendendo-lhe a mão.

Ele não quis saber de apertar-me a mão. Prendeu-me nos “braços e abraçou-me com força. Depois, afastou-se um pouco para olhar-me e disse:

— Foi muito bom você ter vindo. Estava agora mesmo pensando em você.

— O dia estava bem bonito para um passeio — disse eu, meio sem jeito.

Ele então se voltou para Doris e sorriu.

— Como fico satisfeito de vê-la, Doris! Ela lhe beijou o rosto e disse:

— Você está ótimo, Tio Al!

— E seu pai como é que vai, Doris?

— Bem melhor, muito obrigada. Acho que o pior já passou. Ele precisa agora é de tempo e repouso.

— Exatamente. Daqui a pouco, ele estará de novo como se nada tivesse acontecido. E você, Johnny?

— Vou bem — disse eu, enxugando o rosto com o lenço, pois fazia muito calor ali fora.

Ele me olhou com ansiedade e disse solicitamente:

— Por que não entram no carro? O sol está muito forte, principalmente para vocês que não estão acostumados.

Subiu a escada e abriu a porta. O sol brilhava sobre a sua camisa desabotoada e sobre o macacão azul-marinho. O carro estava fresco e escuro. Al riscou um fósforo e acendeu um velho lampião de querosene cuja luz amarela iluminou todo o carro.

Tudo estava exatamente como sempre. A grande secretária de tampo corrediço encostada a um canto e as camas feitas. Até a velha poltrona onde Al costumava sentar-se para ler o jornal estava lá.

Sorri para ele.

— Foi uma sorte eu ter comprado isso, sabe, Johnny? Um homem precisa sempre ter uma coisa do tempo da sua mocidade à mão para fazê-lo lembrar-se do que ele realmente é.

Era uma coisa curiosa, mas verdadeira o que ele havia dito. Nunca se julgara um banqueiro, apesar de todo o seu sucesso. Era e continuava a ser um homem do parque de diversões. Mas aquilo não me despertava as mesmas recordações. Talvez eu nunca tivesse sido um homem de parque de diversões. O que eu era mesmo era homem de cinema.

Logo que entramos, ele fechou a porta e fez uma pergunta que me surpreendeu.

— Que é que há, Johnny? Está em dificuldades?

Olhei para Doris e ela sorriu.

— Conte logo, Johnny. Todos os que lhe querem bem leem em você como num livro.

Dei um suspiro, voltei-me para Al e comecei a contar tudo. Escutava com os olhos vivos, o rosto atento, a boca fechada. Lembrei-me das inúmeras vezes em que havíamos conversado assim depois que todos os espetáculos tinham acabado. E me espantei de ver como ele ainda parecia o mesmo. Não podia crer que ele já tivesse seguramente os seus 77 anos.

Quando terminei, ele riscou um fósforo e acendeu o charuto. Depois, nada disse. Ficou ali calado, a olhar-me.

Ficamos tanto tempo assim que comecei a sentir-me mal. Senti um movimento na mão. Era Doris que procurava segurá-la. Olhei-a e sorri. Al percebeu isso. Nada lhe escapava aos olhos vivos. Foi então que me disse com voz bem calma:

— Que é que você deseja que eu faça?

— Não sei, Al. Acho que nada pode fazer. Mas você era a minha última esperança e eu não podia deixar de vir falar com você.

— Você quer a companhia, não quer? — perguntou ele mansamente.

Lembrei-me do que Peter dissera na véspera. Ele estava certo.

— Quero, sim, Al. Passei trinta anos de minha vida naquela companhia e aquilo não é mais uma ocupação ou um meio de vida. É uma parte de mim mesmo que eu não quero perder. É como a perna que perdi na França. Posso talvez viver sem a companhia. Pode ser até que um dia encontre um substituto tão bom quanto esta perna artificial. Presta bons serviços, a gente se acostuma, mas no fundo sabe-se que não é a mesma coisa.

— Você talvez esteja errado, Johnny. Quando eu tinha a sua idade deixei o único trabalho de que gostava. Graças a isso, acabei como um homem rico. Quem sabe se já não é tempo de você deixar também?

— Se fizesse isso, Al, nunca poderia comprar um estúdio e levá-lo para o meu quintal como você fez com este carroção.

Ele ficou calado e imóvel. Só a ponta em brasa do charuto mostrava que não era uma estátua. Afinal, tirou o charuto da boca e olhou-o atentamente. Depois, levantou-se, abriu a porta do carro e disse:

— Venham até a casa comigo.

Lá fora, o sol ainda estava quente e forte. Os homens continuavam a jogar quando passamos por eles a caminho da casa de Al. Entramos pela porta da cozinha.

Uma mulher gorda estava rolando massa numa grande mesa. Levantou os olhos quando entramos e disse algumas palavras em italiano a Al. Ele respondeu na mesma língua e nos levou para a frente da casa.

Paramos numa grande sala. Al nos disse que nos sentássemos e saiu para o corredor. Doris e eu nos olhamos. Não tínhamos a menor ideia do que ele ia fazer.

Ouvimos que gritava do corredor:

— Vittorio! Vittorio!

Alguém respondeu lá de cima e Al, depois de dizer alguma coisa em italiano, voltou para a sala.

— Vittorio já vem aí — disse ele e, sentando-se numa cadeira, ficou nos olhando.

Estava pensando no que Vittorio podia fazer quando de repente a voz de Al me interrompeu os pensamentos.

-— Quando é que vocês se casam? Estou cansado de esperar que se decidam.

Ficamos vermelhos como dois garotos e Doris respondeu por mim.

— Ficamos tão inquietos com a doença de Papai que nem tivemos tempo de falar sobre isso.

— Falar? Falar para quê? Não sabem ainda que devem casar?

Já ia responder quando vi o sorriso dele e percebi que estava apenas brincando conosco. Nesse momento, Vic entrou na sala e, sem tomar conhecimento da nossa presença, perguntou:

— Que é que você quer, Al?

— Ligue o telefone para Constantin Konstantinov em Boston.

Vic me olhou de relance e voltou-se para o patrão, prorrompendo numa saraivada de protestos em italiano.

Al levantou a mão num gesto enérgico e Vic se calou imediatamente.

— Mandei ligar para ele. Quero falar-lhe. E seja mais educado. Quando estiverem presentes pessoas que não compreendem italiano, fale em inglês. Não seja grosseiro. Criei Johnny desde pequeno e sei que posso confiar que ele nada dirá do que ficar sabendo aqui.

Vic me olhou desconsoladamente, mas foi para o telefone a um canto e tratou de pedir a ligação.

Olhei para Al. Não sabia que ele conhecia Konstantinov. Que iria ele fazer? Que poderia fazer? Era domingo e Konstantinov estava em Boston. Além disso, Konstantinov era um homem muito importante e que não dependia de ninguém nos seus negócios. Dizia-se que era um dos homens mais ricos do país, embora não fosse muito conhecido antes de 1927, quando a Corporação de Investimento de Boston começou a emprestar dinheiro à indústria cinematográfica.

— De que adianta falar com ele, Al? — perguntei. — Ele não vai nem escutá-lo.

Al sorriu. — Vai escutar, sim.

Nesse momento, Vic se aproximou e disse:

— Constantin está ao telefone, Al.

Al levantou-se, pegou o fone e sorriu para nós um momento antes de falar.

— Alô, Constantin! Como vai?

Fez uma pausa e disse em resposta a alguma pergunta:

— Vou passando muito bem, como velho, naturalmente. Nova pausa e ele voltou a falar:

— Queria conversar sobre a situação da Magnum. Não estou gostando do que está acontecendo por lá. Acho que devemos expor com muita clareza a nossa posição. A minha opinião é que o tal Farber só criará confusão e será um elemento extremamente perturbador dentro da companhia.

Escutou durante alguns minutos com paciência e depois disse com voz firme:

— Pouco importa o que Ronsen lhe tenha dito. Farber só irá criar conflitos dentro da companhia e talvez até impedir a sua marcha para a recuperação financeira. Quero que informe a Ronsen que o empréstimo não será reformado nem prorrogado se ele permitir a entrada de Farber na Magnum.

A outra voz se fez ouvir de novo no telefone. Quando se calou, Al disse:

— Exatamente. Diga-lhe categoricamente que não contará em hipótese alguma conosco se houver alguma alteração no pessoal administrativo da companhia. Isso mesmo. Constantin. Falarei de novo com você talvez ainda nesta semana. Adeus, Constantin.

Desligou o telefone e voltou para onde estávamos, sorrindo.

— Tudo resolvido, Johnny. Creio que não terá mais dificuldades com eles.

— Como pôde dizer a ele que devia fazer, Al? — perguntei, ainda espantado.

— É muito simples, Johnny. Acontece que a Corporação de Investimentos de Boston me pertence.

Depois, disse-me uma coisa que me surpreendeu ainda mais.

Fiz em silêncio a viagem de volta no carro. Aquele velhinho enrugado, de camisa desbotada e macacão azul surrado era na realidade o homem mais poderoso da indústria cinematográfica. Controlava o dinheiro que girava nela, viesse de onde viesse, do Leste ou do Oeste. Agora que eu saiba, tudo me parecia simples. Admirei mais uma vez o valor daquele homem que ainda se julgava um simples dono de parque de diversões. Fora esperto bastante para ver que um dia a indústria teria de sair do seu processo antigo de financiamento de filme a filme. E quando em 1925 as companhias começaram a voltar os olhos para a Wall Street, abriu um pequeno escritório no Leste. Na porta envidraçada estavam pintadas as palavras: Corporação de Investimentos de Boston.

O escritório constava de duas peças: uma sala de recepção e um gabinete, em cuja porta se lia: “Constantin Konstantinov, Vice-Presidente — Empréstimos”. Até então, Konstantinov havia trabalhado sob as ordens de Vic.

Em dois movimentados anos, quando as companhias se voltaram para o Leste em busca de financiamento, o escritório cresceu e em 1927 ocupava todo um andar num dos edifícios do centro comercial de Boston.

E assim quem queria financiamento para um filme de cada vez procurava o Banco Independence em Los Angeles. Quem queria financiar a produção de um ano inteiro, quarenta filmes por exemplo, procurava a Corporação de Investimentos de Boston. Sorri ao lembrar-me de gente das outras companhias que se gabava de ter conseguido escapar das mãos de Santos e não sabia ou nunca saberia que continuava a fazer negócios com ele, sob outro nome.

Em quanto andaria a fortuna de Al? Cinquenta milhões? Mais? Não tinha importância. Fosse quanto fosse, não poderia estar em melhores mãos.

Era quase dez horas quando chegamos de volta a casa. Fomos para a biblioteca e Doris preparou uísque para nós. Estávamos tomando o primeiro gole quando a enfermeira apareceu.

— O Sr. Kessler quer falar com vocês — disse ela.

— Ainda está acordado? — perguntei surpreso.

— Disse que não iria dormir enquanto não falasse com vocês. Sejam tão breves quanto possível. Ele não passou muito bem o dia e tem de repousar.

Deixamos os copos de uísque e corremos para o quarto dele. Esther estava sentada ao lado da cama, segurando a mão de Peter.

— Alô, Kinder — disse ela, ao ver-nos. Doris beijou a mãe e, depois, o pai.

— Como se está sentindo? — perguntou-lhe.

— Bem — disse ele, — mas tive a impressão — talvez porque a luz no quarto fosse fraca — de que ele estava bem mais abatido e fraco. Depois, voltou-se para mim e perguntou:

— Então?

— Tinha toda a razão, chefe — disse eu, sorrindo. — Ele nos ajudou. Tudo vai correr bem agora.

Descansou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. Ao fim de algum tempo, tornou a abri-los e olhou para mim. Talvez fosse a luz do quarto, mas me pareceu que havia uma sombra nos olhos dele. Mas a voz estava firme e havia nela uma nota de satisfação.

— Quando é que se vão casar?

Era a segunda vez que ouvia a pergunta naquele dia. Foi também Doris quem respondeu. Beijou o pai e disse: — Logo que você estiver bom e puder me dar o braço na igreja, Papai.

— Não demorem muito — disse ele, contendo as lágrimas. — Quero pegar ainda meus netos no colo.

Doris sorriu para mim. Aproximei-me da cama e disse: — Fique descansado, Peter, que você os pegará.

Ele sorriu de novo, sem responder.

A enfermeira nos fez sinal para sairmos.

— Boa noite, Peter — disse eu.

— Boa noite, Johnny.

Doris tornou a beijá-lo e perguntou: — Vem também, Mamãe?

— Não. Vou ficar aqui até ele dormir.

Lembro-me de ainda ter voltado a cabeça para vê-los da porta do quarto. Esther estava sentada ao lado da cama com a mão cobrindo a mão de Peter estendida para fora da colcha e sorrindo para nós.

Voltamos para a biblioteca. Logo que fechamos a porta, Doris me disse angustiadamente:

— Estou com medo, Johnny. Tomei-a nos braços.

— Medo de que, meu amor?

— Não sei, mas tenho a impressão de que vai acontecer alguma coisa terrível!

— Não pense nisso, querida. É apenas a sua reação a tudo o que aconteceu nesta semana. E não se esqueça de que o dia de hoje também não foi fácil. Você dirigiu mais de doze horas. É só isso.

— Acha mesmo, Johnny? — perguntou ela, com os olhos luminosos mais animados.

— Acho não, sei — disse, beijando-a.

Mas não sabia. Aquela era a última vez que eu via Peter vivo.

Cheguei cedo ao escritório. Queria estar presente quando os rapazes tivessem as tristes notícias. O dia estava belíssimo. Transpus assobiando os portões do estúdio.

O porteiro cumprimentou-me e disse:

— Belo dia, não é, Sr. Edge?

— Magnífico — disse-lhe eu com um sorriso feliz. Continuei, ouvindo o barulho dos meus saltos no chão cimentado. Muita gente vinha chegando. Eram atrizes, atores e extras, diretores, produtores, cameramen e assistentes; técnicos de som, encarregados do material e eletricistas; guarda-livros, secretárias, datilógrafas e escriturários; mensageiros e as mocinhas recém-saídas do ginásio que trabalhavam na mecanografia. Iam todos trabalhar. Era aquela a minha gente. Gente de cinema. Quando entrei no escritório, já encontrei Gordon à minha espera.

— Por que é que está tão contente assim? — perguntou ele ao ver-me.

Tirei o chapéu e o sobretudo, joguei-o numa cadeira e sentei-me à minha mesa.

— É que o dia lá fora está tão lindo que não vejo motivo algum para ficar enfarruscado. Bom dia, Robert! Sabe que está com uma gravata muito bonita?

Ele me olhou como se eu estivesse maluco. Talvez eu estivesse mesmo um pouco fora dos eixos naquela manhã, mas que mal fazia? Se ser maluco era aquilo, nunca mais queria estar no meu juízo perfeito. Era tão bom!

Fiquei a olhá-lo maliciosamente até ele começar a sorrir. Afinal, levantou-se da cadeira e me disse:

— Você está bêbedo!

— Juro que não toquei numa gota!

Ele me olhou incredulamente e, então, tornou a sorrir, perguntando:

— Então, pode-me dizer que eu guardarei segredo. Onde foi que enterrou o patife?

— Oh, Bob! Como é que se atreve a falar assim do nosso eminente presidente da diretoria?

Ele meteu as mãos nos bolsos e disse:

— Quando falei com você na sexta-feira à noite, parecia que lhe haviam batido com um martelo na cabeça. Agora, vejo você satisfeito e alegre como um

canário. Só posso chegar a uma conclusão: ou você está bêbedo ou matou-o. Vamos, Johnny, conte tudo. Talvez eu possa ajudá-lo a enterrar o homem.

— Não lhe disse que tinha um plano, Bob?

— Disse, sim.

— Pois bem, é tudo muito simples. Uma coisa, outra e de repente o nosso amigo recebe um telefonema dos seus banqueiros em Nova York e pronto! Farber sai voando pela janela levando de reboque o sobrinhozinho!

— Sério, Johnny? — perguntou ele, sorrindo.

— Duvida então de John Edge, o homem mais honesto deste lado de Las Vegas? — perguntei em tom de brincadeira.

— Nem posso acreditar! Como foi que conseguiu isso, Johnny?

— Segredo comercial, meu filho. Algum dia, quando você crescer, Papai Johnny lhe abrirá os olhos... Mas agora, toca a trabalhar! O dever o chama, Robert, e eu não permitirei que se esquive.

Ele foi sorrindo até à porta e, depois de abri-la, curvou-se com os dois braços estendidos e disse:

— Teu escravo te obedece, senhor!

Ri e, depois que ele saiu, virei a cadeira e olhei pela janela. Que dia! Era um dia para figurar em cartazes de propaganda do turismo. Uma bela moça maquilada passou por diante da minha janela. Era o que faltava para completar o cartaz com as palavras: “Visitem a Califórnia”. Levantei-me da cadeira, fui até à janela e assobiei para a moça.

Ela levantou os olhos, viu quem eu era, sorriu e me deu adeus. Dei-lhe também adeus e ouvi-lhe a voz: “Alô, Johnny!” Fiquei a olhar o seu andar sofisticado até ela desaparecer. Era bonita e inteligente. Já conseguira destacar-se da multidão de extras. Tinha também energia e ambição. Era gente minha. Gente de cinema.

Voltei para a cadeira e sentei-me. Acendi um cigarro. Nunca me sentira tão bem na vida.

Eram quase dez horas quando a cigarra do interfone tocou em minha mesa. Apertei o botão, sabendo pelo indicador quem era que estava falando.

— Pronto, Larry.

— Ainda vai ficar alguns minutos no seu escritório? — perguntou de maneira quase abjeta. — Vou descer para falar com você.

Sorri e disse cordialmente:

— Pode vir, Larry! Estou sempre à sua disposição.

O rosto dele era um símbolo de confusão quando chegou ao meu escritório. Bastava vê-lo para saber que Konstantinov já havia telefonado.

— Houve um lamentável engano, Johnny! — exclamou ele logo que entrou na sala, antes mesmo de chegar perto da minha mesa.

Fiz-me de desentendido. Levantei uma sobrancelha e olhei-o espantado.

— Engano? — disse com uma voz macia como seda. — Engano sobre quê?

Ele me olhou surpreso e perguntou:

— Leu os jornais no fim de semana?

Acenei afirmativamente, vendo a testa dele coberta de suor.

— A diretoria não entendeu as instruções porque uma parte da mensagem pelo teletipo saiu toda baralhada. Tinham ordem expressa de subordinar a eleição de Farber e Roth à sua aprovação.

Não respondi logo. Era preciso fazê-lo rastejar um pouco mais. Aquilo me fazia bem ao ego.

— Pois é uma pena — disse eu, afinal.

— Que quer dizer com isso? — perguntou ele, ainda mais preocupado.

— Lembra-se do que lhe disse? Se eles entrassem, eu sairia. Pois bem, já saí!

Julguei por um momento que ele fosse perder os sentidos. Ficou muito pálido e abriu a boca, como se lhe estivesse faltando fôlego. Tive vontade de rir-lhe na cara.

— Mas, Johnny, estou-lhe dizendo que foi tudo um engano. Não puderam ler todo o teletipo.

Mas ele entendeu perfeitamente o telefonema de Konstantinov, pensei comigo mesmo. De repente, fiquei farto de toda aquela intriga e tanta falsidade. Por que ele não dizia logo que tentou me vencer e perdeu? Por que não confessava que só estava aborrecido por ter perdido a cartada? Talvez assim pudéssemos falar francamente. Não éramos crianças. Sabíamos muito bem que só trabalhávamos juntos pela força das circunstâncias.

Mas é claro que não pode ser assim. Isso é ser honesto e há na indústria do cinema uma lei não-escrita segundo a qual a honestidade não compensa. Era coisa que não se fazia.

Olhei-o e perguntei com voz paciente, mas um pouco aborrecida. — Como vai ser então?

A cor foi voltando ao rosto dele.

— Já mandei um comunicado aos jornais, desmentindo a notícia — disse ele, com leve nota de esperança na voz. — Sinto muito que isso tenha acontecido, Johnny.

Nisso eu podia acreditar. Um camarada como ele sentia muito quando perdia alguma parada.

— Está bem, Larry — disse magnanimamente. — Enganos assim podem acontecer. Vamos encerrar o caso.

A princípio, o sorriso dele foi tímido. Depois, foi aumentando, à medida que três milhões de dólares de preocupação desapareceriam do espírito. Quando saiu do escritório, já havia quase voltado ao normal e eu estava com fome. Fui almoçar.



Voltei do almoço um tanto preguiçoso. Bebera um pouco para comemorar e a exaltação da manhã já havia passado. Mas ainda me sentia bem e o dia continuava lindo.

Havia uma nota em cima da minha mesa. Dizia: “Telefonar para casa da Srta. Kessler”. Peguei o telefone e pedi à telefonista que fizesse a ligação.

Cantarolei baixinho enquanto esperava que ela atendesse.

Afinal, ouvi-a e a voz dela me pareceu cansada e estranha.

— Alô.

— Alô, querida. O que é?

— Johnny, Papai morreu.

Foi como se um manto de gelo houvesse caído sobre mim. Afinal, consegui falar.

— Oh, querida, que pena! Quando foi?

— Há uma hora.

— Vou já para aí. E Mamãe, como recebeu o golpe?

— Está lá em cima com ele — respondeu Doris, começou a chorar ao telefone.

— Procure dominar-se, querida. Peter não gostaria disso.

— Sei disso, Johnny. Não gostava de me ver chorar. Quando eu queria alguma coisa era só chorar diante dele.

— Coragem, meu amor. Irei para aí logo que puder. Desliguei o telefone e virei a cadeira para a janela. Era um lindo dia, mas perdera toda a beleza para mim. Sentia os olhos cheios de lágrimas. Pensei que não devia proceder como uma criança. Ninguém vivia para sempre e ele tinha tido uma vida rica e plena. Mas também tivera muitos sofrimentos. Descansei a cabeça na mesa e chorei como uma criança. Eu tinha tanto direito de chorar por ele quanto qualquer outra pessoa.

Levantei a cabeça quando ouvi a porta abrir-se e alguém entrar. Era Bob.

— Já soube então do velho — disse ele, vendo-me os olhos. Levantei-me e fui apanhar o chapéu em cima do sofá. Os olhos de Bob estavam cheios de compreensão.

Sei o que você deve estar sentindo, Johnny. Era muito bom homem.

— Era muito maior do que muitos pensavam. Pelo menos, não andava por aí de faca em punho.

De repente, notei o silêncio. Parecia que um grande cobertor descera sobre o estúdio, abafando todos os sons.

— Está tudo tão quieto — disse eu.

— É verdade. A notícia chegou ao estúdio. E ninguém está muito disposto a trabalhar.

Bati com a cabeça. Assim é que devia ser.

Saímos do escritório. Havia no corredor pequenos grupos que me olhavam cheios de compaixão quando eu passava. Alguns chegaram até a vir-me apertar a mão em silêncio.

Saí do prédio. A mesma coisa acontecia por toda a parte. Viam-se pessoas falando em voz alta. Aquele pesar me seguia como uma vaga consoladora. Passei pelo palco de gravação número três. Também havia silêncio ali. O mesmo acontecia nos palcos quatro e dois. Em frente a cada prédio, havia gente cuja compaixão me seguia.

Ouvi de súbito um som de música. Levantei a cabeça, espantado. Já me havia habituado ao silêncio. O palco um estava em funcionamento. A dor cresceu dentro de mim como se me fosse explodir contra as costelas. Que direito tinham eles de trabalhar como se nada houvesse acontecido?

Os outros tinham sabido guardar silêncio.

Dirigi-me para a porta e entrei. A música me batia trovejantemente nos ouvidos. Diminuiu então a um leve murmúrio e ouviu-se uma voz jovem e bela que cantava. Uma mocinha estava no centro do palco e cantava a um microfone. A voz se lhe derramava da garganta como de uma flauta de ouro. Voltei-me para sair.

Alguém me agarrou o braço. Era Dave.

— Ouça esse canário cantar, Johnny — disse ele, com os olhos brilhando. — Ouça!

Bem, a mocinha podia cantar à vontade que eu não estava com disposição para ouvi-la naquele momento. Vi Larry e Stanley Farber se encaminharem para nós. Tive uma vaga curiosidade de saber se Larry já lhe havia contado. Mas isso já não me interessava. Queria apenas sair dali.

Dave ficou a segurar-me o braço até eles chegarem.

— Estou dizendo! Essa menina é dinheiro em caixa! Posso ver as caixas registradoras tilintarem a cada nota de sua voz! Não é mesmo? — perguntou aos outros.

Concordaram sorrindo.

— Souberam que Peter Kessler morreu? — perguntei.

— Soube, sim — disse Larry. — É pena. Mas não era uma coisa inesperada. Já estava velho.

Sim, Larry tinha razão. Era uma pena. Só que ele não sabia até que ponto. Puxei o braço da mão de Dave e me afastei deles.

Ouvi ainda a voz de Dave que perguntava:

— Que é que ele tem?

Não ouvi a resposta porque a porta se fechou às minhas costas.

O escritório, estava vazio. Sentei-me, peguei papel e comecei a escrever:

*"À Diretoria da Magnum Filmes S. A."*

Olhei para a folha de papel e tudo de repente foi claro para mim. Lembrei-me do que Al me havia contado depois de ter dito que era o dono da Corporação de Investimentos de Boston.

— Peter me disse que um dia você viria me procurar — havia dito Al.

— Como assim; — perguntei, surpreso. — Ele não podia saber. Foi só ontem que decidimos.

— Aí é que você está errado, Johnny. Foi há quase dois anos quando ele teve de vender as ações que possuía na Magnum.

— Como ele podia saber?

Al sentou-se diante de mim e perguntou: — Lembra-se do dia em que vocês dois discutiram e ele mandou você sair da casa dele?

— Lembro, sim.

— Logo depois que você saiu, ele telefonou para mim. Não é verdade, Doris?

— É, sim — disse ela. — Logo que ele pegou o telefone saí da sala. Não ouvi a conversa dele.

Al voltou-se para mim.

— As primeiras palavras dele foram: "Johnny me vendeu!" Pediu-me então que lhe emprestasse o dinheiro para recuperar o controle da companhia. Eu havia acabado de saber por Vic o que ele havia feito. Fiquei furioso com ele, mas o mal já estava feito e não era mais possível tomar qualquer providência. Disse que teria prazer em emprestar-lhe o dinheiro, mas queria saber o que ele realmente queria. Ele não me entendeu e eu tive de explicar: "Estão lhe oferecendo quatro milhões e meio pelas suas ações. Por que vai complicar a sua vida e contrair mais uma dívida quando pode pegar esse dinheiro e viver

sossegadamente à vontade sem ter de se preocupar em pagar o dinheiro que deve?" Ele ficou por um instante ao telefone sem nada dizer. Contei então o que Vittorio tinha feito. Perguntou então: "Quer dizer que eu estava errado a respeito de Johnny?" "Inteiramente errado, Peter!" "Nesse caso, preciso ainda mais do dinheiro!" "Por quê?" "Porque Johnny perdeu tudo e, se eu não estiver na companhia, perderá também o lugar." Eu lhe disse que você não podia perder o lugar porque precisavam de você, sendo depois dele quem mais conhecia os segredos da companhia. Peter ainda relutava, dizendo que você poderia ver-se em dificuldades e não teriam ninguém a quem recorrer senão a ele e a mim. Disse então que, se você algum dia se visse em dificuldades, eu o ajudaria. E que ele devia pegar os seus quatro milhões e meio e tratar de gozar a vida sem preocupações, como o fruto do trabalho duro de toda uma vida. Prometi que ajudaria você em qualquer dificuldade porque era o que faria de qualquer maneira. Ele então se tranquilizou e disse que, neste caso, ia vender as ações.

Depois que Al acabou de falar, eu estava tão emocionado que não podia falar. Aqueles dois homens eram os meus anjos-da-guarda. Devia tanto a ambos que nunca poderia pagar-lhes. E eu não era tão sabido quanto pensava.

Nós, do cinema, vivíamos tão atarefados embrulhando sonhos em celuloide que nunca percebemos que éramos os únicos que realmente acreditavam neles. Andávamos dentro de um mundo de sonhos que nós mesmos havíamos feito e, sempre que a dura realidade do mundo de verdade o penetrava, nós nos dispersávamos em pânico, procurando remendar os rasgões das nossas armaduras de celuloide.

Eu não era melhor do que outros. Vivia num mundo de sonhos que armara de acordo com as minhas conveniências. Como os outros, havia construído para mim uma casa de celuloide.

Mas o celuloide tem o costume de derreter ao calor do sol. Como os outros, havia esquecido disso. Pensara que a minha casa era suficientemente forte para proteger-me do mundo. Mas não era. Sabia agora que a força vinha de Peter. Ele é que era os alicerces e as paredes. Sem ele, não haveria casa. Sem ele, eu não teria um mundo de sonho onde viver. Acabara compreendendo isso. Já devia tê-lo compreendido muito antes.

A pena deslizou pelo papel e eu continuei:

*"Venho por meio desta apresentar minha renúncia à Presidência e à Diretoria dessa companhia."*

— Você não pode fazer isso, Johnny!

Levantei a cabeça, espantado. Doris estava ali ao pé de mim, com o rosto pálido e os olhos fuzilantes.

— Doris! Por que não está em casa com sua mãe?

— Você não pode fazer isso, Johnny! Não pode desistir assim!

Levantei-me. Abri a janela com as mãos trêmulas. Do palco de som em frente vinha o rumor da música. Voltei-me para ela.

— Não posso, hem? Está ouvindo? Não quero que continuem a trabalhar como se nada houvesse acontecido no dia em que eu morrer. Quero que parem. Ainda que seja por um dia só! Mas quero que parem e que se lembrem!

Doris chegou à janela e escutou. Depois, ficou em silêncio, mas quando falou a sua voz tinha uma qualidade lírica desconhecida para mim.

— Que maior tributo pode alguém querer depois da sua vida do que deixar vivo esse dom de proporcionar a tanta gente prazer e o esquecimento das labutas diárias?

Fez uma breve pausa e continuou, com a voz suavemente modulada, como se estivesse cantando.

— É por isso que você não se pode afastar, Johnny. Você e Papai fizeram um trato, ainda que nenhum soubesse disso. Você não lhe pode falhar agora. Ele não havia de querer que você saísse por causa dele. Foi por isso que o mandou procurar Santos, embora soubesse que ele nunca mais poderia voltar. E não é só por isso que você não pode sair, Johnny. Essa gente toda do estúdio depende de você, para proteger-lhes o emprego, o lar, a família. São a sua gente, Johnny, gente de cinema. Você nunca seria feliz se saísse. Lembra-se do que disse a Santos? Você nunca poderia levar um estúdio para o quintal de sua casa. E você só pode ser feliz dentro de um estúdio. E o mais importante é que você há trinta anos fez um trato com um homem humilde que vivia por cima de uma loja de ferragens. Foi um trato que os levou para bem longe, para mais de cinco mil quilômetros daquela cidadezinha, para o lugar onde você está hoje. Agora, só resta você para cumprir o trato e a promessa. E é por tudo isso que você não pode sair, Johnny!

Ela estava com a razão. Sabia disso desde que ela começara a falar. Que espécie de homem era eu para fugir da vida ao primeiro sinal de sofrimento?

O pai dela é que tinha morrido. E ela estava ali a consolar-me em vez de ser consolada por mim. Beijei-lhe a palma da mão e senti no rosto a carícia leve, leve dos seus dedos.

Apanhei o papel em cima da mesa e saímos juntos do escritório. Sentia-me melhor quando chegamos lá fora. A música não me irritou mais os ouvidos. Doris tinha razão. Era de certo modo uma homenagem e nunca um desrespeito. Caminhamos juntos até ao portão e o transpusemos.

Ouvi o barulho da água que caía da grande garrafa do portão dentro da taça de cristal. A luz do sol fazia a água cintilar.

Senti os olhos molhados. Ainda me lembrava da noite em que Esther havia proposto o nome de “Magnum” para a companhia. Muita coisa havia acontecido desde então, coisas boas e coisas más, mas assim era a vida.

Fomos para o carro dela, que estava estacionado em frente ao estúdio. Abri a porta para ela entrar e sentar-se ao volante.

Já ia entrar também quando vi que ainda estava com o meu pedido de renúncia na mão. Rasguei-o em mil pedaços e joguei-os na rua.

Vimos os pedacinhos de papel flutuarem ao vento como flocos de neve. Ela me pegou a mão com os olhos brilhantes.

Senti o coração pular de alegria e disse:

— Você não respondeu à pergunta que lhe fiz lá no escritório. Por que não está em casa com sua mãe?

— Foi ela que me mandou vir ficar com você, Johnny. Disse que neste momento você precisava de mim.

— Está bem, Doris — disse eu ternamente. — Vamos para casa.

FIM

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica O CRUZEIRO S. A. (DRM 104.823) — Rua do Livramento, 189/203 — Rio de Janeiro — Guanabara.